Contos Tradicionaes do Povo Portuguez

Teófilo Braga

Conteúdo exportado da Wikisource em 12 de julho de 2021

THEOPHILO BRAGA

CONTOS TRADICIONAES
DO
POVO PORTUGUEZ

COM UM ESTUDO
SOBRE A NOVELLISTICA GERAL
E NOTAS COMPARATIVAS

VOLUME I
Contos de Fadas, Casos e Facecias

VOLUME II
Historias e Exemplos de thema tradicional
e fórma litteraria

Volume I

INDICE

Pag.

Advertencia preliminar
DA NOVELLISTICA POPULAR

PARTE I
Contos de Fadas e Casos da Tradição Popular

SECÇÃO I
Contos mythicos do Sol, da Aurora e da Noite

1. A cara de boi *(Algarve)*
2. O velho Querecas *(idem)*
3. O surrão *(idem)*
4. A saia de esquilhas *(idem)*
5. As trez fadas *(idem)*
6. A filha do rei mouro *(idem)*
7. As fiandeiras *(idem)*
8. Cravo, rosa e jasmim *(idem)*
9. O magico *(idem)*

SECÇÃO II
Casos e Facecias da Tradição Popular

58. O boi Cardil *(Algarve)*
59. O camareiro do rei *(idem)*
60. O Palmeiriz d'Oliva *(idem)*
61. O bolo refolhado *(idem)*
62. A mirra *(idem)*
63. A mulher curiosa *(idem)*
64. As favas *(idem)*

10. O mestre das artes *(Ilha de São Miguel)*
11. O aprendiz do Mago *(Eixo, districto de Aveiro)*
12. A bixa de sete cabeças *(Algarve)*
13. O conde-soldadinho *(idem)*
14. A sardinhinha *(idem)*
15. Maria da Silva *(idem)*
16. A rosa branca na bocca *(idem)*
17. O cavallinho das sete côres *(idem)*
18. A muda mudella *(idem)*
19. O sapatinho de setim *(idem)*
20. A madrasta *(Porto)*
21. O ovo e o brilhante *(idem)*
22. Cabellos de ouro *(Algarve)*
23. A carpinteirasinha *(idem)*
24. A filha do lavrador *(Santa Maria — Famalicão)*
25. A feia que fica bonita *(Algarve)*
26. O peixinho encantado *(idem)*
27. O figuinho da figueira *(idem)*
28. A da varanda *(idem)*
29. A noiva formosa *(idem)*
65. A velha das gallinhas *(idem)*
66. A Riqueza e a Fortuna *(idem)*
67. Março Marçagão
68. Variante complementar *(Porto)*
69. Alegria da viuva *(Algarve)*
70. A carpideira e a viuva *(Foz do Douro)*
71. Frei João sem cuidados *(Coimbra)*
72. João Ratão (ou Grillo) *(idem)*
73. Os trez irmãos *(Airão)*
74. As barras de ouro *(Porto)*
75. Pedro de Malas-Artes *(idem)*
76. Santa Helena *(Ilha de S. Miguel)*
77. O guardador de porcos *(idem)*
78. Nascer para ser rico *(Porto)*
79. Dom Caio *(idem)*
80. Os dez anõesinhos da tia Verde-Agua *(idem)*

30. A noiva do corvo *(idem)*
31. A paraboinha de ouro *(idem)*
32. O principe que foi correr sua ventura *(idem)*
33. Maria Subtil *(Ilha de S. Miguel)*
34. O coelho branco *(idem)*
35. Clarinha *(idem)*
36. Bola-Bola *(idem)*
37. Linda Branca *(idem)*
38. O Rei-Escuta *(idem)*
39. As cunhadas do rei *(Airão — Minho)*
40. Os sete encantados *(Ilha de S. Miguel)*
41. As sonsas *(idem)*
42. A mão do finado *(idem)*
43. O rei de Napoles *(idem)*
44. O matador dos bichos *(idem)*
45. As nozes *(idem)*
46. As trez cidras do amor *(Porto)*
47. A bengala de dezeseis quintaes *(Santa Maria — Famalicão)*
48. A torre de Babylonia *(Porto)*
49. Desanda cacheira *(idem)*
50. O sal e a agua *(idem)*
81. O compadre diabo *(Ilha de S. Miguel)*
82. Os corcundas *(Porto)*
83. A mulher gulosa *(idem)*
84. As irmãs gagas *(idem)*
85. O tinhoso, o ranhoso e o sarnoso *(idem)*

Variante *(Ilha de S. Miguel)*

86. Dá-me o meu meio tostão *(Porto)*
87. O soldado que foi para o céo *(idem)*
88. O thesouro do enforcado *(idem)*
89. Os peixes do guardião *(Ilha de S. Miguel)*
90. A cobra e o cordão do frade *(Porto)*
91. O caldo de pedra *(idem)*
92. A enfiada de petas *(Airão — Minho)*
93. Sempre não *(Açores)*
94. Manoel Feijão *(Porto e Açores)*
95. Cahiu-me na minha catulinha *(Porto)*
96. Casar e descasar *(Airão — Minho)*

51. As crianças abandonadas *(Airão)*
52. O afilhado de Santo Antonio *(idem)*
53. A filha do diabo *(Algarve)*
54. As trez maçãsinhas de ouro *(Rebordainhos — Bragança)*
55. O sargento que foi ao inferno *(Algarve)*
56. A princeza que adivinha *(Airão)*
57. A adivinha do rei *(Porto)*
97. O cego e o moço *(Porto)*
98. O cego e o mealheiro *(idem)*
99. O avarento *(idem)*
100. Os trez conselhos *(idem)*
101. O sacco das nozes *(idem)*
102. O sapateiro pobre *(idem)*
103. O signal da Nobreza *(Sardoal)*
104. A estatua que come *(idem)*
105. As adivinhas em anexins *(Porto)*
106. A mulher teimosa *(idem)*
107. O jogo do Pira *(idem)*
108. O caso do tio Jorge Coutinho *(Ilha de S. Miguel)*
109. Os dois irmãos e a mulher morta *(Alemtejo)*
110. Os trez patrões *(Airão)*
111. Para quem canta o cuco? *(Porto)*
112. Tudo andaremos *(idem)*
113. A mulher que cegou o marido *(Airão)*
114. O tolo e as moscas *(Ilha de S. Miguel)*
115. Já que tanto teima *(Porto)*

116. Tic-taco *(Ilha de S. Miguel)*
117. As orelhas do abbade *(idem)*
118. Os duzentos carneiros *(Porto)*
119. Lenda do Paraiso *(Tentugal)*
120. Lenda da mãe de Sam Pedro *(Ilha de S. Miguel)*
121. A tunica de Christo *(idem)*
122. O principe mendigo *(idem)*
123. O lavrador e o ermitão *(Porto)*
124. O thesouro enterrado *(Airão)*
125. As vozes dos animaes *(Carrazeda de Anciães)*
126. Os ditados novellescos

Volume II

Pag.

Introducção: *Litteratura dos Contos populares em Portugal*

PARTE II
Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria

126. O rey Leir *(Livros de Linhagens*, seculo XIV)
127. A dama Pé de Cabra *(Ibidem)*

PARTE III
Lendas, Patranhas e Fabulas

185. A lenda da terra *(Guarda, Mondim da Beira)*
186. Lenda dos rios *(Torre de D. Chama)*
187. Tejo, Douro e Guadiana *(Mondim da Beira*,

128. A morte sem merecimento *(Ibidem)*
129. A linhagem dos Marinhos *(Ibidem)*
130. Exemplo do Philosopho *(Ms. d'Alcobaça*, seculo XIV)
131. Exemplo dos trez amigos *(Ibid.)*
132. Exemplo allegorico da Redempção *(Orto do Sposo*, de Frei Hermenegildo de Tancos, seculo XIV)
133. A justiça de Trajano *(Ibidem)*
134. A morte dos Avarentos *(Ibidem)*
135. As miserias da riqueza *(Ibidem)*
136. O que Deus faz é por melhor *(Ibidem)*
137. Um homem de taverna *(Ibidem)*
138. Os quatro ribaldos *(Ibidem)*
139. A boa andança d'este mundo *(Ibidem)*
140. Os dous caminhos *(Ibidem)*
141. A papisa Joanna *(Ibidem)*
142. O firmal de prata *(Ibidem)*
Famalicão, *Porto)*
188. Lenda da Lua e da Agua *(Famalicão)*
189. Lenda do Milho e do Centeio *(Airão)*

Variante *(Villa Nova de Gaia)*

190. Lenda das Aduellas e dos arcos da pipa *(Airão)*
191. Lenda das manchas da Lua *(Freixo*, *Carrazeda)*

192. Outra *(Porto*, *Vimieiro*, *Leça do Balio*, etc.)

193. Lenda de Fevereiro *(Foz do Douro)*
194. Lenda de Salomão *(Açores)*
195. Lenda do chorão *(Famalicão)*
196. Lenda da lenha
197. Lenda da Ovelha
198. Lenda do Cão *(Guarda)*
199. Lenda da Serpente, do Sapo e do Sardão *(Leça do Balio)*
200. Lenda da Coruja *(Guarda)*

143. Os quatro ladrões *(Ibidem)*
144. O cavalleiro e o pacto com o diabo *(Ibidem)*
145. O diabo escudeiro *(Ibidem)*
146. As maas artes das molheres *(Ibidem)*
147. O rey e os cortezãos *(Ibidem)*
148. As vistiduras honradas *(Ibidem)*
149. Rosimunda *(Ibidem)*
150. A bilha de azeite *(Gil Vicente*, seculo XVI)
151. O ermitão e o ladrão *(Trancoso*, seculo XVI)
152. D'aquellas sete ao dia *(Idem)*
153. A donzella recatada *(Idem)*
154. O odio endurecido *(Idem)*

Variante *(Saraiva de Sousa*, seculo XVII)

155. Minha mãe, calçotes *(Trancoso)*
156. O real bem ganhado *(Idem)*
157. O segredo revelado *(Idem)*
201. Lenda do Sapo *(Airão)*
202. Porque os cães se cheiram *(Braga*, *S. Miguel)*
203. Lenda das andorinhas e dos taralhões *(Carrazeda)*
204. Conto da codorniz *(Paços de Ferreira)*
205. Onomatopêas *(Airão)*
206. O cuco e a poupa
207. Lendas dos animaes *(Oliveira de Azemeis*, etc.)
208. Voz do corvo *(Paços de Ferreira)*
209. Lenda do sapo e da toupeira *(Chaves)*
210. A prova dos lobos *(Mondim da Beira)*
211. O goraz *(Foz)*
212. O grito do cão *(Mafra)*
213. As orelhas do burro *(Idem)*
214. A creação da mulher *(Porto)*
215. A obra de S. Pedro
216. O canto do gallo *(Penafiel)*
217. Lenda da codorniz *(Cabo Verde)*

218. Outra *(Açores)*

158. A prova das laranjas *(Idem)*
159. Os dois irmãos *(Idem)*
160. Dom Simão *(Idem)*
161. Os tres conselhos *(Idem)*
162. Quanto vale a boa sogra *(Idem)*
163. O que Deus faz é pelo melhor *(Idem)*
164. A rainha virtuosa e as duas irmãs *(Idem)*
165. Quem tudo quer, tudo perde *(Idem)*

Variante *(João de Barros)*

166. O falso principe e o verdadeiro *(Trancoso)*
167. Constancia de Grizelia *(Idem)*
168. O barbeiro do rei *(Idem)*
169. O achado da bolsa *(Idem)*
170. O capão tornado sapo *(Saraiva de Sousa*, seculo XVII)
171. Os poderes do ouro *(Rodrigues Lobo)*
172. O thesouro escondido *(Idem)*
173. Erramos (E Ramos?) *(Idem)*
219. Lenda da Arvellinha *(Idem)*
220. O balido da ovelha *(Famalicão)*
221. Nossa Senhora e a solha *(Foz e Porto)*
222. A romaria da Abbadia *(Famalicão)*
223. Lenda das giestas *(Idem)*
224. Lenda do manto de Nossa Senhora *(Porto)*
225. Lenda dos tremoços *(Famalicão)*
226. Lenda de Nossa Senhora *(Idem)*
227. A submersão das cidades *(Galliza)*
228. A lenda dos ferreiros *(Penella)*

Variante (Cercanias de *Vermoim)*

229. Lenda da ponte de Domingos Terne *(Ave)*
230. Lenda da amendoeira *(Lisboa)*
231. A ponte da Alliviada *(Minho)*
232. A ponte da Misarella *(Douro)*
233. Lenda de Simancas

174. O pagem da rainha *(Saraiva de Sousa)*
175. A ingratidão dos filhos *(Padre Manoel Bernardes)*

Variante *(Padre Manoel Consciencia)*

176. A usura de Nossa Senhora *(Padre Bernardes)*
177. O medico de boa fé *(Padre Vieira)*
178. Não escapa de ladrão *(Idem)*
179. A venda das gallinhas *(Idem)*
180. O roubo do vestuario *(Idem)*
181. A roupa dos mendigos *(Idem)*
182. A casa dos mortos *(Idem)*
183. As botas fiadas *(Idem)*
184. A matrona de Epheso *(Padre J. Baptista de Castro*, seculo XVIII)
234. Lenda de Chacim *(Alfandega da Fé)*
235. Origem do nome de Vizeu *(Vizeu)*
236. Origem do nome de Bragança
237. Lenda de Briteande
238. Lenda de Crescido
239. Lenda de Lamego
240. Origem do nome de Lisboa

241. Outra

242. A sepultura dos dois irmãos *(Cintra)*
243. Fabula da raposa e do mocho *(Airão)*
244. A aguia e a coruja *(Porto)*
245. A barata e os filhos *(S. Miguel)*
246. A raposa e o lobo *(Airão)*
247. A raposa no gallinheiro *(Idem)*
248. A raposa e o gallo *(Idem)*
249. O lobo e a ovelha *(Vila Cova)*

NOTAS COMPARATIVAS

No plano do nosso vasto inquerito das tradições portuguezas, que temos realisado archivando-as em collecções impressas sob o titulo de *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867), entrava como parte integrante um outro corpo contendo o *Novellario e Adagiario nacional*. Nos *Estudos da Edade Media* (1870), iniciámos pois esta ordem de investigações, com os contos das *Trez Cidras do Amor* e *Cacheirinha*, embora com o defeito dos arrebiques de phrase romantica; continuámos trabalhando, e já em 1871, nas *Epopêas mosarabes* (pag. 96) promettemos o livro das *Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX*. Em um artigo sobre a litteratura dos contos populares em Portugal, publicado em 1877 na *Rivista de Letteratura Popolare*, de Roma, e na *Evolução*, de Coimbra (n.os 10, 11 e 12), tornámos a alludir á nossa collecção: «Este bréve estudo servirá de introducção a uma serie de contos que temos colligido das ilhas dos Açores, nas provincias da Extremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde.» Fixamos estes dados para deixar bem patente que nos não atravessamos no caminho de outros collectores, e que obedecemos a um plano fundamental que, uma vez terminado, constituirá a *Bibliotheca das Tradições portuguezas*, base organica sobre que fomos creando a *Historia da Litteratura portugueza* (1871 a 1881). Por estes estudos da tradição popular preparámo-nos para a comprehensão do genio nacional e para a posse de uma disciplina de critica. A mutua relação entre as concepções anonymas e a obra individual existiu

vagamente entrevista no nosso espirito, antes de chegarmos á comprehensão do seu alto valor scientifico. Todo o nosso progresso litterario deriva d'esta comprehensão.

A demora da publicação dos *Contos tradicionaes do povo portuguez* fez-se sentir como uma lacuna na ampla investigação a que pertenciam o Cancioneiro e Romanceiro. (Carta do sr. Sylvio Roméro.) Obedecemos ás condições da nossa livraria, e em parte á difficuldade de organisação dos nossos materiaes accumulados, de Contos, Casos, Historias, Exemplos, Facecias, Lendas, Patranhas, Ditos e Fabulas. Nas *canções e romances* existe a fórma metrica e assonantada, que coadjuva a memoria do recitador e dispensa do trabalho de redacção ao collector; porém, nos Contos e Casos a área é extensissima, a fórma é na prosa fallada, espontanea, pittoresca, descriptiva e dialogada, cujos effeitos não se podem reproduzir, nem se devem imitar. Para conservar-lhes o caracter de *documento humano*, como diria Zola, é preciso vêr n'estas narrativas mais do que um texto para estudo de dialectologia popular, e fugir dos rotoques artisticos; esse termo medio só se poderá achar visando a fixar o estado dos themas tradicionaes. Diante de uma tal difficuldade é que fomos adiando de anno para anno a nossa publicação. Lucrámos com a demora, tomando conhecimento da importancia scientifica que adquiriu na Europa a Novellistica popular, cujos problemas têm sido tratados com a maior lucidez por Grimm, Köhler, Afanasieff, Liebrecht, Benfey, Comparetti, Gubernatis, Pittré, Ralston, Gaston Paris, Cosquin,

Estanislau Prato e outros. Resultou da demora o ampliarmos a collecção a ponto de reconhecermos a necessidade de uma classificação deduzida da propria complexidade das ficções.

Para alargarmos a colheita dos contos oraes por todas as provincias, servimo-nos da influencia pessoal de bons amigos, entre os quaes citaremos Reis Damaso, para a Novellistica do Algarve, Dr. Ernesto do Canto e o fallecido Dr. João Teixeira Soares para as ilhas dos Açores; em casa achámos bastantes tradições da antiga divisão provincial de Entre Douro e Minho, e do contacto com os narradores populares colhêmos directamente versões importantes, por onde vimos que era absurdo, senão impossivel, pretender sthenographar um ditado cheio de vacillações e sem nexo que prejudicam a comprehensão dos themas tradicionaes que se vão obliterando. Sobre o estado da tradição nos Açores, escrevia-nos o Dr. Teixeira Soares (Carta de 25 de novembro de 1875): «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Ignacia. Chamei-a e á minha criada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre contos populares a que o povo chama *Casos*. Desculparam-se da falta de memoria juvenil para entrarem francamente n'este campo; comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripecias! que maravilhoso! que poesia! Affirmaram unanimemente que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção completa de todos os *Casos sabidos do povo*: — Todos escriptos enchiam esta casa! — disse a Maria Ignacia. A lista junta mostra aquelles de que se recordaram e a que se referiram.

Por ella verá o meu amigo a inexgotavel mina de *Casos* que aqui o espera:

«*Do gado Gajão — Da Garoupinha — Dom José pequeno — Maria do paosinho — Maria Subtil — O rei que achava a quinta despedaçada — Canarinho verde — Rainha do verde — Os trez homens que queriam comer sem gastar — D. Philippe — A Duqueza — Rei Dom João — Rei d'Hostia — Filho da burra — A arvore que falla e o passaro que canta — O padre das mãos bonitas — A princeza que rompia sete pares de calçado de noite — A Branca Flôr — O filho do ladrão — O afilhado de S. João — O forte no meio do mez — O preto fingido — O monte de ouro — Sam Pedro — A vacca e o lobo — O parvo — O celleiro.*» [1]

Os contos remettidos pelo sr. Dr. Ernesto do Canto, foram passados á escripta por uma criança, e traziam na redacção toda a ingenuidade da dicção popular. Cortadas as repetições usuaes, explicadas pela conhecida locução — *Quem conta um conto accrescenta um ponto* — fixámos uma redacção pura, sem a incongruencia do improvisador momentaneo, nem o artificio do litterato. Parece-nos este o verdadeiro meio de obter a fórma definitiva, simultaneamente ethnica e artistica do conto: fazel-os redigir por crianças, verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a intelligencia culta. Os contos passados á escripta por meninas adultas vêm eivados de divagações romanticas, taes como *explicações* dos actos, *nomes* de personagens e *considerações* religiosas. Assim encontrámos

preciosos contos do Algarve, muitos dos quaes tivemos de regeitar da nossa collecção. O nosso excellente amigo Reis Damaso tambem nos descreve em uma carta o processo da investigação novellistica no Algarve, d'onde é natural: «Esqueceu-me tambem marcar-lhes a proveniencia, porque não obstante as tradições que entreguei ao meu bom amigo e mestre serem escriptas por trez senhoras, ellas não são todas da mesma terra. Acabo de receber uma carta do Algarve, em que se me diz que tem havido grandes difficuldades para se obterem os contos, porque as velhas não os querem narrar nem á mão de Deus-Padre. É preciso gastar dinheiro e tempo; paciencia, sobretudo, é que é muito precisa. Só o amor que tenho por estas coisas me força a fazer despezas extraordinarias, como uma correspondencia aturada para cá e para lá, quasi todos os dias, devendo tambem satisfazer a algumas exigencias de amigos. Um me diz, por exemplo, que teve de ir d'um para outro ponto distante, gastando na diligencia uns tantos réis, só para me obsequiar, e que *uma velhinha de cem annos recebeu tambem uns vintensitos pelo trabalho de contar*.»

Na exploração que fizemos na provincia do Minho soubemos da existencia de um patranheiro de fama, por alcunha o Cuco, quasi narrador de profissão; ouvimos-lhe muitos contos que passámos á escripta, mas a sua dicção era sobretudo notavel pelas construcções linguisticas, fórmas dialectaes, locuções de giria, com uma prolixidade de repetidos parallelismos e com uma incongruencia verdadeiramente infantil. Temos aqui representados os trez

mais puros vehiculos das tradições populares, as *crianças*, como na ilha de Sam Miguel, as *mulheres e velhas*, como em Sam Jorge e no Algarve, e os *homens do povo*, como nos contos do Minho. O estylo prolixo dos contos foi conhecido por Soropita no seculo XVI, e Francisco Rodrigues Lobo imitou-o habilmente em um conto da sua *Côrte na aldeia*;[2] é este o vicio que amesquinha o alto valor tradicional dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, que pela primeira vez vulgarisamos, destacando-os dos exagerados preambulos e divagações do nosso quinhentista. Para completar a tradição portugueza nas suas ramificações coloniaes, poderiamos incorporar na nossa collecção alguns contos brazileiros publicados pelo sr. Sylvio Romero, [3] e fórmas metrificadas, colligidas na ilha da Madeira pelo sr. Dr. Alvaro Rodrigo de Azevedo no *Romanceiro* d'aquelle archipelago. [4] As fórmas metrificadas do conto são de uma extraordinaria importancia; em muitas versões ainda se conservam fragmentos em verso, sobretudo nas partes em que se reclamava mais attenção, e d'onde parece inferir-se que a redacção mais genuina e primitiva fôra em verso. Só na tradição da ilha da Madeira é que se tem encontrado com frequencia contos completos em verso, talvez de elaboração secundaria da tradição popular pela facilidade espontanea da formação da redondilha assonantada. Da ilha de S. Miguel tambem recebemos o *Caso do tio Jorge*, que é um fabliau da edade media, em fórma metrificada.

Na linguagem popular existem muitas designações para estas narrativas novellescas, como: *Historias*, *Casos*, *Contos*, *Exemplos*, *Lendas*, *Patranhas*, *Ditos*, *Fabulas*, synthetisando-se todas na locução de *Contos da Carochinha*, da mesma fórma que em França ha a expressão generica de *Contes de la mère Oie* e *Contes du Vieux Loup*. Embora o povo confunda essas variadas designações, existem entre ellas differenças conforme a narrativa é maravilhosa, anedoctica ou moral; em todos os povos europeus destacam-se estas trez cathegorias, como na Allemanha o MARCHEN, a que correspondem o *Conto*, *Cuento*, *Conti* ou *Racconti* das nações romanicas, e os *Tales* da Inglaterra; depois o SAGEN, ou a nossa *Lenda*, *Historia*, *Storie*, e com intuito moral o *Exemplo*, *Exempi*, *Consejas*; por ultimo o SCHWANK, a que correspondem as nossas *Facecias*, *Patranhas*, *Ditos*, *Chistes* e *Contrafavole*. Uma grande parte d'estas designações novellescas tomou sentidos especiaes; as *Lendas* tornaram-se agiologicas, os *Exemplos* converteram-se em sermões parabolicos, as *Fabulas e Novellas* tornaram-se exclusivamente litterarias, os *Ditos* entraram na exploração das encyclopedianas, vindo por ultimo as narrativas tradicionaes a serem designadas por uma expressão geral mas caracteristica.

Sobre esses trez typos Novellescos classificamos os complicados elementos da nossa collecção, separando os contos de evidente caracter *mythico* para um lado, as *facecias* para outro, e destacando os *Exemplos* de thema tradicional e fórma litteraria em que houve um manifesto

intuito moral. A importancia d'estes elementos da tradição popular resulta do seu estudo comparativo, por onde se vê que a humanidade elaborou em todos os pontos do globo, entre differentes raças e diversos gráos de civilisação, um certo numero de themas phantasistas com que exprimiu as suas concepções dos phenomenos cosmicos e moraes. É incalculavel a somma de materiaes bibliographicos que existe hoje em todas as litteraturas para este processo comparativo.

A erudição sobre a Novellistica comparada está feita e ao alcance de todos; as notas opulentissimas de Reinhold Köhler, ás collecções das *Novellas sicilianas* de Laura Gonzemback, ás de Widter e Wolf, ás de Bladé e ás de Stephanovic, prestam-se a pôr em caminho todos os que investigarem contos que tenham paradigmas nas referidas collecções; para o elemento oriental temos as notas ao *Pantchatantra* de Benfey; a traducção de algumas Novellas de Straparola, por Schmidt, acompanhada por notas, bem como as notas de Grimm e as comparações com os contos russos por Gubernatis, não deixam ter vaidades sobre este indispensavel apparato critico. Ha monographias especiaes, como a de Gaston Paris sobre o *Petit Poucet*, de Comparetti sobre o *Sindabad*, de Max Müller sobre a *Bilha de Leite* e *Baarlam e Josaphat*; sobre *Os dois irmãos*, por Lenormant; a das *Trez cidras do amor*, por Stanislau Prato, bem como de Liebrecht sobre o mytho de *Psyche*. Hoje o difficil é não nos aproveitarmos do trabalho dos outros.

Os contos tradicionaes são immensamente sympathicos ás crianças, e já Platão os considerava como um excellente meio de educação. No seu tratado da *Republica* escrevia: «Tu não sabes que os primeiros discursos que se dizem ás crianças são fabulas!... Consentiremos que ellas ouçam toda a casta de fabula forjada pelo primeiro que se aproxima? Recommendaremos ás amas e ás mães para só contarem aquellas que forem escolhidas e servir-se d'ellas para lhes formar as almas com mais cuidado do que o que empregam em tratar-lhes dos corpos.» [5] Este emprego foi sempre seguido nas escólas greco-romanas, como se vê pela transmissão das fabulas esopicas, adaptaram-no os prégadores da edade media nos sermões com Exemplos, e ainda Mme De Beaumont o generalisou no fim do seculo XVIII. O intuito pedagogico desnaturou o conto com o exclusivo fim moral; perdeu-se a intuição da belleza tradicional, da singeleza popular, e a poesia espontanea do passado achou-se substituída pela invenção pedante dos mestres. Só depois da renovação da Pedagogia como sciencia applicada da Psychologia , é que os contos tradicionaes e os jogos infantis foram considerados como elementos de educação, aproveitando antes de tudo as primeiras curiosidades de espirito e a coordenação dos movimentos. Visámos tambem a este fim, velando a nudez de algumas narrativas, ou deixando fóra da nossa collecção contos cujas situações perturbariam a ingenuidade infantil. Para pôr a mão sobre este problema pedagogico é preciso uma grande pureza de alma, sem os rancores das

mediocridades auctoritarias, que pensam mais em impôr-se do que em ser uteis. Se a importancia dos contos tradicionaes é evidente para a educação das crianças, é extraordinario o seu alcance como documento de psychologia popular. É no conto que se conservam os vestigios das concepções da intelligencia primitiva do homem emocional, como diria Spencer, ácerca dos phenomenos da natureza, personificados n'essa fórma tão complexa, tão variavel e tão pittoresca do Mytho, esse fundo de *subjectivismo* d'onde sahiram as religiões, as supertições, as epopêas, os contos, os proverbios, os enigmas e as fórmas symbolicas da arte e do direito. Pelo estudo comparativo dos contos, simultaneos e communs ás raças amarellas, kuschito-semitas e áricas, desde as tribus selvagens ás civilisações europêas, é que se descobre a importancia d'este documento ethnico, fazendo da Novellistica um importante capitulo da Psychologia collectiva, como a conceberam Herbart e Waitz.

1.
    1.
        1.

1. ↑ Muitos d'estes contos apparecem na tradição continental, d'onde foram colligidos para os *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879; taes são: *José pequeno* (n.º 21), *Maria Subtil* (n.º 42), *Duqueza* (n.º 60), *O filho da burra* (n.º 22), *Branca Flôr* (n.º 14), *O afilhado de S. João* (n.º 19), *Sam Pedro* (n.º 28). Além

d'estes, não incorporamos outros, posteriormente publicados na citada collecção de 1879, como: *A cobra que ia dar destroço á cidade* (n.º 49), *O passo franco gallante* (n.º 27), *Os trez irmãos que iam vender fructa á cidade* (n.º 45), *Carvoeiro que vende as trez filhas* (n.º 16), *Pedreiro que foi pedir obra ao rei* (n.º 24), *Maria das Silvinhas* (n.º 58).

2. ↑ É extremamente curioso o Dialogo X: Da maneira de contar historias na conversação.
3. ↑ Na collecção dos *Contos populares do Brazil* acham-se os seguintes com paradigmas no nosso presente trabalho: *Os trez coroados, Rei Andrada, O passaro preto, Dona Pinta, A moura torta, Maria Boalheira, A Madrasta, João Gurumete, Manoel da Bengala, Cova da Linda-Flôr, João e mais Maria, A Formiga e a Neve, O Matuto João, A mulher dengosa.* Este facto confirma as palavras de Barbosa Rodrigues sobre os contos brazileiros: «alguns contos tenho colligido, postoque tenham a singeleza infantil e mesmo uma poesia natural, não constituem lendas; são simples historias quasi todas eivadas de superstição e seladas com o *cunho europeu*, e raras vezes mesmo africano.» (*Revista brazileira*, t. X, p. 24.)
4. ↑ Os contos em verso da tradição madeirense são: *A mulher do almocreve* (Rom., p. 321), *As trez cidras do amor* (Rom., p. 340), *A gata borralheira* (ib., p. 364), *Os encantos da grande fada Maria* (ib., p. 391), *O macaco* (ib., p. 454), *A carochinha* (ib., p. 457).

5. ↑ Trad. Cousin, t. IX, p. 105 e 106. Du-Méril, *Fable esopique*, p. 32

Referências

DA NOVELLISTICA POPULAR

SUA ORIGEM, PERSISTENCIA E TRANSMISSÃO

Os phenomenos que mais directamente nos tocam são os que mais tarde e difficilmente se observam. A sciencia social é a ultima que veiu a constituir-se como o desenvolvimento final da synthese objectiva realisada pelas sciencias cosmologicas e biologicas tornadas positivas; a maior parte dos estudos necessarios para o estabelecimento d'essa sciencia do phenomeno social, têm-se dividido em sciencias concretas, como a Ethnologia, a Philologia, a Mythographia, a Litteratura comparada e tantas outras, que explicando o presente pelas suas relações ininterruptas com o passado, nos revelam estados primitivos da consciencia, e esse periodo emocial d'onde saiu o accordo affectivo das primeiras sociedades humanas. Uma vez achado este criterio, muitos factos que passariam desapercebidos ou sem sentido, projectam uma luz immensa sobre as concepções mentaes, sobre os costumes sociaes do presente, logo que elles se aproximam de factos similhantes que existiram ou ainda subsistem entre povos que nunca se conheceram, entre raças incompativeis entre si, ou entre civilisações de differente gráo e caracter. Descobertas historicas importantes determinaram esta modificação do

criterio scientifico; a comparação dos caracteres das raças humanas pelos antropologistas, o confronto dos costumes dos povos selvagens pelos viajantes, a descoberta do sanskrito dando a base para o estabelecimento da filiação mutua das linguas indo-europêas, a leitura dos caracteres cuneiformes e hieroglyphicos da Chaldeia e do Egypto desvendando os livros sagrados d'essas civilisações, as suas ideias moraes e estheticas, a renovação dos estudos classicos pela approximação das litteraturas dos dados archeologicos, e por ultimo o interesse pelos documentos da Edade media da Europa na qual foi elaborada a civilisação moderna, tudo isto convergiu para dar á intelligencia um mais elevado ponto de vista pela relação de factos que isoladamente não apresentavam sentido algum e que eram como lettra morta. Assim pelos usos populares, por costumes locaes, por locuções repetidas automaticamente, por anexins, por parlendas infantis, por habitos domesticos pôde Jacob Grimm reconstruir o systema religioso da antiga raça germanica obliterado sob a cultura romana e pela assimilação catholica. Com a intuição de genio creador, encetou Jacob Grimm a investigação dos Contos populares nos varios estados da Allemanha, no começo d'este seculo, quando esta fórma tradicional, desnaturada pelas divagações litterarias, parecia condemnada a perder-se na transmissão oral inconsciente. Jacob Grimm e seu irmão publicaram entre 1812 e 1814 a collecção do *Kinder und Hausmarchen*, revelando que essas narrativas espontaneas continham uma riqueza de phantasia que ultrapassava todo o poder da invenção artistica, e mais ainda, que essas

situações dramaticas, esses personagens phantasticos eram os ultimos restos das concepções mythicas dos povos áricos, que se foram transformando para se adaptarem á corrente da civilisação moderna. A these era fundamental; se não era possivel dar-lhe logo a evidencia da demonstração, pelo menos o confronto com tradições similares de outros povos levava a critica a considerar esses productos, apparentemente caprichosos, como documentos ethnicos e psychologicos de alta importancia, provenientes de um fundo primitivo commum, ou correspondendo a epocas e cruzamentos de raças anteriores aos tempos historicos. D'esta comprehensão séria nasceu o interesse com que começaram a ser investigados os Contos populares em todos os paizes, alargando-se cada vez mais o campo comparativo e facilitando-se por esse meio a organisação de determinados cyclos de ficções, e a demonstração dos elementos mythicos de que elles são o ultimo vestigio. Jacob Grimm foi seguido immediatamente em 1817 por Frederico Schmidt, que na sua traducção de desoito contos da collecção das novellas italianas de Straparola ajuntou a maior somma de elementos comparativos colhidos nos novellistas da Renascença, nos fabliaux da Edade media, e nos livros orientaes; o proprio Grimm, em 1822, annotando a sua collecção systematisava o processo critico da Novellistica tornando-a um capitulo essencial da Mythographia. Se para Michelet a historia era uma resurreição, e o que penetrava os documentos da antiguidade *passava o rio dos mortos*, pela nova direcção achada por Jacob Grimm era possivel remontar através das

affluentes do curso das tradições poeticas á nascente primitiva de todas as concepções intellectuaes — o Mytho.

A importancia do problema foi comprehendida em toda a Europa, publicando-se successivamente collecções de contos populares dos povos slavos e das raças amarellas, dos povos romanicos e germanicos, e até das populações selvagens da Africa. Os trabalhos de Theodoro Benfey, sobre o *Pantchatantra* da India, ajudaram enormemente a restabelecer a cadeia tradicional do Oriente para a Europa, bem como os trabalhos de Silvestre de Sacy vieram esclarecer a acção directa da transmissão dos Arabes; os estudos e recensão sobre as Fabulas de Esopo restabeleceram a continuidade das tradições greco-romanas, que Robert accentuou nos fabliaux dos troveiros francezes, e pela investigação das fontes do *Decameron* de Boccacio se fixou esse fundo de persistencia litteraria das tradições novellescas que se encontra nos Exemplos moraes dos prégadores da Edade media, desde o *Gesta Romanorum* até aos Novellistas cultos da renascença na Italia.

A critica litteraria, coadjuvada pelos modernos trabalhos de philologia, tem procurado fazer alguma luz n’este complicado problema da Novellistica, em que se distingue por um saber especial o Dr. Reinhold Köhler, da bibliotheca de Weimar; podem-se reduzir a trez as questões d’este intrincado problema:

1.ª Qual a origem d’estes contos, communs a quasi toda a humanidade.

2.ª Qual a fórma da sua transmissão entre as differentes raças e civilisações.

3.ª Qual o gráo de persistencia nas sociedades modernas.

A estas differentes questões tem-se respondido com mais ou menos intuição, mas sem a segurança de um methodo scientifico. É certo que os contos têm relações com mythos primitivos, de que são a ultima transformação; porém, esses mythos não estão sufficientemente esclarecidos, d’onde resulta que a interpretação novellistica cada vez mais se confunde. Ha raças que pela sua situação só desenvolveram os mythos solares, e outras que exerceram a sua imaginação formando mythos sideraes; por aqui se vê quanto perigoso não será para o critico o reduzir a interpretação dos contos a um systema unico. As analogias de contos asiaticos com outros que apparecem entre as populações negras da Africa obrigam á formação de hypotheses gratuitas sobre o modo de transmissão pelo contacto com os viajantes europeus. A investigação dos contos das raças da America veiu complicar mais o problema, e tornar inefficaz a theoria dos mythos solares para a interpretação da Novellistica.

Desde Huet que a transmissão das fabulas e contos se deriva da India; Silvestre de Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max Müller, no seu ensaio sobre a

Migração das Fabulas, adaptam esta corrente tradicional. Porém a descoberta de contos tradicionaes na civilisação do Egypto, e a origem semitica de muitas fabulas e mythos hellenicos; levam a reconhecer outros fócos de irradiação. Por ultimo, a grande persistencia dos contos nas raças amarellas, tendencia aproveitada pela revolução religiosa do Buddhismo, e que ainda hoje se observa nas raças nomadas da Alta Asia, nos Kalmucos, nos Ávaros, no elemento tartaro dos povos slavos, onde esta vivacidade tradicional é enorme, coadjuvam a fixar melhor o problema das origens ligando a investigação do sentido *mythico* ao exame da situação *social* representada nos contos. Assim esses trez dados do problema devem ser estudados simultaneamente. Vamos tentar uma coodernação da Novellistica segundo estas indicações.

Assim como nas religiões mais abstractas e nos cultos mais humanos, como o prova Tylor, subsistem concepções e ritos persistentes de estados moraes inferiores, tambem nos Contos populares das nações ainda as mais civilisadas conservam-se elementos da phantasia e do modo de ver das tribus selvagens. É por aqui que se deve começar a genealogia das ficções. O facto de existirem contos communs ás tribus negras da Africa e ás civilisações da Europa, indica-nos o caminho para restabelecer a evolução mental, subindo das concepções concretas até as noções as mais abstractas. Na morphologia dos Contos ha um desdobramento gradual que corresponde ao progresso mental; a *Fabula*, nascida de uma simples comparação

material, eleva-se ao intuito moral no *Apologo*, fixando-se na fórma litteraria, e dissolvendo-se na corrente oral que apenas conserva a conclusão ou moralidade do *Anexim*. A fabula, depois da Metaphora, é a fórma a mais rudimentar do conto; nasce d'esse estado mental subjectivo, e d'esse sentimento religioso do animismo em que se dá falla ás cousas inanimadas como as pedras; esta faculdade subsiste ainda nos processos rhetoricos da *prosopopêa*, e na imprecação espontanea do povo. Nos habitos populares aquelle que descreve reduz tudo á fórma de narrativa dialogada, e o que escuta muitas vezes confunde a expressão concreta da figura de linguagem com uma realidade. É frequente nos contos populares a antropophagia; e os poderes magicos de pedras, de plantas e de animaes representam um estado mental a que corresponde na religião o periodo *fetichista*. É este o verdadeiro ponto de partida para a investigação da origem dos contos; os mythos sideraes ou solares correspondem já a um elevado estado mental em que predominam as concepções *polytheistas*, em que as forças da natureza se antropomorphisam, e por isso os Contos não podem ser exclusivamente interpretados por um systema de concepções mais adiantadas do que muitas das situações que encerram. Nos contos ha o conflicto de sêres malévolos, elemento preponderante na credulidade fetichista, e os poderes magicos são um caracteristico de cultos decahidos e de raças escravisadas, que jâ se não encontram nas epopêas polytheistas. A concepção de Augusto Comte sobre a successão dos periodos religiosos

da humanidade, começando pelo *fetichismo*, elevando-se ao *polytheismo* e depois ao *monotheismo*, tendo a vantagem de coordenar a evolução do espirito partindo das noções concretas para as ideias abstractas, coadjuva immensamente a achar o nexo entre estas creações ideaes, mas inteiramente subjectivas dos Contos.[1] Grandes philologos e mythographos, desconhecendo esta transição natural dos systemas religiosos, assim como foram levados ao absurdo de affirmar a existencia de um monotheismo inicial da humanidade, tambem collocaram o campo de elaboração dos Contos exclusivamente no período da actividade mythica do polytheismo, e de um modo indistincto sem observarem se esse polytheismo era semitico ou árico, porque fazem entre si profundas differenças. Por isto se vê que o problema das raças é tambem indispensavel para a intelligencia dos Contos; a não consideração d'este dado fez com que derivassem os Contos europeus directamente da India, sem discriminarem o elemento que compete ás raças negroides, Kuchitas e Dravidicas, e ás raças amarellas, quer as da Alta Asia, quer as que precederam os Arias na occupação da Europa. Se ainda hoje existem usos e superstições dos periodos ante-historicos da humanidade e das raças ante-historicas da Europa, porque se não terão conservado alguns contos? As lendas das cidades arrasadas, está hoje demonstrado que derivam da tradição das cidades lacustres. Os anões habilidosos, que possuem riquezas, são o vestigio das populações metalurgicas mongoloides, como os Calybes e os Dactylos; os Peixes salvadores, do maravilhoso popular, levam-nos para esse mundo accadico,

como as Serpentes beneficas, que se transformam em donzellas ou em principes, pertencem ao pantheon kuschito-semita. Os themas dos contos estão muito confundidos; importa separar-lhes os seus elementos constitutivos pelos dados da ethnographia e da hierologia, e por este processo é que nos apparecerão como uma concepção mythica, que começa no *animismo*, até chegarem á edade actual exprimindo situações modernas e historicas , anedocticas, e obras litterarias ou moraes. Na linguagem popular existem locuções demarcando as epocas da credulidade, taes como *Quando as pedras fallavam*, *Quando Deus andava pelo mundo*, e ainda um vago periodo historico, como o dos Tartaros para a Europa, e o *tempo dos Mouros* para a peninsula hispanica.

O *fetichismo*, como fórma espontanea da religião, representa tambem o estado do espirito humano na sua exclusiva concepção concreta; o homem anima todas as cousas, dá-lhes vontade propria, fal-as causas de si mesmas. Se esta capacidade se reflecte na linguagem pelas *metaphoras* arrojadas, e no symbolismo material que nos trouxe âs concepções abstractas, como o *jus* e a *justiça*, ella exerceu-se tambem pela narrativa novellesca da lucta das forças malévolas, e dos triumphos da argucia contra a ferocidade brutal. A antropophagia nos contos, o ardil do fraco, as cavernas dos ogres, e a cooperação dos objectos inanimados são os vestigios d’este período immensamente poetico do fetichismo, ainda persistente nas crianças e no povo. O fetichismo apresenta uma evolução na sua

credulidade, começando pela crença animista e culto dos objectos inanimados *(Manituismo)*, depois o culto dos corpos celestes *(Sabeismo)*, e por fim o culto dos productos naturaes e cousas vivas *(Totemistno)*. Nos contos populares ainda nos apparece o *manitu* na boneca que se agarra ou que dá riqueza, na *cacheira* que desanca; o *sabeismo*, em *Tom Puce*, *Petit Poucet* ou *João Feijão* representando uma estrella da Grande Ursa; o *totem*, que nos apparece nos nomes de *Grillo*, de *Feijão*, dos anões e ladinos tradicionaes, é a *fava* que se transforma em criança, é a raposa na sua lucta com o lobo, representando os conflictos das tribus fetichistas.

O conto, n'este periodo social e religioso, tem outras causas que provocam a sua invenção; é uma d'ellas o *metaphorismo da linguagem*. Quando a criança falla, ainda hoje mythifica. Max Müller queria considerar o mytho como uma doença da linguagem; mas o mytho antes de ser expresso pela palavra é uma concepção do espirito, é um estado mental. Hoje mesmo se fabricam espontaneamente contos entre o povo nascidos de analogias etymologicas, ou de equivocos de linguagem; e o que se repete com frequencia em uma edade de critica, era geral em uma edade de syncretismo mental, em que não havia uma justa relação entre a realidade e as noções subjeclivas. A linguagem não podia exprimir relações geraes e abstractas; por assim dizer significava, adstricta ao sentido concreto e esse por meio de comparações. Na China o vocabulo que exprime a Fabula significa *comparação* (Pi-yu). Foi

comparando as coisas entre si, por meio de prosopopêas que se fizeram as Fabulas onde raras vezes entram mais de dois personagens. Os homerides representavam Achilles comparando-o ao leão cercado de caçadores e os troyanos a um bando de grous. As comparações, assim como produziram a Fabula emquanto a differenças, produziram os Enigmas pela aproximação mais ou menos pittoresca das similhanças. Estas duas fórmas tradicionaes encontram-se muitas vezes confundidas pela contiguidade da origem; os contos de Enigmas (Rathsalmärchen) são uma das fórmas mais antigas da Novellistica, pelo estado mental que representam. A propria linguagem subordinada á expressão de um pensamento, era uma figuração dramatica; *fallar* é derivado de *fabular*, o modo de communicar concretamente um pensamento, e a *palavra* é a Parabola, uma comparação trazida para uma situação determinada, e já com intuito moral. O poder das palavras, que corresponde ás religiões fetichistas propiciatorias e esconjuratorias, apparece com frequencia nos contos populares; e essa relação entre o *Nomen*, o *Omen* e o *Numen*, que Max Müller vê nos mythos, é um metaphorismo da linguagem, porque deriva de um estado mental animista. A palavra desdobra-se como epitheto em entidades independentes; o perstigio augural faz com que se transite para a lição moral, como na phrase: *perceber a linguagem dos passaros*; o homem desabafa em prosopopêas espontaneas, como ainda hoje a criança quando se molesta em qualquer objecto material; Polyphemo desabafa com os seus carneiros, Heitor faz discursos aos seus cavallos, e Rolland falla com a sua

espada. Nos contos populares ha o poder maravilhoso das Pedras *(Lapidarios)*, das Plantas *(Viridiarios)*, das Aves *(Aviarios)*; os animaes como o lobo, a raposa, o leão e o cavallo, têm relações moraes com o homem; estas situações não podiam nascer e conservar-se sem um sentido real, e esse é o de provirem de uma primitiva concepção fetichista; os *horoscopos* do nascimento, que se personificaram na acção das fadas, são a consequencia da phase sabeista do periodo fetichico. Assentada esta base, é facil de inferir em que povos se originaram as Fabulas, e como ellas se desenvolveram passando como themas consagrados para outras civilisações que lhe deram intuito moral no *Apologo*. A raça negra é que ainda se não elevou do culto fetichista, e as raças amarellas, como os Accadios e Chinezes, desenvolveram o seu Fetichismo de um modo abstracto synthetisando-o na abobada celeste, *An*, *Zi-An* ou *Thian*. É n'estas duas camadas que devem ser procurados os typos rudimentares dos contos, ainda na fórma de lapidarios e bestiarios. Assim tornam-se de facil explicação os factos extraordinaríos da simultaneidade das fabulas do cyclo da Raposa na Europa da Edade media e nas populações selvagens da Africa, como se vê pela collecção do Dr. Bleck, e da similhança dos contos dos zulus com os europeus, como notou Max Müller, analysando as *Nursery tales, traditions and histories of the Zulus*, colligidas por Callaway.

Por outro lado já vêmos sem surpreza a tradição chineza *Dos membros e do estomago apparecer ali com a fórma de*

A Cabeça e o rabo da Serpente, [2] *quando nunca Tito Livio teve conhecimento d'essa fonte para a transportar para a bocca do Mnenio Aggrippa, nem tão pouco Sam Paulo para a aproveitar nas suas Epistolas. A lenda celtica de Sam Kadoc, que fica extatico á espera que se choque o ovo que um passarinho lhe pôz na mão, apparece na China, no conto de* Buddha e os ovos de passaro*;* [3] *a fabula de Lafontaine e os contos facetos do amante que é depilado das cans pela amásia moça e dos cabellos pretos pela velha, apparece na fórma chineza sob o titulo* O marido que depena a barba*;* [4] *emfim, até a anedocta corriqueira do sovina que vae fazer a barba a Cacilhas, e que se julgava local, lá se repete no extremo oriente com o titulo* O crédor e o devedor. [5] *O celebre conto da* Matrona de Epheso *foi encontrado por Abel Remusat na litteratura chineza. É, portanto, necessario discriminar estas duas camadas antropologicas, o elemento negroide, representado pelos Kuschitas, e o elemento mongoloide, representado pelas tribus da Alta Asia, elemento tartaro da Russia, da Hungria e da Turquia, e a persistencia do elemento iberico em todo o Occidente da Europa no periodo ante-historico; é n'estas duas camadas que se elaboraram todas essas variedades de contos que só uma imaginação fetichista pode criar directamente mythicos, mas com intuito artistico. As tribus nomadas da Alta Asia são ainda hoje ávidas de narrativas; as fabulas, na civilisação hellenica representavam ainda no seu titulo a sua proveniencia, chamavam-se* lybicas, ethiopicas *ou* esopicas*, como quer Lassen. Foi entre as*

raças amarellas que o Buddhismo se propagou com as lendas do Pantchatantra, *da mesma fórma que o Christianismo se generalisou nos povos da Europa por meio das lendas kuschito-semitas do Pentateuco, e por meio dos Exemplos dos prégadores tirados dos contos arabes. A India teve os seus mythos, que desenvolveu na fórma popular dos* Puranas, *como a Asia semitica teve outros que os doutores rabbinicos compilaram; mas não são estes o elemento ou fundo commum onde se encontram os germens dos contos geraes entre os dois continentes.*

O Barão de Eckstein caracterisa as civilisações, que precederam as indo-europêas baseadas sobre as noções scientificas, com as seguintes palavras:

«O mundo primitivo póde dividir-se em trez grandes caracteristicas: ou o pensamento é expresso por *signaes* e estes signaes se explicam por *hieroglyphos*; ou o pensamento se exprime por *tropos* e estes tropos se explicam por *paraholas*; ou emfim o pensamento se exprime por *mythos*, e os mythos se explicam por *legendas*.» Estes caracteres quadram perfeitamente com o grande grupo de civilisações comprehendidas sob o nome de turanianas e kuschito-semitas. Os povos, que como o Egypto, a Chaldêa e a China se elevaram da representação ideomorpha e icastica á generalisação hieroglyphica, desenvolveram um portentoso genio artistico, quer na perfeição dos detalhes, como o chinez, quer nos effeitos geraes e na grandeza, como os egypcios e os chaldeo-

babylonicos. Os povos que levaram a figuração material até á representação abstracta dos *tropos*, elevaram-se ás creações mais extraordinarias da poesia, criaram a capacidade mythica e inventaram as epopêas espontaneas, como as raças semiticas, essencialmente evehmeristas na sua historia; a parabola, que deriva da fórma elementar do tropo, é tambem o rudimento de expressão das noções moraes. O mytho é já um systema de concepções geraes para explicarem a complexidade dos phenomenos e é essa tendencia racional explicativa que o dissolve em legendas; a não ser esta caracteristica o mytho reduzia-se á simplicidade de um tropo. É esta a phase intellectual em que nos apparecem as raças áricas antes de se elevarem ás noções scientificas que caracterisam a civilisação greco-romana, e que lhes deram a hegemonia da humanidade.

Tanto nas raças amarellas, como entre a cananêa ou kuschito-semita, o fetichismo foi exclusivo, e d'ahi o caracter concreto e activo da sua civilisação, immobilisada no imperativo das ideias moraes. As fabulas das cousas e dos animaes destinadas pela sua comparacão á inferencia de uma ideia moral, tornaram-se uma fórma litteraria, quer com um caracter philosophico como o *Apologo*, ou com um sentido religioso como a *Parabola*. Em sociedades que nunca se elevaram acima da constituição patriarchal, e em que a familia se dissolvia na tribu, as narrações fictícias tornavam-se uma necessidade da communhão moral, e isto mesmo vêmos nos costumes dos arabes, o ramo semita mais retardatario, que tinha os seus *rawi* ou narradores na epoca

em que as tribus não estavam ainda unificadas pelo islamismo, e adoravam os seus fetiches, de que a pedra negra da Caba se tornou o principal. É a um elemento negroide ou kuschita que se deve attribuir esta persistencia de elementos tradicionaes entre os Semitas; no livro dos Reis, se lê da actividade especulativa de Salomão: «E elle tratou de todas as arvores, desde o cedro que cresce sobre o Libano até ao pequeno hysope que cresce nas paredes; e elle tratou dos quadrupedes, das aves, dos reptis e dos peixes.» Renan entende a natureza d'este saber como «*moralidades* tiradas dos animaes e das plantas, analogas áquellas que nós lemos nos Proverbios (cap. XXX) e ás do *Physiologus*, que foram tão populares na edade media». [6] A proveniencia d'este movimento intellectual que se não continuou em Israel, é attribuida pelo mesmo semitologo ao elemento idumeu: «A Iduméa sobretudo, parece ter contribuido contribuido em grande parte para este movimento de philosophia parabolica; a sciencia de Théman (tribu idumita) tornou-se proverbial; o heroe e os interlocutores do *Livro de Job* são arabes ou idumeus.» Remontando ao fundo do problema ethnico, Renan deduz dos trabalhos dos modernos assyriologos, que uma mesma população industrial, commercial e materialista forneceu elementos communs ás civilisações do Egypto, do Tigre e Baixo Euphrates: «A côr obscena das religiões da Assyria e da Phenicia, tão opposta ao pudor natural dos Semitas e dos Arias, o mytho cepheniano de Joppe, o culto kuschita de Sandan ou Sandak e de Adonis, as genealogias fabulosas que fazem descender Agenor e Phenix de Belus, de Lybia,

de Egyptus, e os põem em relação com Cepheo e os Ethiopes, a lenda que os liga a Mémnon, explicam cabalmente esta hypothese.» Aproveitando esse elemento commum á India e á Arabia, como negroide, como o reconhece Weber, e que Renan considera com os antigos aditas da primitiva civilisação do Yemen, elle recompõe muitos caracteres ethnicos dos kuschitas: «Lokman, o representante mythico da sabedoria adita, lembra Esopo, cujo nome pareceu a Welcker conter uma origem ethiopica *(Aisopos, Aithiops)*.» Reforçando esta inferencia pelas conjecturas de D'Herbelot, accrescenta: «Tambem na India a litteratura dos *Contos* e dos *Apologos* parece provir dos Sudras. Por ventura este modo de ficção, caracterisado pelo papel que n'elle representa o animal, discrimina um genero de litteratura proprio dos Kuschitas.» [7] Em nota acrescenta Renan, que o culto e a preoccupação constante do animal são um dos traços mais salientes das raças kuschitas e africanas. Eckstein identificava os Sudras com us kuschitas, considerando-os representantes da raça negroide da India os *Kaucikas*; foi entre esta raça que se propagou o Buddhismo por meio dos seus contos e apologos, e foi pela irradiação do Buddhismo que um grande numero de Contos transmigraram para o Occidente e até para o Christianismo.

A descoberta do *Conto dos dois Irmãos* no papyrus hieratico d'Orbygny, vem explicar de um modo plausivel a passagem dos mythos kuschitas para a fórma litteraria de novella, redigida sobre a lenda elaborada pelo povo. Lenormant estabelece a transição dos mythos extranhos ao

Egypto para essa narrativa dos passatempos da XIX dynastia, principalmente do joven principe que veiu a ser Seti II. Diz Lenormant, fallando do scriba egypcio: «Fez como o nosso Perrault; deu uma fórma fixa e litteraria a um conto popular, e este conto, como a maior parte dos outros entre todos os povos, não era senão um mytho degenerado, despido do seu caracter religioso.»[8] Como estrangeiros ao Egypto esses mythos foram tratados sem respeito, com a espontaneidade popular da transmissão legendaria; a epoca em que se determina a entrada de elementos cultuaes estrangeiros no Egypto é na XVIII dynastia, e esses mythos eram phrygios como o de *Atys*, phenicios e syrios como o de *Adonis*, ou gregos como o de *Zagreus*. Conclue Lenormant, do confronto da acção do conto com os dados d'estes mythos similhantes: «São estes trez mythos famosos, e particularmente o de Atys, de que o romance dos *Dois Irmãos* reproduz todos os dados fundamentaes, e em certos casos até nos detalhes minimos e mais caracteristicos.» A traição de uma mulher desattendida, thema das lendas da vingança da mulher de Putiphar contra José, e de Phedra contra Hyppolito, é a base do conto passado entre os dois irmãos Anpu e Batu, o seduzido pela cunhada. Estes odios feminis apparecem no mytho de Atys, por não ter accedido aos desejos de Cybele; como o joven deus phrygio Batu tambem se emascula, circumstancia a que allude egualmente o mytho de Adonis. Batu confunde a sua vida com a de um cedro, onde guarda o coração, da mesma fórma que Atys se transforma em pinheiro. Lenormant desenvolve este parallelismo, achando o accordo

com os complicados episodios do conto, e concluindo: «que o romance dos *Dois Irmãos* não é outra cousa senão a transformação em contos populares do mytho fundamental nas regiões da Asia anterior, do joven deus solar morrendo, e tornando successivamente á vida, mytho de que temos a versão syro-phenicia na fabula de Adonis, a versão pbrygia na de Atys e finalmente a versão hellenisada em uma epoca ainda agora impossivel de determinar, na lenda de Zagreus.»[9] O dominio dos Pharaós da XVIII e XIX dynastias sobre a Syria, determinou um certo syncretismo religioso como se vê na associação dos cultos de Byblos e do Baixo Egypto e na legenda de Osiris-Adonis;[10] os deuses cananeos Baal, Anat, Qedesch, Astart e Sutekh entraram no pantheon egypcio. N'estes syncretismos religiosos ha a decadencia de muitos elementos mythicos, e por isso uma successiva reelaboração em lendas e contos; a crise religiosa do Buddhismo na India reflectiu-se ainda com este caracter na Asia anterior;[11] o Orphismo na Grecia e o Christianismo na Europa provocaram nas imaginações esta fórma secundaria da ficção, ou o typo do conto ou lenda. O conto dos *Dois Irmãos* restabelecendo-nos o caminho da sua derivação mythica, tem um paradigma actual entre os Bechuanas, o que nos confirma a necessidade de procurar a fórma de certos mythos, ou o typo da sua degeneração novellesca, nas raças selvagens e no elemento negroide.[12]

O que vêmos com a civilisação kuschita em relação aos mythos semitas, dá-se tambem com a civilisação turaniana

no seu contacto com os Arias. Husson considera os *Peixes* salvadores dos contos populares como provenientes das lendas chaldeo-babylonicas; e Belloguet vê nas figuras dos Ogres e dos Cyclopes, em rivalidade com os Ulysses e Petit Poucet, como um antagonismo nos elementos das raças do Occidente.[13] Dos mythos que se acham na epopêa finlandeza do *Kalevala*, e que se reproduzem nos contos populares europeus, deduz Gubernatis que primitivamente as raças turanianas e áricas se acharam em contacto, tendo entre si certas conformidades, hoje desconhecidas pelos differentes gráos de civilisação em que se acham.[14] Bergmann, no seu trabalho sobre os Getas, explica cabalmente este problema; tambem pelos *Contos populares Esthonianos*, publicados por Frederico Kreuzwal, e annotados por Köhler, em 1869, apparecem narrativas que parecem as fórmas completas de muitos contos europeus; ahi apparece a velha feiticeira que tem prezas as donzellas, os jovens principes perdidos na floresta, o segredo da linguagem dos passaros, os cavallos magicos, as transformações maravilhosas, o anão intelligente e a boneca-fada. O vigesimo conto esthoniano é uma variante do *Barbe bleu*, commum a todos os povos da Europa. Gubernatis interpreta o sentido mythico d'esses contos, o que é mais plausivel quanto mais atrazado está o povo a que pertencem, sendo esse o meio de pelo processo eomparativo vir a determinar a intenção mythica perdida na novellistica dos povos mais civilisados. Nos *Awarische Texte*, publicados por Schieffner, acha-se tambem um conto

popular bastante desenvolvido similhante ao nosso intitulado os *Dezeseis quintaes*, que se encontra tambem na collecção siciliana de Laura Gonzemback. Outro mysterio da tradição , desde que se desconhecer o contacto primitivo das raças nomadas da Alta Asia com os Arias; a essas raças pertencem o grupo turaniano, e os povos que sob o nome de Lybios e Iberos, e de Eusk e Aquitanios, nos apparecem occupando o Occidente da Europa. Se um certo numero de costumes e superstições tem sobrevivido até hoje na civilisação moderna d'essas edades ante-historicas, porque não subsistirão os contos como ultimos restos de mythologias extinctas? O Tributo das Donzellas é considerado como uma degeneração mythica, como se deduz da comparação com outras lendas que tornam mais evidente essa relação. O contacto das raças nomadas ou mongoloides com os Arias[15] é que nos explica como um certo numero de fabulas e contos chinezes, como o da *Matrona de Epheso*, apparecem na Europa sem que seja possivel descobrir uma connexão historica entre as duas civilisações. Apresentaremos um facto além de muitos já observados no dominio dos costumes e superstições populares.

Gregorovius, no seu livro sobre a *Corsega*, cita um canto popular no gosto dos romances peninsulares, que nós encontramos na tradição oral do Minho em fórma de conto em prosa, adaptado aos interesses da vida moderna. Eis o *vocero* corso:

«Um rapaz das montanhas deixa sua mãe, pae e irmã e vae para a guerra sobre o continente. Ao cabo de muitos annos regressa feito official. Caminha para as suas montanhas; ninguem dos seus o reconhece. Só se dá a conhecer a sua irmã, cuja alegria é indizível. Elle depois diz ao pae e á mãe, que ainda o não tinham conhecido, que preparem para o dia seguinte um esplendido banquete, para o qual dará bastante dinheiro. Á noite pega na sua espingarda e vae para a caça. No quarto deixou o seu sacco, onde tinha bastante ouro. O pae vê estas riquezas e planêa malar o estrangeiro durante a noite. O terrivel crime é commettido. Eis que o dia chega, sôa o meio dia, e como o irmão não apparece, a irmã pergunta novas do estrangeiro: no seu terror, ella revela aos paes quem elle era. Precipitam-se então para o quarto, o pae, a mãe, a irmã, — eil-o prostrado no proprio sangue. Então começa o lamento da irmã.»

Gregorovius accrescenta sobre este dado do *vocero* corso: «*Esta historia é verdadeira* …» Eis a versão portugueza:

Na tradição popular do Minho, é um rapaz que regressa do Brazil muito rico; procura a cabaninha de seus paes na serra, e encontra-os muito pobres e já velhos; não se lhes dá a conhecer, e pede pousada para dormir aquella noite, na esperança de se dar a conhecer no dia seguinte. Durante a noite os velhos vão vêr a mala do forasteiro, e para se apoderarem da sua riqueza matam-n’o e enterram-n’o. Passados dias é que souberam da chegada do filho, e

confirmada a tremenda apprehensão do seu remorso, a mãe endoudece e o pae vae entregar-se á justiça.

Para nós é este um thema primitivo, proprio de uma sociedade rudimentar que produzia situações brutaes como a que se celebra na *Silvaninha*, no *Rico Franco*, no *Dom Pedro* e outros romances tradicionaes. A sua approximação do vocero corso obriga-nos a remontar a sua origem a uma antiguidade pre-árica; na Corsega ainda existe na fórma de verso, mas adaptada a situação ao periodo das guerras continentaes de Napoleão do principio d'este seculo; em Portugal ha ainda vestigios de fórma poetica no romance da *Pastorinha* e *Linda Pastora*, porém a parte repugnante caiu totalmente, ficando apenas a fórma vulgar de um caso restricto á provincia do Minho, que é a que alimenta mais a emigração para o Brazil.

Alguns contos populares actuaes correspondem ainda á linguagem symbolica das tribus scythicas, onde nasceram como modo de expressão; é assim que Plutarcho conta como o monarcha scytha Skilvarus, para mostrar aos seus cincoenta filhos que a *união faz a força*, manda juntar cincoenta varas, que reunidas não podem ser quebradas.[16] A *acção emblematica* transformava-se espontaneamente em uma *narrativa allegorica*, na fórma de comparação (no chinez *pi-yu*; no goth. *gajuko*), ou na fórma de *parabola enigmatica* (no goth. *frisahts*). Todas estas fórmas persistem na novellistica popular; a crença religiosa dos povos scythas, de que a lua é a mansão dos mortos, persiste ainda

em toda a Europa na lenda do homem que foi arrebatado para a lua. A deusa Artin-paza, ou a propria lua, é que recebia em si as almas dos mortos;[17] a universalidade da lenda só se pode explicar pela dissolução de uma crença commum.[18]

O restabelecimento da cadeia tradicional só pode conseguir-se procurando os elementos ethnicos e antropologicos communs aos differentes povos. É assim que a enorme dispersão das raças mongoloides para o occidente e norte da Europa, bem como o seu fetichismo inicial, nos explicarão as condições de unidade de certas fabulas e contos europeus que ainda hoje se vão encontrar no extremo Oriente. Os philologos não se atreviam a recuar para traz das raças áricas, e por isso estes problemas, muitas vezes incompativeis com as concepções polytheistas, eram explicados por communicações historicas forçosamente recentes. São enormes as relações dos contos e crenças do povo portuguez com o folk-lore da Russia; este facto toma uma verdadeira importancia quando se vê que se generalisa ao occidente europeu. Diz Gubernatis: «Tem causado certa impressão *a grande parecença dos contos sicilianos com uma dada serie de contos russos*; mas todo o pasmo deve cessar, se se pensar simplesmente que a proveniencia de um grande numero de contos russos e sicilianos é commum, isto é, essencialmente byzantina.»[19] A causa da unidade é mais remota; a Russia foi povoada por uma enorme camada de elemento mongolico, e o elemento lybico e iberico do Mediterraneo, vindos da Asia meridional, pertenceu a essa

mesma raça. Assim se determina esse fundo ethnico commum, pelo qual se comprehende a identidade das tradições da Russia com as da Sicilia e Portugal, phenomeno tambem notado por Max Müller entre as tradições dos Zulus com as da Europa, bem como das awáricas e kalmucas, e especialmente das tradições chinezas com a Europa occidental.[20] Nos estudos da Novellistica ainda se não tinha determinado este fundo proto-historico da civilisação humana, attribuindo-se estes documentos similares de tradições importantes á phrase vaga — *identidade dos processos do espirito humano*, quando elles são os fragmentos que ficaram de uma raça que formou as concepções fetichistas, as quaes para outras raças mais especulativas se conservaram como ficções.

Nas civilisações que chegaram ao periodo das religiões *polytheistas*, é que os mythos tendendo a uma unificação espontanea, recebem quasi que exclusivamente uma representação antropomorphica. Comte notou o modo d'essa unificação, como na arvore que synthetisa a floresta, e no homem que é a manifestação da vontade. As raças Semitica e Arica distinguem-se das raças e civilisações anteriores pela sua elevação ao *polytheismo*, conservando em si os elementos recebidos do contacto com os kuschitas e mongoloides. Ha entre estas duas raças superiores differenças provenientes não só dos seus cruzamentos ethnicos, como já notámos, mas do seu meio ou habitat; o polytheismo dos semitas é *antropopathico*, ao passo que o dos árias é *antropomorphico*. Na investigação dos mythos

primitivos que subsistem ainda nos Contos populares, importa distinguir esta dupla proveniencia, sem o que infallivelmente se vae cair em um systema artificial de allegorias. No seu estudo sobre as origens do *Petit Poucet*, Gaston Paris parte d'esta distincção essencial: «Sabe-se que os povos indo-europeus não possuem e nunca possuiram religião propriamente sideral. Os deuses da nossa raça são a personificação mais ou menos distincta e mais ou menos antiga dos grandes phenomenos naturaes. Nascidos provavelmente em um paiz de montanhas, sob os climas violentos da Alta Asia central, a religião indo-europêa tem em cada um dos seus mythos o vestigio da alegria ou do medo que lançavam na alma ainda quasi que unicamente sensivel dos homens d'outr'ora as convulsões terriveis, mas muitas vezes beneficas, que elles tinham de soffrer sem recursos de defeza.» É por isso que os principaes mythos se baseam sobre os phenomenos da successão do *Verão* e do *Inverno*, o grande drama mythico de todos os povos indo-europeus, conservado ainda nos costumes e festas civis de toda a Europa; o Vento e as Nuvens, o Relampago, o Sol repellindo as sombras da Noite, a Aurora sendo seguida pelo Sol, ou no crepusculo vespertino sendo sepultada pela Noite, eram representados no drama religioso do culto, nas tradições sociaes ou naçionaes da Epopêa, e nas conversas e lendas domesticas dos Contos e Enigmas. A vida pastoral era transportada para os phenomenos metereologicos, e as nuvens eram as Vaccas, o sol era o Pastor, o vento o Rakchasa ou ladrão que as escondia na caverna, finalmente o céo era a grande Arvore da vida que cobria o mundo.

Foram estes mythos, que persistiram na civilisação dos diversos ramos áricos, o thema commum que se transformou em narrativas sem sentido religioso, mas com o interesse das aventuras dos contos populares.

A maior parte d'esses contos póde ser reduzida ao typo geral em que os personagens se identificam com os mythos do Sol, da Aurora e da Noite, da Primavera e do Inverno. Applicar este processo a contos de origem kuschita ou mongoloide, ou ainda a tradições de proveniencia semitica, é um erro de exegese, que impossibilita o desenvolvimento scientifico da Novellistica como complemento da evolução mythica.

O polytheismo semita tem outro caracter, a que chamamos *antropopathico*. Gaston Paris reconhecendo a differença que existe entre os dois systemas de religiões, escreve: «As grandes planicies em que se desenvolveram as primeiras civilisações semitas não apresentam os espectaculos grandiosos e deslumbrantes das pastagens montanhosas onde a divindade se revelava nas tempestades; a serenidade das noites, a transparencia do ár, a ausencia de linhas que attrahissem o olhar, tudo contribuia para transportar para o céo os olhos dos pastores que conduziam os seus rebanhos por estes immensos prados. Segundo a tradição da antiguidade, foram os Chaldeus os primeiros astronomos; e antes que tivessem a ideia de observar scientificamente os astros, adoraram o seu explendor. Eu quero sómente constatar, que as religiões indo-europêas não apresentam

nada que se pareça com o culto planetario. Jacob Grimm admirava-se de achar esta lacuna entre os Allemães; porém ella é commum aos seus irmãos. Os povos da Europa, pelo menos, não parece terem tido nomes para designar os planetas, etc.»[21] A differença de meio, reflectindo-se na differença dos costumes, repete-se na diversidade das religiões dos Arias e Semitas; portanto os seus mythos não tendo a mesma base de concepções, ao degenerarem na fórma de contos hãode apresentar não só o caracter dos elementos ethnicos primitivos (kuschitas e mongoloides) como a personificação dos phenomenos sideraes e metereologicos. Dissemos que os mythos semitas eram *antropopathicos*; no Egypto o curso solar era equiparado ao da existencia humana; Rã, o sol, passava da mansão da luz ou da vida, para a das trevas ou da morte, e n'esta successão representava diversas entidades divinas; na sua existencia nocturna era *Tum*, brilhando no meridiano era *Rã*, e alimentando a vida, *Khéper*. Os deuses systematisados pelos sentimentos humanos foram divididos em masculinos ou representando a força activa e em femininos. Osíris, sol do hemispherio inferior, representava os destinos de uma existencia além da morte; e os phenomenos moraes do bem e do mal foram tambem personificados, como Typhon e Suttekh. Para os Chaldeus os astros foram representações de entidades divinas, que systematisaram por meio de hypostases em vastos systemas religiosos, de que os Syro-Phenicios apenas conservaram o lado sensual dos ritos e as suas fórmas concretas. O mytho principal em quasi todos os povos semitas, que desenvolveram o culto das divindades

femininas, é o do Sol expirando e resuscitando rejuvenescido, como na paixão de Christo; pertencem a este grupo os mythos de Atys, da Phrygia, o mytho de Adonis dos Syro-Phenicios, e o de Dionysos Zagreus, dos Grecos, conservado nos mysterios Eleusinos ou renovado pelos Orphicos;[22] mesmo no Egypto o mytho osiriano veiu a confundir-se com estes mythos asiaticos, transformando-se n'essa fórma épica com que a descrevera Plutarcho e tal como se acha no *Ritual dos Mortos*. A influencia dos cultos das divindades femininas é que determinou a decadencia dos mythos dos jovens-deuses solares em contos como o dos *Dois Irmãos* ou como o de Joseph e da mulher de Putiphar, ou o conto de Sansão, que entre os Assyrio-babylonicos ainda nos apparece como o deus Simson. A passagem dos mythos chaldeo-babylonicos para lendas populares ou historicas entre os Semitas está hoje determinada pela aproximação dos nomes dos Patriarchas do Genesis dos deuses decahidos, como *Henok* com *Anak*, *Set* ou *Schet* com *Schita*, *Noé* com o peixe salvador *Nuah*.[23] Thamuz, ou o mancebo chorado pelas mulheres nas montanhas da Judeia, fôra, antes de decahir em heroe epico, uma divindade *Dumuzi*; esta decadencia observa-se em outras divindades, que como Istar adorada pelos Phenicios se tornou um diabo, *Astaroth* entre os Hebreus.

A extraordinaria tendencia dos semitas para tudo personificarem, lançou-os n'uma invenção mythica permanente de modo que apenas elaboraram em epopêas e contos os mythos da paixão do joven-deus morto, chorado e

resuscitado; dos nomes dos seus deuses fizeram patriarchas, e dos patriarchas regiões geographicas, fabricando segundo as necessidades da interpretação lendas etymologicas segundo a inintelligencia da linguagem archaica dos seus livros. Renan, fallando das lendas etymologicas do Genesis, escreve em nota que este phenomeno é commum a muitos outros povos, tendo originado uma grande quantidade de mythos; exemplifica com a lenda de Dido, que toma posse do terreno abrangido pela pelle de um boi, a qual ella cortou em tiras tenuissimas. Esse terreno chama-se *byrsa*, que em syriaco significa a fortaleza; iuterpretado este nome por uma lingua estranha, *byrsa* em grego significa o couro; d'aqui a invenção da lenda da acquisíção do terreno de Carthago.[24] Nos contos populares é frequente a intervenção do *peixe* com o poder protector, dos gigantes poderosos como Sansão, e dos diluvios e serpentes de sete cabeças, como nos mythos babylonicos que se transformaram na civilisação dos semitas. Husson, no seu livro sobre o Encadeamento das Tradições, indicou a necessidade de alargar as investigações além das antigas migrações áricas e das infiltrações indianas de epocas posteriores «procurando-as com certa reserva entre as raças *chamiticas*, e porventura tambem entre as raças *turanianas*.»[25]

A ideia mythica fundamental da comparação e analogia dos phenomenos da natureza com a vida do homem, apparece com intuito theologico nos primeiros seculos do christianismo. Minutius Felix exclama: «Vêde como a

natureza inteira para nos consolar, parece occupar-se da ressurreição futura, e produz diante de nós as imagens d'ella. O sol põe-se e levanta-se, os astros fogem e tornam, as flôres morrem e renascem, as arvores envelhecem e revestem-se de folhas novas, as sementes corrompem-se para reviverem. Tambem o corpo no tumulo, como a arvore no inverno, occulta um principio de vida sob uma apparencia enganosa de morte. O corpo tem a sua primavera; é preciso saber esperal-a.» A concepção mythica do homem primitivo vendo os phenomenos physicos através da sua subjectividade, persiste com um novo sentido moral de allegoria theologico-metaphysica. Tertuliano desenvolve estes mythos indo-europeus em considerações abstractas: «Eu lanço os olhos sobre as manifestações do poder divino: *o dia morre para dar logar á noite*, e sepulta-se por toda a parte nas trevas. O ornamento do universo occulta-se sob os funereos véos: tudo é sombrio, silencioso, consternado; por toda a parte a interrupção dos trabalhos! A *natureza enluctou-se para chorar a perda da luz*… Mas eis que ella revive para todo o universo, com a sua magnificencia e com a sua pompa nupcial, sempre a mesma, sempre inteira, *immolando a morte, isto é, a noite, rasgando a sua mortalha, isto é, as trevas, e sobrevivendo a ella, até que a noite volte outra vez e traga comsigo os lugubres aprestos*. Então accendem-se as estrellas, que a claridade da manhã extinguira. Os planetas, um momento exilados pelo dia, são trazidos em triumpho… Sobre a terra, a mesma lei que no céo; depois de terem sido fanadas, as flôres reapparecem com suas côres, os campos cobrem-se

uma segunda vez de verdura. O que é, pois, esta perpetua revolução da natureza? Um testemunho da ressurreição dos mortos.»[26]

Podem-se aproximar d'esta passagens analogas dos Vedas; então se notará que a concepção dos phenomenos é a mesma, havendo apenas uma interpretação allegorica sobre a impressão subjectiva. Nos espiritos mais elevados, a imagem poetica incide inconscientemente sobre esta mesma ordem de comparações, tendo já perdido o caracter de realidade mythica; em Metastasio, o fino poeta cesareo do seculo XVIII, lê-se este esboço do mytho primitivo:

Primavera, giuventu dell'anno,

Giuventu, primavera della vita.

Se nos espiritos cultos, através dos dogmas religiosos e das idealisações artisticas se não perdeu o typo mythico, com mais rasão deve elle persistir entre as camadas populares.

Nas locuções vulgares existem elementos dos mythos primitivos, cuja importancia só se nos revela pelo processo comparativo. A Aurora é representada como uma Donzella *engulida por um Dragão*, ou a Noite, como se observa nos mythos de Andromeda, de Hesione, de Santa Margarida, do qual vem a ser libertadas por um heroe, ou ellas mesmas é que rasgam o ventre do monstro. Tylor, diz que se reconhece no conto do *Petit chaperon rouge* o mytho do sol

crescente e do sol no occaso,[27] isto é, da Aurora matutina e da Aurora vespertina. Na linguagem popular diz-se o *romper da Aurora*, e de facto o rompimento deriva de uma concepção mythica primitiva; diz Tylor: «Os christãos representavam voluntariamente Hades como um monstro que engulia os homens na morte. Tomemos exemplos pertencentes a diversos periodos: o Evangelho apocrypho de Nicodemus, na narrativa da descida aos Infernos, faz fallar Hades como uma pessoa, queixando-se de dôres no ventre quando o Salvador se prepara para descer e dar a liberdade aos santos retidos prisioneiros desde o começo do mundo. Na Edade media, quando se queria pintar esta libertação, chamava-se-lhe *o rasgamento do inferno*…»[28] Esta prisão das trevas, ou a noite, é o thema mythico conservado na locução do *romper da Aurora*, a qual se completa por outro vestigio do mesmo mytho na locução *á bocca da Noite*. Aqui o sentido preciso é o do começo das trevas, que, como o dragão, ahre a bocca para engulir a donzella; sobre este ponto diz Tylor: «Por toda a parte onde a Noite e Hades se personificam em um mytho, póde esperar-se o entrontrar concepções, taes como aquella que exprime a palavra sanskrita que significa a noite, *rajanimukha*, isto é, a *bocca da noite*. Tambem os Scandinavos fallam de Hell, a deusa da morte, que abre a garganta como faz seu irmão Fenrir, o lobo devorante da lua; e uma velha poesia allemã representa-nos o abysmo de Hell, que bocejando se abre do céo á terra.»[29] Temos ainda uma outra locução, o *olho do sol*, para significar a acção

intensa do seu calor ou luz; Tylor acha esta metaphora solar em povos selvagens, *Mata-ari* (o olho do dia) em Sumatra e Java, e *Maso-Andro*, com o mesmo sentido em Madagascar; na Nova-Zelandia o mytho torna-se completo, sendo o sol o olho de Mani, e entre os Arias é *Chakshuh Mitrasya*, o olho de Mitra, ou o *olho de Jupiter*, como lhe chamavam os antigos romanos, como o refere Macrobio.[30] Se a linguagem vulgar conserva esta impressão indelevel dos mythos primitivos mais caracteristicos dos povos indo-europeus, com mais rasão devem elles persistir nas narrativas dramaticas ou novellescas em que esses mythos se desdobraram.

Os phenomenos sideraes e atmosphericos foram *personificados*, identificados com a figura e habitos moraes do homem; é este um dos caracteres mais fundarnentaes do *polytheismo*: Nos Contos populares que pertencerem ás raças que se elevaram ao polytheismo, devem persistir estas concepções mythicas, muitas vezes já não comprehendidas por causa da substituição de um mais adiantado estado mental. Os contos de *Psyche*, de *Crescencia*, de *Genoveva*, da *Imperatriz Porcina*, de *Merhuma*, (do *Tuti-Namé*, I, 7), de *Cendrillon*, derivam dos mythos da Aurora perseguida ou libertadora, tal como apparece nos hymnos dos Vedas.[31] O Sol seguindo a Aurora, personifica-se no mytho de Eros, no esposo de Melusina, de Helias, do Cavalleiro do Cysne, e no esposo de Eurydice.[32] Já vimos atraz como se personificava a *Noite*, no lobo que devora, na velha que esconde a donzella, ou a transforma e se torna negra, como

no conto das *Trez Cidras do Amor*. O vento acha-se mythificado nas *botas de sete leguas*, commum a todos os povos áricos;[33] a nuvem, é a *toalha que se estende* e dá sempre que comer com abundancia, a qual nos Vedas é tambem representada pela vacca, que ainda apparece nos contos populares.[34] Muitas vezes, os contos derivam de uma mythificação espontanea, como se vê pelas locuções populares, outras vezes são o effeito de uma decadencia de mythos systematisados; assim a *sala prohibida* do conto do *Barbe-Bleu* é considerada como uma obliteração do thesouro de Ixion;[35] o *roubo dos bois* pelo *Petit-Poucet* aproxima-o do mytho de Hermes; a guarda do boi Cardil ou boi Bragado é o mytho de Mercurio e Argus.[36] Poderiamos ampliar as referencias a systemas mythicos da antiguidade que ainda subsistem nos contos populares, mas basta-nos deduzir da lei da sua formação o limite preciso dos themas novellescos. Gaston Paris é de opinião que os themas tradicionaes se fixam em um determinado numero de typos; é o que se deduz dos dois systemas polytheistas, o antropomorphico e antropopathico. Indicaremos esses typos fundamentaes, aproximando-os das personificações dos Contos:

O SOL é o principe encantado, o heroe que salva, o amante que perde a fórma horrenda, é o doente que morre prematuramente e que renasce, é o cavalleiro que mata o dragão, é o thesouro.

A AURORA é a criança, a donzella, a orphã, a recem-nascida, a filha da feiticeira negra, velha e feia; é a *Psyche* que tem o marido sobrenatural; é a *Melusina*, ou esposa sobrenatural que abandona o marido, e a *Penelope* ou esposa fiel que recupera o seu marido.

A NOITE é a velha fefa e ruim, a ogresse, a madrasta que maltrata a enteada, finalmente o lobo devorador, o sacco em que é furtada a menina, ou a cova em que estão enterrados os principes.

Os DIAS são os filhos desejados que tomam fórmas monstruosas, as victimas de um voto, as crianças abandonadas, ou que tem um nascimento maravilhoso.

Os CREPUSCULOS *matutino* e *vespertino* são os dois irmãos gemeos; são os pequenos maltratados; são o irmão que mata o irmão ou o salva.

Além d'estes typos, nos costumes populares de toda a Europa conservam-se as ceremonias dramaticas da entrada do VERÃO e sahida do INVERNO, o rapto da PRIMAVERA, nas lendas do *Caçador feroz*, na morte do Dragão, na libertação da donzella, como Andromeda, na revivescencia do cavalleiro como Arthur, Barba Roxa ou Dom Sebastião. Nas festas religiosas é que se conserva nas fórmas cultuaes o mytho do nascimento do FOGO ou o menino, o medianeiro ou o salvador. Assim dos dois grupos de phenomenos solares e sideraes se deduzem os typos ou

themas mythicos que mais persistem nos Contos populares, sendo essa tambem uma das causas da sua universalidade. Uma boa classificação novellistica é, portanto, uma synthese baseada sobre estes dados concretos. Os contos populares têm sido compilados sem nexo, por causa da sua extraordinaria complexidade, apesar de terem sido já reconhecidos os episodios mais frequentes em todos elles. Esta deficiencia tem obstado á sua apreciação. Von Hahn apresentou urna classificação descriptiva artificial, que só serve para tornar monotonos os contos colligidos segundo esse agrupamento exterior. Essa classificação foi adoptada pelo Folk-Tale Commitee de Londres; depois d'esta, conhece-se a classificação de Baring-Gould , com o mesmo espirito, variando apenas pelo arbitrio. A unica classificação racional dos Contos é a que se funda nos themas tradicionaes derivados dos typos mythicos, corno acima indicamos; para realisar este trabalho é preciso conhecer a successão dos estados mentaes da humanidade, as capacidades das raças, e só assim é que se verá como os mythos derivam já da *comparação*, como as fabulas do fetichismo, já da *analogia*, como nas personificações polytheistas, já da *plausibilidade*, como nas epocas em que existe um certo gráo de abstracção tendente para o monotheismo, e em que o mytho subsiste na fórma da parabola, e em que a lenda se converte em historia. Tylor define o valor d'esta successão mental: «Este desenvolvimento opera-se com tanta uniformidade, que se torna possivel tratar o mytho como uma producção organica da humanidade inteira, na qual as distincções de individuos,

de nações e mesmo de raças, são subordinadas ás qualidades universaes da intelligencia humana.» [37] Reduziremos este pensamento de Tylor ao seguinte schema:

CLASSIFICAÇÃO DA NOVELLISTICA POPULAR

I. Concepções fetichistas *(Peculiares aos povos selvagens e persistentes nas Civilisações kuschitas e mongoloides)*:

a)	Comparação por differença:	***Fabula.***	Lapidarios — Viridiarios — Bestiarios — Astrologia, Animismo ou transição mythica.
b)	Persistencia d'esta concepção com intuito moral e fórma litteraria:	***Apologo.***	
c)	Dissolução popular em Locuções proverbiaes e referencias allusivas:	***Anexim.***	

II. Concepções polytheistas *(Das Sociedades rudimentaes, apparecendo desenvolvidas nas Civilisações semiticas e áricas):*

a)	Mythos antropomorphicos:	***Contos***	Do Sol, da Aurora e da Noite.
			Do Céo, das Nuvens e das Estrellas.
	Comparação por analogia:		Dos Dias e dos Crepusculos.
	1.º — Domestica *(Enigmas)*.		
	2.º — Nacional *(Epopêa)*.		
	3.º — Sacerdotal *(Theogonia)*.		
b)	Mythos antropopathicos:	***Epopêa***	O Sol hibernal e estival, ou o Joven heroe que morre e ressuscita. *(Achilles, Sigurd.)*
			A Primavera, ou a dozella raptada. *(Sila, Helena.)*

III. Concepcões monotheistas *(Das sociedades superiores em que preponderam as ideias abstractas):*

a)	Obliteração dos themas mythicos:	***Fabula.***	O Principe, A Donzella, A Velha, O Thesouro, O Lobo, O Ogre.
	entre o povo.		
b)	Renovação pelas fórmas litterarias:	***Novellas e Lendas.***	
c)	Mythificação racional na comparação		
	por plausibilidade:	***Exemplos e Parabolas.***	

Quando começou o estudo dos contos, por Huet, Sylvestre de Sacy e Loiseleur des Longchamps, consideraram-se geralmente de proveniencia oriental. Benfey e Max Müller fixaram no *Pantchatantra* este vehiculo de transmissão para o Oriente e Occidente, e os contos foram considerados de origem árica. Chegados a este ponto, era pela unidade dos mythos áricos nos povos indo-europeus, gregos, romanos, celtas, teutonicos e slavos, que se explicava a similaridade dos contos populares entre as varias nações da Europa. Os contos foram considerados como a decadencia de *mythos*

que perderam o sentido religioso e systematicamente especulativo, tornando-se *lendas* persistentes na phantasia popular. Assim para interpretarem os Contos muitos philologos aproximam-os immediatamente dos mythos áricos, ou agrupam em serie todas as versões conhecidas do mesmo conto para por uma simplificação dos episodios accidentaes determinarem a lenda primitiva que póde mais facilmente relacionar-se com o mytho. São errados estes dois processos; existiram outras civilisações além da árica, que fizeram contos sem dependencia de mythos, e por isso aproximal-os dos mythos vedicos é forçal-os a analogias fortuitas; quando porém o mytho se dissolveu em lenda, foi por effeito de uma revolução moral, a ruina de um culto, e portanto o mesmo mytho dá logar a muitas lendas simultaneas, sem typo unitario. Pretender achar a lenda proveniente do mytho pela comparação de muitos contos do mesmo thema, é um trabalho infructifero que a nada conduz. O conto é uma mythificação da linguagem; nasce da palavra, do epitheto, da synonimia, da homonymia, como *Daphne*, a aurora e o loureiro, e *Byrsa*, a fortaleza e a pelle de boi, sobre que se formou a lenda da edificação de Carthago. Depois de ter percorrido toda a sua evolução quer com sentido religioso, historico ou moral, intuitos que influem nos accidentes dramaticos do seu thema e na particularidade ou universalidade da sua transmissão, o Conto ou se torna um molde sobre que se adaptam novos episodios, ou acaba pela simples *locução proverbial* d'onde partira. Citaremos alguns exemplos portuguezes; ainda hoje se diz *untar as mãos* como meio de conseguir mais

facilmente o que se pretende, mas ninguem se lembra do conto da Edade media d'onde esta locução deriva;[38] o anexim *A fé é que nos salva, e não o páo da barca*, ainda tem a fórma de conto na Italia;[39] o mesmo com *A fé do carvoeiro*.[40]

A passagem dos contos para a fórma litteraria foi na India devida á propaganda buddhica, cujas lendas moraes foram colligidas no *Pantchatantra*; na Grecia os Contos escreveram-se com intuito artistico, foram os *loci communes* das escolas dos rhetoricos,[41] attingindo rapidamente a perfeição em Apuleio, e em Roma em Petronio. O Catholicismo procurando combater o polytheismo no occidente, serviu-se do processo do buddhismo, deu fórma escripta aos Contos n'esses *Exemplos* dos prégadores medievaes, e nas lendas agiologicas como a de *Barlaam e Josaphat* tirada do *Lalita vistara*.[42] Accidentes historicos provocaram o encontro das fontes tradicionaes populares com as eruditas; taes foram as causas da decadencia do polytheismo entre os povos indo-europeus, que abraçando o Catholicismo nem por isso esqueceram os seus mythos nacionaes, acceitando ao mesmo tempo a lição moral prégada nos *Exemplos*.

A entrada dos Arabes na Europa, fez com qµe se vulgarisasse a traducção do *Pantchatantra*, traduzindo-se do arabe para grego por Simeo Seth, para latim por João de Capua, para castelhano com o titulo de *Calila e Dimna*, e na epoca da Renascença para italiano, francez, inglez.[43] Com

a primeira Renascença, em Boccacio, Sachetti, Gower e Chaucer, o Conto recebe a fórma litteraria que os humanistas cultivaram, já com o espirito sensual e sarcastico da epoca, já com o pedantismo moral que lhes fez esquecer a graça e ingenuidade popular; é incalculavel a somma de collecções de *Novellas* sobretudo nas grandes litteraturas romanicas, especialmente a italiana. Esta actividade não deixou de influir na revivescencia popular, e a necessidade de preencher um certo numero de contos de collecções artificiaes, como o *Decameron*, o *Pentameron* e *Heptameron*, obrigava a recorrer ás narrativas popnlares para supprirem na falta de invenção.[44] Ainda sob a fórma quasi que exclusivamente litteraria da *Novella*, é aonde os costumes antigos se acham mais pittorescamente esboçados. Os escriptores foram-se approximando conscientemente da tradição do povo, como Pérrault, mas d'ahi até possuirem essa *mão casta* para colher as flores da tradição, como o fez Grimm no começo d'este seculo, distava um espaço que só pôde ser transposto pela sciencia, com os seus variados recursos da philologia comparada, da mythographia, da ethnologia, que nos revelaram o criterio que torna intelligivel este antiquissimo documento humano.

1. ↑ No *Curso de Philosophia positiva*, t. v, p. 25, Augusto Comte caracterisa o Fetichismo: «pelo impulso livre e directo da nossa tendencia primitiva a conceber todos os corpos exteriores quaesquer, naturaes ou artificiaes, como animados de uma vida essencialmente analoga á nossa, com as simples

differenças mutuas de intensidade.» E mais adiante: «os primeiros ensaios de todas as bellas-artes sem exceptuarmos a poesia, remontam incontestavelmente até á *edade do fetichismo*.» (Ib., p. 51.)

2. ↑ *Avadanas*, t. I, p. 152. Trad. de Stanisláo Julian.
3. ↑ Ibidem, t. II, p. 41.
4. ↑ Ibidem, t. II, p. 138.
5. ↑ Ibidem, t. I, p. 185.
6. ↑ *Histoire générale des Langues semitiques*, pag. 129.
7. ↑ *Op. cit*., pag. 321.
8. ↑ *Prémières Civilisations*, t. I, p. 377.
9. ↑ Ibidem, p. 391.
10. ↑ Ibidem, p. 395.
11. ↑ Renan, *Hist. générale des langues sémitiques*, p. 281.
12. ↑ Husson, *La Chaine traditionalle*, p. 99.
13. ↑ *Ethnologie gauloise*, t. III, p. 47.
14. ↑ *Myth. zoologique*, t. I, p. 164 a 184.
15. ↑ Eschylo cita uma fabula lybica, dizendo: «Uma fabula lybica conta que um dia a aguia ferida contemplou as pennas da flecha que a ferira, e disse: — São as nossas proprias azas que prestam o instrumento da nossa perda. (Plutarcho, *De Musica*, XVII. Ap. Guizot, *Menandro*, p. 15). Menandro, para justificar a precocidade do seu talento, conta uma fabula da *Porca e dos bacorinhos* que nasciam sabendo praticar um certo numero de actos. (G. Guizot, *Menandre*, p. 7.)
16. ↑ Bergmann, *Les Getes*, p. 146.

17. ↑ Ibidem. p. 216.
18. ↑ Vide sobre esta lenda o estudo de Stanislao Prato *L'Uomo nella luna*, onde vem bastantes dados comparativos.
19. ↑ *Mythologi des Plantes*, t. II, pag. 36.
20. ↑ Além da *Fabula dos Membros e do Estomago*, e da *Matrona de Epheso*, communs á China e á Europa, temos, entre outras já citadas, a do *Joven Brahmane que suja o dedo* (*Avad.*, pag. 223), que se repete em Portugal, na Allemanha e na Escossia *(Contos populares portuguezes*, pag. VIII); a disputa dos dois demonios (*Avadanas*, II, pag. 8) analogo ao conto da cacheira, botas de sete leguas e toalha-meza. Dá-se egual similaridade com o romance da *Donzella que vae á guerra*.
21. ↑ *Petit Poucet*, p. 3 e 5.
22. ↑ Lenormant, *Prém. Civilisations*, t. I, p. 378.
23. ↑ Na minha *Hist. Universal*, t. II, p.55.
24. ↑ *Hist. gen. des Langues semitiques*, p. 125.
25. ↑ *La Chaine traditionelle*, p. 102.
26. ↑ *De ressurrect. carnis*, cap. XII.
27. ↑ *As Civilisações primitivas*, t. I, p. 391.
28. ↑ Ibidem, p. 389.
29. ↑ Idem, ibidem, p. 397.
30. ↑ Ibidem, p. 401.
31. ↑ Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 131.
32. ↑ Brucyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 184.
33. ↑ Brueyre, ibidem, p. 28.

34. ↑ Ibidem, p. 139.
35. ↑ Ibidem, p. 125.
36. ↑ *Violier des histoires romaines*, p. 205.
37. ↑ *La Civilisation primitive*, t. I, p. 481.
38. ↑ O Fabliau intitula-se *De la vieille que graissa la main du Chevalier (Rec. de Fabliaux*, p. 142). Acha-se tambem no *Democritus ridens*, p. 173; nos *Enfants sans Soucis*, p. 258; nas *Facecie, Motti et Burle* da Ludov, Domenichi, p. 284; e no *Moyen de Parvenir*, de B. de Verville.
39. ↑ Publicado por Bernoni, Veneza, 1875, ap. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. 1, p. 17. Este anexim portuguez é o resto de um conto, hoje totalmente esquecido em Portugal. Um conto popular veneziano narra como um individuo atacado de febre recebeu uma receita, que só ficaria curado se tomasse como remedio um pouco do páo da Cruz de Christo. O doente deu muito dinheiro ao da receita para lhe ir procurar a cruz, mas o astuto mesinheiro foi gastar o dinheiro onde quiz e trouxe um cavaco de uma barca velha, que fez ferver em uma panella, dando depois ao doente a beber um xarope. O doente ficou livre das febres, e d'ahi veiu o proverbio veneziano:

Siropo de barcazza

La freve descazza.

40. ↑ Este proverbio pertence ao seculo XV; nasceu de uma anedocta popular. Conta Estanisláo Osio que o grande polemista theologo Alonso Tostado perguntára por desenfado a um carvoeiro: — Em que crês? Respondeu-lhe o pobre homem: «No Crédo.» — E em que crês mais? «No que crê a santa madre Egreja.» — E em que crê a Egreja? «Crê no que eu creio.» O carvoeiro nunca foi tirado d'este circulo vicioso. Por isso no fim da sua vida, quando perguntavam a Tostado em que cria, respondia sempre: *Como o carvoeiro, como o carvoeiro*. E assim ficára a phrase em proverbio entre os theologos desde o seculo XV. No nosso livro *Adagiario nacional* (inedito) estudamos mais detidamente os proverbios e locuções populares derivados de Contos e mesmo de Fabulas classicas. Citaremos aqui: *Parirão os montes, nascerá um ratinho* (Jorge Ferreira, *Eufrosina*, p. 27); *Perolas orientaes aos porcos não as lanceis* (Sá de Miranda, Obr., p. 97); *Gralhas com pennas de pavão*; *Estão verdes* (allusiva á Fabula da Raposa e das uvas); *Trocar o certo pelo duvidoso* {allusiva ao cão e a pósta de carne); *Contar com o ovo ainda na gallinha*; *Mais vale magro no mato, que gordo no prato*; o *Conto das Trez Cidras do Amor* chegou á fórma aphoristica, como vêmos pelo refrem colligido por Santillana: «Fadas malas me ficieron negra, que yo blanca era.» Muitas facecias populares tambem se generalisaram na fórma proverbial, como: *Comei mangas*; *Gracias a mis manos, que voluntat de Dios visto avias*; *Quem não te*

conhecer que te compre, verá o burro (ou a prenda) que leva; a *Manta do Diabo* e *Pintar a manta*, etc.

41. ↑ Ott. Müller, *Hist. de la Litteratura grècque*, II, 522.
42. ↑ A Reforma, na Allemanha, tambem produziu o desenvolvimento escripto das Fabulas, como se vê pela oollecção de Burkhard Waldis, franciscano que esteve em Portugal por 1540; essa collecção, sub o titulu de *Esopus*, foi publicada em 1862 por Heinrich Kurz. Durante o seculo XVI (1548-1584) tivera seis edições.
43. ↑ Max Müller, formou o schema d'esta migração das Fabulas da India para a Europa.
44. ↑ No segundo volume d'esta collecção tratamos da Litteratura dos Contos populares.

Referências

1. A CARA DE BOI

Era um rei, que tinha trez filhos. Um dia disse:

— Pois, filhos, vão correr o mundo, e aquelle que trouxer a mulher mais formosa é que hade ficar com o reino.

Partiram todos; os dois mais velhos acharam logo duas raparigas muito formosas, com quem se casaram. Uma era filha de uma padeira e a outra de um ferreiro. O mais novo andou por muitas terras, sem encontrar mulher que lhe agradasse.

Indo um dia por um escampado, cheio de fadiga, desceu do cavallo e deitou-se a uma sombra. Deu-lhe então na vista uma casa muito alta sem porta nenhuma, e só lá bem alto é que tinha uma janella. Esteve ali muito tempo, até que viu vir uma velha, que chegou ao muro da casa, bateu na parede e disse:

Arcello, arcello,

Deita o teu cabello

Cá abaixo de repente,

Quero subir immediatamente.

Foi então que elle viu apparecer á janella uma trança de cabello tão comprida, que ficou espantado com a sua belleza. A velha pegou-se a ella como se fosse uma corda e subiu para dentro de casa. Pouco tempo depois a velha tornou a sahir, e o cavalleiro tendo desejo de vêr de quem seria a trança, chegou-se á parede, bateu, e repetiu as palavras:

Arcello, arcello,

Deita o teu cabello

Cá abaixo de repente,

Quero subir immediatamente.

A trança desceu pela janella abaixo, e o rapaz subiu. Ficou pasmado quando viu diante de si a cara mais linda do mundo. A menina deu um grande ai de afflicção:

— Vá-se embora, senhor, que póde vir minha mãe, e tem artes de lhe causar todos os males que ha.

— Não vou, sem a menina vir commigo, porque eu assim ganho o reino de meu pae. E se não quizer vir, boto-me d’esta janella abaixo.

Desceram ambos pela parede, e fugiram a toda a pressa no cavallo que estava folgado á sombra. Ainda não iam longe, quando ouviram uma voz:

— Pára, pára, filha cruel, não me deixes só no mundo.

E como a filha fosse sempre fugindo com o principe, a velha disse-lhe:

— Olha para traz ao menos, para receberes a bênção de tua mãe.

Assim que a menina se virou para traz, ella disse-lhe:

— Eu te fado, que essa cara linda que tens se torne em uma cara de boi.

Coitadinha, ficou logo com cara de boi.

Assim que o principe chegou á côrte pozeram-se todos a rir d'aquella figura horrenda, sem saber como elle se tinha apaixonado por cousa tão feia, que fazia fugir. O principe contou a sua desventura aos irmãos, mas quem é que se fiava? Estava quasi a chegar o dia em que os tres irmãos haviam de apresentar as suas mulheres diante de toda a côrte, para se assentar qual era a mais linda, e qual d'elles é que havia de ficar com o reino.

A rainha velha tinha muita pena do filho, e lembrou-se de fazer demorar a cerimonia, para vêr se a velha com o tempo

perdoava á menina e lhe restituia a sua formosura.

Disse a rainha, que queria que antes da cerimonia da côrte cada uma das suas tres noras lhe bordasse um lenço. A filha da padeira e a do ferreiro não sabiam bordar, e trataram de enganar a rainha, arranjando quem lhes fizesse os bordados; a que tinha cara de boi pôz-se a chorar, e tanto chorou que lhe appareceu a velha, e disse:

— Não te rales mais; no dia em que tiveres de entregar o lenço á rainha eu cá t'o virei trazer.

Chegou o dia, e a velha veiu entregar-lhe uma noz muito pequenina. A cara de boi foi leval-a á rainha, dizendo que ali estava o seu lenço. A rainha quebrou a noz e ficou pasmada com a mais fina cambraia, bordada com flôres e ramos e aves.

Chegou o dia de irem á côrte para serem apresentadas as tres noras do rei; a cara de boi pôz-se a chorar, a chorar, até que lhe appareceu a velha que era mãe d'ella:

— Não chores mais; trago-te aqui um vestido para a festa. – Desdobrou-o; era todo bordado de ouro e pedrarias; a filha vestiu-o, mas quando o vestido era lindo, tanto ella ficava mais horrenda. E pôz-se a chorar, a chorar cada vez mais.

Quando já todos tinham entrado para a sala, faltava só ella; a velha disse-lhe:

— Vae agora tu.

A filha obedeceu, mais ia muito triste por vêr-se tão medonha. Quando ia pelo corredor do palacio, a mãe disse-lhe cá de longe:

— Olha para traz. – E assim que a filha virou a cara, continuou: – Fica com a tua formosura. Mas não te esqueças de metteres nas mangas do vestido todos os bocadinhos de toucinho que puderes para me dar.

Então ella entrou na sala pelo braço do marido, e todos ficaram pasmados. A côrte toda confessou que ella é que era a mais linda, e d'ali foram todos para a mesa do banquete. Emquanto estiveram jantando a menina não fazia senão metter bocadinhos de toucinho nas mangas do vestido; as outras duas, que a viam fazer aquillo, trataram de fazer o mesmo pensando que era moda. Acabado o jantar, começaram as danças, e a rainha ao vêr o chão todo besuntado de gordura, e que a cada passo se escorregava em bocados de toucinho, perguntou quem é que fizera aquella porcaria. As damas disseram que o viram fazer á princeza herdeira, e por isso fizeram o mesmo. Começou cada uma a sacudir as mangas dos vestidos, e das mangas da menina começaram a cair aljofres e diamantes misturados com flôres; as outras envergonhadas botaram-se pelas janellas fóra, pelas escadas, corridas, e a que chamavam cara de boi é que veio a ser a rainha, porque o rei entregou a corôa ao filho.

(Algarve — Faro.)

Notas

1. **A cara de boi**. — A donzella é evidentemente o mytho da Aurora, como se comprova pelo estribilho *Arcello, Arcello*, em um romance popular do Algarve, intitulado *D. Carlos de Montalvor*, colligido pelo nosso amigo Reis Damaso, lê-se o verso: «Não permitta Deus *d'Arcello*» por Deus del celo. *(Encyclopedia republicana*, p. 204, Lisboa, 1882.) A velha, que torna feia a menina é a Noite, e o joven amante que a arrebata é o Sol. Consiglieri Pedroso diz-nos que tambem encontrou uma versão d'este conto. No Catalogo de Barrera y Leyrado, cita-se um Auto perdido de Gil Vicente, intitulado *A Donzella da Torre*, por ventura baseado sobre este thema mythico commum aos outros povos romanicos. Nos *XII Conti pamiglianesi*, illustrati da Vittorio Imbrianni, Napoli, 1877, acha-se este conto desenvolvido sob o titulo de *Persilette*, no qual a donzella fechada na torre, a madeixa que serve de escada e a fuga com o namorado são simples episodios. A tradição portugueza está mais pura na sua simplicidade, em quanto que o conto de Pomigliano é formado pela confusão de difierentes contos, como o da *Filha do rei Mouro* (n.º 6). O thema do filho de um rei que vae procurar uma mulher formosa, condição essencial para succeder no reino do pae, acha-se na novella monferrina *La bella d'l'isoule Fourtiunà*, publicada por Stanislao Prato (Como, 1882) com notas de

abundantissimos paradigmas. Nas *Quattro novelline populari Livornese*, do mesmo escriptor, a terceira *Il ré é sú tre figlioli*, ha tambem este mesmo thema, em que a encantada é uma rã que depois apparece n'uma mulher bonita. Pertence a um vastissimo cyclo novellesco commum a toda a Europa, o que coincide com o seu evidente sentido mythico. Da importante nota de Stanisláo Prato a este conto (p. 136 a 144), transcreveremos a indicação das principaes collecções em que ella se encontra: Imbriani, *La Novellaja fiorentina*, n.º 20, *I tre fratelli*; Pitré, *Fiabe e Novelle popolare siciliane*, n.º 46, *La limuruta*: Corazzini, *Componimenti*, n.º 18: *A ranaottola*; Comparetti, *Novelline popolare*, n.º 4 e 48, *La moglie trovata colla frombola*, e *Le scimmie*; Visentini, *Fiabe montovane*, n.º 48, *La rana*; Gianandrea, *Novelline e fiabe popolari Marchigiani*, n.º 4, *El fijo del re, che sposa 'na ranocchia*. Em Hespanha, no *Rondallayre ou quentos populars catalans* de Mapons y Labros: *La princesa encantada*. Em França, nos *Contes de Fées*, de M.me d'Aulnoy, *La chatte blanche*; e na revista *Melusina*, t. I, p. 64, *Les trois fils du roi, ou le bossu et ses deux frères*. Nos povos germanicos, slavos e scandinavos, este cyclo novellesco é extensissimo, como se infere dos estudos comparativos do Dr. Reinhold Köhler, o que mais profundamente tem investigado estes assumptos; elle encontrou paradigmas fundamentaes nas collecções de contos de Busching, Hylten-Cavallius, Grimm, Beauvois, Jonson, Kattan, Asbjörnsen, Töppen, Schwartz, Ey, Stephanovic, Radloff, Colshorn, Hahn, Zingerle, Benfey, Chavannes, Affanasieff, Böhmer, Peter e outros.

Nos *Portuguese folk-Tales*, collecção, de Consiglieri Pedroso, e traducção de Ralston, vem com o titulo *A filha da Feiticeira*, n.º IV, muito desenvolvido, e contendo no seu syncretismo, os n.ºs 1, 6, 17 e 32, que colligimos separadamente e em differentes logares. Ralston compara esta versão com o conto *The story of Sringabhuja and the Daughter of the Rákshasa*, que vem no VII livro do *Kathá Sarit Ságara* (vol. I, p. 355-367), traducção de Tawney. Na versão do Algarve cita-se uma noz dentro da qual cabe o lenço bordado para a rainha; Gubernatis, diz: «A noz que esconde a fazenda de que se faz o vestido do noivado para a esposa do principe solar, a Aurora, parece ser propriamente a lua. Por influencia d'ella a donzella perseguida escapa ao poder magico da mãe-bruxa e apresenta-se vestida com vestes esplendidas na festa do principe. O vestido luminoso, imagem do céo, é tão tenue, tão subtil, que pode desdobrar-se sem fim.» *(Myth. des Plantes*, t. I, p. 145.)

2. O VELHO QUERECAS

Eram tres irmãs, muito pobres, que viviam do seu trabalho aturado. N'aquella terra havia uma casa em que ninguem queria morar porque lá dentro ouviam-se de noite grandes gritos e terrores; as raparigas, para pouparem o aluguel, foram pedir para as deixarem morar n'aquella casa. A mais nova, como mais animosa, foi morar para o ultimo andar.

Uma noite, mal ella se tinha acabado de deitar, ouviu uma voz gritar:

— Eu caio!

— Pois cae! – respondeu-lhe a rapariga. De um buraco do tecto caiu uma perna. Depois soou de novo o mesmo grito:

— Eu caio!

— Pois cae! – repetiu a rapariga; e assim foram caindo os braços, o tronco, até que ella achou diante de si um homem já muito velho e calvo. O velho chegou-se proximo da rapariga, e perguntou-lhe:

— Não tens medo de mim?

— Não.

— Fazes muito bem; és a primeira e unica pessoa que resiste ao medo de me vêr. Em paga da tua coragem toma lá esta bolsa, e quando te vires n'alguma afflicção diz sempre: Valha-me aqui o velho Querecas.

O dinheiro da bolsa nunca se acabava, e as tres irmãs começaram a viver com largueza. No entretanto a mais nova começou a sentir que por mais que se fechasse no seu quarto parecia-lhe que sentia metter-se alguem na cama com ella. Lembrou-se se seria o velho Querecas, e teve uma certa repugnancia; mas para certificar-se, uma noite accendeu de repente a luz, e viu deitado ao pé d'ella um mancebo formoso, que estava adormecido. Estava tão embebida a olhar para elle, que lhe caiu um pingo de cera na cara. O mancebo acordou de repente, e disse:

— Ah! Desgraçada, o que fizeste; dobraste-me o encantamento, que estava quasi no fim! Agora não me tornas mais a ver.

A menina chorou muito, e ainda mais quando conheceu o estado em que se achava. Lembrou-se então do segundo dom, e disse:

— Valha-me aqui o velho Querecas.

— Aqui estou já, e bem sei porque me chamas. Ha só um modo de remediar o mal que a ti mesma fizeste. Toma lá estes tres novellos, e vae andando sempre, sempre até onde

elles se acabarem; onde quer que seja pede que te dêm ahi pousada do ár da noite.

A rapariga chorou por ter de deixar as irmãs, mas o que ella queria era quebrar o encantamento d'aquelle moço; foi andando, andando até ir dar ao fim de muito tempo a um palacio cercado de um rico jardim. Espreitou pelo buraco da chave, e viu lá dentro uma sala com muitas mulheres trabalhando em lindos vestidos de noivado, e fazendo as roupinhas de uma criança. Teve receio de bater áquella porta, e foi rodeando o palacio, até que encontrou o hortelão, a quem pediu pousada. O hortelão respondeu-lhe:

— Você sabe em casa de quem está para vir assim pedir pousada?

— O que sei é que já me não tenho de cançada; e é por uma esmola.

O hortelão teve dó da rapariga e deu-lhe um canto no palheiro; ella deitou-se mais morta que viva, e ali mesmo deu um menino á luz. Tudo aquillo se transformou n'um quarto muito aceiado e rico. Quando o hortelão veiu ao outro dia, ficou pasmado com o que viu. Foi dar logo parte á rainha, que tambem quiz certificar-se da maravilha.

Quando chegou ao lugar em que estava a menina deu um grito ao vêr a criança:

— Oh senhora! Quem é o pae d'este menino?

A rapariga ficou muito envergonhada por não poder logo dizel-o; no meio da sua confusão contou o caso do velho Querecas. Foi então que a rainha se lembrou:

— Esse menino é o retrato de meu filho, que me desappareceu, sem nunca mais saber d'elle nova má nem boa.

A rainha levou a rapariga para o palacio, tratou de lavar a criança, e quando a despiu achou-lhe nas costas um grande signal. Reparou, e viu que era um pequeno cadeado com uma chavinha. Quiz vêr se o abria, mas com receio disse á mãe que experimentasse a vêr se dava volta áquella chavinha. Logo que a mãe pegou na chave abriu o cadeado, e immediatamente se quebrou o encantamento do principe que deveu a sua liberdade ao animo d'aquella rapariga com quem casou logo.

(Algarve.)

Notas

2. **O velho Querecas**. — Áparte os episodios communs a muitos contos, é este uma das fórmas do mytho de Psyche. Gubernatis, na *Mythologie zoologique* (t. I, p. 437), traz uma variante d'este conto colligida em Fucecchio, na Toscana, em que o desencantamento do principe é devido á coragem da donzella. As circumstancias episodicas

divergem e pertencem a outro cyclo novellesco. Um conto colligido em Cosenza, na Calabria, por Greco, traz o episodio do ruido nocturno, do pingo de cêra que acorda o mancebo, e do novello que deve guiar a menina á busca do amante. (Gubernatis, *op. cit.*, t. II, p. 301, nota 2.) Estas uniões mysteriosas acham-se ainda com caracter mythico, no *Harivansa*, entre Urvasi e Pururavas, e no *Mahâbahratta*, entre Çantana e a nympha das aguas; na lenda grega de Psyche, Eros desapparece, quando acorda por causa do pingo de azeite que cahiu da lampada a cuja luz foi visto. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 183, cita contos pertencentes a este cyclo na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *Svenska Folk-Sagor och Afventyr*, traduzida por Thorpe, e na collecção norueguezа de Asbjörnsen e Moe, traduzida por George Webbe Dasent, apparece o episodio do pingo de cêra.

Sobre o evidente caracter mythico d'estas tradições, accrescenta Brueyre: «Em todas estas narrativas a felicidade dos amantes não é de longa duração, porque, apesar da fé jurada, a promessa é sempre violada, e aquelle dos amantes a quem o outro faltou á palavra, é forçado a desapparecer, apesar do ardente amor que o consomme. M. Cox demonstra que as lendas d'esta natureza são a *representação do mytho celeste do Sol seguindo a Aurora, ou reciprocamente*. Muitas vezes depois da violação da promessa e da separação dos amantes o mytho continúa.» (Op. cit., p. 184.) Em um artigo sobre a Historia do Japão, cita-se tambem a lenda analoga á de Psyche: «Uma parenta

do imperador era a esposa do Deus Omonomichi. Elle jámais apparecia aos olhos da princeza, pois não se encontrava com ella senão nas trevas. Uma noite ella lhe disse: — Ainda me não foi dado olhar para a tua face; rogo-te que fiques commigo até pela manhã, para eu ter a felicidade de te contemplar.

«Tanto lhe rogou, com tal ternura e taes carinhos, que o esposo cedeu e prometeu-lhe que ficava. Por fim, as primeiras claridades da Aurora entraram no aposento da impaciente princeza, mas qual foi o seu espanto quando ella descobriu, no leito, uma serpente enroscada! Soltou um grito de pavor, e a serpente transformou-se logo n'um joven formosissimo , que lhe disse com expressão de dolorosa melancholia: — Nunca mais, agora, hei-de poder estar comtigo. E desappareceu. Abatida por tristeza incuravel a esposa solitaria a foi pouco a pouco decahindo até fallecer de paixão.» (Do viajante portuguez Mesnier, *Actualidade*, n.º 241, do IX anno.) O despertar por meio de um raio de luz é frequente, como na *Bella Aurora* (Spoleto) e *La Bella Rosalinda dai capelli d'ori*, e na novella dinamarqueza de Grandtovig. (Stanisláo Prato. *Quattro novelline*, p. 156 e 157.) Sobre as origens mythicas indo-europeias d'este Conto, vide Gubernatis, *Piccola Enciclopedia indiana*, p. 175, em que discute a simultaneidade da representação da *Aurora e da Nuvem* que desapparecem quando o Sol se mostra. Este cyclo do *Amor e Psyche* foi estudado por F. Liebrecht, *Zur Volkskunde* (Amor und Psyche). Na versão do Algarve ha o episodio do corpo que cae aos pedaços,

para experimentar a coragem da menina; é commum a varios contos, e acha-se na lenda de Athenedoro (ap. Alexander ab Alexandro, lib. III, cap. 12), que o padre Manuel Consciencia traduziu na sua *Academia Universal de Erudição*, p. 545.

3. O SURRÃO

Era uma vez uma pobre viuva, que tinha só uma filha que nunca sahia da sua beira; outras raparigas da visinhança foram-lhe pedir, que na vespera de S. João deixasse ir a sua filha com ellas para se banharem no rio. A rapariga foi com o rancho; antes de se metterem no banho, disse-lhe uma amiga:

— Tira os teus brincos e põe-os em cima d'uma pedra, porque te podem cair na agua.

Assim fez; quando estavam a brincar na agua passou um velho, e vendo os brincos em cima de uma pedra, pegou n'elles e deitou-os para dentro do surrão.

A rapariga ficou muito afflicta quando viu aquillo, e correu atraz do velho que já ia longe. O velho disse-lhe que entregava os brincos, com tanto que ella os fosse buscar dentro ao surrão. A rapariga foi procurar os brincos, e o velho fechou o surrão, com ella dentro, botou-o ás costas e foi-se de vez. Quando as outras moças appareceram sem a sua companheira, a pobre viuva lamentou-se sem esperança de tornar a achar a filha. O velho , ao passar a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

— D’aqui em diante hasde-me ajudar a ganhar a vida; eu ando pelas ruas, a pedir, e quando disser:

Canta surrão,

Senão levas com o bordão…

tens de cantar por força. Toma tento.

Por toda a parte por onde o velho passava todos ficavam admirados d’aquella maravilha. Chegou a uma terra, aonde já chegára a noticia de um velho que fazia cantar um surrão, e muita gente o cercou para se certificar. O velho depois que viu que já estavam bastantes curiosos, levantou o pao e disse:

Canta surrão,

Senão levas com o bordão.

Ouviu-se então um canto que dizia:

Estou mettida n’este surrão,

Onde a vida perderei,

Por amor dos meus brinquinhos

Que eu na fonte deixei.

As auctoridades tiveram conhecimento d'aquelle caso, e trataram de vêr onde é que o velho pousava; foram ter com uma vendeira, que se prestou a deixar examinar o surrão quando o velho estivesse dormindo. Assim se fez; lá encontraram a pobre rapariga, muito triste e doente, que contou tudo, e então é que se soube do caso da viuva a quem tinham furtado a filha. A pequena saiu com as auctoridades, que mandaram encher o surrão de todas as porcarias, de sorte que quando o velho foi ao outro dia mostrar o surrão, este não cantou; deu-lhe com o bordão, e então derramou-se pelo chão toda aquella porcaria que o povo lhe obrigou a lamber, sendo d'ali levado para a cadeia, e a menina para casa de sua mãe.

(Algarve.)

Notas

3. **O surrão**. — A lenda christã de S.ta Margarida, engulida por um Dragão, representa a luz solar escondida pela noite. Pertence a este cyclo, como observa Tylor, a historia do *Petit Chaperon rouge*, em França e Inglaterra: «Na Allemanha as velhas conservam-no com toda a sua pureza. Segundo a sua narrativa, o lobo engole a encantadora criança, vestida com o seu brilhante manto de setim vermelho, e a sua avó; mas ellas sabem incolumes da barriga do animal que um caçador abriu emquanto elle

dormia. Acha-se um conto parecido na collecção de Grimm, em que se pode egualmente reconhecer o mytho do sol. Como no *Petit chaperon rouge*, abre-se a barriga do lobo e enche-se-lhe de pedras.» Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 390. Apparece em francez nos *Contes populaires lorrains* de Emm. Cosquin, *L'homme au pois*; e em Fernan Caballero, *El zurron que cantaba*. Sobre o caracter mythico d'este conto, applicamos o dito de Gubernatis:

«O sacco representa um importante papel na tradição do heroe escondido ou perseguido; este sacco é a Noite, ou a nuvem (o inverno), etc.» *Mythologie Zoologique*, t. I, p. 255 e seg. E em outra passagem, acrescenta : «Achamos aqui não somente a heroina que foge, mas a heroina que viaja; esta heroina é a Aurora…» (p. 259.) Nos romances populares portuguezes ha donzellas mettidas em esquifes de vidro ou deitadas ao mar em cofres. Nos costumes domesticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva em um sacco. O surrão é o sacco de couro das tradições indo-europêas e dos costumes juridicos da penalidade symbolica medieval.

4. A SAIA DE ESQUILHAS

Um homem rico tinha tres filhas, e costumava ir passar o verão com ellas para o campo; ao voltar para a côrte ficou a filha mais velha, que era muito esperta, encarregada de arranjar a bagagem. Depois de ter tudo arrumado e prompto para partir, foi ter com a caseira da quinta, que andava no arranjo da sua casa. Em cima de uma caixa estava uma roca com estopa, e a menina pegou n'ella para se entreter:

— Menina, não pegue n'essa roca; póde metter alguma púa pelas unhas, e olhe que faz grandes dôres.

A velha continuou a governar a sua casa, quando sentiu um grito; veiu vêr o que era. Era a menina que tinha cahido desmaiada, sem sentidos. Deu-lhe a cheirar alecrim, alfazema, mas ella não voltava a si. Apoquentada com aquella desgraça, escondeu a menina, e logo que anoiteceu foi deital-a na tapada real; pôz-lhe uma almofada para recostar a cabeça e cobriu-a com uma manta, fingindo que estava ali a dormir. Passado outro dia foi lá vêr se a menina teria dado accordo de si. Nada. Calou-se muito calada e voltou para sua casa.

O principe costumava sempre andar á caça, e n'um dia recolheu-se áquella tapada, porque lhe anoiteceu depressa; mas foi grande o seu espanto quando descobriu ali uma

menina muito formosa, a dormir, sosinha. Esteve primeiro a olhar para ella muito tempo; já se sentia apaixonado, e quiz acordal-a; ella estava córada e risonha, mas não se movia. O principe quiz acordal-a, porque bem conhecia que não estava morta, queria-lhe fallar. Foi tudo impossivel. Ali ficou junto d'ella, e todas as vezes que podia, fingia que ia para a caça, mas não fazia senão vir sentar-se para o pé da menina que elle já amava com loucura. Só o criado que o acompanhava é que sabia do segredo. O principe vinha á côrte de fugida só quando era preciso, e tornava para a tapada, onde guardava a menina adormecida, que ainda assim veiu a ter trez filhos.

As crianças foram crescendo, e cada vez se tornavam mais encantadoras; mas o principe tinha uma grande pena da mãe estar n'aquelle estado. Um dia andando um dos pequeninos a brincar em cima da cama, começou a pegar nas unhas da mãe, e por acaso, sem saber como, fez-lhe saltar da unha a púa que causára aquella doença. O principe, que estava ali, ficou maravilhado por vel-a mecher-se logo e começar a fallar e a beijar os filhos, como se tivesse voltado á vida. O principe contou-lhe tudo como se tinha passado até ali, e disse-lhe que os seus tres filhos se chamavam Cravo, Rosa e Jasmim. A rainha já andava desconfiada d'aquellas ausencias do filho, e tratava de vêr se descobria alguma cousa.

Uma occasião o principe teve de ir a uma grande feira, e perguntou á sua namorada se queria que lhe trouxesse de lá

alguma cousa; depois de muitas instancias sempre disse:

— Pois traze-me de lá uma saia de esquilhas.

Não havia lá isso, mas o principe mandou-a fazer de proposito; era uma saia cheia de guisos, que tintelintavam. A menina ficou muito contente com a lembrança. Mas a rainha que maquinava a sua vingança, e que pelo pagem que acompanhava o filho já sabia tudo, fez com que o príncipe se demorasse muitos dias na côrte. O filho com medo do genio ruim da rainha não dizia nada, mas andava cheio de saudades; foi de uma vez que ella lhe ouviu um suspiro:

— Ai de mim,

Cravo, Rosa e Jasmim.

Isto lhe confirmou a verdade; a rainha chamou o pagem e disse-lhe:

— Vae já, quando não mando-te matar, e traze-me aqui o menino Cravo. Diz lá á minha nora que é ordem do principe, que me contou tudo.

O pagem trouxe o menino; mas a velha rainha entregou-o á criada dizendo:

— Ensopa-me esse menino para o jantar.

Quando o filho estava jantando, e com fastio, porque andava muito triste, a mãe disse-lhe:

— Come, come, que teu é.

Passados dias a rainha deu ordem ao pagem para ir buscar a menina Rosa. Seguiram-se as mesmas cousas. Depois deu ordem para lhe trazer o menino Jasmim. O principe já andava doente, e a velha rainha, dizia-lhe sempre á meza:

— Come, come, que teu é.

Porfim não contente ainda d'esta vingança, mandou dizer á nora, que viesse á côrte, porque a queria casar com o seu filho. A menina que já andava morta de saudades, por se vêr sem os seus filhos, vestiu-se á pressa com a sua saia de esquilhas, e partiu para a côrte. A rainha estava á espera d'ella e assim que a viu, deixou-a entrar para um corredor, e lançou-lhe as unhas furiosa para a afogar. A menina luctou para vêr se lhe escapava, e quanto mais luctava, mais barulho fazia a saia de esquilhas.

O principe, que estava de cama, assim que ouviu aquelle som lembrou-se de sua mulher e levantou-se para ir vêr o que era. Viu a rainha querendo estrangular a nora. Chamou gente; e foi então que se soube das ordens que a rainha tinha dado para matarem os netos. O principe ainda ficou mais afflicto e começou a gritar:

— Ai de mim,

Cravo, Rosa e Jasmim!

Foi então que a criada da cosinha disse que não tinha cumprido as ordens da rainha, e que tinha escondido os meninos. A rainha foi condemnada, e o pagem sentenciado á morte, e a cosinheira em paga foi feita dama da nova rainha.

(Algarve.)

Notas

4. **A saia de esquilhas**. — O vestido com escamas de ouro com que a menina escapa á ferocidade da sogra é a Aurora depois que brilha vencendo a escuridade maligna ela Noite. É um typo geral d'este cyclo novellesco. No conto hindu intitulado *Sourya-Bai*, da collecção *Old Decan Days*, de M. Frere, a menina fica com um somno lethargico por causa de um espinho, e é lançada n'um poço por outra mulher que a vê amada por um principe. Sobre o caracter mythico d'este conto pode applicar-se a consideração de Husson sobre o citado conto hindu: «Temos n'esta narrativa o novo exemplo do mytho da mulher picada por um espinho ou por uma ponta aguda, e caindo em um somno lethargico de que é tirada por um principe amoroso. Um outro mytho se lhe sobrepõe, o de uma rival ou irmã ciosa, que personifica a hostilidade da escuridão contra a luz da primavera contra o inverno; e n'esta phase de desenvolvimento novas

peripecias se manifestam entre uma morte apparente e um regresso persistente á vida.» (*La chaine traditionelle*, p. 109.) Nos *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, o conto XXXV, *Os Sapatinhos encantados* versa sobre um somno lethargico com algumas relações no fim com o nosso.

5. AS TRES FADAS

Era uma vez uns casados que não tinham filhos, e viviam por isso muito descontentes. A mulher foi-se confessar ao Padre Santo Antonio, e contou-lhe o seu desgosto. O santo deu-lhe tres maçãs, para que as comesse em jejum. A mulher chegou a casa, pôz as trez maçãs sobre uma commoda, e foi arranjar o almoço. O marido vindo de fóra encontrou as tres maçãs e comeu-as.

Ao almoço a mulher contou o succedido na confissão, e o marido ficou todo assustado. A mulher foi outra vez fallar com o santo, que lhe disse:

— Pois os trabalhos por que tínhas de passar, o teu marido que os passe.

Chegado o tempo o homem começou a gritar, chamou-se pessoa entendida, e abriram-no para o alliviar. O homem desesperado mandou deitar a criança no monte. Uma aguia desceu do ár e levou a criança no bico e lá a creou com o leite que ia tirar ás vaccas que andavam pastando, e agasalhava-a com a roupa que pilhava pelos estendedouros. Fez-lhe uma casinha de palha, e ali se creou a pobre criança, que se tornou uma menina formosa.

Um dia passou por aquellas montanhas um principe que andava á caça; viu aquella menina tão linda, e perguntou-lhe se ella queria ir com elle. Respondeu que sim. Quando a

metteu na carruagem, acudiu a aguia para lh'a tirar, mas não podendo ainda lhe vasou um olho. A menina ficou com aquelle grande defeito, mas o principe não deixou de a amar. Levou-a comsigo, e escondeu-a no seu quarto no palacio. A rainha desconfiada de vêr o filho sempre fechado no seu quarto, quiz saber o que seria, e combinou uma grande caçada, que durava dias. Foram todos e por lá andaram, e a rainha pôde entrar no quarto do filho por uma porta que só ella sabia. Assim que entrou viu a menina:

— Ah! és tu, torta zarôlha, que tanto encantas o meu filho? Anda d'ahi vêr estes palacios e o jardim.

A menina foi com a rainha; assim que chegaram ao jardim, levou-a para o pé de um poço muito fundo, e deitou-a lá dentro. Quando veiu o filho da caça, foi logo ter com elle:

— Aquella torta zarôlha que tinhas fechada no teu quarto, assim que se lhe abriu a porta, botou a correr por ahi fóra, e ninguem foi capaz de a apanhar.

De noite passaram trez fadas pelo pé do poço e sentiram uns gemidos:

— Que será? que não será?

— São vozes de mulher.

Chegaram á borda do poço para escutarem melhor, e disse uma das fadas:

— Eu te fado que saias d’esse poço cá para fóra, e que sejas da maior perfeição do mundo.

— Pois eu te fado que tenhas uma tezourinha de prata, para cortares a lingua a quem te perguntar as cousas duas vezes.

— E eu te fado que tenhas um palacio defronte do palacio da rainha, que seja velho por fóra, mas por dentro chapeado de ouro e prata.

Ao outro dia, ficaram todos espantados no paço por verem um grande palacio antigo defronte, sem se lembrarem como e quando é que o ali edificaram. A rainha ainda ficou mais pasmada com aquillo, e mandou o seu velho camareiro saber o que era, e quem morava ali.

O camareiro entrou no velho palacio mas ficou assombrado com o que viu por dentro; appareceu-lhe uma menina muito ricamente vestida, a quem fez as perguntas de mandado da rainha. Ella respondeu:

Diga a sua magestade

Que minha mãe me desejou,

Que foi meu pae que me teve

E nas silvas me deitou;

Uma aguia me creou,

Na caça o principe me achou,

A rainha ao poço me deitou,

Mas tres fadas me fadaram,

Para aqui me trouxeram

E eu d’aqui me não vou.

O camareiro não ficou logo com o recado na cabeça, e pediu á menina para o repetir; e ella disse então:

— Desanda tezourinha.

Caiu-lhe a lingua n’um instante; o camareiro voltou para o palacio, e só podia dizer: ló-ló-ró, ló-ló-ró. A rainha mandou lá outro fidalgo, mas tambem lhe succedeu o mesmo. Por fim foi lá o principe, e quando ouviu aquelles versos que a menina dizia, veiu dar parte á rainha, que se quiz certificar com os seus olhos, e depois deu licença para o filho casar com ella.

(Algarve.)

Notas

5. **As tres fadas.** — No conto hindu de *Sonrya-Bai*, a menina tambem nasce de um fructo de manga, e tendo anteriormente sido roubada, depois que volta á sua casa desposa um principe. Sobre o rapto por uma aguia, diz Husson: «Os contos populares gregos mais ou menos conservados pelos poetas ou reproduzidos nos vasos pintados, fazem-nos conhecer muitas nymphas encantadoras, Thalia, Egina, Ganymeda, Asteria, egualmente arrebatadas por uma aguia divina.» Em uma versão popular de Abrantes, ha o estribilho:

Tesourinha, tesoureta,
Corta aquella lingueta.

6. A FILHA DO REI MOURO

Um rei mouro tinha duas filhas. A mais nova queria aprender a religião e andava ás escondidas com o camarista, que a ensinava. A mais velha vendo-a uma vez sair do quarto do camarista, disse-lhe:

— Deixa estar, mana, que o pae hade saber tudo.

— Ai menina! disse o camareiro, se o rei sabe que anda a aprender a resar commigo, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo; alevanta-te de madrugada, aparelha dois cavallos e vamos para a tua terra.

Assim fez; ella encheu tres saccos, um de cinza, outro de sal, e outro de carvão, e foram-se ambos por esse mundo fóra. Quando o rei soube da fugida, mandou a sua tropa para agarrarem o camarista e a filha, e que os matassem onde quer que os encontrassem. A cavallaria correu a toda a brida, e estava já quasi a pilhal-os, quando o camarista, olhando para traz, gritou:

— Ai menina, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E a menina despejou o saco de cinza e fez-se logo um nevoeiro tão cerrado, que a tropa não pôde dar mais um passo, e voltaram para traz a dizer ao rei:

Armou-se tamanho nevoeiro,

Que não viamos caminho nem carreiro.

O rei mandou-os avançar de novo, e que lhe trouxessem a princeza e o camarista presos.

— Ai menina, estamos perdidos! disse o camarista vendo a cavallaria quasi a alcançal-os.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco de sal, e fez-se logo ali um grande mar, que os soldados não poderam atravessar. Voltaram outra vez para traz e foram dizer ao rei:

Real senhor, achamos um grande mar

Que os cavallos não poderam passar.

O rei deu outra vez ordem de ir agarrar a filha e o camarista:

— Ai menina, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco do carvão, e logo se fez uma noite muito escura, com grandes trovoadas e relampagos. As tropas voltaram, e foram dizer ao rei:

Real senhor, fugimos em debandada

Com tantos raios e tamanha trovoada.

O camarista já estava perto da sua terra, e a princeza disse-lhe:

— Eu salvei-te da morte; mas agora em chegando á tua terra já te não lembras mais de mim.

Assim aconteceu. Ella com tristeza vestiu-se de viuva, e pôz uma estalagem para poder viver. O camarista convidou tres amigos, e disse-lhes :

— Havemos ir cada um por sua vez pernoitar áquella estalagem.

Foi o primeiro, e disse que desejava ficar ali aquella noite. A estalajadeira disse que sim. Elle ficou muito contente. Quando foi para o quarto, começou a despir-se e a vestir-se, a despir-se e a vestir-se e ficou n’isto até de manhã, em que

já estava muito cançado. Assim que foi dia a estalajadeira, que tinha visto tudo do andar de cima, disse-lhe que se pozesse no meio da rua, porque tinha estado a fazer zombaria da sua casa. Veiu o segundo, e tambem pediu para pernoitar; levou toda a noite a despir e a vestir a camisa, sem poder parar. Pela manhã tambem foi posto fóra com igual descompostura. Veiu o terceiro; pediu para pernoitar, e ella deu-lhe licença. Quando se ia deitar, disse que tinha muita sêde:

— Pois vá ao quintal, e tire agua d'aquelle poço.

Toda a noite o pobre do homem esteve dando á nora, e só quando foi de dia é que appareceu a estalajadeira, que o fez parar e o pôz fóra, dizendo que tinha vindo fazer zombaria da sua casa. Chegou o quarto amigo, e tambem pediu para pernoitar; ficou muito contente com a licença, porque os outros guardaram sempre o segredo do que lhes acontecera. Quando a estalajadeira estava deitada, disse:

— Ai que me esqueceu fechar a porta da rua.

— Vou eu fechal-a.

E toda a noite o hospede andou para cá e para lá a fechar a porta da rua, até que pela manhã estava estafado, e a estalajadeira o pôz fóra, por lhe querer quebrar a porta.

Os quatro amigos reuniram-se e contaram uns aos outros o succedido. Mas ainda assim o camarista, que era um d'elles,

não se lembrava nem por nada da amante que abandonara com tanta ingratidão. Como elle estivesse para casar na sua terra, segundo o costume, tinha de dar um jantar tres dias antes do casamento ás pessoas com quem visinhava. Foi tambem convidar a estalajadeira viuva. Ella foi ao jantar. Quando estavam todos á mesa, combinou-se que cada um contaria a sua historia:

— A senhora, apesar de estar com esse desgosto, hade tambem contar o seu conto.

A estalajadeira pediu que lhe apresentassem duas tijellas. Bateu com uma na outra, e appareceram um pombo e uma pomba. E disse a pomba :

— Não te lembras quando me ensinavas a resar ás escondidas de meu pae?

Disse o pombo:

— Lembro-me.

— E não te lembras quando minha irmã disse que ia contar tudo ao pae, e que disseste: Ai que estamos perdidos?

E assim foi perguntando, e o pombo respondendo a tudo o que se tinha passado com a filha do rei mouro. Só ao fim de muitas perguntas é que os convidados começaram a reparar em circumstancias que se tinham dado com os quatro amigos, e o camarista conheceu a sua ingratidão:

— Real senhora, eu é que sou esse esquecido; e já desfaço aqui este casamento, para receber quem por mim deixou pae e mãe e a sua terra.

(Extremadura e Algarve.)

Notas

6. **A filha do rei mouro**. — Ha uma outra versão intitulada *Grisme e Guiomar*, nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º XV. Porto, 1883. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. V, vem esta situação sem o maravilhoso da fuga dos dois amantes. No *Pentamerone*, de Basile, é Petusinella, que foge lançando successivamente tres nozes, que recebem varias transformações. Nos *Contos zulus*, de H. Callaway, ha o de uma rapariga perseguida pelos canibaes, que vae deixando cair atraz de si grãos de sésamo. O mesmo em um conto russo em que a Boba-Yaga corre atraz de uma rapariga. O mesmo episodio apparece no *Aprendiz do Mago*, n.º 11. O conto n.º 17, o *Cavallinho das sete côres*, é uma variante notavel, pelo episodio do esquecimento produzido pelo abraço em uma pessoa de casa. As transformações dos amantes que fogem, acham-se nos contos esthonianos, citados por Gubernatis, de Kreuzenwal. (*Myth. zoologique*, t. I, p. 180.) Vide nota 1, in fine, acerca do syncretismo do conto da *Filha da Feiticeira*.

7. AS FIANDEIRAS

Era uma mãe que tinha uma filha e só pensava em casal-a bem. Foi a casa de um mercador que vendia linho, e pediu-lhe para que lhe vendesse uma pedra de linho, porque a filha fiava tudo n'um dia. Trouxe o linho para casa e disse á filha:

— Tens de me fiar esta pedra de linho hoje mesmo, porque ámanhã vou buscar mais. Quando voltar a casa quero achar o linho todo fiado.

A pequena foi sentar-se á porta, a chorar, sem saber como obedecer á mãe. Passou uma velhinha:

— A menina o que tem, que está a chorar d'esse modo?

— O que hei-de ter! É minha mãe que quer á força que lhe fie n'um dia uma pedra de linho, e eu não sei fiar.

— Deixe a menina estar que eu lhe fio tudo se me prometter que no dia do seu casamento me hade chamar tres vezes tia.

A menina olhou para dentro de casa, e viu o linho remexido, e todo fiado. No dia seguinte a mãe foi á loja, gabou muito a habilidade da filha, e pediu outra pedra de linho para ella fiar. A pequena foi sentar-se á porta, a chorar, esperando que passasse a velhinha da vespera.

Passou uma outra:

— A menina o que tem, que está a chorar d’essa maneira?

A pequena contou-lhe as ordens que tinha recebido da mãe.

— Pois se a menina me promette que no dia do casamento me hade chamar tres vezes sua tia, o linho hade apparecer fiado.

A pequena prometteu que sim, e olhando para dentro de casa deu com o linho remexido e prompto.

A mãe foi buscar mais outra pedra de linho, e repetiu-se o mesmo caso; até que passou uma terceira velhinha que lhe fez tudo com a mesma promessa. O commerciante sabendo d’aquella habilidade quiz ver a rapariga, achou-a bonita e esperta e quiz casar com ella; a mãe ficou bem contente porque o noivo era muito rico. O commerciante mandou-lhe um grande presente, com muitas rocas e fusos, para que quando casassem, as suas criadas todas fiassem. No dia do casamento fez-se um grande jantar, e todos os seus amigos assistiram; quando estavam á mesa bateu á porta uma velhinha:

— Ai! é aqui que móra a noiva?

— Entre minha tia; sente-se aqui, minha tia; coma alguma cousa, minha tia.

Ficaram todos pasmados de verem uma velha tão corcovada com um nariz muito grande. Mas calaram-se. Instantes

depois, bateram á porta; era outra velhinha:

— É aqui que móra a noiva que se casou hoje?

— É, minha tia; entre, minha tia; jante comnosco, minha tia.

A velha sentou-se e todos ficaram pasmados do grande aleijão que ella tinha nos queixos. Mas continuaram a jantar. Bateram outra vez á porta; era outra velhinha, que fez a mesma pergunta.

— Ora entre, minha tia; cá a esperavamos, minha tia; hade jantar comnosco, minha tia.

Tambem não causou menos pasmo esta velha toda corcovada e com as costellas embicadas para fóra; mas d'esta vez os curiosos, principalmente o noivo, perguntaram porque tinham aquellas tias tamanhos aleijões.

Disse a primeira:

— Tenho assim o nariz, porque fiei muito, muito, e as arestas do linho pozeram-me assim.

— E eu, meu sobrinho, tenho assim os queixos, por que fiei muito, e fiquei assim por tanto riçar os tomentos.

— E eu, sobrinho, fiquei com estas corcovas por estar sempre para um canto com a roca á cinta.

O marido assim que ouviu aquillo, levantou-se e foi pegar nas rocas, fusos, sarilhos, dobadouras e tudo e atirou-os para a rua, e disse que na sua casa nunca mais se havia de fiar, porque não queria que lhe acontecessem á sua mulher taes desgraças.

(Algarve.)

Notas

7. **As fiandeiras.** — Nas *Fire Side Stories of Ireland*, de P. Kennedy, acha-se este conto, e traduzido por Brueyre com o titulo *A priguiçosa e suas tias*. (*Contes populaires de la Grande Bretagne*, n.º XXII, p. 159.) Entre as differentes fontes, cita a versão escosseza da collecção de Chambers, *Whooppity Storie* (*op. cit.*, p. 245, de Brueyre); ha uma lição franceza *Histoire du Ric Din-Don* de M.lle Lhéritier; ao *Pentamerone* de Basile, o conto italiano, e na *Novelline di Santo Stephano*, de Gubernatis, *La Comprata*. No *Norske Folke eventyr*, de Asbjörnen e Moe, *As tres Tias*; e na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *A Rapariga que não podia fiar ouro com lama e palha*, e *As tres corvinhas*. Jacob Grimm, nos seus *Kinder und Hause märchen*, n.º 14, traz As tres fiandeiras, traduzido nos *Contes choisies*, de Fred. Baudry, p. 128. Ha alguns vestigios em *Rumpelstilzchen*; na collecção de Bürching, *Volksagen, Märchen, und Legenden*, é o das *Tres Fiandeirinhas*. Ha

uma outra versão portugueza traduzida por G. Ralston nos *Portuguese folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XIX, com o titulo *As Tias*. Na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 212, Gubernatis traz um conto popular da Calabria, cujo maravilhoso versa sobre o poder de fiar concedido pelas fadas a uma mulher.

8. CRAVO, ROSA E JASMIM

Uma mulher tinha tres filhas; indo a mais velha passeiar a uma ribeira, viu dentro da agua um cravo, debruçou-se para apanhal-o, e ella desappareceu. No dia seguinte succedeu o mesmo a outra irmã, porque viu dentro da ribeira uma rosa. Por fim, a mais nova tambem desappareceu, por querer apanhar um jasmim. A mãe das trez raparigas ficou muito triste, e chorou, chorou, até que tendo um filho, este quando se achou grande, perguntou á mãe porque é que chorava tanto. A mãe contou-lhe como é que ficára sem as suas tres filhas.

— Pois dê-me minha mãe a sua benção, que eu vou por esse mundo em procura d'ellas.

Foi. No caminho encontrou trez rapazes em uma grande guerreia. Chegou ao pé d'elles… «Olá, que é isso?»

Um d'elles respondeu:

— Oh, senhor; meu pae tinha umas botas, um chapeu e uma chave, que nos deixou. As botas em a gente as calçando, e lhe diga: Botas, põe-me em qualquer banda, é que se apparece onde se quer; a chave abre todas as portas; e o chapeu em se pondo na cabeça, ninguem mais nos vê. O nosso irmão mais velho quer ficar com as tres cousas para si, e nós queremos que se repartam á sorte.

— Isso arranja-se bem, disse o rapaz querendo harmonisal-os. Eu atiro esta pedra para bem longe, e o que primeiro a apanhar é que hade ficar com as tres cousas.

Assentaram n'isso; e quando os tres irmãos corriam atraz da pedra, o rapaz calçou as botas, e disse:

— Botas, levem-me ao logar em que está minha irmã mais velha.

Achou-se logo n'uma montanha escarpada onde estava um grande castello, fechado com grossos cadeados. Metteu a chave e todas as portas se lhe abriram; andou por salas e corredores, até que deu com uma senhora linda e bem vestida que estava muito alegre, mas gritou com espanto:

— Senhor! como é que pôde entrar aqui?

O rapaz disse-lhe que era seu irmão, e contou-lhe como é que tinha podido chegar ali. Ella tambem lhe contou a sua felicidade, mas que o unico desgosto que tinha era não poder o seu marido quebrar o encanto em que andava, porque sempre lhe tinha ouvido dizer que só se desencantaria quando morresse um homem que tinha o condão de ser eterno.

Conversaram bastante, e por fim a senhora pediu-lhe para que se fosse embora, porque podia vir o marido e fazer-lhe mal. O irmão disse que não tivesse cuidado por que trazia comsigo um chapeu, que em o pondo na cabeça ninguem

mais o via. De repente abriu-se a porta, e appareceu um grande passaro, mas nada viu, porque o rapaz quando sentiu barulho pôz logo o chapeu. A senhora foi buscar uma grande bacia dourada, e o passaro metteu-se dentro transformando-se em um mancebo formoso. Em seguida olhou para a mulher, e exclamou:

— Aqui esteve gente! — Ella ainda negou, mas viu-se obrigada a confessar tudo.

— Pois se é teu irmão, para que o deixaste ir embora ? Não sabias que isso era motivo para eu o estimar? Se cá tornar, dize-lhe para ficar, que o quero conhecer.

O rapaz tirou o chapeu, e veiu comprimentar o cunhado, que o abraçou muito. Na despedida deu-lhe uma penna, dizendo:

— Quando te vires em alguma afflicção, se disseres: Valha-me aqui o Rei dos Passaros! hade-te sair tudo como quizeres.

Foi-se o rapaz embora, porque disse ás botas que o levassem onde estava sua irmã do meio. Aconteceram pouco mais ou menos as mesmas cousas; á despedida o cunhado deu-lhe uma escama:

— Quando te vires em alguma afflicção dize: Valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Até que chegou tambem a casa da sua irmã mais nova; achou-a em uma caverna escura, com grossas grades de ferro; foi ao som das lagrimas e soluços dar com ella muito magra, que assim que o viu, gritou:

— Quem quer que vós sois, tirae-me d'aqui para fóra.

Elle então deu-se a conhecer, e contou-lhe como achou as outras duas irmãs muito felizes, mas só com o desgosto de não poderem os seus maridos desencantar-se. A irmã mais nova contou-lhe como estava com um velho hediondo, um monstro que queria casar com ella por força, e que a tinha ali preza por não lhe querer fazer a vontade. Todos os dias o velho monstro vinha vel-a para lhe perguutar se já estaria resolvida a tomal-o como marido; e que ella se lembrasse que nunca mais tinha liberdade, porque elle era eterno.

Assim que o irmão ouviu isto lembrou-se do encantamento dos dois cunhados, e pensou em apanhar o segredo por que elle era eterno; aconselhou á irmã que fizesse a promessa de casar com o velho, se lhe dissesse o que é que o fazia eterno.

De repente o chão estremeceu todo, sentiu-se como um grande furacão, e entrou o velho, que chegou ao pé da menina e lhe perguntou:

— Ainda não estás resolvida a casar commigo? Tens de chorar todo o tempo que o mundo fôr mundo, porque eu sou

eterno, e quero casar comtigo.

— Pois casarei comtigo, disse ella, se me disseres o que é que faz que nunca morras?

O velho desatou ás gargalhadas:

— Ah, ah, ah! pensas que me poderias matar! Só se houvesse quem fosse ao fundo do mar buscar um caixão de ferro, que tem dentro uma pomba branca, que hade pôr um ovo, e depois trouxesse aqui esse ovo, e m'o quebrasse na testa.

E tornou a rir-se na certeza de que não havia ninguem que fosse ao fundo do mar, nem fosse capaz de achar onde estava o caixão, nem mesmo de o abrir, e tudo o mais que se sabe.

— Agora tens de casar commigo, porque já te descobri o meu segredo.

A menina pediu ainda uma demora de tres dias, e o velho foi-se embora muito contente. O irmão disse para ella, que tivesse esperança, que dentro em tres dias estaria livre. Calçou as botas e achou-se á borda do mar; pegou na escama que lhe deu o cunhado e disse:

— Valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Appareceu logo o cunhado, muito satisfeito; e assim que ouviu o acontecido mandou vir á sua presença todos os peixes; o ultimo que chegou foi uma sardinhinha, que se desculpou por se ter demorado porque embicou n'um caixão de ferro que está no fundo do mar. O rei dos peixes deu ordem aos maiores que fossem buscar o caixão ao fundo do mar. Trouxeram-n'o. O rapaz assim que o viu, disse á chave:

— Chave, abre-me este caixão.

O caixão abriu-se, mas apesar de todas as cautellas, fugiu-lhe de dentro uma pomba branca.

Disse então o rapaz, para a penna:

— Valha-me aqui o Rei dos Passaros.

Appareceu-lhe o cunhado, para saber o que elle queria, e assim que o soube mandou vir á sua presença todas as aves. Vieram todas e só faltava uma pomba, que veiu por ultimo desculpando-se, que lhe tinha chegado ao seu agulheiro uma antiga amiga que estava ha muitos annos preza, e que lhe tinha estado a arranjar alguma cousa de comer. O Rei dos Passaros disse que ensinasse ao rapaz onde é que era o ninho onde a pomba estava, e lá foram, e o rapaz apanhou o ovo que ella já tinha posto e disse ás botas que o levassem á caverna onde estava a irmã mais moça. Era já o terceiro dia, e o velho vinha pedir o cumprimento da palavra da menina;

ella, que já estava aconselhada pelo irmão, disse que se reclinasse no seu regaço; mal o apanhou deitado, com toda a certeza quebrou-lhe o ovo na testa, e o monstro dando um grande berro, morreu. Os outros dois cunhados quebraram ao mesmo tempo o encantamento, vieram ali ter, e foram com as suas mulheres, que ficaram princezas, visitar a sogra, que viu o seu choro tornado em alegria, na companhia da filha mais nova, que lhe trouxe todos os thesouros que o monstro tinha ajuntado na caverna.

(Algarve.)

Notas

8. **Cravo, Rosa e Jasmim.** — Apparecem outras versões d'este conto, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XVI; e nos Contos populares do Brazil, colligidos pelo Dr. Sylvio Romero, com o titulo *O Bicho Manjaléo*. (*Rev. Brazileira*, tomo VI, p. 120.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 81 e 119. Nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, o conto do *Punchkin* versa sobre este mesmo assumpto de um Mago que encanta todos, e cuja vida estava resguardada sendo impossivel descobrir esse talisman: é uma criança que livra sua mãe e sete tios, principes.

9. O MAGICO

Havia n’uma terra um homem entendido em artes magicas, que nunca queria tomar criado que soubesse lêr para lhe não apanhar o segredo dos seus livros. Foi um moço offerecer-se dizendo que não sabia lêr, e assim ficou-o servindo, e leu todos os livros da livraria do magico, e quando já podia competir com elle, fugiu com todos os livros. Um dia o discipulo achou-se mestre e quiz viver das suas artes; disse a um criado que fosse á feira vender um lindo cavallo que devia de estar na estrebaria, disse-lhe o preço, e ordenou-lhe que assim que o vendesse lhe tirasse logo o freio. Á hora da feira o criado foi á estrebaria e lá achou um lindo cavallo e partiu com elle para o mercado. Estava na feira o Magico que tinha sido roubado, e conheceu logo debaixo da fórma do cavallo o seu antigo discipulo; foi ajustar o preço, pagou a quantia tão depressa, que o criado se esqueceu de tirar o freio ao cavallo. Quando o quiz fazer já não foi possível, por que o Magico disse que o contracto estava fechado desde que lhe entregara o dinheiro. O magico levou o cavallo para casa, muito contente por se poder vingar á vontade do seu inimigo que lhe tinha roubado toda a sua sabedoria. De uma vez disse ao criado que fosse á ribeira levar o cavallo a beber, mas que não lhe tirasse o freio. O cavallo andava muito triste, cheirava a agua mas não bebia; o criado lembrou-se de lhe tirar o freio, pensando que elle assim beberia. De repente o cavallo transforma-se n’uma rã, e sóme-se pela agua. O Magico que estava á janella de sua casa viu aquillo, e transformou-se em um sapo, para ir

apanhar a rã. O discípulo, que sabia a sorte que o esperava se tornasse a cair em poder do mestre, transformou-se em uma pomba, e voou, voou por esses áres; o magico transformou-se em um milhafre, e correu atraz da pomba para tragal-a. Já ia muito cansada a pomba, e quasi que estava para ser agarrada, quando viu uma princeza que estava em um terraço, e foi-lhe cair no collo, transformando-se em um annel de grande preço. A princeza pasmada com o que viu, e com a lindeza da joia, metteu-a no dedo; o Magico, viu que nada podia fazer, e como ainda estava na fórma de milhafre entra pelo quarto do rei dentro e bota-lhe um cabello no copo de leite que elle estava para beber. O rei, já se sabe, teve uma grande doença, foram chamados todos os medicos, mas nenhum era capaz de o curar; o Magico appareceu sob a figura de medico e prometteu dar saude ao rei, mas só se lhe desse o annel que a princeza trazia no dedo. O rei disse que sim; então o annel transformou-se em um lindo rapaz e pediu á princeza que quando o rei lhe mandasse entregar o annel ao Magico, que lh'o não desse na mão, mas que o atirasse ao chão, para elle o levantar. O rei passados dias ficou bom, e assim que o Medico veiu á côrte, pediu o annel; o rei chamou a filha e disse que lhe entregasse o annel. A princeza mostrou-se triste mas obedeceu; tirou o annel e deitou-o ao chão, como se estivesse zangada. O annel transformou-se em uma romã que toda se esbagoou pela sala; mas o magico mudou-se em gallinha, e n'um instante foi engolindo todos os grãos. Ficou um unico grãosinho de traz de uma porta, e esse transformou-se n'uma raposa, que se atirou á gallinha e a

comeu n'um instante. A princeza ficou muito pasmada com aquillo, e pediu á raposa que se tornasse em principe que casaria com elle. E elle assim fez e foram muito felizes.

(Algarve.)

Notas

9, 10 e 11. **O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago**. — Versões nos *Contos Populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Noveline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piaccevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fábula 5.ª, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253, e Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XV, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante sob o n.º VIII, com o titulo *O passaro preto*.

10. O MESTRE DAS ARTES

Havia um pae, que tinha tres filhos, e emquanto dois d'elles andavam a trabalhar nos campos, o mais moço começou a aprender todas as artes e industrias. Disseram os irmãos ao pae:

— Nós trabalhamos até aqui para meu pae poder viver, e o nosso irmão mais novo sem fazer nada; agora d'aqui em diante elle deve puxar pelo que aprendeu.

O filho mais novo pediu ao pae que lhe desse um açaimo de cão de caça, e disse-lhe:

— Vou-me tornar em cão de caça; meu pae hade trazer uma correia e um pau para virem cheios de coelhos, e hade passar pela porta do mercador, que se dá por grande chibante de caça.

O pae pôz o açaimo ao rapaz que se tinha tornado em cão, e foi com elle para a caça. Apanhou muitos coelhos, trazia-os dependurados no pau e o cão atraz d'elle. O mercador quando o viu passar pela porta perguntou:

— Oh homem! só com esse cão apanhaste tanta caça?

— Sim senhor.

— Hasde-me vender o cão.

— Só se o senhor me der cem mil reis.

— Pois sim; está vendido o cão.

Contou o dinheiro; lá ficou o cão e o homem foi-se embora. Vae o mercador caçar com o seu cão por uns cerrados; correndo atraz de um coelho, o cão metteu-se por um vallado de silvas, e foi sair por outra banda; tirou com as unhas o açaimo, e ficou outra vez gente. O mercador fartou-se de chamar e de esperar pelo cão. O rapaz veiu passar pelo pé d'elle, que lhe perguntou:

— Viu você por ahi um cão de caça?

— Não vi, mas senti mecher no vallado que é muito fundo; talvez seja o bicho, que não póde de lá sair.

O certo foi que o mercador perdeu o cão e o dinheiro, e foi-se embora sem nada. O rapaz disse ao pae:

— Agora hade-me comprar um freio para eu me tornar em cavallo.

O pae assim fez; correu com o cavallo todas as ruas. O Mestre das Artes de Paris, que o tinha tido em casa logo conheceu o cavallo e fez com que o homem lh'o vendesse por todo o preço. Não olhou a dinheiro, e tomou conta do cavallo, e metteu-o na cavalheiriça sem lhe tirar o freio, a ponto de elle não poder comer nada.

O Mestre das Artes tinha tres filhas e recommendou-lhes que não fossem á cavalheiriça. Logo que o pae saiu ellas disseram umas para as outras:

— Vamos vêr o que tem a cavalheiriça.

Foram e viram um cavallo lindo, muito bem feito, e viram que elle não podia comer nada.

— Coitadinho! tira-se-lhe o freio a ver se come.

Tiraram-lhe o freio, e assim que elle disse: — Ai de mim, passaro! — vôa logo pela janella fóra. Encontrou o Mestre das Artes no caminho, que o conheceu e disse: — Ai de mim milhafre! — que era para matar o passaro.

Ficou elle muito alcançado de vêr o milhafre atraz de si, e disse:

— Ai de mim annel! — E caiu nas ondas do mar, e uma garoupa enguliu-o. A garoupa foi ter a outro paiz; um pescador pescou-a e foi vendel-a a palacio. A princeza foi vêr concertar o peixe; viu no buxo um annel. A criada lavou o annel e deu-o á princeza; ella estimava o annel mais que todas as outras joias que tinha. A princeza ao deitar-se tirava o annel e punha-o sobre uma banca. O annel de noite, tornava-se em homem, e punha-se a conversar com a princeza, que cheia de medo chamava o rei seu pae. N’este ponto o homem tornava-se formiga, e o rei vinha e não via

nada. Succedeu isto tres noites; na ultima elle disse á princeza:

— Eu sou a prenda que trazeis no dedo; tenho de dizer a sua alteza, que o rei seu pae está muito doente; os medicos não lhe dão cura. Só o Mestre das Artes de Paris é que lhe dará cura; mas elle não hade querer dinheiro, nem prenda, nem joia nenhuma. Só hade pedir ao rei o annel que traz a princeza; não lh'o dê vossa alteza na mão, mas deixe-o cair ao chão.

Ella fez como o rapaz lhe tinha pedido. Soube-se da doença do rei, até que foi chamado o Mestre das Artes, que teimava em querer o annel. A princeza zangada da teima, atirou com o annel ao chão. O annel disse: — Ai de mim, painço!

E derramou-se em painço pelo chão. O Mestre das Artes tornou-se em gallinha para apanhal-o, e o rapaz tornou-se em comadrinha *(doninha)*, pegou ás dentadas na gallinha e matou-a.

Mal acabou, tornou-se em homem e explicou tudo ao rei, e como elle é que tinha ensinado a cura do rei casou-o com a princeza e foram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

9, 10 e 11. **O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago**. — Versões nos *Contos Populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Noveline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piaccevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fábula 5.ª, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253, e Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XV, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante sob o n.º VIII, com o titulo *O passaro preto*.

11. O APRENDIZ DO MAGO

Um homem de grandes artes tinha na sua companhia um sobrinho, que lhe guardava a casa quando elle sahia. De uma vez deu-lhe duas chaves, e disse:

— Estas chaves são d'aquellas duas portas; não m'as abras por cousa nenhuma do mundo, senão morres.

O rapaz assim que se viu só, não se lembrou mais da ameaça e abriu uma das portas. Apenas viu um campo escuro e um lobo que vinha correndo para arremetter com elle. Fechou a porta a toda a pressa, passado de medo. D'ahi a pouco chegou o Mago:

— Desgraçado! para que me abriste aquella porta, tendo-te avisado que perderias a vida?

O rapaz taes choros fez que o Mago lhe perdoou. De outra vez sahiu o tio, e fez-lhe a mesma recommendação. Não ia muito longe, quando o sobrinho deu volta á chave da outra porta, e apenas viu uma campina com um cavallo branco a pastar. N'isto lembrou-se da ameaça do tio, e já o sentiu subir pela escada, e começou a gritar.

— Ai que agora é que estou perdido!

O cavallo branco fallou-lhe:

— Apanha d’esse chão um ramo, uma pedra e um punhado de areia, e monta já quanto antes em mim.

Palavras não eram ditas, o Mago abria a porta da casa; o rapaz salta para cima do cavallo branco e grita:

— Foge, que ahi chega meu tio para me matar.

O cavallo branco correu pelos áres fóra, mas ia já muito longe, e o rapaz torna a gritar:

— Corre, que meu tio já me apanha para me matar.

O cavallo branco correu mais, e quando o Mago estava quasi a apanhal-os, disse para o rapaz:

— Deita fóra o ramo.

Fez-se logo ali uma floresta muito fechada, e emquanto o Mago abria caminho por ella, pozeram-se muito longe. Mas o rapaz tornou outra vez a gritar:

— Corre, que já ahi está meu tio que me vae matar.

Disse o cavallo branco:

— Bota fóra a pedra.

Logo ali se levantou uma grande serra cheia de penedias, que o Mago teve de subir, emquanto elles avançavam caminho. Mais adiante grita mais o rapaz:

— Corre, que meu tio agarra-nos.

— Pois atira ao vento o punhado de areia, disse-lhe o cavallo branco.

Appareceu logo ali um mar sem fim, que o Mago não pôde atravessar. Foram dar a uma terra onde se estavam fazendo muitos prantos. O cavallo branco ali largou o rapaz, e disse-lhe que quando se visse em grandes trabalhos que chamasse por elle, mas que nunca dissesse como viera ter ali. O rapaz foi andando e perguntou porque eram aquelles grandes prantos.

— É porque a filha do rei foi roubada por um gigante, que vive em uma ilha onde ninguem póde chegar.

— Pois eu era capaz de ir lá.

Foram dizel-o ao rei, e o rei obrigou-o com pena de morte a cumprir o que dissera. O rapaz valeu-se do cavallo branco, e conseguiu ir á ilha e trazer de lá a princeza, porque apanhou o gigante dormindo.

A princeza assim que chegou ao palacio não parava de chorar. Perguntou-lhe o rei:

— Porque choras tanto, minha filha?

— Choro, porque perdi o meu annel que me tinha dado a fada minha madrinha, e emquanto o não tornar a achar, estou sujeita a ser roubada outra vez ou ficar para sempre encantada.

O rei mandou lançar um pregão em como dava a mão da princeza a quem achasse o annel que ella tinha perdido. O rapaz chamou o cavallo branco, que lhe trouxe do fundo do mar o annel, e o rei não lhe queria já dar a mão da princeza. Mas ella é que disse que casaria com elle para que se dissesse sempre — que palavra de rei não torna atraz.

(Eixo — Districto de Aveiro.)

Notas

9, 10 e 11. **O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago**. — Versões nos *Contos Populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Noveline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piaccevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fábula 5.ª, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253, e Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XV, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante sob o n.º VIII, com o titulo *O passaro preto*.

12. A BIXA DE SETE CABEÇAS

Era uma vez um filho de um rei que era muito amigo do filho de um sapateiro; brincavam sempre juntos, e o principe não tinha vergonha de acompanhar com o filho do sapateiro por toda a parte. O rei não estava contente com aquella confiança, e disse ao sapateiro para mandar o filho para muito longe, dando-lhe muito dinheiro. O rapaz foi-se embora, mas o principe assim que soube d'isto fugiu do palacio e foi por esse mundo além á procura do amigo. Encontrou-o passado algum tempo, abraçaram-se e foram ambos de jornada. Indo mais para diante, encontraram uma formosa menina amarrada a urna arvore. O principe assim que a viu ficou logo muito apaixonado, e perguntou-lhe quem é que a tinha deixado ali. Ella respondeu que não podia dizer nada, mas só pedia que a salvassem. O principe conheceu que ella era de sangue real, e pensou em casar com ella. Pôl-a na garupa do seu cavallo e foram caminhando todos trez. Pernoitaram n'aquella noite em um bosque onde estavam trez cruzes; o principe e a donzella adormeceram, mas o filho do sapateiro deixou-se ficar acordado para o que desse e viesse. Lá por essa noite adiante viu vir tres pombas e pousarem cada uma na sua cruz.

A primeira pomba disse: — O principe cuida que hade casar com a donzella, mas em ella passando ao pé d'um laranjal hade pedir uma laranja, e em a comendo hade arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar

Em pedra marmore hade-se tornar.

A segunda pomba disse: — Ainda não é só isso; ella hade passar por pé de uma fonte e hade querer beber agua, e logo que a beba hade arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar

Em pedra marmore hade-se tornar.

A terceira pomba disse: — Ainda não é só isso; se ella escapar de tudo, assim que chegar a casa, na noite de noivado hade vir uma bixa de sete cabeças que hade matal-a.

E quem isto ouvir e não se calar

Em pedra marmore hade-se tornar.

Ouviu o filho do sapateiro isto tudo, e quando amanheceu disse ao principe que era melhor voltarem para o reino, porque o rei devia de estar muito amargurado, e que lhe daria o perdão e licença para casar com a donzella, que era de sangue real. O principe deu pelo que disse o filho do sapateiro e metteram-se a caminho. Passaram por um laranjal, e aconteceu o que a pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que aquellas laranjas não se vendiam, e foram andando. Passaram por uma fonte, a menina quiz beber, como a outra pomba tinha dito, mas o filho do sapateiro disse que não havia com que tirar a agua. Até que chegaram ao palacio; o rei ficou muito alegre quando viu o filho, perdoou-lhe, e sabendo que o conselho do filho do sapateiro é que o fizera voltar para casa, deu-lhe licença para viver no palacio em companhia do seu amigo. O principe pediu licença ao pae para casar com a menina que tinha salvado, porque ella era de sangue real; o pae disse que só dava licença ao fim de seis mezes depois de a conhecer melhor e vêr as suas qualidades. O certo é que o principe casou com ella, e perguntou ao filho do sapateiro o que é que queria de dom no dia do casamento. Elle disse

que só queria uma cousa, e era dormir na noite do noivado no mesmo quarto. Lá lhe custou isto, mas o principe sempre consentiu. O amigo deitou-se á porta do quarto, com uma espada escondida, e quando os noivos estavam dormindo sentiu entrar pelo quarto dentro uma grande bicha de sete cabeças. Como elle já esperava isto, descarregou um golpe certeiro e matou o monstro, mas sempre uma gota de sangue espirrou e foi bater na cara da princeza que estava adormecida. O filho do sapateiro tratou de limpar o sangue que estava pelo chão, e como visse a gota de sangue na cara da princeza foi-lh'o limpar com a ponta de uma toalha molhada. A princeza acordou com aquella friagem, e gritou sobresaltada para o marido:

— Vinga-me do teu melhor amigo, que me deu um beijo.

O principe levanta-se furioso para matar o amigo que elle julgava traidor; mas elle pede-lhe que demore o seu rigor, para contar a toda a côrte o caso acontecido. Ajuntou-se toda a gente do palacio; o rapaz começou a relatar tudo, e ia-se tornando pouco a pouco em pedra marmore. Ficaram todos com muita pena de ser tão mal paga aquella fidelidade, e o principe resolveu collocar a estatua de marmore, que fôra o seu maior amigo, no jardim do palacio. O principe costumava levar os filhos a brincarem no jardim, e sentava-se ao pé da estatua chorando com pesar, e dizia:

— Quem me dera o meu amigo outra vez vivo.

— Pois se queres o teu amigo outra vez vivo (disse-lhe uma voz) mata esses teus filhos, e unta esta pedra com sangue innocente.

O principe hesitou, mas cheio de confiança no poder da amisade, degolou os meninos, e a estatua mecheu-se logo e appareceu ali o amigo outra vez vivo. Abraçaram-se muito, e quando o principe se voltou para o logar onde estavam os filhos achou-os muito alegres a brincarem, tendo apenas em volta do pescoço uma fitinha vermelha. Nunca mais se separaram, e d'ali em diante viveram todos muito felizes.

(Algarve.)

Notas

12. **A bicha de sete cabeças**. — Uma versão de Coimbra vem publicada sob o titulo de Pedro e Pedrito, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LI, com o estribilho:

> Quem isto ouvir e contar
> Em pedra se ha-de tornar.

Nos *Portuguese folk-tales*, colligidos pelo nosso collega Consiglieri Pedroso e traduzidos pelo eminente mythographo Ralston, vem sob o n.º VI com o titulo *Pedro and the Prince* com algum desenvolvimento. Nos Contos dos irmãos Grimm, n.º 22, *O fiel João*, e trad. de Fred.

Baudry, p. 27, pertence a este cyclo do creado ou do amigo que se sacrifica. Ralston, na introducção aos contos portuguezes, cita este paradigma, bem como o n.º 5 da collecção de Miss Frere, *Old Deccan Days*, intitulado *Rama and Luxaran*, e a situação geral em um conto indiano na traducção do *Kathá Sarit Ságara* por Tawney, vol. I, p. 253. Muitos contos têm evidentemente uma origem indiana; mas não é esta a unica fonte.

13. O CONDE-SOLDADINHO

Junto do palacio do rei morava um pobre soldado; no dia e hora em que nasceu um filho ao rei, tambem a mulher do soldado teve um filho. Aconteceu serem muito amigos um do outro, e o rei como era justiceiro e de bom coração deixou que o soldado e a mulher viessem viver para o palacio, para as duas crianças brincarem juntas. Chamavam todos no palacio ao rapaz o Conde-Soldadinho; elle acompanhava o principe a todas as festas e caçadas.

Uma vez andava o principe á caça, e achou-se ardendo em sêde. O Conde-Soldadinho foi-lhe arranjar agua; d'ahi a pedaço veiu com um lindo jarro cheio de agua fresca.

— Quem é que te deu um jarro tão bonito?

— Foi n'uma pobre cabana; e que faria se o principe visse a mãosinha que m'o deu!

Foram ambos levar o jarro á cabana, e o principe ficou logo apaixonado por uma rapariga muito linda que ali morava. Tomou amores com ella, ia vel-a em segredo, até que prometteu casamento para obter tudo o que queria. Temendo que o rei soubesse d'aquelles amores, nunca mais voltou á cabaninha, mas andava muito triste com saudades.

A rapariga, que não sabia que o namorado era o principe, veiu á côrte deitar-se aos pés do rei para lhe valer:

Suppondo servo de Deus

Na terra fazeis de rei

E que sempre sem suspeita

Fazeis justiça direita;

Pois alto rei sabei

Que a mim um cavalleiro

Com um amor verdadeiro

Protestou ser meu marido,

E entrou no meu aposento

Conseguiu o seu intento;

E eu como humilde criada

Batida e infamada

N’este campo de mudança

Peço aos vossos pés vingança.

O rei disse:

Levantae-vos nobre dama,

Cobrarás credito e fama,

Que será bem castigado

O que vos tem deshonrado.

E mandou chamar o principe, que estava passeando no jardim para vir á sua presença; o principe veiu suspirando:

A ella trago no pensamento,

Por ella estou n’um tormento.

O Conde-Soldadinho, que o acompanhava disse: — Pois por uma pobre pastora suspiraes!

— Calae-vos, meu amigo; que tambem eras soldado, e meu pae vos fez conde sem o teres merecido.

Quando chegou á presença do rei contou-lhe tudo, e o rei deu-lhe ordem para casar com a pastora.

(Algarve.)

Notas

13. **O Conde soldadinho.** — Pertence ao cyclo do amigo que se sacrifica; não ha aqui a morte, mas a sua importancia provém da parte metrificada, que revela a dissolução de uma obra dramatica.

14. A SARDINHINHA

Uma mulher tinha trez filhas; foi com duas para o trabalho, e ficou em casa a mais nova para tratar da comida. Comprou dez reis de sardinhas, e foi assal-as na grêlha. Quando estavam nas brazas, saltou uma das sardinhas para o chão; a rapariga pegou n'ella e tornou a pol-a na grêlha. D'ahi a pouco tornou a dar um salto, e tambem um gemido. A rapariga meio assustada foi levantar a sardinha do chão, e ella disse-lhe:

— Não me mates! Pega em mim e leva-me á borda do mar, e segue pelo caminho que se te deparar.

A rapariga foi, e assim que deitou a sardinhinha ao mar, formou-se logo uma estrada muito larga; ella seguiu por esse caminho a dentro e foi dar a um grande palacio, onde estavam muitas mezas póstas. Ella correu todas as salas, viu muitas joias, muitas riquezas, mas o mar tinha-se tornado a fechar, e já não pôde tornar para traz. Deixou-se ficar ali, e dormiu em uma cama muito rica e muito fôfa que achou. Para se entreter despia-se e vestia-se com vestidos riquissimos que lá se guardavam.

Todos os dias lhe apparecia um homem em figura de preto, que lhe perguntava se ella estava contente.

— Eu contente? o que me faz pena é lembrar-me que minha mãe e minhas irmãs estão trabalhando todo o dia para poderem comer qualquer cousa, e eu aqui.

— Pois bem, disse-lhe o preto, leva o dinheiro que quizeres, vae vêr tua mãe e tuas irmãs, mas não te demores lá mais do que tres dias.

E tornou-se a abrir a estrada no mar. A rapariga chegou a casa, contou tudo, a mãe ficou muito contente com o dinheiro, e as irmãs fizeram-lhe mil perguntas do que havia no palacio, e se não tinha medo de ficar de noite sosinha? Ella disse que tinha o somno muito pesado. As irmãs disseram:

— É porque te botam coisa no vinho, que te faz dormir; finge que bebes, mas deita o vinho fóra, para sentires o que se passa de noite no palacio.

Acabado os tres dias ella voltou pela estrada aberta no mar, entrou no palacio; comeu, ceiou, e fingiu que bebia. Quando se deitou já não teve o somno tão pesado, e sentiu que alguem se deitava ao pé d'ella. Ficou bastante assustada, e deixou-se ficar muito quieta; quando estava tudo muito socegado, accendeu uma vella para ver o que era. Era um principe muito formoso; inclinou-se para vel-o melhor, e caiu-lhe um pingo de cera no rosto. Elle então acordou:

— Ah cruel; que só faltavam oito dias para quebrar o meu encantamento. Agora para me poder desencantar é preciso que tu soffras grandes trabalhos por mim, sem nunca te queixares. Toma lá esta carapinha; quando te vires em alguma afflicção de que te não poderes livrar, diz:

— Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

E n'este instante desappareceu o principe e o palacio, e a rapariga achou-se sósinha no meio de um descampado. Ia passando um rancho de pretas, que lhe disseram muitas chufas, e lhe arrepellaram os cabellos. A rapariga soffreu tudo sem dizer nada. Passou um jornaleiro e ella propoz-lhe trocar os seus vestidos cravejados de brilhantes pelas roupas do pobre homem, e assim já com outro traje foi-se offerecer para hortelão da casa do rei. A rainha começou a gostar do hortelão, porque tinha uma cara bonita, mas como elle não lhe correspondia foi fazer queixa ao rei, que era precise mandal-o matar porque tinha commettido um atrevimento muito feio. O rei mandou metter a tormentos o hortelão para confessar o que fizera, mas elle soffreu tudo negando sempre. A rainha teimava que queria que se enforcasse; ia elle já para a forca, e lembrou-se de dizer:

— Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

A execução interrompeu-se ao grande barulho de uma carruagem que trazia um alto figurão, que deu ordem para parar tudo. Levou o hortelão comsigo para o paço e disse ao

rei que era impossivel ter elle commettido o atrevimento de que a rainha o accusava, senão que mandasse as camareiras examinar. Assim aconteceu e a rainha é que foi deitada a uma fogueira. O encantamento quebrou-se pela constancia com que a rapariga tinha soffrido todos os tratos e o principe casou com ella por agradecido.

(Algarve.)

Notas

14. **A sardinhinha.** — Gubernatis cita differentes contos russos das collecções de Afanasieff e de Erlenwein, de Ferraro, etc., do peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, II, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fabula 1.ª, vem este conto, que tambem figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III, fab. 1.ª No *Catapalha Brâhmana*, e no *Mahâbharatha*, Manu socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do diluvio. Vichnu tambem os transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um conto colligido por Luzel (*Chaine traditionelle*, p. 60.) A menina-pagem accusada pela rainha é o thema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 405), colligido em Antignano. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIX, vem sob o titulo *A afilhada de Santo Antonio*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de Sam Jorge com o nome *A afilhada de Sam João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da collecção de Afanasiev, n.º

162, *O sapatinho de ouro* (Zolotoii bachmatchola), que pertence ao cyclo do peixe encantado.

15. MARIA DA SILVA

Era uma vez um rei, que andava á caça, e perdeu-se no monte, quando se fechou a noite. Foi com o seu pagem pedir agasalho a uma cabaninha de um carvoeiro que vivia na serra. O carvoeiro deu logo a sua cama ao rei, e a mulher, como estava doente, ficou deitada em uma enxerga no aido. De noite ouviu o rei um grande alarido, e chóros, e uma voz que dizia:

— Esta, que agora acaba de nascer

Ainda ha de ser tua mulher;

E por mais que a sorte lhe seja mesquinha

Sempre comtigo virá a ser rainha.

O rei ficou bastante atrapalhado, e tratou de saber que horas eram. Era meia noite em ponto. Ao outro dia quando fallou com o carvoeiro, perguntou-lhe que barulho tinha sido aquelle.

— Foi uma filhinha que me nasceu; havia de ser pela meia noite em ponto, senhor.

O rei disse que queria fazer a fortuna d'aquella criança, e que lhe daria muito dinheiro se a deixasse ir com elle. O carvoeiro deixou, e o rei partiu. Pelo caminho disse ao pagem que fosse matar aquella criança, porque era preciso fugir a um agouro com que ella tinha nascido. O pagem não teve alma para matar o innocente, e deixou a criança no fundo de um barroco, entre uns silvados, embrulhada no cinto vermelho que elle tirou de si. Tornou para onde estava o rei, e disse:

— Real senhor, não tive animo de matar a criança, mas deixei-a n'um sitio d'onde se não vê nem monte nem fonte, e lá morrerá com certeza.

Aconteceu que um rachador de lenha veiu trabalhar para aquelle sitio, ouviu chorar uma criança, desceu ao barroco e tirou-a condoido, e levou-a para casa. A mulher, que não tinha filhos, acolheu-a com satisfação e tratou-a como se fosse seu sangue, e chamavam-lhe *Maria da Silva*, em lembrança do acontecido.

Passados annos o pagem ia com o rei de jornada e viu uma rapariguinha de cinco annos vestida com uma capotilha vermelha, que elle conheceu ser feita do seu cinto. Foram ter com os camponezes, souberam a historia da rapariga, o rei deu-lhes muito dinheiro, para o deixarem leval-a para o palacio; assim que o rei partiu, mandou fazer um caixão onde metteu a Maria da Silva, e foi elle mesmo deital-a ao mar. Um navio encontrou no alto mar o caixão, quizeram

vêr o que continha, e ficaram pasmados por acharem ainda viva uma criança muito linda. Foram contar tudo á terra a que chegaram, e o rei d'ali quiz vêr a rapariguinha, a rainha tomou-lhe amor, e quiz que ella se criasse no palacio, para servir de aia á princeza. Quando se fizeram as festas do casamento da princeza, já Maria da Silva era grande; vieram ás festas do casamento muitos reis e principes e veiu tambem aquelle que queria matar Maria da Silva.

O pagem que o acompanhava conheceu logo Maria da Silva, e disse-o ao rei seu amo. O rei, quando foi ao serão, quiz dansar com ella, que estava muito aceiada, e deu-lhe um annel dizendo:

Dansando t'o dou, dansando m'o hasde dar;

E se m'o não deres, a vida te hade custar.

E ella respondeu-lhe:

Dansando o recebi, dansando o heide dar;

Tambem heide ser rainha e no seu reino reinar.

Acabado o serão Maria da Silva foi para o seu quarto, e uma criada comprada pelo tal rei, roubou-lhe o annel, e deitou-o ao mar. Maria da Silva ficou muito triste, quando viu que tinha perdido o annel, e que não podia mais dar conta d'elle; estava á janella quando viu em um quintal uma criada a amanhar um peixe. Correu lá, e viu luzir no bucho

do peixe o annel; tirou-o, voltou para o palacio. Á noile ao serão o rei tornou a dansar com ella e a repetir as mesmas palavras. Maria da Silva mostrou-lhe o annel e repetiu as palavras que dissera na vespera. Então o rei ficou muito admirado, e disse:

— Já que ninguem póde fugir á sua sorte e tens de ser minha mulher e rainha, já gosto de ti, e hoje mesmo se façam as bodas.

(Algarve.)

Notas

15. **Maria da Silva.** — Ha outras versões portuguezas oraes. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de G. Pittré, vem a versão italiana sob o n.º 100. Na ilha de Sam Jorge é repetido com o nome de *Maria das Silvinhas*, como vemos pelas notas do eminente collector Dr. João Teixeira Soares. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVIII, vem uma versão de Coimbra, com o mesmo titulo da do Algarve, e tambem com estribilhos poeticos:

Procura, procura,
Que a que chora
Ainda hade ser tua.

N'uma silva fui achada,

Por uma cabra fui criada;
Um pastor me educou,
E agora aqui estou.

16. A ROSA BRANCA NA BOCCA

Um homem muito abastado veiu a cahir em pobreza pelos seus desvarios; como tinha dado uma boa educação ao filho, este sabia tocar muitos instrumentos e para ganhar a sua vida foi por esse mundo além. Chegou a uma terra e parou diante de um palacio onde se estavam tocando peças de musica muito lindas. Deixou-se ali ficar sem comer nem beber. O dono do palacio vendo aquelle homem parado na rua, perguntou-lhe o que queria. Elle disse que tambem gostava muito de musica; o homem mandou-o entrar para vêr se elle tambem sabia tocar. Assim foi, tocou e desbancou todos os outros musicos. O homem admirado, despediu todos os musicos, e disse ao rapaz que ficasse com elle, para o ouvir tocar sempre. Os outros musicos desesperados só queriam apanhar o rapaz para o matarem; mas o velho assim que soube d'isto protegia o rapaz, acompanhava-o sempre, e queria deixar-lhe tudo como se fosse seu filho. Na côrte correu a fama do tocador, e o rei pediu ao fidalgo para lhe levar o rapaz e deixal-o no paço alguns dias. Lá lhe custou isso, mas não podia dizer que não ao rei. O rapaz espantou todos nas festas do palacio, porque tocava muito bem.

Uma noite que estava recolhido, sentiu entrarem-lhe na camara e metter-se na cama com elle uma dama; quiz saber

quem era, accendeu uma luz, mas ella trazia uma mascara. Emquanto se demorou no paço, todas as noites ia a dama ter com elle.

O rapaz insistiu para que lhe dissesse quem era. Ella respondeu:

— Não te posso dizer quem sou! Ámanhã ao entrar para a missa, hasde-me vêr com uma rosa branca na bocca.

O rapaz foi dizer tudo ao fidalgo que já o tratava como filho; mas o fidalgo lembrando-se do odio dos musicos, quiz acompanhal-o, não fosse alguma traição. Pôz-se elle á porta da egreja, entraram todas as damas, e só quando veiu a rainha é que ao lado d'ella viu a condessa que a acompanhava, e que todos tinham na côrte por muito virtuosa, com a rosa branca na bocca.

Assim que viu o rapaz em companhia do fidalgo botou a rosa ao chão e amachucou-a com os pés. O rapaz chegou-se proximo da condessa para saber o motivo d'aquella zanga. Ella disse-lhe que a tinha atraiçoado, dizendo tudo ao fidalgo. Perguntou-lhe elle o que era preciso que fizesse para tornar a alcançar o seu amor. Disse a condessa que só matando o fidalgo que lhe servira de pae. Elle na sua cegueira assim fez. O rei quando soube d'este crime, achou-o tão atroz que deu ordem logo para que o enforcassem. Então a condessa foi contar tudo ao rei, e confessou-se

culpada, dizendo que o rapaz estava innocente, e que o que fizera era pela paixão do amor. Então o rei perdoôu-lhe:

— Já que a condessa fez a sua desgraça, case agora com elle para o fazer feliz.

(Algarve.)

Notas

16. **Rosa branca na bocca**. — Um povo que recebeu as tradições semitas, phenicias, hebraicas e arabes, repete sob um novo aspecto o conto de Joseph que resiste à seducção da mulher de Putiphar.

17. O CAVALLINHO DAS SETE CORES

Um conde tinha ficado captivo na guerra dos mouros. Levaram-no ao rei para que fizesse d'elle o que quizesse. Tinha o rei trez filhas, todas trez muito formosas, que pediram ao pae que o deixasse ficar prisioneiro no castello até que o viessem resgatar. A menina mais velha foi ter com o conde, e disse-lhe que casaria com elle, se lhe ensinasse qualquer cousa que ella não soubesse. O captivo disse:

— Pois ensino-te a minha religião, e vens comigo para o meu reino, e casaremos.

Ella não quiz. Deu-se o mesmo com a segunda.

Veiu por sua vez a menina mais moça; quiz aprender a religião, e combinaram fugir do castello, sem que o rei soubesse de nada. Disse então ella:

— Vae á cavalhariça, e hasde lá encontrar um rico cavallinho de sete côres, que corre como o pensamento. Espera por mim no pateo, á noite, e partiremos ambos.

Assim fez. A princeza appareceu com os seus vestidos de moura, com muitas joias, e á primeira palavra que disse logo o cavallinho das sete côres se pôz nas visinhanças da cidade d'onde era natural o captivo conde.

Antes de chegar á cidade havia um grande areial; o conde apeiou-se, e disse á princeza moura que esperasse ali por elle, emquanto ia ao seu palacio buscar fatos proprios para apparecer na côrte, porque estava com roupas de captivo e ella de mourisca.

Assim que a princeza ouviu isto, rompeu em um grande chôro:

— Por tudo quanto ha não me deixes aqui, porque hasde-te esquecer de mim.

— Como é que isso póde ser?

— Porque assim que te separares de mim e alguem te abraçar logo me esqueces completamente.

O conde prometteu que se não deixaria abraçar por ninguem, e partiu; mas assim que chegou ao palacio a sua ama de leite conheceu-o, e com a alegria foi para elle e abraçou-o pelas costas. Não foi preciso mais; nunca mais elle se pôde lembrar da princeza. Ella tinha ficado no areial, e foi dar a uma cabana onde vivia uma pobre mulher, que a recolheu e tratou bem; ali foi ter a noticia que o conde estava para casar com uma formosa princeza, e na vespera do casamento a mourinha pediu ao filho da velha que levasse o cavallinho das sete côres a passeiar no adro da egreja em que se haviam de casar.

Assim foi; quando chegou o noivo com o acompanhamento, ficou pasmado de vêr um tão bello cavallinho, e quiz miral-o de mais perto. O moço que o passeiava andava a dizer:

Anda, cavallinho, anda,

Não esqueças o andar,

Como o conde esqueceu

A moura no areial.

O noivo lembrou-se logo da sorte que lhe tinha cahido, desfez o casamento com a princeza e foi buscar a mourinha com quem casou, e viveram muito felizes.

(Algarve — Lagoa.)

Notas

17. **O cavallinho das sete côres**. — Vide contos 1 e 6, e notas respectivas. Nos *Contos populares portuguezes* da traducção de Ralston, *A filha da Feiticeira* traz a circumstancia do esquecimento da namorada; é o n.º IV. As nossas versões não apresentam syncretismos. Vide o conto 32, agrupado tambem na versão citada. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* de Pittré, o n.º XV *Lu Ré di Spagna* é identico ao conto portuguez a *Filha da Bruxa* colligido por Pedroso.

18. A MUDA MUDELLA

Era uma vez um homem que tinha duas filhas; a mais nova era muito linda e a mais velha muito feia, e por isso embirrava com a irmã, que a não podia vêr. A feia intrigava-a com o pae, que se fiava em quanto lhe dizia; um dia armou uma traição á irmã para a perder. Morava por ali um rapaz muito valdevinos, que tentava todas as raparigas, e a irmã feia disse á mais nova que fosse áquella casa, porque ali existia uma familia envergonhada e em grande miseria, a quem ella podia soccorrer, porque tinha bom coração. Assim que a irmã sahiu a soccorrer a tal familia, a irmã mais velha avisou o pae, que lhe foi sahir ao encontro, e ficou suspeitando o que não era. Desesperado com a sua affronta, o pae resolveu mandar matal-a, e deu ordem a um creado que a levasse para a floresta, para acabar com a pobre menina. Mas o creado teve dó d'ella e deixou-a perdida no meio da floresta só com a companhia de uma cadellinha, que ella estimava muito e que nunca a deixava. A menina viveu por algum tempo dentro de uma furna, comendo ervas. Andando um dia o rei á caça viu uma cadellinha, e mandou dar-lhe pão; a cadellinha pegou no pão e fugiu para o ir levar á sua dona. Passado tempo a cadellinha foi apparecer ao rei em outro sitio, tornaram a dar-lhe pão, e fugiu outra vez; o rei mandou acompanhar a cadellinha para vêr para onde ella ia, e qual não foi o

espanto ao irem encontrar uma donzella tão formosa e que parecia tão desgraçada. Ora esquecia dizer que a menina tinha promettido que se escapasse da morte e fosse salva d'aquelles trabalhos, estaria sete annos sem fallar. Quando o rei a encontrou e lhe fez perguntas, ella lembrou-se da sua promessa, e não disse uma palavra. O rei levou-a para o palacio, porque gostava muito d'ella, e tanto se apaixonou que queria, désse por onde désse, casar com a menina. A mãe do rei aconselhava-o a que não casasse senão quando ella tornasse a achar a falla.

Ao fim de muito tempo, pouco antes dos sete annos, o rei já sem esperança pediu uma princeza para casamento, e foi com toda a sua côrte buscal-a. A menina mandou então fazer um vestido com uma das mangas muito larga, e no dia em que o rei voltou foi receber os noivos á escadaria. A princeza assim que a viu deu uma grande gargalhada, dizendo:

Olha a muda de mudella,

Que dentro da manga traz uma panella?

A menina respondeu Jogo:

Olha a princeza destemperada,

Que logo que entra mal falla.

E eu ha sete annos que aqui estou

É a primeira falla que dou.

O principe ficou pasmado com o que viu, desfez logo ali o casamento com a princeza, e casou com a menina, como tanto tinha desejado.

(Algarve — Portimão.)

Notas

18. **Muda, mudella**. — Ha uma versão de Coimbra, intitulada *O senhor das janellas verdes*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLVIII. Traz o seguinte estribilho poetico:

> — Olha a muda, mudona!
> Que traje! que dona!
> «Olha a condessa, que inveja!
> Que eu falle não deseja.

Nos Contos populares de Pomigliano, colligidos por Imbriani, é o conto de *Muzella*. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 142.) Nos Nobiliarios portuguezes a lenda do solar dos Marinhos versa sobre a peripecia de uma mulher que não falla. Vid. n.º 129.

19. O SAPATINHO DE SETIM

Era uma vez um homem viuvo e tinha uma filha; mandava-a á escola de uma mestra que a tratava muito bem e lhe dava sopinhas de mel. Quando a pequenita vinha para casa, pedia ao pae que casasse com a mestra, porque ella era muito sua amiga. O pae respondia:

— Pois queres que case com a tua mestra? mas olha que ella hoje te dá sopinhas de mel, e algum dia t'as dará de fel. Tanto teimou, que o pae casou com a mestra; ao fim de um anno teve ella uma menina, e tomou desde então grande birra contra a enteada, porque era mais bonita do que a filha. Quando o pae morreu é que os tormentos da madrasta passaram as marcas. A pobre da criança tinha uma vaquinha que era toda a sua estimação; quando ia para o monte, a madrasta dava-lhe uma bilha de agua e um pão, ameaçando-a com pancadas se ella não trouxesse outra vez tudo como tinha levado. A vaquinha com os pausinhos tirava o miolo do pão para a menina comer, e quando bebia agua tornava a encher-lhe a bilha com a sua baba. D'este feitio enganavam a ruindade da madrasta.

Vae um dia adoeceu a ruim mulher, e quiz que se matasse a vaquinha para lhe fazer caldos. A menina chorou, chorou antes de matar a sua querida vaquinha, e depois foi lavar as

tripas ao ribeiro; vae senão quando, escapou-lhe uma tripinha da mão, e correu atraz d'ella para a apanhar. Tanto andou que foi dar a uma casa de fadas, que estava em grande desarranjo, e tinha lá uma cadellinha a ladrar, a ladrar.

A menina arranjou a casa muito bem, pôz a panella ao lume, e deu um pedaço de pão á cadellinha. Quando as fadas vieram, ella escondeu-se de traz da porta, e a cadellinha pôz-se a gritar:

Ão, ão, ão,

Por detraz da porta

Está quem me deu pão.

As fadas deram com a menina, e fadaram-na para que fosse a cara mais linda do mundo, e que quando fallasse deitasse pérolas pela bocca, e tambem lhe deram uma varinha de condão.

A madrasta assim que viu a menina com tantas prendas, perguntou-lhe a causa d'aquillo tudo, para vêr se tambem as arranjava para a filha. A menina contou o succedido, mas trocando tudo, que tinha desarrumado a casa, quebrado a louça, e espancado a cadellinha. A madrasta mandou logo a filha, que fez tudo á risca como a mãe lhe dissera timtim por timtim. Quando as fadas voltaram, perguntaram á cadellinha o que tinha succedido; ella respondeu:

Ão, ão, ão,

Por detraz da porta está

Quem me deu com um bordão.

As fadas deram com a rapariga, e logo a fadaram que fosse a cara mais feia que houvesse no mundo; que quando fallasse gaguejasse muito, e que fosse corcovada. A mãe ficou desesperada quando isto viu, e d'ali em diante tratou ainda mais mal a enteada.

Houve por aquelle tempo uma grande festa dos annos do príncipe; no primeiro dia foi a madrasta ao arraial com a filha, e não quiz levar comsigo a enteada que ficou a fazer o jantar. A menina pediu á varinha de condão que lhe desse um vestido da côr do céo e todo recamado com estrellas de ouro, e foi para a festa; todos estavam pasmados e o principe não tirava os olhos d'ella. Quando acabou a festa, a madrasta veiu já achal-a em casa a fazer o jantar, e não se cançava de gabar o vestido que vira. No segundo dia, foi a menina á festa, com o poder da varinha de condão, e com um vestido de campo vêrde semeado de flôres. No terceiro dia, quando a menina viu que a madrasta já tinha ido para casa, partiu a toda a pressa, e caiu-lhe do pé um sapatinho de setim. O principe assim que viu aquillo correu a apanhar o sapatinho, e ficou pasmado com a sua pequenez. Mandou deitar um pregão, que a mulher a quem pertencesse o sapatinho de setim seria sua desposada. Correram todas as

casas e a ninguem servia o sapatinho. Foi por fim á casa da mulher ruim, que apresentou a filha ao principe, mas o pé era uma patola e não cabia no sapatinho de setim; perguntou-lhe se não tinha mais alguem em casa. Quando a madrasta ia responder que não, abriu-se a porta da cosinha, e appareceu a enteada com o vestido do primeiro dia das festas e com um pésinho descalço, que serviu no sapatinho de setim. O principe levou-a logo comsigo, e á madrasta deu-lhe tal raiva, que se botou da janella abaixo e morreu arrebentada.

(Algarve.)

Notas

19. **O sapatinho de setim**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.os XXXI e XXXVI, ha duas versões, *Pelle de cavallo*, e a *Engeitada*. N'esta ultima, ha o estribilho poetico:

> Perola fina fica na cuba,
> E o saramago vae na burra.

No *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, sob o titulo *A gata borralheira*, vem este conto em verso de redondilha, de p. 364 a 391. Acha-se no *Pentamerone* de Basile, *Gatta Cenerentola*; nas *Recreations* de Bonaventure des Periers; no conto do

Pérrault, Peau d'Ane; em Rollenhagen, *Fresch Maüsler* (ap. Grimm); em Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 37, e notas eruditas a p. 46. Em Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. V, p. 110 ha mais paradigmas. No *Asinarius, vel Diadema*, de Gotfried de Tirlemont, acha-se este thema popular. Consiglieri Pedroso allude a uma variante por elle colligida sob o nome *A Menina e o Peixe*, de que apresenta o resumo: «Um dia um homem trouxe para casa um peixe que apanhou, e deu-o á mais nova das filhas, que era quem tratava da cosinha, para ella o arranjar. A menina em vez de o matar deitou-o n'um poço, e o peixe reconhecido, quando d'ahi a algum tempo ella tem de ficar em casa, em quanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palacio do rei, dá-lhe tudo quanto ella precisa, para se apresentar no baile, conseguindo a menina pela riqueza do seu trage attrahir a attenção de toda a côrte, vindo por fim a casar com o peixe, que era um principe encantado.» (*O Positivismo*, t. II, p. 446.)

A *Gata borralheira* fórma um vasto cyclo novellesco, estudado pelo eruditissimo Reinhold Köhler, nas notas a uma versão escosseza, na *Revue celtique*, t. III, p. 370, e 371. Na *Biblioteca de las traditiones populares españolas*, t. I, p. 114, vem uma versão do Chili com o titulo de *Maria la Cenicienta*, curiosa pelo syncretismo com outros contos. O episodio das tripas repete-se tambem na tradição portugueza:

Fadas, fadinhas,
Vistes por aqui as minhas tripinhas?

20. A MADRASTA

Uma mulher tinha uma filha muito feia e uma enteada bonita como o sol; com inveja tratava-a muito mal, e quando as duas pequenas iam com uma vaquinha para o monte, á filha dava-lhe um cestinho com ovos cosidos, biscoutos e figos, e á enteada dava-lhe côdeas de brôa bolorentas, e não passava dia algum sem lhe dar muita pancada. Estavam uma vez no monte e passou uma velha que era fada, e chegou-se a ellas e disse:

— Se as meninas me dessem um bocadinho da sua merenda? estou a cair com fome.

A pequena que era bonita e enteada da mulher ruim deu-lhe logo da sua codinha de brôa; a pequena feia, que tinha o cestinho cheio de cousas boas, começou a comer e não lhe quiz dar nada. A fada quiz-lhe dar um castigo, e fez com que ella feia ficasse com a formosura da bonita; e que a bonita ficasse em seu Logar, com a cara feia. Mas as duas pequenas não o souberam; veiu a noite e foram para casa. A mulher ruim, que tratava muito mal a enteada que era bonita, veiu-lhes sair ao caminho, porque já era muito tarde, e começou ás pancadas com uma vergasta na propria filha, que estava agora com a cara da bonita cuidando que estava a bater na enteada. Foram para casa, e deu de comer

sopinhas de leite e cousas boas á que era feia, pensando que era era sua filha, e a outra mandou-a deitar para a palha de uma loja cheia de têas de aranha, e sem ceia. Duraram as cousas assim muito tempo, até que um dia passou um principe e viu a menina da cara bonita á janella, muito triste e ficou logo a gostar muito d'ella, e disse-lhe que queria vir fallar com ella de noite ao quintal. A mulher ruim ouviu tudo, e disse á que estava agora feia e que cuidava que era a sua filha, que se preparasse e que fosse fallar á noite com o principe, mas que não descobrisse a cara. Ella foi, e a primeira cousa que disse ao principe foi — que estava enganado, que ella era muito feia. O principe dizia-lhe que não, e a pequena descobriu então a cara, mas a fada deu-lhe n'aquelle mesmo instante a sua formosura. O principe ficou mais apaixonado e disse que queria casar com ella; a pequena foi-o dizer á que pensava que ella era sua filha. Fez-se o arranjo da boda, e chegou o dia em que vieram buscal-a para se ir casar; ella foi com a cara coberta com um véo, e a irmã, que estava agora bonita, ficou fechada na loja ás escuras. Assim que a menina deu a mão ao principe e ficaram casados, a fada deu-lhe a sua formosura, e foi então que a madrasta conheceu que aquella era a sua enteada e não a sua filha. Corre á pressa a casa, vae á loja da palha vêr a pequena que lá fechára, e dá com a sua propria filha, que desde a hora do casamento da irmã tornára a ficar com a cara feia. Ficaram ambas desesperadas e não sei como não arrebentaram de inveja. É bem certo o ditado: «Madrasta nem de pasta.»

(Porto.)

Notas

20. **A Madrasta**. — Pertence ao cyclo do antecedente. A troca das crianças pelas fadas, acha-se nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

21. O OVO E O BRILHANTE

Havia uma mulher, que tinha uma filha e uma enteada; estavam sósinhas em casa, uma sempre na casinha, muito maltratada, e a outra sempre pêrra e soberba de janella. Passou uma velhinha, e pediu se lhe davam alguma cousa. Disse a soberba:

— Vá-se embora, tia, que não ha pão cosido.

A outra disse:

— Não tenho que lhe dar; só se fôr este ovo fresco que pôz agora a gallinha.

E deu o ovo á velhinha. A velhinha quebrou-o, e dentro do ovo estava uma grande pedra preciosa, que era um brilhante; pegou n'elle e deu-o á menina:

— Trazei sempre essa pedra ao pescoço, que emquanto andares com ella haveis de ter todas as felicidades.

A pequena pôz a pedra ao pescoço. A irmã, com inveja, foi tambem buscar um ovo, e deu-o á velhinha. Ella disse que o partisse pela sua mão; assim fez, e rebentou o ovo chôco, que tresandava de mau cheiro e a cobriu de porcaria pela cara e pelas mãos. A velhinha foi-se embora. Aconteceu

passar por ali o rei, e viu aquella menina com a pedra ao pescoço, e achou-a tão linda, e ficou logo tão apaixonado, que a mandou buscar e casou com ella. Ficou rainha; e como era boa, a madrasta e a irmã pediram-lhe para que as deixassem viver no palacio; deixou. Um dia o rei foi para uma guerra, onde tinha de se demorar; a rainha ficou no palacio. Ora a madrasta, que já sabia do poder da pedra preciosa, andava mais a filha á mira de vêr se lh'a furtavam; até que um dia que ella estava no banho, e que a irmã lhe tinha ido botar o lençol, furtou-lhe a pedra sem ella dar tino. Immediatamente ficou muito afflicta, e a irmã mais a madrasta fugiram para irem ter com o rei, que estava na campanha, porque tinha a certeza que elle a tomaria por mulher. Pelo caminho pozeram-se a descançar e adormeceram. Passou uma aguia e viu luzir a pedra, e de repente desceu e arrancou-a, e enguliu-a. Quando as mulheres continuaram o seu caminho, chegaram á barraca do rei, sem terem ainda dado pela falta da pedra. Pediram licença para entrar , dizendo que era a mulher do rei que vinha visital-o, porque tinha muitas saudades. O rei conheceu quem eram, e mandou-lhes dar muita pancada e pôl-as fóra; foi então que a rapariga deu pela falta da pedra, e botou a fugir, e a mãe atraz d'ella.

Quando o rei chegou ao seu reino, veiu a rainha ao seu encontro; mas como não tinha a pedra o rei não a conheceu, e disse: — É uma tola como as outras. E escorraçaram-na. Ella tornou para o palacio, e lá só a acceitaram para ajudar na cosinha. De uma vez estava-se a arranjar um grande

jantar para o casamento do rei, e ella ao amanhar uma aguia, achou-lhe no papo uma grande pedra preciosa. Guardou-a, e pediu ao dono para ir servir á meza. Assim foi; pôz a pedra ao pescoço, e assim que entrou na sala, o rei conheceu-a e lembrou-se d'ella, e perguntou-lhe como é que aquillo tinha sido. Ella contou-lhe tudo, e o rei sentou-a logo á sua direita, e a outra princeza foi-se embora.

(Porto.)

---

22. CABELLOS DE OURO

Um homem e a sua mulher tinham dois filhos, mas não tinham que lhes dar a comer; uma noite estando já deitados ouviu o pequeno estarem dizendo:

— É necessario matar um d'estes filhos, porque não podemos com tanta familia.

O pequeno acordou a irmãsinha, contou-lhe tudo e botaram a fugir de casa. Foram andando noite e dia, e já muito longe o rapazinho cansado deitou-se no chão e adormeceu com a cabeça no regaço da irmã. Passaram por ali trez fadas, e vendo a criança, deram-lhe trez dons:

Que fosse a cara mais linda do mundo;

Que quando se penteasse deitasse ouro dos cabellos;

Que tivesse as mais raras prendas de mãos.

Assim que o pequeno acordou, pozeram-se outra vez a caminho, e foram dar a casa de uma velha muito feia, que os recolheu. Passaram-se annos, e um dia que o rapaz quiz dinheiro, a irmã penteou-se, e elle levou o ouro para vender na cidade. O ourives que lh'o comprou ficou desconfiado, perguntou ao rapaz como é que arranjava aquelle ouro, mas

não quiz acreditar tudo quanto elle disse. Foi dar parte ao rei, que o mandou prender até vir a irmã á côrte para se apurar a verdade.

A velha, que tinha ficado com a menina dos cabellos de ouro, resolveu matal-a á fome; já estava havia dois dias sem comer, e quando lhe pediu alguma coisinha a velha disse-lhe que só se ella lhe deixasse tirar um olho. Ella deixou para não morrer. Depois de outros dois dias, estava já a menina a cahir com sêde, e pediu á velha uma pinga d'agua, e ella disse — que só se lhe deixasse tirar o outro olho. Até que ficou ceguinha. Foi então que veiu ordem do rei para que a levassem á côrte; a velha pensou que era melhor deitar a menina ao mar, e levar uma filha que tinha em logar d'ella. O rapaz que estava preso n'uma torre que tinha uma fresta para o mar, viu andarem boiando na agua umas roupinhas, que a maré trouxe para terra; botou-lhe uns lençoes torcidos para que ella subisse.

A velha tinha chegado á côrte com a filha, e se ella não botasse ouro dos cabellos, o rapaz iria a matar. Quando a menina soube isto disse ao irmão — que lhe arranjasse do carcereiro um papel fino para fazer flôres. O carcereiro trouxe o papel, e a menina assim mesmo cega fez um ramo muito lindo cheio de perolas e ouro que lhe cahiam dos cabellos. O irmão pediu ao carcereiro para lhe mandar vender aquelle ramo, não por dinheiro, mas sim por um par de olhos. Apregoou-se o ramo, todos o queriam, mas ninguem se atrevia a dar os olhos da cara por elle; só a

velha quando ouviu o pregão é que o comprou pelos olhos da menina, que tinha guardado. O carcereiro trouxe o par de olhos, e a menina tornou a pôl-os outra vez na cara.

Veiu o dia em que a velha teve de apresentar a filha diante do rei, mas não deitava ouro dos cabellos. O rapaz ia já a morrer, quando mandou pedir ao rei que se lhe déssem um fato de mulher iria buscar sua irmã, que a velha tinha querido matar. Deram-lhe o fato, e trouxe então da torre a menina, que se penteou diante do rei, e todos ficaram pasmados d'aquelle dom e da sua grande formosura. A menina contou tudo ao rei, que lhe perguntou o que queria que se fizesse da velha.

— Quero que da pelle se faça um tambor, e dos ossos uma cadeirinha para eu me assentar.

(Algarve.)

Notas

22. **Cabellos de ouro**. — A versão portugueza está bastante confusa; a redacção mais completa que conhecemos é a do Chili, intitulada *El Culebroncito*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 137.

23. A CARPINTEIRASINHA

Tres irmãs viviam do seu trabalho. Estando ellas um dia questionando qual era a mais habilidosa, diz a mais velha:

— Eu tenho habilidade de fazer uma camisa da pelle de casca de ovo para o rei.

— E eu atrevia-me a fazer-lhe umas calças de uma casca de amendoa verde.

Disse a terceira:

— E eu atrevia-me a ter trez filhos do rei sem elle o saber.

Deu-se o caso do rei ter passado por ali na occasião d'ésta conversa, e logo pediu licença para entrar. Disse que tinha ouvido isto assim e assim, e que ordenava que ellas lhe mostrassem as suas habilidades.

A mais nova respondeu-lhe que isso dependia de tempo emquanto á sua parte, e o rei partiu dizendo-lhe que não deixasse perder a occasião. As duas irmãs ficaram penalisadas com a aposta da mais nova, mas trataram de desempenhar-se da sua promessa. Soube a mais nova que o rei sahia da côrte e ia estar um anno em Bule; pediu então dinheiro emprestado ás irmãs, comprou ricos vestidos, e

apresentou-se em Bule sem que o rei a conhecesse. Ao fim de nove mezes teve ella um menino. Ao fim de um anno o rei disse que ia até Toledo, e que quando voltasse casaria com ella, e deu-lhe muitas joias e dinheiro á despedida. Foi o rei para Toledo e quando lá chegou, já lá estava a rapariga com outros trajos, com outra physionomia, e o rei tornou-se a apaixonar por ella, dizendo que ella era superior a tudo quanto tinha visto. Ao fim de nove mezes teve outra criança. Acabado o anno, foi o rei para Sevilha, e lá lhe tornou a apparecer a rapariga tão bem arranjada que lhe pareceu a melhor mulher que havia n'aquella terra. Teve então um terceiro menino. Não quiz o rei ao voltar para a côrte passar por Bule, nem por Toledo, porque promettêra casamento ás outras duas; quando entrou na côrte já lá estava a Carpinteirasinha e as irmãs, pasmadas com as riquezas que trazia. Ella fartou-se de esperar a visita do rei, que não se fiava na aposta; passado tempo o rei estava para casar com uma princeza, e no dia da boda a Carpinteirasinha mandou á côrte os seus trez filhos vestidinhos com todas as joias que o rei lhe tinha dado. Disse-lhes que beijassem a mão do rei e ficassem calados, e só quando o rei lhes perguntasse o que queriam dissessem:

Bule, Toledo, Sevilha, andae;

Vimos vêr o casamento d'el-rei meu pae.

Assim fizeram os meninos; o rei comprehendeu logo tudo, lembrou-se da aposta e mandou vir a Carpinteirasinha, com

quem casou da melhor vontade.

(Algarve.)

Notas

23. **A Carpinteirasinha**. — Este titulo não tem sentido ignorando-se a significação primitiva de carpinteiro; *carpenta* é o carro gaulez, usado pelas antigas mulheres da Ausonia, como descreve Ovídio (*Fastos*, I-IV, 819.) Florus cita um *carpentum* de prata do rei Brituitus. A locução portugueza *bicho de carpinteiro*) designa a pessoa que não está quieta em um logar. Evidentemente o nome de *Carpinteirasinha* deriva-se da sua mobilidade com que figura no conto. A fórma seguinte é uma variante.

24. A FILHA DO LAVRADOR

Era uma vez um principe; todas as vezes que vinha lavar-se á varanda do seu quarto, via defronte a filha de um lavrador, que era muito linda. Ora n'aquelle tempo a verdadeira nobreza era a dos lavradores, e por isso o principe fallava para ella, e dizia:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

E ella respondia:

— E a vós, principe e real senhor.

Elle conversava para ella, e perguntou-lhe se não queria encontrar-se na grande feira do anno, que se fazia? Ella disse que não, mas pediu licença ao pae, foi adiante e metteu-se no quarto da estalagem onde havia de pernoitar o principe. Quando disseram ao principe que estava ali uma mulher, elle respondeu:

— É o mesmo.

Entrou para o quarto; viu uma moça muito linda, mas não a conheceu. Apagou a luz e ficaram toda a noite juntos. Pela manhã muito cedo ella arranjou-se para partir, e o principe perguntou-lhe o que é que ella queria em lembrança

d’aquella noite; ella pediu-lhe a espada. O principe não teve remedio senão dar-lh’a. Passados dias, o principe fez os mesmos cumprimentos:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

— E a vós tambem, real senhor.

— Então a menina não vae amanhã á romaria, para se encontrar lá comigo?

Ella disse que não, mas foi adiante e com tal geito que ficou no logar onde o principe tinha de dormir aquella noite. Ora já se tinha passado muito tempo, e a filha do lavrador tinha tido ás escondidas um menino, que estava a criar e era o retrato do principe. D’esta vez as cousas passaram-se como da outra, e quando foi pela manhã cedo, o principe disse-lhe que pedisse o que queria, e ella disse que só queria o cinto que elle usava.

Já se sabe, veiu a ter outro menino. Foi ainda uma terceira vez convidada para um grande arraial, e ella lá se encontrou com o principe sem elle saber que era a filha do lavrador. D’esta vez tambem lhe perguntou o que é que ella queria, e a moça pediu-lhe o relogio. Passado o tempo tambem teve uma menina, que pôz a criar com os outros dois filhos do principe.

Um dia disse elle:

— Filha de lavrador, vou-me casar. Não queres vir á minha boda?

Elia disse que não; mas no dia do casamento entrou pelo palacio dentro com os trez meninos, um com a espada, outro com o cinto, e a menina com o relogio. Deixaram-na entrar, e ella foi para a meza. O principe conheceu aquellas trez prendas que dera, sem saber a quem, e viu que os meninos eram o seu retrato. No fim do jantar disse que cada um havia de contar a sua historia, e que elle é que começaria. Disse então:

— Um dia um homem perdeu uma chave de ouro, e arranjou uma de prata para servir-se; mas aconteceu achar outra vez a chave que tinha perdido, e agora quero que os senhores me digam de qual d'ellas se deve servir d'aqui em diante, da de ouro ou da de prata?

Disseram todos:

— Da chave de ouro! Da primeira.

O principe levantou-se, e foi buscar a filha do lavrador, que estava a um canto da meza, e disse:

— A esta é que tomo por mulher; e estes infantes são os meus filhos, que eu tinha perdido.

A festa continuou muito alegre, e d'ali se foram a receber com grandes alegrias.

(Santa Maria-Famalicão.)

Notas

24. **A filha do lavrador**. — Pertence ao cyclo da Maria Sabida.

25. A FEIA QUE FICA BONITA

Era uma vez uma velha, que tinha uma neta, que era feia como um bicho. A velha morava defronte do palacio do rei, e metteu-se-lhe em cabeça de vir a casar a neta com o rei. Lembrou-se de urna giria. Todas as vezes que o rei sahia a passeio, ao passar por diante da porta da velha, ella despejava para a rua uma bacia de agua de cheiro, e dizia:

— A agua em que a minha neta se lava cheira que recende.

Succedeu isto assim tantas vezes, que o rei reparou para o caso, e pediu á velha que lhe deixasse ver a neta, que se lavava em agua tão cheirosa. A velha escusou-se dizendo que não, porque a neta era muito vergonhosa, mas que tudo se arranjaria, porque assim que fosse noite iria com ella fazer uma visita, e por este engano a levaria ao palacio. Disse tambem ao rei que era a cara mais linda do mundo; o rei esperou que anoitecesse, até que ouviu o signal combinado, e veiu buscar a rapariga. A velha foi-se embora, pensando que o rei ficaria com a neta; quando o rei chegou ao seu quarto e accendeu a luz, deu com uma mulher feiissima e desengraçada; ficou zangado com o logro, e na sua raiva despiu-a toda e fechou-a n’uma varanda ao relento da noite. A pobre rapariga não podia perceber a sua

desgraça, e com o frio e com o medo da escuridão estava bem perto de morrer.

Lá por essa meia noite passou um rancho de fadas, que andavam a distrahir um principe que tinha perdido o riso; o principe assim que viu a rapariga núa desatou logo ás gargalhadas. As fadas ficaram muito contentes, e quando viram que a causa fôra aquella rapariga núa, negra e feia, disseram-lhe:

— Nós te fadamos, para que sejas a cara mais linda do mundo.

Quando de madrugada o rei veiu vêr se a rapariga teria morrido, achou-a lindissima, e ficou pasmado do seu engano. Pediu-lhe muito perdão, e pediu-lhe logo para casar com ella. Casaram e fizeram-se grandes festas. A velha avó, que morava defronte do palacio, soube que a nova rainha era a sua neta; foi ao palacio pedir para lhe dar uma falla. Chegou-se ao pé da neta e perguntou-lhe baixinho:

— Quem é que te fez tão bonita?

A neta respondeu na sua boa verdade:

— Fadaram-me.

Ora como a velha era surda, entendeu que lhe dizia: «Esfolaram-me.» O rei, deu-lhe muito dinheiro assim que ella se despediu, e ella foi logo a casa de um barbeiro para

que a esfolasse, porque queria ficar outra vez nova. O barbeiro não queria, ella deu-lhe todo o dinheiro que levava; por fim começou a esfolal-a, e a velha morreu no meio de grandes dôres, pensando que ficava bonita.

(Algarve.)

Notas

25. **A feia que se torna bonita**. — No *Pentamerone* de Basile, X conto, ha uma velha que se esfola para se fazer bonita. Vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 6: «No decimo conto do *Pentamerone*, o rei de Roccaforte casa-se com uma velha, julgando que é uma nova. Deita-a pela janella, mas ella na queda fica dependurada de uma arvore; vêm as fadas, fazem-n'a nova , dão-lhe formosura e riqueza, e cingem-lhe o cabello com uma fita de ouro. A irmã, tambem velha, da outra que ficou bonita (a Noite) foi a casa de um barbeiro, esperando obter a mesma transformação pedindo que a esfolasse, mas ficou sem pelle. No que respeita o mytho das duas irmãs, a Noite e a Aurora, a donzella negra e a que se disfarça ou tinge de negro, ou cinzento, vide tambem o *Pentamerone*, II, 2.» O conto baseia-se sobre um equivoco de linguagem, que vem reforçar a elaboração do mytho. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXV, vem uma versão de Coimbra com o titulo *A velha fadada*.

26. O PEIXINHO ENCANTADO

Era uma pobre mulher, que tinha um unico filho, e esse era parvo, e não queria trabalhar. Coitadinha, não lhe servia senão para comer. Um dia que ia para o matto buscar lenha um rapazinho da visinhança, ella pediu-lhe para que levasse comsigo o tolinho, e lhe ensinasse a fazer um feixinho. Quando chegaram ao monte, o rapaz foi cortar dois molhos de lenha, e o parvo poz-se a brincar ao pé de uma ribeira. Ali esteve sem pensar em nada, a ver os peixinhos na agua; eis senão quando salta um peixinho mesmo ás abas do parvo, que lhe botou logo as unhas. O peixinho assim que se viu nas mãos do parvo, disse-lhe:

— Não me mates, que em paga, quando quizeres alguma coisa, basta dizeres: «Peço a Deus e ao meu peixinho que me dê tal e tal, que tudo hade sahir como pedires.»

O parvo, assustado deixou o peixinho cair-lhe da mão, o qual desappareceu na ribeira. O outro rapaz bem chamava por elle para vir erguer o seu molho; elle foi, e quando viu que o molho era pesado, disse:

— Peço a Deus e ao meu peixinho que me ponha a cavallo n’este feixe de lenha.

Saltou para cima do molho, que o levou a galope pelo matto fóra e por toda a cidade até chegar a casa da mãe. O rei estava á janella do palacio, e ficou admirado; chamou a filha:

— Vem ver o parvo a cavallo n'um feixe de lenha.

A princeza desatou a rir, quando o viu; mas o parvo disse baixinho:

— Peço a Deus e ao meu peixinho, que a princeza tenha um menino meu.

Tempo depois começou a princeza a padecer; todos os medicos foram de opinião, que a princeza andava occupada. O rei ficou desesperado e pediu-lhe por todos os santos que a filha lhe dissesse quem tinha sido o causante de uma tal vergonha. A princeza jurava por tudo que não sabia explicar aquillo; o rei mandou botar um pregão, de que quem viesse confessar que era pae do menino casaria com a princeza.

Depois de tempo, veiu o parvo ao palacio para fallar ao rei:

— Venho dizer a vossa real magestade, que eu é que sou o pae do menino da princeza.

O rei ficou espantado, a princeza não sabia o que estava ouvindo. O parvo contou então todo o acontecido. O rei para se confirmar disse-lhe:

— Pois pede ao teu peixinho que te faça apparecer agora aqui muito dinheiro.

O dinheiro caiu-lhe de todos os lados.

— Pede ao teu peixinho que te faça um moço muito perfeito e muito esperto.

O parvo ficou logo mais formoso que todos os principes, casou com a filha do rei, e pela sua grande esperteza ficou governando.

(Algarve.)

Notas

26. **O peixinho encantado**. — Ha uma outra versão da Foz do Douro intitulada *João Mandrião*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXX. Vide nota 14, retro. Nos Portuguese folk-tales, de Consiglieri Pedroso, apparece com o n.º XVII sob o titulo *O preguiçoso filho da Padeira*, diversificando no episodio da laranja. Ralston, na sua Introdução (p. VII) considera-o commum a todo o oriente da Europa, e cita os n.os 55, do volume V dos *Skaski* de Affanasieff, os n.os 32 do vol. VI, e 31 do volume VII; depois da vasta collecção russa, cita o conto n.º 19 dos Contos de Grimm, *O pescador e sua mulher*; uma variante nos *Griechische Märchen*, n.º 8, de Hahn, e termina dizendo que na Asia esta tradição

conserva uma fórma mais rasoavel. Sobre os Peixes-Salvadores vid. n.º 14.

27. O FIGUINHO DA FIGUEIRA

Era uma vez um homem que tornou a casar, e tinha uma filha do primeiro casamento que era tratada pela madrasta mal a mais não poder. Tinham uma figueira lampa no quintal, para onde a madrasta mandava a enteada guardar os figos por causa da passarada. Quando a pequena ia para o campo, a madrasta seguia-a tambem para contar os figos, dizendo-lhe que a matava se lhe faltasse algum. Um dia veiu o milhano e comeu tres figos, por mais que a pequena o enxotasse. Quando estava já a anoitecer a madrasta veiu revistar a figueira, e deu pela falta de trez figos. Logo ali matou a enteada e a enterrou debaixo da figueira, e veiu para casa dizendo que a rapariga tinha fugido. O pae pensou que ella teria ido servir para alguma casa longe. Um dia que o pae passava por debaixo da figueira, ficou pasmado de ver debaixo d'ella muitas flores, e entre ellas um lindo botão de rosa. Foi para as colher, mas sentiu uma voz, a dizer-lhe:

Não me arranquem os meus cabellos,

Que minha mãe os creou,

Minha madrasta m'os enterrou

Pelo figo da figueira

Que o milhano levou.

Ao principio o homem ficou sem saber o que havia de fazer; mas por fim resolveu-se a fazer uma cova n'aquelle logar, para vêr que cousa era. Depois de estar já bem funda a cova, descobriu uma lagem, levantou-a, e deu com uma escadaria por onde desceu. Quando chegou lá abaixo encarou com a filha, que estava muito linda e muito bem vestida:

— Filha, como é que vieste ter aqui?

— Quando a minha madrasta me enterrou, appareceu-me aqui esta casa, e todos os dias vem aqui uma senhora dar-me de comer.

O pae ficou vivendo com a filha, e não quiz mais saber da mulher.

(Algarve.)

Notas

27. **O figuinho da figueira**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLI, vem uma versão de Coimbra sob o titulo *A menina e o figo*. Acha-se nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, n.º XVI, com o titulo *A*

Madrasta. Celso de Magalhães colligiu-o na tradição do Maranhão.

28. A DA VARANDA

Era uma vez um mercador que tinha uma filha linda como as estrellas e ladina como os diabos. Pegado á varanda d'ella era o quintal do rei. Todas as tardes ella ia regar as suas flôres, e tinha um grande manjaricão. O rei começou a gostar muito d'ella, e já a esperava á hora certa para a vêr, e perguntava-lhe sempre:

Oh menina, visto ser

De tanta discrição,

Hade-me saber dizer

Quantas folhas tem o seu manjaricão?

Ella dava-lhe o troco, dizendo:

Vossa magestade, que sabe

Lêr, escrever e contar,

Hade saber quantos bagos

De areia tem o mar?

O rei começou então a vêr se podia pregar uma peça á rapariga, e aproveitou uma occasião em que o mercador tinha sahido para fóra da terra. Arranjou uma tenda com quinquilherias, e foi vestido de tendeira a casa d'ella. A filha do mercador mandou-a entrar sem suspeitar mal; o rei levava um annel muito rico, que deixou a rapariga encantada. Gabou-o muito com pena de o não poder comprar; mas a tendeira disse-lhe:

— Eu, minha menina, dou-lhe o annel se me der um beijinho; estou perdida por si; mesmo que seja por cima d'este véo que trago pela cara.

Quem mal não pensa mal não vê, a rapariga deu o beijo e ficou com o annel.

De tarde quando foi regar as flôres, appareceu o rei, como de costume:

Oh menina, visto ser

De tanta discrição,

Hade-me saber dizer

Quantas folhas tem o seu manjaricão?

E ella retrocou logo:

Vossa magestade que sabe

Lêr, escrever e contar,

Hade saber quantos bagos

De areia tem o mar?

O rei, que ficou calado, continuou:

E aquelle beijo que deu

Mesmo por cima do véo?…

A rapariga ficou capaz de morrer; fez-se muito vermelha e jurou de si para si que se havia de vingar. Vae um dia, veste-se de preta, e foi a casa do rei offerecer-se para criada; primeiro combinou com o seu criado, que de noite botasse

na varanda do rei a cabra que tinham no quintal. O rei tomou logo a pretinha para si, porque era muito engraçada, e com medo que ella lhe fugisse deitou-a n'um quarto ao pé do seu, com uma fita amarrada ao braço d'ella. De noite o rei puchou pela fita e ainda a pretinha respondeu; mas assim que o rei pegou no primeiro somno, a rapariga desamarrou-se, foi buscar a cabra muito devagarinho, pôl-a em seu logar, e foi-se embora. Quando rei acordou, lembrou-se da pretinha, que era de encantar, puchou-a pela fita para a sua cama, mas a cabra começou a berrar, e o rei espantado a gritar que tinha o diabo em casa; acudiu muita gente e todos viram a cabra em vez da preta no quarto do rei. No outro dia á tarde, o rei foi vêr a filha do mercador, que andava a regar, e perguntou-lhe:

Oh menina, visto ser

De tanta discrição,

Hade-me saber dizer

Quantas folhas tem o seu manjaricão?

E ella, em despique:

Vossa magestade, que sabe

Lêr! escrever e contar,

Hade saber quantos bagos

De areia tem o mar?

Diz o rei:

E o beijinho por cima do véo?…

E ella:

E a cabra que fez méo, méo?…

O rei conheceu que ella o tinha disfructado, mas achou-lhe graça. A rapariga não quiz ficar por aqui. Soube que o rei ia para uma caçada, vestiu-se de homem, montou n'uma mula, e levou comsigo uma mascara, e foi seguindo a comitiva de longe. Depois de muito andar, o rei disse para parar um pouco, e que o deixassem sósinho. Assim que os cavalleiros se afastaram para longe, a rapariga tira a mascara da

algibeira, saca de um punhal e vae para o rei, como quem quer matal-o, e grita-lhe:

— Beije já o rabo da minha mula, senão mato-o aqui já.

N'aquelles apertos, o rei como estava ali sósinho beijou o rabo da mula.

A rapariga voltou para casa; no outro dia estava regando as flores, e o rei appareceu, e fez as perguntas do costume:

Oh menina, visto ser

De tanta discrição,

Hade-me saber dizer

Quantas folhas tem o seu manjaricão?

E ella :

Vossa magestade, que sabe

Lêr, escrever e contar,

Hade saber quantos bagos

De areia tem o mar?

E o rei:

E aquelle beijo que deu

Mesmo por cima do véo?…

Ella :

E a cabra que fez méo, méo?…

O rei:

Não se finja tão fula.

Ella:

E o beijo no rabo da mula?

O rei lembrou-se do acontecido, achou-lhe muita graça, e quando o mercador voltou á terra foi pedir-lhe a filha em casamento, porque com uma mulher tão esperta havia de ser por força muito feliz.

(Algarve.)

Notas

28. **A da varanda**. — Pertence ao cyclo da Maria Sabida. Em uma variante que ouvimos no Porto ha o estribilho:

E a cabra na cama,
A fazer de madama?

29. A NOIVA FORMOSA

Era uma vez um rei que tinha tres filhos; um dia chamou-os e disse — que já estava velho, e que desejava entregar o reino a qualquer dos filhos, e porisso fossem procurar mulher, na certeza de que aquelle que a trouxesse mais formosa esse é que ficaria com o reinado. Partiram todos tres; os dois mais velhos voltaram passado pouco tempo casados, com duas bonitas raparigas, que não eram princezas. O mais novo correu muitas terras, sem achar mulher que lhe agradasse; um dia chegou a um lindo palacio no meio de um escampado, e resolveu-se a pernoitar ali. Appareceu-lhe então um velho, que o recebeu, e lhe deu um quarto muito rico, e o tratou muito bem. Ao outro dia o principe contou o motivo da sua jornada.

— Pois póde dar graças á sua ventura, porque não podia ir bater a melhor porta do que á minha — disse o velho. Tenho uma filha que é uma formosura, e com um bom genio, e rica.

O principe ficou logo contente, e pediu para vêr a noiva. O velho respondeu-lhe que não; se confiava na sua palavra só a poderia vêr no dia do casamento. O rapaz disse que sim, e d’ahi a pouco chegou o dia do noivado. Vieram muitas carruagens, muito acompanhamento, e o principe não

conhecia ninguem. Por fim chegou a carruagem da noiva, e foram todos a recebel-a. Vinha coberta de pedrarias. O rapaz ficou pasmado por vel-a tão feia como uma macaca; mas emfim tinha dado a sua palavra, e curtiu comsigo o seu engano. Casou, e levou a mulher para a côrte de seu pae; não se fallava n'outra coisa senão na macaca. O rei desgostado com o filho, deu-lhe um palacio velho que tinha para elle ir para lá viver. O principe andava descontente mas tratava muito bem a mulher. Um dia o rei mandou avisar os filhos filhos de que iria visitar as suas noras; todos aceiaram as suas casas, só a macaca, pulando de contente, pôz a casa n'uma felga, escangalhou camas, quebrou vidraças e mais tropelias. Quando estava o rei para chegar, e o principe viu que tinha a casa como um chiqueiro, disse-lhe a macaca:

— Vae a casa de meu pae, que me mande a laranja que eu deixei em cima da minha commoda.

O principe foi, deu o recado ao sogro, voltou e entregou a laranja á mulher. A macaca armou com umas mezas e cadeiras um throno, sentou-se no alto, e o marido a soffrer-lhe tudo. Quando o rei chegou á porta, e já vinha subindo a escada, a macaca dá a laranja ao marido e disse-lhe:

— Atira-a com força ao tecto da casa.

De repente a casa transformou-se no mais rico palacio do mundo, a meza e cadeiras em um throno de ouro, e ella em uma cara lindissima como o sol.

O rei ficou espantado do que via, e a princeza disse-lhe:

— Obrigada pela sua visita; póde offerecer o seu reino a quem quizer, porque eu sou a rainha dos imperios, que estava encantada, até achar quem fosse capaz de me fazer o que o principe meu marido me fez.

(Algarve.)

Notas

29. **A noiva formosa**. — Vide o conto n.º 1, e a nota correspondente.

30. A NOIVA DO CORVO

Havia n’uma terra uma mulher, que tinha em sua companhia um corvo. Defronte d’ella moravam tres raparigas muito lindas. Como o corvo queria casar, mandou fallar á mais velha; respondeu-lhe que não, e o corvo raivoso anancou-lhe os olhos. Succedeu o mesmo com a segunda, até que a terceira sempre se sujeitou a casar com o corvo.

Tempos depois de já viverem na sua casa, a rapariga fallou a uma visinha no seu desgosto de estar casada com um corvo; a visinha aconselhou-lhe que lhe chammuscasse as pennas, porque podia ser obra de encantamento, e assim se quebraria. Quando á noite se foram os dois deitar, a rapariga chegou a candeia ás pennas do corvo; elle acordou logo, dando um grande berro:

— Ai, que me dobraste o meu encantamento! se me queres salvar, vae pôr-te áquella janella, e todos os passaros que vires, chama-os e pede-lhes assim: «Venham, passarinhos, venham despir-se para vestir el-rei que está nú.» De facto os passarinhos começaram a vir poisar na janella, e cada um deixava cair uma penna com que o corvo se foi cubrindo. Depois que ficou outra vez emplumado, o corvo bateu as azas, e desappareceu, dizendo para a mulher:

Agora se me quizeres tornar a vêr

Sapatos de ferro hasde romper.

A pobre rapariga ficou sosinha toda aquella noite, e logo que amanheceu foi comprar uns sapatos de ferro e metteu-se a correr o mundo. Tinha os sapatos quasi estragados de andar, quando encontrou um velho e lhe perguntou se não tinha visto um passaro. O velho respondeu:

— Eu venho da fonte da Madrepérola, onde estavam bastantes.

Ella continuou o seu caminho, e antes de chegar á fonte ali encontrou um corvo, que lhe disse:

— Olha, se quizeres salvar o rei, vae á fonte, onde estará uma lavadeira a lavar um vestido de pennas, tiralh'o e lava-o tu. Ao pé da fonte está uma casa, e um velho que a guarda; entra ahi, mata o velho para poderes quebrar todas as gaiolas e dar a liberdade aos passaros que elle tem lá presos.

A rapariga chegou á fonte, e fez como o corvo lhe tinha dito; lavou o vestido de pennas, e depois entrou na casa onde estava o velho, fingiu que via vir pelo mar uma linda embarcação; o velho chegou-se á janella e a rapariga pegou-

lhe pelas pernas e deitou-o ao mar. Depois quebrou todas as gaiolas e os passaros em liberdade tornaram-se principes que estavam encantados, e entre elles estava o seu marido, que era rei e lhes pôz obrigação de a servirem toda a vida.

(Algarve.)

Notas

30. **A noiva do corvo**. — Nos *Kalmükische Märchen*, de Jülg, vem um conto do Passaro desposado, que se prende a este cyclo do amante tornado em porco ou em cavallo, em serpente ou em passaro. Nos *Contos populares portuguezes*, nº XXV e XXXIV, vem com os titulos *O Carneirinho branco*, e o *Principe-sapo*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da collecção de Campbell, em que o esposo é um corvo, e não um principe-sapo ou principe-serpente como no cyclo em geral, na Russia, Allemanha, Italia e França. (Vid. nota a pag. 58.) Estudaremos mais adiante ao annotar a redacção litteraria de Trancoso. No setimo conto mogol do *Siddhi-Kûr*, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. I, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa. Nos mythos indianos o sol é um passaro, e a aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti populari siciliani*, de Pittré, ha o conto d'este cyclo, n.° CCLXXXI, *Ré*

Cristallu. Consiglieri Pedroso colligiu duas versões portuguezas *O Principe encantado*, e o *Talo de couve*.

31. A PARABOINHA DE OURO

Era de uma vez tres irmãs, que viviam juntas; a mais nova punha á janella uma bacia com agua e ali vinha espanejar-se um passarinho, que era um principe encantado, que fallava com ella. As irmãs tomaram-lhe grande inveja, e procuraram geito de acabar com as conversas; espreitaram e viram o principe, e metteram na bacia de agua muitas navalhas de barba. Quando ao outro dia veiu o passarinho lavar-se, cortou-se e foi-se embora; a pequena veiu á hora do costume, e o passarinho não apparecia; só quando olhou para a agua e a achou cheia de sangue e com as navalhas de barba, é que comprehendeu a traição das irmãs. Foi por esse mundo além, perguntando se alguem sabia onde estava o principe encantado; até que chegou a casa da Lua. A mãe da Lua disse-lhe:

— Ai menina, que vem aqui fazer? Se o meu filho a acha cá… Olhe que elle tem uma cara muito arrenegada.

A menina sempre lhe contou o que queria, e a velha escondeu-a e disse-lhe que havia de perguntar ao filho, onde é que estava o principe. Por fim entra a Lua, muito arrenegada, dizendo:

— Cheira-me aqui a folego vivo.

A velha lá socegou a Lua, e perguntou o que a menina queria; respondeu a Lua:

— Eu sei lá d'elle! todos os que estão doentes me fecham as janellas assim que anoitece! O Vento é que hade saber.

A mãe da Lua deu á menina uma paraboinha de ouro, e ella foi ter á casa do Vento. A mãe do Vento tambem perguntou ao filho, e elle disse:

— O principe está muito longe e eu já lá cheguei, mas como está doente fecharam-me todas as janellas. O Sol é que sabe onde é que o principe está.

A menina foi-se embora, e a mãe do Vento deu-lhe uma roca de ouro cravejada de diamantes. Até que chegou á casa do Sol; a mãe tratou-a muito bem, e nisto entrou o Sol muito radiante e alegre, e disse onde é que estava o principe, e ensinou-lhe o caminho. A mãe do Sol deu-lhe um fuso de ouro.

A menina chegou defronte do palacio e sentou-se, mas estava tudo fechado. Puchou da sua paraboinha e pôz-se a dobar. As criadas do palacio viram aquillo e foram-n'o dizer á rainha, que lhe mandou dizer que queria comprar aquella paraboinha. Ella respondeu:

— Só se me deixarem entrar no quarto do principe.

E pôz para a banda a paraboinha, e começou a fiar na roca de ouro cravejada de diamantes. Foram dizel-o á rainha, e ella tornou a mandar-lhe pedir que lhe vendesse a roca e a paraboinha; a menina respondeu, que só se a deixassem entrar no quarto do principe. A rainha quiz, e a menina foi ter ao quarto aonde estava o principe doente e cheio de feridas. A menina chegou-se ao pé da cama, fallou-lhe, e elle conheceu-a; contou-lhe então a traição que as irmãs lhe fizeram com inveja. O principe ficou muito contente com a verdade e melhorou de repente, contou tudo á rainha e casou e viveram ambos muito felizes.

(Algarve.)

Notas

31. **A paraboinha de ouro**. — O episodio da bacia magica é frequente em outros contos. (Gub. *Mythologie zoologique*, t. II, p. 315.) Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLIV, vem uma versão de Ourilhe, *O principe das palmas verdes*, com o estribilho poetico:

> Principe das Palmas verdes
> Não te lembres de mim;
> Lembra-te do teu filho
> Que o tens ao pé de ti.

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 126, vem uma versão do Chili, com o titulo *El Principe Jalma*.

32. O PRINCIPE QUE FOI CORRER SUA VENTURA

Havia n’uma terra um rei que tinha um filho, que não fazia senão pedir-lhe para ir correr o mundo; o rei por fim não pôde mais ter mão, e deu-lhe um grande sacco de dinheiro para a partida. Depois de ter andado muito, foi dar a uma estalagem onde encontrou um outro viajante. Conversaram, mas o viajante perguntou ao principe se não gostava de jogar; d’ahi a instante já estavam ferrados ao jogo. O viajante ganhou-lhe o sacco de dinheiro, e não tendo mais que lhe ganhar, propôz-lbe que jogassem mais uma vez, e no caso do principe ganhar tornava a dar-lhe o sacco de dinheiro, e no caso de perder o principe ficaria preso por trez annos n’aque1la casa, e o serviria como criado por mais outros trez. O principe aceitou a proposta, jogou e perdeu. O viajante tomou conta d’elle, prendeu-o em uma loja, e deu-lhe pão e agua de um dia para trez annos.

O principe chorava a sua má cabeça; ao fim de trez annos vieram soltal-o, e elle pôz-se a caminho para ir para casa do viajante, que era rei, servil-o como criado. Depois de ter andado muito, encontrou uma mulher com uma criancinha ao collo a chorar com fome. O principe ainda levava o resto de uma codinha de pão e um escorropicho de agua e deu tudo á mulher. Ella em agradecimento disse-lhe:

— Olhe, santinho, vá você sempre andando, e quando lhe vier um cheiro muito grande, é porque está perto de um jardim que está no caminho; entre para dentro, e vá-se esconder ao pé do tanque. Então hãode vir trez pombas tomar banho, e á ultima que se despir tire-lhe o vestido de pennas e não lh'o torne a dar senão em troca de trez cousas que ella lhe der. Aconteceu tudo como a mulher lhe tinha dito; apanhou o vestido de pennas da pombinha, e ella para o tornar a ter deu-lhe um annel, um collar e uma penna, dizendo-lhe:

— Quando te vires em alguma afflicção e disseres: — «Valha-me aqui a pomba», heide-te acudir; eu sou a filha do rei que vás servir, que tem uma grande raiva a teu pae; e que te ganhou tudo ao jogo para dar cabo de ti.

O principe apresentou-se em casa do rei, que lhe deu logo esta ordem:

— Toma este trigo, este milho e esta cevada para semeares, comtanto que eu ámanhã coma pão d'estas trez qualidades.

O principe ficou espantado, mas o rei não quiz saber de explicações; foi elle para o seu quarto todo atrapalhado da sua vida, e pega na penna dizendo:

— Valha-me aqui a pomba!

A pomba appareceu, e ficou sabendo tudo; e ao outro dia trouxe-lhe as trez qualidades de pão para o principe ir

entregar ao rei. Quando o rei viu cumpridas as suas ordens, disse-lhe:

— Pois bem; já que foste capaz d'isto, vae agora ao fundo do mar buscar o annel que a minha filha mais velha lá perdeu.

Voltou o principe para o quarto e tornou a chamar pela pombinha; ella acudiu:

— Olha, ámanhã vae para a praia e leva uma bacia e uma faca e mette-te n'um barco.

Assim fez; a pomba metteu-se com elle no barco e foi por esses mares fóra. Já tinham andado muito, quando ella disse que lhe cortasse a cabeça, de modo que não cahisse uma gota de sangue no chão, e a atirasse para o mar. Seguiu tudo á risca. Passado pouco tempo sahiu do mar uma pomba com um annel no bico, largou-o na mão do principe e foi lavar-se no sangue que estava na bacia; tornou-se na cabeça de uma bella donzella e depois tornou a desapparecer. O principe foi entregar o annel ao rei, que ficou mais desesperado, e lembrou-se de lhe dar um maior trabalho:

— Hoje de tarde hasde sahir no meu poldro, para o ensinares.

O principe foi para o seu quarto e tornou a chamar pela pombinha, que lhe respondeu:

— Olha, o meu pae quer vêr se te mata por algum feitio; porque o poldro é elle mesmo, o selim é minha mãe, minhas irmãs são os estribos, e eu sou o freio. Não te esqueças de levar um bom cacete porque pódes consolar-te com uma carga de pau n'elles.

O principe montou no poldro, moeu-o com pancadas, e taes coisas fez que quando recolheu a casa e foi dar parte ao rei que o poldro estava manso, achou o rei de cama todo em pannos de vinagre, a rainha feita n'uma salada, as filhas derreadas, menos a mais nova. N'essa noite foi ella ter com o principe e disse-lhe:

— Agora, que estão todos doentes é que é boa occasião de fugirmos; vae á cavalhariça e aprompta o cavallo mais magro que lá achares.

O principe cahiu na asneira de apromptar o mais gordo. Quando se pozeram a caminho, e ella viu o cavallo gordo ficou muito contrariada, porque este cavallo andava como o vento, e o magro andava como o pensamento. Mas sempre fugiram. De noite o rei precisou da filha para o virar, e chamou por ella; nada. A rainha, que era refinada bruxa, pescou logo que a filha tinha fugido com o principe, e disse ao marido que saltasse já fóra da cama e que os fosse apanhar. O rei levantou-se a gemer com dôres, foi á cavalhariça e quando viu o cavallo magro ficou seguro de pilhal-os. Montou e partiu. A filha, que ia sempre desconfiada que déssem pela falta d'ella, avistou de longe o

pae, e de repente transformou o cavallo em uma ermida, a si em uma santa e o principe em um ermitão.

Chegou o rei ao pé da capellinha, e perguntou se não tinha visto passar por ali uma menina com um cavalleiro. O ermitão levantou os olhos do chão e disse que por ali não passára viva alma. O rei foi-se embora aborrecido, e foi dizer á mulher que só tinha encontrado uma ermida com uma santa e um ermitão.

— Pois eram elles, disse a velha desesperada; se me tivesses trazido um bocadinho do vestido da santa ou um bocadinho de caliça da parede, tinha-os agora aqui em meu poder.

E tornou a fazer partir o velho no cavallo mais ligeiro que o pensamento. O velho foi avistado ainda de longe pela filha, que fez do cavallo um terreno, de si uma roseira carregadinha de rosas, e do principe o hortelão. Repetiu-se a mesma coisa; o velho virou para traz, mas a velha bruxa azoinava-o:

— Se me tivesses trazido uma rosa d’essa roseira, ou um punhadinho de terra, já cá os tinha em meu poder. Mas deixa estar, que d’esta vez vou eu tambem.

Quando a menina avistou a mãe sentiu um grande medo, porque sabia o poder que tinha; apenas teve tempo de fazer do cavallo um poço fundo, de si fez uma eiró, e do principe

um cágado. A velha chegou á borda do poço, e conheceu-os logo. Perguntou á filha se não estava arrependida, e se quizesse voltar para casa que lhe perdoava. A eiró dizia com o rabo que não. A velha disse ao marido que atirasse uma bota ao poço para trazer uma gota d'agua, porque só com isso ficava com poder para agarrar a filha. Quando o rei tirava a bota cheia de agua, o cágado saltou para dentro d'ella e entornou-a toda; com a outra bota deu-se o mesmo caso.

Então a rainha muito zangada rogou ao cágado a praga que elle se esquecesse da princeza. Continuaram o seu caminho, mas a menina sempre muito triste. E quando o principe lhe perguntava o motivo da sua tristeza, ella respondia:

— É porque tenho a certeza de que me hasde esquecer.

Chegaram por fim á terra d'onde o principe era natural; deixou a menina em uma estalagem, e foi pedir ao pae licença para lhe apresentar a sua noiva. Com a alegria que teve de vêr a familia esqueceu-se da menina. O pae tratou de lhe fazer o casamento; quando a menina soube d'isto teve uma grande afflicção e gritou:

— Valham-me aqui minhas irmãs.

Appareceram-lhe. A mais velha disse:

— Não te afflijas; tudo se hade arranjar. — E deu ordem á estalajadeira que quando passasse algum criado do rei a

comprar aves, que fosse ao quarto da irmã e vendesse trez pombinhas que estariam lá. Assim foi; o criado do rei comprou as trez pombinhas, e como eram muito lindas foi mostral-as ao principe.

O principe estava admirado, e quando ia pegar n'ellas uma saltou para cima da janella, e disse:

— Quando nos ouvir fallar, ainda mais admirado hade ficar.

Outra saltou para cima de uma mesa, e disse:

— Vae fallando, vae fallando, que elle se irá recordando.

A pombinha que lhe tinha ficado na mão saltou-lhe para cima do hombro e perguntou-lhe:

— Veja, principe, se este annel lhe serve.

O principe viu que sim. Depois deu-lhe um collar, e tambem servia. Por fim deu-lhe a penna, e só quando leu o nome da pomba é que se tornou a lembrar, e então casou com ella.

(Algarve.)

Notas

32. **O principe que foi correr sua ventura**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV, ha uma variante de Coimbra com o titulo *Branca-Flôr*. Nos Contos populares brazileiros, n.º XXII, vem uma variante com o titulo Cova da Linda-Flôr. Este conto acha-se em quasi todos os seus detalhes com o titulo *As trez pombas*, nos *Contos e tradições do tyrol italiano*, de Schneller, n.º 27. O mesmo na collecção dos *Contos populares e infantis*, de Pröhle, n.º 8. Nos *Rondallayres ou quentos populares catalans*, de Maspons y Labros, apparece com o nome de *Lo Castell del Sol*. Vide Stanislao Prato, *Una novellina popolare monferrina*, p. 56. Sobre as donzellas-passaros, Reinhold Köhler, annotando os contos esthonianos, n.os 14 e 16, e os contos sicilianos, n.º 10, desenvolve largamente todos os paradigmas tradicionaes. Guichot y Sierra colligiu uma outra versão em Sevilha, *El Marqués del Sol*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 187.

33. MARIA SUBTIL

Havia um mercador, que morava perto do palacio real, e tinha trez filhas. Maria era a mais moça e a mais formosa. O mercador era viuvo, e o rei mandou-o fazer uma viagem. Logo que o rei o mandou chamar foi, e voltou muito triste para casa, por deixar as filhas sós; mas deu-lhes tres vasos de manjaricão, e disse:

— Minhas queridas filhas! eu parto por ordem do rei, e deixo um vaso a cada uma; os vasos hãode-me dizer o que fôr succedido.

— Nada hade succeder! disseram as filhas.

Partiu o pae, e o rei no dia seguinte foi com dois amigos visitar as meninas de sentimento pela partida do pae; estavam as tres irmãs ceando, quando sentiram bater á porta. A mais velha não se importando com os reparos de Maria abriu a porta ao rei. Maria ficou tambem zangada por a irmã do meio os mandar sentar á meza, e disse:

— Vamos buscar uma gotta de vinho á adega; eu levo a chave, minha mana mais velha a luz, e a do meio o cangirão.

Disse o rei:

— Não vão, que nós não queremos vinho.

As duas irmãs mais velhas tambem lhe responderam:

— Nós não podemos ir.

Maria lhes tornou:

— Não querem ir, pois irei eu.

E foi-se. Chegou ao saguão, apagou a luz, e pôz a chave e o cangirão na escada, e foi ter a casa de uma visinha e bateu á porta. Ella veiu e perguntou:

— Quem está ahi a estas horas?

— Deixe-me entrar, que eu briguei com minha irmã mais velha, e para ella não brigar mais commigo, vim para cá dormir.

E lá dormiu aquella noite. Ficou o rei muito zangado da falsidade de Maria. Foi ella para casa no outro dia, e viu os vasos das irmãs murchos e ficou muito contente de ter o seu viçoso. Como o quarto da irmã mais velha dava para as quintas do rei, as duas irmãs desejaram de lá umas nespras. Maria desceu por uma corda; apanhou-as e tornou a subir para casa. A mais velha desejou limas; Maria foi e encontrou-se com o vinhateiro, que lhe disse:

— Que faz você por aqui, senhora marota?

E ella foi a elle e puchou-lhe pelas pernas, dizendo:

— Ainda me estás reprehendendo! Espera ahi.

E elle morreu afogado n’um espinho de limeira. Maria atrepou pela corda, e chegou a casa muito aborrecida e disse:

— Olhem as meninas que esta é a ultima vez.

No dia seguinte a irmã do meio desejou bananas, e tanto pediu, que Maria foi lá, onde se encontrou com o rei, que lhe disse:

— Sempre cá vieste, Subtil? tu agora o pagarás.

E começou a perguntar-lhe tudo; Maria nada negou, até que o rei lhe disse:

— Vem atraz de mim, que em casa tu as pagarás.

E cuidando que Maria vinha, foi andando; olhando de repente não viu nada, nem Maria, nem corda, nem por onde ella tinha saido. O rei ficou tão zangado, que adoeceu de paixão. As duas irmãs mais velhas casaram com dois amigos do rei e tiveram dois meninos. Maria pegou n’elles e metteu-os n’um açafate muito rico e enfeitou-o de flores muito finas de maneira que ninguem dizia levar duas crianças. Maria vestiu-se de rapaz e pôz o açafate á cabeça, e quando passou por casa do rei, apregoôu assim:

Quem leva estas flores

Ao rei, que tem mal de amores?

O rei que estava de cama mandou comprar o açafate; ella levou o cestinho, e quando chegou lá disse:

— Ai, que me esqueceu o outro!

E foi-se, deixando o cesto ao rei; elle ouviu guinchos dentro do cestinho, vae vêr, acha-se com duas crianças. Ficou muito raivoso, e prometteu vingar-se. Chegou o mercador, pae das meninas, e o rei mandou-lhe dizer por um pagem, que lhe fizesse uma casaca de pedra. O mercador chegou a casa muito triste, porque não podia fazer uma casaca de pedra, e porque as duas filhas mais velhas estavam casadas e porque dois vasos estavam murchos. Quando ellas lhe perguntavam o que tinha, Maria saiu de traz das irmãs e disse:

— Se o rei lhe manda fazer uma casaca de pedra não se apoquente, meu pae; leve lá este giz para elle fazer as linhas.

Assim fez; o rei respondeu que era impossivel, e o mercador respondeu tambem:

— Em vista d’isso é-me impossivel fazer a casaca.

— Pois então hasde-me entregar a tua filha Maria.

O mercador voltou ainda mais triste para casa:

— Minha querida filha, o rei quer que te vá levar ao palacio. É a nossa desgraça.

— Não se afflija, meu pae; mande fazer uma boneca egual a mim com um cordão para se puxar pela cabeça para dizer sim e não; e a boneca terá muito mel pelo pescoço.

O rei disse aos pagens:

— Quando vier aqui um senhor com uma menina, em dizendo que querem fallar commigo, mettam a ella na minha camara, e deixem-no a elle ir-se embora.

Maria Subtil entrou e metteu-se debaixo da cama, com o cordão na mão, e pôz a boneca deitada. Quando entrou o rei, olhou para a boneca e disse:

— Senhora Maria Subtil, passe muito bem.

Maria puchou pelo cordão á boneca, e ella abaixou a cabeça. O rei lhe disse:

— Vamos ajustar contas.

E começou pelo principio, desde quando foi á adega até chegar ao açafate de flôres. E Maria Subtil sempre a puchar pelo cordão. O rei continuou:

— Quem me fez tanta falsidade merece a morte.

Pegou n’um espadim e degollou a boneca; o mel respingou, e foi-lhe tocar n’um beiço; e elle disse:

— Ai Maria Subtil! tão dôce na morte e tão amarga na vida. Quem tamanho crime fez merece já morrer.

E ia para se matar, quando Maria Subtil, a verdadeira, sahiu de baixo da cama e se abraçou com elle. No dia seguinte casaram, e foram depois muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

33. **Maria Subtil**. — Na versão do Algarve encontrámos este conto com o titulo de *Dona Vintes*; e na versão de Ourilhe (Celorico de Basto) vem com o de *Esvintola*, (*Contos populares portuguezes*, n.º XLII) trazendo o estribilho:

Ai Dona Esvintola,
Tão brava na vida
E tão dôce na morte.[1]

Nos *Contos populares portuguezes*, de Sylvio Romero, n.º XII, *Dona Pinta* é uma variante do nosso. Ha uma versão sevilhana, intitulada *Mariquilla la ministra*, colligida por Guichot y Sierra. Vid. n.º 42.

A referencia mais antiga a este conto vem nas *Cartas*, de D. Francisco Manoel de Mello (Centuria V, carta 7.ª):

«Eu cuido que vireis a ser aquella

…Dona atrevida,
Dôce na morte
E agra na vida.

que nos contam quando pequenos.» Na tradição popular corrente ainda tem o titulo de *Maria Subida*. Charles Perrault, nos seus Contos (1697), redigiu litterariamente este thema tradicional na *Adroite Princesse ou Aventures de Finette*, no qual o principe de Bel-à-Voir fura com a espada uma boneca de palha que tem uma bexiga cheia de sangue. João Baptista Basile, no *Pentamerone*, deu redacção litteraria á fórma italiana no conto da *Sapia Licciardia*, que

tambem mette na cama uma boneca cheia de mel e cousas dôces, exactamente como na tradição portugueza. Na Inglaterra este conto apresenta um aspecto exclusivamente maravilhoso no *The Made Pranks and merry Jests of Robin Good Fellow*, em que o amante é um genio domestico, Robin, que deixa na cama uma figura de lã. (Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 235.)

1. ↑ Em uma versão ouvida em Airão (Minho) ha um episodio com esta cantiga:

    Quem leva, quem leva
    Meninos e flôres
    Para quem 'sta doente
    Por via de amores?

34. O COELHO BRANCO

Havia um rei que tinha uma filha já crescida, que gostava muito de se lavar no balcão, e pedia á aia que levasse a bacia e outRos preparos e uma bandeja para pôr os anneis. Vinha um coelhinho branco, furtava-lhe os anneis e fugia; a princeza gostava de vêr aquillo, não dizia nada, ia ao cofre e mettia outros nos dedos. Continuou o coelhinho a furtar, até que a princeza ficou sem nenhum annel. Antes tinha tão grande abundancia, que ella ficou muito triste e melancholica; o rei teve muita pena com isto, e até mandou pôr um edital para virem todas as pessoas antigas para contarem contos e historias para alegrarem a princeza. Vieram muitas pessoas, mas a princeza estava no mesmo; até que vieram duas velhas sem saberem o que haviam de contar. Pelo caminho encontraram um burro sem pés nem mãos, carregado de lenha; as velhas foram em seguimento do burro, viram-o chegar a umas casas, descarregar a lenha, e acarretal-a para dentro. Ellas então subiram e no patim em cima viram umas pucaras a ferver; uma das velhas metteu o dedo e provou, e n’este tempo ouviu uma voz a dizer-lhe:

— Não proves, que não é para ti.

E a velha olhou pelo buraco da chave e viu um coelho, que tirou a pelle, e tornou-se em um principe, e disse:

— Quem me déra vêr a dona dos anneis que tenho aqui.

As velhas partiram para o palacio, e lá contaram o que tinham visto á princeza. Isto, já se sabe, alegrou logo a princeza, e disse ao rei que queria vêr aquillo. Foram todos, velhas, princeza e rei. Viram o burro fazer o mesmo, e foram á dita casa. A princeza metteu o dedo e provou; n'este ponto ouviu dizer:

— Prova, que é para ti.

Elia foi vigiar (espreitar), e as portas abriram-se, e o coelho disse:

— Quem me déra vêr a dona dos anneis que tenho aqui!

A princeza respondeu:

— A dona sou eu.

O coelho tornou-se principe, porque aquellas palavras lhe quebraram o encantamento, e casaram, foram muito felizes, e as duas velhas ficaram damas de honra do paço.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

34. **O coelhinho branco**. — Em uma versão do Algarve, inedita, vinha o estribilho poetico:

Lenço, liga, cordão e cuidado,
Quem me déra vêr aqui
A dama do meu agrado!

35. CLARINHA

Havia n’uma terra uma rainha, com uma filha muito linda chamada Clarinha, a qual estava tratada para casar com um principe logo que chegasse á edade em que havia de receber o reino de sua mãe, que o estava governando. Clarinha costumava ir todos os dias ao jardim; um dia passou uma aguia, e todas as vezes que passava lhe dizia:

— Clarinha, Clarinha! qual queres, passar trabalhos na mocidade ou na velhice?

A princeza foi dizel-o á rainha, e ella lhe respondeu:

— Diga a menina: Antes na mocidade, que se póde com tudo, e na velhice não se póde com nada.

Clarinha foi para o jardim como o seu costume, e a aguia tornou a dizer o mesmo. No ponto que a princeza disse: «Antes na mocidade», a aguia levou-a pelo ár fóra e foi deital-a na terra onde vivia o principe com quem tinha tratado o casamento. Clarinha não conhecia ali ninguem a não ser a rainha e o principe, mas não se podia fallar com elles sem requerimento, e ella não o tinha. Foi ter a uma padaria, e pediu para ser criada. A padeira tomou-a; indo um dia para fóra, deixou para Clarinha coser uma fornada de pão já amassado. A menina com medo fechou todas as

portas e janellas para a aguia não entrar, mas ella sempre entrou pela chaminé e esborralhou-lhe o forno sobre o pão, quebrou-lhe os alguidares e muita loiça, e fugiu. Chegando a padeira, deu muitas pancadas em Clarinha e pôl-a no andar da rua. Por mais que pedisse e chorasse, a padeira não a acreditava. Foi a menina ter com um vendeiro, para o servir; sahindo um dia, elle deixou-a na venda. Com medo ella fechou-se por dentro, mas a aguia sempre entrou e quebrou copos, medidas e garrafas, e destapou as pipas. Quando o vendeiro chegou achou tão grande destroço, e sem se importar com o que dizia Clarinha, deu-lhe muitas bofetadas e pôl-a logo na rua. Clarinha foi ter d'ali ao palacio, não se dando por conhecida, e offereceu-se para criada do principe. A rainha disse que não precisava de mais criadas. O principe tornou:

— Tome-a, minha mãe, ainda que seja para vigiar as patas.

— Pois sim; que ella entre.

Todos os dias morriam as patas que ella vigiava, e o principe vendo que ella chorava tanto, pediu á rainha que a tomasse para costureira. Passados tempos, o principe apromptou-se para ir vêr a sua noiva, e chegando ao pé das aias disse:

— Que querem que eu lhes traga da terra aonde vou?

Todas ellas lhe pediram alguma coisa, menos a Clarinha. O principe insistiu com ella para que dissesse o o que queria de lá.

— Traga-me vossa alteza uma pedra do palacio.

O principe partiu, e ao chegar ao palacio da sua noiva ouviu que tudo estava de luto pela falta da princeza. Muito triste ficou, e no mesmo instante comprou tudo que as criadas lhe tinham pedido, e a pedra para Clarinha, e partiu. Chegou cá muito triste e alguma coisa desconfiado de quem seria Clarinha. Entregou-lhe a pedra, e para saber o que ella quereria fazer d'isso, metteu-se debaixo da cama, quando a criada deu volta. Quando ella veiu para o seu quarto, fechou-se por dentro e cuidando que não estava ninguem, começou a dizer á pedra isto:

— Pedra do palacio de meu pae, vou contar-te a minha vida.

E contou desde os passeios do jardim e da aguia, até ali. E no fim de tudo a pedra deu um estoiro, e Clarinha disse:

— Abre-te, pedra, n'uma roda de navalhas, que me quero deitar n'éllas.

O principe então sahiu debaixo da cama, e abraçou-a dizendo:

— Porque me não contaste teus males, querida Clarinha?

— Porque logo que a aguia queria que eu passasse trabalhos, quiz passal-os emquanto era nova, porque sempre tinha alguma esperança.

D'ali a um momento os dois principes casaram-se, e foram ter com a rainha mãe da princeza, que ficou muito satisfeita e veiu viver com elles.

(Ilha de S. Miguel—Açores.)

Notas

35. **Clarinha**. — Pertence aos mythos da Aurora, o que concorda singularmente com o nome da menina.

36. BOLA-BOLA

Havia perto de uns mattos uma casa onde viviam trez irmãs, que eram muito amigas. O rei costumava ir caçar áquelles mattos, e passava sempre pela casa; ora defronte d'esta casa viviam duas feiticeiras, mãe e filha, que, invejosas da formosura da irmã mais nova e do modo como tratava as irmãs mais velhas, lhe levaram uns coentros e lhe disseram:

— Deite a menina estes coentros nas sopas de suas irmãs, mas não coma d'ellas.

A pequena na sua sinceridade assim fez; mas logo que as irmãs comeram aquillo, logo se tornaram em bois. A irmãsinha muito pesarosa tratou-os como se fossem gente. Passando o rei da caça viu a pequena, e agradado da sua formosura casou com ella e levou os bois para o palacio, tratando-os muito bem. A feiticeira sabendo isto prometteu vingar-se. Passados tempos, a rainha teve um menino, estando o rei na caça. Ouvindo isto a feiticeira foi com a sua filha e foi ter á rainha e lhe disse:

— Coitadinha! está tão doentinha!

E chegando as mãos pelas fontes lhe metteu dois alfinetes enfeitiçados. A rainha tornou-se em pomba e fugiu. A

feiticeira metteu a filha na cama e foi-se embora. Chegando o rei, disse:

— Que é isto, que estás agora tão feia?

— É a differença da doença.

E a feiticeira mandou tratar os bois com folha e herva, e elles nada comiam. Havia no palacio uma cadellinha chamada Bola-Bola, e fallava. A pombinha vinha e dizia:

— Bola-Bola!

Respondia a cadella:

— Que quer, minha senhora?

«Como vae o meu menino

Com a sua ama nova?

— De noite, cala-se,

E de dia chora.

Tantas vezes se repetiu isto, que o vieram a saber, e foram dizer ao rei, o qual mandou enviscar as arvores e apanharam a pomba. Indo o rei fazer-lhe festas, achou dois alfinetes na cabeça e puchou; ella tornou-se na verdadeira rainha. O rei

obrigou as duas feiticeiras a tornarem os bois nas duas irmãs, que eram suas cunhadas; assim fizeram, e depois mandou-as rolar ás duas feiticeiras n'umas pipas de pregos. E o rei e a rainha foram muito felizes d'ali por diante.

(Ilha de S. Miguel—Açores.)

Notas

36. **Bola-bola**. — Liga-se com o conto das *Tres Cidras do Amor*. Vid. n.º 46.

37. LINDA BRANCA

Havia um homem muito rico, que era viuvo e tinha uma filha muito formosa chamada Linda Branca; tinha ella muita pena de ser tão bonita, porque todos a queriam. Pediu ao pae que lhe désse um vestido azul e cinzento; o pae deu-lh'o. Depois pediu lhe désse um vestido azul e prateado. Teve logo o vestido. Tornou a pedir outro azul e doirado; o pae fez-lhe a vontade. Tinha Linda Branca uma vara de condão, e ella pediu-lhe que a fizesse feia n'aquelle mesmo instante. Ella vestiu uma peliça e uma mascara muito feia, e foi d'ali para fóra servir de criada. Chegou a um palacio aonde n'aquelle tempo morava um rei, que era solteiro, e ficou por criada. Os moradores da cidade juntaram-se para fazerem uma grande festa que durava trez dias. Linda Branca pediu á rainha licença para ir áquellas festas. A rainha disse:

— Pede ao rei meu filho, que elle só governa.

Ella foi pedir licença ao rei quando estava calçando as botas. Elle lhe disse:

— Olha que te atiro com esta bota.

Depois que o rei foi para a festa, Linda Branca disse:

— Minha vara do condão, põe-me prompto um carro e preparos para ir á festa.

Vestiu-se de azul e cinzento e foi. Acabou-se a festa e ella tratou de fugir. O rei e os outros senhores seguiram atraz d'ella, e só o rei lhe apertou a mão, e perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da bota.

E fugiu. Chegando o rei a casa, ella estava como de costume. No seguinte dia foi outra vez pedir licença ao rei, que lhe disse:

— Olha que te dou com esta verdasca.

Linda Branca foi outra vez de azul e prateado. Chegando lá, todos gostaram muito mais de a vêr. No fim da festa o rei chegou ao pé d'ella e disse:

— A senhora d'onde é?

— Sou da terra da verdasca.

Chegou-se ao ultimo dia, ella foi pedir licença para ir á festa. O rei tinha a toalha na mão, e respondeu:

— Olha que te dou com a toalha.

Linda Branca foi d’esta vez de azul e doirado. Ao sahir, o rei lhe apertou a mão e lhe perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da toalha.

Não comprehendeu o rei isto, e ficou doente de pena de não saber d’onde era aquella formosura. Chegou a ponto que quiz que os seus amigos viessem passeiar á roda do palacio. Linda Branca, que sabia da doença do rei, vestiu-se com o primeiro vestido com que tinha apparecido e chegou a uma janella. Um amigo do rei viu-a:

— Oh que linda cara vi n’uma janella do palacio!

O rei olhou, mas não viu nada, e seguiu a toda a pressa para o palacio, chegou ao lado da rainha sua mãe, e disse:

— Quem está cá de fóra?

— Ninguem, senão a gente do costume.

Segundo dia, elle com os olhos a espreitar, mas descuidado, ella chegou com o segundo vestido e só os amigos do rei a viram. Correndo á maior pressa ao palacio , a rainha mãe disse-lhe o mesmo que no dia antecedente.

Terceiro dia, o rei espreitou e então viu a mesma senhora da vespera, com o vestido azul e enramado de oiro. Correndo

com grande pressa apanhou Linda Branca com uma pequena borda do vestido dourado de fóra e diz:

— Eu te ordeno que dispas este fato.

Ella obedeceu, e então o rei pôde vêr a senhora de que tanto gostava no dia da festa. Linda Branca contou o motivo de tudo aquillo, e trez dias duraram as festas do casamento.

Quem o disse está aqui

Quem o quer saber vá lá,

Sapatinhos de manteiga

Escorregam mas não cahem.

(Ilha de S. Miguel—Açores.)

Notas

37. **Linda branca**. — Pertence ao cyclo do *Sapatinho de vidro*. Vid. n.º 19.

38. O REI-ESCUTA

Havia um rei, que tinha por costume andar escutando pelas portas, pelo que lhe chamavam o Rei-Escuta. Uma noite elle foi escutar a uma porta e ouviu dizer:

— O que eu queria era casar com o padeiro do rei, para comer sempre pão fresco.

Outra voz dizia:

— Não sejas tola; eu o que queria era casar com o cosinheiro do rei, para comer guisados muito afamados.

E outra voz disse:

— Pois o que eu queria era casar com o Rei-Escuta.

O rei ouviu tudo aquillo e foi-se embora. No dia seguinte mandou chamar as raparigas d'aquella casa, e perguntou á mais velha:

— Então, queres casar com o meu padeiro?

Respondeu que sim. Chamou a segunda, e fez a mesma pergunta a respeito do cosinheiro. Ella disse que sim. Chamou por fim a mais moça:

— Então queres casar commigo?

— Sim senhor, disse isso!

O rei mandou casar as duas raparigas com o padeiro e o cosinheiro, e a mais moça casou com elle. As irmãs ficaram logo com muita inveja, e metteram enredos ao rei, que a ia mandar deitar ao mar; mas os criados descobriram-lhe tudo, e elle ficou vivendo muito feliz com a sua mulher e nunca mais quiz saber das cunhadas, que foram para o meio da rua.

(Ilha de S. Miguel—Açores.)

Notas

Vid. Nota aos contos *O Rei-Escuta* e *As cunhadas do rei*.

39. AS CUNHADAS DO REI

O rei andava de noite pelas ruas acompanhado do seu cosinheiro e do seu copeiro disfarçado, escutando pelas portas; passou por um balcão onde estavam tres meninas, que estavam conversando, e pôz-se á escuta do que diziam:

— Ali vão tres tunantes; se um fosse o rei, já eu sabia quem eram os outros.

— Um era o cosinheiro. Quem me a mim dera casar com elle; sempre havia de comer bons fricassés.

— O outro era o copeiro; pois eu cá o que queria era casar com elle, porque havia de ter bons licores.

Disse a mais nova:

— Eu não sei quem elles são; mas ainda que fossem condes ou duques, antes queria casar com o rei, porque lhe havia de dar tres meninos cada um com a sua estrella de ouro na testa.

O rancho foi-se embora, mas ao outro dia, o rei mandou ir á sua presença as tres irmãs. Perguntou-lhes se era verdade o que ellas tinham dito na vespera á noite. Respondeu a mais velha por si. Disse o rei:

— Pois então casarás com o meu cosinheiro.

A do meio tambem disse que tinha fallado por zombaria; o rei mandou que se arrecebesse com o copeiro. Chegou-se por fim á mais moça, que era a mais bonita:

— Então, disseste que só querias casar commigo?

— É verdade, não posso mentir; mande-me vossa magestade castigar.

O que o rei fez foi casar com ella; as irmãs ficaram a arrebentar de inveja, mas viviam no palacio. Ao fim do tempo, a que estava rainha teve dois meninos com uma estrellinha na testa. As irmãs, que estavam com ella, trocaram os meninos por dois cães. Os meninos foram botados ao rio dentro d'uma condessinha, e foram por agua abaixo ter ao moinho de um moleiro; como lhe parasse a agua, elle saiu a vêr o que era, e achando as duas criancinhas tomou-as para casa e criou-as. Ora o rei andava longe da terra, e quando veiu soube do caso e ficou muito triste, mas não fez mal á mulher. Passado tempo a rainha teve uma menina, e as irmãs, vendo que ella tambem tinha uma estrella na testa, trocaram-n'a por uma cadellinha e mandaram-n'a deitar ao rio; assim foi ter ao moinho onde já estavam os irmãos. O rei quando soube que a sua mulher tinha tido uma cadella, mandou-a enterrar até á cinta no pateo do palacio, para que todos que entrassem ou saissem lhe cuspissem em cima.

Os tres meninos cresceram, e o moleiro pôz-lhes umas carapucinhas para encobrir as estrellas de ouro que tinham na testa.

Um dia foi uma pobre pedir esmola á porta do moleiro; os meninos deram-lhe a esmolinha, e era Nossa Senhora, que lhe disse, que quando se vissem em alguma afflicção dissessem: «Valha-me aquella pobresinha.» Veiu a peste, e o moleiro e toda a sua gente morreu, e os meninos foram todos tres por esse mundo. Appareceu-lhe a pobre que os guiou até ao pé do palacio do rei, e deu-lhes a cada um a sua pedrinha, para se tornarem em um grande palacio quando as atirassem ao chão.

As tias estavam á janella do paço, e conheceram que eram os meninos das estrellinhas na testa, e trataram logo de vêr se os matavam. Mandaram ter com elles uma criada bruxa, que disse ao mais novinho, para entrar no jardim e apanhar um papagaio. Elle disse-lhe que não; vae o mais velho como animoso, disse:

— Pois vou eu.

E assim que entrou perdeu-se lá dentro e ficou encantado em leão. O outro quando viu que o irmão não tornava chamou pela pobresinha; ella veiu e deu-lhe uma lança, e disse:

— Vae ao jardim, e fere com ella o leão encantado.

Elle assim fez; e appareceu-lhe logo outra vez o irmão, que já tinha apanhado o papagaio. Botaram a fugir logo, e os portões do jardim fecharam-se de repente e só apanharam uma pontinha da aba do casaco de um d'elles.

A criada bruxa tinha no entretanto ido ter com a menina, e fallou-lhe em certas maravilhas da arvore que bota sangue e da agua de mil fontes. A menina pediu aos irmãos estas cousas, que eram para enfeitar os jardins do seu palacio. Cada um foi lá por sua vez e lá ficaram ambos encantados. Quando a menina viu que não tornavam, disse muito triste:

— Valha-me aqui a nossa pobresinha.

Appareceu-lhe a Nossa Senhora, que lhe ensinou como havia de ir ao jardim, e desencantar os irmãos, e enfrascar a agua de mil fontes e cortar o ramo da arvore que deitava sangue. Ella fez tudo, mas era preciso, que por mais barulho que ouvisse nunca olhasse para traz, senão ficava tambem encantada. Quando vinha com os irmãos e com as cousas que elles tinham ido buscar, era muito o barulho de vozes e só ao sair da porta é que deu um geitinho á cabeça para vêr para traz, mas foi o bastante para lhe ficarem presos os cabellos. Os irmãos foram buscar umas tesouras, e voltaram depois todos para o seu palacio defronte do rei.

Quando o rei apparecia á janella o papagaio não fazia senão rir. O rei convidou os meninos para um banquete e pediu que levassem o papagaio. Os meninos foram, mas ao

passarem pela mulher que estava enterrada até á cinta não quizeram cuspir n’ella. O rei teimou, mas não conseguiu nada. Foram para a mesa; uma das irmãs da rainha é que trinchava, e tinha botado resalgar na sopa dos meninos. O papagaio avisou-os:

— Meninos, não comam que tem veneno.

O rei ficou desconfiado, e perguntou aos meninos porque não comiam; disseram elles:

— Falta aqui uma pessoa; é aquella mulher que está enterrada até á cinta no pateo do palacio.

Disse o papagaio:

— Mande-a o rei vir, porque ella é a mãe d’estes meninos.

O rei mandou vir a mulher; disse-lhe o papagaio:

— Sente-a agora ao seu lado; olhe que ella é sua mulher.

E contou como é que as cunhadas do rei tinham mandado botar ao rio em canastrinhas os tres meninos, e tinham posto em seu lugar os cães; e se se quizesse confirmar, que visse se os meninos tinham na testa as estrellinhas. Os meninos tiraram as carapucinhas, e o rei conheceu-os, e abraçou a sua mulher; e mandou que as cunhadas comessem a comida envenenada, e logo ali arrebentaram .

(Airão — Minho.)

Notas

39, 40. **Rei Escuta. As cunhadas do Rei**. — D'este conto publicou duas versões do Porto o sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 40 e 41. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, vem a pag. 391 um largo conto em verso com o titulo *Los incantamentos da grande fada Maria*, de perto de quarenta paginas, um verdadeiro problema litterario, cuja genuinidade só se admitte pela espontanea improvisação que distingue os povos insulanos. Nos *Contos populares do Brazil*, do Dr. Sylvio Romero, vem sob o n.º II, com o titulo *Os tres coroados*. Este mesmo thema tradicional recebeu fórma litteraria nos *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Parte II, n.º 7, que reproduzimos na secção competente. É extraordinaria a somma de paradigmas que apresenta este conto na tradição hespanhola, italiana, franceza, grega moderna, allemã, hungara, slava, avárica, etc. O Dr. Reinhold Köhler, nas notas dos *Awarische Texte*, ao n.º 12, *A bella Issensulchar*, traz uma enorme somma de paradigmas, e o prof. Stanislao Prato, nas *Quatro Novelline populari*, *Rivornesi*, Spoleto, 1880, annotando o conto das *Le tre Ragazze*, pag. 92 a 136, desenvolve extraordinariamente a área das comparações, de modo que o processo erudito está feito, sendo facil imbair os ingenuos. Aproveitaremos com franqueza as

investigações d'esses mestres, com algumas resumidas ampliações.

No *Folk-lore andaluz*, n.º 8, p. 305, vem este conto com o titulo *El agua amarilla*, colligido por J. L. Ramirez. Nos *Rondallayre*, de Maspons y Labros, n.º 14 e 25; e nos *Cuentos y Oraciones divinas*, de Fernão Caballero, nº 6, p. 31, com o titulo *El pajaro de la verdad*. Ha tambem uma versão basca, colhida por Webster.

As versões italianas são abundantissimas; Stanislao Prato, nas *Quatro Novelle popolari*, tráz sete versões importantes para a critica comparativa (pag. 16 e 29 a 39). Ha uma versão livorneza nos *Italienische Märchen*, n.º 1, de H. Knust; outra em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano de Calcinaja*, n.º 15; Pittré, *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º 36, e a 3.ª variante; em Imbriani, *Novellaja fiorentina*, no app. ao n.º 6, e n.os 7 e 8; e nos *Contos de Pomigliano*, sob o titulo de *Viola*; Comparetti, *Novelline popolari italiane*, n.º 6, versão de Basilicata; outra de Pisa, n.º 30; em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Märchen*, n.º 5; em Schneller, *Märchen und Sagen aus Wälschtirol*, n.º 23, 25, 26. As tradições populares d'este cyclo penetraram na litteratura italiana, como se vê no *Pecorone*, de Giovani Fiorentino, jornada X, novell. 1; em J. Baptista Basile, *Pentamerone*, jorn. III, trat. 2; Straparole, *Piaccevoli Notti*, fab. V, n.º 4; Molza, *Novella*, Poggi Bracciolini, Gozzi deram redacção litteraria a este conto, que tambem apresenta o caracter de lenda religiosa, na *Representazione di Santa Uliva*, e no

Libro dei *Miracoli della Madona*, cap. X. Acha-se em novas collecções: Carolina Coranedi-Berti, *Novelle popolari bolognesi*, n.º 5; Arietti, *Novelle popolari piemontesi*, trez versões; e Visentini, *Fiabe mantovane*, n.º 46; Bernoni, *Fabulas populares venezianas*, n.os 2 e 15, e Reppone, *La Posilecheata*, n.º 3.)

Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 224, traz este mesmo conto em uma versão popular toscana das fontes do Tibre. A aversão das duas irmãs mais velhas é comparada com o facto analogo das que figuram no conto do *Lear*, e da *Bella e da Fera*.

As versões francezas, acham-se na Litteratura e na tradição oral simultaneamente; em M.me d'Aulnoy, é *La Princesse Belle-Etoile et le Prince Cheri*; em Millin, *Conteur breton*, intitula-se *L'Oiseau de Verité*; em Cosquin, *Contes populaires lorrains*, n.º 17, com importantes notas; Revista, *Melusine*, t. I, p. 206 a 213: *Les trois filles du Boulanger*, etc. Foram tambem vulgarisadas na traducção das Mil e uma noites, *As duas irmãs invejosas*, e na continuação de J. Scott, na *Historia do sultão do Yemen e das suas tres filhas*; Bladé, *Trois Contes*, p. 33.

O grupo occidental completa-se com as versões gregas, em Hahn, *Griechische und Albanische Märchen*, n.º 5, e n.º 69 (variante 1, e 2) e n.º 112; e nos *Neohellenica Analecta*, I, 1, n.º 4, e n.º 8; outra em K. Ewlampios.

Variante irlandeza, em Powel and Magnusson, *Irelandie Legendes*, t. II, p. 427.

As versões allemãs são numerosissimas: Grimm, *Kinder und Hausmärchen*, n.º 96; Prohle, *Kinder und Volksmärchen*, n.º 3; Wolf, *Deutsche Hausmärchen*; p. 168; Wernaleken, *Oesterreichische Kinder und Hausmärchen*, n.º 34; Peter, *Legendas, Novellas, usos e superstições populares da Silesia austriaca*, t. II, p. 199; Meier, *Deutsche Märchen und Sagen*, n.º 72; Fromman, *Die deutsche Mundarten*, IV, 263; Bechstein, *Deutsche Märchenbuch*, p. 250; Haltrich, *Contos populares tedescos de Saxe de Transilvania*, n.º 1; Curtze, *Tradições populares do principado de Waldeck*, n.º 15; Zingerle, *Kinder und Hausmärchen*, t. II, p. 112 e p. 157; Liebrecht, versão do Tyrol allemão no *Annuario de Litteratura* de Hidelberg, n.º 42, p. 187.

As versões slavas alargam o dominio da ficção: Natalia Nemcova, *Novellas e contos populares slavos*, vol. V, p. 52; Wenzig, *Thesouro de Novellas dos Slavos occidentaes*, p. 148; Glinski, *Bajarz Polski*, t. II, p. 46; Gaal e Stier, *Contos populares hungaros*, p. 390; Stephanovic, *Contos servios*, n.º 25 e 26; Köhler, no *Iagic Archiv für Slavische Philologie*, fasc. II, p. 626 e 627; Afanasieff, *Novellas populares russianas*, liv. VI, n.º 96; Miklosich, *Contos dos Ciganos de Bukowina*, n.º 1; Urbovec, *Contos populares croatas*, n.º 25; M.me Mijatovies, *Popular Tales*, p. 238; Schiefner, *Avarisch Texte*, n.º 12; e uma versão siameza no

Asiatic Researches, t. XX, p. 348 (1836). Depois d'estas largas indicações apresentadas pelo Dr. Köhler ao n.º 12 da collecção de Schiefner, ao n.º 5 da collecção de Laura Gonzenbach, e aos n.os 25 e 26 da collecção de Stephanovic, accrescentou mais estas fontes utilisadas por Sr. Prato: Jecklin, *Tradições populares do Cantão dos Grisões*, p. 105; W. Webster, *Basque Legends*, p. 176; Bladé, *Trois contes populaires*, p. 33; Luiz Leger, *Cantos heroicos, e canções populares dos Slavos da Bohemia*: O Soldado; Asbjörnsen, e Moe, Contos norueguezes, o que se intitula: *O rico mercador*. Com as Notas de Köhler, de Cosquin, Ive, Teza e Prato sobre este conto ficou esgotada a área das investigações, sendo possivel organisar o seu encadeamento genealogico, e por elle remontar ao seu sentido mythico.

A Edade media sympathisou com esta lenda da substituição das crianças por animaes, como se vê na *Historia do Cavalleiro do Cysne*, *Storia della Regina Stella*, no *Dolopathos*, no velho theatro francez, *Du Roi Thierry*, e nas tradições dos Lohengrin (Grimm, *Veillés allemandes*, t. II, p. 342 a 378.) Evidentemente, quando mais vasta é a universalidade de um conto, tão mais profunda é a sua origem tradicional e pela investigação das fórmas mais simples se chegará ao seu valor mythico.

40. OS SETE ENCANTADOS

Havia uma rapariga, que morava com sua avó, e esta a mandou vender trez vintens de linhas. A netinha foi e entrou n'um palacio e viu em cima de uma meza trez vintens; deixou lá ficar as linhas, e quando ia para sahir achou as portas todas fechadas. Ella lá ficou, e como era cuidadosa fez as camas, arranjou os quartos, pôz tudo em ordem. Á noite entraram sete encantados, e ella com medo escondeu-se. Disseram elles:

— Quem tanto bem nos fez, se fôr homem será nosso irmão, e se fôr mulher havemos de estimal-a como irmã.

Disseram isto muitas noites a fio, até que por fim um d'elles disse:

— O que eu queria era quem me lavasse a cabeça.

A menina n'essa noite lavou a cabeça a seis Encantados. O a quem ella não lavou a cabeça não quiz dormir, mas fingiu que dormia e estava acordado. Vae ella lavar-lhe a cabeça, e o encantado pegou-lhe por um pulso. A menina começa a gritar com susto, e os outros encantados acordaram, viram-na, e prometteram-lhe que nunca lhe fariam mal e que só queriam o seu bem. D'ali por diante nunca mais ella se escondeu dos Encantados, que lhe appareciam sempre.

Ao fim de certo tempo, um rei que morava defronte e era solteiro, e ainda tinha a mãe viva, que governava, fallou-lhe em casamento; ella lhe respondeu que havia de primeiro dizel-o aos Encantados. Assim fez; elles lhe disseram que casasse com o rei, mas que o não deixasse tocar-lhe sem que dissesse primeiro: «Pelos sete principes encantados.» Ella assim o prometteu.

Casou; quando o principe ia para abraçal-a, ella começou a dar gritos, e a fugir. O principe muito zangado mandou-a metter n'um quarto com uma criada para a servir, e nada lhe faltava, mas foi casando com outra princeza. A criada veiu cá abaixo e disse á princeza com quem o principe casára segunda vez:

— Vossa alteza não sabe? aquella senhora que está fechada, corta a cabeça e penteia-se no regaço, e depois torna-a a pôr no seu logar.

A princeza, para não ficar atraz da outra quiz fazer o mesmo, cortou a cabeça, mas morreu logo. O principe ficou muito triste, e pôz a criada na rua. Casou com outra princeza; passados dias vem outra criada e diz-lhe:

— Vossa alteza não sabe? Aquella senhora que está fechada lá em cima, quando está fiando e lhe cáe o fuso, corta a mão que o vae apanhar ao chão, e torna a ficar no seu lagar.

A terceira esposa quiz fazer o mesmo, mas a mão gangrenou-lhe e passados dias morreu. O principe pôz a criada na rua, e foi ter com a menina que tinha fechada, e assim que ia tocal-a, ella começava aos gritos, que tremia o palacio.

Foi o principe muito afflicto ter com a rainha, que lhe disse:

— Filho, pede pelos sete principes encantados, a vêr o que ella te diz.

Elle assim fez, e nunca mais achou difficuldades; dizendo-lhe a esposa:

— Aqui me tens, porque já soubeste fallar.

E os sete principes desencantaram-se.

(Ilha de S. Miguel.)

41. AS SONSAS

Havia um rei, e na sua côrte andavam dois cavalleiros; um fallava nas suas trez filhas, que eram muito devotas e que não se importavam com as vaidades do mundo; o outro tinha uma filha só, que era muito alegre e divertida. Juntaram-se um dia muitas senhoras e fallaram nas suas filhas, aonde estava tambem o principe, que, ouvindo as conversas, foi ter com a rainha e pediu-lhe as suas joias. Vestiu-se em adela e foi a casa do fidalgo que tinha as trez filhas beatas. Bateu á porta; os criados foram chamar a dona da casa, mãe das meninas, e ella lhe disse:

— As minhas filhas não hãode querer agora joias, pois ellas não fazem outra coisa senão rezar.

Mas a adela pediu que ao menos a recolhessem do ár da noite, e queria que a deixassem ficar no quarto das meninas, porque assim ficava mais segura com as joias que trazia, que eram de muito valor. A mãe fallou n’isto ás filhas; e ellas:

— Nós não queremos cá velhas; temos muito que rezar.

A mãe disse:

— Ella fica ahi para um canto do quarto, porque não quero que em minha casa aconteça a desgraça de a roubarem.

A adela entrou para o quarto das meninas; deitou-se e fingiu que dormia. Lá por alta noite entraram trez mancebos, que eram os namorados das trez meninas, e cada um deixou uma coisa. A adela, assim que viu esses objectos, agarrou n'elles e abalou.

No dia seguinte, o principe que era a dita adela, esperou que anoitecesse, e foi a casa da filha do outro fidalgo, bateu á porta, veiu a mãe da menina; disse que trazia ali umas joias, para vêr se a menina quereria comprar.

Veiu ella muito contente, esteve a vêr as joias, e, como isto levou tempo, disse:

— Minha rica velhinha, eu não quero nada; mas como é tarde hade cá dormir, e fica no meu quarto.

Depois deram a ceia á velha, e ella foi deitar-se para o quarto da menina, que lhe deu tambem a sua cama. A velha fingia que dormia; a menina veiu deitar-se. Penteou-se, resou, despiu-se e deitou-se sem camisa na cama. A adela, assim que a apanhou dormindo, pegou na camisa e foi-se embora.

No fim de dias o principe mandou avisar, para todos os fidalgos irem ao palacio com as suas familias; quando

estavam presentes, chamou um cavalleiro e mostrou-lhe uma prenda e perguntou se a conhecia.

O cavalleiro disse que sim, e que a tinha deixado no quarto de uma menina. Fez mais perguntas eguaes aos outros mancebos, e as trez beatas estavam muito envergonhadas. Chegou por fim a vez da menina da camisa; chamou-a, e ella desatou a rir.

A mãe disse-lhe:

— Sustei-vos, filha, não vos rides.

— Ai, senhora! agora é que eu vejo que o principe era a velha adela que me furtou a camisa.

O principe perguntou-lhe:

— Será esta a camisa?

— É sim senhor.

— Pois bem, aqui tem a sua camisa, e saiba que d'este instante por diante fica minha verdadeira esposa, e a estas meninas dou-lhes a sentença que, como são muito beatas, se faça um convento para as metter para sempre.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

41. **As sonsas**. — Ha uma versão da Beira-Baixa nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXI, com o titulo *As filhas dos dois validos*, do grupo colligido por Consiglieri Pedroso. Traz os seguintes estribilhos:

> — Ah estrangeirinha, estrangeirinha!
> Que esta caixa era minha.
> «Pois se a caixa era vossa
> Pela virtude sereis rainha.

42. A MÃO DO FINADO

Havia um mercador, que tinha trez filhas, e tinha por costume ir buscar fóra da cidade uma renda todos os annos. Aconteceu fallecer a sua mulher, e tendo de ir receber a renda custava-lhe deixar as filhas sósinhas. Disse então o mercador:

— Minhas filhas, eu preciso de ir receber a renda do costume, mas está-me custando ir, para as não deixar sós.

As filhas responderam:

— Vá, meu pae, que não nos hade acontecer nada; nós havemo-nos de fechar por dentro, e não se consente que ninguem entre cá.

O mercador foi-se, fiado na palavra das filhas. Havia fóra da cidade uma quadrilha de ladrões, e o capitão d'elles andava á espera da occasião da partida do mercador. Assim que soube do dia em que o mercador sahiu da cidade, vestiu-se em trajos de velho pedinte, e quando anoiteceu estava e toda a sua quadrilha no canto da rua onde moravam as trez meninas. Veiu o capitão bater-lhes á porta, e como estivesse chovendo, pediu pousada do ár da noite. As meninas mais velhas compadeceram-se d'elle, e queriam-no agasalhar; a mais moça disse:

— Não! lembrem-se da palavra que deram ao pae; dê-se-lhe uma esmola, e elle que vá com Deus.

Respondeu a mais velha:

— A menina como mais criança não determina nada aqui!

E o velhinho sempre entrou para dentro; deram-lhe na cosinha uma enxerga e cordas para elle estender a roupa, e puzeram-lhe a ceia diante. As meninas depois de terem arranjado o velho, foram tambem ceiar; eis senão quando o velho abriu a porta da cosinha e veiu ter com as meninas á meza e deu-lhes trez maçãs dormideiras, uma para cada uma comer á sobremeza. Ficou vendo se as meninas as comiam; as mais velhas comeram as suas, mas a mais moça não comeu e escondeu-a para o velho a não vêr e não desconfiar. Foram-se as meninas deitar e as mais velhas pegaram no somno muito depressa; mas a mais nova não dormiu com medo, mas fingia tambem que dormia. Quando o ladrão viu que estavam já dormindo, levantou-se e foi ao quarto das meninas, puxou um alfinete real, chegou ao pé da menina mais velha e deu-lhe uma picada a vêr se estremecia. Ella não sentiu a picada. Fez o mesmo á segunda; não sentiu. A mais nova com medo do ladrão a matar, fez-se dormindo, elle fez-lhe o mesmo e ella não sentiu.

O ladrão trazia comsigo uma espada, uma pistola e uma mão de finado e pôz n’uma banca estas coisas todas. A

menina mais nova abriu os olhos para vêr a determinação do ladrão, e tornou-os a fechar. O ladrão accendeu o lume á mão do finado para as meninas ficarem mais pesadas no somno, e correu as casas para arrumar o que tinha que roubar. Abriu o alçapão que dava para a loja das fazendas, entrouxou o que quiz, e abriu a porta da loja, e sahiu a chamar a sua quadrilha. A menina mais moça levantou-se ao mesmo tempo que o ladrão sahiu, viu as trouxas das fazendas promptas, e a toda a pressa trancou a porta da loja. O ladrão que já vinha com a quadrilha, ainda se pôz aos empurrões á porta, e dizia:

— Foi a mais mocinha que me enganou, e que não comeu a maçã dormideira.

E começou a dizer que ella lhe havia de pagar tudo. Teve ainda a confiança de tornar a bater á porta, pedindo á menina que lhe desse a sua mão de finado. Ella respondeu de dentro, que a mão estava em labareda, e que não sabia como a apagar. Disse o ladrão, que a deitasse n'uma tigella de vinagre, que ella se apagava. A menina veiu cá acima buscar a espada que o ladrão tinha deixado, e disse-lhe:

— Aqui está a mão do finado.

Ora na porta havia um buraco em cima em que cabia uma mão; e disse-lhe o ladrão:

— Metta a menina a mão pelo buraco.

— Se quer, metta a sua, que eu lhe darei a mão do finado.

Vae o ladrão cáe em metter a mão e a menina traçou-a com a espada. Os ladrões foram-se embora, e o capitão com a mão quebrada. A menina foi para o quarto onde as irmãs estavam dormindo, apagou no vinagre a mão do finado, e ao mesmo tempo as irmãs começaram a estremecer, e acordaram. A boa da menina fel-as levantar, contou-lhes tudo, e levou-as a vêr os signaes da desgraça em que estavam. Ellas ficaram muito assustadas, e choraram muito lembrando-se do que o pae diria quando chegasse e soubesse que lhe tinham desobedecido.

Chegou o mercador da renda, e viu as filhas apparecerem muito tristes. Pediu a menina mais nova a seu pae que a escutasse; contou o que era passado e como se tinha livrado dos ladrões. O mercador chamou então as filhas e disse:

— D'aqui por diante daremos obediencia a sua irmã mais moça; eu com ser seu pae, farei o que ella determinar, porque venho a conhecer que vos livrou da morte e de ficarmos desgraçados.

Quando, por fim de muitos annos, o capitão dos ladrões, que tinha mandado fazer uma mão de ferro com engonços e andava de luvas, vestido como qualquer senhor, estabeleceu um armazem defronte da casa do mercador. Ora um dia o mercador, por lhe parecer boa pessoa convidou-o para elle ir lá jantar. Elle acceitou de boa vontade, e as meninas

ficaram satisfeitas do pae convidar tão bom visinho. A mais nova é que ficou muito triste, e o pae lhe perguntou o que era. A menina respondeu que não gostava que o pae convidasse o tal senhor para vir a sua casa. Chegou a hora do jantar e foram para a meza; as duas outras irmãs, já se sabe, muito contentes. Houve uma conversa, e n'este mesmo tempo o visinho pediu em casamento a menina mais nova ao pae. O mercador ficou muito satisfeito e disse que sim; mas a menina respondeu:

— Aqui o desengano, pae, que com elle não quero casar.

O visinho ficou aborrecido, e pediu a mais velha, que ficou muito contente, e elle começou a dizer os bens que tinha, e que morava em uns palacios longe da cidade. Chegou o dia do casamento, despediu-se a menina mais velha, e montou no carro mais o marido para fóra da cidade. Lá no meio da estrada elle apeou-se, mais a mulher, pagou ao bolieiro para não saber onde elle morava. Foram andando até que chegaram a umas casas mettidas n'uns mattos. Assim que a sua companhia o avistou, vieram com seus oiros e joias offerecer á senhora, dizendo elle que era a sua mulher. Entrou com ella para um quarto, e lhe deu um papel para escrever uma carta a seu pae, que elle notou, dizendo que estava muito satisfeita com vêr tanta riqueza e que mandava buscar uma de suas irmãs para estar uns dias em sua companhia. Acabada a carta, que elle arrumou, tirou então a luva e a mão de ferro e mostrou-lhe o braço maneta, dizendo:

— Conheces quem me fez isto?

Ella respondeu-lhe que não.

— Bem sei que não tens culpa, mas o pagarás e tuas irmãs tambem.

Acabado isto pegou na espada e degolou-a. No fim de uns dias levou a carta ao sogro, que a sua mulher lhe mandava, e o pae leu-a, e disse á filha do meio que fosse. O ladrão levou-a comsigo, fez com que ella escrevesse uma carta para vir a mais moça, e depois de a degolar, veiu com a carta. O pae mandou a ultima filha que tinha em casa; ella não queria ir, mas para não desobedecer sempre se resolveu. Foi com o cunhado, que no meio da estrada a fez apear, e depois de irem a pé por muito tempo, descalçou a luva e mostrou-lhe a mão, dizendo:

— Tuas manas já pagaram; agora é a tua vez.

Chegaram a casa; os ladrões appareceram-lhe todos, e elle disse:

— Façam de conta que é minha irmã.

Pôz ao pescoço da menina uma pêra de oiro, e disse:

— Podes ir a todos os quartos d’este palacio, menos a este.

Partiu com a quadrilha, mas assim que voltou costas, a menina tirou a pêra do pescoço e foi ao quarto dos mortos. Viu lá um menino principe todo esfaqueado, que lhe disse:

— Esta casa é um covil de ladrões; o que faz a menina por aqui? Olhe que elles estão ahi a chegar.

A menina fechou outra vez tudo; botou a pêra ao pescoço, e n'isto chega o cunhado.

— Fez o que lhe mandei?

— Fiz.

Elle olhou para a pêra sem malha, ficou muito contente; destinou-lhe serviços para ella fazer, e foi-se outra vez embora para uma viagem de outo dias.

A menina tirou a pêra, e foi ao quarto dos mortos levar um caldo ao menino principe, que ficou são. Sentiram uns carros do rei que levavam esterco e elles fugiram e foram ter com os carreiros para os levarem para o palacio. Chegaram aos carreiros e perguntaram:

— Que novidades ha n'essa cidade?

— Officios dobrados pela falta do principe.

— O principe sou eu; e esta menina deu-me a vida, na casa onde estava esfaqueado pelos ladrões. Agora, carreiro, deita

esterco fóra do carro de traz, põe meia sebe e deita em cima o esterco, que nós nos escondemos ahi.

O carreiro assim fez; eram trez carros e pozeram-se a andar. Os ladrões tinham encontrado um feiticeiro, e elle offereceu-se para ir para a sua companhia. Chegaram a casa, o capitão não encontrou a menina, mas o feiticeiro logo lhe disse que ia fugida no carro de traz.

Partiu um dos ladrões para a ir buscar; chegou ao carreiro, mandou-o parar, e cavar no carro de traz até meio, e vendo que não achava nada, foi-se. Os meninos passaram para o carro segundo. Chegando a casa, disse o ladrão:

— É mentira; não achei ninguem, pois despejei o carro até meio.

Disse o feiticeiro:

— Despeja o carro todo, que elles lá estão.

Parte o ladrão a toda a pressa, apanhou o carreiro, mandou despejar o carro todo, e como os meninos já tinham passado para o carro do meio, não achou nada. Foi-se embora furioso contra o feiticeiro. Diz o sabio:

— Vão agora no carro do meio.

Partiu o ladrão, e mandou despejar o carro do meio; mas não achou ninguem. Diz outra vez o feiticeiro:

— Vae lá, que elles passaram-se para o carro da frente.

Mas os carros chegavam já ao palacio e escaparam os meninos. O rei ficou muito contente por ter tornado a encontrar o seu filho, e soube da menina tudo desde a mão do finado até dar a vida ao principe, que quiz logo casar com ella. O rei deu o sim, e no dia das festas do casamento veiu um dos ladrões com obras de oiro, entrou para a egreja que estava preparada, e abriu uma sacca, e dizia com ár de tolo:

— Tão bonito! tão bonito!

Appareceu ali um vassallo e disse:

— Quando você se admira d'isto, que seria se visse a camera real.

Disse o que se fingia tolo:

— Eu dava todas estas obras de oiro a quem me levasse lá.

O vassallo offereceu-se, e o ladrão no meio de tanta gente sumiu-se e metteu-se debaixo da cama sem o vassallo vêr. Casaram-se os principes, e foram para a camera real; a princeza com uma grande agonia não podia dormir, e não se quiz deitar.

Diz o principe:

— Deita-te, que os ladrões não podem vir aqui matar-nos.

— O meu coração me diz que mesmo aqui me hãode vir matar.

O principe levantou-se, chamou uma sentinella para fóra da porta e um leão para a borda da cama. O leão mal entrou começou a farejar para debaixo da cama; a menina levantou-se e foi vêr aonde o leão estava dando signal. Chamou o principe para vêr um dos ladrões que os tinham querido matar. Acudiu a sentinella, que fez sahir o ladrão que ainda fingia de tolo, dizendo:

— Tão bonito! tão bonito!

Mas levaram-no d'ali para a prisão, até confessar quem o tinha ali mettido, sendo enforcado com o vassallo. O rei mandou tropa a rodear a casa dos ladrões, foram todos mortos, e encontraram muitas riquezas, que o rei deu aos noivos que foram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

42. **A mão do defunto**. — É uma versão popular do *Barba azul*. Gubernatis, na *Myth. zoologica*, t. I, p. 182, resume o XIV conto esthoniano, de Fred. Kreuzenwald, pertencente a

este mesmo cyclo. Na mesma obra, t. II, p. 36, traz outra versão italiana d'este conto com o titulo *O rei dos assassinos*, não colleccionada. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem uma versão de Yorkshire, colligida por Gould nos *Curious Myths*, com uma nota interessante a pag. 407. Segundo Brueyre, a parte mythica do conto é a *mão de gloria*, que se liga ao mytho do fogo. No *Folk-Lore andaluz*, p. 308, ha uma versão do marido que mata as mulheres, até que a ultima vinga as irmãs. Este mesmo thema subsiste nos contos populares portuguezes no romance do *Rico Franco*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 149, vem uma versão de Sevilha, intitulada *Mariquilla la ministra*, em que se confunde tambem o conto da Maria Sabida.

43. O REI DE NAPOLES

Um rei tinha um filho, e como era o unico, queria que elle casasse; mas o principe respondia-lhe sempre, que não casaria senão com uma filha do rei de Napoles se elle tivesse alguma.

O principe tratou logo de indagar bem se o rei de Napoles tinha alguma filha; mas não achava pessoa que lhe désse a certeza. Depois de muitas indagações partiu para Napoles, e armou-se a deitar um decreto, dizendo que dava esmolas a todos os velhos que quizessem lá ir. Era para vêr se algum lhe dava noticias se o rei tinha alguma filha. Todos com quem elle fallava lhe diziam que tinham sido nados e criados e que tal cousa nunca tinham ouvido. Indo um dia á esmola a casa do principe uma velha, perguntou-lhe se ella sabia do rei ter alguma filha?

Respondeu a velha:

— Oh senhor, eu aqui nasci, e d’aqui sou, mas nunca ouvi d’elle ter nenhuma filha. Agora, passando eu o outro dia por uma esquina do palacio, vi de dentro de uma fresta uma cara tão linda, que me pareceu ser de princeza. Mas não posso dar mais certeza.

O principe prometteu á velha de lhe pagar bem, se ella descobrisse se era a princeza. Um dia indo a velha pela esquina, viu á fresta a tal cara linda e chamou-a para lhe vir fallar. Ella veiu; perguntou-lhe a velha se queria comprar joias, que sabia quem as tinha bem boas.

A princeza disse que sim, e combinou a hora em que iriam ter á fresta. A velha foi muito contente dizer tudo ao principe, que tinha visto a princeza, que tinha fallado com ella, e combinado a hora d'elle ir com as joias. O principe vestiu-se em trajo de adello, e chegou á esquina a apregoar joias.

N'este tempo ouve uma voz, que vinha da fresta, chamar:

— Oh homem das joias!

O principe voltou para traz mui contente, e a princeza disse-lhe que entrasse por aquella escadinha. Assim fez; mostrou-lhe as joias, ella estava satisfeita, e disse depois de escolher:

— Vamos agora ao preço.

— Se a senhora está contente com essas, em casa tenho outras ainda melhores, e trago-as cá ámanhã.

Quando chegou a casa a velha aconselhou-o a que vestisse por baixo os seus fatos de principe, e por cima com o trajo de vendilhão das joias, para quando chegasse ás escadinhas despir-se e fallar á princeza como quem era. Assim fez; a

princeza quando o viu feito principe assustou-se, mas elle expôz-lhe a sua pratica e a diligencia que tinha feito para chegar áquelle lugar, e que o seu sentido era de casar com ella.

A princeza acceitou o pedido, e assentou a hora da noite muito em segredo em que elle a iria buscar, porque o rei seu pae não queria que ella casasse. O principe pelo muito grande desejo que tinha de a ir buscar, foi logo de serão para o logar da escadinha; mas cançado de esperar, encostou o cotovello sobre a sella do cavallo e pegou a dormir.

N'este tempo passou um homem de meia tigella pelo pé do principe, e quiz vêr se o conhecia; n'isto ouviu uma voz que dizia:

— Vamos, vamos, que já está o escaler n'agua á nossa espera.

O tal homem viu descer uma donzella muito linda, e pegou n'ella com toda a riqueza que trazia; metteram-se no escaler e partiram.

O pobre do principe ficou ali até amanhecer. Quando acordou julgou que a princeza o tinha enganado, e foi para outra terra, e quando lá chegou começou outra vez a dar esmolas aos pobres, para descobrir por algum se o rei de Napoles tinha alguma filha.

A princeza, quando amanheceu, que se viu com aquelle homem, disse comsigo:

— A primeira vista não é vista; mas isto não é o principe meu senhor.

O ladrão do homem como a via desgostosa perguntou-lhe:

— Sabe a menina com quem vae?

— Com o principe meu senhor.

— Pois saiba que vae com um ladrão.

A princeza começou a chorar, e foram andando, andando e chegaram lá a uma terra chamada das Junqueiras.

Elle varou a lancha, deixou ficar ali a princeza e foi-se embora; havia ali só uma mulher viuva com a sua filha.

A princeza ficou a chorar muito n'aquelle escampado, por se vêr sósinha, e tudo isto era de noite. Disse a filha á mãe:

— Estou ouvindo chorar, e parece-me ser mulher.

— Não, filha; isso podem ser os ladrões, para nos enganarem e virem roubar-nos.

Tornou a dizer a filha :

Será o que Deus quizer;

Mas aquelle chorar é de mulher.

Foram ambas, e deram com a princeza, que ellas não conheciam, e tomaram-na para a sua companhia.

O principe continuava a dar esmolas aos pobres, e perguntava a todos se o rei de Napoles tinha alguma filha. Todos diziam que não, que nunca o tinham ouvido.

Afinal foi lá um velho e fez-lhe esmola, e repetiu a pergunta do costume; o velho respondeu:

— Se o senhor soubesse o que eu passei com ella! sempre se havia de rir um bocado.

O principe pucha uma cadeira e senta o velho ao pé de si. O velho contou:

— Eu vinha um dia do jogo das tábolas, e passei pelo palacio do rei; estava lá n'uma esquina um cavalleiro dormindo, por signal com um cotovello na sella do cavallo; fui ao pé d'elle para vêr se o conhecia, e a este tempo ouvi dizer: «Vamos, vamos, que já está o escaler na agua á nossa espera.» E foi contando timtim por timtim o caso do roubo da princeza até a ir deitar na terra das Junqueiras.

Assim que chegou a este ponto, o principe não se teve em si, pucha de um punhal e crava-o na cabeça do velho e matou-o. Os outros velhos que estavam ali, gritaram logo:

— Aqui d’el-rei, que mataram o nosso irmão.

Acudiu logo a justiça para levarem o principe para o Limoeiro; chegou o dia em que ia a enforcar, e elle pediu mais uma hora de vida. Chamou um dos homens que ali estava, que fosse ao palacio pedir ao rei um livro de pastas vermelhas, que estava á cabeceira do principe. O rei assim que ouviu isto deu-lhe um baque o coração, e conheceu que só o principe é que podia fazer aquelle pedido. E como já ha muitos annos andava ausente do reino, foi vêr se seria elle; metteu-se na carruagem e foi ter com elle, e trouxe logo para o palacio o filho, que lhe contou todos os seus trabalhos:

— Agora, meu pae, dê-me licença para ir á terra das Junqueiras buscar a princeza.

O pae mandou apromptar uma das melhores náos, e o principe assim que chegou á terra das Junqueiras viu uma casinha, e bateu, e quem lhe veiu fallar foi a dona. As perguntas do principe, disse que morava ali com duas filhas. O principe disse se ella dava licença, que as queria vêr. E ella, que não, que não tinham roupinha capaz de apparecerem a sua alteza. Tanto teimou que ellas appareceram, e o principe logo a conheceu, e disse que ia ali por causa d’ella, para a levar para o palacio. A princeza disse que estava bem, e que para enganos só bastava uma vez. Elle disse que levaria tambem para o palacio as suas companheiras, que seriam tratadas como pessoas reaes.

Foram-se embora e casaram, e ficaram vivendo todos como Deus com os anjos.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

43. **O rei de Napoles**. — Nas *Nuits facetiennes*, de Straparola (ed. elz.), IX, fab. 1.ª, vem este conto com a mesma situação das joias e da donzella escondida pelo pae.

44. O MATADOR DOS BICHOS

Houve em certo tempo um rei, que era sósinho mais a rainha, e não tinha filho nenhum para bem de herdar a corôa. Desejaram muito um filho, e nasceu-lhe uma menina. O rei tratou logo de ir vêr ao livro do signo qual seria a sorte da menina, e viu o seguinte:

— Que ao cabo de doze annos ella seria mettida n'uma torre sem porta, senão uma gateira por onde ella acceitasse o comer, e em roda de sete annos a carne que lhe déssem para comer não havia de levar osso nenhum.

Ao cabo de sete annos o rei seu pae foi convidado para ir a um jantar fóra, e deixou recommendado ás suas aias que quando mandassem o comer á princeza, que lhe não levassem carne com osso. Aconteceu por desgraça o contrario. Andava por ali um duque, vestido em trajo de mulher fallando com ella pela gateira. N'aquelle dia em que lhe foi o jantar com o osso ella tratou logo de fazer com elle um martello, e esborralhou um lado da gateira por onde podesse caber, e quando veiu o duque conversar, disse por estas palavras:

— Minha sorte está acabada antes do tempo por via do osso do jantar, e o meu intento é sahir já d'aqui.

Ahi vão elles fugidos; o duque passou um rio que mais ninguem sabia passar, e estiveram por espaço de dois annos em uma brenha de pedra muito seguros. Ali teve a princeza um menino, e como já tivesse trez annos, e como estivesse por baptisar, foi preciso tornar a passar o rio, para irem a uma ermida longe. Passou o duque o menino para a outra margem, e quando vinha para buscar a mãe, prendeu-se n'um passo e desappareceu, ficando a mãe de um lado e o filho do outro.

A princeza ficou chorando muito a sua desgraça, porque não sabia o caminho.

Respondeu-lhe o menino:

— Não tome a mãe molestia, que sou eu quem a vou passar.

— Filho, vaes pelo rio abaixo!

E dobrou ainda mais o choro. Mas o menino passou o rio bem, e guiou a mãe, e lá foi a uma egreja onde pediu para ser baptisado, e quiz o nome de José, Matador dos Bichos. Depois foram andando pela freguezia abaixo, e chegando a uma casa com um postigo meio aberto, elle metteu o braço, abriu a porta como se fosse sua, e entrou com a mãe. Não acharam ninguem; como não achassem que comer, elle foi pedir, e aconteceu ser ao palacio do rei, onde lhe deram muito. A mãe ficou admirada, e temendo que lá o conhecessem, pediu-lhe para não tornar ali mais. Elle das

esmolas arranjou com que comprar uma espingarda, e começou a apanhar caça real que ia levar de presente ao palacio. Indo um dia para a caça lá para uns mattos feios, avistou umas fortes casas e essas medonhas. Com o muito animo que tinha entrou e viu sete homens deitados a dormir. Não teve elle mais que fazer senão pegar n'uma machadinha que ali viu, e com ella foi picando os pescoços dos sete homens, cada um por sua vez. Agora, cuidando que estava sósinho, corre todos os quartos, mas chegou a um em que estava o quadrilheiro-mór, que era um gigante, que lhe perguntou:

— Que fazes por aqui, franguinho de vintem?

— Com eu ser franguinho de vintem talvez me não tema de ti.

O gigante atira-lhe um pescoção, e o menino agarrou-se-lhe ás gadelhas e traçou-lhe o pescoço. Viu então muitas riquezas, e correu a dar parte á mãe, para irem para lá viver; a mãe disse-lhe que fosse dar parte ao rei. Ora o rei, pasmado da valentia do pequeno, perguntou:

— De quem és tu?

— Eu, senhor, sou filho de uma princeza, que fugiu com um duque, de uma torre em que estava fechada.

E como ia contando o acontecido, o rei interrompeu-o, dizendo:

— Pelo que percebo, então és meu neto. Onde está tua mãe?

— Senhor, está n’uma pobre cabana de palha.

E mandou-a buscar, para ella vir para o palacio, onde houve muitas festas. Ora o menino pediu ao avô para ir com uma força ás taes casas dos ladrões buscar aquelles grandes maçames que lá vira. Assim foi; e correndo todos os quartos ajuntou todos os empregos que ali havia de ouro e prata tudo n’um monte, pegaram a carregar quanto poderam, e mandou escangalhar as casas para não servirem mais de covil dos ladrões.

Por morte do avô foi o menino rei, e lá está vivendo muito bem.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

44. **O matador de bichos**. — É uma das lendas mais queridas da Edade media, do pae ou avô que conhece o filho ou neto abandonado, pela sua valentia extraordinaria. As Gestas desenvolveram este thema epico. Trogo Pompeu cita um fragmento de um poema dos Turdetanos, que é o conto do rei Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade de sua filha; tendo-o exposto a todos os perigos

para que a criança morresse, sobrevive a tudo e é nomeado pelo avô successor do seu reino.

45. AS NOZES

Havia um principe, que foi passear; no meio de uma estrada encontrou uma velhinha, e o principe pediu á velha a sua benção. Ella deu-lhe trez nozes, e lhe disse:

— Meu principe, não partas estas nozes senão perto de agua.

Elle foi para diante, e partiu uma das nozes. Saiu uma menina muito linda, que lhe pediu agua. Como elle não tinha agua, ella morreu. Mais para diante, partiu outra noz; succedeu o mesmo, não haver agua e a menina morreu. O principe prometteu a si mesmo de não tornar a partir a ultima senão ao pé da agua. Chegando a uma fonte, partiu a derradeira noz; saiu uma menina, que lhe pediu agua, elle deu-lh'a e a menina viveu. O principe muito contente levou-a comsigo até ao jardim do palacio do rei seu pae, e ahi a metteu entre a ramada de uma arvore, que tinha uma fonte por baixo, e foi-lhe buscar vestidos para a trazer para a côrte. Uma preta vinha á fonte com um pótinho de barro e viu na agua a cara da menina; pensando ser a sua cara, quebrou o pote dizendo:

— Uma cara tão linda não vem á fonte!

A mãe batia-lhe, e ella repetia sempre o mesmo; a mãe chamava-lhe tola, até que lhe deu um odre para ir á fonte, porque assim não o quebrava. A preta foi, e lavou a cara, e olhando para cima viu a menina, e foi a casa chamar a mãe. A mãe veiu e perguntou á menina como é que ella tinha ido para ali. Ella contou, e a mãe chamou a menina e começou a dar-lhe matadellas na cabeça, e vae senão quando mette-lhe dois alfinetes reaes nas fontes, d'onde a menina se tornou em pombinha branca e voou por esses áres fóra. A preta pôz a filha no logar da menina; veiu o príncipe e ficou espantado de a vêr tão negra. Ella respondeu-lhe:

— Os ardores do sol, o vento e a chuva me enegreceram.

O principe ficou pelo que ella dizia, levou-a para o palacio, e estava já para recebel-a, quando lhe veiu uma grande doença, que não lhe sabia nada com fastio. O jardineiro viu uma pombinha, que fallava e dizia:

Eu ando de galho em galho,

De flôr em flôr,

Ai que dôr!

E a pombinha voava e tornava a dizer:

Eu ando da ortelã para o loureiro,

Á roda da minha horta;

Como irá o principe

Com a sua esposa preta Carlota?

O jardineiro foi contar tudo ao principe, que mandou untar todas as arvores de visco, para apanhar a pombinha. Apanhou-se a pombinha, e a preta logo desejou os figados d'ella. O principe não quiz que ella se matasse; indo-lhe a fazer festa, ao passar a mão pela cabeça da pombinha achou os dois alfinetes e puchou-os; ella tornou-se outra vez na menina, e o principe muito contente casou com ella, e mandou matar a preta e a mãe da preta.

(Ilha de S. Miguel — Açôres.)

Notas

45. **As nozes**. — É o conto das *Tres Cidras do Amor*, modificado segundo os fructos predilectos de cada terra, cidras, laranjas ou nozes. Sobre os paradigmas d'este conto universal, vid. n.º 46. Don Agustin Duran, no *Romancero genéral*, t. I, p. 2, nota ao Romance n.º 4, resume este conto, tambem vulgar em Hespanha. Na versão italiana de Perugia, tem tambem o titulo *Le tre noci fatate*. (Ap. Prato, *Quatro novelline*, p . 28.)

46. AS TREZ CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um principe, que andava á caça; tinha muita sêde, e encontrou trez cidras; abriu uma, e logo ali lhe appareceu uma formosa menina, que disse:

— Dá-me agua, senão morro.

O principe não tinha agua, e a menina expirou. O principe foi andando mais para diante, e como a sêde o apertava partiu outra cidra. D'esta vez appareceu-lhe outra menina ainda mais linda do que a primeira, e tambem disse:

— Dá-me agua, senão morro.

Não tinha ali agua, e a menina morreu; o principe foi andando muito triste, e prometteu não abrir a outra cidra senão ao pé de uma fonte. Assim fez; partiu a ultima cidra, e d'esta vez tinha agua e a menina viveu. Tinha-se-lhe quebrado o encanto, e como era muito linda, o principe prometteu casar com ella, e partiu d'ali para o palacio para ir buscar roupas e leval-a para a côrte, como sua desposada. Emquanto o principe se demorou, a menina olhou d'entre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na agua; mas a preta vendo figurada na agua uma cara muito linda, julgou que era a sua propria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

— Cara tão linda a acarretar agua! não deve ser.

A menina não pôde conter o riso; a preta olhou, deu com ella, e enraivecida fingiu palavras meigas e chamou a menina para ao pé de si, e começou a catar-lhe na cabeça. Quando a apanhou descuidada, metteu-lhe um alfinete n'um ouvido, e a menina tornou-se logo em pomba. Quando o principe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:

— Que é da menina que eu aqui deixei?

— Sou eu, disse a preta. O sol crestou-me emquanto o principe me deixou aqui.

O principe deu-lhe os vestidos e levou-a para o palacio, onde todos ficaram pasmados da sua escolha. Elle não queria faltar á sua palavra, mas roia calado a sua vergonha. O hortelão, quando andava a regar as flôres, viu passar pelo jardim uma pomba branca, que lhe perguntou:

«Hortelão da hortelaria,
Como passa o rei
E a sua preta Maria?

Elle, admirado, respondeu:

— Comem e bebem,
E levam boa vida.

«E a pobre pombinha
Por aqui perdida!

O hortelão foi dar parte ao principe, que ficou muito maravilhado, e disse-lhe:

— Arma-lhe um laço de fita.

Ao outro dia passou a pomba pelo jardim e fez a mesma pergunta; o hortelão respondeu-lhe, e a pombinha voôu sempre, dizendo:

— Pombinha real não cáe em laço de fita.

O hortelão foi dar conta de tudo ao principe; disse-lhe elle:

— Pois arma-lhe um laço de prata.

Assim fez, mas a pombinha foi-se embora repetindo:

— Pombinha real não cáe em laço de prata.

Quando o hortelão lhe foi contar o succedido, disse o principe:

— Arma-lhe agora um laço de ouro.

A pombinha deixou-se cair no laço; e quando o principe veiu passear muito triste para o jardim, encontrou-a e começou a affagal-a; ao passar-lhe a mão pela cabeça,

achou-lhe cravado n'um ouvido um alfinete. Começou a puchal-o, e assim que lh'o tirou, no mesmo instante lhe appareceu a menina, que elle tinha deixado ao pé da fonte. Perguntou-lhe porque lhe tinha acontecido aquella desgraça, e a menina contou-lhe como a preta Maria se viu na fonte, como quebrou a cantarinha, e lhe catou na cabeça, até que lhe enterrou o alfinete no ouvido. O principe levou-a para o palacio, como sua mulher, e diante de toda a côrte perguntou-lhe o que queria que se fizesse á preta Maria.

— Quero que se faça da sua pelle um tambor, para tocar quando eu fôr á rua, e dos seus ossos uma escada para quando eu fôr ao jardim.

Se ella assim o disse, o rei melhor o fez, e foram muito felizes toda a sua vida.

(Porto.)

Notas

46. **As trez cidras do amor**. — Apparece pela primeira vez citado na tradição portugueza, por Soropita, *Prosas e Versos*, p. 103. Este escriptor pertence ao fim do seculo XVI. Cita-se nas obras de Nicoláo Tolentino, p. 93. (Ed. J. Torres.) Publicamos uma versão popular nos *Estudos da Edade Media* em 1869, p. 65, quando iniciámos estas investigações. Ha outra versão nos *Contos populares*

portuguezes, e nos *Contos populares do Brazil*, colligidos por Sylvio Romero, n.º XIV, vem com o titulo *A moura torta*, e variantes. Stanisláo Prato, no seu opusculo *Quatro Novelline popolare livornesi*, p. 11 e seguintes, traz bastantes versões italianas d'este conto: *La bella dei sette Cedri, I tre cocomeri, Le tre melangele d'amore, Bianca como la neve e rossa como il sangue, Le tre noci fatate, Il giardino del orso, La dea Venere*. Sobre esta novella apresenta em seguida um largo estudo comparativo (p. 46 a 91 in-4°) sobre as versões colligidas por Pittré, Basile, Imbriani, Berti, Comparetti, Corazzini, Gubernatis, Gradi, Gozzi, Laura Gonzenbach, Schneller, Lippi, Busk, Ive, Visentini, Deulin, Afanasieff, Makban, Buemosci, Schott, Grimm, Kennedy, Brueyre, Asbjornsen (Dasent), Köhler, Maspons y Labros, Schmidt, Eredelgi Stier, Hahn, Benfey, Stefanovic, Jawis Schiefner, Zingerle, Cavallius, etc. Todos estes nomes representam collecções de novellas populares italianas, gregas modernas, allemãs, hungaras, russas, inglezas, escocezas, hespanholas, suecas, aváricas, suissas, por onde se vê que este conto é verdadeiramente universal. Stanisláo Prato interpreta este conto como sendo o mytho do Hercules roubando os pômos de ouro do jardim das Hesperides. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 81, tambem apresenta uma interpretação mythica.

Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXI, The Bél-princess, ha uma versão oriental d'este conto. — Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I,

p. 109, vem uma versão, *La Negra y la Tórtola*, colligida no Chili, na povoação de Santa Joanna; traz os estribilhos:

— Hortelanito del rey,
Que hace elrey con su negra mora?
«A veces canta y a veces llora.
— Hui, hui, hui! triste de mi
Por el campo sola.

47. A BENGALA DE DEZESEIS QUINTAES

Era uma vez um ferreiro, que tratava muito mal a mulher com pancadas, e de uma vez tantas lhe deu, que sem se importar que ella andava occupada de mezes a pôz fóra de casa. A pobre da mulher foi para os montes, e coitadinha, lá se agasalhou n'uma lapa e comia ervinhas do campo. Passado tempo teve um menino, e quando chegou á edade dava-lhe tambem a comer ervas; mas elle tornou-se muito forte, e subia ás arvores mais altas e agarrava coelhos, lebres, raposas e lobos tudo á mão. Vae de uma vez, pelas conversas que tinha tido com a mãe, pediu-lhe para ir por ahi abaixo vêr esses territorios e casarias da cidade, e foi.

Chegante lá, estava um ferreiro a trabalhar á açafra, e elle disse:

— Oh mestre! quero que me faça um bengala de ferro de doze arrobas!

— O freguez sabe o que diz? olhe que doze arrobas não é lá qualquer coisa.

O rapaz conheceu pela cara e modos do ferreiro, que elle era seu pae, mas calou-se comsigo; depois disse:

— Então se doze arrobas ainda é pouco, faça-me a bengala de dezeseis arrobas.

— Oh freguez! olhe cá para mim direito.

— Olho, sim senhor; que eu não estou a mangar; e já que você acha pouco, faça-me a bengala de dezeseis quintaes.

O ferreiro disse que sim, e não ajustou preço; o rapaz foi-se embora e contou tudo á mãe. Chegado o dia em que a obra devia ficar prompta, elle foi á porta do ferreiro e viu muitos homens e uma junta de bois a pucharem a bengala de dezeseis quintaes para a pôrem na rua. O rapaz bota logo a mão á bengala e começa a ensarilhar com ella no ár, como se fosse um junco. O ferreiro e os outros homens com medo de ficarem esborrachados, começaram-se a esconder por todos os cantos; diz elle:

— Oh mestre; quanto custa a bengala?

— Não é nada; não é nada; pode-se ir embora.

O que o ferreiro queria era vel-o pelas costas; disse o rapaz:

— Pois ámanhã cá torno para ajustarmos as contas.

Assim foi; no outro dia trouxe a mãe a casa do ferreiro:

— Oh mestre! então você não conhece esta mulher?

— Não senhor.

— Pois você atreve-se a dizer que a não conhece, tendo-a recebido, dormido com ella e sendo eu seu filho? Pois agora ahi a tem, e veja como a trata.

O ferreiro conheceu a mulher, levou-a para casa, quiz abraçar o filho, e pediu para viverem todos juntos; diz agora o rapaz:

— Eu vou por esse mundo adiante, que não me falta que fazer.

Foi-se embora; passando lá por umas matas, viu um homem a arrancar pinheiros á mão, como se fossem tremoceiros; ficou pasmado da valentia, e disse:

— Oh homensinho! você como se chama?

— Eu chamo-me o Arranca-Pinheiros; mas dizem-me que ha outro homem mais valente do que eu, que é o da Bengala de dezeseis quintaes.

— Quer você vir commigo por esse mundo além?

— Iria, mas só com homem da minha egualha.

Elle então puchou da bengala e ensarilhou-a no ár. O outro ficou pasmado, e foram-se ambos por ahi fóra muito amigos. Andaram, andaram, até que foram dar a um sitio

onde estava um homem que infincava as mãos no chão, e com os pés descoroava os montes e punha-os rasos como uma cachada.

Disse o da bengala:

— Oh homem! você como se chama?

— Eu sou o Arrasa-Montanhas; mas olhe que ha um homem mais valente do que eu, chamado o Bengala de dezeseis quintaes, que eu ainda dava alguma cousa para vêl-o.

O rapaz ensarilhou no ár a bengala, e ficaram todos trez conhecidos. Combinaram ir por esse mundo, e do que arranjassem repartirem-no entre si. Foram dar a uma praia muito linda, onde estavam duas raparigas a banharem-se; ora o Bengala de dezeseis quintaes viu que ellas atiravam uma para a outra duas bolas de vidro, que se atravessavam no ár. E emquanto estavam n'este jogo, elle foi-se chegando surrateiro, estendeu a mão e apanhou de uma só vez as duas bolas de vidro. Metteu-as na algibeira, e as duas raparigas desappareceram.

Foram-se os trez amigos andando, e chegaram lá a um escampado, onde estavam umas casarias; entraram. Havia muita mobilia, camas, cosinha, mas não apparecia ninguem. Disse o da Bengala de dezeseis quintaes:

— Fiquemos aqui a descançar. Mas o melhor era irem vocês ambos apanhar alguma caça, emquanto eu vou cosinhar esta que trago aqui.

Os outros assim fizeram. Bengala de dezeseis quintaes amanhou os coelhos e lebres que trazia, pôz tudo ao lume, e emquanto foi buscar uma pedra de sal, sae-lhe debaixo de uma meza, por um alçapão, um moléquinho de bota vermelha, vae á panella, furta-lhe tudo e meija-lhe dentro. Bengala de dezeseis quintaes ainda agarrou n'uma acha para o arranjar, mas o moléquinho safou-se, que foi um alho. Quando os companheiros vieram, elle contou-lhe tudo, mas os outros não quizeram acreditar, dizendo que elle se tinha regalado com a comida. Disse elle:

— Pois fique agora o Arranca-Pinheiros cosinhando esta caca, que nós vamos apanhar mais.

Ficou Arranca-Pinheiros; veiu o moléquinho das botas vermelhas, furtou tudo e meijou-lhe na panella. Elle ainda correu atraz d'elle, mas vistel-o. Vieram os outros, mas só o Arrasa-Montanhas é que não queria acreditar. Ficou elle d'esta vez para fazer o cosinhado; mas como campava de esperto, aconteceu-lhe o mesmo. Disse agora o Bengala de dezeseis quintaes:

— Deixa-te estar, meu moléquinho, que quem te vae agarrar sou eu.

E tiraram a meza que estava em cima do alçapão, e viram um poço muito fundo e escuro lá para dentro. Elle mandou o Arranca-Pinheiros, que fosse buscar troncos de arvores e ramalhoças, que as torcesse e fizesse um calabre para um d'elles descer lá abaixo. Assim fez; quando estava tudo prompto, e o calabre chegava ao fundo do poço, disse o Bengala de dezeseis quintaes:

— Quem vae lá abaixo sou eu.

Desceu, desceu, e chegou ao fundo, emquanto os outros ficaram segurando na corda; lá em baixo era um grande alpendre com muitas portarias. Bateu a uma com a bengala, mas ninguem lhe respondeu; tornou a bater, e disse:

— Se não respondem, metto a parta dentro.

Fallaram de lá:

— Quem é que está ahi?

— É o Bengala de dezeseis quintaes; abra.

Abriram; era uma mulher que fazia de porteira:

— Oh homem, vae-te embora, que aqui mora a bicha de sete cabeças, que te encanta e nunca mais sais d'aqui.

— Deixa estar; com ella é que me eu quero.

Chega a bicha bufando toda assanhada:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Vae o Bengala de dezeseis quintaes, ferra-lhe tamanha estourada de meio a meio, que a deixou logo ali esborrachada. Á primeira gota de sangue que derramou desencantou-se a menina, e elle conheceu que era uma d'aquellas que vira no banho na praia do mar. Para se desenganar perguntou-lhe:

— De quem é esta bola de vidro?

— É minha; e ainda hasde ter na algibeira outra que é de minha irmã que está ali n'aquella outra porta encantada.

— Deixa estar, que eu é que vou livral-a; mas antes de tudo vou-te pôr lá em cima.

Deu signal, e os dois companheiros pucharam a corda. Emquanto elles iam subindo a menina tirou um annel do dedo, e disse:

— Toma lá a minha memoria; emquanto estiver ao pé de ti é que poderei fallar; sem tu estares ficarei muda.

O Bengala de dezeseis quintaes tornou a descer ao poço e chegou á outra porta; bateu, e só depois de muito bater, é que lhe abriram; era outra mulher, que lhe disse:

— Fuja d'aqui, homem, quando não vem o moléquinho que o mata.

— Ai o moléquinho das botas vermelhas! Com esse é que me eu quero.

— Olhe que elle não tarda, que foi buscar de comer; ainda que se lhe bata, nada lhe faz mal; só se fôr com aquella espada preta que está ali pendurada. N'isto chega o moléquinho:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Bengala de dezeseis quintaes tinha-se escondido detraz da porta, e assim que o apanhou a geito deu-lhe tamanha estourada, que o açapou no chão. Mas o moléquinho levantou-se como se nada fosse, e disse:

— Ah, se isso vae assim, então vamos fazer aqui rusga. Pega n'esta espada branca, que eu pego na preta.

O rapaz que já estava avisado pela mulher, disse:

— N'essa é que eu não caio; ou hade ser com a minha bengala, ou senão com a espada preta.

O moléquinho, que não queria os ossos amassados, antes quiz ceder a espada preta; vae o rapaz ao primeiro golpe, corta-lhe uma orelha, e metteu-a na algibeira. Assim que derramou sangue a menina desencantou-se, e elle mostrou-

lhe a outra bola de vidro. Então ella contou-lhe que estava com sua irmã encantada, e que eram filhas de um rei, e deu-lhe tambem o annel da sua memoria, para não poder ter falla para outra pessoa senão a elle. Bengala de dezeseis quintaes metteu-se com a princeza no cesto, e deu signal para o içarem. Os companheiros ficaram muito contentes; e vae elle viu que se tinha esquecido da bengala no poço, e disse que esperassem um bocadinho emquanto a ia buscar. Assim que os outros o apanharam a meio do poço largaram cordas e tudo e elle cahiu lá em baixo; safaram-se ambos com as duas princezas. O rapaz viu-se perdido, porque não podia sahir do poço; mas lembra-se da orelha do moléquinho, e ferra-lhe uma dentada. Appareceu-lhe logo o das botas vermelhas:

— O que é que tu queres?

— Quero que me leves d'aqui para fóra.

O moléquinho transformou-se logo n'um bode e subiu pelo poço até meio caminho; depois tornou a cair:

— Só te boto lá em cima, se me deres a minha orelha.

— Pois sim.

Foi n'um prompto. Assim que Bengala de dezeseis quintaes se achou cá fóra, moléquinho a dizer:

— Dá-me a minha orelha.

— Só t’a dou, se me levares para onde foram os meus companheiros.

O moléquinho transformou-se logo n’um begueiro, e foi por ahi fóra dar ao palacio do rei. Havia lá festa, porque o rei estava muito contente por se terem desencantado as filhas, e já se tratava das festas do casamento d’ellas com os dois homens. Mas o rei tinha muita pena das filhas serem mudas. Disse o jumentinho ao da Bengala:

— Da-me agora a minha orelha!

— Só se me levares onde estão as princezas.

O begueiro, subiu pelas escadarias, e foi por corredores dar ao quarto das princezas. Ellas assim que o viram começaram logo a fallar e contaram-lhe tudo. Foram dizer ao rei que estava um homem no quarto das princezas, e que ellas fallavam. Veiu o rei, e a principio queria mandar matar o homem, mas as princezas contaram que elle é que as tinha desencantado, e que só elle é que tinha os anneis da memoria, e por isso só com elle é que podiam fallar.

Disse o jumentinho ao rapaz:

— Dá-me agora a minha orelha.

— Dou-t’a, mas só depois de ter casado com a princeza herdeira do reino.

O rei consentiu no casamento, e aconteceu que a primeira que elle tinha desencantado é que era a princeza herdeira, e por isso a outra não teve de que ter ciumes. Os dous homens que tinham fugido com ellas, tiveram medo dos poderes do Bengala de dezeseis quintaes, e não estavam para flustrias, deram á perna. Torna o moléquinho a apparecer ao rapaz:

— Dá-me agora a minha orelha.

— Só t'a dou, quando arranjares as coisas de geito que eu entre a reinar.

O caso é que o rei deu-lhe uma doença, e foi indo, a ficar chupadinho, que morreu. Bengala de dezeseis quintaes foi acclamado rei, e só depois de subir ao throno é que deu a orelha a seu dono.

(Santa Maria — Famalicão.)

Notas

47. **A bengala de dezenove quintaes**. — Acha-se este conto na Foz do Douro, com o titulo *O homem da espada de vinte quintaes* (*Contos populares portuguezes*, n.º XXI.) Na *Revista Occidental*, vol. II, p. 329, vem uma outra redacção, de Ourilhe (Celorico de Basto) a que a narradora deu o titulo de *O homem da bengala de cem quintaes*, ou *da bengala de ferro*, não reunido na collecção citada, por não

ter differenças essenciaes. Ha uma versão andaluza, colligida por Fernan Caballero, *Contos populares*, p. 51, ed. Leipzig.) Este conto acha-se colligido por Schiefner, nos seus *Awarische Texte*, n.º II. (Nas *Mem. de l'Academie Imperiale des Sc. de Saint Petersburg*, VII serie, t. XIX.) O Conto chama-se *Orelhas de Urso* e é de uma grande importancia para a determinação da origem de uma grande parte das novellas populares europêas, pelas relações entre os ávaros caucasicos com os ávaros mongolicos. A traducção d'este conto acha-se na *Revista Occidental*, vol. II, de p. 337 a 343. Ha versões d'este mesmo conto na Russia, como se vê pelas collecções de Erlenwein e de Afanasieff, traduzido para inglez no *Russian Folk-Tales* by Ralston, p. 73-80; e para francez com o titulo de *O monstro Norka*, por Brueyre. (*Contes populaires de la Russie*, p. 77.) Ha elementos episodios no *Koschéi o immortal*. (Ibidem, p. 105.) Nos *Contos populares da Servia*, de Vuk Stefanovic, vem este conto com uma fórma deturpada, e uma variante colligida pela Sociedade da joven Bosnia, ambos traduzidos para inglez pela dama Mijatovies (p. 32 e 36, e p. 123.) Na collecção de Hahn, *Contos gregos e albanezes*, n.º 70 do I vol., e p. 294, do vol. II. Na Italia, apparece nas collecções de Pittré, n.º 80 e 83 das *Ott. Fiabe*, e p. 208 do vol. II das *Fiabe Novelle e Raconti popolari siciliani*; e nos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, apparece sob os n.os 58, 59, 61, 63 e 64; nos *Contos populares venezianos*, de Wiedter e Wolf, n.º 4, e nas *Novelline popolari ilaliane*, de Domenico Comparetti, n.º 19. As notas de Reinhold Köhler alargam immensamente a área das comparações na tradição

europêa; acham-se nas collecções Schiefner, de Gonzenbach, Wiedter, Hahn, Vuk Stefanovic e Bladé, d'onde se aproveitam todos os criticos com leves ampliações; pertencem a este cyclo novellesco, contos magyar, slavonico e polaco, das collecções de Gaal, Vogel e Woyciki; contos allemães das collecções de Grimm,[1], Wolf, Sommer, Colshorn, Curtze e Vernalecken; Mullenhoff, Birlinger, Haltrich; conto bohemio, na collecção de Waldau, lituanico na de Schleicher, tiroleza na de Zingerle e Schneller, dinamarqueza na de Grundtvig, e slava na de Schmaler, e em suisso, de Sutterrneister, finlandez em Bertram, e gaelico em Campbell. O estudo comparado d'este conto portuguez com os elementos tradicionaes europeus colligidos pelo erudito Köhler, acham-se na citada *Revista Occidental*, Lisboa, 1875, vol. II, p. 239 e 245.

Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*, t. I, p. 207, traz o resumo de um conto russo colligido por Erlenwein, e no tomo II, p. 197, traz o episodio da descida ao poço e da salvação das princezas filhas do *rei de Portugal*, colligido d a tradição oral da Toscana. Portugal, nos contos populares europeus, é o paiz das maravilhas, e as laranjas, como pômos dourados das Hesperides são chamadas *Portogalotes*; uma grande parte dos assumptos novellescos narram-se como tendo acontecido em Portugal. Por ultimo citaremos ainda uma versão catalan, colligida por Maspons y Labros, nos Rondellayres, com o titulo *Jean de l'Ours*, e a versão franceza colhida recentemente por Emmanuel

Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, com o titulo *La canne de cinq cents livres*. É evidente a universaliade d'este conto, e com certeza desenvolveu-se pela obliteração do seu sentido mythico primitivo. Gubernatis determina essa interpretação pelo conto IV da collecção de Erlenwein, *Narodnija Sharki sabrannija selskimi ueiteliami*: «os tres irmãos apparecem sob nomes mythicos interessantes; uma mulher dá á luz tres filhos; um nasce-lhe á noite, e por essa razão lhe chamam Vecernik, ou da noite; o segundo, á meia-noite, e por isso o seu nome é Polunocnik; e o terceiro ao alvorocer, pelo que o chamam Svetazor, ou o ladino.» Segundo a universalidade da tradição este é o mais esperto, e gira com uma clava de ferro de doze puds, e vae com os irmãos libertar trez princezas encantadas, que são a princeza do castello de cobre (Aurora da Tarde), a princeza do castello de prata (a Lua argentea), e a princeza do castello de ouro (a Aurora da manhã) que casa com Svetazor (o Sol.)» *Op. cit.*, p. 209.

Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante, n.º XIX, intitulada *Manoel da Bengala*.

1. ↑ Na traducção franceza de Fr. Baudry, vem *Os seis companheiros* (p. 172) e o *Gigantinho* (p. 274) com analogias.

48. A TORRE DE BABYLONIA

Era uma vez um pescador, que indo certo dia ao mar encontrou o rei dos Peixes. O rei dos Peixes pediu-lhe que o não levasse. O pescador consentiu, mas a mulher tanto fez com elle, dizendo-lhe que lhe levasse o rei dos Peixes, que o pescador não teve remedio senão leval-o.

A pescada mandou então ao homem que a partisse em cinco postas: uma para a mulher, outra para a egua, outra para a cadella, e duas para serem enterradas no quintal. Assim aconteceu.

Da mulher nasceram dois rapazes; da egua dois cavallos; da cadella dois leões, e do quintal duas lanças. Os rapazes cresceram; quando esfavam já grandes, pediram ao pae que os deixasse ir viajar. Partiram cada um com sua lança, seu leão e seu cavallo.

Ao chegarem a um sitio onde havia dois caminhos, um tomou por um, e outro por outro, promettendo auxiliarem-se se algum d'elles precisasse de soccorro. Um d'elles foi ter a um monte onde viu uma donzella quasi a ser victima de uma bicha de sete cabeças. O rapaz matou a bicha e casou com a donzella. Um dia, estavam ambos á janella, e o rapaz ao avistar ao longe uma torre, disse:

— Que torre é aquella?

— É a torre de Babylonia
Quem vae lá nunca mais torna.

— Pois heide ir lá eu, e heide tornar.

Fez-se acompanhar do leão, pegou na lança, montou a cavallo e seguiu. Na torre havia uma velha, que ao vêr o cavalleiro, cortou um cabello da cabeça, e disse:

— Cavalleiro, prende o teu leão a este cabello.

O cavalleiro assim fez; mas vendo que a velha se dirigia contra elle, disse:

— Avança, meu leão.

E a velha respondeu:

— Engrossa, meu cabellão.

N’isto o cabello da velha transformou-se em grossas correntes de ferro e o cavalleiro caiu n’um alçapão da torre.

Algum tempo depois o outro rapaz chegou a casa do irmão, mas como ambos eram muito parecidos (só este tinha na face um signal) a cunhada facilmente o tomou pelo marido e deu-lhe pousada n’essa noite.

Ao outro dia estavam ambos á janella e o cunhado ao avistar a torre velha, perguntou:

— Que torre é aquella?

— Já te disse, homem, que

Era a torre de Babylonia
Quem vae lá nunca mais torna.

— Pois heide eu lá ir e heide voltar.

Apromptou-se exactamente como o irmão, e marchou em direcção á torre. Assim que a velha o viu, disse-lhe para prender o leão ao cabello. O rapaz fingiu que o prendia, mas deixou cair o cabello. Então a velha correu para elle. O rapaz disse:

— Avança meu leão!

E a velha:

— Engrossa meu cabellão.

O cabello não engrossou e o leão avançou. A velha:

— Não me mates, que eu dou-te muitas riquezas.

O cavalleiro não se importava. A velha:

— Não me mates, e aqui tens um vidrinho que desencanta todas as pessoas encantadas na torre.

O cavalleiro recebeu o vidro; mandou avançar o leão, e matou a velha. Depois desencantou todos que estavam na torre. O irmão, porém, apenas soube que a mulher por engano havia quebrado os laços conjugaes, assassinou o seu salvador.

(Porto.)

Notas

48. **A torre de Babylonia**. — Segundo uma nota de Consiglieri Pedroso, tambem tem o titulo da *Torre da Somnolencia*, o que nos explica o sentido do titulo com que o ouvimos em uma versão de Abrantes, *A torre da madorna*. Acha-se nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV; seguimos o texto de Leite de Vasconcellos, da *Vanguarda*, n.º 39. Ha uma outra versão nos *Portugueze folktales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XI. Este mesmo conto é commum á tradição hespanhola com o titulo *El Castillo de irás y no volverás*, em Maspons y Labros, *Rondellayres y quentos populares catalans*, Serie I, n.º 5; acha-se tambem na collecção de Fernan Caballero, com o titulo *Los cavalleros del pez*. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, as versões francezas tem os titulos *Le fils du Pecheur* e *Les dons des trois animaux*. Apparece uma

versão italiana na *Fiabe, Novelle e Raconti popolari siciliani*, n.º 16, de G. Pittré. Apparece uma versão servia, intitulada *Bash Chalek*, na trad. ingleza de M.me Mijatovies *Serbian-Folk-lore*. Reinhold Köhler, nas suas notas aos *Awarische Texte*, de Schiefner, n.º IV, onde compara o conto dos *Cunhados animaes*.

49. DESANDA CACHEIRA

Um pae tinha trez filhos, que foram pelo mundo correr sua ventura; tomou cada um para sua banda. O mais velho encontrou-se com um viandante, e foi conversando com elle; chegados lá muito longe o viandante disse:

— Paremos aqui para comer.

E desenrolou uma toalha que levava á cinta, dizendo: «Põe-te, meza!»

Logo ali appareceram muitos manjares e vinhos e coisas boas, e comeram ambos. Como era já lusco com fusco, a toalha fez-se em uma barraca, e ali passaram tambem a noite abrigados. Ao outro dia cortou cada um para o seu lado e não se tornaram a vêr. Ora o rapaz perdeu-se no caminho, e foi dar a um grande barrôco, e aconteceu ir encontrar o companheiro, dono da toalha, cercado de lobos, que trabalhavam para lhe chegar. Pôz os lobos em debandada com um pandeiro, e o viandante em paga de o ter salvado deu-lhe a toalha do encanto.

O rapaz voltou para casa, sem ter mais necessidade de trabalhar para comer.

O filho segundo não foi menos feliz; encontrou um velhinho, que ia tangendo uma burra e foi conversando com elle; chegando lá a uma encruzilhada separaram-se, e foi cada um para a sua banda. Mas ouvindo lá pela noite adiante uns gritos de afflicção foi-se chegando, e acertou de ir dar a um sitio onde estavam uns salteadores a maltratarem o velho para lhes dizer onde é que levava o dinheiro. O rapaz, que era valente, cahiu em cima dos ladrões, que fugiram, e assim livrou o velho. Este, agradecido, deu-lhe em paga a sua burra, dizendo:

— Quando tu lhe disseres: «Mija dinheiro», essa burra dá-te todo o dinheiro que quizeres.

Assim voltou para casa tanto ou mais rico do que o irmão.

O filho mais moço tambem era esperto; encontrou no seu caminho um homem que levava ás costas uma cacheira. N'isto vieram uns ladrões sahir-lhe â estrada, e elle disse:

— Desanda, cacheira!

O páo começou logo no ár a despedir pancadas para a direrta e para a esquerda, e os ladrões ficaram estendidos com pernas, cabeças, braços quebrados, que era um louvar a Deus. Os dois companheiros foram andando; vae o rapaz, e diz-lhe:

— Quer você vender-me a sua cacheira?

— Só se me deres todo o dinheiro que levas.

O rapaz deu-lhe tudo quanto o pae lhe tinha dado para arranjar a sua felicidade. Voltou para casa muito contente com a cacheira ás costas. O pae assim que o viu, perguntou-lhe:

— Então o que é que trazes, que sejas tão feliz como teus irmãos?

— Comprei esta cacheira com o dinheiro que levei.

E contou o poder que tinha a cacheira. O pae pôz-se a rir, e disse que não admirava que elle se deixasse enganar porque era muito criança; e que a cacheira não servia para nada. O rapaz andava triste.

Havia uma grande festa na egreja da terra, e o irmão mais velho foi lá; como andava sempre com a toalha, temendo que ella perdesse o encanto, deixou-a á porta a uma velha que lh'a guardasse, recommendando-lhe que não dissesse: «Põe-te, meza!»

Se bem o disse, peior o fez a velha; e vendo logo apparecer uma rica meza pósta, foi a toda a pressa esconder a toalha. Veiu tambem á festa o irmão do meio, e trazia comsigo a burra, e deu-a a guardar á velha, recommendando-lhe que tivesse mão n'ella, e que não dissesse: «Mija dinheiro!» Mal virou as costas, a velha disse as palavras, e começou a

correr da burra dinheirama a rôdo. A velha safou-se com a burra.

Quando os dois irmãos sahiram da egreja não acharam a velha, e vieram para casa muito tristes com o roubo de toda a sua fortuna. Disse o mais novo:

— É tempo de saber para que serve esta cacheira.

Foi ter á porta da egreja, e fingiu que queria dar a guardar a cacheira; vem a velha ter com elle. Deu-lhe a cacheira:

— Guarda-m'a até já, e não digas: «Desanda cacheira!»

A velha, pelo vezo, faltou á promessa, e assim que disse: «Desanda cacheira!» como não estava ali em quem batesse, a cacheira começou a bater na propria velha, que foi a gritar procurar o rapaz para fazer parar aquelle castigo. O rapaz veiu de dentro da egreja, e deixou a cacheira malhar, até a velha confessar onde é que tinha escondido a toalha e a burra. Só quando ella entregou tudo, é que a cacheira parou. Se não fosse a cacheira, de que o pae fez escarneo, os outros thesouros ficariam perdidos para sempre.

(Porto.)

Notas

49. **Desanda cacheira**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXIV, vem uma versão de Coimbra. Nos *Estudos da Edade media*, p. 70, publicámos pela primeira vez este conto com uma redacção artificial. Acha-se na tradição allemã: *A meza, o burro e o bastão maravilhoso*. (*Contes choisis*, de Grimm, trad. Baudry, p. 155.) Gubernatis traz uma variante italiana nas *Novelline di Santo Stephano*. (*Rev. des deux mondes*, pag. 145, Nov. de 1877.) No conto XI da collecção esthoniana, resumida por Gubernatis, a cacheira que desanda por si, é interpretada como a expressão mythica do raio. (*Myth. zoologique*, t. I, p. 174.) Sobre estes talismans da *toalha que dá de comer*, ha nos *Contos dos pastores slavos*, de Chodzko, *O Anão e o tapete volante*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, falla nos episodios fundamentaes d'este conto: *A bolsa sempre cheia de dinheiro*, é uma fórma do *Asno mija-dinheiro*, da *Pata dos ovos de ouro*, dos *Cinco reis eternos do Judeu Errante*. A toalha cheia de iguarias, é figurada na mythologia antiga pelo *côrno de Amalthea*, ou a Vacca da fertilidade dos Vedas, ou a taça de *Graal* da Tavola Redonda, ou o *copo de Oberon* no poema de *Huon de Bordeaux*. (p. 139.) A *toalha do Põe-te meza*, apparece nas collecções bretã, slava e noruegueza; em Luzel, no *Corpo sem alma*; em Chodzko, na *Toalha que alimenta*; em Asbjornsen, *O homem que vae ao vento do norte*, *Mestre Tabaco*, o *Rei Valemond e o Urso branco*. — Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, acha-se com o titulo *O priguiçoso*. Este thema acha-se largamente desenvolvido pelo prof. Stanisláo Prato, no opusculo *Una*

Novellina popolare monferrina, Como, 1882. Aproveitamos as suas indicações. Acha-se este thema no II conto kalmuco, da traducção de Bernhard Jülg; no conto indiano do *Rei Patraka*, no *Kathasâritsâgara*, de Somadeva Bhattra. Cita uma outra historia na collecção indiana do *Bahar Danusch*, e uma traducção do industanico de Garcin de Tassy. Nos *Avadanas* chinezes, traduzidos por Stanisláo Julien, t. II, p. 8, vem sob o titulo *A disputa dos dois demonios*. Ha uma variante arabe *Aventuras de Mazen do Khorassan*. Na collecção do *Touti Nameh* (vol. II, p. 28, da trad. allemã de Iken), ha outra variante; na collecção polaca de Glinski, traduzida por Chodzko, e por Prato, (op. cit., p . 21) e em outro conto (Glinski, t. III, p. 81) apparece a toalha magica. Nos contos XI e XXIII da collecção esthoniana figura a cacheira, ou o páo que bate por si mesmo. O thema do Asno faz-dinheiro acha-se nos *Old Deccan Days*, de Miss Frère, p. 166. O sentido mythico é evidente na toalha, que figura a nuvem, e na cacheira que é o raio. Vide Brueyre, p. 48, notas, p. 58, dos *Contos da Gram Bretanha*. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, n.º XXIX, vem este conto do qual Consiglieri Pedroso colligiu outra variante portugueza com o titulo *A Velhinha e Sam Pedro*.

50. O SAL E A AGUA

Um rei tinha trez filhas; perguntou a cada uma d'ellas por sua vez, qual era mais sua amiga? A mais velha respondeu:

— Quero mais a meu pae, do que á luz do sol.

Respondeu a do meio:

— Gosto mais de meu pae do que de mim mesmo.

A mais moça respondeu:

— Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova o não amava tanto como as outras, e pôl-a fóra do palacio. Ella foi muito triste por esse mundo, e chegou ao palacio de um rei, e ahi se offereceu para ser cosinheira. Um dia veiu á mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao partil-o achou dentro um annel muito pequeno, e de grande preço. Perguntou a todas as damas da côrte de quem seria aquelle annel. Todas quizeram vêr se o annel lhes servia; foi passando, até que foi chamada a cosinheira, e só a ella é que o annel servia. O principe viu isto e ficou logo apaixonado por ella, pensando que era de familia de nobreza.

Começou então a espreital-a, porque ella só cosinhava ás escondidas, e viu-a vestida com trajos de princeza. Foi chamar o rei seu pae e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ella, mas a menina tirou por condição que queria cosinhar pela sua mão o jantar do dia da bôda. Para as festas do noivado convidou-se o rei que tinha as trez filhas, e que puzera fóra de casa a mais nova. A princeza cosinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pae não botou sal de proposito. Todos comiam com vontade, mas só o rei convidado é que nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia? Respondeu elle, que não sabia que assistia ao casamento da filha:

— É porque a comida não tem sal.

O pae do noivo fingiu-se raivoso, e mandou que a cosinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veiu então a menina vestida de princeza, mas assim que o pae a viu, conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa, por não ter percebido quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito, que lhe queria tanto como a comida quer o sal, e que depois de soffrer tanto nunca se queixára da injustiça de seu pae.

(Porto.)

Notas

50. **Comida sem sal**. — É uma fórma popular da lenda do *Rei Lear*. Nos Contos de Grimm (p. 209 da versão de Fr. Baudry) vem como episodio na *Guarda-Patas*. Nas *Fiabe, Novelle e Raconti*, de Pittré, n.º 10, vem este mesmo thema tradicional. No *Pantcha Tantra* (trad. Lancereau, p. 244) ha uma princeza casada com um principe serpente, a qual é expulsa de casa pelo pae. Adiante reproduziremos a fórma litteraria d'esta lenda como se lê no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo XIV. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º III, vem com o titulo de *Rei Andrada*. (Vide supra notas 19 e 20.) Ha uma versão portugueza, colligida por Pedroso, *Pedro Cortiçôlo*. Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXIII, vem com o titulo *The princesse who loved her fatter like salt*.

51. AS CRIANÇAS ABANDONADAS

Um pobre homem casado tinha muitos filhos, sem ter que lhes dar a comer; de uma vez, quando os pequenos já estavam deitados, disse elle para a mulher:

— O melhor é leval-os commigo para o monte quando fôr á lenha, e deixal-os lá.

O filho mais novo apanhou a conversa e levantou-se surrateiro, e foi á ribeira e trouxe para casa muitos seixinhos. Ao outro dia pela madrugada o homem saiu com os filhos para o monte, e o mais novo foi espalhando os seixos pelo caminho. Ao cair da tarde o homem carregou a lenha, e disse aos filhos que ficassem guardando o resto, que já vinha por elles. Mas, voltou elle? Assim que anoiteceu, os pequenos começaram a chorar; ora o mais novo, disse:

— Eu sei o caminho.

E foi procurando os seixinhos brancos que tinha deixado cair pelo caminho; o que é certo é que deu com o caminho de casa mais os irmãos. Estava a porta fechada e estava-se á ceia. Dizia a mulher:

— Está este caldinho tão bom. Quem me dera aqui agora os nossos filhos! Onde estarão a estas horas?

— Estamos aqui, mãesinha.

A mãe foi abrir-lhes a porta. Passaram tempos, a pobreza augmentou, e o pae combinou outra vez a il-os deixar no monte; assim fez. O pequeno apanhou a conversa, e d'esta vez, como não pôde ir buscar os seixos, encheu uma algibeira de tremoços, e foi-os espalhando. Á noite quando o pae se veiu embora, o pequeno começou a procurar os tremoços, e os passaros tinham-n'os comido, e não pôde achar o caminho. Elle mais os irmãosinhos perderam-se no descampado, até que foram dar a uma casa onde morava um homem ruim; a mulher assim que os viu, disse:

— Ai meninos, que vindes aqui fazer, que o meu homem come gente!

— O que nós queríamos era comer alguma cousinha, disse o mais esperto.

Entraram; a mulher deitou os seus filhos em uma cama, e pôz-lhe umas carapucinhas e levou os pequenos perdidos, para outra cama. O pequeno mais esperto não pregava olho, e lá pela noite adiante, viu entrar o homem ruim, de dentes arreganhados:

— Cheira-me aqui a gente nova!

A mulher confessou-lhe tudo; ora o pequeno tinha ido tirar as carapucinhas aos outros e tinha-as mettido nas cabeças dos irmãos e da sua. O homem máo passou pela cama das crianças, e pensando que eram os seus filhos foi ter á outra cama, e como os não viu com as carapucinhas, degolou-os logo a todos, e começou a comer n'elles. Os pequenos pelo aviso do irmão escapuliram-se, e quando já iam muito longe é que o homem ruim deu pelo engano; calçou umas botas de sete leguas, e tal passada deu que os pequenos lhe ficaram atraz; andou, andou e de cançado voltou e adormeceu no caminho. O pequeno roubou-lhe as botas de sete leguas, e assim pôz-se a salvamento mais os irmãos, e como o rei tinha guerras muito longe, elle levava as ordens, e trazia as noticias, e assim ganhou muito dinheiro com que tirou toda a sua familia da pobreza.

(Airão.)

Notas

51. **As crianças abandonadas**. — Ha outras versões de Guimarães e Villa Real (ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 264 e 266); outra nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Portuguese Folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, traducção de Ralston, n.º XIV, apparecem duas versões com o titulo *As duas crianças e a Feiticeira*. Sobre este conto Ralston cita um paradigma

norueguez *Boots and the Troll*. *(Op. cit.*, p. VII.) As botas de sete leguas são interpretadas como uma fórma mythica do vento; acha-se nos Contos esthonianos de Frederico Kreuzenwald, n.º XI. (Ap. Gubernatis, *Myth. zool.*, t. I, 174.) No XVI conto esthoniano tambem se marca o caminho deixando cahir cascas. (Ib., p. 178.)

52. O AFILHADO DE SANTO ANTONIO

Um homem tinha muitos filhos, e já não tinha a quem convidar para compadre; nasceu-lhe mais um, e elle disse: — Seja teu padrinho Santo Antonio. O pequeno cresceu, e andava com os outros irmãos no monte, quando se perderam e foram dar a uma cabana, onde morava uma velha, que lhes fez muita festa:

— Entrae para aqui, meus meninos, que eu dou-vos biscoutos.

Os pequenos entraram; a velha assim que os apanhou de dentro metteu-os dentro de uma arca, para os engordar e comer depois. De vez em quando dizia:

— Botae de fóra o dedinho.

O afilhado de Santo Antonio mettia pelo buraco o rabo de um ratinho que tinha apanhado e a velha deixava-os ficar mais tempo; por fim o rato fugiu, e a velha vendo que estavam gordos, abriu a caixa e disse:

— Ide-me, meus meninos, buscar uma manadinha de lenha.

Quando elles andavam á lenha, veiu Santo Antonio, e avisou-os, que a velha o que queria era assal-os no forno

porque ella não tinha amassadura; e que a tudo quanto ella lhes mandasse fazer, dissessem sempre que não sabiam, e que e1la os ensinasse. Foram para casa; a velha atarricou o forno de lenha, e aqueceu-o; depois foi buscar a pá, e disse para os pequenos:

— Saltae aqui um bocadinho.

— Saltae vós, tia, primeiro, para sabermos como é.

A velha põe-se a saltar na pá, e os pequenos á uma pregam com ella dentro do forno, dizendo:

Pela graça de Santo Antonio

Carregue-se para o inferno este demonio.

Assim que a velha começou a arder, sairam-lhe dos olhos dois cães lobados, que ficaram á obediencia dos meninos e caçavam toda a caça para elles. Soube-se que havia um dragão n'uma terra, que comia uma pessoa por dia, e tocava a vez á filha do rei. Ora o rei dava a filha em casamento fosse a quem fosse que a salvasse. O afilhado de Santo Antonio foi com os seus cães lobados e matou o dragão; cortou as pontas das sete linguas, e soltou a princeza. Quando o rei viu a filha, clamou:

— Quem foi que te deu a vida?

— Foi um pobre rapaz, com dois cãesinhos que trazia.

O rei deu ordem que viesse á sua presença o rapaz; mas um embusteiro que tinha cortado as cabeças do dragão é que se apresentou; o rei queria que a filha casasse com elle. Ella não quiz, e pôz-se á janella a chorar, quando passou o rapaz:

— É aquelle, meu pae. É aquelle:

O rei chamou-o; veiu todo envergonhado, e ainda trazia as pontas das linguas do dragão. Não havia que duvidar; fez-se o casamento com a princeza, e foi o afilhado de Santo Antonio que fez feliz toda a sua familia.

(Airão.)

Notas

52. **O afilhado de Santo Antonio**. — Ha versões de Guimarães e Cabeceiras de Basto, ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 271 e 274.

53. A FILHA DO DIABO

Era uma vez um rei; tratava mal a rainha porque não tinha filhos, e como esta andava com uma grande afflicção, n'uma hora de desespero, clamou:

— Quem me dera um filho, ainda que fosse por obra do diabo.

Passado tempo, a rainha teve uma menina muito linda, e o rei andava tão contente que não cabia em si. A criança medrava a olhos vistos, mesmo sem comer nem beber. Em pouco tempo ficou uma senhora, com um tino que maravilhava; sabia ler, escrever, bordar, cantar, tinha todas as prendas do mundo sem ter aprendido nada.

O rei todo orgulhoso da sua filha mandou deitar um pregão: Que se houvesse alguem que fizesse uma pergunta a sua filha e ella não fosse capaz de responder, se fosse homem havia de casar com ella, e se fosse mulher dar-lhe-hia uma tença. Veiu muita gente de toda a banda, mas a tudo ella dava troco e deixava de bocca aberta.

Um camponez, quiz campar de esperto, e tambem se lembrou de ir ao chamado do pregão; metteu-se a caminho, andou, andou, e depois de muito cançado viu uma casa na encosta de um monte e foi ali descançar das calmas. O

camponez encontrou ali um moço, e perguntou-lhe — se elle vivia ali sósinho?

— Não senhor; vivo com meu pae, que foi dar uma geira a quem não póde dar outra, e com dois irmãos, que foram vêr a ceara dos arrependidos.

O camponez não percebeu nada d'estas palavras e pediu-lhe a explicação.

— A explicação é clara; meu pae foi dar uma geira a quem não póde dar outra, quer dizer que foi acompanhar um morto á sepultura; os meus irmãos foram vêr a ceara dos arrependidos, porque se ella estiver boa, ficam arrependidos por a não terem semeado toda, e se estiver ruim tambem ficam arrependidos por terem semeado essa mesma.

O camponez seguiu o seu caminho muito satisfeito, até que chegou ao palacio. Pediu para o levarem á princeza, e contou-lhe o seu caso. A princeza deu-lhe logo a explicação de tudo. Depois virou-se de novo para o camponio, e disse-lhe:

— Já que és tão sabio, diz-me lá a razão, porque é que eu vivo sem comer, sem beber, nem dormir.

— Perdôe-me vossa alteza, mas eu não me fio n'isso.

— Pois então hasde ficar tres dias no meu quarto para vêres com os teus olhos.

O rapaz susteve-se o primeiro dia sem dormir para espreitar tudo o que se passava; custou-lhe muito a aguentar-se, e quando veiu o terceiro dia, disse:

Princeza, minha senhora,
Cá pr'a mim mulher que não come,
Nem bebe, nem dorme,
É filha do diabo, que não d'outro home.

Assim que a princeza ouviu isto foi ter com a mãe para que lhe explicasse o seu nascimento. A rainha contou-lhe tudo o que dissera quando o marido a tratava mal por não ter filhos; e assim que acabou de fallar sentiu-se no palacio um barulho como de um furacão que passasse. O palacio ficou livre d'aquelle encantamento, e todos ficaram obrigados ao camponio, a quem o rei deu a princeza em casamento em paga de a ter livrado d'aquella cousa ruim.

(Algarve.)

Notas

53. **A filha do Diabo**. — Liga-se á lenda medieval do *Roberto do Diabo*, que anda na litteratura de cordel em

Portugal. Vide o nosso estudo sobre *Os Livros populares portuguezes*. (*Era Nova*, n.º 1 e 2.)

54. AS TRES MAÇÃSINHAS DE OURO

Havia trez irmãos; o mais novo tinha trez maçãsinhas de ouro, e os outros para vêr se lh'as tiravam mataram-n'o e enterram-n'o n'um monte. Depois nasceu na sepultura uma canna. Certo dia passou por lá um pastor, que cortou um pedaço da canna para fazer uma frauta. O pastor começou a tocar, mas a gaita em vez de tocar, dizia:

Toca, toca, oh pastor,
Os meus irmãos me mataram,
Por trez maçãsinhas de ouro,
E ao cabo não as levaram.

O pastor quando ouviu isto, chamou um carvoeiro, e deu-lhe a frauta. O carvoeiro começou tambem a tocar, mas a frauta dizia:

Toca, toca, oh carvoeiro,
Os meus irmãos me mataram…

Assim foi a frauta andando, de individuo para individuo, até que chegou ás mãos do pae e mãe do morto. A frauta dizia ainda:

Toca, toca, oh meu pae…
Toca, toca, oh minha mãe,
Os meus irmãos me mataram
Por trez maçãsinhas de ouro
E ao cabo não nas levaram.

Chamaram o pastor, que disse onde tinha cortado a canna. Foram lá e encontraram o cadaver com as trez maçãsinhas de ouro.

(Rebordainhos — Bragança.)

Notas

54. **As trez maçãsinhas de ouro.** — Gubernatis, *(Myth. zoolog.*, t. II, p. 342) cita o conto n.º XXII do seu *Novellino de Santo Stephano de Calcinaia*, no qual: «dois irmãos mais

velhos roubam uma penna de pavão ao seu irmão mais moço e o matam (isto é o pavão, da mesma fórma que n'um conto russo, a irmã mata o irmão mais moço o para lhe tirar as botinas vermelhas). No logar em que o irmão da penna de pavão é morto e enterrado, cresce uma arvore, de que se faz um cajado, depois um assobio, que, quando toca, conta o caso funebre da morte do irmãosinho morto por causa da pluma de pavão.»

Eis com o o illustre mythographo explica o conto: «Quando o céo luminoso ou quando o sol está occulto pelas nuvens, quando as pennas brilhantes são arrancadas, quando o pavão está enterrado, a arvore que está plantada sobre a sua sepultura (a nuvem) faz ouvir a sua voz na volta da primavera… a arvore torna-se uma cana, uma flauta magica, um kokila melodioso.»

Acha-se este conto na vasta collecção russa de Afanasieff, liv. V, n.º 17; e liv. VI, n.º 25. Alem da fórma italiana citada, Vittorio Imbriani colligiu uma outra sob o titulo de *Passo griffo*, nos seus Contos de Pomigliano. *(Rev. des Deux Mondes*, Nov. de 1877, p. 145.) Este mesmo conto foi colligido por Bladé, em gascon, com o titulo *Lu Flauto*, nos *Contes et proverbes populaires rec. em Armagnac*; já apparece n'este a laranja, ou o pômo de ouro. Por elle se vê quanto o conto portuguez já se acha deturpado.

Ha uma outra versão allemã, *O osso que canta*, citado por Bladé, na *Hausmaerchen*; X. Marmier, nos *Chants*

populaires du Nord, p. 75, traz uma ballada parecida com este conto, na revelação do fratricidio por uma canção. Husson, na sua obra *La Chaine traditionelle*, interpreta o sentido mythico por esta forma : «como uma transformação de um antigo mytho relativo aos phenomenos da luz. Estes dois irmãos, correspondem aos Dioscuros e aos Açvins, isto é, aos Genios da luz no seu nascimento e occaso.» (p. 59.) Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 129, traz um conto hungaro, em que uma irmã mais nova é morta pelas duas mais velhas, e uma flauta é que revela o crime. Segundo a sua interpretação mythica as duas irmãs são as duas metades da noite. O poder da flauta apparece no conto da Çakuntala, no de Polydoro, e em um conto toscano; no Rig-Veda (X, 135) Yama toca uma flauta, á sombra da arvore que canta, com que acorda todos os antepassados mortos. (Gub., *ib.*, t. I, p. 94).

A nossa versão foi colligida pelo sr. Leite de Vasconcellos, e publicada na *Vanguarda*, n.º 39, em 1881; ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, n.º XL. Vide Stanislao Prato, *Quatro Novelline livornesi*, p. 57, onde discute este thema nos mythos hellenicos, na *Eneida* e *Divina Comedia*.

Ha uma versão de Sevilha, intitulada *La Flor de Lililá*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 196.

55. O SARGENTO QUE FOI AO INFERNO

Havia n’uma terra um sargento, que era muito bom rapaz; um rico mercador tomou-lhe amisade, arranjou-lhe a baixa e tomou-o para seu empregado. Como o mercador tinha filhas, o sargento apaixonou-se por uma d’ellas; mas o mercador era muito desconfiado e nunca deixava sair as filhas de casa, mas pela grande conta em que tinha o rapaz elle mesmo lhe fallou para se fazer o casamento. Tudo corria muito bem; vae, acontece ir uma peça muito linda no theatro, e como as filhas desejassem vêr, pediram ao sargento, que só elle é que era capaz de apanhar licença do pae para as deixar ir vêr. O mercador ficou carrancudo, mas deu licença, dizendo:

— Deixo ir as minhas filhas com o senhor, mas com a condição, que quando der a ultima badalada da meia noite hãode-me estar aqui á porta.

Disseram todos que sim, e partiram.

Quasi perto da meia noite, o rapaz disse para a sua noiva, que era bom retirarem-se para casa. Mais um bocadinho, mais um bocadinho; pede d’aqui, pede d’ali, o que é certo é que já tinha dado a meia noite, e elles ainda longe de casa.

Assim que o rapaz bateu á porta, abriu-se logo de repente, e o mercador começou a bradar:

— Foi assim que o senhor cumpriu as ordens que eu lhe dei? Ora trate já de arranjar as suas cousas, que nem já esta noite me fica em casa.

— Oh senhor, pois só por isto! E quando estava já para casar com sua filha!

O velho respondeu-lhe:

— Só tem um meio de poder casar com minha filha, e voltar para casa.

— Qual?

— Vá ao inferno, e traga-me tres anneis que o diabo tem no corpo, dois debaixo dos braços, e outro n'um olho.

O rapaz achou aquillo impossivel; mas que remedio teve senão pôr-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital em que dizia: «Quem quizer alguma cousa para o inferno, ámanhã parte um mensageiro.» Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. Perguntou-lhe o rei:

— Como é que você vae ao inferno?

— Real senhor, por ora ainda não sei; ando em procura d’elle, e irei lá, dê por onde dér.

— Pois bem, disse o rei, quando encontrares o diabo, pergunta-lhe se elle sabe de um annel de muito valor que eu perdi, e do que ainda tenho grande desgosto.

Chegou o rapaz a outra terra e botou o mesmo annuncio. O rei tambem o mandou chamar:

— Tenho uma filha que padece uma doença muito grande, e ninguem lhe acerta com o mal. Já que vaes ao inferno quero que saibas por lá onde é que estará a cura.

O rapaz partiu sempre á procura do inferno, e foi dar a uma encruzilhada em que estavam dois caminhos, um com pégadas de gente, e outro com pégadas de ovelhas. Pensou, e por fim seguiu pelo caminho das pégadas de gente; ao meio d’elle encontrou um ermitão, de barbas brancas, que resava em umas contas muito grandes, e lhe disse:

— Ainda bem que tomaste por este caminho, porque esse outro é o que vae para o inferno.

— Oh senhor! e eu ha tanto tempo que ando á procura d’elle!

O rapaz contou-lhe todo o acontecido; o ermitão teve compaixão d’elle, e disse:

— Já que tens de ir ao inferno, vae, mas sempre leva comtigo estas contas, porque antes de lá chegares tens de passar um rio escuro, e hade ser um passaro que te hade levar para o outro lado; e quando elle te quizer afundar no rio, joga-lhe as contas ao pescoço. D'aqui em diante não sei mais o que te succederá.

Assim aconteceu. Chegado ao inferno o rapaz teve um grande medo, e viu para ali um forno vasio e escondeu-se dentro d'elle. Quando estava todo agachado, passou uma velha muito velha e viu-o.

— O menino aqui! Ora coitadinho, que é tão lindo; se o meu filho o visse matava-o, com certeza. O que veiu cá fazer?

O rapaz contou tudo á mãe do diabo; a velha teve pena d'elle, e disse-lhe:

— Olhe; pois deixe-se ficar aqui escondido, porque eu não sei quando o meu filho virá; elle está assistindo á morte do padre santo, que está nas agonias, e quer-lhe apanhar a alma. O rapaz pediu á velha se sabia do diabo as perguntas de que trazia encommenda. Quando estavam n'estas conversas chegou o diabo bufando; a velha escondeu-o logo, e disse:

— Anda cá, filho, para descansares; deita-te aqui no meu collo.

O diabo deitou-se e ficou logo a dormir. A velha foi muito devagarinho com as unhas e arrancou-lhe um annel que tinha debaixo do braço. O diabo mecheu-se desesperado, gritando:

— Isto o que é?

— Ai, filho, fui eu que me deixei dormir, e dei uma pendedella em cima de ti. Estava a sonhar com aquelle rei que perdeu o annel, e que nunca mais o tornou a achar.

— Pois é verdade esse sonho, respondeu o diabo; está debaixo de uma lage ao pé do repuxo do jardim.

O diabo tornou a ficar a dormir; a velha surrateira arrancou-lhe o segundo annel. O diabo tornou a acordar desesperado:

— Tem paciencia, filho; tornei-me a deixar dormir e a sonhar com a filha d'aquelle rei que nenhum medico sabe curar.

— Tambem é verdade; a doença d'ella é o sapo-sapão que está mettido no enxergão.

Tornou o diabo a dormir. Para arrancar o annel do olho é que foram os trabalhos.

A velha tirou-o com um espeto, e o diabo com a dôr e zangado com as pendedellas, sahiu pela porta fóra. O rapaz recebeu tudo da velha; voltou para o mundo, quando ella

chamou o passaro: «Menino, menino, menino.» Foi d'ali entregar as contas ao ermitão. Depois passou pela terra do rei que tinha perdido o annel, que lhe deu muito dinheiro quando o tornou a achar debaixo da lage. Depois passou pela côrte do rei qµe tinha a filha doente, disse onde estava o sapo-sapão. A princeza melhorou logo, e o rei pediu-lhe para que dissesse a paga que queria.

— Quero que vossa magestade me dê o seu poder por oito dias.

O rei mandou deitar um pregão para elle governar oito dias; o rapaz partiu logo para a terra do sogro, e deu ordem logo que lá chegou para o mercador dentro em meia hora lhe vir fallar á sua presença. O mercador foi, mas quando chegou era já mais de uma hora. O rapaz disse:

— Podia-o mandar matar, por me ter desobedecido, em vir depois da meia hora.

— Oh senhor, não me demorei por minha vontade.

— Pois sim. Mas porque não soube em tempo desculpar aquelle pobre sargento que pôz fóra de sua casa?

O mercador conheceu então o antigo noivo de sua filha, que tinha sempre chorado, confessou o seu erro, e pediu-lhe de joelhos muitos perdões. O rapaz entregou-lhe os anneis do diabo, e n'esse mesmo dia casou com a sua namorada, por quem tinha mettido um pé no inferno.

(Algarve.)

Notas

55. **O Sargento que foi ao inferno**. — Apparece este conto na versão allemã de Grimm, *Os tres cabellos de ouro do Diabo*. (Vid. *Contes Choisis*, trad. Baudry, p. 138.)

56. A PRINCEZA QUE ADIVINHA

Havia uma princeza que adivinhava tudo, e o rei tinha promettido que se houvesse alguem capaz de lhe apresentar um caso que ella não explicasse, se fosse mulher dava-lhe uma grande tensa, e se fosse homem casaria com ella; mas tambem quando a princeza adivinhava, mandava matar as pessoas que tinham vindo á côrte apresentar-lhe o caso. Já não havia quem quizesse ir á côrte apresentar adivinhas á princeza; vae senão quando uma mulher tinha um filho que passava por tolo, e diz-lhe o filho:

— Minha mãe, eu quero ir á côrte dizer uma adivinha á princeza.

— Não sejas tolo, filho; o que é que tu lhe vás dizer que ella não adivinhe?

O tolo tanto teimou, que se metteu a caminho, e como era longe agarrou de uma espingarda velha, e eil-o se vae por ahi fóra. Andou, andou, e lá no meio do caminho viu estar um coelho n'um fraguêdo e zás, ferra-lhe um tiro. Com tanta felicidade que matou caça; pegou n'ella, e com uma navalhinha esfollou-o, e n'isto conheceu que era uma coelha, que trazia uma barrigada de coelhinhos. Não se importou com isso, e foi mais para diante e viu á beira da capellinha de um ermitão um breviario esquecido, e pegou

n’elle, petiscou fogo e assou com as folhas do livro a coelha, comeu e foi andando sempre. Até que chegou á côrte; não o queriam deixar entrar, porque parecia tolo, mas elle tanto teimou dizendo que queria apresentar uma adivinha á princeza, que o deixaram entrar, na certeza de que elle iria a morrer como os outros que tinham vindo campar por espertos. Chegou a hora da audiencia, e veiu a princeza; o toleirão disse-lhe esta adivinha:

— Atirei ao que vi,
Matei o que não vi;
Antre palavras de Deus
Assei e tudo comi.

A princeza ouviu, tornou a ouvir, e pediu tres dias para dar a explicação. O tolo ficou no palacio á espera da resposta, comendo e bebendo, de perna estendida, sem se lembrar que o podiam mandar matar. A princeza por mais voltas que deu ao miolo não atinava com a adivinha, e temendo de ter de casar com o tolo, mandou uma sua aia, muito em segredo, que lhe fosse pedir que dissesse como cousa particular o sentido da adivinhação. Foi a aia, mas o tolo disse que só se ella dormisse aquella noite no quarto com elle; ella não queria, mas como a princeza lhe prometteu muitas riquezas, sempre se sujeitou e foi. O tolo teimava em não dizer, emquanto ella não tirasse a camisa, porque a

queria em leitão; depois disse umas cousas que não eram a verdadeira explicação, e quando a aia adormeceu, escondeu-lhe a camisa, de modo que de madrugada, quando ella se foi, não teve tempo de a procurar. A princeza não se contentou com a explicação e mandou outra dama; aconteceu tambem o mesmo. Por fim foi a propria princeza, fiada em que a não conhecia; mas elle logo viu pela marca da camisa quem era, e escondeu-lh'a tambem, mas d'esta vez disse a verdadeira explicação da adivinha. Acabados os tres dias ajuntou-se a côrte, e a princeza veiu e disse:

— A explicação da adivinha do aldeão é: *Atirei ao que vi e matei o que não vi*, é porque atirou a uma coelha que achou no caminho, a qual estava prenha, morrendo por isso os coelhinhos. *Antre palavras de Deus assei e comi*, é porque assou tudo nas folhas de um Breviario com que fez uma fogueira.

O rei ficou muito admirado do talento da sua filha, e disse que como elle aldeão tinha perdido, já não podia pretender a mão da princeza, e que se preparasse que ia a morrer. Vae elle, que se fazia mais tolo do que era, diz:

— A princeza ainda não adivinhou tudo, porque ainda tenho a dizer outra adivinhação que, juro que ella não é capaz de dar com o sentido.

A princeza mandou que elle fallasse; e então disse:

Quando no paço fiquei,
Trez pombinhas apanhei,
E trez pennas lhe tirei;
Se fôr preciso as mostrarei.

A princeza ainda se pôz a considerar, mas elle tirou do seio a primeira camisa, e todos viram de que dama era; tirou a segunda, e ia para tirar a ultima camisa, quando a princeza, temendo a vergonha de se vêr delatada diante da côrte toda, virou-se para elle:

— Não mostres, não mostres, porque já vejo que és o homem mais ladino que tem vindo a esta côrte, e caso comtigo.

(S. João de Airão — Minho.)

Notas

56. **A princeza que adivinha**. — É vulgar em Hespanha (Carmona e Arahal); acha-se com o titulo *Las Trez Adivinanzas*, em Demofilo, *Colleccion de Enigmas*, p. 310. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXVIII, intitula-se *As trez lebres*, e traz os seguintes estribilhos em verso:

Comi carne sem ser caçada;
Em palavras de Deus assada;
Bebi agua que não foi do céo cahida,
Nem tambem na terra nascida.

•

Quando n'este palacio entrei
Tres lebres encontrei;
Todas tres esfolei,
E as pelles d'ellas mostrarei.

No *Folk Lore andaluz*, p. 470, cita-se uma redacção castelhana. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, acha-se esta mesma tradição com o titulo *La princesse et les trois frères*. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º XXXV, ha uma variante com o titulo *O matuto João*. O sr. Leite de Vasconcellos (*Rev. Scientifica*, p. 210) cita uma versão do Porto, com o seguinte estribilho:

Sahi de casa
Com Pita e massa;
Massa matou Pita,
Pita matou sete;
De sete escolhi a melhor;
Atirei ao que vi,
Matei o que não vi;

Com palavras santas

Assei e comi.
Bebi agua,
Que não estava no céo nem na terra;
Se bom era o fructo
Melhor era a raiz;
Já vi um burro
Com sessenta burros em cima.

Em outra versão de Vizeu, cita tambem o estribilho:

Atirei ao que vi
Matei o que não vi.

Nas *Novelle populari toscane*, de G. Pittré *(Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, p. 64), no conto de *Soldatino*, vem o estribilho:

Tirai ai chi viddi,
Chiappai chi non viddi.
Mangiai carne creata, e non nata,
Cotta a il fumo di parole.
Striccia ammazzó Paola,
Il morvido consuma il sodo.

Enne e nè,
S’indovina cosa gli é.

57. A ADIVINHA DO REI

Tinha um rei um ministro em quem depositava toda a confiança; mas uma vez tal teiró lhe ganhou, que resolveu dar cabo d'elle e disse:

— Não tenho outro remedio senão mandar-te matar; mas como em tempo te estimei muito, ainda te deixo uma esperança, e é que me mandes cá a tua filha, para vêr se ella é capaz de adivinhar o meu pensamento, o qual vem a ser: Que não hade vir nem de noite, nem de dia; nem núa, nem vestida; nem a pé, nem a cavallo.

Foi o ministro para casa, muito afflicto, como era de esperar, e contou as suas tristezas á filha. Ella como esperta, disse:

— Deixe estar, meu pae, que eu já sei qual é o pensamento do rei, e d'esta lhe juro que o hei-de salvar.

Preparou-se, o no dia seguinte arranjou as suas cousas, de modo que entrou no palacio ao lusco com fusco; ia com uma camisa fina de cambraia em cima do corpo, e levada ás cavalleiras de um criado velho que tinha. O rei assim que a viu, conheceu que o lusco com fusco não era nem noite nem dia; que vindo em camisa não vinha vestida, mas tambem não estava despida; e que ás costas do criado não estava a

cavallo, mas tambem não estava a pé. Louvou muito a esperteza da menina, e disse-lhe que fosse d'ali dar parte ao pae que estava perdoado, e que tornava a entrar na sua confiança, porque quem tinha filhas assim espertas era homem de capacidade.

(Porto.)

Notas

57. **A adivinha do rei**. — O editor dos *Awarische Texte*, Schiefner, traz uma versão finnica d'este conto: «Um rei ordena ao filho de um aldeão de vir ter com elle á sua presença, nem de noute, nem de dia, nem pelo caminho, nem por atalho, nem a pé, nem a cavallo, nem vestido, nem nú, nem dentro, nem fóra. O intelligente moço, veste-se com uma pelle de cabra, faz-se levar á cidade, no crepusculo da manhã, deitado no fundo de um cofre, com um crivo n'um pé e uma escova no outro; depois parou no limiar da porta do rei, tendo uma perna fóra e outra dentro.» (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 154.) O illustre critico considera como pertencendo á classe dos enigmas astronomicos. Nos *Contos de Grimm* intitula-se *A Bavara astuta*; Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 169, not. 1, citando o enigma de Diarmaid, transcreve tambem uma pequena lenda irlandeza de Kennedy analoga á portugueza.

58. O BOI CARDIL

Um rei tinha um criado, em quem depositava a maior confiança, porque era homem que nunca em sua vida tinha dito uma mentira. Recebeu o rei um presente de um boi muito formoso, a que chamavam o boi Cardil; o rei tinha-o em tanta estimação que o mandou para uma das suas tapadas, acompanhado do criado fiel para tratar d'elle. Teve uma occasião uma conversa com um fidalgo, e fallou da grande confiança que tinha na fidelidade do seu criado. O fidalgo riu-se.

— Porque te ris? — perguntou o rei.

— É porque elle é como os outros todos, que enganam os amos.

— Este não!

— Pois eu aposto a minha propria cabeça como elle é capaz de mentir até ao rei.

Ficou apostado. Foi o fidalgo para casa, mas não sabia como fazer cahir o criado na esparrella, e andava muito triste. Uma filha nova e muito formosa quando soube a causa da afflicção do pae, disse:

— Descance, meu pae, que eu heide fazer com que elle hade mentir por força ao rei.

O pae deu licença. Ella vestiu-se de velludo cramezim, mangas e saia curta, toda decotada, e cabellos pelos hombros e foi passeiar para a tapada; até que se encontrou com o rapaz que guardava o boi Cardil. O rapaz era rapaz, e ella começou logo:

— Ha muito tempo que trago uma grande paixão, e nunca te pude dizer nada.

O rapaz ficou atrapalhado, e não queria acreditar n'aquillo, mas ella taes cousas disse, e taes geitinhos deu, que elle ficou pelo beiço. Quando o rapaz já estava rendido, ella exigiu-lhe que em paga do seu amor matasse o boi Cardil. Elle assim fez e deu-se por bem pago todo o santissimo dia.

A filha do fidalgo foi-se embora, e contou ao pae como o rapaz tinha matado o boi Cardil; o fidalgo foi contal-o ao rei, fiado em que o rapaz havia de explicar a morte do boi com alguma mentira. O rei ficou furioso quando soube que o criado lhe tinha matado o boi Cardil, em quem punha tanta estimação. Mandou chamar o criado.

Veiu o criado, e o rei fingiu que nada sabia; perguntou-lhe:

— Então como vae o boi?

O criado julgou vêr ali o fim da sua vida, e disse:

Perúa alva.

Corpo gentil,

Me fez a mim matar

O nosso boi Cardil.

O rei mandou que se explicasse melhor; o moço contou tudo. O rei ficou satisfeito por ganhar a aposta, e disse para o fidalgo:

— Não te mando cortar a cabeça, como tinhas apostado , porque te basta a deshonra da tua filha. E a elle não o castigo, porque a sua fidelidade é maior do que o meu desgosto.

(Algarve.)

Notas

58. **O boi cardil**. — Este conto acha-se na tradição oral da Ilha da Madeira ainda em fórma poetica, com o titulo de *Boi Bragado*. (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 273.) Nos *Contos populares portuguezes* n.º LVI, traz o nome de O Rabil, versão de Coimbra, com o estribilho poetico:

Senhor meu amo!
Pernas altas e cara gentil
Me fizeram matar o boi Rabil.

Esta facecia tem raizes tradicionaes muito profundas; Schmidt determina-lhe um paradigma nas *Gesta Romanorum*, cap. 111, no qual se vêem ainda os elementos mythicos de Io mudada em vacca, e Argus, o pastor, fazendo um discurso ao seu barrete espetado na aguilhada, da mesma fórma que Travaillin faz em um conto semilhante das *Piaccecole Notte* de Straparole, Noite III, Fabula V. *(Les Facetieuses nuits*, t. I, p. 223. Ed. Janet.) Na versão franceza das Gesta, *Le Violier des Histoires romaines*, cap. XCVIII, p. 265, não traz a seducção amorosa. N'esta edição indicam-se novas fontes; acha-se tambem nos *Contos turcos*, que Loiseleur des Longchamps juntou á sua edição das *Mil e uma Noites*, p. 315. Vide a *Histoire du grand ecuyer Saddyk*. Nos *Quarenta Vizires*, vem este conto com o titulo *Scheikk Chehabeddin*, d'onde passou para outras collecções europêas. O Dr. Schmidt, nas notas á sua versão de Straparola, cita este mesmo conto em allemão do seculo XVI, que se acha nos *Volkssagen*, d'Otmar (Nachtigall) Breme, 1800. O Abbade Blanchet, nos *Contes et Apologues orientaux*, tral-o tambem sob o titulo de *Doyen de Badajoz*. (Vide Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 173.) No conto VIII dos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, é uma cabra que serve para pôr á prova a fidelidade do aldeão. (Vide Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 442, nota.) Nos *Contos de Pomigliano*, colligidos por

Vittorio Imbriani, acha-se esta anedocta em que o heroe se chama José Verdade. *(Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 145.)

59. O CAMAREIRO DO REI

Era uma vez um rei que era muito amigo dos seus camaristas, e prometteu a cada um um dote para se casarem. Um d'elles quiz ir viajar para escolher mulher que fosse linda, esperta e honrada. Chegou a uma grande quinta, e logo nos primeiros degráos que davam para a casa encontrou uma menina linda a mais não ser. Pediu pousada, e veiu um velho lavrador que o recebeu com boas maneiras e foi-lhe mostrar a casa:

— Que tal lhe parece?

— Acho-a excellente; mas só o frontispicio é que está muito baixo.

Foi o velho lavrador mostrar-lhe os seus campos e sementeiras:

— Então que tal as acha?

— Muito boas, se não estiverem já comidas.

O lavrador nada percebia do que ouvia; porque a fachada da casa era alta, e tinha ainda as tulhas cheias de grão. Á noite appareceu á mesa uma magnifica gallinha, que a filha do lavrador trinchou, dando a cabeça ao pae, as azas á mãe, os

pés para o hospede, e ficou com o peito para si. O lavrador não quiz perguntar á filha por que é que fazia aquillo; mas de noite, no seu quarto, contou á mulher a conversa com o camareiro, e notou como a filha tinha trinchado a gallinha.

A filha que ouviu tudo do seu quarto, disse de lá:

— Eu sei o que queria dizer o nosso hospede; o frontispicio da casa que era muito baixo, dizia-o por mim, porque me encontrou no patamar da escada; a ceára já comida referia-se ao caso de meu pae ter dividas, por que o que colhesse era tudo para as pagar.

— Muito bem, disse o pae; e agora me dirás, porque me deste á ceia a cabeça da gallinha para mim, as azas a tua mãe, e os pés ao nosso hospede?

— Dei a meu pae a cabeça, porque a si lhe compete o governo da casa; a minha mãe as azas, para agasalhar a familia; ao hospede as pernas, porque elle anda em viagem; para mim o peito, para ser forte contra as desgraças que por amor d'elle me vierem.

O camarista ouviu tudo, e já gostava da menina por que era formosa, e ainda ficou mais encantado com a sua esperteza. No outro dia resolveu pedil-a ao pae, que lhe deu o consentimento. Veiu com ella viver para a côrte, mas não quiz apresentar a mulher ao rei. O rei andava desconfiado que não seria bonita, e jurou de a vêr, désse por onde désse.

Rondava-lhe a rua, mas as janellas estavam sempre com as cortinas corridas; por fim sempre comprou uma criada, que o deixou entrar no quarto da senhora quando ella estava dormindo e tinha o marido fóra da terra. O rei jurou-lhe que não lhe poria mão, e que era só para vêl-a. Entrou no quarto de dormir pé ante pé, e viu uma bella camilha com cortinas de damasco verde, cerradas; abriu-as, e viu a cara mais linda do mundo. N'isto vem a criada de repente dizer para que fugisse, porque chegava o amo. O rei com a pressa deixou cair uma luva. O camareiro veiu para o seu quarto e a primeira cousa que viu foi a luva; ficou desconfiado, e nunca mais tratou bem a mulher. Era um inferno em casa. A criada com remorsos de ter feito aquillo áquelles bem casados, foi contal-o ao rei. O rei lembrou-se de que tinha perdido a luva, e mandou chamar o camareiro, e disse-lhe: — Tendes-me feito uma grande desfeita em nunca me terdes apresentado a vossa mulher para a conhecer.

— Senhor, é que ella é muito doente.

— Pois sim, ámanhã vou jantar á vossa casa.

No dia seguinte foi. A mulher do camareiro foi a ultima a sentar-se á mesa, e assim que se sentou, como havia mais de um anno que não comia com o marido, desatou a chorar. O rei perguntou-lhe porque é que ella chorava tanto. Ella respondeu:

Eu era amada do coração,
Hoje não o sou, nem sei porque não.

Respondeu o camareiro:

Quando eu na minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei.

Respondeu o rei:

Eu fui o tal ladrão
Que na tua vinha entrei;
Verdes parras arredei;
Lindos cachos de uvas vi;
Mas juro-te á fe de Rei
Que eu nas uvas nem buli.

O rei explicou como as verdes parras eram os cortinados de damasco, como vira os braços descobertos, e como se fôra embora tendo-lhe caído uma luva com a pressa. O camareiro ficou muito contente, percebeu os perigos da grande curiosidade, e nunca mais fechou a mulher, que na côrte era conhecida por todos como a mais linda, esperta e honrada.

(Algarve.)

Notas

59. **O camareiro do rei**. — Este conto tem uma referencia historica, sendo os personagens Frederico II e Pedro de Vigues. Esta anedocta teve larga vulgarisação, porque acha-se não só nas *Dames galantes* de Brantome, como no *Livro de Sendabar*, no *Mischlé sendabar*, no *Syntipas* grego, e nos *Sete Vizirs*, com o titulo *Rasto de Leão*. Nas tradições populares italianas tambem está vigorosa, e acha-se nos *Contos de Pomigliano* de Vittorio Imbriani. Por esta versão, em que ha alguns estribilhos poeticos, se vê o sentido das referencias á *vinha*, da versão do Algarve. Tambem se repete na Sicilia e em Veneza. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 144.) Eis a adivinha do conto italiano:

Diz o rei:

> Una vigna no piantà.
> Per travers é intrà
> Chi la vigna ni ha goastà.
> Han fait gran peccà
> Di far ains che tant mal.

Diz a esposa:

> Vigna sum, vigna sarai,
> La mia vigna non fali mal.

Responde Pedro:

Se cossi è como è narrà
Plu amo la vigna che fis mai.

No conto veneziano vem as seguintes estrophes, que condizem com o dialogo rimado de Pedro de Vignes:

A esposa:

Vinha era, e vinha sou,
Fui amada, e já o não sou.
E não sei porque rasão
A vinha perdeu a estimação.

O camareiro:

Vinha eras, vinha serás,
Amada eras, e já o não serás.
Pela pata do leão
A vinha perdeu a estimacão.

O rei, comprehendendo e explicando tudo:

N'aquella vinha eu entrei
Em pampano algum toquei,
Pelo sceptro que tenho aqui
Nenhum fructo lá comi.

60. O PALMEIRIZ D'OLIVA

Um lavrador e a sua mulher tinham um grande desgosto por lhe morrer o unico filho; quando o lavrador ia caminho da cidade, passando ao pé de uma palmeira que estava perto de uma oliveira, viu um caixote com uma chave pendurada; abriu e encontrou dentro um menino muito aceiado, com uma bolsa de dinheiro, e duas cartas uma sem sobrescripto, e outra que dizia: *Para quem achar este menino*. O lavrador leu a carta e soube que era para tomar conta da criança e dal-o a criar á sua mulher, e que quando elle fosse homem, lhe dessem a outra carta para elle só abrir em occasião que se visse em grande afflicção. O lavrador e a mulher ficaram muito contentes por aquelle achado, e pozeram ao menino o nome de Palmeiriz de Oliva, por ter sido trazido do pé da palmeira da estrada ao pé da oliveira. Ao fim de um anno vieram tres cavalleiros á porta do lavrador, já fóra de horas, e entregaram-lhe uma trouxa:

— Tome conta d'essa menina, que já vem baptisada; chama-se Rosa. E ahi lhe fica bastante dinheiro para a sua criação. — E partiram á pressa.

As duas crianças foram crescendo, e tinham muito amor um ao outro e julgavam que eram filhos dos lavradores. Um bello dia parou uma carruagem á porta do lavrador; eram os

cavalleiros que vinham buscar a menina que já estava grande. O lavrador sentiu aquella separação, e Palmeiriz chorou a mais não poder. Rosa ainda lhe pôde dizer que nunca o esqueceria, e já que agora sabia que não era irmã d'elle, que não casaria com mais ninguem a não ser com Palmeiriz.

O pobre rapaz andava triste e queria ir pelo mundo procurar aquella que tantos annos julgara sua irmã; o lavrador deu-lhe dinheiro, mais a carta, e elle foi á ventura, e passou muitos trabalhos até que chegou ao palacio do rei, que gostou tanto d'elle que o tomou para seu criado, e não sahia da sua companhia. Palmeiriz andava sempre triste por não ter sabido mais de Rosa.

O rei resolveu a casar-se e mandou vir retratos de muitas princezas; escolheu um, e avisou para a côrte d'onde essa princeza era. Quando mostrou o retrato a Palmeiriz, elle conheceu logo Rosa e desmaiou; o rei fel-o voltar a si, e então elle contou como o retrato se parecia com uma irmã de criação que nunca mais tinha visto, e que elle muito amava. O rei mandou pedir a princeza, mas o pae escreveu-lhe, que ella não queria casar com ninguem e só se o rei fosse á sua côrte pessoalmente, ou se lhe mandasse tambem o seu retrato.

O rei não pôde ir, mas mandou o seu retrato por Palmeiriz d'Oliva. Chegado á côrte o pae de Rosa chamou-a para vir receber a mensagem e o retrato; mas a princeza assim que

viu o seu irmão de criação deu um grande grito, e botou-se ao pescoço do pae, dizendo:

— Meu pae, este é que Deus destinou para meu marido. E contou tudo ao pae, como tinha vivido com Palmeiriz até o dia em que a foram buscar. O rei escreveu então uma carta ao seu amigo, contando-lhe o caso, e como Rosa só queria casar com Palmeiriz.

— Eu podia mandar-te matar, disse o amo de Palmeiriz, mas como sempre tive por ti muita estima é que o não faço. Quero ter comtigo um duello, sem que ninguem o saiba, mas em que um de nós hade morrer.

Palmeiriz oppôz-se áquella prova, porque não podia levantar mão para o seu bemfeitor, e quando estava no seu quarto muito afflicto, encontrou a carta destinada a ser aberta quando se visse em alguma grande afflicção. Abriu a carta, e por ella soube que estava em casa de seu proprio pae; correu a contar ao rei tudo, e este abraçou-o, dizendo que elle mesmo é que tinha escripto aquella carta para o tornar a achar, quando como seu filho natural o deu a criar em segredo, para o salvar do odio da rainha, que não tinha filhos. O proprio rei partiu com Palmeiriz para a côrte do pae de Rosa e lá se fez o casamento, que ia sendo causa de tanta desgraça e que se tornou de tanta felicidade.

(Algarve.)

61. O BOLO REFOLHADO

Era uma mulher casada com um homem muito ruim, que lhe batia todos os dias por qualquer coisa. Uma vez, ao levantar-se para o trabalho, de madrugada, disse elle para a mulher:

— Á noite quando vier, quero para a ceia bolo refolhado. Olha lá, toma cuidado no que digo.

A mulher não sabia o que era bolo refolhado, e foi ter com uma visinha, para vêr se ella lhe ensinava. A visinha, que tinha muita pena da vida que ella levava, disse:

— Deixe estar, que eu cá lhe arranjo isso; com certeza que o seu homem se enganou; hade ser bolo folhado. E levou-lhe á tardinha o bolo.

Quando veiu o homem do trabalho, pediu a ceia, e como não achou o bolo refolhado, berrou, ralhou, deu muitas pancadas na mulher; ao outro dia a mesma coisa. A mulher, coitada, foi ter com a visinha, e ella disse-lhe:

— Arranje-lhe vocemecê uma gallinha guisada, que póde ser isso o que elle talvez queira.

Volta o homem á noite, e mais pancadaria na mulher, por não lhe ter feito para a ceia o bolo refolhado, como mandára. Ao ir para o trabalho, outra vez a mesma recommendação. A desgraçada mulher não sabia como acabar aquelle fadario, e foi ter com a visinha a chorar.

— Deixe estar, visinha, tudo se arranja! Venha cá ter commigo á tardinha, vestida com as calças e o jaquetão do seu homem. A pobre mulher foi. Assim que chegou a casa da visinha, tambem a achou vestida com as calças e casaco do marido d'ella; e partiram ambas com os seus varapáos para o sitio por onde o homem ruim havia de vir do trabalho. Puzeram-se cada uma de um e outro lado do caminho. Quando o homem vinha a passar, diz uma:

— Bate-lhe, S. Pedro!
«Porquê, S. Paulo?
— Porque pede á mulher
O bolo refolhado.

Moeram ao som d'esta cantiga o homem com pancadas, e depois de bem moido fugiram. O homem lá se arrastou para casa como pôde, e assim que viu a mulher pediu-lhe perdão de tel-a maltratado tanto tempo, e contou como lhe tinha apparecido no caminho S. Pedro e S. Paulo, que o desancaram em castigo de pedir o bolo refolhado, que era uma coisa que elle não sabia o que era.

(Algarve — Lagos.)

62. A MIRRA (mumia)

Um rapaz muito folgasão quiz dar uma grande festa no dia dos seus annos; foi por casa de todos os amigos convidal-os para virem jantar e cear com elle. Quando vinha para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemiterio e depois de convidal-o ficou a conversar muito satisfeito. Estando n'isto deu com os olhos em uma mirra, ou esqueleto ainda revestido de carne que estava junto de uma parede, e disse-lhe mofando:

— Se quizeres vir tambem ao banquete dos meus annos…

— Lá irei, respondeu-lhe a mirra.

O rapaz ficou espantado, e perguntou ao amigo se tinha ouvido alguma voz. Como este lhe dissesse que nada tinha ouvido, elle tambem não se atreveu a revelar-lhe o caso. D'ali se foi cheio de susto, e ao passar por casa do prior, fez confissão do que lhe acontecêra:

— O que foste fazer homem! Não sabes que não se brinca com os mortos?

— E agora?

— Agora não tens remedio senão sujeitares-te ao que acontecer. Manda pôr na meza mais um talher, ainda que não seja senão como satisfação.

A noite correu no meio de dansas, até que os convidados foram para a meza; ao soar a primeira badalada da meia noite, bateu-se á porta; o rapaz tremendo foi vêr quem era e recuou, abrindo. A mirra entrou vagarosamente, e dirigiu-se para a meza, e sentou-se no logar que estava desoccupado. Comeu, comeu, comeu, e depois levantou-se e disse para o mancebo:

— Pois bem, já que fizeste o favor de me convidares para o banquete dos teus annos, tambem te peço que ámanhã a esta mesma hora vás cear commigo.

Ditas estas palavras partiu.

O rapaz ficou ainda mais aterrado do que de antes; não poude dormir, até que ao outro dia foi ter com o confessor para lhe contar o succedido.

— Não tens outro remedio senão ires; sae-te mais mal se faltares. O que te posso fazer é emprestar-te a capa com que digo missa para te defenderes.

Lá por alta noite o rapaz foi para o adro da egreja, a tremer como varas verdes; e ao dar da meia noite em ponto, o rapaz bateu á porta, e a mirra appareceu, e levou-o comsigo para dentro.

— Vês estas duas covas aqui?

— Vejo.

— Pois uma é a minha e a outra seria para ti; mas o que te vale é vires vestido como Christo. Mas sempre te digo que nunca mais brinques com os mortos.

O rapaz, sem saber como, achou-se fóra da egreja, como se acordasse de um pezadello, teve uma grande doença, e em toda a sua vida nunca mais brincou com os mortos.

(Algarve.)

63. A MULHER CURIOSA

Havia n'uma terra uma mulher muito curiosa; não se passava cousa na rua de que não désse fé. A qualquer hora da noite estava sempre por detraz da gelosia a espreitar e a escutar o que ia. Uma noite estava ella já deitada, quando ouviu passos pela rua; a curiosidade fel-a saltar fóra da cama, e mesmo em camisa foi pôr-se ao postigo. Era uma procissão que passava, e de que ella nunca ouvira fallar. A procissão era muito comprida, e o que mais a fazia pasmar é que ninguem fazia barulho, nem se ouviam as passadas d'aquelle tropel de gente. A mulher estava pasmada; eis senão quando passa um homem que ella conhecia. Era o seu compadre, que havia já tempo que morrera. Para certificar-se da sua curiosidade usou de uma aramanha:

— Oh meu compadre! disse ella quando o vulto passou rente ao postigo; você empresta-me a sua tocha para accender a candeia que se me apagou?

O vulto deu-lhe a tocha e foi andando; acabada a procissão, a mulher foi para a cama, e não podia dormir; quando alvoreceu, e se levantou, é que notou que o quarto estava allumiado com uma luz accesa. Vae para certificar-se, era o braço de um defunto. A mulher ficou trespassada de mêdo, e foi confessar o caso a um padre.

— É castigo da curiosidade; agora é esperar que a procissão torne a passar d'aqui a oito dias, para entregar ao seu compadre o braço do defunto.

Chegado o dia, a mulher curiosa poz-se ao postigo, e das duas para as trez horas da madrugada passou a procissão dos defuntos do mesmo feitio, sem fazer barulho.

Quando ella viu aproximar-se o vulto do compadre, estendeu o braço e entregou-lh'o. A procissão desappareceu ao cabo da rua, e quando amanheceu foram dar com a mulher morta debruçada ao postigo. Todos os que a conheciam disseram pela mesma bocca: — Foi castigo, foi castigo.

(Algarve.)

Notas

63. **A mulher curiosa**. — Acha-se nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 273.

64. AS FAVAS

Era uma vez um rei que tinha por costume andar de noite escutando pelas portas para saber o que se passava. Viu luzir por um buraco da fechadura, chegou o ouvido á escuta, e estavam uns sujeitos conversando. Dizia um:

— Eu antes queria uma noite dormir com a rainha, do que ter muitos contos de reis.

O rei ouviu aquillo e tomou-o de olho. No dia seguinte mandou-o vir ao palacio. O rapaz ia muito atrapalhado da sua vida. O rei tinha dado ordem ao seu cosinheiro de lhe fazer um jantar com favas cosidas em agua e sal, favas guisadas, favas ensopadas, favas com arroz, favas com presunto, emfim, favas de todos os feitios. Assim que o rapaz appareceu na presença do rei, este levou-o para uma mesa, e disse-lhe que era para lhe offerecer de jantar.

O rapaz obedeceu; vieram as favas cosidas, comeu. Vieram as favas guisadas, comeu; vieram favas ensopadas, comeu. Por fim já não podia mais, e o cosinheiro sempre a trazer-lhe favas de todos os feitios. O rapaz já estava tão farto e enjoado de favas, que pediu aos criados que lhe não trouxessem mais.

Veiu o rei á sala de jantar, e perguntou-lhe:

— Então, porque é que não comes mais?

— Oh, senhor! isto tudo são favas; comi muitas no principio, mas agora estou farto de favas.

— Sim, tudo são favas, quer sejam cosidas ou ensopadas. Pois vá-se você embora, e não torne a dizer que dava toda a riqueza do mundo para dormir uma noite com a rainha; e lembre-se do que lhe aconteceu, por que:

— Favas, todas são favas, e mulheres todas são mulheres.

Assim ficou curado de tolo.

(Algarve.)

Notas

64. **As favas**. — O sentido *phallico* primitivo ligado á fava, apparece em todo o seu vigor aqui; o sentido *funerario* explica-se pela ameaça de morte que pesa sobre o rapaz que faltou ao respeito á rainha. (Vid. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 132.) Nos costumes populares da Italia, a fava branca que apparece no bolo é a *rainha* e a *fêmea*.

65. A VELHA DAS GALLINHAS

Havia uma velha, que estava sempre ao postigo até que horas. As filhas perguntavam-lhe:

— O que é que a mãe faz ahi ao postigo por essa noite adiante?

— Deixem-se lá, filhas, que é do postigo que as heide casar.

Passado tempo foi a velha ao palacio fallar á rainha:

— Venho aqui saber se vossa magestade quer mandar ensinar algumas das suas gallinhas a fallar?

— Hade ter sua graça! disse a rainha. Quero, quero.

E mandou-lhe entregar uma duzia de gallinhas. A velha foi para casa, e uns poucos de dias viveram á tripa larga, ella e mais as filhas, comendo gallinha cosida e assada, frita e fritangada. Quando se acabaram, tornou a velha ao palacio, e disse á rainha:

— Ai minha rica rainha, tenho uma paixão de estalar; as gallinhas já estavam fallando tão claro, que hoje tencionava vir entregal-as. Quando as estava ajuntando, ellas que começam n'uma cantarolada:

Có-co-ro-có, cá-ca-ra-cá
A nossa Rainha com o Cabra está.

— Eu ainda as quiz callar, mas as gallinhas disseram-me que do seu poleiro bem viram o conde Cabra entrar para o palacio; eu desesperada fechei-as, e venho saber o que quer vossa magestade que se faça.

A rainha ficou muito desesperada, e deu-lhe ordem que fosse logo para casa, e que as matasse, sem ficar nenhuma, e que não queria mais gallinhas que fallassem. E deu-lhe muito dinheiro, para que a mulher não dissesse a ninguem o que tinha acontecido, e que quando tivesse alguma necessidade viesse a palacio, que a ajudaria. Foi assim que a velha conseguiu arranjar meio de casar as suas filhas, a quem a rainha deu muitos bons dotes.

(Algarve.)

Notas

65. **A velha das gallinhas**. — O thema d'este conto acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. 56, p. 168. São trez gallos que revelam, segundo a interpretação da camareira, a infidelidade da senhora. Este conto acha-se, segundo Gustave Brunet, no *Dialogus creaturarum moralisatus* e por ventura generalisou-se na Europa a titulo de Exemplo de prégadores.

66. A RIQUEZA E A FORTUNA

Um pobre homem estava a trabalhar no mato, a cortar lenha para ir vender pela villa e assim sustentar mulher e filhos. De repente viu ao pé de si dois sujeitos, bem vestidos, que lhe disseram:

— Nós sômos a Fortuna e a Riqueza. Vimos-te ajudar.

Cada um queria acudir de preferencia ao pobre homem, e altercavam entre si. Dizia a Riqueza:

— Eu só por mim o faço feliz; sendo elle rico tem tudo.

— Pois mesmo sem ser rico, eu dando-lhe fortuna, faço-lhe maior beneficio. Senão experimentemos.

A Riqueza virou-se para o pobre do homem e disse:

— Toma lá este cruzado novo; ámanhã compra carne, pão e vinho e não trabalhes n’esse dia.

O homem foi-se embora contentissimo para casa; no outro dia foi ao açougue. Deu ao magarefe o dinheiro adiantado, mas como estava um grande barulho de gente no açougue, o carniceiro negou que lhe tinha dado o dinheiro, e o pobre homem resignou-se e foi outra vez trabalhar para o mato.

A Riqueza tornou a chegar-se ao pé d’elle, e quando soube de que lhe servira o cruzado novo, ficou zangada e deu-lhe uma bolsa cheia de dobrões. O homem voltou para casa; mas como a bolsa era de marroquim vermelho, uma ave de rapina cahiu de repente sobre elle e arrebatou nas garras o sacco, e voou. O homem contou a sua tristeza á mulher, e no outro dia foi trabalhar para o mato. Tornou-lhe a apparecer a Riqueza; ficou mais desesperada quando soube do acontecido á bolsa dos dobrões:

— Pois d’esta vez dou-te um sacco de peças tão grande que não pódes com elle; mas aqui tens um cavallo, que t’o vae levar a casa.

O homem agradeceu aquelle favor da Riqueza e pôz-se a caminho para casa. Quando ia por um atalho, estava n’um campo uma egua, e o cavallo botou a fugir atraz d’ella de tal fórma que o homem não foi capaz de o agarrar, e por mais que andou não pôde achar o cavallo.

Quando a Riqueza não esperava tornar mais a encontrar o homem no mato, foi ao sitio costumado com a Fortuna, e qual não foi o seu pasmo quando viu o pobre do homem a trabalhar como d’antes. Disse então a Fortuna:

— Agora é a minha vez de o fazer feliz; vou-lhe dar apenas um vintem. Olhe lá, ó homem, tome esse vintem, e assim que chegar á villa compre a primeira cousa que lhe apparecer.

O homem em caminho para casa encontrou quem lhe offereceu uma vara de andar á azeitona pelo preço de um vintem, e comprou-a. No outro dia foi para a apanha, e quando ia varejar uma oliveira, cahiu-lhe de um galho uma bolsa de marroquim cheia de dobrões. Agarrou n'ella e levou-a para casa, e contou á mulher d'onde suspeitava que lhe vinha aquelle thesouro. A mulher combinou ir fazer uma romaria, e puzeram-se a caminho. Quando chegaram a um escampado acharam pégadas de cavallo, foram andando por ellas e chegaram a um sitio onde estava um cavallo deitado ainda com um sacco cheio de peças. Voltaram logo para casa muito contentes, e mudaram de vida, que até áquelle tempo tinha sido amargurada pelos poucos ganhos e muitos filhos.

A Riqueza e a Fortuna foram ao sitio onde o homem costumava cortar lenha e esperaram por elle bastante tempo. Por fim a Fortuna declarou-se vencedora, dizendo:

— Que te dizia eu? Não é com o muito dinheiro que se é feliz.

(Algarve.)

67. MARÇO MARÇAGÃO

Era uma vez um homem, que casou com uma mulher desmazellada, e depois dizia o homem:

Oh mulher, oh mulher,
Eu mercára-te uma roca…

A mulher: — Isso não, marido, não
Que me fal'-a cara torta;
C'o dinheiro e co'a roca
Compraremos um burrinho,
O burrinho leva os odres,
E os odres leva o vinho.

Marido: — Oh mulher, oh mulher,
Eu mercára-te umas meias…

A mulher: — Isso não, marido, não
Que me fal'-as pernas cheias.
Antes com esse dinheiro
Compraremos um bulrrinho,
O burrinho leva os odres
E os odres leva o vinho.

68. OUTRO

Dil-o o homem:

— Oh mulher, tu não fias? tu não trabalhas?

— É um dia santo muito grande, não se póde hoje trabalhar.

Ao outro dia elle perguntou o mesmo, e ella o mesmo respondeu, e elle disse assim:

— Deixa, que ahi vem o Março Marçagão que elle t'o dirá.

— E eu pego n'umas poucas de esteiras e boto-as no primeiro de Março a córar.

— Elle não quer esteiras, quer antes meadas.

O marido na vespera do primeiro de Março pegou n'um capote muito velho, cobriu-se para fingir um velho muito corcovado, e a mulher pela manhã cedo levantou-se e foi pôr muitas esteiras a córar; e elle appareceu-lhe ali em velho e disse assim:

— Essas são as meadas que tu tens para córar?

— São.

— Então teu marido não te dizia? Espera, que eu te fallo.

Pega n’um páo, bateu, bateu até não poder mais, e deixou-a por morta. Assim que ella se pôde erguer foi para casa. A primeira cousa foi comprar roca e fiar. Depois já dizia o homem:

— Então era o que te eu dizia ou não?

Março, Marçagão

Cura meadas

Esteiras não.

Notas

67 e 68. **Março marçagão**. — Publicado pela primeira vez pelo sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 75 e 76. O março é mythificado nos anexins populares portuguezes. Em uma versão que colligimos o estribilho era:

> Eu sou o Março Marão,
> Que curo meadas e esteiras não.

69. ALEGRIA DA VIUVA

Era uma vez um homem casado; a mulher dizia que morria por elle, e que Deus nunca dera a ninguem um marido assim. O homem fiava-se n'aquellas palavras, e quando andava no campo a trabalhar dizia para o criado:

— Não ha ninguem que tenha uma mulher como a minha.

O criado disse que não era bom experimentar, porque podia ficar enganado. Disse o patrão:

— Agora é que desafio todo o mundo para me mostrarem uma mulher melhor do que a minha.

— Pois eu estou prompto para uma experiencia. Á noite, quando formos para casa, vae o patrão atravessado na palha fingindo que morreu, e o resto fica por minha conta.

Assim aconteceu; o criado chegou mais tarde do que o costume, bateu á porta, e com grande pranto contou como o patrão tinha morrido de repente. Quando a mulher ia começar a fazer grandes choros, disse-lhe o criado:

— Oh minha ama; é melhor não dar a saber isto á visinhança, porque se enche logo a casa de gente, e tudo quanto lhe vier fazer companhia quer de comer e grandes

esmolas, e assim nós dois pod emos passar a noite ao pé do corpo.

— Dizes bem, Valentim; pela manhã logo, se dirá que morreu.

Pegaram ambos no corpo e foram deital-o em cima de uma cama; passado algum tempo, diz o criado:

— Oh minha ama, a gente não ceia nada? isto morto como morto, e vivo como vivo.

— Pois dizes bem, vou fazer folar e tu vae lá abaixo buscar uma infusa de vinho.

Passado mais algum tempo, diz outra vez o criado:

— Oh minha ama, deixe-me deitar um bocadinho no seu colo, ando tão moido do trabalho.

— Pois sim, Valentim.

Tornou, depois o criado:

— O meu amo quando era vivo
Dizia-me que casasse comtigo.

Respondeu a mulher:

— Tambem elle me dizia a mim
Que casasse comtigo, meu Valentim.

O marido não quiz esperar por mais para certificar-se, e nunca mais fez caso d'ella em toda a sua vida.

(Algarve.)

Notas

69. **A alegria da viuva**. — É uma fórma popular da antiga tradição da Matrona de Epheso, tão frequentemente citada nos escriptores classicos. Nas *Horas de Recreyo*, do padre João Baptista de Castro, vem uma redacção portugueza da *Matrona de Epheso* formada sobre elementos eruditos. Esta historia acha-se na collecção dos *Sete sabios*; Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p . 161, indica as fontes d'este conto mais conhecido pelo *Satyricon* de Petronio. Ha um estudo especial por M. Dacier, nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions*, t. XLI; no *Policraticus sive de Nugis Curialium*, de João de Sarisberi, de 1183, vem esta lenda d'onde se vulgarisou na Edade media, e para a collecção das *Cento Novelle antiche*. As imitações litterarias são numerosissimas. No *Novellino* traz o n.º LIX.

70. A CARPIDEIRA E A VIUVA

Como diz o outro: A viuva rica, por um olho chora e pelo outro repenica. Uma viuva chamou uma mulher para vir fazer o pranto do costume pela morte do marido. A carpideira começou a dar ais, e a arrepellar-se, e dizia na sua caramunha:

Ai, ai, ai,
Quem lá vai, lá vai.

Passou uma mulher e perguntou-lhe o que é que ella estava a fazer; respondeu a carpideira:

Estou a chorar
O marido alheio,
Por um alqueire
De centeio;
Não sei se m’o dão
Meiado ou cheio.

A anojada, que já não podia encobrir a satisfação de se achar livre do que a tocava, começou aos saltos e a responder-lhe:

Hade ser calcado
E acuculado,

E ainda por cima
Mais um punhado;
Comtanto que fique
Bem depenado.

(Airão, Terra da Feira, Coimbra.)

Notas

70. **A carpideira**. — Pertence ao cyclo do conto antecedente, um dos mais abundantes do nosso Decameron popular.

71. FREI JOÃO SEM CUIDADOS

O rei ouvia sempre fallar em Frei João Sem Cuidados como um homem que não se affligia com coisa nenhuma d’este mundo.

— Deixa-te estar, que eu é que te heide metter em trabalhos.

Mandou-o chamar á sua presença, e disse-lhe:

— Vou dar-te uma adivinha, e se dentro em trez dias me não souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

Quanto pesa a lua?

Quanta agua tem o mar?

O que é que eu penso?

Frei João Sem Cuidados saiu do palacio bastante atrapalhado, pensando na resposta que havia de dar áquellas perguntas. O seu moleiro encontrou-o no caminho, e lá estranhou de vêr Frei João Sem Cuidados, de cabeça baixa e macambuzio.

— Olá, senhor Frei João Sem Cuidados, então o que é isso, que o vejo tão triste?

— É que o rei disse-me que me mandava matar, se dentro em trez dias eu lhe não respondesse a estas perguntas: — Quanto pesa a lua? Quanta agua tem o mar? E o que é que elle pensa?

O moleiro pôz-se a rir, e disse-lhe que não tivesse cuidado, que lhe emprestasse o habito de frade, que elle iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados os trez dias, o moleiro vestido de frade, foi pedir audiencia ao rei. O rei perguntou-lhe:

— Então, quanto pesa a lua?

— Saberá vossa magestade que não póde pesar mais do que um arratel, porque todos dizem que ella tem quatro quartos.

— É verdade. E agora: Quanta agua tem o mar?

Respondeu o moleiro:

— Isso é muito facil de saber; mas como vossa magestade só quiz saber da agua do mar, é preciso que primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido; mas zangado por vêr que Frei João se escapava das difficuldades, tornou:

— Agora, se não souberes o que é que eu penso, mando-te matar!

O moleiro respondeu:

— Ora, vossa magestade pensa que está fallando com Frei João Sem Cuidados, e está mas é fallando com o seu moleiro.

Deixou cair o habito de frade e o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino.

(Coimbra.)

Notas

71. **Frei João Sem Cuidados**. — Merece comparar-se a versão oral com a redacção litteraria de Gonçalo Fernandes Trancoso, do seculo XVI, em que figura um fidalgo Dom Simão. Ha uma fórma hespanhola tambem do seculo XVI, no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º XV. (Coll. de Auctores españoles, de Ribadaneyra, p. 154.) A fórma mais antiga que conhecemos é a italiana de Franco Sacchetti, contemporaneo de Dante, nas *Novellas*, t. I, n.º IV. A primeira versão oral portugueza foi publicada no *Almanach de Lembranças*, para 1861, p. 323. (Vid. n.º 160.)

72. JOÃO RATÃO (OU GRILLO)

Havia um homem que era carvoeiro, e não gostando d'aquella vida, metteu-se a ser adivinhão. Foi ter á côrte do rei, e disse que tinha officio de adivinhar. Ora na côrte tinha-se feito por aquelles dias um grande roubo, e o rei queria descobrir os criminosos; mandou vir João Ratão á sua presença, e perguntou-lhe quanto queria para adivinhar quem eram os ladrões. Respondeu o João Ratão que queria que o rei lhe désse trez jantares primeiramente. O rei mandou pôr uma meza com bastantes iguarias, e os criados do palacio começaram a servir o adivinhão. Assim que João Ratão acabou de comer o primeiro jantar, pôz-se a tocar rufo com o garfo e a faca no prato, dizendo muito contente:

— O primeiro já cá está! O primeiro já cá está!

Um dos criados que o servira, ouvindo o que João Ratão dizia, entendeu que era comsigo, e que elle tinha adivinhado que estava ali um dos ladrões. Ao outro dia João Ratão comeu um segundo jantar, e tornou a bater com o garfo e faca, cantando:

— O segundo já cá está! O segundo já cá está!

O criado tinha pedido a um companheiro que fosse servir o adivinhão em logar d'elle, e este outro percebendo que

estava tudo descoberto botou-se de joelhos aos pés de João Ratão confessando tudo, e dizendo-lhe quem eram os outros companheiros, mas que só elle é que podia fazer com que o rei lhes perdoasse. João Ratão descobriu ao rei quem eram os ladrões, e ficou muito acreditado na côrte. O rei não o quiz mais deixar ir embora, e disse que lhe ia propôr uma adivinha; se elle a soubesse explicar, daria-lhe a mão da princeza, e se não acertasse o mandaria matar.

João Ratão ficou triste como quem via já o fim da sua vida; comeu á mesa com o rei. No fim do jantar trouxeram-lhe um copo cheio de mijo de porca, e elle bebeu. Perguntou-lhe então o rei:

— Adivinha o que é que agora bebeste!

João Ratão ficou todo atrapalhado, porque sabia que d'esta não escapava, e disse:

— Aqui é que a *porca* torce o rabo.

O rei ficou muito admirado d'elle ter adivinhado, e cumpriu a palavra dando-lhe a princeza em casamento. Foi o que ganhou o João Ratão, deixando-se de carvoeiro para ser adivinhão.

(Coimbra.)

Notas

72. **João Ratão** (ou Grillo). — Publicado pela primeira vez na *Era nova*, p. 243. Em uma versão popular de Villa Real, o objecto da adivinha é um grillo, e por isso o adivinho acerta na resposta, dizendo:

> Ai grillo, grillo,
> Em que mão estás mettido.

No livrinho dos *Contos nacionaes para crianças*, p. 47, n.º XVII, vem uma outra redacção sob o titulo de *O Doutor Grillo*, formando um cyclo de aventuras. Diz Gubernatis: «Na Italia, quando se propõe um enigma para ser adivinhado, ajunta-se ordinariamente como conclusão as palavras — *Indovinala, grillo!* (adivinha grillo!) Esta expressão liga-se ao idiota fingido dos Contos populares, que acaba sempre por dar prova de tino. O sol envolvido na nuvem e na obscuridade da noite, é em geral o idiota mas o idiota que vê tudo, etc.» (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 50.)

73. OS TREZ IRMÃOS

Um homem tinha trez filhos, um seu e dois que a mulher lhe mettera em casa. O pae puchava para o seu filho, e a mulher puchava para os outros dois, e cada um promettera que havia de deixar os bens áquelle a quem mais amava. É certo que morreram sem testamento, e os trez irmãos não sabendo para quem ficariam os bens da casa, resolveram ir á cidade consultar um letrado. Quando iam pelo caminho, encontraram um homem muito azafamado, que lhes perguntou:

— Oh patrõesinhos, viram passar por aqui a minha burra?

Os trez irmãos disseram que não tinham visto, e puzeram-se a rir entre si, dizendo:

— Elle não era burra, era uma mula, e por signal que tinha o rabo torto; e ainda para mais era cega de um olho.

O homem pescou o que elles diziam, e como era possante, gritou:

— Ah, grandes birbantes, que me hãode dar já para aqui conta da minha mula. Era essa mesma que vocês dizem que não viram.

Travaram-se de razões e lá foram todos para a cidade á presença do juiz. O homem fez a sua queixa, e o juiz certo de que os homens sabiam onde estava a mula disse que o declarassem:

— Saberá, senhor juiz, que não vimos mula nenhuma; este homem perguntou-nos se tinhamos visto passar por ali uma burra, e dissemos que não, porque o que tinha passado era uma mula.

Disse o juiz:

— Então como sabeis isso, se a não vistes?

— É porque no chão estavam umas pégadas, em que os pés se botavam adiante das mãos, e assim é que andam as mulas, e isso era signal de ter por ali passado uma.

— E como sabeis que tinha o rabo torto, se é que a não vistes?

— Saberá o senhor juiz que era por um campo de cevada, que ainda estava orvalhado, e para a banda para onde a mula tinha o rabo torto já o orvalho estava saccudido.

— Está bem; mas como sabéis que a mula era cega de um olho?

— É porque pelo trilho que ella levava estava a cevada comida só de um lado; signal de que ella via só por um

olho.

O juiz mandou os trez irmãos embora, e condemnou nas custas o dono da mula.

N'isto os trez irmãos requereram ao juiz sobre o caso que os trazia á cidade para a partilha da herança. O juiz vendo que eram tão espertos e que não se entendiam, disse-lhes:

— Vinde ámanhã a minha casa, que vos quero dar uma lebre guisada para o almoço, e então darei a sentença.

Os trez irmãos foram ao outro dia muito contentes; o juiz mandou-os sentar á meza, e veiu a lebre guisada; elles comeram e lamberam o beiço.

— Então que tal é a lebre?

Diz-lhe d'ali um dos irmãos:

— Ella não é lebre, é cão.

— Então como sabeis isso?

— É porque botei um osso ao cão cá da casa, e elle não o quiz roer, porque é certo que os cães não se comem uns aos outros.

O juiz confessou que era verdade, e disse:

— Pois dou por sentença que hade ficar com a herança o que fôr capaz de ir á sepultura do pae cravar-lhe uma faca nos peitos.

Disseram os dois mais novos:

— Vou eu, vou eu!

O mais velho, espantado, exclamou:

— Já não quero os bens; eu sou lá capaz d'isso?

Então o juiz disse que aquelle é que era o verdadeiro filho, e escreveu a sentença a favor d'elle.

(Airão.)

74. AS BARRAS DE OURO

Trez irmãos estavam n'um monte fazendo carvão, e cada um guardava a borralheira, para que se não apagasse emquanto os outros dormiam. Coube a vez ao mais moço; mas não sei lá porque, elle descuidou-se e apagou-se a borralheira. Ficou muito apoquentado, e antes que os irmãos acordassem procurou modo de tornar a acender o fogo; viu lá longe uma luzinha, e lembrou-se de ir lá pedir fogo. Foi, andou, andou, até que chegou ao pé de uma grande borralheira em que estavam uns homens muito negros a fazer carvão. Pediu se lhe davam algumas brazas, que era para acender a sua borralheira, que se lhe tinha apagado, e vae elles disseram com má cara:

— Tire d'ahi um tição e leve-o.

O rapaz tirou o tição e botou a correr; ia para acender a sua borralheira, mas o tição apagou-se, e deitou-o para a banda. Tornou outra vez lá a pedir outro tição; disseram-lhe com a mesma catadura:

— Tire d'ahi um tição e leve-o.

Aconteceu o mesmo, apagou-se; teve coragem de tornar outra vez a ir pedir aos carvoeiros, e elles sempre lhe deram um tição, que se apagou como os outros dois. N'isto ia

amanhecendo, os irmãos acordaram, e o rapaz contou-lhe tudo, e quando os irmãos olharam para os tições apagados, viram trez grossas barras de ouro. Pularam de contentes, e disseram:

— Deixa estar, que esta noite um de nós hade ir lá pedir mais tições.

Assim fizeram, e o irmão do meio trouxe de lá trez tições que eram, como já se sabe, trez barras de ouro. Á terceira noite foi lá o irmão mais velho, e tambem pediu os tições, e quando foi dia viram que eram das mesmas barras de ouro. Ficaram muito ricos e foram viver para a cidade; disse o mais velho:

— Havemos de mandar fazer um palacio para morarmos juntos.

Fez-se o palacio, que era muito rico, e depois de prompto metteram-se dentro. Passou um dia pela porta um mendigo e pediu-lhes esmola; mandaram-n'o entrar e deram-lhe de comer. Vae o velho assim que acaba de comer benzeu-se e começou a dar graças a Deus, e de repente todo o palacio se desfez como n'um sonho, e os trez irmãos e todos os que estavam com elles á meza acharam-se no meio da rua, como se n'aquelle logar nunca tivesse sido senão um monte de entulho.

(Arredores do Porto.)

75. PEDRO DE MALAS-ARTES

Uma pobre mulher tinha um filho, que era assim atolado, e porque nunca fazia nem dizia nada acertado, chamavam-lhe o Pedro das Malas-Artes. A mulher não tinha senão aquelle filho, e por isso estimava-o. Um dia trouxe a mulher para casa uma têa de linho, que tinha deitado, e disse:

— Este panno é para nós taparmos os nossos buraquinhos.

Assim que a mulher sahiu, e se demorou na missa, o filho foi á têa de linho, cortou-a em bocadinhos e começou a mettel-os pelos buracos das paredes do casebre. Quando a mãe chegou, elle disse-lhe muito contente:

— Mãe, olhe como estão tapados os nossos buraquinhos.

A mãe conheceu a tolice, lamentou os seus peccados, e fel-o prometter que nunca mais tornaria. No dia seguinte disse ao filho que fosse á feira comprar um bacoro e o trouxesse para casa. Esperou, esperou, e como o filho não acabava de vir, foi a vêr se o encontrava; achou-o caido no chão com o porco em cima de si, porque tinha entendido que o havia de trazer ás costas, e elle era bastante pezado. A mulher chorou, affligiu-se, e explicou:

— Isto traz-se para casa, com um cordelsinho amarrado pelo pé, e toca-se para diante com uma varinha.

Pedro de Malas-Artes, ouviu aquillo para seu governo; passados dias a mãe mandou-o que fosse á feira comprar um cantaro. Quando elle chegou a casa, trazia só a aza.

— Que é isto, Pedro? Onde está o cantaro que te mandei buscar.

Disse elle á mãe:

— Amarrei-lhe um cordelsinho pela aza, e toquei-o para diante com uma varinha; fiz como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe tornou a lamentar-se, e disse-lhe:

— Se tu tivesses juizo trazias o cantaro na mão, ou então entre palha, n'algum carro que viesse para as nossas bandas.

Vae n'isto mandou-o a uma loja comprar um vintem de agulhas; Pedro de Malas-Artes trouxe as agulhas, e como ia passando um carro de palha aproveitou a occasião e despejou as agulhas entre a palha. Chega a casa, e pergunta-lhe a mãe pelas agulhas:

— Vem ahi no carro da palha do nosso visinho; botei-as lá, como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe já estava cançada de tanta tolice, e já tinha medo de o mandar a algum recado. Um dia comprou tripas para guisar para o jantar e disse a Pedro de Malas-Artes:

— Vae ali á beira do rio lavar essas tripas, e não m'as tragas cá sem que estejam bem limpas.

— Mas eu como é que heide saber que as tripas estão limpas?

— Pergunta a alguem, que te diga.

Foi Pedro de Malas-Artes lavar as tripas; lavou, tornou a lavar, e como não passava ninguem, lavava que lavava. Até que lá ao longe viu vir um barco á vela e a remar, porque havia calmaria, e pôz-se a acenar e a chamar. A gente do barco pensando gue era algum passageiro abicou á praia, luctando contra a corrente, quando Pedro de Malas-Artes perguntou:

— Olhem lá; os senhores dizem-me se estas tripas já estão bem lavadas?

A gente do barco ficou desesperada, saltaram em terra, deram-lhe muita pancada e disseram por fim:

— O que tu deves dizer, é que sopre muito vento.

Foram-se embora. Pedro de Malas-Artes ia para casa, e aconteceu passar por um campo onde se andava ceifando

trigo e armando as paveias, e começou a dizer:

— O que é preciso é que sopre muito vento; que sopre muito vento.

A gente que andava ceifando ficou desesperada, e vieram bater-lhe, dizendo:

— Oh estuporado, não sabes que o muito vento nos espalhava o trigo todo? O que é preciso é que não caia nenhum.

E deixaram-n'o ir embora. Foi-se Pedro e passou por um campo onde estavam uns homens armando uma rêde para apanhar passaros, e começou a dizer:

— O que é preciso é que não caia nenhum, que não caia nenhum.

Vem os homens da rêde, bateram-lhe muitas, e clamaram:

— O que tu deves dizer, é que assim haja muito sangue.

Passa Pedro por um caminho onde estavam dois homens engalfilhados brigando, e outros tambem querendo apartal-os, e entra a dizer em altos gritos:

— Assim haja muito sangue, assim haja muito sangue.

Já se sabe, vieram ter com elle e deram-lhe muitas pancadas, e disseram-lhe:

— O que tu deves dizer é que Deus os desaparte, Deus os desaparte.

Vae-se Pedro de Malas-Artes por ali adiante, quando vinha um grande acompanhamento com um noivo e noiva que acabavam de se casar. Começa elle:

— Assim Deus os desaparte, assim Deus os desaparte.

Os convidados deram-lhe muita pancada e disseram:

— Oh homem, o que tu deves dizer é que d'estes cada dia um.

Indo mais para diante encontra um enterro de um homem muito estimado na terra, e entra a bradar:

— D'estes cada dia um, cada dia um.

A gente que seguia o enterro não teve mão que lhe não batesse muita pancada, e disseram-lhe:

— O que você deve dizer é que nosso senhor o leve direitinho para o céo.

Vae mais para diante, e vinha passando um baptisado, e começa Pedro de Malas-Artes:

— Nosso senhor o leve direitinho para o céo.

Os padrinhos da criança tomaram aquillo por máo agoiro, e desancaram Pedro de Malas-Artes, que botou a fugir e se não chegasse a casa ainda andava a levar pancadas por esse mundo.

(Porto.)

Notas

75. **Pedro de Malas Artes**. — Na collecção dos *Contos sicilianos* de Pittré ha este mesmo thema. (*Rev. des Deux Mondes*, 1875 (Agosto, 15), p. 883. Consiglieri Pedroso encontrou-o com o titulo de *Manel tolo*, correspondente ao *Giufa* dos contos sicilianos (*Fiabe*, vol. III, p. 353 da collecção de Pittré), e ás *Molbohistorie* da Dinamarca. (Ap. *Romania*, t. IX, p. 138 a 140.) *O Positivismo*, t. II, p. 450. — Nos *Relogios fallantes*, D. Francisco Manuel de Mello, allude a esta tradição corrente em Portugal no seculo XVII: «que me puderam levantar estatuas como a *Pedro de Malas Artes*…» (*Apologos Dialogaes*, p. 23.) N'esta mesma obra vem o conto da mulher que nas dôres do parto mandou accender uma vela benta, tendo em seguida o cuidado de a mandar apagar para outra vez. (*Ibid.*, p. 196.)

Crêmos que é a esta mesma tradição que se refere o typo de *Pedro de Urde-Lamas*, citado na *Lozana andalusa*, da litteratura hespanhola do seculo XVI. No *Cancioneiro da Vaticana* vem uma allusão a este typo: «Chegou Payo de *maas Artes*.» (Canç. 1132.)

76. SANTA HELENA

Havia um rei que era casado com uma senhora chamada D. Helena, que era muito boa de coração. Tinha o rei por costume ir passar o verão para uma villa, que se ia para lá por mar, mas era na mesma terra. Vae um fidalgo apostou com o rei que, quando viesse da viagem lhe havia de dizer os signaes da rainha, e se não os dissesse que perdia todos os seus bens.

Estava o rei quasi a chegar, mas o fidalgo não tinha ainda podido vêr os signaes que a rainha tinha no corpo, e andava muito afflicto porque perdia a aposta. Chegou-se uma velha a pedir-lhe esmola, e elle muito arrenegado disse que o deixasse. A velha insistiu mais:

— Conte-me o senhor o que tem, que eu arranjarei remedio para o seu mal.

O fidalgo contou-lhe tudo, e ella offereceu-se para ir a palacio e vêr os signaes da rainha. Foi e levou um canudo cheio de pulgas; chegou-se perto da rainha a pedir-lhe uma esmola; a rainha mandou-a entrar e como era muito caridosa, disse que dormisse ali aquella noite. A velha, quando todos estavam dormindo, foi á cama da rainha e despejou o canudo das pulgas, e foi para o quarto que lhe deram. Cheia de comichão a rainha tocou uma sineta e logo

vieram todas as damas e aias do palacio, e no meio do barulho veiu tambem a velha, e viu emquanto catavam a rainha, que ella tinha um signal no peito. Pela manhã cedo foi ter com o fidalgo e contou-lhe tudo, e recebeu uma grande esmola. O fidalgo foi ao encontro do rei e lhe deu o signal de D. Helena; o rei ficou muito furioso, e quando chegou ao palacio, veiu a rainha abraçal-o, mas elle affastou-a, dizendo:

— Traidora, que me foste infiel!

Ella cahiu logo com um flato para nunca mais fallar; e o rei mandou fazer uma redoma de vidro, metteu-a dentro e foram-na deitar ao mar. A redoma foi ter á terra onde o rei costumava passar o verão, e os pescadores de lá a encontraram e trouxeram-na para a terra. Na palma da mão tinha escripto: *Santa Helena*. Fizeram-lhe uma ermida, onde guardaram a redoma. Vindo o rei áquelle logar, pediu para lhe contarem de quem era aquella redoma, e quando se chegou mais perto, conheceu logo que era sua esposa, e muito arrependido ali morreu deixando em lembrança que ninguem fizesse apostas.

(Ilha de S . Miguel — Açores.)

Notas

76. **D. Helena**. — A peripecia d'este conto, o signal no peito da rainha, acha-se na *Cymbelina* de Shakespeare, em um conto de Boccacio, e no poema da Edade media *Gerart de Nevers*.

77. O GUARDADOR DOS PORCOS

Era um homem casado, que tinha um rapaz que lhe guardava os porcos. Indo o rapaz uma vez para o pasto, chegou-se um homem a elle dizendo:

— Vendes-me esses sete porcos?

— Não vendo senão seis; mas o tio hade dar-me já os rabos e orelhas d'elles.

Ficou o contracto feito; o rapaz recebeu o dinheiro, e logo ali cortou as orelhas e os rabos dos seis porcos. Chegando a um charco, espetou no lodo as orelhas e os rabos dos seis porcos, e enterrou o septimo porco até meio do corpo. E foi logo a gritar ter com o amo, para o vir ajudar a tirar os porcos, que tinham cahido no charco. Veiu o amo, e assim que puchou vieram-lhe os rabos na mão; com medo de perder os porcos todos, disse ao criado:

— Vae a casa e diz á minha mulher que te dê duas pás, para pucharmos os porcos cá para fóra.

O criado que sabia que o amo tinha duas saccas de dinheiro, chegou a casa e disse á mulher:

— O patrão manda dizer que me entregue as duas saccas de dinheiro.

A mulher desconfiou; mas o criado disse que ella chegasse ao balcão, e perguntasse se eram ou não as duas. Pergunta a mulher de cá:

— Ambas de duas?

— Sim, dá-lhe ambas de duas.

A mulher não sabia que eram as pás, e entregou-lhe as saccas do dinheiro.

O rapaz agarrou-as e foi-se por outro caminho, e encontrando um veado, matou-o e tirou-lhe as tripas, que metteu por dentro da camisa. Chegando perto de um homem que conhecia o patrão d'elle, começou a dizer:

— Deixa-me retalhar as tripas.

E pôz-se a cortar as que tinha do veado; o patrão quando chegou a casa e soube da ladroeira do criado, correu atraz d'elle, e encontrou no caminho o seu conhecido, a quem perguntou se tinha visto passar por ali o moço.

Elle respondeu:

— Vi, e elle fez uma cousa; tirou as tripas e cortou-as para correr mais depressa.

— Tambem eu vou fazer o mesmo para o apanhar.

E cortando as tripas caiu morto. O moço quando soube isto voltou para traz e foi ter com a patrôa, que estava viuva, e casou com ella.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

77. **O guardador de porcos**. — Apparece nos *Contos populares da Russia*, na Colleção de Afanasieff, liv. V, n.º 8. Além da traducção de alguns contos russos por G. Ralston, Gubernatis vulgarisou mais uns cem, para elemento dos estudos comparativos. Na tradição italiana do Piemonte tambem se repete esta facecia: «Um rapaz que guardava porcos, corta-lhes os rabos, lança-os n'um lameiro, e foge com elles. O patrão, vendo os rabos, cuida que os porcos se enterraram na lama. Pucha-os, mas só lhe vem na mão os rabos sem os corpos a que andavam pegados.» *(Mythologie zoologique*, t. I, p. 252.) O illustre critico liga este conto a outros elementos tradicionaes para a reconstrucção popular do mytho de Hercules e Caco.

78. NASCER PARA SER RICO

Havia um sapateiro que trabalhava noite e dia, mas nunca passava da cêpa torta; um visinho muito rico ouvia-o cantar sempre esta cantiga:

Sou um pobre sapateiro,
Que estou sempre a dar, a dar,
Quem nasceu para ser pobre
Que lhe serve o trabalhar?

Ao som d'esta cantiga batia sola; o visinho lembrou-se de lhe fazer uma surpreza, e mandou-lhe uma grande rôsca cheia de dinheiro por dentro, que era para elle comer com sua mulher e filhos, e quando a partisse já não ter que se queixar da sorte. O sapateiro assim que recebeu a rôsca deu muitos agradecimentos ao visinho, mas como tinha tido uma doença em casa lembrou-se de ir levar de presente a rôsca ao medico a quem estava em divida. A mulher ficou muito contente com a lembrança e foi ella mesmo leval-a a casa do medico. Passados dias passou o visinho rico pela porta do sapateiro, e ouviu-lhe a mesma cantiga, e perguntou-lhe:

— Oh homem! pois você não comeu a rôsca com a sua familia?

O sapateiro contou o motivo porque se tinha visto obrigado a leval-a de presente ao medico. O rico foi-se embora, e passados dias mandou-lhe uns tóros de pinheiro, tambem cheios de dinheiro por dentro, dizendo que era para fazer o seu lume. Ora o sapateiro era visinho de um padeiro, de quem comia fiado, e para lhe ser agradecido levou-lhe os tóros de presente para queimar no forno. De outra vez passou o visinho rico pela porta do sapateiro e perguntou-lhe se já tinha rachado a lenha que lhe mandára; o homemsinho contou como se vira obrigado a levar os tóros de presente ao seu visinho padeiro, que lhe dava pão fiado. Vae o rico e disse-lhe:

— Você parece que tem razão em se queixar de que nasceu para ser pobre, porque a rôsca de pão e os tóros de pinheiro vinham por dentro recheadinhos de dinheiro. Agora ainda que lhe queira fazer bem já não posso, nem trago nada commigo. O mais que lhe posso dar é esse pedaço de chumbo que achei ali no caminho.

O sapateiro pegou no bocadinho de chumbo, e como de nada lhe servia deitou-o ali para um canto, e continuou a trabalhar ao som da mesma cantiga. De noite quando estava na cama, sentiu bater á porta: truz, truz! Fallaram:

— Oh senhora visinha!

A mulher do sapateiro levantou-se e foi ao postigo; era a mulher de um pescador que morava paredes meias e disse:

— O meu homem vae agora para o mar, para deitar as rêdes; é uma occasião boa, mas falta-lhe chumbo para ellas. Não terá por ahi qualquer bocadinho que me dê?

O sapateiro lembrou-se do chumbo que lhe tinha dado o homem rico e disse á mulher onde estava, e que o levasse á do pescador. Lá o que se passou não sei, mas o pescador tirou uma rêde cheia de peixe, e a mulher veiu a casa do sapateiro trazer-lhe em paga uma boa garoupa para amanharem para o jantar. Quando a mulher do sapateiro a estava arranjando, abriu-lhe as ventrexas e achou-lhe dentro uma pedra a modo de um vidro esquinado e deu aos pequenos para brincarem, sem fazer a isso mais reparo. Os pequenos brincaram com a pedra, e deixaram-na para ahi quando se foram deitar. De noite estava o sapateiro na cama, e depois que apagou a candeia viu luzir uma cousa como que se fosse os olhos de gato.

— Homem, essa! parece-me que vejo luzir ali uma cousa.

A mulher reparou, e viu o mesmo; levantou-se o sapateiro e foi vêr o que seria; deu com urna pedra muito polida, e foi então que a mulher se lembrou que a tinha encontrado na ventrexa da garoupa. O sapateiro quando amanheceu foi mostral-a a casa de um ourives, que lhe disse que aquillo era uma pedra preciosa e que valia tanto que nem elle mesmo tinha dinheiro para a comprar; mas que se elle quizesse iria mostral-a ao rei, que só elle é que podia ter joias de tanto valor. Assim fez, e o sapateiro veiu a receber

muito dinheiro pela pedra; mudou de vida, comprou casas e quintas, e quando já se tratava como um senhor, passou-lhe pela porta o antigo visinho rico que tinha estado muito tempo fóra da terra, e ficou pasmado de o vêr tão accrescentado. Elle dizia lá comsigo:

— O velhaco do sapateiro enganou-me; guardou o dinheiro que lhe mandei dentro da rôsca e dos tóros de pinheiro, e só depois da cousa esquecida é que se sahiu com elle.

Mas o sapateiro era homem liso, e contou-lhe como a fortuna lhe viera pelo bocadinho de chumbo que lhe deu, agradeceu-lhe muito, e concluiu que apesar das suas queixas elle tinha nascido para ser rico, pois déra por duas vezes ponta-pés na fortuna.

(Porto.)

Notas

78. **Nascer para ser rico**. — Nos *Contos proveitosos*, de Trancoso, Parte I, n.º XIII, *O real bem ganhado* versa sobre esta peripecia da pedra preciosa.

79. DOM CAIO

Era um alfaiate muito poltrão, que estava trabalhando a porta da rua; como elle tinha medo de tudo, o seu gosto era fingir de valente. Vae de uma vez viu muitas moscas juntas e de uma pancada matou sete. D'aqui em diante não fazia senão gabar-se:

— Eu cá mato sete de uma vez!

Ora o rei andava muito aparvalhado, porque lhe tinha morrido na guerra o seu general Dom Caio, que era o maior valente que havia, e as tropas do inimigo já vinham contra elle, porque sabiam que não tinha quem mandasse a combatel-as. Os que ouviram o alfaiate andar a dizer por toda a parte: «Eu cá mato sete de uma vez!» foram logo mettel-o no bico ao rei, que se lembrou de que quem era assim tão valente seria capaz de occupar o posto de Dom Caio. Veiu o alfaiate á presença do rei, que lhe perguntou:

— É verdade que matas sete de uma vez?

— Saberá vossa magestade que sim.

— Então n'esse caso vás commandar as minhas tropas, e atacar os inimigos que já me estão cercando.

Mandou vir o fardamento de Dom Caio e fel-o vestir ao alfaiate, que era muito baixinho, e que ficou com o chapeu de bicos enterrado até ás orelhas; depois disse que trouxessem o cavallo branco de Dom Caio para o alfaiate montar. Ajudaram-no a subir para o cavallo, e elle já estava a tremer como varas verdes; assim que o cavallo sentiu as esporas botou á desfilada, e o alfaiate a gritar:

— Eu caio, eu caio!

Todos os que o ouviam por onde elle passava, diziam:

— Elle agora diz que é o Dom Caio; já temos homem.

O cavallo que andava costumado ás escaramuças, correu para o sitio em que andava a guerreia, e o alfaiate com medo de cahir ia agarrado ás clinas, a gritar como desesperado:

— Eu caio, eu caio!

O inimigo assim que viu vir o cavallo branco do general valente, e ouviu o grito: «Eu caio, eu caio!» conheceu o perigo em que estava e disseram os soldados uns para os outros:

— Estamos perdidos, que lá vem o Dom Caio; lá vem o Dom Caio.

E botaram a fugir á debandada; os soldados do rei foram-lhe no encalço e mataram n'elles, e o alfaiate ganhou assim a batalha só em agarrar-se ao pescoço do cavallo e em gritar: «Eu caio.» O rei ficou muito contente com elle, e em paga da victoria deu-lhe a princeza em casamento, e ninguem fazia senão louvar o successor de Dom Caio pela sua coragem.

(Porto.)

Notas

79. **Dom Caio**. — Este conto versa sobre o equivoco da phrase: *Matar sete de um golpe*. Tem analogias com o *Alfaiatinho valoroso*, dos Contos de Grimm. *(Contes choisis*, p. 253.) No *Pantchatantra*, a fabula do *Oleiro e o Rei* versa sobre este mesmo assumpto. (Trad. Lancereau, p. 289.) Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 121, vem este conto com o titulo de *Don Juan Bolondron Mata siete de um trompom*, colligido no Chili, na povoação de Santa Juana.

80. OS DEZ ANÕESINHOS DA TIA VERDE-AGUA

Era uma mulher casada, mas que se dava muito mal com o marido, porque não trabalhava nem tinha ordem no governo da casa; começava uma cousa, e logo passava para outra, tudo ficava em meio, de sorte que quando o marido vinha para casa nem tinha o jantar feito, e á noite nem agua para os pés, nem a cama arranjada. As cousas foram assim, até que o homem lhe pôz as mãos e ia-a tocando, e ella a passar muito má vida. A mulher andava triste por o homem lhe bater, e tinha uma visinha a quem se foi queixar, a qual era velha e se dizia que as fadas a ajudavam. Chamavam-lhe a Tia Verde-Agua:

— Ai, tia! vocemecê é que me podia valer n'esta afflicção.

— Pois sim, filha; eu tenho dez anõesinhos muito arranjadores, e mando-t'os para tua casa para te ajudarem.

E a velha começou a explicar-lhe o que devia fazer para que os dez anõesinhos a ajudassem; que quando pela manhã se levantasse fizesse logo a cama, em seguida accendesse o lume, depois enchesse o cantaro da agua, varresse a casa, aponteasse a roupa, e no intervallo em que cosinhasse o jantar fosse dobando as suas meadas, até o marido chegar. Foi-lhe assim indicando o que havia de fazer, que em tudo

isto seria ajudada sem ella o sentir pelos dez anõesinhos. A mulher assim o fez, e se bem o fez melhor lhe sahiu. Logo á bocca da noite foi a casa da tia Verde-Agua agradecer-lhe o ter-lhe mandado os dez anõesinhos, que ella não viu nem sentiu, mas porque o trabalho correu-lhe como por encanto. Foram-se assim passando as cousas, e o marido estava pasmado por vêr a mulher tornar-se tão arranjadeira e limposa; ao fim de oito dias elle não se teve que não lhe dissesse como ella estava outra mulher, e que assim viveriam como Deus com os anjos. A mulher contente por se vêr agora feliz, e mesmo porque a féria chegava para mais, vae a casa da tia Verde-Agua agradecer-lhe o favor que lhe fez:

— Ai, minha tia, os seus dez anõesinhos fizeram-me um serviçio; trago agora tudo arranjado, e o meu homem anda muito meu amigo. O que lhe eu pedia agora é que m'os deixasse lá ficar.

A velha respondeu-lhe:

— Deixo, deixo. Pois tu ainda não viste os dez anõesinhos?

— Ainda não; o que eu queria era vêl-os.

— Não sejas tola; se tu queres vêl-os olha para as tuas mãos, e os teus dedos é que são os dez anõesinhos.

A mulher comprehendeu a cousa, e foi para casa satisfeita comsigo por saber como é que se faz luzir o trabalho.

(Porto.)

Notas

80. **Os dez anõesinhos da Tia Verde-Agua**. — Nos Contos de Grimm *Os anões magicos*, dão realidade ao que na tradição portugueza apparece com sentido allegorico. (*Contes choisis*, p. 181.)

81. O COMPADRE DIABO

Um pobre jornaleiro tinha um compadre que era o diabo, mas elle não o sabia; veiu elle e disse-lhe:

— Tu és tão pobre! sabes que mais? lembra-me de te dar um grande campo para o trabalhares de meias commigo, com a condição que o que crescer para debaixo da terra hade ser para mim, e o que crescer para cima da terra hade ser para ti.

O jornaleiro acceitou o contracto, e foi trabalhar o campo e semeou-o de trigo. Nasceu muito trigo, que elle colheu no seu tempo, e disse ao compadre que fosse apanhar o que tinha crescido para debaixo da terra. O diabo só achou as raizes, e conheceu que tinha sido enganado pelo compadre. E disse:

— Já me não serve o nosso contracto, e se queres continuar hade ser ás avessas: o que crescer para cima da terra hade ser para mim, e o que crescer para baixo é que hade ser para ti.

O lavrador acceitou a condição e semeou o campo todo de batatas; deu uma novidade que era um regalo. Disse ao compadre que fosse apanhar o que tinha crescido para cima da terra, que era a rama da batata, e elle tirou muitos e

muitos alqueires de batatas, com que fez muito dinheiro. O diabo viu que perdia sempre no jogo, e quiz-se vingar do compadre:

— Ah velhaco, que me enganaste; mas eu é que te não deixo ficar assim; havemos de bater-nos e hade ser ás unhadas, que ao menos d'esta vez heide ficar de melhor partido.

O lavrador bem sabia que o diabo tinha umas garras temiveis, mas como não podia escolher as armas já dava ao diabo a cardada, e foi ter com a mulher, sem saber como se veria livre d'aquella alhada. Vae a mulher e diz-lhe:

— Deixa-o vir para cá, que eu o arranjo. No dia em que te vier procurar para brigar comtigo, esconde-te, que eu é que vou fallar com elle.

Chegado o dia, vem o diabo muito furioso e bate á porta do compadre:

— Aqui estou para irmos brigar.

Vem a mulher e diz:

— Entre para aqui compadre, e espere pelo meu homem, que foi amolar as unhas; olhe que elle sempre dá cada unhada! Aqui está a primeira que elle me deu…

O diabo tal cousa viu, que botou a fugir com medo de ficar cheio d'aquellas arranhaduras, e nunca mais voltou lá.

(Ilha de S. Miguel — Açores.)

Notas

81. **O compadre Diabo**. — Sobre esta facecia, Gubernatis apresenta um conto russo em que o Diabo é representado pelo urso com um caracter demoniaco: «O aldeão logra duas vezes o seu companheiro urso; primeiro quando semeam juntamente nabos, e que o aldeão reserva para si o que cresce debaixo da terra, deixando ao urso o que sae e se levanta acima do chão; depois, quando elles semeam trigo, e que o urso, julgando-se agora mais esperto toma para si o que cresce debaixo da terra e cede ao aldeão o que se produz para fóra d'ella. O aldeão está a ponto de ser devorado pelo urso, quando a raposa o vem soccorrer.» *(Myth. zoologique*, t. II, p. 119.) D'este conto da collecção de Afanasieff, acha-se uma variante na Noruega, n.º 74, da collecção de Asbjörnsen, e na Allemanha, na collecção de Grimm, n.º 189. Em um conto caucasico, publicado no *Magazin für die Litter. des Auslands*, n.º 134, de 1834, figura o Diabo, que tambem é enganado. Sobre este conto Liebrecht escreveu um estudo comparativo na *Academy*, de 1873, n.º 74, resumido por Gubernatis, loc. cit. No *Conde*

de Lucanor, de D. João Manuel, cap. 41: *De lo que contescio al Bien y al Mal*, vem este mesmo conto, em que tambem ha os nabos da partilha. (Ed. 1642, fl. 111.) Nos *West Highlanders popular Tales*, de Campbell, acha-se este conto em que figuram a raposa e o lobo, e a cultura é de aveia e depois de batatas. Ap. *Contes populaires de la grande Bretagne*, de Brueyre, p. 363, que traz mais estas fontes similares: Rabelais, *Pentagruel*, liv. IV, cap. 45 e 46. Lafontaine, conto de *Le Diable et Papefiguiere*. Na tradição oral franceza o conflicto dá-se entre S. Martinho e o Diabo. Nos *Contes populaires agenais*, de Bladé, figura sob o titulo de *La Chèvre et le Loup*. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 31, cita este conto mostrando «como os mythos se deslocam e se multiplicam infinitamente, tendo muitas vezes o mesmo ponto de partida.»

82. OS CORCUNDAS

Havia n'uma terra dois corcundas que se conheciam e eram amigos; de uma vez um d'elles perdeu-se n'uma estrada e foi ter ao meio de uma floresta onde umas bruxas estavam fazendo as suas dansas, e diziam:

— Entre quintas e sextas e sabbados.

O corcunda foi-se aproximando, e viu ali muito de comer, e começou tambem a dizer:

— Entre quintas e sextas e sabbados.

As feiticeiras vieram ter com o corcunda e deram-lhe muito de comer e fizeram-no dançar; como estava para dar meia noite, disseram:

— O que se hade fazer a este homem, quando nos formos embora?

— Dê-se-lhe muito dinheiro.

Outras disseram:

— Tire-se-lhe a corcunda.

Elle apanhou as duas coisas, e foi-se embora; quando chegou á sua terra o outro corcunda perguntou-lhe quem é que o tinha endireitado. O amigo contou-lhe tudo e disse-lhe onde era a floresta; o outro corcunda avistou as mesmas luzes e viu a mesma dansa das bruxas; e assim que ouviu ellas estarem cantando:

— «Entre quintas e sextas e sabbados», começou a dizer as mesmas palavras, e accrescentou:

— E os domingos, se fôr necessario.

As bruxas desesperadas por lhe fallarem no domingo, foram ter com elle, deram-lhe muitos repellões e disseram:

— O que havemos de fazer a este homem?

— Ponha-se a corcunda que o outro aqui deixou.

E assim elle se foi embora com uma giba atraz e outra adiante.

(Porto.)

Notas

82. **Os corcundas**. — Apparece tambem na tradição popular italiana, colligida pelo prof. Gubernatis, na *Botanique zoologique*, t. II, p. 249, extrahida do livro do

medico Pedro Piperno, do sec. XVII, que se intitula *De Nuce maga beneventana*. A troca das corcundas é explicada por Gubernatis: «é evidentemente o jogo das sombras; a corcunda por detraz é a escuridão da noite, a corcunda por diante, é a sombra na alvorada.» Ha uma outra versão portugueza, de Coimbra, publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 200. — A tradição tem certa universalidade. Vide tambem Brueyre, *Contes de la Grande Bretagne*, p. 206, tradição da Irlanda, e Emile Souvestre, *Foyer Breton*, Les Korils de Plauden, ou Presente dos Gnomos.

Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, vem com o titulo *Les Fées et les deux bossous*.

83. A MULHER GULOSA

Um homem tinha casado com uma mulher muito lambareira, mas que fingia que nunca tinha vontade de comer; elle desconfiado espreitava-a, e veiu a conhecer que ella não fazia senão comer petiscos. Um dia elle sahiu de casa, dizendo-lhe que não vinha senão á noite, e escondeu-se no forno. A mulher como se achou só, cantou e foi arranjar um almoço de gulodices, que eram formigos de pão esfarelado com mel e ovos. Quando chegou a hora do jantar guisou uma grande pratada de migas, e comeu e lambeu-lhe o beiço. Ao fim da tarde, ainda não era bem lusconfusco, tornou a accender o lume e ensopou dois franguinhos para a ceia. O marido viu-lhe comer tudo aquillo, e esteve sempre calado, até que quando lhe pareceu sahiu do seu esconderijo, e fingiu que entrava em casa como quem vinha de muito longe. Ora o dia esteve sempre de chuva, e o homem vinha enxuto como as palhas; a mulher lá ficou admirada, e disse:

— Oh homem, com este dia de agua como vens tão enxuto! Onde é que estiveste?

Elle respondeu:

Chovia miudinho
Como os formigos que almoçaste;

Se chovesse graúdinho
Como as migas que jantaste,
Eu viria ensopadinho
Como os frangos que ceiaste.

A mulher conheceu que já não enganava o marido, que se serviu d'este pé de cantiga para lhe repinicar o pandeiro.

(Porto.)

Notas

83. **A mulher gulosa**. — Esta facecia encontra-se nas tradições populares do Brazil. Sylvio Romero, colligiu-a em Pernambuco, e tral-a com o titulo *A mulher dengosa*, nos seus Contos populares do Brazil.

84. AS IRMÃS GAGAS

Uma mãe tinha trez filhas, e todas eram tatas; para fazer com que ellas não perdessem casamento, disse-lhes:

— Meninas, é preciso estarem sempre caladas quando vier aqui a casa algum rapaz; senão nada feito.

De uma vez trouxe-lhes um noivo para vêr se gostava de alguma d'ellas, e não se tinha esquecido de fazer a recommendação ás filhas. Estavam ellas na presença do noivo, que ainda não tinha dado signal de sua sympathia, quando uma d'ellas sentiu chiar no lume, e diz logo muito lampeira:

— Oh mãe, o *tutalinho fede*. (Isto é: o pucarinho ferve.)

Diz d'ali a outra irmã:

— *Tira-le o têto e mete-le a tolé*. (Isto é: tira-lhe o testo e mette-lhe a colher.)

A ultima zangada por vêr que as irmãs não obedeciam á recommendação da mãe, exclamou:

— A mãe nam *di* que não *falará tu?* pois agora não *tasará tu*. (Isto é: a mãe não disse que não falláras tu? pois agora

não casarás tu.)

O noivo assim que viu que todas ellas eram tate-bitate desatou a rir e fugiu pela porta fóra.

(Porto.)

---

85. O TINHOSO, O RANHOSO E O SARNOSO

Era uma vez tres irmãos, um era tinhoso, o outro ranhoso, e o ultimo sarnoso, mas como todos se riam dos seus defeitos, elles bem procuravam encobril-os. Tambem nunca deixavam escapar occasião de darem largas á sua vontade; o que era tinhoso viu passar um barco no rio, e levantou a mão ao ár, dizendo:

— Deita cá a barca; deita cá a barca.

E n'isto ia com a mão á cabeça e dava uma coçadella. O irmão, que era ranhoso, passava as costas da mão pelo nariz, e dizia:

— Atravessa; atravessa.

O que estava cheio de sarna, pôz-se a pular e a saracotear-se, e dizia:

— Inda bem, inda bem,
Que a barca já lá vem.

(Porto.)

Variante

O que era tinhoso, levava a mão á altura da cabeça, e coçando como quem não quer a coisa, dizia:

— Lá vem um navio.

Dizia o que era ranhoso, assoando-se ás mangas:

— Tanto se me dá que venha por aqui, como por ali.

(Ilha de S. Miguel.)

86. DÁ-ME O MEU MEIO TOSTÃO

Um compadre perseguia outro por uma divida; todas as vezes que lhe passava pela porta dizia:

— Dá-me o meu meio tostão.

O devedor, vexado, disse para a mulher que se ia fingir morto, e que ella o carpisse muito, para vêr se quando o compadre passasse lhe perdoava pela sua alma o meio tostão. Assim fez; a mulher pranteou e depenou-se, mas o compadre veiu ao acompanhamento do enterro, e quando o corpo se depositou na egreja deixou-se ficar escondido debaixo da eça. De noite os ladrões entraram na egreja, e como viram a luz das tochas allumiando o morto, entenderam que ali era logar seguro para repartirem o dinheiro e fazerem os quinhões do que tinham roubado. Quando estavam n'isto, desavieram-se, porque todos queriam umas certas joias que o capitão dos ladrões reservava para si. Faziam muita bulha, mas o que se fingia morto na eça, e o compadre que estava escondido, passaram sustos medonhos e não se mechiam. Por fim disse o capitão dos ladrões:

— Eu cá não faço questão d'este quinhão; mas quem o quizer hade ir espetar esta faca no morto que está ali n'aquella eça.

Dizia um: «Vou eu»! Outro tambem queria ir; mas o que se fingia defunto, sem saber como se havia de vêr livre da situação desesperada, senta-se no caixão, e diz e com terror:

Acudam-me aqui os defuntos
E venham já todos juntos.

Os ladrões fugiram todos espavoridos e deixaram o dinheiro ao pé da eça; o compadre que se fingia morto desceu para baixo, e começou a ajuntar o dinheiro espalhado pelo chão. Quando estava n'isto sáe-lhe debaixo da eça o crédor, que nem á borda da cova o largava, e começa a repetir-lhe sem parar:

— Dá-me o meu meio tostão! Dá-me o meu meio tostão.

E não se tirava d'isto. Os ladrões por fim envergonharam-se da sua covardia, e mandaram um mais valente á egreja vêr o que por lá havia, e se podiam ir buscar o seu dinheiro. O ladrão veiu surrateiro, escondeu-se detraz de uma porta a escutar, e ouvia só:

— Dá-me o meu meio tostão!

Desatou a fugir, e foi dizer aos companheiros:

— Está tudo perdido; andam lá tantos defuntos, que não cabe meio tostão a cada um. Os ladrões conformaram-se com esta desgraça, e o compadre assim é que pagou a sua divida e ficou rico.

(Porto.)

Notas

86. **Dá-me o meu meio tostão**. — Acha-se esta facecia nos Contos sicilianos, colligidos por G. Pittré, sob o nome de *Giufa*. (*Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 833.)

87. O SOLDADO QUE FOI PARA O CÉO

Ia uma vez um soldado para casa com a baixa; quando ia a passar por uma ponte encontrou um pobre de pedir, que não tinha dinheiro para pagar a passagem e estava ali parado. Ora o soldado nunca tinha feito bem a ninguem; mas n'aquelle instante teve pena do velhinho e carregou com elle ás costas e passou a ponte. O soldado não pagou nada, porque os soldados não pagam, e o velho tambem não pagou nada porque ia ás costas do soldado. Logo que chegou ao outro lado, pôz o velho no chão, e ia despedir-se d'elle, quando o pobre lhe disse:

— Camarada, peça alguma cousa, que o que eu quero é agradecer-lhe.

— Ora o que lhe heide eu pedir?

— Peça tudo o que quizer.

O soldado pediu: Que todas as vezes que disser: «Salta aqui á minha muchilinha!» nenhuma cousa deixe de obedecer á minha ordem. E que onde quer que me eu assente ninguem me possa mandar levantar.

O velho disse-lhe que estava concedido. Foi-se o soldado muito contente para casa e nunca mais trabalhou, e viveu

bem, sem lhe faltar nada. Se queria pão, carne, vinho, dinheiro, dizia: «Salta aqui á minha muchilinha», e tinha logo tudo o que lhe era preciso. Veiu o tempo e o soldado estava para morrer; os diabos vieram logo para lhe levarem a alma, mas o soldado viu-os e gritou: «Saltem aqui já á minha muchilinha!» Os diabos não tiveram remedio senão obedecer; elle assim que os apanhou dentro da muchila mandou-a a casa do ferreiro para que lhe malhasse em cima até os deixar em estilhas. Por fim o soldado morreu, e como tinha passado sempre na má vida, foi parar ao inferno. Os diabos assim que o lá viram começaram a gritar:

Fecha portas e postigos,
Senão seremos aqui todos batidos.

E aferrolharam as portas, e o soldado não pôde entrar para lá; foi então bater ás portas do céo. Sam Pedro assim que o viu, disse-lhe:

— Vens enganado! Não entras cá. Não te lembras da má vida que levaste?

Responde-lhe o soldado:

— Oh, senhor Sam Pedro! no inferno não me quizeram. Eu agora para onde hei-de ir?

— Arranja-te lá como puderes.

O soldado viu meia porta do céo aberta, e pega no barrete e atira-o lá para dentro, e disse:

— Oh senhor Sam Pedro, deixe-me ir apanhar o meu barrete.

Sam Pedro deixou; mas o soldado assim que se viu dentro do portal, sentou-se logo na cadeira d'elle. Sam Pedro quiz mandal-o sahir mas não pôde e foi d'ali á pressa queixar-se a nosso senhor, que lhe disse:

— Deixa-o entrar Pedro, não tens outro remedio, porque assim lhe estava promettido.

E o soldado sempre ficou no céo.

(Porto.)

Notas

87. **O soldado que foi para o céo**. — Acha-se na tradição da Bretanha franceza, sob o titulo de *Moustache*. (Em. Souvestre, *Les Derniers Bretons*, t. I, p. 83.) Acha-se colligido na tradição popular italiana por G. Pittré; na fórma

siciliana é um frade, o Grós-Jean analogo ao *Bonhomme Misère*, da França, ao *Prete Ulivo*, da Toscana, *Accacini*, de Palermo, e *Gingannuin*, do Castellermini. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 843.) O soldado que recebe os trez dons, vem tambem nos contos de Grimm, o *Judeu nas Silvas*, trad. Baudry, p. 243.

88. O THESOURO DO ENFORCADO

Um pae tinha um filho muito travesso e estroina, e sabia que a grande fortuna que lhe deixava elle a espatifaria toda, pela sua má cabeça. Quando morreu, deixou-lhe um falcão, dizendo que ainda que se visse muito necessitado nunca o vendesse; mas se acontecesse de o vender, que lhe deixava uma carta fechada e que a não abrisse senão depois de ter perdido todas as suas esperanças de melhorar de fortuna. O velho morreu, e o filho começou logo a gastar; vendeu quintas, casas, fez dividas, ficou por fiador dos amigos, metteu-se em emprezas, e quando menos se precatou achou-se sem nada. Restava-lhe ainda o falcão, que o pae recommendou que nunca o vendesse; como elle se achava em grandes apuros, não fez caso da vontade do pae, e mandou offerecer o falcão ao rei, que lh'o comprou. Mas o dinheiro do falcão não chegou senão para alguns dias, acabando por gastal-o no jogo, onde tinha ficado a melhor parte da sua fortuna. O rapaz, atrapalhado da sua vida, e não tendo a que se soccorrer, começou a procurar todos os amigos com quem tinha gastado, e todos lhe viraram as costas. Foram tantas as ingratidões e o descaramento dos que lhe tinham ajudado a desbaratar a fortuna, que o rapaz perdeu o gosto da vida e entendeu que o unico remedio que lhe restava era matar-se. Foi então que se lembrou que tinha uma carta do pae, que ainda estava fechada, e antes de

morrer lembrou-se de querer vêr o que ella dizia. Abriu a carta, e dentro estava uma chave; e dizia-lhe a rua a que elle devia ir, e a casa em que aquella chave servia para abrir a porta, e que lá acharia pendurada n'uma trave uma corda, e já que estava sem esperanças nenhumas, que se enforcasse ali. Como o rapaz já pensava assim, acceitou o conselho do pae pela primeira vez, e foi logo á tal rua, deu com a casa, abriu a porta e fechou-se por dentro. Subiu a escada, e chegou a uma sala velha, onde encontrou a corda pendurada; não se pôz com mais reflexões, e quando começou a puchar a corda para vêr se estava segura, a corda abriu um falso, que estava no tecto, e começaram a cahir muitas peças de ouro. Ficou o rapaz admirado, ajuntou o dinheiro e já se não quiz matar; mas tambem d'ali em diante nunca mais gastou á matroca, viveu com juizo, e desprezou os amigos que na sua desgraça lhe tinham virado as costas.

(Porto.)

---

89. OS PEIXES DO GUARDIÃO

De uma vez estavam os frades comendo no refeitorio, e coube a um d'elles um peixe muito pequenino; este então reparou e viu que no prato do guardião estava um muito grande, e que o comia á bocca cheia. O frade era ladino, e para se vingar do jejum a que o obrigavam, abaixou a cabeça sobre o seu peixinho que tinha no prato, e começou a momear, como quem estava a conversar em segredo. O guardião reparou n'isto, e pergunta de lá da cabeceira da meza:

— Oh irmão frei fulano, então o que é isso que está fazendo?

— Reverendo padre mestre, estava perguntando a este peixinho se de alguma vez teria encontrado meu pae, que morreu afogado no mar; mas elle respondeu-me que como é muito pequenino não soube d'isso, e que quem o poderá saber é o peixe que está no prato de vossa reverencia, que é muito grande, e póde bem dar fé de tudo.

(Ilha de S. Miguel.)

90. A COBRA E O CORDÃO DO FRADE

Uns frades comeram desalmadamente; um d'elles precisou alargar o cordão que trazia á cinta, mas não queria dar parte de fraco. Lembrou-se de uma estrangeirinha, e disse:

— De uma vez andava ao peditorio, e passei por um campo, onde vi deitada ao sol uma cobra, e que cobra! era assim (e n’isto começa a tirar o cordão) pouco mais ou menos d’este tamanho (e estendeu o cordão).

Depois tornou a atar o cordão mais largo e continuou a comer, sem que os outros déssem pela esperteza.

(Porto.)

91. O CALDO DE PEDRA

Um frade andava ao peditorio; chegou á porta de um lavrador, mas não lhe quizeram ahi dar nada. O frade estava a cahir com fome, e disse:

— Vou vêr se faço um caldinho de pedra. E pegou n'uma pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôz-se a olhar para ella para vêr se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pôz-se a rir do frade, e d'aquella lembrança. Diz o frade:

— Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.

Responderam-lhe:

— Sempre queremos vêr isso.

Foi o que o frade quiz ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse:

— Se me em prestassem ahi um pucarinho.

Deram-lhe uma panella de barro. Elle encheu-a de agua e deitou-lhe a pedra dentro.

— Agora se me deixassem estar a panellinha ahi ao pé das brazas.

Deixaram. Assim que a panella começou a chiar, disse elle:

— Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

Foram-lhe buscar um pedaço de unto. Ferveu, ferveu, e a gente da casa pasmada para o que via. Diz o frade, provando o caldo:

— Está um bocadinho insonso; bem precisa de uma pedrinha de sal.

Tambem lhe deram o sal. Temperou, provou, e disse:

— Agora é que com uns olhinhos de couve ficava, que os anjos o comeriam.

A dona da casa foi á horta e trouxe-lhe duas couves tenras. O frade limpou-as, e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panella.

Quando os olhos já estavam aferventados disse o frade:

— Ai , um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça…

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; elle botou-o á panella, e emquanto se cosia, tirou do alforge pão, e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beiço; depois de despejada a panella ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos n'elle, perguntou-lhe:

— Oh senhor frade, então a pedra?

Respondeu o frade:

— A pedra lavo-a e levo-a commigo para outra vez.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

(Porto.)

---

92. A ENFIADA DE PETAS

Era uma vez um homem, que não pôde pagar a renda ao fidalgo de quem era caseiro, e foi-lhe pedir perdoança; o fidalgo pensou que o que elle estava era a mentir, e disse-lhe:

— Só te perdôo as medidas da renda se me disseres uma mentira do tamanho de hoje e amanhã.

Foi-se o lavrador para casa e contou a cousa á mulher sem saberem como se haviam de arranjar com o senhorio, que os podia pôr no olho da rua. Um filho tolo, que tinha, disse-lhe:

— Oh meu pae, deixe-me ir ter com o fidalgo, que eu heide arranjar a cousa de modo que elle não tenha remedio senão dar a perdoança das medidas.

— Mas tu não atas cousa com cousa.

— Por isso mesmo.

Foi o tolo e pediu para fallar ao fidalgo, dizendo que vinha ali pagar a renda. O fidalgo mandou-o entrar, e elle então disse:

— Saberá vossa senhoria, que a anneza foi má, mas isso não faz ao caso; meu pae tinha tantos cortiços de abelhas que não lhe dava com a conta; pôz-se a contar as abelhas e acertou de lhe faltar uma; botou o machado ás costas e foi procurar a abelha; achou-a pousada na carucha de uma amieira; vae elle cortou a amieira para caçar a abelha, que por signal vinha tão carregadinha de mel, que elle crestou-a, e não tendo em que guardar o mel metteu a mão no seio e tirou dois piolhos e fez da pelle dois odres que encheu, mas quando vinha a entrar em casa uma gallinha comeu-lhe a abelha; atirou á gallinha com o machado para a matar, mas o machado perdeu-se entre as pennas; chegou o fogo ás pennas, e depois que ellas arderam é que achou o olho do machado; d'ali foi ao ferreiro para lh'o arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol, com que foi ao rio apanhar peixes, e saiu-lhe uma albarda, tornou a deitar o anzol e apanhou um burro morto ha trez dias que pestanejava; botou-se a cavallo n'elle e foi ao ferrador para lhe dar uma mézinha, e elle deu-lhe o remedio de summo de fava sêcca, mas n'isto caiu-lhe um boccado n'um ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas e comido favas, que ainda ahi trago quinze carros d'ellas para pagar a renda a vossa senhoria.

O fidalgo já enfadado com tanta patranha disse:

— Oh rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na bocca.

— Pois, senhor, está a nossa renda paga.

(Airão.)

Notas

92. **A enfiada de petas**. — Ha uma variante de Ourilhe, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVII.

93. SEMPRE NÃO

Um cavalleiro, casado com uma dama nobre e formosa, teve de ir fazer uma longa jornada; receiando não acontecesse algum caso desagradavel emquanto estivesse ausente, fez com que a mulher lhe promettesse, que emquanto elle estivesse fóra de casa diria a tudo: — Não. Assim pensava o cavalleiro que resguardaria o seu castello do atrevimento dos pagens ou de qualquer aventureiro que por ali passasse. O cavalleiro já havia muito que se demorava na côrte, e a mulher aborrecida na solidão do castello não tinha outra distracção senão passar as tardes a olhar para longe, da torre do miradouro. Um dia passou um cavalleiro, todo galante, e comprimentou a dama; ella fez-lhe a sua mesura. O cavalleiro viu-a tão formosa, que sentiu logo ali uma grande paixão, e disse:

— Senhora de toda a formosura, consentis que descance esta noite no vosso solar?

Ella respondeu:

— Não!

O cavalleiro ficou um pouco admirado da secura d'aquelle não, e continuou:

— Pois quereis que seja comido dos lobos ao atravessar a serra?

Ella respondeu:

— Não.

Mais pasmado ficou o cavalleiro com aquella mudança, e insistiu:

— E quereis que vá cahir nas mãos dos salteadores ao passar pela floresta?

Ella respondeu:

— Não.

Começou o cavalleiro a comprehender que aquelle *Não* seria tal vez sermão encommendado, e virou as suas perguntas:

— Então fechaes-me o vosso castello?

Ella respondeu:

— Não.

— Recusaes que pernoite aqui?

— Não.

Diante d'estas respostas o cavalleiro entrou no castello, e foi conversar com a dama, e a tudo o que lhe dizia ella foi sempre respondendo não. Quando no fim do serão se despediam para se recolherem a suas camaras, disse o cavalleiro:

— Consentis que eu fique longe de vós?

Ella respondeu:

— Não.

— E que me retire do vosso quarto?

— Não.

E assim correram as cousas, até que ao dia seguinte, perguntou o cavalleiro:

— Ordenaes que fique mais tempo comvosco?

Ella respondeu:

— Não.

O cavalleiro partiu, e chegou á côrte, onde estavam muitos fidalgos conversando ao braseiro, e contando as suas aventuras. Coube a vez ao que tinha chegado, e contou a historia do *Não*; mas quando ia já a contar o modo como se

mettera na cama da castellã, o marido já sem ter mão em si, perguntou agoniado:

— Mas onde foi isso, cavalleiro?

O outro percebeu a afflicção do marido e continuou sereno:

— Ora quando ia eu a entrar para o quarto da dama, tropeço no tapete, sinto um grande solavanco, e acordo! Fiquei desesperado em interromper-se-me um sonho tão lindo.

O marido respirou alliviado, mas de todas as historias foi aquella a mais estimada.

(Açores.)

94. MANOEL FEIJÃO

Dois casados viviam muito tristes por serem já velhos e não terem filhos. Vae a mulher disse uma vez:

— A cousa que eu mais queria n'este mundo era ter um filho, ainda que elle fosse do tamanho de um feijão.

Passados tempos, quando menos o esperavam a velha teve um filho, tão pequerruchinho tão pequerruchinho, que era mesmo do tamanho de um feijão. Criou-se o menino, e puzeram-lhe o nome de Manoel Feijão; a mãe nunca tirava o sentido d'elle, e ainda assim muitas vezes o perdia. De uma vez foi botar umas gavellas ao boi, e entre ellas tinha-se perdido Manoel Feijão e o boi enguliu-o. A mãe muito apoquentada começou a gritar por toda a parte:

— Manoel Feijão! Manoel Feijão!

Elle respondia dentro da barriga do boi:

— Crós, crós!

— Manoel Feijão, onde estás?

— Crós, crós! na barriga do boi.

A mãe pôz-se a aparar o que o boi fazia, e assim tornou a achar Manoel Feijão todo sujinho; lavou-o muito bem lavado, mas o pequeno era muito traquina, não tinha medo dos bois, e até os queria levar para o campo. Mettia-se-lhe n'uma venta, e assim os guiava para pastar e para voltar para casa, e até para levar no carro o jantar ao pae. De uma vez teve uma necessidade, e abaixou-se debaixo de uns feitos; ora andava por ali uma cabra a pastar, e indo comer os olhinhos do feito, enguliu Manoel Feijão. A mãe ficou d'esta vez mais afflicta porque o pequeno não apparecia; a cabra com as dóres de barriga, corria por combros e vallados, mas sempre vinha dar á horta do pobre lavrador; por fim cansado de escorraçar a cabra, e temendo que fosse coisa ruim, o pae de Manoel Feijão deu uma estourada na cabra, e matou-a, e atirou com ella para o meio da estrada. Veiu de noite um lobo e comeu as tripas da cabra, e lá se foi Manoel Feijão aos tombos dentro da barriga do lobo. Começou a dar-lhe voltas nas tripas, e o lobo com as dôres subiu-se por um pinheiro acima: N'isto vem uns ladrões carregados com uns saccos de dinheiro, em cima de um macho; Manoel Feijão faz com que o lobo se atire lá de cima, arrebentou no meio do chão, e os ladrões fugiram espantados. Manoel Feijão assim que apanhou o lobo com as tripas de fóra, sahiu lá de dentro, e subiu para o macho, metteu-se dentro de uma orelha e começou a beliscal-o. O macho botou a fugir, a fugir, e elle guiou-o para casa do pae, e chegou á porta ainda de noite, a fazer muito estrupido. Perguntaram de dentro:

— Quem é que está ahi?

— É Manoel Feijão. Crós! Crós!

A mãe conheceu-o, veiu abrir á pressa; abraçou-o, lavou-o, e o pae foi descarregar o macho e guardar os saccos de dinheiro, e foram todos muito felizes.

(Porto e Açores.)

Notas

94. **Manoel Feijão**. — É o celebre conto do *Petit-Poucet*, de Perrault; Emm. Cosquin colligiu-o da tradição oral outra vez nos seus *Contes populaires lorrains*; Maspons y Labros, tral-o nos seus *Rondelaires*, com o titulo *En père Patufet*. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem na fórma de um poema *Tom Thumb*, e uma versão oral colligida por Campbell. Mr. Gaston Paris publicou uma outra versão popular no começo da sua monographia intitulada *Petit Poucet*, em que procura provar que este conto deriva do mytho da Grande Ursa. (O auctor brindou-nos com um exemplar d'este seu opusculo.) Hyacinthe Husson, na *Chaine traditionelle*, p. 28, discute o

sentido mythico, e apresenta a indicação de uma versão russa (p. 34). Nos Contos de Grimm é o *Tom Puce*, trad. de Baudry, *Contes Choisis*, p. 145. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. II, p. 159 e 160, cita o conto piemontez de *Piccolino*, e o conto russo de *Malcik-s palcik* (dedo mendinho). Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXIII, ha uma versão de Bragança intitulada *O grão de milho*. Ha outra versão italiana, de Pittré: *Uma variante toscana della novella del Petit Poucet*.

95. CAHIU-ME NA MINHA CATULINHA

De uma vez andava uma gallinha a esgravatar no chão, e caiu-lhe um bocado de caliça em cima da cabeça; a gallinha espantada botou a fugir, e encontrou um gallo que lhe perguntou:

— Para onde vaes a fugir, comadre gallinha?

Ella respondeu:

— Caiu-me na minha catulinha! É o céo que está a cair aos pedaços.

O gallo pôz-se tambem a fugir com a gallinha; encontraram um porco, que andava á landra, e assim que os viu, perguntou:

— Para onde ides a fugir? tão azinha?

— Caiu-me na minha catulinha. Está o céo a cair aos pedaços.

O porco tambem foi com elles; encontraram um gato, que lhe perguntou:

— Para onde ides a fugir tão azinha?

Respondeu a gallinha:

- Caiu-me na minha catulinha! Está o céo a vir abaixo aos pedaços.

O gato foi tambem a fugir com elles todos; e assim foram encontrando um pato, uma raposa, uma cabra, uma ovelha que iam todos juntos por esse mundo fóra. Até que encontraram um cão, que lhes perguntou:

— Para onde é que vae toda esta romaria?

Respondeu a gallinha:

— É o céo que está caindo aos pedaços. Caiu-me na minha catulinha.

Todos os outros animaes diziam que nada tinham visto, mas que era a gallinha que lh'o dizia. Disse então o cão:

— Não vão mais para diante, e fiquem aqui debaixo da cama da minha velha, até vêr em que as cousas param.

Lá ficaram. A velha, de noite, coçava-se com as pulgas, e a cama rangia. Os animaes com medo de que caisse o céo aos pedaços, faziam muita bulha,

A gallinha cacarejava,
e o gallo cantava,
e o porco roncava,

e o gato miava,
e o pato grasnava,
a raposa regougava,
a cabra berrava,
a ovelha balava,
o cão ladrava,
e a velha dizia:
— Mal hajas tu cão,
Que não agradeces
O bem que ti fão.

(Porto.)

Notas

95. **Cahiu-me na minha catulinha**. — Acha-se tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 377.

96. CASAR E DESCASAR

Um lavrador rico tinha só uma filha, que era muito linda; uma noite fallando com a sua mulher, quando já estava tudo socegado em casa, disse-lhe:

— A nossa filha já está casadoura, e nós temos uns bens bons, que hãode ficar para ella, e faz minga de lhe dar um marido que seja capaz.

— Ora quem hade ser? Disse a mulher.

— Eu já cá tenho um de olho. É o filho d'aquelle lavrador que mora ali ao cabo da villa.

— Lá esse tambem me parece bom rapaz, e não tenho que lhe dizer.

A rapariga, que ainda estava acordada, ouviu tudo, e no outro dia quando o pae e a mãe estavam no campo a apanhar os feijões, pôz-se á janella e quando viu passar o noivo, disse:

— Entra cá, Manoel. Sabes que mais? meu pae quer-me casar comtigo.

O rapaz entrou para dentro, e disse:

— Tambem eu quero; e então vamos a isso.

A rapariga era babana e esteve pelos autos. Quando elle se foi embora, a rapariga foi levar o jantar ao campo, e disse muito contente:

— Meu pae, eu já casei com o filho do lavrador do cabo da villa.

O pae ficou muito admirado, e assim que soube a verdade do acontecido, pôz-se a berrar desesperado, e quiz-lhe bater. No dia seguinte, ella pôz-se muito triste á janella, e assim que viu passar o rapaz chamou por elle:

— Entra cá, Manoel. Meu pae não gostou do nosso casamento, e então é preciso que a gente se descase.

— Vamos a isso. As coisas desfazem-se do mesmo feitio que se fazem.

Tornou a rapariga ao campo a levar o jantar e contou tudo ao pae, que já se tinha descasado. Elle ficou ainda mais desesperado e d'esta vez bateu-lhe a valer. Quando foi fallar com o lavrador a respeito do casamento da filha, já o rapaz estava embeiçado com outra, e com o casamento ajustado. A moça não ficou triste nem alegre, e esperou o dia do casamento. Ora n'aquella terra era costume de darem um jantar em casa do padrinho antes dos noivos se irem arreceber; quando estavam á mesa, appareceu a moça que

se tinha descasado, muito aceiada, com todo o ouro que tinha, e pegou n'um copo e fez uma saude, dizendo:

Venho aqui brindar
O noivo que se casa
E torna a descasar.

E repetia isto a todo o proposito. A noiva que ouviu, perguntou ao rapaz o que é que queria aquillo dizer? Elle contou-lhe tudo; vae ella e diz:

— Sempre é muito tola, não é? Eu cá trago um filho do nosso abbade, e nem meu pae nem minha mãe o sabem.

O rapaz cahiu em si a tempo; e disse para os convidados:

— Meus senhores, quero-lhes fazer uma pergunta: Quem tinha uma chave de ouro e a perdeu, e se serve com uma de prata, se tornar a achar a de ouro deve deital-a fóra?

Responderam os convidados:

— Deve querer antes a chave de ouro.

— Pois é o que eu faço.

E o filho do lavrador sahiu pela porta fóra e foi tratar de se receber com a rapariga innocente de que a ressabiada tinha feito chacota.

(Minho — Airão.)

97. O CEGO E O MOÇO

Um cego andava pedindo esmola pela mão de um moço; a uma porta deram-lhe um naco de pão e um bocado de linguiça. O moço pegou no pão e deu-o ao cego para mettel-o na sacóla, e ia comendo a linguiça muito á surrelfa. O cego, desconfiado, pelo caminho começa a bradar com o moço:

— Oh grande tratante, cheira-me a linguiça! Acolá deram-me linguiça e tu só me entregaste o pão.

— Pela minha salvação, que não deram senão pão.

— Mas cheira-me a linguiça, refinado larapio!

E começou a bater com o bordão no moço pancadas de criar bicho. O moço era ladino e disse lá para si que o cego lh'as havia de pagar. Quando iam por uns campos onde estavam uns sobreiros, o moço embicou o cego para um tronco, e grita-lhe:

— Salta, que é rego.

O cego vae para saltar e bate com os focinhos no sobreiro. Grita elle:

— Oh rapaz do diabo! Que te racho.

Diz-lhe elle:

> Pois cheira-lhe o pão a linguiça,
> E não lhe cheira o sobreiro á cortiça?

(Porto.)

Notas

97. **O cego e o moço**. — Esta facecia popular acha-se com variantes na *Hora de Recreyo*, do Padre João Baptista de Castro, t. I, p. 123: *O cego e o moço comendo uvas*.

98. O CEGO E O MEALHEIRO

Era uma vez um cego que tinha ajuntado no peditorio uma boa quantia de moedas. Para que ninguem lh'as roubasse, tinha-as mettido dentro de uma panella, que guardava enterrada no quintal, debaixo de uma figueira. Elle lá sabia o logar, e quando ajuntava outra boa maquia, desenterrava a panella, contava tudo e tornava a esconder o seu thesouro. Um visinho espreitou-o, viu onde é que elle enterrava a panella, e foi lá e roubou tudo. Quando o cego deu pela falta, ficou muito calado, mas começou a dar voltas ao miolo para vêr se arranjava estrangeirinha para tornar a apanhar o seu dinheiro. Pôz-se a considerar quem seria o ladrão, e achou lá para si que era por força um visinho. Tratou de vir á falla, e disse-lhe:

— Olhe, meu amigo, quero-lhe dizer uma coisa muito em particular, que ninguem nos ouça.

— Então que é, senhor visinho?

— Eu ando doente, e isto ha viver e morrer; por isso quero-lhe dar parte que tenho algumas moedas enterradas no quintal, dentro de uma panella, mesmo debaixo da figueira. Já se sabe, como não tenho parentes, hade ficar tudo para vocemecê, que sempre tem sido bom visinho e me tem

tratado bem. Ainda tinha ahi n'um buraco mais umas peças, e quero guardar tudo junto, para o que dér e vier.

O visinho ouviu aquillo, e agradeceu-lhe muito a sua intenção, e n'aquella noite tratou logo de ir enterrar outra vez a panella de dinheiro debaixo da figueira, para vêr se apanhava o resto das peças ao cego. Quando bem o entendeu, o cego foi ao sitio, encontrou a panella e trouxe-a para casa, e então é que se pôz a fazer uma grande caramunha ao visinho, dizendo:

— Roubaram-me tudo! roubaram-me tudo, senhor visinho.

E d'ahi em diante guardou o seu dinheiro onde ninguem por mais pintado dava com elle.

(Porto.)

Notas

98. **O cego e o mealheiro**. — Apesar de ser uma simples facecia, tem raizes tradicionaes; acha-se no *Alivio de Caminhantes*, de Timoneda, n.º 49, p. 181, da ed. Ribadaneyra.

99. O AVARENTO

Havia n'uma terra um homem muito rico, e nenhuma mulher queria casar com elle porque tinha unhas de fome, e era um cheira vintens. Uma rapariga mais esperta deixou-se conversar por elle, e quando veiu a fallar-lhe casamento, respondeu logo que sim! O velho ficou contente, mas disse:

— Menina! eu quero desenganal-a; olhe que na minha casa não se acende lume, e um vintem chega para todas as despezas da semana. Veja lá o que faz.

A rapariga, que tinha a sua travada, não tornou a traz com a palavra, e casaram. O velho não alargava os cordões á bolsa, dava por conta as castanhas, e o pão seccava-o ao sol para ser mais duro e se comer menos. Mas a rapariga, que era ladina, tratou mas foi de comer ás escondidas; deu com um falso onde o velho tinha bastante dinheiro, comprava gallinhas, depennava-as e guardava as pennas em uma arca, para que o velho o não soubesse. Assim ia andando, e estava gorda e rosebunda. O velho, que se mirrava e tinha a pelle em cima dos ossos, admirava-se do que via, e disse-lhe:

— Sempre te vae muito bem na minha casa. Olha que as sopas de teu pae nunca te engordaram tanto.

A rapariga enjoada com a sovinice do velho, não teve mão em si, e respondeu:

— Você sempre é o pae da miseria! Se eu comesse só o que me dá, já tinha morrido umas poucas de vezes. Olhe, quer saber quem me dá estas côres? Veja esta arca.

E abriu uma grande caixa, que estava cheia até cima de pennas de gallinha:

— Tenho comido aquillo tudo!

O velho assim que tal viu, caiu para a banda com um ataque; levaram-n'o para a cama, e vieram os visinhos aos gritos da mulher, que fingia que se lamentava. Assim que entraram no quarto, o velho ainda fallava, mas só dizia o resto das phrases que tinha ouvido:

— Tudo… a minha mulher… Come… Tudo a minha mulher.

Disse ella para os visinhos:

— Sejam boas testemunhas, que meu marido diz que deixa tudo á sua mulher.

O velho morreu com a bocca retorcida, e a mulher levantou-se com tudo o que havia em casa, e os parentes do velho ficaram a chuchar no dedo.

(Porto.)

100. OS TREZ CONSELHOS

Um pobre rapaz tinha casado, e para arranjar a sua vida logo ao fim do primeiro anno teve de ir servir uns patrões muito longe. Elle era assim bom homem, e pediu ao amo que lhe fosse guardando na mão o dinheiro das soldadas. Ao fim de uns quatro annos já tinha um par de moedas, que lhe chegava para comprar um eidico, e quiz voltar para casa. O patrão disse-lhe:

— Qual queres, trez bons conselhos que te hãode servir para toda a vida, ou o teu dinheiro?

— Elle, o dinheiro é sangue, como diz o outro.

— Mas podem roubar-t'o pelo caminho e matarem-te.

— Pois então venham de lá os conselhos.

Disse-lhe o patrão:

— O primeiro conselho que te dou é que nunca te mettas por atalho, podendo andar pela estrada real.

— Cá me fica para meu governo.

— O segundo, é que nunca pernoites em casa de homem velho casado com mulher nova. Agora o terceiro vem a ser: Nunca te decidas pelas primeiras apparencias.

O rapaz guardou na memoria os trez conselhos, que representavam todas as suas soldadas; e quando se ia embora, a dona da casa deu-lhe um bolo para o caminho, se tivesse fome, mas que era melhor comel-o em casa com a mulher, quando lá chegasse. Partiu o homemsinho do senhor, e encontrou-se na estrada com uns almocreves que levavam uns machos com fazendas; foram-se acompanhando e contando a sua vida, e chegando lá a um ponto da estrada, disse o almocreve que cortava ali por uns atalhos, porque poupava meia hora de caminho. O rapaz foi batendo pela estrada real, e quando ia chegando a um povoado, viu vir o almocreve todo esbaforido sem os machos; tinham-no roubado e espancado na quelha. Disse o moço:

— Já me valeu o primeiro conselho.

Seguiu o seu caminho, e chegou já de noite a uma venda, onde foi beber uma pinga, e onde tencionava pernoitar; mas quando viu o taverneiro já homem entrado, e a mulher ainda frescalhuda, pagou e foi andando sempre. Quando chegou á villa, ia lá um reboliço; era que a justiça andava em busca de um assassino que tinha fugido com a mulher do taverneiro que fôra morto n'aquella noite. Disse o rapaz lá comsigo:

— Bem empregado dinheiro o que me levou o patrão por este conselho.

E picou o passo, para ainda n'aquelle dia chegar a casa. E lá chegou; quando se ia aproximando da porta, viu dentro em casa um homem, sentado ao lume com a sua mulher. A sua primeira ideia foi ir matar logo ali a ambos. Lembrou-se do conselho, e curtiu comsigo a sua dôr, e entrou muito fresco pela porta dentro. A mulher veiu abraçal-o, e disse:

— Aqui está meu irmão, que chegou hoje mesmo do Brazil. Que dia! e tu tambem ao fim de quatro annos!

Abraçaram-se todos muito contentes, e quando foi a ceia para a meza, o marido vae a partir o bolo, e apparece-lhe dentro todo o dinheiro das suas soldadas. E por isso diz o outro, ainda ha quem faça bem.

(Porto.)

Notas

100. **Os tres conselhos**. — Além da versão oral, temos uma redacção litteraria nos *Contos proveitosos* de Trancoso, do

seculo XVI. No *Conde de Lucanor*, cap. XLV, fl. 119, ha uma versão, indubitavelmente de origem arabe. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. 94, uma outra versão moralisada, com notas. No *Patrañuelo*, de Timoneda, n.º XVII, vem uma historia analoga. Vid. n.º 161.

101. O SACCO DAS NOZES

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, e reprehendia os costumes do povo conforme lhe dava geito. De uma vez disse:

— Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da escriptura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo onde póde mais a gallinha do que o gallo. Ora eu tive este anno muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este máo costume, póde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado que era muito ralhão, e que tratava a mulher de máo modo, e em casa ninguem abria bico diante d'elle; disse para um que estava á sua beira:

— Nozes, já eu tenho, e é que ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá na freguezia m'as tira.

Chegado o fim da missa apresentou-se em casa do abbade:

— Aqui estou, senhor; não ha ninguem ahi pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

— Eu bem sei o teu viver. E pelo que me teem dito, levas as nozes. Anda cá encher o sacco.

O homem entrou, e puchou de um sacco meão; diz-lhe o abbade:

— Ó homem, tu não tinhas lá outro sacco maior do que isso?

— Tinha, sim senhor.

— Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

— Oh senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho…

— Ah, grande tratante, despeja-me já essas nozes, que não levas d'aqui nada. Anda, tudo, tudo e põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrepellando, por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

(Porto).

102. O SAPATEIRO POBRE

Havia um sapateiro, que trabalhava á porta de casa e todo o santissimo dia cantava; tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e á noite emquanto a mulher fazia a ceia, o homem puchava da viola e tocava os seus batuques muito contente. Defronte d'elle morava um ricaço, que reparou n'aquelle viver, e teve pelo sapateiro tal compaixão, que lhe mandou dar um sacco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado; pegou no dinheiro, e á noite fechou-se com a mulher para o contarem. N'aquella noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças como andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram-no errar na conta e elle teve de lhes bater, e ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando tinham mais fome. Dizia a mulher:

— E agora, o que havemos nós fazer a tanto dinheiro?

— Enterra-se.

— Perdemos-lhe depois o tino; é melhor mettel-o na arca.

— Mas podem furtal-o. O melhor é pôl-o a render.

— Ora isso é ser onzeneiro.

— Então levantam-se as casas, e fazem-se de sobrado, e depois arranjo a officina toda pintadinha.

— Isso não tem nada com a obra; o melhor era comprarmos uns campinhos; eu sou filha de lavrador e pucha-me o corpo para o campo.

— N'essa não caio eu.

— Pois o que me faz conta é ter terra; tudo o mais é vento.

As cousas foram-se azedando, palavra pucha palavra, o homem zanga-se, atiça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro de outra, n'aquella noite não pregaram olho. O visinho ricaço, reparava em tudo, e não sabia explicar aquella mudança. Por fim o sapateiro disse á mulher:

— Sabes que mais, o dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir leval-o outra vez ao visinho d'ali defronte, e que nos deixe cá com aquella pobreza que nos fazia amigos um do outro.

A mulher abraçou aquillo com ambas as mãos, e o sapateiro com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e trabalhar como o costume.

(Porto.)

103. O SIGNAL DA NOBREZA

Chegou-se um pobre ao pé de um individuo que parecia aceiado, e reparando-lhe para o pescoço, disse:

— Dê-me licença de lhe tirar uma pulga.

O outro consentiu, e assim que viu a pulga, metteu a mão na algibeira e deu um pinto ao pobre em recompensa.

Um outro pobre que observou o acontecido, entendeu para si que se elle dava um pinto a quem lhe tirava uma pulga, o que não daria a quem lhe achasse um piolho.

Aproximou-se tambem do individuo, e disse:

— Dê-me licença, o senhor, de lhe tirar um piolho do casaco.

De facto tirou-lhe um piolho, mas o homem não lhe deu nada, e repelliu-o.

— Então o senhor dá um pinto a quem lhe tira uma pulga, e escorraça quem lhe cata um piolho?

— É verdade; você fique sabendo que as pulgas são dos cães, e os piolhos dos fidalgos.

E foi-se andando como quem estava certo da sua nobreza.

(Sardoal.)

---

104. A ESTATUA QUE COME

Havia n'uma egreja uma estatua de marmore que estava com a bocca aberta. Uns homens começaram a fallar ao pé d'ella, e disse um:

— Está ha tantos annos com a bocca aberta, sem ninguem lhe dar de comer.

— Pois se ella quizer de comer, que venha á minha casa.

Ora o que disse isto era muito pobre; á noite quando chegou a casa, bateram-lhe á porta, e era a estatua, que dizia que estava ali para ceiar com elle. O homem atrapalhou-se alguma coisa, e respondeu-lhe a verdade, que não tinha que ceiar, porque era muito pobre:

— Pois vae pedir por esse mundo, até teres que me dar a comer.

Dizendo isto, a estatua foi-se embora, e o pobre homem não pôde mais ficar socegado e foi pedir por esse mundo. Passado muito tempo estava rico, e veiu outra vez á sua terra, procurou a sua casa, e viu outras no seu logar, e todos lhe diziam que já se não lembravam de se terem feito obras n'aquelle local. Foi á egreja e viu ainda lá a estatua que

tinha convidado, e quando se foi chegando para ella, viu-lhe ainda a bocca aberta, e pensou comsigo:

— Eu convidei-a ha tanto tempo, que ella já não me conhece.

E aproximando-se mais, ouviu a estatua dizer:

— Bem te conheço, e agora que estás rico é que virás ceiar commigo.

E cahiu-lhe em cima, e matou-o.

(Sardoal.)

Notas

104. **A estatua que come**. — Convém aproximar esta lenda do conto da *Mirra*, n.º 62, para se completarem os elementos da lenda de *Dom João* em Portugal. No n.º V do *Positivismo*, vol. IV, vem um estudo ácerca dos vestigios mythicos d'esta tradição.

105. AS ADIVINHAS EM ANEXINS

Um rei quiz experimentar o juizo de trez conselheiros que tinha, e indo a passear com elles encontrou um velho a trabalhar n'um campo, e saudou-o:

— Muita neve vae na serra!

Respondeu o velho com a cara alegre:

— Já, senhor, é tempo d'ella.

Os conselheiros ficaram a olhar uns para os outros, porque era verão, e não percebiam o que o velho e o rei queriam dizer na sua. O rei fez-lhe outra pergunta:

— Quantas vezes te ardeu a casa?

— Já, senhor, por duas vezes.

— E quantas contas ser depennado?

— Ainda me faltam trez vezes.

Mais pasmados ficaram os conselheiros; o rei disse para o velho:

— Pois se cá te vierem trez patos, depenna-os tu.

— Depennarei, real senhor, porque assim o manda.

O rei seguiu seu caminho a mofar da sabedoria dos conselheiros, e que os ia despedir do seu serviço se lhe não soubessem explicar a conversa que tivera com o velho. Elles, querendo campar por espertos, foram ter com o velho para explicar a conversa; o velho respondeu:

— Explico tudo, mas só se se despirem e me derem a roupa e o dinheiro que trazem:

Não tiveram outro remedio senão obedecer; o velho disse:

— Olhem: «Muita neve vae na serra», é porque eu estou cheio de cabellos brancos; «já é tempo d'ella», é porque tenho edade para isso. «Quantas vezes me ardeu a casa?» é porque diz lá o dictado: «Quantas vezes te ardeu a casa? Quantas casei a filha.» E como já casei duas filhas sei o que isso custa. «E quantas vezes conto ser depennado ?» é que ainda tenho trez filhas solteiras e lá diz o outro:

Quem casa filha
Depennado fica.

Agora os trez patos que me mandou o rei são vossas mercês, que se despiram e me deram os fatos para explicar-lhes tudo.

Os conselheiros do rei iam-se zangando, quando o rei appareceu, e disse que se elles quizessem voltar para o

palacio vestidos que se haviam ali obrigar a darem trez dotes bons para o casamento das outras trez filhas do velho lavrador.

(Porto.)

Notas

105. **As adivinhas em anexins**. — Nos *Adagios*, do Padre Antonio Delicado, do seculo XVII, vem estes anexins a pag. 44, o que nos determina certa antiguidade da facecia. Ha uma variante nos *Contos infantis*.

106. A MULHER TEIMOSA

Um homem era casado com uma mulher tão teimosa, que já a não podia aturar; uma vez trouxe para casa um queijo, e puzeram-se ambos á mesa para jantar. Foram para partir o queijo, e disse o homem que era preciso uma faca. A mulher, teimosa, começou a porfiar que o queijo se partia com a tesoura. Teimam que teimam, o homem pega a bater na mulher, e a perguntar:

— Com que se parte o queijo?

— Com a tesoura! — respondia ella quanto mais elle lhe batia.

Por fim, o homem desesperado, deitou-a ao poço, e como ella já não podia fallar com a cabeça debaixo de agua, ainda fazia com os dedos da mão, que estava de fóra, o gesto imitando as pernas da tesoura cortando.

(Porto.)

Notas

106. **A mulher teimosa**. — Edelestand du Méril, na *Histoire de la Fable esopique*, (Ap. *Poésies inedites du Moyen-Age*, p. 154, not. 5) cita um manuscripto da Bibliotheca de Bruxellas, do seculo XV, no qual se acha esta mesma fabula com o titulo *De homine et uxore litigiosa*. Transcrevemos a peripecia final: «Illa, autem, quia jam linguam amiserat et loqui non potuit, signo quo valuit, pertinaciam ostendit, forcipi formam et officium digitis ostentans.»

107. O JOGO DO PIRA

Um estudante queria comer sem pagar, e andando uma vez á tuna foi parar a casa de uma estalajadeira, onde pediu tudo o que lhe apeteceu. Depois de bem comido, tratou de se safar, e propoz á estalajadeira que lhe ensinaria um jogo novo muito bonito.

— Então como é o jogo?

Disse-lhe o estudante:

— Segure n'este novello, e deixe-me a ponta da linha porque é o jogo do Pira. Ora veja como é que se joga.

Elle começa a puchar a linha, andando de costas para a porta, e a dizer: Pira, pira, pira. Foi saindo e assim que se apanhou na rua, bota a correr dizendo: Pira por aqui abaixo. E ninguem mais o apanhou.

(Porto.)

Notas

107. **O jogo do Pira**. — Este conto acha-se no seculo XVI, em uma comedia do celebre Giordano Bruno, intitulada *Candelajo*; Barra, que é um freguez, para não pagar na taverna, propõe varios jogos, que são successivamente regeitados, e por fim propõe *darem uma carreira*, o que lhe serve de pretexto para se escapulir. No seculo XVIII este conto teve tambem uma nova fórma dramatica na comedia de cordel *O gallego lorpa ou os Tolineiros*. Vid. *Historia do theatro portuguez*, t. III.

108. O CASO DO TIO JORGE COUTINHO

Era uma vez uma mulher, que era casada e tinha um amigo, e quando o marido ia para o trabalho mandava chamar o amigo. Passou um pequeno, e ella disse-lhe:

«Oh rapaz, que és mui malino,
Queres-me ir a um recadinho?

— Sim senhora, vou depressa;
Mas guarde-me essa panella.
«Vae a casa do tio Jorge,
Que a tua tia Guiomar
Que te manda lá dizer
Que me venha cá fallar;
Que o marido não 'stá em casa,
Pois elle foi trabalhar;
Que te dê lá o convite,
Que eu não tenho que te dar.

O rapaz foi, e disse:

— Oh meu tio Jorge Coutinho,
Diz minha tia Guiomar
Que lhe vá já lá fallar,
Que o marido não 'stá em casa,
Pois elle fui trabalhar;

Que me dê cá o convite
Que ella não tem que me dar.
— «Rapaz, tu vens-me enganar,
Que ella havia de te pagar!
— Se eu engano a meu tio
Deus do céo permittirá
Que o marido cedo venha
E ache meu tio lá.

O homem foi ter com ella; quando a mulher depois foi vigiar para elle sahir, viu o marido pela rua abaixo:

«Aqui d'el-rei, quem me acode
Que eu morro sem confissão,
Que aqui vem o meu marido,
Mas vem c'os pés pelo chão.
Se a comadre me encobre,
Ou por artes ou por manha,
Eu heide-lhe dar em janeiro
Cinco quartas de baganha.
— Minha comadre bem sabe
Que eu que sou segredeira,
O que me cahiu no papo
Cahiu-me na coalheira.
— Deus venha com meu compadre

Vem em boa occasião,
Estamos fazendo uma apósta
Para ganhar um tostão.

— «Quem m'o dera pr'a tabaco,
E Deus sabe a precisão.
— É meu compadre metter
A cabeça n'este talhão.

E depois elle metteu a cabeça no talhão, e o amigo da mulher saiu para a rua. Agora vem o rapaz:

— Oh minha tia Guiomar,
Dê-me cá a minha panella
Mais o convite com ella.

Diz o marido:

— «Não me dirás tu, mulher,
Aquelle rapaz que quer?
— Por ir a uma braza de lume
Quer convite, e faz queixume.

Diz-lhe agora o rapaz:

— Bota lá pozes nos olhos
A esse pobre innocente,
Quem quizer alcoviteiros
Hade-lhe pagar adiente.

Agora a mulher disse ao marido:

«Toma lá este barretinho
Chega á porta, põe e tira

E dize esta cantiga:

É gosto meu,
E de minha mulher;
Hade entrar e sahir
Quantas vezes quizer.

Agora responderam os visinhos:

Quem o é, e consente
É bem que lh'o chamem sempre;
Quem não consente e não sabe
Deus tenha d'elle piedade.

(Ilha de S. Miguel — Ponta Delgada.)

Notas

108. **O caso do tio Jorge**. — Recebemos esta facecia colligida na Ilha de S. Miguel pelo nosso eminente zoologista Francisco de Arruda Furtado. Conheciamol-a em prosa. Existe um pequeno fabliau sobre esta aventura, na litteratura franceza da Edade media.

109. OS DOIS IRMÃOS E A MULHER MORTA

Eram dois irmãos, um rico, e o outro pobre; casaram, mas o pobre tinha muitos filhos, e o rico nenhum. Estavam de mal um com o outro, por intrigas da mulher do que era rico, que se envergonhava d'aquelles cunhados, e demais a mais compadres. Vae de uma vez o rico trazia umas manadas no campo, e uma rez transviou-se e foi cahir n'um barrocal e lá ficou morta. Os filhos do pobre quando vieram do matto foram contar o caso á mãe:

— Pois ide lá ao barrocal buscar o novilho, porque assim sempre teremos que comer.

Os rapazes foram, fizeram-no em postas e trouxeram tudo para casa. A mulher do rico desconfiou, e disse ao marido que fosse a casa do irmão saber como aquillo era.

— Como é que heide ir lá? Bem sabes que estou de mal com meu irmão, desde as partilhas. E de mais como é que se póde saber se foram os meus sobrinhos que espostejaram o novilho?

— Pois juro que foram os teus sobrinhos que roubaram a carne; foram, e sou eu que heide pôr tudo em pratos limpos.

— Não sei de que feitio.

— Não sabes? Pois mette-me n'este caixão, deixa-lhe um buraco para eu espreitar, e vae a casa de teu irmão pedir para o guardar.

— Com essa me rio eu. Pois com que pé heide ir pedir a meu irmão para me guardar a caixa, estando nós desavindos?

— Tu não sabes da missa a metade. Vae ao compadre e dize-lhe que chegou tropa, e temos aquartelados em casa, e com medo do que dér e vier lhe pedes para te guardar a caixa.

Dito e feito. O irmão pobre esteve por tudo e ficou muito glorioso de guardar a caixa das riquezas do irmão que sempre o desprezára; puzeram-a junto da lareira. Como era já de noite, o rico despediu-se, e n'isto começam os rapazes seus sobrinhos a fazer-lhe figas nas costas, e a gritar:

— Hoje ha carne assada! hoje ha carne assada! O novilho chega para todos tomarem uma barrigada.

A mulher do irmão rico deu um estremeção dentro da caixa, com raiva. Os rapazes callaram-se e disseram uns para os outros:

— Estão ratos na caixa.

— Deixal-os, vamos nós comendo; a estas horas a mulher de meu irmão está roendo as unhas de pêrra que ella é.

N'isto a comadre deu outro estremeção de furiosa.

— A caixa está cheia de ratos, com certeza.

— Bota-se-lhe agua a ferver.

— Mas por onde?

— Aqui está um buraco. Foi por onde elles entraram.

Vão á panella da agua para os pés e despejaram-na para dentro da caixa. A comadre e tia, que estava dentro d'ella, morreu sem tugir nem mugir.

O irmão rico estava com curiosidade de saber da experiencia e foi buscar a caixa; o irmão pobre entregou-lha logo. Pelo caminho já lhe perguntava:

— Sempre foram elles que roubaram a carne?

Nada. Chegou a casa e quando abriu o caixão deu com a mulher morta, e negra com as escaldaduras.

— Ai, que ella morreu excommungada! Foi castigo de levantar esse aleive a meu irmão.

Tratou-se do enterro, e a mulher foi depositada na egreja para se lhe fazerem os officios no outro dia. Disse então o irmão pobre para a mulher:

— Se eu fosse de noite á egreja, tirava as joias que a excommungada leva para a cova.

— Lá isso faz penna vêr estragar dinheiro.

O homem lá se introduziu conforme pôde na egreja, e fez uma trouxa de tudo o que pôde tirar á comadre excommungada. Não contente pegou no corpo e foi encostal-o no altar-mór com o missal aberto diante. Quando o sacristão veiu de manhã, ficou de queixo cahido e correu a dar parte ao parocho da freguezia. Este foi entender-se com o marido da defunta que pagou bem os exorcismos, e o corpo enterrou-se logo depois de vestido e enfeitado com mais joias. O compadre pobre lembrou-se de ir furtar tudo isto ao cemiterio. De noite, quando estava desenterrando a excommungada, ouviu vozes ao pé do cemiterio. Pôz-se a escutar, e pelo que pescou, viu que eram uns estudantes que vinham de furtar um porco, e o tinham pousado em cima do muro do cemiterio. Diz agora um d'elles:

— Falta-me o relogio! E esta? vou por elle.

— Eu vou comtigo. Não ha perigo que ninguem nos venha aqui tirar o porco.

O pobre assim que não sentiu ninguem foi ao logar onde pousaram o porco, e tirou-o de dentro de um sacco, onde estava, metteu dentro a excommungada, deixou-a ficar e safou-se com o porco para casa. Quando os estudantes vieram, pegaram no sacco, e foram ter a casa de uma taberneira para lhes arranjar uma ceia; vão para abrir o sacco e dão com a mulher morta. A estalajadeira berrou logo:

— Ai, que ella é a excommungada!

— E agora? como nos havemos de livrar d'esta? É a excommungada que se enterrou esta manhã.

— Vamos pôl-a ahi á porta de qualquer figurão da terra.

Pegaram n'ella e foram pôl-a inteiriçada a uma porta; o corpo foi escorregando, escorregando, até que embarrou na aldraba da porta e fez barulho. Fanaram de dentro, mas como ninguem respondia vieram á janella. Viram um vulto, e pensando que estava a gazuar a porta, abriram-a de repente e deram-lhe muita pancada. O corpo cahiu. O dono da casa pensou que o tinha matado, e para se vêr livre da justiça, montou o corpo em cima de um burro e pôl-o a caminho para a feira. Ao passar pela porta do compadre pobre, diz elle para a mulher:

— Ainda aqui me apparece a excommungada. D'esta vez sempre se ganha um burro.

E pegou no corpo e foi pôl-o n'um cerrado do padre. Quando o padre o soube foi exorcismal-o montado na burra do sacristão, porque este o tinha avisado de que a excommungada andava no cavallo que pastava no cerrado. Assim que o cavallo viu a burra, correu atraz d'ella; o padre foge, a burra segue o caminho de casa, e ao entrar pela estrebaria dentro, o padre bate com a cabeça na padieira ao tempo que o cavallo chega com o corpo da excommungada. O padre quebrou a cabeça e morreu, e todos disseram que tinha sido a excommungada que lhe cahiu em cima. O irmão rico pensou que a alma da mulher andava penada, e para a despenar foi ter com o irmão e deu-lhe os bens que lhe tinha roubado e ainda muito dinheiro.

(Alemtejo.)

Notas

109. **Os dois irmãos e a mulher morta**. — Acha-se publicado no *Elvense*, n.os 202, 205 e 206, III anno, com uma redacção litteraria que prejudica o seu valor tradicional. Pertence ao cyclo do *Frade morto*, aqui substituido por uma cunhada, o que é uma circumstancia accidental. Ha cinco versões portuguezas do *Frade morto*;

na tradição peninsular acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º III; no *Fabliau du Prêtre qu'on porte* (*Hist. litteraire de la France*, t. XXIII, p. 141); na antiga tradição italiana: *Cinquante Novelle de Masuccio*, n.º 1; e modernamente acha-se colligido por Pittré, nos *Fiabe e Racconti*, n.º 165: *Fra Ghinipera*. Na collecção dos *Contos russos*, de Erlenwein, n.º 17, acha-se a tradição do frade morto. (Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 214.)

110. OS TREZ PATRÕES

Um rapaz foi offerecer-se para criado a casa de um lavrador; á noite, quando foram ceiar, deram-lhe uma tigella de caldo. Diz elle:

— Oh meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois sópra-lhe.

No dia seguinte o rapaz despediu-se, entendendo lá para si que lhe não convinha servir n'aquella casa, onde nem tempo dariam para comer. Foi-se offerecer a casa de outro lavrador; aconteceu a mesma cousa; ao começar a comer o caldo, disse:

— Oh meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois espera que arrefeça.

O moço tambem resolveu não ficar servindo n'aquella casa, cuidando que lhe dariam tempo sem mais nada. Foi-se embora ao outro dia, e chegou a casa de outro lavrador, que o tomou para o serviço. Á ceia disse o moço:

— Oh meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois miga-lhe brôa.

O rapaz disse lá para si, que aquella era a casa que lhe convinha, e ali se deixou ficar.

(Airão.)

---

111. PARA QUEM CANTA O CUCO?

Dois visinhos ouviram cantar o cuco, e tomaram como agouro que era signal de infidelidade de suas mulheres.

Disse um:

— O cuco cantou mas foi para ti.

— Nada, isso não póde ser. Para ti é que elle cantou.

Pegam de teimar, e como nenhum cedia resolveram ir consultar um letrado. Chegaram lá, o letrado ouviu-os, e depois de botar a livraria abaixo, disse:

— Deposite cada um dois pintos antes de tudo.

Os visinhos entregaram o dinheiro ao letrado, anciosos de ouvirem a sua sorte; e depois que elle metteu os pintos na algibeira, fingiu um semblante triste, e disse:

— Vão-se embora na paz do senhor, porque para mim é que cantou o cuco.

(Porto.)

Notas

111. **Para quem canta o cuco?** — Acha-se esta facecia na collecção quinhentista de Timoneda, *Sobremesa y Alivio de caminantes*, conto 57. (Ed. Ribadaneyra, p. 181.)

112. TUDO ANDAREMOS

Um marido desalmado batia na mulher, que estando já tão acostumada áquelle malhadeiro, tomava tudo em desconto dos seus peccados. De uma vez o marido tinha-lhe dado muitas pancadas na cabeça, na cara e no peito, e a desgraçada exclamava:

— Homem! Bate-me antes nas costas.

— Deixa estar, que tudo andaremos.

(Porto.)

Notas

112. **Tudo andaremos**. — É hoje uma locução portugueza, sendo o conto menos vulgar. Na collecção de Timoneda, *Alivio de Caminantes*, n.º 33, vem uma versão d'esta facecia. (Ed. Ribadaneyra, p. 179.)

113. A MULHER QUE CEGOU O MARIDO

Uma mulher andava desencaminhada, e foi consultar uma visinha para achar modo de cegar o marido. Este veiu a sabel-o, e disse á visinha que lhe désse como receita infallivel, que dando a comer gallinha cosida ao marido, elle iria cegando pouco a pouco sem dar por isso.

Assim fez a mulher desencaminhada; ao primeiro pretexto disse ao marido que era bom comer gallinha cosida.

— Já que é remedio, comerei gallinha.

Depois de ter comido, o homem fingiu que estava um pouco com a vista turva. A mulher continuou a dar-lhe mais gallinha, e quando o homem já estava enjoado de comer tantas gallinhas é que se fingiu cego de todo. A mulher estava certa de que o marido era cego, e deu entrada ao amante; mas quando elles estavam mais seguros, é que o marido cobrou a vista, desancando-os como quem malha em centeio verde.

(Airão.)

Notas

113. **A mulher que cegou o marido**. — Apparece este conto no *Pantchatantra*, (Vid trad. franceza de Lancereau, p. 265) com o titulo *O Brahmane e sua mulher*.

114. O TOLO E AS MOSCAS

Um maluquinho trazia a cabeça rapada, e não podia supportar as picadellas das moscas; lembrou-se de apresentar uma queixa contra ellas ao juiz, que o attendeu para o disfructar. O juiz deu por sentença, que onde quer que visse uma mosca podia usar do direito de legitima defeza atirando-lhe uma pancada. O maluquinho confirmou a sentença fazendo que o juiz a repetisse. N'isto poisa uma mosca na cabeça do juiz; o tolo acerta-lhe uma pancada e o juiz cahiu para a banda. Prenderam-no, mas elle defendeu-se com a sentença, e não tiveram outro remedio senão mandal-o embora, porque lá diz o outro: Com tolos nem para o céo.

(Ilha de S. Miguel.)

Notas

114. **O tolo e as moscas**. — Pittré colligiu tambem esta facecia nos seus Contos sicilianos. (Vid. critica na *Revue*

des Deux Mondes, 15 de Agosto de 1875, p. 857.)

115. JÁ QUE TANTO TEIMA

Um fidalgo cahiu em pobreza, e ás vezes arrebentava com fome só para se não abaixar a pedir. Chegava a qualquer casa, e se lhe diziam por ceremonia:

— É servido de se utilisar? Ou: Quer fazer um pouco de penitencia comnosco? elle respondia:

— Já que tanto teima uma vez só, acceito.

E assim sem descer da sua dignidade tirava o ventre de miseria.

(Porto.)

Notas

115. **Já que tanto teima**. — No *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º XXXIV, fl. 101, *v.*, encontra-se como conto o que em Portugal se repete quasi que exclusivamente como locução.

116. TIC-TACO

Um frade passava todas as tardes rente da janella de uma mulher casada, e dizia-lhe:

— Tic-taco.

A mulher contou tudo ao marido, e elle disse:

— Havemos de dar uma lição boa ao frade. Quando elle tornar a passar e disser a mesma coisa, dize-lhe que póde entrar; depois eu começo a tossir, e tu esconde-o dentro de um sacco, que o resto vae por minha conta.

Ao outro dia o frade passou rentinho á janella, e já lusconfusco. Repetiu a gracinha:

— Tic-taco.

— Póde entrar.

Foi o que o frade quiz ouvir. A mulher fechou a porta e levou-o para dentro. N'isto o marido tossiu; ella finge-se atrapalhada:

— Ai, o meu marido que chegou! Metta-se vossa reverencia já aqui n'este sacco, ao pé d'estes outros que estão cheios de

milho.

O frade metteu-se no sacco; a mulher atou-o e encostou-o aos outros que estavam cheios. Vem o marido o diz:

— Temos ladrões em casa, porque me avisaram e estão por ahi escondidos.

Começou a correr todos os cantos, e por fim exclamou:

— Não dou com elles; só se se esconderam dentro d'esses saccos.

E começou a dar pauladas nos saccos para a direita e para a esquerda, e o frade ia tambem apanhando a sua doze á chucha-callada.

— Assim como assim, não está cá ninguem. E foi-se embora.

A mulher de combinação, já se sabe, veiu tirar o frade do sacco, e elle safou-se como Deus quer e é servido. Passado tempo aconteceu passar elle pela mesma rua, e a mulher disse-lhe da janella:

— Tic-taco.

Respondeu o frade com cara arrenegada:

— Não sou gorgulho que vá ao seu sacco.

(Ilha de S. Miguel.)

Notas

116. **Tic-taco**. — Esta facecia insulana acha-se nas *Notte piacevoli* de Straparole *(Facetieuses nuits*, nuit II, fab. 5.) Um fabliau da Edade media desenvolveu este conto *De la Dame qui attrapa un Prêtre*. Vid. outros paradigmas na versão franceza de Straparole, p. XX.

117. AS ORELHAS DO ABBADE

Um sujeito bom caçador convidou o abbade da sua freguezia para ir comer com elle duas perdizes guisadas, e deu-as á mulher para as cosinhar. A mulher, raivosa por não contarem com ella, cosinhou as perdizes e comeu-as. N'isto chega o abbade muito contente, e diz-lhe a mulher:

— Fuja, senhor abbade, que o meu homem jurou que lhe havia de cortar as orelhas, e isto das perdizes foi um pretexto para cá o pilhar.

O abbade não quiz ouvir mais, e elle, por aqui me sirvo.

O marido chega, e diz-lhe a mulher:

— O abbade ahi veiu, viu as perdizes, e não querendo esperar mais por ti, pegou n'ellas ambas e foi-se embora.

O homem vem á porta da rua, e ainda vê o abbade fugindo, e começa de cá a gritar:

— Oh, senhor abbade! Pelo menos deixe-me uma.

— Nem uma, nem duas! Respondeu elle lá de longe.

(Ilha de S. Miguel.)

Notas

117. **As orelhas do Abbade**. — Esta vulgarissima facecia já se encontra na *Sobremesa y Alivio de Caminantes*, conto 51, da edição Ribadaneyra, p. 181.

Acha-se no *Fabliau des Perdrix (Recueil de Fabliaux*, p. 159); no *Passa tempo dè Curiosi*, p. 22; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 266; nas *Facetie, motti et burle*, da Ch. Zabata, p. 36; e nos *Contes du Sieur d'Ouville*, t. II, p. 225.

118. OS DUZENTOS CARNEIROS

Era uma vez um pastor, e andava no matto com duzentos carneiros; veiu uma trovoada, e elle quiz recolher o rebanho para o curral, chamou os carneiros e pôz-se a caminho. Chegou ao pé de um rio muito fundo, onde havia uma ponte, e de cada vez só podia passar um carneiro. Começou a passar um a um.

(N'este ponto o narrador cala-se, e as crianças que o escutam, depois de alguns momentos, vem com a pergunta:)

— E depois? O que aconteceu ao pastor?

— Esperem que os carneiros estão passando.

(E assim se logram as crianças, com a mesma resposta que os põe á espera.)

Notas

118. **Os duzentos carneiros**. — É um conto typico; encontra-se no *Castoiement d'un Père à son Fils*; nas *Cento Novelle antiche*, n.º XXX; no *Don Quijote* e no *Recueil de Fabliaux*, p. 1, Paris, 1829. (Bibl. choisie.)

119. LENDA DO PARAISO

Deus creou o homem e collocou-o no paraiso, e ao fim de dias appareceu-lhe e perguntou:

— Como te dás por cá?

— Sópra-me da banda do norte, e tenho muito frio.

Deus fez-lhe um muro que o guardava dos ventos do norte. A cabo de dias tornou-lhe a apparecer e perguntar:

— Como te dás por cá?

— Sópra da banda do sul, e ainda tenho frio.

Deus fez-lhe outro muro. Ao cabo de dias appareceu-lhe e fez a mesma pergunta:

— Chove-me agora em cima.

Deus cobriu os muros com um tecto, para o abrigar das chuvas.

Tornou-lhe depois a apparecer.

— Como te dás agora?

— Estou sósinho entre estas quatro paredes; muito triste por estar sósinho.

Então Deus deu modo a arranjar-lhe uma companheira. Tornou-lhe a apparecer.

— Não tenho que comer, nem que dar á minha companheira.

Deus fallou á terra, para ella dar de comer ao homem.

A terra respondeu:

— Só lhe darei de comer, se o homem me tornar o que receber de mim.

Foi assim que o homem ficou sujeito a ser tambem comido pela terra.

(Tentugal.)

120. LENDA DA MÃE DE SAM PEDRO

A mãe do apostolo Sam Pedro era tão mofina, que nunca foi capaz de dar nada a ninguem, ainda que lhe pedissem até arrebentar. Um dia foi á horta buscar couves para o jantar, e quando vinha para casa, caiu-lhe no chão uma rama de cebolla. Como era uma cousa que se não aproveita, deixou-a ficar e foi andando, dizendo:

— Fica-te para ahi pelo amor de Deus.

Passado tempo Sam Pedro fez-se discipulo de Christo, e nosso senhor tambem o fez chaveiro do céo. Quando morreu a mãe de Sam Pedro, o filho quiz mettel-a no céo mas não havia motivo.

— Ainda se ella tivesse dado alguma coisa em meu louvor.

Sam Pedro ouvindo estas palavras do senhor, lembrou-se da rama de cebolla caida no caminho, e apoiou-se n'esta offerta.

— Pois então pucha-a cá para cima.

Sam Pedro botou a rama de cebolla á mãe, içou-a, chegou á porta do céo, mas quando ia a mettel-a para dentro, a rama quebrou, e a velha ficou entre-portas sem poder entrar para

dentro. D'aqui vem o ditado: «Ficar entre portas, como a mãe de Sam Pedro.»

(Ilha de S. Miguel.)

Notas

120. **Lenda da Mãe de S. Pedro**. — Acha-se em muitas terras de Portugal; Pittré encontrou-a na tradição italiana, mas em vez de ser a rama de cebola é uma folha de pereiro. *A mãe de S. Pedro* é uma locução proverbial em toda a Sicilia, Veneza, Toscana, Frioul, etc. (Vid. *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Agosto de 1875, p. 843.)

Adiante, sob o n.º 215, reapparece o typo popular de S. Pedro em um genero de contos muito vulgares em Andalusia com o titulo de *Susedios*.

121. A TUNICA DE CHRISTO

Depois de Christo ter sido sentenciado é que se conheceu a sua innocencia. Pilatos foi chamado a Roma para dar conta ao Senado da sua sentença injusta.

O proconsul vestiu-se com a tunica que tinha pertencido a Christo, e apresentou-se no tribunal; todos aquelles que o queriam accusar nada puderam dizer contra elle, e Pilatos retirou-se absolvido. Ao fim de tempo as accusações continuaram a accumular-se, e Pilatos foi chamado de novo para ser julgado pela iniquidade que commettera. Trouxe outra vez a tunica vestida, e ninguem achou palavra que dizer contra elle. Foi então que elle confessou que o defendia a tunica que trazia vestida, que pertencera a Jesus, a qual desde criança crescêra com o seu corpo. Pilatos foi absolvido e o senado deixou que se fallasse da doutrina de Jesus.

(Ilha de S. Miguel.)

122. O PRINCIPE MENDIGO

Um principe encontrou uma rapariga muito linda e apaixonou-se por ella. Tornou-se tão grande o seu amor, que resolveu desposal-a e foi pedil-a ao pae. O pae era um mendigo, que pedia na estrada; quando ouviu o pedido do principe, disse-lhe que não acreditava na sua tenção, senão só no caso d'elle fingir-se mendigo e andar pedindo esmola um anno. O principe acceitou a condição e vestiu-se com os andrajos, botou ao hombro a sacóla, encostou-se ao bordão e partiu a mendigar. Ainda não era passado o anno, quando o mendigo pae da rapariga, lhe disse que acreditava n'aquella prova e que podia casar com a filha. Então o principe respondeu:

— Que achava agora mais gosto em andar pedindo, do que mesmo ser principe e do que casar com a mulher mais linda do mundo. E assim continuou e veiu a acabar na vida de pedinte.

(Ilha de S. Miguel.)

123. O LAVRADOR E O ERMITÃO

Christo ia pelo mundo com Sam Pedro. Passaram por um campo, onde estava trabalhando um lavrador que rogava muita praga e berrava na labutação da arada. O senhor saudou-o:

— Deus te salve, vida santa.

Foram para diante, e viram estar um ermitão a resar á porta da sua cabana. O senhor saudou-o:

— Deus te salve, vida de porco.

Sam Pedro ficou maravilhado e disse para Christo:

— Senhor! porque é que áquelle homem que praguejava, lhe chamastes vida santa, e áquelle que resava com tanta devoção lhe chamastes vida de porco?

— É porque aquelle que estava praguejando, trabalha, e sustenta a sua familia, e produz alimento para muita gente; e aquelle que está resando, não é util a ninguem e vive á custa das esmolas, que são o trabalho e a privação dos outros.

(Porto.)

Notas

123. **O lavrador e o Ermitão**. — O sr. Leite de Vasconcellos traz na revista *El Folk Lore andaluz*, (ann. I, n.º 5, p. 176) uma variante d'esta lenda colhida nas Duas Egrejas, do concelho de Mirandella, servindo de paradigma a uma versão andaluza de Rodriguez Marin, publicada no *Folk Lore andaluz*, n.º 2, p. 31-33.

124. O THESOURO ENTERRADO

Uns amigos tiveram noticia de um thesouro e combinaram ir antes do nascer do sol para o desenterrarem. Levantaram-se dois d'elles e foram pela porta do outro para o acordar; mas elle disse lá de dentro que não deixava o calor da cama por nada.

Os outros foram, acharam umas pedras afamadas, revolveram-nas, mas só encontraram castanhas de burro. Vieram-se embora estafados, e ao passarem pela porta do amigo, como lhe viram o postigo aberto, atiraram-lhe por pirraça com as castanhas para dentro de casa.

O hominho foi vêr o que era, e achou o chão alastrado de peças de ouro. Quando tornou a fallar com os amigos agradeceu a offerta, e quando lhes explicou o caso elles nunca quizeram acreditar.

(Airão.)

Notas

124. **O thesouro enterrado**. — Acha-se uma versão de Celorico de Basto publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 170. O sr. Sylvio Romero, na sua collecção de Contos populares do Brazil, tral-o com o titulo *O ouro dos Maribondos*, tendo sido anteriormente publicado na *Revista brazileira*.

125. AS VOZES DOS ANIMAES

A ovelha, o gallo, o porco, o gato, o pato e o perú foram fazer uma viagem, e recolheram-se de um temporal n'um casebre em que luzia o buraco. Não estava ali ninguem, e o porco foi para o cortêlho, a ovelha e o pato puzeram-se de traz da porta, o gato acocorou-se na borralheira, e o gallo com o perú pousaram-se no caibro do tecto. Lá pela noite adiante vieram os lobos, que a casa era d'elles, e um foi á borralheira a vêr se havia lume, mas o gato esgatanhou-lhe os focinhos. O lobo começou a uivar, e os outros todos iam para acudir, mas o porco ferrou na perna de um, a ovelha deu uma marrada n'outro, o gallo pega a cantar, o pato a cacarejar, e os lobos pernas para que te quero, só muito longe é que so tornaram a juntar. Disse um:

— Vamos lá ver o que é que tomou conta da nossa casa.

— Eu cá não vou, porque estava lá um cardador que me chimpou com as cardas no focinho. (Era o gato.)

— E a mim, topei lá com um ferreiro que me atirou com uma tranca de ferro ás canellas. (Era a ovelha.)

— Tambem eu não torno lá, porque o tal ferreiro agarrou-me por uma perna com umas tenazes. (Era o porco com a dentuça.)

— Eu cá, escapei da malhada, mas ouvi um que estava a bramar:

Cacarista, cacarista,
Se lá vou faço tudo em cisco.

— Tanto isso é verdade, que outro clamava: *Ingulil-os*, *Ingulil-os*. (Referia-se ao perú e ao gallo.)

— É verdade que havia lá uma coisa que dizia: *Haja pazes! Haja pazes!* (Era o pato.)

Mas os lobos nunca mais quizeram tornar âquella casa, porque o seguro morreu de velho.

(Carrazeda de Anciães.)

Notas

125. **As vozes dos animaes**. — Ha uma outra versão colligida pelo sr. Sequeira Ferraz; e uma versão franceza, intitulada: *Les musiciens voyageurs (Vieux Contes*, p. 17, Paris, 1830); tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 306, trad. de Bruyere. Nos Contos dos irmãos Grimm, vem com o titulo *Os musicos da cidade de Brême (Contes choisis*, trad. Baudry, p. 313).

OS DITADOS NOVELLESCOS

I. — Fórmulas iniciaes

Era uma vez um Conde,
E ia por uma ponte…
Queres que te conte?

*

Era uma vez um Bispo…
Não sei mais do que isto.

*

Era uma vez um Rei…
Aqui está o que eu sei.

*

Era uma vez
Um Rei e um Bispo,
Acabou-se o conto,
Não sei mais do que isto.

*

Era uma vez
Um cêsto e uma canastra…
Para conto já basta.

*

Era uma vez uma menina
Chamada Victoria,
Morreu a menina,
Acabou-se a historia.

*

Era uma vez um homem
Que vivia n’uma aldeia,
Não tinha medo á fome
Em tendo a barriga cheia.

*

«Era uma vez
Um porco montez,
Alça-lhe o rabo,
Chupa-lhe o pez.
— Alça-lh’o tu,

Que és mais cortez.
«Chupa-lh'o bem,
Quanto mais chupas
Mais elle tem.

II. — Fórmulas finaes

Quem o disse está aqui,
Quem o quizer saber vá lá.

*

A certidão está em Tondella,
Quem quizer vá lá por ella.

*

Está a minha historia acabada,
Minha bocca cheia de marmellada.

*

Está a minha historia dita,
E a tua bocca cheia de furrica.

*

— E depois?

«Morreram as vaccas,
Ficaram os bois .

*

Quem o disse está aqui,
O que já lá vae, lá vae;
Sapatinho de manteiga
Escorrega mas não cáe.

*

Entrou por uma porta
E sahiu por outra;
Manda el-rei meu senhor
Que me conte outra.

III. — Fórmulas proverbiaes dos contos

Quem conta um conto
Accrescenta-lhe um ponto.

*

De longas vias
Longas mentiras.

*

Foi Maria á fonte,
Trouxe que contar todo o anno.

FIM DO VOLUME I.

Notas

Pag. 224. **Ditados novellescos**. — Nas tradições populares são frequentes estes estribilhos iniciaes e finaes. Colhemos alguns da collecção de Leite de Vasconcellos, no *Folk Lore andaluz*, p. 214. Rodriguez Marin, nos *Contos populares españoles*, t. V, p. 46, traz as seguintes fórmulas iniciaes: *Era vez y vez*, *Erase que se era*, que nos parece analoga á fórma insulana: *Era, não era, no tempo da éra*. Marin cita um trecho de Quevedo (Musa VI, rom. 29):

> Doncellas no sé que son,
> Porque me contó una vieja,
> Que ya son sólo en los cuentos
> Fruta de *Erase que se era*.

E Cervantes tambem escreve: «Suelen los muchachos antes de comenzar un cuento ó consexa, decir:

> Erase lo que era:
> el mal que se vaia
> y el bien que se venga;

el mal para los moros
y el bien para nos otros.

(*Quijote*, I, 20.)

Em Cuba repete-se um estribilho em fórma de conto, com que se arrelia ás crianças; tral-o Marin:

Este era um gallo pelado,
que tiene los pies de trapo
y la cabeza al revés;
Quieres que te lo cuente otra vez?

(El nino responde que — si.)

Yo no digo que digas si,
Si no que si quieres que te cuente
el cuento del Gallo-pelado.

(*Cantos populares españoles*, t. V, p. 16.)

A circumstancia de alçar o rabo e chupar o pez, acha-se em um estribilho da Extremadura hespanhola:

Era uma vez y vez
Una cabrita
Que tenia um chivito
Con los ojos de ver
Y el culito de lamer.
Quieres que te le conte otra vez?

(*Folk Lore Betico Extremeño*, p. 210.)

Costa Cascaes, no *Panorama* (t. XII, p. 115 e 118), traz intercaladas em uns versos seus, algumas fórmulas finaes. Vid. nota 118. No final de um conto de Huelva vem «*unos zapatitos de manteca*».

LITTERATURA

DOS

CONTOS POPULARES

EM PORTUGAL

Assim como na linguagem existem duas correntes de elaboração, uma popular ou dialectal e outra escripta, ou regularisada por uma norma grammatical, acontecendo muitas vezes desconhecerem-se estas duas correntes, ou entre-cruzarem-se por effeito de causas sociaes e historicas, o mesmo phenomeno se observa com as tradições novellescas: um grande numero de Contos persiste exclusivamente na transmissão *oral* do povo, que os transforma desde a primitiva concepção mythica até á simples aventura faceta ou á referencia vaga de qualquer adagio, e existe simultaneamente um outro grupo de Contos conservados por via da redacção litteraria e escriptos com uma certa intencionalidade moral ou artistica. Nem sempre estas duas correntes se communicam, havendo comtudo uma epoca em que os escriptores deram fórma litteraria aos

themas tradicionaes ou os imitaram, e em que os contos escriptos por seu turno vieram a influir na imaginação popular pelo emprego da *parabola* na prédica religiosa e do *exemplo* na doutrinação concreta da moral. A universalidade dos Contos populares na tradição oral não se póde explicar historicamente; este processo compete aos Contos generalisados pela fórma litteraria, cuja transmissão se estabelece quasi de um modo chronologico e por documentos que subsistem. Huet, Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max-Müller, segundo os recursos da sciencia da sua epoca, fixaram os caminhos diversos por onde os Contos do Oriente fizeram a sua migração para a Europa. Provenientes de collecções litterarias, de que a mais antiga conhecida é o *Pantchatantra*, elles acompanham os accidentes da historia da civilisação da Europa, implantando-se no Occidente com as invasões dos Arabes, propagando-se com os ultimos lampejos do hellenismo, sendo o assumpto de redacção dos novos dialectos romanicos e dos prégadores catholicos da Edade media. A Egreja afastando os povos da Europa do contacto da civilisação greco-romana, aproveitou-se d'este fundo tradicional para actuar sobre a imaginação da gente rude, e assim as litteraturas começaram o seu desenvolvimento sobre uma base e com um destino popular. A redacção litteraria dos Contos e fabulas indianas foi provocada pela profunda revolução religiosa do Buddhismo, que batendo as abstracções metaphysicas da casta sacerdotal brahmanica e procurando os seus proselytos entre as raças inferiores e amarellas, teve de propagar-se pela exposição pittoresca dos

Contos; onde quer que o Buddhismo se divulgou, ahi encontram-se os Contos como meio de propaganda. As collecções da China, como os *Avadanas*, e as do Thibet, resultaram d'essa crise religiosa; no rarissimo livro das *Cartas do Japão* (fl. 99 *v*.) se lê: «Ha y mais duas Seitas, que chamam Iexu e Muraçaqui. Estes são dados a meditações, tem somma d'ellas de cousas como *fabulas e comparações*.» Na lucta do Christianismo contra o polytheismo, e mais tarde contra o islamismo e o protestantismo a polemica religiosa fez-se á custa de contos moraes, de facil comprehensão, chamados *Exemplos*. Esta similaridade de crise religiosa coincidiu com o conhecimento dos Contos indianos traduzidos para arabe na côrte de Bagdad, e trazidos na invasão mussulmana da Europa occidental. Os trovadores nas suas canções, os troveiros nos seus fabliaux, os menestreis nos seus lais, secularisaram o conto com esse espirito de livre exame communicado pela civilisação dos Arabes. No periodo mais activo da organisação das sociedades modernas, no seculo XII, é que se constituiu a nacionalidade portugueza; dirigida a sua cultura pelos latinistas ecclesiasticos, os primeiros documentos litterarios em prosa foram Contos traduzidos do arabe e com uma intenção moral exclusiva. Com as correntes cultas de outros elementos medievaes, como os trovadores da Provença, os jograes francezes e menestreis bretãos, alargaram-se as fontes litterarias dos Contos, estabelecendo-se essa unanimidade de sentimento da Civilisação occidental. Indicaremos estes differentes vehiculos.

Desde o seculo XIII que se conheceu na Hespanha a collecção arabe do *Kalila e Dimna*, não só pela traducção castelhana do infante D. Affonso (1289), como pelo *Exemplario contra enganos y peligros del mundo*. Succederam-se as imitações litterarias, e a fonte litteraria apparece citada com frequencia nos poetas do principio do seculo XV, como se vê pelo Cancioneiro de Baena:

Reyne de Byrra todo su feresa,
E las falsedades de *Cadyna Dyna*…[1]

Que mudan discordias, consejos peores
Que *Dina y Çadina* con su lealdad… (ib. 119.)

O nome d'esta collecção é tirado das aventuras passadas entre os dois chacaes *Karataka e Damanaka*, que no persa ante-islamico se abrandou na fórma *Kalilak e Damnak* vulgarisada pelos arabes.[2] Assim na Hespanha o chacal identificou-se com a raposa, e as aventuras do Kalila e Dymna foram designadas pela palavra gensrica de *raposias*:

Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la *sabia raposa*…[3]

O nosso chronista Fernão Lopes, no principio do seculo XV, emprega esta designação de *raposias*. É talvez por esta influencia arabe que o cyclo do *Roman du Renard*, que se desenvolveu na Europa com um caracter heterodoxo e hostil á egreja, não se propagou entre as nações catholicas.

O velho anexim conservado por Jorge Ferreira de Vasconcellos, na Comedia *Euphrosina*, de 1521:

O Lobo e a Golpelha *(Vulpecula)*
Fizeram uma conselha

allude a um dos episodios do *Roman du Renard*, como este outro rifão popular:

Da pelle alheia
Grande corrêa.

A influencia arabe na peninsula foi simultaneamente popular e litteraria; Alvaro de Cordova allude ao gosto dos contos «*fabellis mille suis delectamur*.» Das collecções arabes passaram para os nossos documentos litterarios do seculo XIV bastantes contos intercalados no livro ascetico do *Orto do Esposo*, e na traducção da lenda mystica de *Barlaam e Josaphat*, tirada do *Lalita Vistara*, sendo Buddha sanctificado no christianismo. No *Nobiliario* do Conde Dom Pedro, o conto de *Gaia* é tambem nos seus episodios similhante ás narrativas arabes, das quaes persiste no gosto popular ainda a folha volante da *Donzella Theodora*.

A divulgação da poesia provençal veiu ajudar ao desenvolvimento da fórma litteraria dos Contos, com os *Noellaires*; temos um exemplo na tradição da *Chuva de Maio*, de que ha reminiscencias em um poeta do Cancioneiro de Resende, em Sá de Miranda e D. Francisco

Manoel de Mello. Os jograes abandonavam por vezes os assumptos lyricos, e contavam fabulas ou narrativas com um intuito satyrico. O jogral Martins Moxa, que dizia:

D'estes privados non sei *noellar*…

refere-se ás fabulas da sua classe:

Uns joglares
Sus nobles *falares*
Soyam dizer…

Comprehende-se o sentido d'estes versos pelo que Affonso XI dizia a Ramon Vidal, ouvindo-lhe um fabliau: «Jogral, *tuas fabulas são agradaveis e formosas*.» Devido talvez a esta influencia jogralesca e á propagação dos *fabliaux* francezes, é que os contos vieram a receber em Hespanha, embora no seculo XVI, o nome de *Francias*. A influencia bretã é tambem manifesta na fórma dos *lais*, que além do seu destino musical tinham um accentuado caracter narrativo, que veiu a desenvolver-se no cyclo da Tavola Redonda. No *Nobiliario* do Conde D. Pedro é onde existem os principaes vestígios dos contos bretãos; no Conto da *Dama pé de cabra*, lê-se: «E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» Leroux de Lincy cita os *Gourils*, *Gories* ou *Crious*,[4] que ainda nas costas da Finisterra são chamados *Courils*, diabos malignos da superstição popular. No mesmo *Nobiliario* se encontra

rapidamente narrado o conto do *Rei Lear*, a tradição de Merlim, e da *Islavalon* (Ilha do Avalon.) Um velho anexim portuguez:

Tanto vale cada um na praça
Quanto vale o que tem na caixa,

apparece-nos como um vestigio derivado d'estes versos de *Roman de Brut*, d'onde veiu o conto:

Tant as, tant vaux, et tant je t'aime,
Tant comme j'eus, et tant valus,
Et tant aimé et privés fus.

A tradição do Solar dos *Marinhos* deriva tambem d'essas lendas heraldicas fundadas na crença das fadas terrestres, como a Melusina e a Dama pé de cabra, ou do mar como as Sereias, de que falla Gil Vicente:

Vae logo as *ilhas perdidas*,
No mar de penas ouvinhas,
Traze trez *fadas marinhas*
Que sejam mui escolhidas.[5]

Martim Moxa allude a esta crença, que recebeu fórma litteraria, como a Urganda do *Amadis de Gaula*:

As nossas *Fadas*
Iradas,

Sam achegadas
Por este *fadar*…

No Cancioneiro da Vaticana encontra-se uma allegoria satyrica da Verdade, em uma canção de Ayres Nunes que se avalia bem aproximando-a de um conto popular da Andalusia. Eis o conto: A Verdade e a Justiça foram pelo mundo mostrar-se, e como eram muito formosas, arranjaram muito dinheiro. No caminho aggregou-se-lhe a Avareza, e ella é que guardava o dinheiro. Quando resolveram voltar, a Avareza que não queria repartir o quinhão, ao passar por uma ponte baldeou a Verdade na agua, e por isso ella nunca mais appareceu no mundo. A Justiça tratou logo de castigar o crime, mas a Avareza refugiouse com a bolsa em uma egreja e nunca mais de lá saiu, e lá hade ficar até que as paredes venham abaixo.[6] Vejamos agora a sirvente de Ayres Nunes:

Porque no mundo mengou a Verdade,
punhey hum dia de a hyr buscar,
et hu per ela fui preguntar
disserom todos — Alhur a buscade;
cá de tal guisa se foy a perder,
que non podemos en novas aver,
nem já nom anda na yrmaydade.
Nos moesteyros dos frades regrados
a demandey, et disserom-m'assy:
Non busquedes vós a Verdade aqui,
cá muytos annos avemos passados

que non mor'en nosco, per boa fé,
.....
e d'al avemos maiores cuydados.
E em Cistel, hu Verdade soia
sempre morar, disserom-me que nom
morava hy, havia gram sazom.

nem frade d'hy já nom a conhecia;
nem o abade us'outrosy nom estar,
sol nom queria que fosse y pousar,
et anda já fora da abbadia.
Em Santyago seend'albergado
em mha pousada, chegarom romeus;
preguntey-os et disserom: Par deus,
muyto levadel-o o caminho errado;
ca se Verdade quiserdes achar
outro caminho conven a buscar
cá num sabem aqui d'ela mandado.[7]

As tradições eruditas da primeira Renascença receberam tambem uma fórma litteraria entre os latinistas ecclesiasticos; da Bibliotheca de Alcobaça subsiste ainda a traducção portugueza da *Visão de Tundal*, sobre cujo thema, o da descida aos infernos, Dante escreveu a *Divina Comedia*, tradição que os padres da Egreja tomaram do Eucrates do *Philopseudes* de Luciano. D'esta corrente erudita deriva essa allusão do cavallo-fada *Pardallo*, citado no conto da *Dama pé de cabra*, que é evidentemente uma fórma do *Pardulus* de Aristoteles. No *Orto do Esposo*

descrevendo-se os costumes da panthera, Frei Hermenegildo de Payo Pele, introduz o conto do animal agradecido: «Aconteceu hua vez que hum homem livrou da morte os filhos d'esta besta. E este homem cayo em hua cova e a besta o tirou fóra d'ella e o poz em salvo do deserto hindo com elle muy leda e afagando-o, em guisa que parecia que lhe dava graças.»[8]

D'este cyclo erudito da primeira renascença data o conhecimento dos *Gesta Romanorum* em Portugal. Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné*, cita «*as obras dos Romãos*.»[9] Na Bibliotheca do rei Dom Duarte guardava-se a collecção hespanhola do *Conde de Lucanor*, uma traducção portugueza dos versos do *Arcipreste de Hita*, e da *Confissão do Amante* de Gower, em que receberam fórma litteraria diversos contos da Edade-media. Na côrte de Dom Duarte prevaleceu o gosto dos contos com intuito moral, chamados *estorias e exemplos*; na sua obra o *Leal Conselheiro*, cita o conto da *Manta e o chocalho*, que parece popular pela persistencia do anexim: «O diabo tem uma manta e um chocalho.» Acham-se ali tambem o conto allegorico das *Duas Barcas* e o do *Filho prodigo*: «e a festa que fez o padre ao filho degastador, que confessando seu desfallecimento dizia nom sou digno seer chamado teu filho…»[10] O rei Dom Duarte condemnava a leitura dos livros de contos, que ella aponta como um vicio entre a aristocracia portugueza do seculo XV: «taaes leituras aos que de semelhantes non téem boo conhecimento mais som para serem ensinados que para despender tempo ou se

desenfadar com o *livro d'estorias*, em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se nembrar.»[11]Fernão Lopes, o nosso grande chronista, empregava a palavra *estoria* no sentido de tradição, tal como ainda subsiste entre o povo. O rei Dom Duarte condemnando o uso de ouvir contos, diz: «E d'aquesta guysa erramos per este desassecego: se no tempo de orar e ouvir officios divinos, nos conselhos proveitosos, fallamentos ou desembargos, levantamos *estorias*, recontando longos *exemplos*.»[12]Gil Vicente conservou esta designação medieval:

Como diz o *exemplo* antigo
Que não são eguaes os dedos.

O costume de contos era tão persistente entre o povo como entre a aristocracia portugueza. As nossas *seroadas* e o typo dos *patranheiros* populares derivarão dos costumes mouriscos das *zambras?* As suas raizes são mais profundas, derivam da primitiva raça do occidente; na Grecia havia uma classe de mulheres chamadas *paramythia* encarregadas de contarem contos por officio; Guthrie descrevendo os velhos costumes da Russia, diz: «Observa-se tambem nas casas dos grandes, mulheres encarregadas de contar contos, *Skaski*… A sua occupação consiste em entreter suas amas até que ellas adormeçam, com contos semelhantes ás Mil e uma Noites arabes, antiquíssimo costume entre os orientaes.»[13] Conhecida a intima relação que existe entre os contos russos e os sicilianos, comprehendemos a relação que deve haver entre os *Skaski* russo e os *Chascos* ou

Chascarilhos com que ainda no seculo XVII se designavam em Hespanha os Contos facetos.[14] Esse elemento mongolico que no seculo XIII propaga na Russia e no norte da Europa as ficções orientaes, é o mesmo que no occidente sob a corrente iberica produz esta similaridade de tradições e de costumes.

Usavam-se os contos, na Edade media, á meza dos principes, sob o nome de *Rumor*. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso vem:

Depois ledos tangedores
Á meza .....
Fizeram fortes *rumores*.

Camões empregou este termo na locução: «O *rumor antigo* conta.» O conto do Boi Cardil parece-nos ter sido objecto de um d'estes rumores, como se deprehende dos versos latinos:

Ad mensam magni principis
Est *rumor* unius bovis…

Nos costumes palacianos e universatarios, o conto tomou uma grande importancia, em parte sustentado pelos moralistas catholicos, e principalmente pelo impulso da Renascença classica communicado pela Italia. Gil Vicente caracterisa este costume:

E folgam de *ouvir novellas*
Que durem noites e dias.[15]

Na *Vida do Infante D. Duarte*, cita André de Rezende este uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e fallemos em coisa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer *patranhas*, com que o tornei alegre.» O infante fingia-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira. Aqui a palavra *patranha* significa o conto imaginoso sem base real; empregou-a Sá de Miranda: «Não do Rei Mouro a *patranha*.»[16] E Antonio Prestes:

Podeis levar,

Comadre, que vos la conte

Patranhas de rir e folgar.[17]

Este uso domestico acha-se descripto no viver da principal aristocracia do seculo XVI: «O mesmo usava D. Joanna de Vilhena com as senhoras que a vinham visitar, dando a cada uma d'ellas algum trabalho com que se entreter; e entretanto ou lhe lia algum capitulo dos documentos que o conde tinha composto, ou *lhe contava algum Exemplo* ou historia santa com que adoçar o trabalho; o que fazia com tanta graça que assim D. Brites, duqueza de Coimbra e Aveiro, como todas as mais senhoras, frequentavam com gosto a escola de D. Joanna.»[18] Em um Alvará de 23 de setembro de 1538 recommenda-se ao reitor da Universidade que prohiba o

contar-se contos nas lições: «Eu el-rei faço saber a vós, reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante pellos tempos forem, que per quanto ás vezes acontece a lentes nas lições que lêem… se põe a *contar estorias* fóra da materia da lição, em que guastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada huma das ditas cousas fezer, por cada vez perqua ho ordenado da lição d'aquelle dia…» Soropita leva mais longe a pintura d'estes costumes que influiram na litteratura novellesca portugueza: «Primeiramente, assim no tapete da obra appareceram certos aventureiros pagens da lança da tolice, *cujo officio é contar contos prolixos* de uns certos manganazes desencadernados, que, primeiro que preguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma… E se vem á mão, ou por a *historia* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada.»[19] Nos escriptores quinhentistas é que se encontram mais referencias aos Contos populares; Antonio Prestes cita:

É o segredo das canas
das *orelhas do rei Mida*.
(Autos, p. 259.)

João de Barros, na sua Grammatica, traz o celebre conto do Novellino, da interpretação do testamenteiro *dar o que quizer*. Em Bernardim Ribeiro vem a referencia:

A *Dita e a Formosura*,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo de antes mui amigas.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia *Ulyssipo*, refere-se ao conto da *Cendrilhon*: «Pois eu tambem não quero *Gatas borralheiras*.»[20] E em Soropita: «Se não quando, fallando com referencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.»[21]Gil Vicente, além do conto da *Bilha de leite*, traz no Auto da *Floresta de enganos*, a scena do Doutor Justiça Mayor, que se acha como conto nas *Cem Novellas novas*, n.º XVII. Em Sá de Miranda abundam as fabulas e contos, que revelam o gráo de consciencia que elle tinha do elemento tradicional na litteratura: taes são as fabulas do *Rato do campo e o rato da cidade*, a *Chuva de maio*, o *Cavallo que se deixa enfreiar para vingar-se*, a dos *Membros e o estomago*, o *Mosquito e a têa de aranha*, o *Parto da montanha*, a facecia de *Diogenes*, a anedocta de *Apellos*, o conto de *Psyche*, e a *Cigarra e a formiga*. Camões tambem descreve o costume dos nossos marinheiros, que historias mil recontam e casos referem, para se distrahirem do somno. Foi no seculo XVI que o Conto recebeu a fórma litteraria, dada por Gonçalo Fernandes Trancoso.[22] Antes de fallarmos da sua

collecção, importa definir as relações com os novellistas italianos e francezes da grande epoca da Renascença ou que n'este tempo foram lidos em Portugal. Pelos *Indices expurgatorios* conhece-se a corrente da leitura dos livros de Novellas; no Index de 1564 prohibe-se «Boccacio, Decades, seu *novella centum*.» (Fl. 16, *v*.); esta collecção apparece anteriormente citada no *Espelho de casados*, do Dr. João de Barros, que diz: «João Boccacio *fez muitas novellas contra as mulheres*, e d'ellas diz mal no livro da Cahida dos Principes.» (Pag. 12.) No Index de 1581 cita-se como prohibidas: «*Cento novelle scelte* da piu nobili scriptori de la lengua vulgari, con la junta di Cento altre novelle.» (Fl. 17, *v*.) E adiante: «*Facecia e motti e burle* raccolti per M. Ludovico Domenico, e Guiejardin» (Fl. 19.) «*Pecorone*, di Messer Jovani Fiorentino.» (Fl. 21, *v*.) No Index de 1597 vêm prohibidos o *Cymbalum mundi* (fl. 29) de Bonaventure des Perriers, já citado no Index de 1564, e as *Gesta Romanorum*. As *Notte piaccevoli* de Straparola foram conhecidas em Portugal, como se infere de algumas novellas de Trancoso, que traduziu o conto de Griselidis do folheto italiano, sem data, *La Novella di Gualtieri*, traduzida da redacção portugueza por Timoneda no seu *Patrañuelo*.

A comprovação de um vasto campo de tradições populares no seculo XVI, explica-nos o apparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, auctor dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, para o qual fômos o primeiro que chamou a attenção dos criticos europeus. A collecção de

Trancoso, tambem conhecida com o titulo de *Contos proveitosos*, compõe-se de vinte e nove contos, derivados em grande parte de fontes tradicionaes, alguns de proveniencia popular, como o provamos em notas adiante, outros de obras eruditas. Apesar de se acharem diluidos em divagações moraes, que embaraçam as narrativas, e não obstante o estylo forçado, são importantes para alargarem a área dos estudos comparativos da Novellistica. Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso; era natural da provincia da Beira, tomando o appellido da localidade do seu nascimento; veiu exercer para Lisboa a profissão de mestre de humanidades, isto é, latim e rhetorica, em um tempo em que estas disciplinas não era privilegio exclusivo dos Jesuitas (1555). Nos seus contos refere-se: «Ao glorioso S. Pedro, *cujo freguez sou*»; d'onde se deduz que vivia na freguezia de Alfama. A data em que começou a escrever os seus Contos fixamol-a em 1544, segundo esta referencia a uma armadilha de jogo: «e elle levava comsigo duzentos e vinte *reales de prata, que era isto o anno de 1544, que havia quasi tudo reales*.»[23] No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, allude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por vêr que soube escolher, lhe deu um *real* em dois meios, *como ora costumam*.»[24] E tambem: «metteu *real* e meio na mão.»[25] Estas referencias fixam irrevogavelmente a epoca em que Trancoso escrevia.

Uma das circumstancias que levaram Trancoso a proseguir na continuação dos seus Contos, foi o terror que espalhou a

chamada *Peste grande* de Lisboa, em 1569, circumstancia que lembra a peste de Florença que determinou Boccacio á composição do *Decameron*. No conto IX da segunda parte, declara Trancoso este motivo: «Assi o exemplo d'este marquez, *os que este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove*, a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforçaremos e não nos entristeçamos tanto, que caiamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando oceasião a nossa morte.»[26] D'esta peste, que ainda hoje se conhece entre o povo como uma data historica, a *Peste grande*, subsiste uma reminiscencia na chamada *Procissão da Saude*, que se faz em Lisboa. Inspirado pelo fervor religioso, que succedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opusculo das *Festas mudaveis*, dedicado ao Arcebispo de Lisboa. A redaccão dos Contos ficou suspensa, desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mez trinta historias, as ditas para desenfadamento…» A perda de quasi toda a sua familia, mulher, filhos e a falta de lições, obrigaram-o durante a tremenda crise a esses exercicios de desenfado, para se não deixar cahir em desfallecimento.

Na primeira edição dos Contos proveitosos, de 1575, de que conhecemos um exemplar unico, ignorado dos bibliographos, vem uma *Carta á Rainha D. Catharina*, regente de Portugal e viuva de D. João III, onde se descreve o desastre da Peste grande; n'essa Carta narra Trancoso, que lhe morrera em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e um outro filho

que era menino do côro. Sob o peso da sua desgraça é que foi escrevendo os Contos; pela Carta á Rainha infere-se que Trancoso casára pouco antes de 1544; as suas relações com a Rainha, extremamente severa, dão-nos o sentido da allusão á morte do principe D. João, pae de D. Sebastião, e por ventura auctorisam a crêr que Trancoso fôra mestre de lêr no paço.

A determinação de alguns paradigmas de Trancoso, e o confronto com contos populares ainda existentes, prova-nos que elle se apropriou dos themas tradicionaes mais correntes na litteratura do seu tempo.[27] A collecção de Trancoso compõe-se de trez partes, que ficaram interrompidas pela morte do auctor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, talvez impressa separadamente, em vista de uma edição desconhecida citada por Brunet; a segunda parte redigida em 1569 imprimiu-se em 1575, reimprimindo-se ainda em vida de Trancoso em 1585; a terceira parte, não continuada, appareceu depois da morte do auctor, publicada por seu filho Antonio Fernandes em 1596. Por uma edição que possuimos, do meado do seculo XVII conhecem-se as relações litterarias de Trancoso com o poeta Luiz Brochado, o auctor das *Trovas do Moleyro*. Os Contos tiveram numerosas edições nos seculos XVII e XVIII, e foram immensamente apreciados pelo povo, apparecendo citados proverbialmente nas comedias de cordel e em Filinto Elysio. Quando outras leituras se apoderaram do gosto do nosso povo, é que os Contos de Trancoso deixaram de reimprimir-se.

A inspiração tradicional que levantou a epoca dos Quinhentistas, ainda se continuou no seculo XVII nos excellentes poetas D. Francisco Manuel de Mello, e Rodrigues Lobo. Nas suas *Cartas*, escreve D. Francisco Manuel: «E cuida que virey a ser aquella:

Dona atrevida,
Doce na morte
E agra na vida,

que nos contam quando pequenos.»[28] Este conto ainda vive na tradição popular portugueza. Nos seus *Relogios fallantes* refere-se ao conto de *Pedro de Malas-Artes*. Nos *Apologos dialogaes* allude: «ou como a *historia do Salsinha*, em que não haveis de dizer sim nem não…»[29] Ainda existe este typo de conto, em que se não diz *sim* nem *não*, ou a que se accrescenta sempre *e eu tambem*. Na mesma obra refere-se ás trovas de *Maria Castanha*, (p. 341) que encontrámos já no começo do seculo XVI citadas no romance piccaresco hespanhol da *Lozana andaluza* (p. 192). Na *Feira d'Anexins* cita D. Francisco Manoel os *Contos da Carochinha*: «— Espere; contar-lhe-hei uma historia. — A da *Carochinha?* — Não! buscára outra mais cara, que essa é muito barata? — Pois digo-lhe que ainda com a carocha, *é esta historia o feitiço das crianças*.» (Op. cit., p. 8.) Nas outras suas obras metricas tem este poeta muitas fabulas dispersas, que nos explicam a superioridade artistica pela sua intuição tradicional.[30]

No seculo XVII o Conto recebia em Portugal duas poderosas influencias; Francisco Rodrigues Lobo, na *Côrte na Aldeia* procurava submettel-o ás regras litterarias, discriminando os seus generos e estabelecendo o modo de narral-o; por outro lado Saraiva de Sousa, no *Baculo pastoral*, o padre Manoel Bernardes na *Floresta e Estimulo pratico* limitam o Conto no destino ascetico, e Vieira na intenção moral.

No dialogo X da *Côrte na Aldeia*, traz Rodrigues Lobo a *Historia dos amores de Aléramo e Adelasia*, da qual diz um dos seus interlocutores: «poderá servir — no modo como se devem contar outras semelhantes, com boa discrição das pessoas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos e logares, e uma pratica por parte de alguma das figuras, que mova mais a compaixão e piedade, que isto faz dobrar depois a alegria do bom successo. — Esta differença me parece que se deve fazer dos *Contos* para as *Historias*, que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior logar ao ornamento e concerto de rasões, levando-as de maneira que vão aperfeiçoando o desejo dos ouvintes, e os *Contos* não querem tanto de rhetorica, porque o principal em que consistem é na graça do que falla, e na que tem de seu a coisa que se conta.» Em applicação d'estas regras apresenta a *Historia dos amores de Manfredo e Eurice*, á imitação dos novellistas italianos, com divagações de estylo rhetorico, para confrontal-as com as narrativas populares «com mais *bordões* e moletas do que tem uma casa de romaria, porque me não escapam *termos das velhas*, nem remendos de

descuidados, que lhe não misture.» Em seguida exemplifica o processo com uma *Historia contada com o erro do costume dos ignorantes*:

«Dizem que era um rey; vem este rey casou por amores com a filha de um seu vassallo; era ella tão fermosa, que podia por sua belleza ser confiada, pois por essa alcançara o ser rainha; mas sem lhe valerem esses privilegios, deu em tão ciosa, que bem á mão, não dava o marido um passo que ella não acompanhasse com as suspeitas; assim que apertavam estas tanto com ella, que jámais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, e por vencer esta desconfiança, vai e manda secretamente chamar uma feiticeira, que n'aquella terra havia, de muita fama, em cujo engano achavam os namorados huma botica de remedios para seus males. Assim que dizia esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, meteu em cabeça á boa rainha ciosa, que o marido amava com grande extremo a uma criada sua, que ella pintou logo a mais galante, airosa, galharda e bem assombrada, que havia no paço. Quando ella aquillo ouviu, ficou (guarde-nos Deus) como uma mulher transportada e sem sangue; por maneira que prometteu áquella feiticeira que lhe faria e aconteceria se a desaffeiçoasse ao rey d'aquelles amores e empregasse n'ella todos os seus: a outra, que não queria mais que aquillo, vêde vós como ficaria contente, vem e promette á rainha que lhe daria tres aguas conficionadas, de tal maneira que huma, tanto que el rey a provasse, bebesse logo os ventos por ella, e lhe quizesse mais que o lume dos olhos

com que a via; a outra, que em a rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extremo da formosura, que havia no mundo; a terceira, que tanto que a dama a bebesse, a desfigurasse de maneira que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eram ditas, a rainha lhe deu muitos haveres e fez grandes mercês e promessas, que muito facil é de enganar a que deseja aquillo com que lhe mentem. Vai a feiticeira d'ali a poucos dias, e traz aquellas aguas conficionadas, encarecendo muito a virtude e segredo d'ellas; mas ou porque lhe errou a tempera ou porque todas se resolvem n'estas boas obras, a mudança que ella queria houvesse na vontade e nos pareceres, lhe houverão de fazer na vida, que a peçonha, que é sempre material dos seus unguentos, penetrou de maneira, que os teve a todos tres em passamento, e a bem livrar ficaram d'ahi a poucos dias sem juizo. Inda bem a feiticeira não soube o damno que fizera, e que por não trazer a mão certa n'aquelles adubos podia vir a estado de a porem na da justiça, desappareceu. Eis senão quando, se ajuntam todos os medicos eminentes que havia no reino, e depois de muitos mezes de cura (olhay vós quantas se fariam a taes pessoas) foram pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimento; e com a força do mal lhes cahiu a todos o cabello da cabeça, sem lhes ficar um só. E não foi tão ruim o partido, como era ter cabeça sem elle quem antes o trazia sem ella. Tornando ao meu proposito, tanto que a rainha se viu desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas ao amor, confessou seu erro, a criada sua innocencia, e o rei sua desgraça; d'ali em diante, conformando-se com o

exemplo d'aquelle successo, fizeram vida sem ciumes, que d'elles e de casamentos por amores não escapam senão com as mãos nos cabellos, ou com elles pelados.»[31]

Rodrigues Lobo continua definindo os differentes generos de Contos: «A noite… se tocou n'esta conversação o modo que havia de ter o discreto em contar uma historia, fugindo muitos vicios e bordões que os nescios tem n'ellas introduzidos, e como em dependencia d'esta materia, se fallou nos *contos gallantes*, que tem d'ellas muyto grande differença: pois ellas não consistem mais, que em dizer com breves e boas palavras uma cousa succedida graciosamente. São estes Contos de trez maneiras. Huns fundados em descuidos e desatentos, outros em mera ignorancia, outros em engano e subtileza. Os primeiros e segundos têm mais graça e provocam mais o riso, e constam de menos razões, porque sómente se conta o caso, dizendo o cortezão com graça propria os erros alheios. Os terceiros soffrem mais palavras, porque deve o que conta referir o como se houve o discreto com o outro que o era menos, ou que na occasião ficou mais enganado.» «Além d'estas tres ordens de contos, de que tenho fallado, ha outros muito graciosos e galantes, que por serem de descuido de pessoas, em que havia em todas as cousas de haver maior cuidado, nem são dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplos; a geral é que o desatento, ou ignorancia, d'onde menos se espera tem maior graça. Atraz dos Contos graciosos se seguem outros de subtileza, como são furtos, enganos de guerra, outros de medos; fantasmas, esforço, liberdade,

desprezo, largueza e outras semelhantes, que obrigam mais a espanto que a alegria; e postoque se devem todos contar com o mesmo termo e linguagem, se devem n'elles usar palavras mais graves que risonhas.» «Os Contos e Ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para elles, senão que cahirão bem e betaram com a côr da seda ou do panno sobre que os puzeram; porque ha alguns que querem trazer o seu Conto a remo quando lhe não dão vento os com que pratica, e ainda que com outras cousas lhe cortem o fio, torna a tea e o faz comer requentado; tirando-lhe o gosto e graça que podia ter se caira a caso e proposito, que é quando se falla na materia de que elle trata, ou quando se contou outro semelhante. Assim convem muita advertencia e decoro para os dizer, outra maior se requere para os ouvir, porque ha muitos tão soffregos do Conto, ou Dito que sabem, que em o ouvindo começar a outrem ou se lhe adiantam, ou o vão ajudando a versos como se fora psalmo, o que a mim me parece notavel erro…» «tambem eu não sou de opinião, que se um homem souber muitos Contos ou Ditos de uma mesma materia que se fallou, que os traga todos ao terreiro como jogador que levou rifa de um metal, mas que deixe lugar aos outros, e que não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só comsigo.» Rodrigues Lobo conhecia a collecçao hespanhola de Timoneda, *El sobremesa e Alivio de Caminantes* (1576), que tomava por typo:

«Antes me parecia a mim, que assim dos *Contos galantes*, *Ditos engraçados* e *Apodos risonhos*, se ordenasse que em uma d'estas noites, tomando um proposito, cada um contasse a elle o seu Conto, e dissesse o seu Dito: e seria um modo extremado para se tirar outro novo *Alivio de Caminantes*, com melhor traça que o primeiro.»[32] Na tradição popular portugueza temos encontrado contos que apparecem no *Alivio de Caminantes*, taes como: *A mulher afogada* que o marido busca indo contra a corrente do rio (n.º 1); *Tudo andaremos* (n.º 33); *Não lhe dar com o tom* (n.º 37); as *Orelhas do abbade* (n.º 51); *Para quem canta o cuco?* (n.º. 57); e o *Cego que recobra o seu thesouro* (n.º 49).

Nos Sermonarios e Livros asceticos do seculo XVII tão rhetorico nos paizes catholicos, é que os Contos receberam uma exclusiva intenção moral, continuando os Thesouros de Exemplos, dos prégadoras da Edade media. O livro de Francisco Saraiva de Sousa, *Baculo Pastoral*, é um apanhado de todas essas collecções predicaveis; ahi se encontra o conto do principe castigado pelo mestre nos seus doze condiscipulos, que por certo não veiu do Novellino (n.º XLVIII.) No *Estimulo pratico* do padre Manuel PAGESEPARATOR Bernardes, vem o conto dos tres cegos, que conversam entre si, imitando um pouco o estylo popular. Nos prologos em verso das comedias de Simão Machado acham-se pequenos Contos tirados da tradição classica e erudita.

Apesar da profunda decadencia da Litteratura portugueza no seculo XVIII pela inintelligencia dos escriptores pelo elemento tradicional, os Contos de Trancoso continuaram a ser lidos com soffreguidão, e alguns poetas, como Filinto e Nicoláo Tolentino alludem ao grande interesse que ainda tinham os Contos populares. Na Comedia de cordel *Incisão do Peraltice* acham-se citados os Contos de Trancoso, e mesmo no *Folheto de ambas Lisboas*, n.º 25: «O dote d'ella consta de memorias, sem serem dos dedos, mas sim de *Contos de Trancoso*…» E Filinto Elysio, nas notas da sua traducção de Lafontaine, tambem repete: «Conta de in illo tempore: Como os *Contos de Trancoso*, do tempo de nossos avoengos.»[33] Este poeta ultra-classico, pela sua origem plebêa, conservava certas reminiscencias tradicionaes; assim allude a varios contos: «*João Ratão e a Princesa Doninha*… Sem contar outras personagens, que não é muito que me esqueçam (por mais doutrinaes que sejam) contos que ouvi contar ha mais de setenta e dois annos!»[34] «Contem-me *Pelle de Asno*… conto em França tão conhecido como entre nós o das *Tres Cidras do Amor*.»[35]Filinto, nas notas dispersas pelas suas Obras, á maneira de uns Tischreden, ou cavacos á mesa, faz allusões importantes á novellistica e litteratura popular: «Com o titulo da *Gata Borralheira* contava minha mãe a historia da *Cendrilhon*. E nunca minha mãe soube francez.»[36] A mãe de Filinto tinha sido uma tricana de Aveiro; pelas passagens supracitadas, vê-se que Trancoso era ainda bastante lido pelos nossos avoengos, como o confirmam as edições das

Historias proveitosas, de 1710, 1722, 1734 e 1764. O gosto popular foi desviado por novas leituras, mas a predilecção do conto oral conservou-se mesmo nas classes aristocraticas em Portugal; diz Nicoláo Tolentino, alludindo aos Contos de fadas que contava á Marqueza de Alegrete:

Quando eu a teus pés contava,
Mentiroso historiador,
Ora a do *Caixão de vidro*,
Ora a das *Cidras do Amor*.

Quando os mesmos tenros annos
A tua filha contar,
Todos os dias virei
Meu officio exercitar.[37]

Em outras passagens dos seus versos allude a esta predilecção familiar:

Contando *historias de Fadas*
Em horas que o pae não vem,
E c'o as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas.
(Ib., p. 262.)

São divertimento inutil,
São as *historias de fadas*
(Ib., p. 122.)

O conto não foi desprezado pela litteratura ascetica do seculo XVIII, que se apropriou de elementos de erudição; o Padre Manoel Consciencia, na *Academia universal de varia erudição*, traz o conto dos ladrões que foram ao Thesouro de Rampsinito, narrado por Herodoto. Encontrámol-o na tradição oral açoriana, em que um rei manda escutar pelas portas para descobrir onde se chora e assim descobrir-se a familia do morto. Ouviu-se chorar em uma casa, bateram á porta, e n'isto um dos filhos, que estava desmanchando um porco, deu com um machado n'um pé, e assim se encobriu o motivo verdadeiro por que se chorava. Na *Hora de Recreyo* do Padre João Baptista de Castro vem alguns contos tradicionaes, que já apparecem em collecções anteriores, como o da *Quarta de leite* (p. 29), a *Velha que dá o que tem á filha* (p. 81), o *Cego e o moço comendo uvas* (p. 123), o *Estudante que furta a roupa do transeunte* (p. 130), e o conto decameronico do *Marido que confessa a mulher* (p. 16). O conto do estudante que se substitue ao burro que vae á feira, e do qual se originou o adagio *Quem não te conhecer que te compre*, já contado pelo Bluteau, acha-se outra vez narrado na *Hora de Recreyo* (vol. II, p. 13).

No periodo do Romantismo, em que as Litteraturas modernas se aproximaram das suas fontes tradicionaes, tambem Garrett e Herculano sentiram a necessidade de imprimir uma feição nacional á litteratura portugueza; Herculano romantisou o conto da *Dama Pé de Cabra* nas suas *Lendas e Narrativas*, e Garrett metrificou a lenda de *Gaia*, do Nobiliario. Mais tarde Mendes Leal fez uma

especie de magica fiabesca das *Tres Cidras do Amor*, com toda a inintelligencia do ultra-romantico. Era preciso fazer a transição da emoção artistica para a critica consciente; esta phase do Romantismo europeu só veiu a operar-se muito tarde em Portugal, quando a Historia litteraria recebeu um espirito philosophico, e o corpo das tradições poeticas foi explorado com intuito scientifico. No ultimo quartel do seculo XIX o Conto popular continuou a receber fórma litteraria;[38] prevaleceu, porém, a direcção scientifica, havendo já numerosas collecções em que se vão archivando as tradições portuguezas, symptoma auspicioso de uma revivescencia da nacionalidade.[39]

1. ↑ Ed. Pidal, t. I, pag. 115.
2. ↑ Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, p. 469.
3. ↑ *Canc. de Baena*, ed. Pidal, I, 118.
4. ↑ *Livre des Legendes*, p. 167.
5. ↑ Obras, t. III, p. 101.
6. ↑ *Folk-lore andaluz*, p. 126; R. Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 196.
7. ↑ *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, n.º 455.
8. ↑ *Orto do Esposo*, fl. 73, v.
9. ↑ Op. cit., ed. de Paris, p. 148.
10. ↑ *Leal Conselheiro*, p. 81.
11. ↑ Ibidem, p. 7.
12. ↑ Op. cit., p. 192.
13. ↑ *Antiquités de Russie*, p. 151.

14. ↑ Ticknor, *Hist. da Litteratura hesp.*, t. III, p. 25, not. 38.
15. ↑ *Obras*, t. II, p. 287.
16. ↑ *Obras*, p. 104. Ed. 1804.
17. ↑ *Autos*, p. 426.
18. ↑ P. Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 627.
19. ↑ *Poesias e Prosas*, p. 103.
20. ↑ Op., fl. 14 e 32.
21. ↑ *Poesias e Prosas*, p. 103.
22. ↑ Os contos de Trancoso tornaram-se typos do genero: «Finalmente para prova do que tem dito, conta dois *casos, que me parecem de Trancoso*.» Frei Arsenio da Piedade, *Reflex. apologeticas*, p. 34.
23. ↑ *Contos*, p. 153, ed. 1642.
24. ↑ Ibidem, p. 46.
25. ↑ Ibidem, p. 247.
26. ↑ Ibidem, p. 208.
27. ↑ Vid. um estudo comparativo do conto XV, da Parte I, na *Harpa*, e na *Revista de Ethnologia e de Glottologia*.
28. ↑ *Cartas*, p. 671 (1649). Aqui tambem allude ao conto dos Frangãos e do Milhafre (p. 215).
29. ↑ Op. cit., p. 260.
30. ↑ Traz o anexim: *Cantar mal e porfiar*, derivado da fabula do corvo querendo cantar com a philomela, do *Dialogus criaturaram*, de Nicoláo de Pergamo. (Ap. Du-Méril, *Hist. de la Fable*, p. 152, nota.)
31. ↑ Ibid., pag. 146.
32. ↑ *Côrte na Aldêa*, Dialogo XI.
33. ↑ Op. cit., p. 444.

34. ↑ Ibid., p. 516.
35. ↑ *Obras*, p. 324.
36. ↑ Ibid., t. III, p. 60. Por este texto se vê a verdade da nossa interpretação do texto de Jorge Ferreira.
37. ↑ *Obras* de Nicoláo Tolentino, p. 93. Ed. Castro Irmão.
38. ↑ Ramalho Ortigão, nas suas *Farpas*, traz o conto do *Manto do Rei*, por ventura conhecido pela collecção de Andersen, mas já desde o seculo XIV vulgarisado na Peninsula pelo *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel. Em um outro numero das *Farpas*, traz o conto do lazarento que não quer que lhe enxotem as moscas; este conto é de Esopo (coll. do Planudes) e Josepho cita-o nas *Antiguidades judaicas* (Livro XVIII, cap. 8) em nome de Trajano.
39. ↑ Bibliographia dos Contos populares portuguezes:

1. *Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonsalo Fernandes Trancoso. Lisboa, Antonio Alvares, 1575. 1 vol.2.

2. *Lendas, Tradições e Contos populares portuguezes do seculo* XII a XIX. 1871. (Annunciado, e só publicado em 1883.)

3. *Contos populares portuguezes*, colligidos por F. A. Coelho. Lisboa, 1879. 1 vol.

4. *Portuguese Folk-Tales*, collected by Consiglieri Pedroso, and translated from original Ms. by Miss Henriqueta Monteiro, with an Introduction by W. R. S. Raslton. London, 1882. 1 vol.

Contos tradicionaes do povo portuguez, com uma Introducção e Notas comparativas, por Theophilo

Braga. Porto, 1883. 2 vol. (Vid. n.º 2; mais tarde publicaremos as *Lendas portuguezas*.)

5. *Contos populares do Algarve*, colligidos por Reis Damaso. (Annunciado nas Scenographias.)

6. *Contos populares portuguezes*, colligidos por Leite de Vasconcellos. (Annunciado nas Tradições populares.)

7. *Contos de velhos e crianças*, colligidos por Joaquim de Araujo. (Annunciado na Renascença.)

8. *Contos populares portuguezes*, colligidos por Consiglieri Pedroso.(Ineditos.)

9. *Contos nacionaes para crianças*, por F. A. Coelho. Porto, 1883, 1 vol.

10. *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, colligido por Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal, 1881. (Traz contos metrificados.)

126. O REY LEIR

Quando foi morto rey Balduc o voador reynou seu filho que ouve nome Leyr. E este rey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amavaas muito. E huum dia ouve sas razoões com ellas e disselhes — Que lhe dissessem verdade quall dellas o amava mais. Disse a mayor — Que nom avia cousa no mundo que tanto amasse como elle. E disse a outra — Que o amava tanto como ssy meesma. E disse a terçeira, que era a meor — Que o amava tanto como déve d'amar filha a padre.

E elle quislhe mall por em, e por esto nom lhe quis dar parte no reyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rey de Testia; e nom curou da meor. Mas ella por sa ventuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe filharomlhe seus gemrros a terra e foy malladamte, e ouve a tornar aa merçee delrey de França e de sa filha a meor a que nom quiz dar parte do rreyno. E elles reçeberomno muy bem e deromlhe todas as cousas que lhe forom mester e honrraromno mentre foy uiuo; e morreu em seu poder. E depois se combateo elrrey de França com ambos os cunhados de ssa molher e tolheolhes as terras.

(Port. Mon. historica (Scriptores), *Livros de Linhagens*, p. 238.)

Notas

126. **O rey Leir**. — A tradição do rei Lear acha-se na Chronica bretã de Geoffroy de Montmouth, e no *Roman de Brut*, de Robert Wace. Gubernatis acha nas lendas indianas de Dirghatamas e Yayati, do *Mahabaratha*, «um primeiro esboço do rei Lear.» *(Myth. zoolog.*, t. I, p. 93.) A lenda está hoje universalisada na tragedia de Shakespeare. Sob o n.º 50 vem uma versão oral.

127. A DAMA PÉ DE CABRA

Dom Diego Lopez era muy boo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atemdendo quando verria o porco ouvyo cantar muyta alta voz huma molher em çima de huma pena: e el foy pera lá e vio seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse logo della muy fortemente e pergumtoulhe quem era: e ella lhe disse que era huma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher dalto linhagem que casaria com ella se ella quisesse, ca elle era senhor d'aquella terra toda: e ella lhe disse que o faria se lhe prometesse que nunca sse santificasse, e elle lho outorgou, e ella foisse logo com elle. E esta dona era muy fermosa, e muy bem feita em todo seu corpo salvando que avia hum pee forcado como pee de cabra. E viverom gram tempo e ouverom dous filhos, e hum ouve nome Enheguez Guerra e a outra foy molher e ouve nome dona

E quando comiam de suum, dom Diego Lopez e sa molher assentava ell a par de sy o filho, e ella assentava a par de ssy a filha da outra parte. E huum dia foy elle a seu monte e matou hum porco muy grande e trouxeo pera sa casa, e poseo ante ssy hu sia comendo com ssa molher e com seus filhos: e lançaram hum osso da mesa e veerom a pellejar huum alaão e huma podenga sobrelle em tall maneyra que a podenga travou ao alaão em a garganta e matouo. E dom Diego quando esto vyo teveo por millagre e synousse e disse — Santa Maria vall, quem viu nunca tall cousa! E ssa molher quando o vyo assy sinar lamçou maão na filha e no

filho, e dom Diego Lopez travou do filho e nom lho quiz leixar filhar: e ella rrecudio com a filha por huuma freesta do paaço e foysse pera as montanhas em guisa que a nom virom mais nem a filha.

Depois a cabo de tempo foy este dom Diego Lopez a fazer mall aos mouros, e premderomno e levaromno pera Tolledo preso. E a seu filho Enheguez Guerra pesava muito de ssa prisom, e veo a fallar com os da terra per que maneyra o poderiam aver fóra da prisom. E elles disseram que nom sabiam maneyra porque o podessem aver, salvando sse fosse aas montanhas e achasse ssa madre, e que ella lhe daria como o tirasse. E ell foy alaá soo, em çima de seu cavallo, e achoua em çima de uma peña: e ella lhe disse: «Filho Enheguez Guerra, vem a mym ca bem sey eu ao que veens. E ell foy pera ella e ella lhe disse: «Veens a preguntar como tirarás teu padre de prisom.»

Entom chamou hum cavallo que andava solto pello monte que avia nome Pardallo e chamouo per seu nome: e ella meteo hum freo ao cavallo que tiinha, e disse-lhe que nom fezesse força pollo dessellar, nem pollo desenfrear nem por lhe dar de comer nem de bever nem de ferrar: e disselhe que este cavallo lhe duraria em toda sa vida, e que nunca entraria em lide que nom vemçesse delle. E disselhe que cavalgasse com elle e que o poria em Tolledo ante a porta hu jazia seu padre logo em esse dia, e que ante a porta hu o cavallo o posesse que alli deçesse e que acharia seu padre estar em hum corral e que o filhasse pella maão e fezesse

que queria fallar com elle, que o fosse tirando contra a porta hu estava o cavallo e que desque alli fosse que cavalgasse em o cavallo e que pozesse seu padre ante ssy e que ante noite seria em sa terra com seu padre: e assy foy.

(Livros de Linhagens, p. 258.)

Notas

127. **A dama pé de cabra**. — Na *Chaine traditionelle*, p. 156, Hyacinthe Husson traz uma tradição analoga das ilhas Celebes. O episodio da ida de Enheguez Guerra libertar o pae acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. XIV, p. 37 (ed. Janet). O cavallo-fada acha-se nas *Nuits facetieuses*, de Straparola, III, fab. 2. Parece-nos que este mesmo fundo tradicional subsiste no romance popular da *Infantina*.

128. A MORTE SEM MEREÇIMENTO

Acomteçeo gram cajam a D. Fernam Rodriguez, porque huma covilheira de ssa molher dona Estevainha fazia mall com hum peom, e hia cada dia ao seraão a ell a hum pomar dêsque se deitava ssa senhora, e levava cada dia o pelote de ssa senhora vestido: e dom Fernam Rodriguez nom era entom hi, e dous escudeiros seus que hi ficarom viromnos humas tres noites ou quatro, e como entrava o peom a ella per çima de um çarrudo do pomar a fazer mall sa fuzenda ssô huuma arvor. E quando chegou dom Fernam Rodriguez espediromselhe os escudeiros e foromsse, e tornaram a elle outro dia e contaromlhe esta maneyra dizendo que ssa molher fazia tall feito e que a virom assi humas tres noites ou quatro e disserom que se fosse dalli e que lho fariam veer. E elle foysse e tornou hi de noute a furto com elles aaquelle lugar hu elles soyam a estar: e a cabo de pouco virom viir a covilheyra pera aquelle lugar meesmo e trazia vestido o pellote de ssa senhora bem como soya; e dom Fernam Rodriguez foy pera lá quanto pode e trauou no peom, e em quanto o matava fugiu ella pera casa e colheusse sô o leyto hu sa senhora jazia dormindo com seu filho dom Pero Fernandes nos braços. E desque Fernam Rodriguez matou o peom emderemçou pera o leito hu jazia sa molher dormindo com seu filho e chamtou o cuytello em ella e matoua, e desque a matou pidiu lume, e quando a achou jazer em camisa e seu filho apar de ssy maravilhousse e catou toda a casa e achou a aleyvosa da covilheira com o pellote vestido de ssa senhora sô o leito, e

preguntoulhe porque fizera tall feito, e ella lhe disse que fizera como máa e elle mandoua matar e queymar por aleyvosa: e ficou com gram pesar d'este cajam que lhe acontecera e bem quisera sa morte.

(*Os Livros de Linhagens*, p. 266. Ed. cit.)

Notas

128. **A morte sem merecimento**. — Contaram-nos que este thema era objecto de um romance metrificado, que nunca encontramos na tradição popular. Sobre o mesmo assumpto existe uma tragedia de Lope de Vega.

129. A LINHAGEM DOS MARINHOS

Foi hum cavalleiro boo que ouue nome dom Froyam, e era caçador e monteiro. E andando huum dia em seu cavallo per rriba do mar a seu monte achou huma molher marinha jazer dormindo na rribeira. E hiam com elle tres escudeiros seus, e ella quando os semtio quisesse acolher ao mar, e elles forom tanto em pós ella ataa que a filharom ante que sse acolhesse ao mar; e depois que a filhou aaquelles que a tomarom fea poer em huuma besta e levoua pera sa casa. E ella era muy fermosa, e el fea bautizar, que lhe nom caia tanto nome nenhum como Marinha porque saira do mar, e assy lhe pos nome e chamaromlhe dona Marinha: e ouve della seus filhos, dos quaaes ouve hum que ouve nome Joham Froyaz Marinho. E esta dona Mariqha nom fallava nemygalha. Dom Froyam amavaa muyto e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer fallar. E huum dia mandou fazer muy gram fogueyra em seu paaço, e ella viinha de fóra e tragia aquelle seu filho comsigo que amava tanto como seu coraçom, e dom Froyam foi filhar aquelle filho seu e della e fez que o queria enviar ao fogo; e ella com rayva do filho esforçou de braadar e com o braado deitou pella boca huuma peça de carne, e dalli em diante fallou. E dom Froyam rreçebeoa por molher e casou com ella.

(*Os Livros de Linhagens*, p. 383.)

Notas

129. **A linhagem dos marinhos**. — Pertence ao cyclo das lendas heraldicas; o typo da mulher muda ainda persiste nas tradições populares. Vide a *Muda Mudella*, n.º 18.

130. EXEMPLO DO PHILOSOPHO

E destes taaes (sc. um philosopho) diz hum exemplo e põoe semelhãça de huma arvor que estava rreygada em huma pouca terra em meo de huma grande augua, e era bem basta de rrama e bem carregada de pomas. E em cima della estava um homem deleitandose muito em tomar ora de humas ora doutras. E em no pee darvor rroyam dous vermens, hum branco e outro preto e tiinhãlhe rroyda a rraiz pera cando daryã com ella em terra. E a huma parte estava hum lyom bravo cõ a gargãta aberta, tendo mentes quando el cayria, pera o arrebatar e comello. E a outra parte estava hum alicornyo muy espantoso, aguardando quando cayria a arvore, pollo debrotir e lastimar. E o mizquinho do homem tãto se deleitava em as pomas que nom parava mentes que nemhumas destas cousas nem curava dello.

Esta arvor senifica este mundo em que se o homem deleyta, tanto que lhe esqueece o feito de sua alma e nõ se nembra da hora da morte. E a terra sinifica a vida do homem que he breve e pouca, e que nom avera em que se asconda. A agua sinifica o medo e o grande espanto que o homem averá em a hora da morte. E os vermens, hum branco e outro preto, sinifica o dia e a noite que rroe em na vida do homem e lhe tolhem cada dia huma jornada. E o leom senifica o inferno, e o olicornio sinifica o purgatorio que está prestes com fogo e cõ fryo e com graves tormẽtos pera os homẽs pera sempre.

(Ms. de Alcobaça, n.º 266, fl. 145, *v*. (Na Bib. publica.) Mr. J. Cornu fez d'elle varios extractos na *Romania*, XI, publicando-os depois sob o titulo *Anciens textes portugais*.)

Notas

130. **Exemplo do philosopho**. — No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum, cap. 137), tem o sentido allegorico. Vem como apologo na *Historia de Barlaam e Josaphat*, a qual tambem foi traduzida em portuguez no seculo XIV e se acha na Torre do Tombo. A extensão de este apologo na Edade media foi vastissima; Jubinal publicou uma redacção do seculo XIII no *Nouveau Recueil de Fabliaux*, t. II, p. 113; e em inglez ha uma redacção do seculo XII de Odo de Ceriton; acha-se na *Legenda Aurea*, de Voragine, e no *Speculum Historiale*, de Vicent de Beauvais, e na *Vies des Péres*. Mone, publicando um texto latino, «aproxima este apologo vindo da Asia com a tradição scandinava da arvore sagrada, o carvalho Yggdrasil, cuja cima toca no céo e cuja raiz é continuamente roida por Nidhogger, a serpente infernal.» (*Violier*, p. 389, nota.) Esta mesma tradição acha-se nos preliminares da traducção pehlvi de *Calita et Dimna*, do

começo do seculo VI, nas traducções arabe, hebraica e grega, e no *Directorium humanae vitae*.

131. EXEMPLO DOS TREZ AMIGOS

E desto põoe a Escriptura hum exemplo hu conta de hum homem que tiinha trez amigos, hum amava mais que sy, e outro tãto como sy, e ó outro menos que sy. E este homem foy chamado a juizo perante el rrey. E ell temendosse de morte, chegou ao primeiro amigo que amava mais que sy e diselhe que se fosse com ell ante el rrey. E ell disse que nom ousava de hir ante ell rrey, mas pois, se ell temia de morte, que lhe baratarya cinquo varas de pano que levasse ante os olhos. E des y chegou ao segundo amigo que amava tanto como sy e disse lhe que lhe acorresse e que lhe fosse boo, que nom avya em ell se nom morte. E ell diselhe que pois hy al nõ avya, que irya com ell ataa porta. E des y tornousse ao terceiro de que avia vergonça por que o amava tam pouco e disselhe que lhe accorresse, que nom avia em el vida. E ell estbrçouo e disselhe que nom ouvesse medo: que ell yria com ell ante ell rrey e rrogarya por ell que ouvesse dell mercee. E por esso diz o sabedor: «O boo amigo nõ fallece aa coyta.»

E este homem sinyfica cada hum daquelles que vivem em este mundo. E estes tres amigos, hum delles he a rryqueza que o homem ama mais que sy, aventurando a alma e o corpo a grandes perigos pollas ajuntar, e quãdo vem a hora da morte, leyxaas com grande dolor, e vaasse dellas desejoso que non leva dellas senõ hum pouco de pano em que o envolvem. E por esto diz o sabedor: «Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» O segundo amigo he a

molher e os filhos que o homem ama tãto como sy, e quando vem a hora da morte dõoesse delle, mas polla falha que lhe fara e por a pena que el avera por quanto a ca trabalhou pollos manter, des y vãa com ell ataa cova, e non curam del mais. E por esso diz Job: «Os vermens sõ aly os seus irmãoos.» E o terceiro amigo he misericordia que o homem ama muy pouco em quanto vive, en pero aa hora da morte, aparece com elle aquelle bem que faz ante Deus pollo esforçar e pollo tirar do inferno e por lhe gançar coroa de vida.

(Ms. da Livraria de Alcobaça n.º 266, fl. 147 e 148. Do seculo XIV. Na Bibl. publica de Lisboa. Vid J. Cornu, *Vieux Textes portugais*, p. 28.)

Notas

131. **Exemplo dos tres amigos**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, cap. XXXVII, fl. 104, porém mais desenvolvido. Nas *Gesta Romanorum* (traducção franceza, *Violier*, p. 297) traz o titulo *De la vraye probation d'amytié*. Citam-se nas notas muitas fontes tradicionaes, entre outras o *Dialogus creaturarum*, cap. 56; a *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso, cap. 2.º; e *Summa*

Predicantium, de Bromyard, vb. *Amicitia*; ha uma traducção arabe de Cardone, *Melanges de litterature orientale*, t. I, p. 78; Apologos de Stainhoewel, fl. 88; Hans Sachs fez sobre este assumpto a comedia *Der halb Freund*; Granuci a novella *L'Eremita*; acha-se tambem na parabola dos trez amigos, da *Historia de Barlaam e Josaphat*.

132. EXEMPLO ALLEGORICO DA REDEMPÇÃO

Huũ homem passou per acerqua de hum edificio muy fremoso en o qual eram todalas cousas que pertenciam pera deleitaçom. E achou trees donzellas estar chorando acerqua dos ryos que sayam daquel castello, porque a senhora do castello estava tam enferma que era chegada aa morte. E disselhe aquel homem carninheyro:

— Ha esperança de vida em vossa senhora.

E as donzellas responderam:

— Os fisicos desesperaram da sua vida; mais ella espera continuadamente hum de hum Rey que ha em sy tres condições muy nobres. s. elle he muy fremoso e grande fisico e he virgem.

E disselhe o mancebo:

— Eu soõ esse que ella espera que hey todas essas cousas muy compridamente.

E entom levaram aquellas donzellas aquelle mancebo ao castello muy cortezmente. E a senhora do castello o recebeu muy bem, e com grande reverença. E elle começou a fazer sua cura e suas meezinhas aa senhora do castello. E fez um banho de sangue do seu proprio braço deestro, que fez sair, e pozse a senhora em aquelle banho. E tanta foy a virtude

d'aquel sangue muy casto, que com a queentura do sangue foy tornada a aquella senhora a queentura natural, em guisa que sayu saa, e curada daquel banho, depoys que foy banhada em elle sete vezes. E quando ella viu tam grande beneficio como este, rogou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar quinhentos cavalleyros que forom mortos de muy cruel morte e jaziam ençarrados em huma cova muy escura. E o fisico veeo aaquella cova e braadou alla voz:

— Oo cavalleyros, levantadevos e alegradevos e cantad louvores ao vosso livrador.

E os cavalleyros forom logo tornados aa vida e começarom braadar em huma voz dizendo todos:

— Hu he a maã deestra daquelle que assy sooa Hu som os doens bem aventurados. Vem trigosamente e daanos as doas que perdemos em outro tempo. E esto contra o sabedor Tephon.

E per este edificio tam nobre se entende a sancta Igreja que he ajuntamento dos fiees. — E aquel castello da sancta Igreja estam a rredor delle tres donzellas, que som tres virtudes theologaes, convem a saber, fe, esperança e caridade. E estas choravam polla linhagem humanal, que era enferma de morte ante a vinda de Jhu xpo.

(Fl. 16 e 17 do *Orto do Sposo*. Ms. n.º 273 da Livraria de Alcobaça, hoje na Bibl. nac. de Lisboa.)

Notas

132. **Exemplo allegorico da redempção**. — Parece-nos a fórma rudimentar d'onde se desenvolveu a novella de cavalleria celeste. É provavel que se encontre nas collecções medievaes.

133. A JUSTIÇA DE TRAJANO

Hum emperador de roma que avya nome Trajano, hya huma vez a grande pressa a huma batalha. E huma viuva sayu a elle chorando e disselhe: — Rogo-te senhor, que façaes justiça d'aquel que matou hum meu filho sem razom. E disselhe o emperador:

— Eu te farey justiça depois que veer.

Respondeu a viuva:

— E se tu morreres en a batalha quem me fará justiça?

E disse-lhe o emperador:

— Aquell que reynar depos my.

E disse a viuva:

— E que aproveytará a ti se outrem fizer justiça?

E o emperador respondeu:

— Certamente nom me aproveytava nenhuma cousa.

E disse a viuva:

— E pois nom he milhor que tu me faças justiça e ajas ende o gualardom ca o leixares a outrem.

E entom decendeo o emperador do cavallo com piedade, e fez aly justiça da morte d'aquel filho da viuva. E outrossy aconteceu huma, que o filho deste emperador Trajano hya correndo pella villa em hum cavallo e per aqueecimento sem seu grado, matou hum filho de huma viuva, e ella queyxouse ao emperador chorando. E o emperador deu entom aquelle seu filho em logo d'aquelle que lhe matara e deulhe muyto aver com elle.

(*Op. cit.*, Fl. 20.)

Notas

133. **A justiça de Trajano**. — Esta lenda da Edade-Media, acha-se em João Diacono, em S. Thomaz, e Dante tratou-a no seu *Purgatorio*, canto x; apparece no *De Mirabilibus urbis Romae*, e foi metrificada no *Dolopathos*, canto quinto. (Vid. ed. Janet, p. 265.) Na collecção do *Novellino*, vem sob o n.º LXIX. A lenda continuou a ser conhecida em Portugal como thema de arte. Em uns panos de raz do palacio de D. João II estava pintada a lenda da justiça de Trajano, como o referem os chronistas. Tambem em uma festa palaciana, D. João II appareceu na sala «invencionado em *Cavalleiro do Cirne*.» Sobre esta outra lenda, conhecida em Portugal,

póde vêr-se Jacob Grimm, nas *Veillées allemandes*, t. II, p. 342 a 370. (Ed. Paris, 1838) e a larga introducção de Reifenberg na *Chronica rimada* de Philippe de Mouskes.

134. A MORTE DOS AVARENTOS

Hum avarento jazia muy mal enfermo pera morte.

Este homem avia muytas riquezas e nunca se aproveitava dellas nem tanto a deus, nem quanto ao mundo, nem pera seu corpo. E jazendo assy chegado aa morte, sua molher entendendo que nom avia em elle vida, chamou huma sua servente e disselhe:

— Vay tostemente e compra tres varas de burel pera envolvermos meu marido em que o soterrem.

E disselhe a servente:

— Senhora, vos avedes huma grande tea de pano de linho, dadelhe quatro ou cinquo varas ou aquello que lhe avondar em que o soterrem.

E a senhora disselhe queyxosamente:

— Vay faze o que te mando, ca bem lhe avondarom tres varas de burel, segundo eu sey a sua condiçom e a sua vontade.

E estando en esto fallando a dona e a servente, ouviu esto aquel homem avarento, e esforçousse quanto pode pera fallar e disse:

— Nom comprade mais que tres varas de burel, e fazedeme o saco curto e grosso que se nom leixe en o lodo.

E depois que elle morreu assi lhe fezerom. E a molher casou com outro e lograram os beens que tesourou o avarento.

Mas per outra guisa fez outro homem que avia muytas riquezas. E quando se vio enfermo de morte, mandou trazer seu aver ante sy. E começoulhe a rrogar que o ajudasse en tal guisa que nom morresse. E quando viu que nom avia dellas ajuda nem conforto disse:

— Oo riquezas enganosas, eu vos amey de todo coraçom e vos prezey e honrrey. E agora que soõ posto en necessidade nom posso aver de vós nenhum conselho nem ajuda, e queredesme desemparar e nom vos queredes hir comigo. Pois assy he, eu vos leixarey de todo. E tanto que esto disse, deu-as todas em esmolas a pobres.

(Ib., Fl. 48.)

Notas

134. **A morte dos avarentos**. — Nas facecias populares, o avarento apparece em uma grande variedade de episodios; é natural que os pregadores catholicos se apropriassem de um fundo tradicional conhecido. (Vid. n.º 99.)

135. AS MISERIAS DA RIQUESA

Hum Rey era gentil e de maaos feitos. Avia hum boo conselheyro que avia desto grande tristeza e catava hum tempo convinhavel pera o tirar do erro en que andava. Hum dia disse elrrey aaquelle seu privado:

— Vem e andemos pela cidade se per ventura veremos alguma cousa proveitosa.

E andando elles pela cidade, virom lume que luzia per hum furado. E teverom mentes per elle, e viram huma casa soterranha em que estava hum homem muy pobre vestido en huma vestidura muy vil e muy rota. E ante elle estava sua molher que lhe escantava o vinho per hum vaso de vidro. E tanto que o marido tomou o vaso de vinho na maão, começou de cantar altas vozes e ella outrossy a balhar ante elle e louvalo muyto, e tomavam ambos muyto prazer. E aquelles que iam com elrey, esteverõnos oolhando hum grande espaço, e maravilhavamse porque aquelles homees tã pobres que non aviam casa en que morasen, nem vestuduras senõ muy rotas, como faziam sua vida tan segura e com tanto prazer. Entom disse elRey ao seu conselheyro:

— Oo amigo, que maravilha he esta, que nunca a nossa vida foy tan aprazivel nem tam leda a my nem a ty porque avemos tantos meios e tantos avondamentos, como he a sua

destes sandeos, ca como que ella aja vil e mesquinha e aspera, parecelhe a elles leda e blanda.

Quando esto ouvyo o privado entendeu que tinha tempo de castigar elrrey e disselhe:

— Senhor, quejanda te parece a vida destes homens?

Elrrey disse:

— Pareceme que he a mais mesquinha e a mais mal aventurada de todallas vidas que eu vy.

E disselhe o privado:

— Senhor, sabe por certo que por mais mesquinha e mais mal aventurada teem a nossa vida aquelles que contemplam e recontam a gloria perduravel e celeste que sobre poyam todo sido. Ca os vossos paaços resplandecentes como ouro e as vossas vestiduras nobres e fermosas mais fedorentas e mais feias parecem que o esterco aos olhos daquelles que contemplam as fremosuras das moradas do ceeo que nom som feitas com maão e as vestiduras feitas per deus, e as coroas que nunca seeram comrompidas, que aparelhou o senhor deus aaquelles que o amam. E assy como estes pobres homens parecem a vós sandeus, bem assy e muyto mais nós que andamos neeste mundo e pensamos que avemos grande avondança en esta falsa gloria e com estas deleytações sem proveyto, parecemos dignos e merecedores de lagrimas e choros e de tristeza e de mesquindade, ante os

olhos daquelles que gostarom a dulçura de bees perduraveis, que enganõ os homens en esta vida fazendo-se creer que ham em sy blandeza e dulçura grande e verdadeyra, o que he o contragio e per esto sõ enganados os viçosos.

(Fl. 53, *v.*)

Notas

135. **As miserias da riqueza**. — O thema do rei que anda de noite pela cidade, tem uma base popular. (Vid. n.º 38 e 39.)

136. O QUE DEUS FAZ É POR MELHOR

Hum escodeyro avya huma sua mol her, que avia tam grande esperança em Deus que toda cousa de novo que acontecia a sy ou aos seos, sempre dizia:

— Esto he por milhor.

E aconteceu que aquelle escodeyro per aquecimento perdeo hum olho. E sua molher trabalhouse de o confortar, dizendo que aquillo lhe leyxara deos acontecer por o milhor. E depóis aconteceu a este escudeyro de se hir a huma terra estranha que chamõ dos lutuanos e servia hum principe daquella terra. E elle servia aquelle principe muy graciosamente em tal guisa que o principe o amava muyto. E aconteceu ao principe enfermidade de morte. E o costume daquella terra era tal, que quando o principe morria escolhiam hum dos seus sergentes dos melhores e mais graciosos, que morresse com elle, pera o servir en o outro mundo; e queymavãno con o senhor segundo era seu costume. E esto avian per grande honrra aaquelle servente que assi era escolheito.

Entom aquelle princepe mandou dizer aaquelle seu escudeyro que nom avya mais que hum olho que elle o escolhia que morresse e fosse queymado com elle, porque elle o servia muy bem e muy fielmente, e que o amava muyto, e poren o queria assy honrrar mais que todollos seus serventes. Quando o escudeyro esto ouvyo dava a entender

que se tiinha per muy honrrado desto, dando muytas graças ao principe pela mercee e honrra que lhe fazia. E disse aaquelles que lhe trouxerom o rrecado:

— Como quer que esto seja a my muy grande honrra, pero dizede a meu senhor que elle bem sabe que sempre o servi muy fielmente e ainda agora em este caso quero seer fiel e quero leixar a minha honrra polla sua, e prazme que dê esta honrra a outro que tenha dous olhos. Ca nom compre aa honrra de meu senhor que elle parecesse en o outro segle com servidor que non tevesse mais de um olho.

Quando o senhor ouviu esta resposta louvou-a e recebeu-a por boa, julgando que em esto lhe fazia aquelle escudeyro estremada e singular fieldade. E assy escapou aquelle escudeyro morte cruel per razom do olho que tinha quebrado.

(Fl. 63, *v.*)

Notas

136. **O que Deus faz é por melhor**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*. Vid. o conto de Trancoso, sobre o mesmo

thema, mas em diversa situação. (N.º 164.)

137. UM HOMEM DE TAVERNA

Hum homen rico husava muyto em bever en as tavernas, en tal guisa que gastou o que havia. E depois meteu-se a servir os que beviam en as tavernas por tal que bevesse con elles. E dessy per tempo avorrecerõno e lançarõno dessy. E elle estando desesperado, veeo a elle o diaboo en semelhança de hum homem velho e disselhe:

— Vay tu aa taverna e eu te darey dinheyros que te avondem, por tal que dees aazo aos outros que bevam mais.

E elle assi o fez. E fazia muytas pelleyas en a taverna, e muytas bevedices de que se seguiam muytas pancadas e muytos maaos feytos. E elle fez hi hum fecto tal per que o mandarom enforcar. E pozeromno na forca per trez vezes e nunca pode morrer, porque o diabo o ajudava e o sostinha. E hum sancto homem que sabia a maa vida daquelle homem, veendo esto maravilhouse e entendeo que o diabo o ajudava. E foise hu enforcavam aquelle homem e começou a esconjurar o diabo pella virtude de Jhu xpõ que lhe dissesse a verdade daquelle feito porque nom podia morrer aquelle homem maao. E o diabo respondeo e disse:

— Que como quer que elle desejasse a morte daquelle homem porque morria enforcado; pero por que elle fazia ir ao inferno tantos homens que ja os diabos eram cansados en os levar e receber; que por en o ajudava que nom morresse.

(Fl. 55, *v.*)

138. OS QUATRO RIBALDOS

Hum Rustico aldeano matou hum carneyro e esfolouo e levava-o aas costas pera o vender en o mercado. E falaronse quatro ribaldos que estevessem em quatro lugares en a carreyra per hu avia de hir aquelle aldeaão, e que cada hum lhe dissesse que aquel carneyro era cam, por tal que o deitasse de ssy, e que o ouvessem elles. E quando o aldeão passou per hu estava o primeiro ribaldo disse-lhe:

— Pera que levaes assy esse cã?

Respondeu o aldeão:

— Irmaão, nom sabês o que dizees, ca certamente carneyro he e nom cam.

E o Ribaldo aperfiou com elle que era cam. E asy o fezerom os outros tres ribaldos. E o aldeão veendo esto disse antre sy:

— Eu cuidava que esto era carneyro; mas poys todos dizem que he cam, nom hei que faça dele, — e lançou o carneiro em terra e foyse. E os Ribaldos tomaram-no.

E bem assy communalmente todo o mundo falla mentirosamente.

(*Orto do Sposo*, de Frei Hermenegildo de Tancos, alcobacense.)

Notas

138. **Os quatro ribaldos**. — Este conto acha-se traduzido no *Orto do Esposo*, ms. da Bibliotheca de Alcobaça, do seculo XIV. A redacção mais antiga é a que vem no *Pantchatantra*, liv. III, n.º 4: *O Brahmane e os Ladrões*. (Trad. de Lancereau, p. 225, e nota resumida de Benfey, a p. 374.) Acha-se egualmente no *Hitopadeça*,[1] d'onde veiu para a collecção arabe do *Calila e Dimna*, que foi vulgar na peninsula hispanica. D'este conto diz Max Müller, que foi conhecido em Constantinopla por uma traducção grega pelo tempo das Cruzadas, sendo espalhada pela Europa pela obra latina intitulada *Directorium humanæ vitæ*. Quer pela corrente arabe quer pela latina entrou elle em Portugal, como se vê pelo caracter moral do exemplo com que é referido no livro ascetico supracitado. O conto acha-se levado na corrente da transmissão litteraria e reapparece na *Filosofia Morale* e nos *Piacevoli Notte*, de Straparola[2]; mas é certo que elle teve uma migração oral, porque na collecção dos contos norricos de Asbjörnsen e Moe, traduzidos para inglez por Dasent, *(Popular tales from the Norse)* figura com o titulo de *Mestre ladrão*.[3] Acha-se na collecção mais querida da Edade media as *Gesta*

Romanorum (Violier des Histoires romaines, cap. 132); no *Decameron*, de Boccacio, jornada IX, novella 3.ª; nas *Facecias* de Pogio, nas *Cento Novelle antike*, nas *Novelle*, de Fortini, n.º 8, e nas Novellas de Compriano.

1. ↑ Trad. Lancereau, p. 192.
2. ↑ Notte I, Fabula 3.ª: ha differença, porque o padre traz da feira um macho, que os ladrões teimam em chamar burro.
3. ↑ Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, pag. 276 a 278.

139. A BOA ANDANÇA D'ESTE MUNDO

Hum cavaleyro era muy namorado d'huma dona muy filha d'algo, casada. E a dona era de boa vida e non curava nada do cavalleyro como que a elle demandava muy aficadamente. E aconteceu que morreu o marido da dona. E o cavaleyro começou de a demandar mais aficadamente. E ella mandou-o chamar e disse-lhe:

— Vós sabedes que non sodes igual a mym; pero quero vos tomar por marido se vos iguardes a mym al de menos em riquezas, e per esto me escusarey de meu linhagem.

E o cavaleyro pidyu a elrey e aos outros senhores e trouve aa dona muyto ouro e muyta prata e muytas doas. E ella por se escusar do seu casamento disse-lhe, que todo aquello era pouco, se mais non trouvesse. E entom o cavaleyro teve o caminho a hum mercador que levava muy grande aver e matou-o e soterrou-o fóra da carreyra e tomou todo o aver que levava e trouve-o aa dona. E ella entendeu que aquella riqueza era de maao gaanho, e disse ao cavaleyro que se lhe non dissesse d'onde ouvera aquelle aver que non casaria com elle. E o cavaleyro descobriu-lhe todo o que fezera. E ella lhe disse que fosse ao loguar hu jazia o mercador soterrado e que estevesse aly des o seraão ataa o galo cantante e que lhe non encubrisse todo o que lhe

acontecesse, e se esto non fezesse que o non tomaria por marido. E elle fez assy como lhe a dona mandou. E viu sayr da cova o mercador e ficou os giolhos em terra e disse tres vezes:

«Senhor Jesus Christo, que és justo juiz, e que vees todalas cousas, posto que sejam feitas escondidamente; dá a mym vingança d'este cavaleyro que me matou e tomou-me todalas cousas porque viviamos eu e minha molher e meus filhos.»

E ouvyo huma voz que lhe disse:

«Eu te digo e prometto em verdade, que se elle nom fezer peendença em triinta annos, que eu te darey d'elle tal vingança que será a todos exemplo.»

E tanto que esto foy dito tornou-se o morto pera sua cova. E o cavaleyro muy espantado e tornou-se pera a dona e contou-lhe todo o que vira e ouvyra. E ella recebeo-o por marido e ouve dele filhos e filhas. E ella lhe dizia muyto a meude cada dia, que se lembrasse do espaço que lhe fôra dado pera fazer peendença. E este cavaleyro fez em hum seu monte humas casas muy nobres e muy fortes. E estando elle hum dia em aquelle loguar comendo com sua molher e com seus filhos, e com seus netos em grande solaz com a boa andança d'este mundo, veo hum jograr e o cavaleyro feze-o asseentar a comer. E emtanto elle comya, os sergentes destemperarom o estormento do jograr e

huntarom-lhe as cordas com frussura. E acabado o jantar tomou o jograr o seu estormento pera tanger e nunca pode temperar. E o cavaleyro e os que estavam com elle começarom escarnecer do jograr e lançaram-no fóra dos paaços com vergonça. E logo veeo hum vento grande como tempestade e soverteo as casas e o cavaleyro com todolos que hy eram. E foy feito todo hum grande lago. E parou mentes o jograr tras sy e vyo em cima do lago andar humas luvas e hum sombreyro nadando, que lhe ficarom em na casa do cavaleyro quando o lançarom fóra.

(Ibid., fl. 89, 90. (Ms. 274 da Bib. de Alcobaça, hoje na Bibl. nacional.) Ainda subsiste na tradição oral. Vid. *Contos populares portuguezes*, n.º 74.)

Notas

139. — **A boa andança d'este mundo**. — Foi este o primeiro conto que deparámos ao folhear o *Orto do Esposo*, antes de termos prompta para a imprensa a nossa collecção. Encontrámos uma versão oral com algumas modificações: «O amante para obter o sim da viuva, que exige que elle traga muito dinheiro, em vez de matar o mercador faz um pacto com o diabo, que lhe apparece no caminho sob esta

fórma conduzindo muitas riquezas. O pacto consiste em que lhe ha-de dar a primeira pessoa que entrar em casa quando vierem do casamento. Assim se combinou. Ao sahirem da egreja já casados todos montaram a cavallo, e o noivo montou tambem um muito lindo que um criado lhe trouxe. O cavallo rompeu logo á desfilada adiante de todos, chegou a casa, entrou pela porta dentro, e n'isto ouviu-se uma voz, que disse: — Ah damnado, que te filei! A casa foi pelos ares com tudo que tinha dentro, e quando o acompanhamento do noivado chegou ao sitio só achou um lago, que ainda cheirava a enxofre.» Ha uma preciosa versão oral nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXXIV.

140. OS DOUS CAMINHOS

Eram dous Irmaãos, e huum era sabedor e o outro sandeu. E andavam ambos fóra de sua terra. E querendo-se tornar pera ella, chegarom a huum logar ha sse partiam dous caminhos. E acharom pastores que guardavam gaado, que lhes disseram que huuma carreyra daquellas era dura e fragosa e estreita e per aquella hyriam direytamente e seguros a sua terra. E que a outra era ancha e chaã mas era perigosa e chea de ladrões. Quando esto ouvia o irmão sabedor quisera hyr pela carreyra fragosa e segura. E o irmãao sandeo rogouo muyto que se fossem pela carreyra ancha e chãa. E o sabedor consentyo. E foramse ambos pella carreyra chãa e perigosa. E foramse e sayram ladrões a elles e prenderamnos e esbulharamnos e feriromnos. E lançaram o sandeo em huuma cova em que morresse. E levarom o outro pera o matarem; e dizia o sabedor ao sandeo:

— Malditto seias tu, ca por a tua sandice mouro eu.

E o sandeo lhe disse:

— Mas tu seias malditto, que sabias que eu era sandeo e treesteme.

E assy pereceram ambos. E bem assy acontece ao homem, ca a carne que he sandia quer hir polla carreyra da boa

andança e das deleytações do mundo, mas a alma que he sesuda querya andar pella carreyra da peendença e das tribulações do mundo, e a rrazom assy lho conselha, mas a sensualidade tem com a carne, e os prelados e pregadores que som os pastores demostram ao homem ambas as carreyras.

(Ms. 273, fl. 98.)

Notas

140. **Os dois caminhos**. — O thema tradicional do caminho que vae dar ao céo e do que vae dar ao inferno conserva-se entre o povo. (Vid. n.º 55.)

141. A PAPISA JOANNA

Huum papa que ouve nome Johãne, natural de Margantina de Ingraterra, foy molher. Ca ella seendo moça pequena levoua huum seu amigo aa cidade de Athenas em trajo de barom. E aprendeo tanto que foy sabedor en muytas ciencias, em tal guisa, que nom avia nenhum que fosse egual a ella. E depois veeo a Rroma e leeo hi de cadeyra. E aprendiam della grandes meestres e muytos outros discipulos, em guisa que era de muy grande fama en a cidade de Roma. E porem foy eleito en concordia por papa. E seendo papa dormio com huum seu familiar e emprenhou. E ella nom sabia o tempo do parto, e hindo huum dia da egreja de sam pedro pera sam joham de letram veeromlhe as doores do parto e paryo aly en a carreyra e morreo, e soterraromna aly. Pouco aproveitou a esta a fama e os louvores dos homeẽs, assy como empeeceo a outro papa a desonrra que lhe foy fecta.

(Fl. 99.)

Notas

141. **A Papisa Joanna**. — Acha-se uma referencia a esta lenda, no livro de Mariannus Scotus, *Chron. ad annum 854*, dizendo que «Leão IV teve por successor uma mulher chamada Joanna, que occupou a cadeira de Pedro durante dois annos, cinco mezes e quatro dias.» Em outro chronista do fim do seculo VIII, Sigberto (da collecção de Leibnitz), se lê: «Conta-se que este João fôra uma mulher, conhecida sómente por um dos seus familiares…» Nos Annaes de Othon, bispo de Fressingue, que chegam até 1146, diz-se que este papa João *era uma mulher*. O mesmo testemunho se acha nas chronicas de Gifrid Arthur, Godefroy de Viterbo (da collecção Freher), collocando a papisa Joanna entre Leão e Bento. No seculo XIII, Martim Polonus, dominicano e penitenciario dos papas João XXI e Nicolau III, diz na sua *Chron. ad annum 854* (da collecção de Leibnitz): «que Joanna era filha de paes inglezes e nascida em Mayence, e que depois de ter sido papa dois annos, cinco mezes e quatro dias, morrera de parto, em uma procissão, e foi enterrada sem honra no mesmo logar em que expirára. Os soberanos pontifices nunca mais passaram por esta rua, e iam para a basilica de Latrão por outro caminho.» Um bispo da Galliza, Bernardo Guy, do seculo XIV, nas suas *Flores temporum*, tambem allude ao facto da papisa Joanna, seguindo-se a este outros, como João de Paris, Sifrid de Misnia, Sozomeno, Barlaam, monge da Calabria, e Amalarico d'Auger, na sua *Nomenclatura chronologica dos*

Bispos de Roma. Petrarcha, na *Vida dos Imperadores e dos Papas*, e Boccacio, na obra *De claris mulieribus*, citam como facto historico a realidade da papisa Joanna, que mais tarde Allatio attribuiu impudentemente a fabricação dos protestantes. Basta-nos citar estas auctoridades para se conhecer por que via este facto penetrou no conhecimento dos theologos portuguezes do seculo XIV, e com que intuito o citou Frei Hermenegildo de Tancos no *Orto do Esposo*. Merece consultar-se a monographia de Emm. Rhoïdes, *La Papesse Jeanne*, p. 64 a 71.

142. O FIRMAL DE PRATA

Huum barom segral avia grande cobiça de fazer seu pecado com huuma molher. E ella era casta e boa, e porem nom se atrevia elle de a demandar, mas cuydou falsamente e arteyramente como cumpriria sua maa vontade. E tomou huum firmal de prata que era de grande preço e deuho em guarda aaquella molher. E depois furtouo em guisa que o ella nom soube, e lançou o firmal en o mar, por tal que nom lho podendo ella dar, ficasse por sua serva, e assy cuydava husar com ella como lhe prouguesse. E depois que esto fez demandou o firmal aa boa molher. E ella entendeo o engano que lhe fora fecto e acorreusse a huuma sancta virgem que avia nome brigida, e estando con ella veeo huum homem que trazia pexes do mar que elle tirara. E quando abriram hum delles acharom en o ventre delle o firmal, e deuo a boa molher aaquelle homem maao. E assy ficou vaão o seu pensamento e sua arteyrice.

(Fl. 105.)

Notas

142. **O firmal de prata**. — O thema da joia engulida por um peixe, persiste na tradição popular (vid. n.º 10); ou engulida por uma aguia (vid. n.º 21). Nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sabio, sec. XI, n.° CCCLXIX, tambem se acha esta lenda.

143. OS QUATRO LADRÕES

Contam as historias antigas que em Roma eram quatro ladrões. E andando huuma nocte a furtar sintirom a Justiça e fugirom e esconderomse em huuma cova. E quando a luz veeo, acharomse em huuma casa de abovada muy fremosa. E acharom em ella huum moymento de marmor muy fremoso. E disserom antre ssy:

— Este moymento foy de algum homem nobre e ryco. Abramollo e vejamos se acharemos hy algum bem. Ca em outros tempos acostumavam soterrar os grandes homens com doas e cousas de grande preço.

Entom abrirom o moymento e acharom o moymento cheo douro e de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copas douro muy fremosas. E antre elles era huuma copa muy fremosa e mayor que todallas outras. Quando esto acharom, disserom antre ssy:

— Ora somos nós ricos e de boa ventura, e seremos ricos pera sempre nós e nossos filhos, mas será bem que alguum de nós fosse aa villa per vianda.

E cada huum se escusava, dizendo que era conhecido en a cidade e se temia de o enforcarem. Em cabo disse huum delles:

— Se me vós derdes aquella maior e milhor copa, eu hirey pollo mantimento.

E os outros outorgarom, e elle foy e trouxe de comer. E hindo pello caminho levando a vyanda, cuydou como meteria em ella peçonha em guisa que comendoa seus companheyros morreriam e ficaria delle todo o que acharom en o moymento. E os trez ladrões que ficarom emquanto elle foy fallaromse antre sy e disserom:

— Aquelle era nosso companheiro nom quis hir pollo mantimento senom que lhe dessemos a copa milhor, matemollo e ficará a nós todo o aver.

E disse hum delles:

— Como o mataremos sem perigo, cá elle he mais esforçado ca nós.

Respondeo o outro e disse:

— Quando elle veer digamoslhe que entre dentro e tome a copa e quando se antre dentro tiremos o madeyro que sostem as pedras e cayrom as pedras sobre elle e morrera.

E quando veeo o outro fezeromno assy e ficou logo morto. E elles disseram:

— Comamos e bevamos e depois partiremos o aver antre nós.

E começarom a comer a vyanda que o outro trouxera e morrerom com a peçonha que em ella andava.

(Fl. 105, *v.*)

144. O CAVALLEIRO E O PACTO COM O DIABO

Huum cavalleyro nobre poderoso seendo rico despendeu todos seus bẽes tam sem descreçam, que cayo em muy gram pobreza. Este cavaleyro avia huuma sua molher muyto casta e devota da benta virgem Maria. E veo huuma grande festa em que este cavaleyro soya dar muytas doas e fazer grande despeza. E por que nom tinha já que desse, com vergonça foyse esconder em huuma mata, e ali jazia fazendo seu doo ataa que passasse aquella festa. E estando elle em aquelle logar chegou a elle huuma creatura muy espantosa em cima de huum cavallo espantoso e perguntoulhe por que era assy triste. E o cavalleyro lhe contou toda sua fazenda. E a creatura espantosa lhe disse:

— Se quizeres fazer o que te eu mandar, eu te farey aver mays riquezas e mais honrras que ante avias.

E o cavalleyro lhe prometeo que faria todo o que elle quisesse, se elle comprisse todo o que lhe promettera. E o demo lhe disse:

— Vay a tua casa e cava em loguar e acharas muyto ouro. E prometeme que tal dia tragas aqui a mym tua molher.

E o cavalleyro lhe prometeo. E foyse a sua casa e achou muy grande riqueza segundo lhe dissera o diabo. E começou de viver honrradamente como ante. E quando veo

o dia em que prometera levar sua molher ao diabo, disselhe que sobisse em huum cavallo que se avia d'hir longe con elle. E ella como quer que ouvesse grande temor, nom ousou contradizer ao marido e foyse com elle, commendando-se devotamente a sancta Maria. E hindo elles pello caminho, vyo ella huuma egreja de sancta Maria e deçeo do cavallo e entrou en a egreja, e o marido ficou fora attendendoa. E ella fazendo sua oraçom devotamente aa beenta virgem adormeçeo. E a beenta virgem tomou semelhança daquella dona em todo e foysse fóra da egreja e cavalgou en o cavallo da dona. E foysse com o cavaleyro, pensando elle que era sua molher. E quando chegarom a o loguar veo logo o diabo tostemente. E quando perto delles nom se ousou cheguar, mais começou de tremer e aver grande pavor e asanharse. E disse ao cavaleyro:

— Oo falso e muy desleal cavaleyro porque me fezeste tam grande escarnho e me fezeste tanto mal por muytos beens que te eu figi, tu me prometeste que me trarias tua molher e trouveste Maria. Ca eu me quisera vinguar da tua molher por muytas enjurias que me faz, e tu trouvesteme esta que me atormenta gravemente e me lança en o abisso do inferno.

Quando esto ouvyo o cavalleyro ficou muy espantado e maravilhado, e com temor nom pode falar. E a beenta virgem disse ao diabo:

— Qual foy a tua ousança e o teu maao atrevimento que presumias empeecer aa minha devota! mas nom escaparás assy sem pena, ca eu te mando que logo descendas aos abissos do inferno e que daqui em diante nom empeças a nenhuuma pessoa que me chamar com devoção.

Quando esto ouvio o diaboo, partiuse logo dally tostemente huyvando e fazendo grande doo. E o cavaleyro deçeosse do cavallo e lançouse em terra aos pees da beenta virgem. E esta o reprendeo do que fezera e mandoulhe que sse tornasse pera sua molher que acharia dormindo en a egreja e que lançasse de ssy aquellas riquezas que ouverom pollo diaboo. E a beenta virgem desapareceo. E o cavaleyro tornouse a egreja e espertou sua molher que jazia dormindo e contoulhe todo quanto lhe acontecera. E foramsse pera sua casa e lançarom de ssy todo aquelle aver que ouverom pollo diaboo. E perseverarom em louvores e em serviço da beenta virgem muy devotamente e depois ouverom per ella muyta riqueza a serviço do senhor deus.

(Fl. 120.)

Notas

144. **O cavalleiro e o pacto com o diabo**. — Esta tradição é ainda popular na Italia, e acha-se colligida na Sicilia por Pittré; a Edade media elaborou-a profundamente em cantos, contos e autos. Acha-se na narrativa do rei de Castella, Dom Sancho o Bravo, intercalada no *El Libro de los Exemplos*; e foi o assumpto de um drama do velho theatro francez *Du chevallier qui donna sa femme au dyable*. Du Puymaigre cita uma ballada allemã sobre este mesmo thema. *(La Poesie populaire en Italie*, p. 42.) Nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, n.º CCXVI, vem esta lenda curiosa.

145. O DIABOO ESCUDEYRO

Em huuma terra avia huum cavalleyro que era homem boo e sua molher outrossy. Este cavaleyro por amor de deus e da gloriosa sua madre, mandou fazer spiritaaes e casas pera pobres e despendia en esto o que avia. E avia huum filho, e quando ouve de morrer, chamouo e recõmendoulhe os spiritaaes que fezera, e o escodeyro ficou com sua madre depois da morte de seu padre, e já quanto per vergonça de sua madre curava do que lhe seu padre encommendara; mas depois da morte de sua madre, começou elle a fazer maa vida e nom curava de semelhar seu padre, mas despendia em vaydade o que lhe seu padre e sua madre leyxarom.

Huum dia este escudeyro estando em sua casa veo a elle huum mancebo e disselhe que querya viver com elle e que o serviria muy bem, ca era homem fidalgo, e que sabia fazer todallas cousas que compriam a boo servidor. E o escudeyro recebeo em sua companhia e hia com elle muy a meude aa caça e tam bem sabia caçar que o escodeyro andava caçando com elle todo o dia ataa nocte per logares perigosos e fragosos. Em aquella terra avia huum bispo de boa vida que fora muito amigo d'aquelle cavaleyro, e de sua molher. E huum dia dizendo elle missa pelas almas delles foy-lhe demostrado per deus que aquelle servidor do escodeyro era diaboo. Entom o bispo foy veer o escudeyro e comeo com elle e o mancebo servia ante elles. E depois que comerom, perguntoulhe o bispo donde ouvera tal servidor. E o escudeyro gaboulho muyto. Entom o bispo mandou

chamar o servidor, e elle nom querya vir ante elle. E o bispo mandou chamar outra vez mas elle fingeose doente. Entom o bispo lhe mandou que veesse per obediencia, e elle veo contra sua vontade. E o bispo lhe perguntou:

— Dy-me que homem es tu?

E elle respondeu:

— Soo diaboo.

E disselhe o bispo:

— A que veeste?

E elle respondeu:

— Viim pera matar este escudeyro, porque he maao homem e desviado da bondade de seu padre, e nom curou dos conselhos boos que elle deu.

E disselhe o bispo:

— Pois porque o nom mataste?

Respondeu o diaboo:

— Porque avia em custume de dizer cada dia sete vezes avemaria, e porem andava eu com elle pelos montes e pelos luguares fragosos pera o matar se algum dia leixara de dizer

aquellas sete avemarias, mas nunca foy dia que as nom dissesse.

E o bispo lhe perguntou donde houvera o corpo que trazia, e elle lhe disse que era o corpo de huum enforcado. Entom o bispo mandou-lhe que se fosse dally e que nom empeeçesse a nenhuum. E logo se partyo d'aly e ficou aly o corpo que trazia morto e fedorento. Quando esto vio o escudeyro mudou sua vida em bem segundo lhe conselhou o bispo.

(Fl. 124.)

Notas

145. **O Diabo escudeiro**. — Acha-se tambem nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, cap. VII, n.º LXVII.

146. AS MAAS ARTES DAS MOLHERES

Huum mancebo trabalhava muyto por saber a arte das molheres. E posse en sua vontade de casar, e ante que casasse demandou conselho ao mais sabedor homem d'aquella comarca hu vivia, como poderia guardar aquella molher com quem casar queria. E o sabedor lhe deu conselho que mandasse fazer huuma casa de muy altas paredes, e que pozesse dentro sua molher e lhe desse boo mantimento non sobejo. E que aquella casa nom tevesse mais de huuma porta e huuma freesta per que visse, en tal guisa que podesse sair nem entrar nenhuum. E o mancebo fez todo per aquella maneyra. E casou e pose dentro sua molher, e quando elle entrava ou saya, fechava elle muy bem a porta. E quando avia de dormir escondia as chaves, e a molher avia grande sabor en a freesta pera veer os que hyam ou viinham pela rua. E huum dia que o marido era hido fora, sobiusse ella en a freesta, e vio huum mancebo fremoso e pagousse d'elle, e mandou falar com elle, e depois que teve com elle formada sua maa preytasia, embevedava ameude seu marido, e depois que dormia, furtava-lhe as chaves e abria a porta e saya fazer sua vontade com aquelle mancebo. E porque o marido era ensinado sobre as artes das molheres parou mentes como sua lhe dava muyto a bever. E huum dia beveo mais que soya atiinte perante a molher pera veer o que fazia. E ella

levantouse aa mea noyte e furtoulhe as chaves assy como avia en costume e abrio a porta e sayo a o mancebo; e o marido que jazia espreitando levantouse e çarrou a porta muy bem. E possesse en a freesta ataa que vio que sua molher que se tornava em camisa, pera casa, e começou a puxar a porta; e o marido mostrando que nom sabia que era, perguntou quem estava aa porta? E ella pidyo-lhe perdom, dizendo: que nunca mais sayria fóra; mas elle nom lhe quis abrir, dizendo, que elle diria aquelle feito a seus parentes. E ella começou de gemer, dizendo que se lhe nom abrisse, que sse lançaria en huum poço que hi estava, e que elle daria conta della a seus parentes. Mas o marido nom a leixou porem entrar. E ella tomou huuma grande pedra e lançoua em o poço con esta entençom que seu marido ouviria o soõ da pedra quando caysse na agoa, e cuydaria que ella se lançara en o poço.

E tanto que ella lançou a pedra en o poço, escondeose de traz o poço. E o marido pensando que a molher jazia en o poço, saio fora da casa pera veer o poço. E ella quando vyo a porta aberta meteuse en a casa, e çarrou a porta sobre ssy. E sobyose en a freesta, e elle que a vyo estar, diselhe:

— Oo molher chea de maa arte e enganosa, leixame entrar e eu te perdoarey quanto fezeste.

E ella lhe disse que o nõ faria, mas que diria a seus parentes que elle todallas noctes assy saya a fazer seu pecado con as maas molheres, e assy o fez. E elles doestarõ muyto mal o

marido. E per esta guisa tornou o seu maao fecto sobre seu marido. E nom lhe aproveitou nada a guarda que pose en ella.

(Fl. 137.)

---

147. O REY E OS CORTESÃOS

Huum Rey andava en huum carro dourado, e hiam com elle seus cavalleyros. E encontrou com huuns homeens vestidos de vestiduras velhas e viis, e eram magros e desfeytos. E ellRey quando os viu sayosse logo do carro e lançousse aos pees delles e adorouos, e alçouse e foyos beijar en as faces. E os cavalleyros quando esto virom, nom ouverom esto por bem. E porque nom ousarom reprehender elRey por aquello que fez, diseromno a huum seu Irmaão, como elrrey fezera tal cousa que nom perteencia a ell. E o Irmaão delrrey (reprehendeo) daquello que fezera. Em aquelle Regno, avia tal custume, quando aviam de matar per justiça alguum homem, mandava elrey a huum pregoeyro que tangessem huuma tromba, que era pera aquello ante a porta d'aquelle que aviam de matar. E depois que o Irmaão delRey o rreprehendeo daquello daquello que fezera, quando foy aa tarde mandou elrrey tanger aquella tromba ante a porta de seu Irmaão. E elle quando ouvyo tanger a tromba ficou desasperado da sua vida, e nunca pode dormir toda aquella nocte. E fez seu testamento. E em outro dia pella manhaã vestiuse de vestiduras negras e com sua molher e com seus filhos foysse aa porta do paaço delrrey chorando. E elRey fezeo viir ante sy e disselhe:

— Oo sandeu, se tu ouveste temor do teu Irmaão, que sabes que nom lhe arraste, como nom averey eu temor dos pregones do meu senhor deus, ao qual muyto pequey e errey, os quaes me significam a morte com mais nobre tromba e me demostrom a viinda espantosa do Juizo.

E depois desto mandou fazer quatro arcas e duas dellas mandou fazer douradas de fora e mandouas encher de ossos de mortos podres e fedorentos. E outras duas mandou huntar de fora de pez e mandou-as dentro encher de pedras preciosas. E mandou chamar aquelles cavalleyros que aviam dito a seu Irmaão aquello que elle fezera. E mandou poer ante elles aquellas arcas, e preguntoulhes quaes dellas eram de mayor preço. E elles disserom que as duas que eram douradas eram milhores e de mayor valor. E elRey mandouas abrir. E sayo dellas muy maao fedor, e disse elrrey:

— Semelhantes som estas arcas aaquelles que som vestidos em nobres vestiduras. E dentro em suas almas som cheos de pecados. Assy como estas duas arquas que som fremosas e douradas de fora e som cheas de dentro dos ossos fedorentos.

Entom mandou abrir as outras duas arquaas huntadas de pez e parecerom as pedras preciosas e saia de dentro muy boo odor. E disse elrrey:

— Estes som semelhantes aaquelles pobres servos de deus que eu honrrey, que como quer que andam vistidos de viis vistiduras pero dentro en a suas almas resplandecem com odor de virtude; mas nom parades mentes senom aas cousas de fora e nom consirades aquellas cousas que som de dentro.

(Fl. 141.)

148. AS VISTIDURAS HONRADAS

Donde aconteceo que huum filosofo chegou ao paaço d'huum princepe en vestidura vil e nunca o leixarom entrar dentro, pero o provou muytas vezes. Entom elle vistyose em outra vestidura fremosa, e logo o leixarom entrar. E quando chegou ante o princepe começou de beijar a sua vestidura meesma que elle trazia e fezelhe reverença.

E o princepe se maravilhou desto. E perguntou porque o fazia. E o filosofo respondeo:

— Eu honrro aquella que me honrrou; porque aquillo que a virtude nom pode fazer, gaanhou a vestedura. E esto he grande vaidade dar a honrra pella vestedura a qual honrra he devida aa virtude.

(Fl. 142, *v*.)

149. ROSIMUNDA

Huum Rey dos Lombardos que avia nome Alburno era muy forte e muy poderoso em armas. Este Rey ouve batalha com outro rey. E Alburno venceo e matouo, e tomou huuma filha daquelle Rey por molher, que avia nome Rosimunda. E do testo da cabeça de seu padre, que matara, mandou fazer huuma copa e encastonha em prata e bevia per ella. E este Rey Alburno entrou em Italia e tomou todallas cidades della pella mayor parte. E estando elle em huuma cidade que chamom Verona, fez huum grande convite. E mandou alli trazer a copa que mandara fazer da cabeça do rey que matara, padre da sua molher Rosimunda. E beveu per aquella copa e fez a sua molher que bevesse per ella, dizendolhe:

— Beve com teu padre.

E quando ella esto soube, ouve grande odio a elrey seu marido. E elrey avia huum duque que dormia com huuma donzella da rraynha. E huum dia nõ veendo hy elrrey, dormiu com a rraynha, cuydando que era a donzella. E a Raynha fezlhe conhecer, e disselhe:

— Sabe por certo que tu as feyta tal cousa, que ou tu matarás a elrrey Alburno, ou tu morrerás das suas maãos. E

eu quero que me tu vingues delle que matou meu padre e fez copa da sua cabeça, e fez a my que bevesse per ella.

E o duque lhe disse o nom fazia, mas cataria outro que o fezesse. E entom ella guisou como se fezesse. E tyrou as armas fora da camara delrrey e legou a espada que elle tinha aa cabeceyra em tal guisa que se nom podese tirar. E depois que elrrey jouve em seu leyto, entrou aquelle que o queria matar. E quando o sentyo elrrey, saltou fóra e quiz tirar a espada e nom pôde. E entom começou elrrey de sse defender muy fortemente com huuma cadeyra que hy estava, mas pouco lhe valeo seu ardimento nem sua fortaleza. Ca o outro andava muy bem armado e pôde mays que elrrey e matouo. E tomou todollos thesouros que achou en no paaço e fugio com a rraynha Rosimunda, pera huuma cidade que ha nome Ravena. E aly se pagou a rraynha de huum mancebo que era perfecto de Ravena. E por casar com ella deu peçonha aaquelle com quem fugira. E elle embevedoua, syntio que era peçonha e fez que a Rosimunda que bevesse o que ficara a força da espada. E assy morrerom ambos. E assy parece que pouco prestou a fortaleza do corpo a elrrey Alburno, nem ao outro que o matou, ca ambos morrerom maa morte.

(Fl. 77.)

Notas

149. **Rosimunda**. — Nas *Lendas allemãs*, de Jacob Grimm *(Les Veillées allemandes*, trad. de L'Heretier de l'Ain), t. II, p. 45, vem esta tradição colligida de Paulo Diacono, e de Gotfrid. Na poesia popular italiana ainda subsiste esta tradição germanica na fórma de romance, com o titulo a *Dona Lombarda*, segundo a interpretação de Nigra. Sabatini, fallando d'este canto, define a sua propagação na Italia do norte: «percorrendo dal norte al sud, la ritroviamo in Piemonte, nel Monferrato, nel Veneto e a Ferrara; nella Toscana poi più non vive ma v'é ancora chi ricorda averla udita. Si ritrova nelle Marche in Orvieto, a Viterbo, in Roma finalmente non s'ode cantar che da pochi, e cosi proseguendo non si rinviene più nelle terre meridionali e in Sicilia non se ne ha traccia veruna.» *(Rivista di Letteratura popolare*, p. 14.) A obliteração da lenda á medida que se avança para o sul indica a sua origem germanica, e portanto a fórma litteraria portugueza proveiu de uma fonte erudita.

150. A BILHA DE AZEITE

PAIO VAZ: Pois Deus quer que pague e peite,
Tão daninha pegureira,
Em pago d'esta canceira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçaes, medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

MOFINA MENDES: Vou-me á feira de Trancoso
Logo; nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso;
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a cousa mais barata,
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada,
Por este ovo de pata,
E o dia que fôr casada
Sahirei ataviada
Com um brial de escarlata;
E diante o desposado
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando
Assi d'esta arte bailado
Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz:)

PERO VAZ: Agora posso eu dizer
E jurar e apostar
Que és Mofina Mendes toda
PESSIVAL: E se ella baila na voda
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,

E o noivo por achar.
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

(Vae-se Mofina Mendes cantando:)

Por mais que a dita me engeite
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deleite
Como o meu pote de azeite
Hade dar comsigo em terra.

(Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115. Ed. de Hamb.)

Notas

150. **A bilha de azeite**. — Este conto é um dos mais persistentes na tradição universal. Max Müller tomou-o por thema comparativo para o seu estudo *Sobre a migração das Fabulas*, conferencia feita na Royal Institution, em 3 de Junho de 1870, começando pela fabula de Lafontaine *La laitière et le pot au lait* (Fab. X, do livro VII), e buscando-lhe os paradigmas no *Pantchatantra*, liv. V, fabula IX: *O Brahmane e o pote de farinha*. Aproveitando dos resultados criticos de Benfey, indicaremos a área de propagação d'esta fabula: *Hitopadessa*, liv. IV, p. 182; *Kalila e Dimna*, cap. X,

p. 269; *Anwâr-i Souhaili*, cap. VI, p. 409; *Contes et fables indiennes*, cap. VI, t. III, p. 50; *Del governo de' regni*, exemplo V, fl. 50, *v.*; *Directorium humanæ vitæ*, cap. VII; *Exemplario contra los engaños*, cap. VII; *Filosofie morali*, trat. IV, fol. 83; *Atter Esopus*, de Baldo, XVI, ed. Du Méril: *De viro et vase olei*. Du Méril cita tambem o *Dialogus creaturarum*, a *Sylva sermonum*, e Rabelais, *Gargantua* , liv. I, cap. 33, como vehiculos d'esta fabula. Acha-se tambem no *Eyar-i Danisch*, nas *Mil e uma noites*, CLXXVI; no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º XXIX, fl. 97; nos *Joci ac Sales*, de Ottomarus Luscinus; nas *Facecie*, de Domenichi, liv. V; nos *Contes et joyeux devis*, n.º XII, de Bonaventure Des Periers; nos *Sermones conviviales*, de Gast; nos *Apologi Phœdrii*, de Regnerius, P. I, fab. XXV; no *Democritus ridens*, p. 150; nas *Favole e Novelle*, de Pignotti, fab. VIII; vid. Lancereau, *Pantchatantra*, nota a pag. 388. Gubernatis, na *Mythologie zoologique*, t. I, p. 136, cita uma versão do *Tuti-Namé*, II, 26, que interpreta no sentido mythico, em que o céo e a lua são representados como um pote ou taça. No XXI conto mongolico de *Siddhi-Kür*, ha uma variante d'este apologo (resumido por Gubernatis, op. cit., p. 146) em que o achado é uma pelle de carneiro, de que o pae de familia pretende fazer panno, e com elle comprar um burro, e com o burro irem pedir esmola com os filhos. Esta versão explica-nos a variante apresentada por Trancoso (vid. n.º 155), a qual encontrámos referida em uma locução popular do Porto, *Minha mãe, calçotes!* Sobre esta fabula vid. Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 55. Ha uma

redacção d'este conto sob o titulo *A quarta de leite*, na *Hora de Recreyo*, do Padre J. Baptista de Castro, p. 29.

O nome de *Mofina Mendes*, heroina do conto da *Bilha de azeite*, é de proveniencia popular; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia* refere-se a esta tradição metrificada por Gil Vicente: «fermosura com vangloria dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (Fl. 52.) Na linguagem popular o nome de *mofina* emprega-se como sorte ou destino: *a minha mofina*. Jorge Ferreira allude a um outro conto popular, de um diabo cuja actividade era tal, que já não havia que lhe dar a fazer, a não ser uma *corda de area*: «Quer sempre ser a hydra e fazer cordas de areia.» (*Eufrosina*, p. 300.) Na tradição popular ainda se repete esta oração:

Se o diabo viesse
Para me attentar,
As *areias do mar*
Lhe mandaria contar.

Walter Scott traz uma lenda escoceza semelhante.

151. O ERMITÃO E O LADRÃO

Em um ermo morava um virtuoso Ermitão, ao qual se chegou um salteador de caminhos, dizendo-lhe:

— Vós rogaes a Deus por todos; rogae-lhe que me tire d'este máo officio que trago, senão ey-vos de matar.

E indo d'ali tornava a fazer o mesmo que d'antes, e outra vez tornava a vir ao padre, dizendo:

— Vós não quereis rogar a Deus por mi, pois ey-vos de matar.

Tantas vezes fez isto, que uma veiu determinado para matar o padre, o qual lhe pediu e lhe disse:

— Já que me quereis matar, tiremos primeiro ambos uma lagea que tenho sobre minha sepultura, e, morto, lançar-me-has dentro sem muito trabalho.

Elle o acceitou, e assi foram ambos érguer a lagea; porém como o salteador trabalhava quanto podia por erguel-a, assi trabalhava o padre Ermitão por que não se erguesse, e d'esta maneira ambos não faziam mudança na lagea. Attentou o salteador no caso, e disse assi:

— E se vós não ajudaes como posso eu só erguel-a? que ainda que eu ergo da minha parte, vós fazeis da vossa com que não aproveite o que faço.

Antes que passasse adiante disse o padre Ermitão:

— Vês ahi, irmão, o que te eu digo. Que me presta a mi rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do peccado e máo officio que trazes, se tu não te queres tirar e estás muito de proposito perseverando n'elle?

(*Historias de proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso. Parte I, conto 1.º)

---

152. D’AQUELLAS SETE AO DIA

Uma virtuosa dona de boa vida tinha uma filha de tão má inclinação que não queria tomar os nobres conselhos da mãe, nem aprendia seus louvados costumes; mas em tudo seguia seu proprio parecer sem obediencia de pessoa alguma, nem correição de visinha nem parenta, porque era preguiçosa, golosa, andeja, muito falladeira e de outras feias manhas. A mãe, como mãe, desejosa de seu bem e de lhe dar marido, determinou dar a um mancebo tudo o que a pobre velha tinha por que casasse com a filha. E concertada com elle no dote, quiz o mancebo que não dessem conta á moça até que elle a fosse vêr o dia seguinte, seguindo o conselho do rifão que diz: *Antes que cases olha o que fazes*. Foi a velha contente e disse que assi faria; porém, por que a filha estivesse sobre-aviso e não caisse em alguma fraqueza a tal tempo, crendo que para casar tomaria seu conselho, lhe descobriu aquella noite tudo o que se passava, dizendo-lhe:

— Filha, toda tua vida seguiste tua opinião, sem querer entender meus conselhos; agora te rogo que este dia me ouças e acceites o que te disser.

E com discretas palavras lhe amoestou que o dia seguinte não se erguesse de um logar; que sempre estivesse calada fiando, ou ao menos com a roca na cinta, por que pois o

futuro marido a queria vêr a achasse quieta e occupada. E para mais ajuda fiou a velha aquelle serão quasi até meia noite, e pela manhã pôz-lhe á filha uma grande roca na cinta, e deixou-lhe as maçarocas que fiára no regaço; fel-a assentar, tal que á vista dos olhos a quem a não conhecera parecia uma diligente fiandeira. Porém como aquelle não era seu costume, tanto que a mãe deceu á porta, (por que avia de esperar ali o mancebo) a moça deixou a roca, e com diligencia fez lume, e nelle uma honesta tigellada de papas, e porque se esfriassem prestes as lançou em cinco ou seis escudellas, que logo chegou de redor de si, e soprando e fervendo estava a pobre moça apressada por acabar sua obra antes de ser sentida. A este tempo chegou o mancebo á porta, e ainda que o viu a velha e elle a ella, pelo que tinham concertado não fallaram, mas elle subiu de manso por vêr em que se occupava a que elle queria receber por molher. E a velha o deixou ir, tendo pera si acharia a filha ao menos com a roca na cinta como a deixara; mas ainda que elle subiu dez ou doze degráos da escada, ella de occupada não o sentiu, nem, posto que metteu a cabeça em casa o não viu; mas ella foi d'elle muito bem vista, e notando o officio em que estava disse entre si:

— Nunca nós faremos boa matalotagem; porque quem tanto e com tal pressa madruga a comer, pouca prol me póde fazer. Não é esta a que me arma.

E sem fallar se deceu; e a velha vendoo vir tam prestes, lhe preguntou:

— Que vos parece, filho? Que cuidado de moça!

E querendo-lh'a gabar, porque imaginava que estaria fiando, e mais com a roca cheia, lhe disse:

— Vistes a pressa que tinha, e a habilidade das suas mãos, e o que já tinha despachado; pois eu vos prometto que d'aquellas enche e vasa sete no dia.

Querendo a velha dizer as rocadas da roca; mas o mancebo sem descobrir o que lhe vira fazer, respondeu:

— Senhora, não me arma; que se ella é tal, não na posso sustentar, e assim estê-se em vossa casa, e se as vasar e encher tantas vezes, sejam embora de vossa farinha.

E foi-se.

Trancoso, *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, P. I, conto 2.º)

Notas

152. **D'quellas sete ao dia**. — Este conto apparece ainda na tradição popular do Minho; nos *Contos populares portuguezes*, n.º LIII, traz o titulo *Os Simplorios*.

153. A DONZELLA RECATADA

Em uma populosa villa havia uma dona honrada que tinha uma filha muito virtuosa, sesuda, recolhida, e amiga de seu trabalho, que per elle alcançava com que honestamente se mantinham ambas das portas a dentro, mui limpamente tratadas. Fazendo-se uma voda de uma sua parenta, assi se passaram mais de quatro mezes em recados até que a noiva lhe veiu a casa rogar que fosse um dia á sua, o que a moça acceitou por comprazer com a parenta; e chegando a noite, por ser menos vista, com um irmão mancebo que áquelle tempo viera de fóra da terra, saiu de sua casa para ir a casa da parenta. Na rua do proprio caminho por onde haviam de ir, estava um eschola de dança, a que o mancebo era inclinado, e a estas horas dançavam, e ao passar pela porta da eschola fez uma pequena detença; mas a donzella, que não tinha sua imaginação senão no caminho que levava, andava pela rua tão baixo o rosto que o não erguia. Foi vista por um nobre mancebo, que a seguiu, e poz-se-lhe diante fingindo ser seu escudeiro, encaminhou-a pera sua casa; e ella, quando ergueu o rosto, crendo ser seu irmão lhe disse:

— Tão longe é isto!

Elle ainda que entendeu, não lhe respondeu nada; e dissimulado se metteu em sua propria casa, dizendo:

— Aqui é.

E como a teve bem dentro, fez cerrar a porta, e mostrou-se-lhe, e descobriu-se a ella quem era. Grandes promessas, que lhe fazia, e ricas joias que lhe dava, com palavras amorosas e meigas, n'esta casta e honesta donzella não fizeram abalo. Elle que a viu tão determinada, a levou a um jardim, logar onde ainda que bradassem não podesse ser ouvida; e lhe ia tirando das roupas que levava vestidas; por lhe ganhar a vontade, largou-a de si um pequeno espaço, ficando-lhe porém o cabo do trançado na mão. A donzella, tanto que se viu fóra de suas mãos, tirou com diligencia o garavim da cabeça, e mettendo-o no tronco de uma arvore, se foi até chegar ao pé do muro do jardim, e subindo na parede, sem temer a queda, se deixou ir abaixo em camisa e em cabello. E assi se achou na rua a tempo que já havia muito que era achada de menos do irmão, e d'elle e da mãe buscada por todas as partes. E quando sua mãe a viu, e ella viu sua mãe, parecia que ambas ressuscitavam, e logo quietamente coberta com a capa e sombreiro do irmão se foram para casa. O fidalgo, tanto que lhe pareceu que tardava, ainda que tinha o trançado na mão, porque não lhe respondia chamando-a, foi para ella cuidando que lançava mão de sua pessoa; achou-se abraçado com o tronco da arvore onde o garavim estava posto, e sintindo o engano, e como não sabia quem era, nem cuja filha, se recolheu em sua casa triste, então lhe estava mais affeiçoado que d'antes. E com desejo de a vêr e saber quem era, e havel-a por molher, cahiu em cama doente de imaginação, e tanto esteve assi

que se secava e houvera de morrer, senão dera conta do caso a uma discreta dona que o criára, a qual entendido tudo o que passara, tomou o vestido, que foi tirado da moça, e foi-se pela villa dizendo que o achara, e se alguma pessoa o conhecesse e mostrasse como era seu lh'o daria. E isto fazia por saber quem era aquella donzella; o que a boa dona fez com tanta sagacidade, que por enculcas veiu á propria casa d'onde o fato era. A dona foi dizer ao fidalgo a casa e a pessoa que era; e elle, visto e ouvido o que dizia d'aquella que já tinha feito senhora de si na vontade, folgou muito e aguardou tempo que soube que estava vestida com o proprio vestido, e então para melhor se affirmar se era ella, se subiu pela escada acima, e de supito deu com a mãe, e com ella e seu irmão, que estavam descuidados de tal vinda. E o fidalgo tanto que a viu logo conheceu ser aquella por quem passava os trabalhos que passou desde que ficou sem ella no jardim, e com muita cortezia lhe disse:

— Senhora, desde agora vos fico que nunca haverei outra molher senão a vós.

A donzella, vergonhosa de ouvir, e a este tempo se desbarretou e queria pedir-lh'o em giolhos, se lhe humilhou muito e tomandoo polas mãos o fez erguer. Depois se correram os banhos, e com muito contentamento de ambos viveram sempre; e por esta donzella se disse o rifão:

A moça virtuosa

Deus a espósa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, conto 4.º)

154. O ODIO ENDURECIDO

Viviam em hum logar pequeno dous homens, que se queriam mal, e os visinhos e seu prelado aviam feito o que n'elles era pelos fazer amigos; os quaes, ainda que algum tempo se fallavam, como o odio era de coração, não durava n'elles a amisade, feita por cumprir com quem lh'o rogava, ou lh'o mandava, que logo tornavam como de primeiro. Durou n'elles este odio tanto, que vindo por ali ElRey, lhe deram conta d'isto alguns homens da terra. E ElRey mandou chamar a ambos, e ante si, por elles e por outros inquiriu o melhor que pôde qual seria a causa; porque, sabida, atalhando-lhe os principios, se faria a paz. E achou que era pura inveja que cada um tinha dos bens e fazenda do outro, porque n'isto eram quasi eguaes e abastadamente ricos. Porém, cada um desejava vêr-se aventajado do outro, inda que fosse á custa de por isso o vêr destruido e perdido de todo; e o mal que hum queria ao outro, esse mesmo lhe queria o avaro a elle. ElRey desejoso de os contentar a ambos fartando-os de fazenda, por que perdessem a inveja, lhe disse:

— Sêde amigos; e eu quero que seja á minha custa, e me apraz de vos dar tudo o que souberdes pedir de meu reyno, que eu tenha, com esta condição, que um de vós hade pedir á sua vontade tudo que elle quizer, com que fique contente,

para não haver inveja do outro, e eu desde agora lh’o dou; e ao outro que não pedir, ey de dar em dobro sem mingua alguma.

Elles, á primeira face, parecendo-lhes bem o acceitaram e agradeceram, crendo cada um que ficaria aventajado do outro; porém quando cahiram na conta, que, ainda que hum pedisse muito, aviam de dar dobrado ao outro, nenhum queria pedir por não ficar menos que seu visinho. ElRey entendendo-os, mandou lançar sortes, e ao que coubesse pedir, pedisse por força, dizendo-lhe:

— Tu que queres mais do que souberes pedir, pede á tua vontade, farta-te, e depois deixa-me dar a est’outro dous tantos, que tu nada perdes n’isso.

Nenhum d’elles tinha paciencia, e per derradeiro lançaram sortes, e aquelle a que lhe coube pedir, ficou per isso muy triste, e depois de bem imaginar no que pediria, veiu ledo a ElRey e disse-lhe:

— Senhor, já sei o que ey de pedir, e se m’o deres cumprindo tua palavra, ficarei contente e amigo de meu visinbo, dando-lhe a elle o dobro.

E ElRey lh’o prometteu sem falta; elle se poz em geolhos, e lhe beijou a mão pela mercê e logo lh’o pediu:

— Dê-me vossa alteza um d’estes meus olhos aqui posto na minha mão.

ElRey maravilhado do que pedia, lhe disse:

— Jesus! e porquê?

E o homem tornou a dizer:

— Porque, conforme a promessa de vossa alteza, se me tirarem um olho a mim, hão lhe de tirar dois olhos a elle, e assi vendo-lhe eu este damno me contento.

Foy muito de espantar a crueldade d'este e vêr o endurecido odio que ambos se tinham.

(Trancoso, Parte I, conto IX.)

Variante

Em certa cidade avia dois homens, um era muito avarento e outro muito invejoso; sabendo-o o senhor d'aquella terra, os mandou chamar e lhes disse: «Determino de vos fazer mercês, e hão de ser d'esta sorte. Peça qualquer de vós primeiro, e veja o que pede, e como, porque ao segundo hei de dar dobrada do que ao primeiro.» Ora notae; o avarento como cubiçoso queria pedir primeiro para levar alguma cousa, ainda que não fosse tanto; mas o invejoso para que não levasse nada, inventou uma cousa diabolica, pediu primeiro, e foi que lhe tirassem um olho, para que ao avarento lhe tirassem dois, conforme ao concerto que haviam feito, assi foi, e ficaram ambos castigados.

(Saraiva de Sousa, *Baculo pastoral*, t. I, p. 231.)

Notas

154. **O odio endurecido**. — Este conto n.º IX da Parte I dos *Contos proveitosos*, de Trancoso, acha-se nas *Fabulas* de Aviano, n.º 42; no poema francez *Les Enseignements Trebor*; no fabliau *Du Convoiteux et de l'Envieux*, par Jean de Boves *(Recueil de Fabliaux*, p. 107, Bibl. choisie); na *Élite des bons mots*, t. II, p. 292; nos *Detti et Fatti piacevoli* del Guiardini, p. 99; nas *Mém. de l'Academie des Inscriptions et Belles Lettres*, t. XX; o Conde de Caylus publicou um extracto do fabliau do *Convoiteux*; Saraiva de Sousa e o Padre João Baptista de Castro deram-lhe nova redacção litteraria.

155. MINHA MÃE, CALÇOTES

Perto da cidade do Porto, onde chamam Paço de Sousa, havia um pobre homem que tinha seis crianças, entre filhos e filhas, de que alguns eram de dezesete ou dezoito annos, e d'ali para baixo. E tendo-os derredor de si um serão, sobre ceia de borôa e castanhas, de redor do lume muito contentes, olhou pera elles, e viu-os taes, que o melhor arroupado, se tinha camisa não tinha pellote, e se pellote, sem mangas, e se mangas sem fralda, e todos descalços e sem barrete nem coyfas; assi que todos se cobriam com fato, que pera bem não bastava a hum, e esse muito velho e esfarrapado, que quasi não prestava. E vendo-os taes, disse á mulher:

— Ouvis? lembre-vos ámanhã, se nosso Senhor quizer, que peçaes a minha comadre Briolanja de Payva huma quarta de linhaça emprestada; semeal-a-hemos, e com ajuda de Deus, averemos linho, de que façamos no verão calçotes para estes cachôpos.

Os filhos, tanto que o ouviram, saltando no ar com muito prazer, diziam uns aos outros rindo:

— Ai, calçotes, mana! Ay calçotes!

Tanto riram e folgaram, estando ainda nús, que o pae disse:

— O dou ao demo a canalha; que, como se sentem vestidos não ha quem possa com elles.

(Trancoso, *Contos*, P. I, conto X. Ainda se repete na tradição popular do Porto.)

Notas

155. **Minha mãe, calçotes**. — Ainda ouvimos no Porto o anexim que serve de titulo a este conto. Quanto ao seu thema tradicional, vid. nota 151.

156. O REAL BEM GANHADO

Aconteceu que um domingo, estando um ermitão á porta da ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de rêdes e armadilhas, que a seu parecer ia armar aos passaros. O ermitão chegou a elle, e lhe perguntou de donde era e adonde ia; o qual respondeu:

— Sou de meia legua de donde estamos, e entendi hoje na estação que fez o cura, que o Espirito Santo deceu ao mundo em figura de pomba, e eu desejo de o vêr e achar, e tomei estas rêdes emprestadas, e venho-as armar, e se o posso aver n'ellas, lhe ei de pedir que aja misericordia comigo, dando-me mantença para cada dia, que eu e minha mulher com pão e agua da fonte nos contentamos.

O bom do ermitão, visto isto, levou á ermida e deu-lhe quasi todas as offertas que aquelle dia avia recebido, e lhe disse:

— Irmão, tomae isto, comei vós e vossa mulher; mas é necessario que me digaes qual quereis mais — um real bem ganhado, ou cento mial ganhados?

O pobre homem tomou o pão, e com alegria se foi a sua casa, dizendo ao Ermitão que averia conselho com sua mulher, qual era melhor, e tornaria a dizer-lh'o. E tornando

a casa, comeram contentes, e ouveram conselho qual tomariam — um real bem ganhado ou cento mal ganhados; quizeram ambos de um accordo um real bem ganhado, antes do que cento mal ganhados, e com isto tornou o pobre homem ao Ermitão a dizer-lh'o para que lh'o desse; o qual com muito contentamento, por vêr que soube escolher, lhe deu um real em dous meios, como ora se costumam, dizendo-lhe:

— Este é bem ganhado, com elle vos fará Deus mercê.

E assi se tornou o lavrador para casa contente; porém no caminho, antes de chegar a ella, achou dous cachopos que pegados um no outro em grande briga andavam, dando-se de punhadas e de cabeçadas, ensanguentadas as boccas de sangue, tão encarniçados em matar-se, sem repousar, que era magoa de vêr. E assi o pobre homem quando os viu, avendo dó de os vêr tratar de tal sorte no campo, d'onde se elle não passara, não podiam ser soccorridos, desejoso de os meter em paz, com caridade se meteu no meio a apartal-os, perguntando a causa da briga. E ainda que deixavam de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar do outro; mas estando assim pegados, disse um:

— Vêdes, ali n'aquelle chão jaz aquella pederneira, que é para ferir lume; eu a vi, e querendo-a tomar, este m'o impide, e a quer elle tomar.

O outro respondeu:

— Não he assi; mas eu a vi primeiro, e quero-a tomar, e tu queres-m’o tolher e tomal-a para ti.

Esta era a causa por que se feriam. O poqre homem vendo que entre elles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ella não era tão grande que bastasse para a partir, e por vel-os ambos em paz lhe disse:

— Filhos, rogo-vos que cesse vossa briga; tomae de mim este real que tenho; cada um leve seu meio real; deixae ora esta pedra, não seja o demo que vos faça fazer algum desmancho.

Os moços, visto o real, e rogo do bom homem, acceitaram a paz, e cada um tomou seu meio real, deixando a pedra ao lavrador se foram contentes, e elle a tomou, não por lhe parecer que teria valia, senão para testemunha, que quando dissesse que lhe dera o real por ella, fosse crido, e assi a levou todavia. Chegando achou sua mulher á porta, que o esperava, desejosa de vêr o real bem ganhado, que o marido havia de trazer. N’isto elle que chega, e mostrou-lhe a pedra que trazia, e disse-lhe o caso que acontecera. A mulher logo á primeira face teve desgosto por não vêr com seus olhos o real; tomando a pedra da mão ao marido, arremessando-a para dentro da casa, disse:

— Ah! que nem este real nos veiu ter á mão.

Por que os paes dos moços, que os viram escalavrados e souberam d’elles a briga e donde e sobre que fôra, e quem fizera a paz e como lhes dera um real, que elles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lh’o agradeceram muito, e cada um d’elles por si lh’o pagou com grande ventagem, e d’alli em diante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com que lhe tirou os filhos do arroido e peleja que tinham.

Aconteceu que em este tempo passou por aquelle logar um fidalgo, que por mandado de elrey ia a outro reino por Embaixador, e levava comsigo dez ou doze homens; e conveiu-lhe ficar ali uma noite em aquella aldeia, esperando certo recado da côrte. E ainda que para seu aposento lhe deram as melhores casas que avia no logar, não lhe bastaram, e foi neeessario agasalhar alguns dos seus em outras casas, e agasalhando-se pela aldeia, coube a este homem um d’elles. Este homem, criado do Embaixador, depois de lançado na cama, sendo passado uma grande parte da noite, acordou e viu que a seu parecer avia resplandor na casa, que a tal hora da noite, conforme ao tempo não se permittia, e admirado, foi posto em confusão, d’onde aquillo podia proceder. E por saber o que era se ergue como sesudo, e mui quietamente se foi para onde via a claridade, e pouco a pouco, indo para ella chegou donde estava a pedra. Tanto que chegou a ella e a viu, a tomou e a guardou; até que vindo o dia a viu melhor, e parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor Embaixador, com quem elle vinha, e mostrando-lh’a lh’a deu, e disse donde a

achára; e o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achára, e perguntando-lhe donde a ouvera e de que lhe servia, e o bom do homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada; se vossa mercê a quer, tome-a, que eu folgarei muito d'isso, que um real me custou.

E contou-lhe como e de que maneira, assi como a historia atégora o contou; do qual o fidalgo se maravilhou, e teve para si, que pelo muito que vale o real bem ganhado, permittiu Deus que lhe deparasse aquella pedra áquelle homem. E o Embaixador metteu a mão em uma boeta, em que levava dinheiro para sua despeza, e tomando um punhado de moedas de ouro em que averia duzentos mil réis lhe deu, dizendo:

— Irmão, esta pedra já que m'a dais, eu a quero.

O pobre homem não queria tanto dinheiro, e a importunação do nobre fidalgo tomou, e se foi para sua casa com muita alegria dar conta a sua mulher; comprou herdades e chegou a ser chamado o rico homem, e elle o era.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, n.º XIII.)

Notas

156. **O real bem ganhado**. — O thema tradicional da pedra preciosa conserva-se no povo. Vid. n.º 78.

157. O SEGREDO REVELADO

Um nobre cavalleiro, virtuoso e muito rico, o qual chegando por velhice á ultima hora da vida, chamou ante si um só filho que tinha:

— Rogo-te que pera minha consolação, antes que morra me promettas de fazer o que te deixar por conselho; que segredo que revelar honra ou vida não no descubras a ninguem, porque se tu não guardas o que tanto te releva a ti proprio, como esperas que t'o guardará outra pessoa alguma? e n'isto de segredo te guarda principalmente de tua mulher, porque todas em geral são mudaveis, e por pouca cousa que lhe faças se póde enojar contra ti e descobrir-te o segredo.

Isto tudo o filho ouviu e entendeu, e aceitou de cumprir como o pay lhe pedia, promettendo-lhe sem falta. Mas para vêr que damno lhe podia vir de descobrir o segredo, logo propoz de descobrir algum que fosse fingido haver feito que não fizesse, para que se se descobrisse não fosse verdade, e podesse mostrar o contrario.

Andando um dia o Duque á caça, trasmontou-se-lhe um nebri que elle prezava muito, e tornando sem elle á cidade, fez apregoar que daria grande achado a quem lh'o desse. E porque nem assi appareceu, tornou a mandar pregoar que

quem o encobrisse perdesse a fazenda e morresse morte natural; e a quem lh’o descobrisse e fizesse vir á mão do Duque, perdoava qualquer delicto que tivesse, ainda que fosse de morte. E nem assi o nebri appareceu, de que toda a terra estava espantada; e não parecia, porque cahiu dentro da quinta d’este mancebo, que estava perto da cidade, a qual, como era muito grande e elle achasse ali muitas aves, andou muitos dias sem saber d’elle, até que o mancebo foi um dia á quinta; andando passeando dentro, achou o nebri, e como sabia muito d’aquelle mister, o chamou e fez vir a si, e o levou a uma camara das casas da quinta, em que avia todo apparelho para a criação d’aquellas aves, e que não podesse fugir, deixando a bom recado. Guardou comsigo a chave da casa, que era muito grande, e elle e outros passaros que ali estavam tinham bem de que se manter, porque a casa era artificialmente para isso, e estava bem provida do necessario. E deixando o nebri a recadado, matou o mancebo hum grande pavão, de muitos que ali se criavam, e cortados os pés, rabo, cabeça, o depennou e levou para sua casa; e tanto que chegou, disse a sua mulher:

— Senhora, o nebri do Duque foy ter á nossa quinta, e nos tem mortas muitas de nossas aves e em satisfação d'isso eu o matei, e o trago aqui depennado para que o ceêmos, vós e eu.

Ella, tanto que o ouviu se agastou muito, e disse:

— Pesa-me muito d'isso, que melhor fôra trazer-lh'o vivo ao Duque; d'aqui vos digo que me fizestes pesar, e eu não cearei d'elle, nem á mesa em que se comer.

E assi, ainda que o marido a chamou e lhe mostrou o pavão, gabando-o, dizendo-lhe:

— Senhora, olhae como estava gordo este nebri; vinde comer d'elle, que é tal como um gordo pavão.

Ella o não quiz vêr, nem aquella noite ceou com o marido, nem sem elle, tanto se entristeceu. Porém, passada esta noite, de ali por diante quando fallava com o marido parecia que era com uma isentidão sobeja, menos recolheita e mais despejada que d'antes, menos cortez e humilde do que sohia e por cima do hombro; no que tudo o marido attentou, tendo para si que já ella cuidava que lhe tinha o pé no pescoço em lhe saber o segredo do nebri, que na verdade estava vivo, e elle o visitava cada dia para lhe prover o que fosse necessario; e a mulher cuidava que o pavão que o marido ceou, como ouvistes, era verdadeiramente o nebri, como elle disse.

E o mancebo, desejoso de chegar ao cabo com tudo, uma tarde entrando pela porta sobre:

— Porque não está a mesa posta? que fazeis á janella? (Cousa que nunca elle perguntava, nem n'isso entendia.)

Ella lhe respondeu isenta:

— Que quereis vós agora para isso? (com um menosprezo no marido, e gravidade n'ella, que elle não quiz soffrer; e ali lhe deu uma grande bofetada; pelo que ella, pósta em cabello, gritando muito rijo, disse:

— Isso mereço eu, falso traidor? porque ha mais de seis dias que calo e encubro tua maldade, que matastes o nebri do senhor Duque, e o comestes por lhe dar desgosto, e não porque te faltavam a ti aves prezadas que comer.

Como isto foi dito a grandes brados na praça, por para pouco se teve o que mais tardou em dizel-o ao Duque, temendo que se o não descobrisse cairia em sua desgraça. O Duque tanto que o soube o mandou prender, e sem nenhuma misericordia, visto o testemunho da mulher e dos servidores e gente de sua casa, que todos affirmaram vêr-lhe trazer o nebri morto e mandal-o assar, e que o ceiara uma noite, foi por sentença mandado degolar na praça da cidade, e que perdesse sua direita parte dos bens que tinha para a corôa, conforme estava apregoado. E tirando-o da cadeia para se executar n'elle a justiça, a este tempo tinha o mancebo junto comsigo um virtuoso padre religioso a quem tinha dado conta do caso todo como passava assi como a historia o tem contado, que ouvindo-o, logo se ergueu em pé, e disse alto a todos que o ouviram:

— Este homem é julgado por falsa informação, e não é a sentença dada justamente; esperai, que eu irei fallar ao Duque, e será de outra maneira.

E assi foy e contou a sua Senhoria toda a historia passada do rogo do velho pae a seu filho até o estado em que estava, por vêr o segredo que sua mulher lhe tinha, no que fingidamente lhe dissera pera a provar. Que sua Senhoria mandasse pelo nebri á quinta, que elle lhe descobrira que era vivo e estava ali; e para mais certeza, que tomasse aquella chave e o mandasse tirar, e que se lembrasse que conforme ao pregão que mandou dar, por esto feito de lhe descobrir o nebri e fazer-lh'o aver era perdoado. Porém que elle o não pedia senão, que se todavia o quizesse mandar matar, que dissesse o pregão, — que morria por não ser obediente a seu pae, nem tomar seu conselho.

E o Duque, visto isto e entendendo a verdade do caso, mandou que fosse solto e perdoado da culpa que teve, e que soffresse o desgosto de ter sempre sua mulher comsigo, sem nunca pelo passado lhe dar remoque, nem fazer aggravo, porque visto o que succedera estava arrependida do que fizera, e que em tudo d'ali por diante guardasse os conselhos de seu pae, assi como lh'os prometteu guardar.

(Trancoso, *Contos*, Parte I, n.º XI.)

Notas

157. **O segredo revelado**. — Acha-se este conto nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Novelle*, de Franco Sachetti, PAGESEPARATOR n.º XVI; nas *Gesta Romanorum*, cap. 124 *(Violier*, cap. 148); nas *Cent Nouvelles nouvelles*, n.º LII; nas *Nuits facetieuses*, de Straparola, I, da 1.ª Noite (t. I, p. 15). Tambem se repete no *Livre du Chevalier de la Tour*, cap. 128. O episodio do falcão morto (um carneiro, para simular um homem) vem nas *Horas de recreio*, de Guichardin, p. 161; nas *Novelle*, de Granuci, n.º V; no fabliau do *Prud'homme qui donna des instructions à son fils (Rec. de Fabliaux*, p. 131), na collecção de Barbazan, e Ms. de Clayette. Vid. *Melanges de litterature orientale*, t . I, p. 78. Ha imitações d' este conto em Hans Sachs, em uma comedia; o Dr. Schmidt, na sua edição de Straparola determina bastantes paradigmas d'este conto, que ainda apparece nos *Mille et un quart d'heure*, de Gueullette. No *Dolopathos*, d'Hebers (ed. 1856, p. 225), acha-se esta narrativa; nos *Haus-Mærchen*, de Grimm, t. III, p. 176, ed. 1819, apontam-se outros paradigmas.

158. A PROVA DAS LARANJAS

Um tabalião foi de publico e judicial em um logar de Senhorio, e chegando a edade que não podia servir o officio, pediu ao senhor da terra, que lhe fizesse mercê d'elle para um filho, que tinha tres já homens, e que cada um d'elles era sufficiente para o servir. E o senhor, por lhe fazer mercê, disse que lhe aprazia, porém, que queria vêr os mancebos um por um, para vêr qual seria melhor empregado, e que assi o daria.

O velho folgou d'isso, e mandou primeiro o mais velho, que apresentando-se ante o senhor, lhe disse que elle era o filho do tabalião; que sua senhoria mandara vir ante si para lhe fazer mercê do officio de seu pae, se lhe parecesse, para o servir n'elle. A este tempo o Senhor tinha na sua sala uma bacia grande, cheia de agua, e estavam n'ella laranjas, a saber, quatro inteiras e sete partidas pelo meio, com o agro para baixo, e o pé ou o olho para cima, que ao parecer de quem não no attentara bem pareciam todas inteiras. E tanto que o mancebo deu o recado, lhe respondeu o Senhor que logo o averia, quasi fingido esperava por outra pessoa, e como que não fosse aquillo do caso proprio, lhe disse:

— Entrementes, vêde que laranjas estão ali fóra n'aquella bacia.

O mancebo olhou, e vendo as quatorze metades, que cuidou que eram inteiras, e as quatro inteiras tudo, em lançando-lhe os olhos sómente, disse:

— Senhor, são duzia e meia de laranjas. Que, na verdade, como estavam sobre a agua assi o pareciam; e o Senhor disse:

— Dizei a vosso pae, que mande cá outro filho (o qual veiu).

E aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que tambem disse que as laranjas eram dezoito, como o pareciam. E o Senhor mandou vir o terceiro, o qual vinha desgostoso, porque já sabia a pergunta, e não sabia que responder. E todavia chegando, o Senhor lhe mandou que visse as laranjas que estavam n'aquella bacia, como dissera aos outros; e elle saindo fóra, chamou dois homens da casa, que andavam passeando na sala, e disse-lhes:

— Senhores, o Duque manda saber as laranjas que estam n'esta bacia; sêde presentes por que sejaes testemunhas do que achar.

E assi, tirou as laranjas fôra, e viu elle e elles que eram as quatorze metades e as quatro inteiras; e metteu a mão na agua e viu que não havia lá outra cousa, e assi fez que o vissem aquelles dois homens que alli estavam. E visto isto, tirou papel e escrivaninha que levava comsigo e fez auto do

que alli se achou, e nomeou n'elle os dois homens que foram testemunhas e o assignaram, e com isto tornou ao senhor, que visto lhe pareceu bem a diligencia que fizera, e disse-lhe:

— Vós o fizestes como official, e não como os outros, que sem vêr o que era disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do officio, que lhe fazia mercê d'elle, porque escreveu o que viu e palpou, que assi é necessario fazer-se para dar fé verdadeira.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, n.º XIV.)

Notas

158. **A prova das laranjas**. — Ha uma situação analoga no *Conde de Lucanor*, n.º XIX; é um herdeiro do throno o escolhido.

159. OS DOIS IRMÃOS

Um velho rico tinha dois filhos, e porque o maior que tinha carrego da administração da fazenda se casou sem licença, o lançou fóra de casa, tirando-lhe a posse e mando que n'ella tinha, e além d'isto lhe cobrou odio mortal com desejo de o empécer; e para o poder fazer ao menos na fazenda, imaginava sempre como per sua morte o deixasse desherdado e désse tudo ao outro filho menor. E achou que o faria, deixando de acabar umas casas sumptuosas que tinha começadas no melhor da cidade, as quaes estavam já galgadas as paredes para lhe lançar o primeiro sobrado; e isto porque o que avia de gastar n'ellas ficasse em dinheiro na mão do filho menor quando elle lh'o quizesse dar. E passados annos, o velho preseverando em sua contumacia, não quiz perdoar o filho nem lhe quiz mais vêr o rosto. E com este rancor morreu e deixou grande fazenda em dinheiro, ouro e prata ao segundo filho, dando-lhe na mão, porque não désse d'ali parte ao outro, ao qual elle desherdára, de todo se perdera. Coube ao maior tão pouco, que não houve bem para se vestir de dó elle e seus filhos, que, como havia dias que era casado, tinha quatro crianças, e assi ficou pobre e cercado de trabalhos e muita necessidade, que, vendo-se o mais velho em tanta miseria foi ao irmão, e com lagrimas lhe disse:

— Irmão, bem sabes e vês minha necessidade e pobreza; rogo-te que me dês estes principios de casas que meu pae deixou de acabar, porque alimpadas com meu trabalho e de minha mulher e filhos, as possa cobrir de trouxa e agasalhar-me dentro; que ellas a ti não te aproveitam, nem as estimas, e estão em esterqueira do concelho, feitas pardieiro; ellas estão galgadas de maneira que sem lhe acrescentar parede, ali as cobrirei do que puder, e n'isto me farás grande esmola.

O irmão menor vendo a necessidade de seu irmão, e como dizem, porque o sangue não se roga, entregou-lhe as casas, e fez-lhe d'ellas sua carta de doação livre e desembargada.

Passados annos o irmão menor veiu a casar, e porque a quem tem muito lhe dão mais, deram-lhe grande dote com uma mulher tão cobiçosa da fazenda, que o muito que tinha lhe parecia nada, e o pouco alheio cuidava que era muito e o queria e cobiçava para si. E d'esta maneira, indo um dia a visitar a mulher do cunhado, irmão de seu marido, viu o principio e entrada da casa e o portal de pedraria que mostrava demandar mais agua, que ser logo em cima coberta de trouxa como estava, e cobiçosa de aver aquelle assento e fazer n'elle casas para sua morada custosas e ricas, sem fazer ali muita tardança veiu ao marido e disse-lhe — que comprasse aquelle assento a seu irmão, dando-lhe por elle com que podesse aver casas pera si em outra parte. E elle lhe respondeu: — que o não faria, porque elle lh'o dera

feito pardieiro, que não era razão pedir-lh'o agora que o tinha limpo, ainda que fosse por compra.

Quando ella isto ouviu, ali foi a grita, que em toda a visinhança se ouviu seu brado, dizendo: — que folgava muito de saber que elle lh'o tinha dado, porque já agora não dizia ella por dinheiro, mas sem elle lh'o avia de dar, e se não fosse em paz e por bem, seria por justiça. E dava logo esta razão:

— Se vós lh'o destes solteiro ereis menor; e se lh'o destes em casado, a dada não vale, que eu não consinto.

E isto dizia tão menencoria e pelejando, que o marido não tinha mesa nem cama sem arroido. E assi fez tanto, que por ter paz o marido citou a seu irmão, pedindo-lhe as casas que lhe dera; e processado o feito, que correndo seus termos ordinarios sahiu por sentença a doação por boa. E assi foi a propriedade julgada ao pobre; porém, a mulher do rico mal contente, fez agravar da sentença e seguir o feito até mór alçada, e assi foi á Supplicação, que então estava na cidade de Evora. E partindo de Lisboa, o rico ia a cavallo e com grande cevadeira, e o pobre a pé com dous pães e quatro cebollas no capello; e assi caminharam pera aver final sentença. Indo assi caminhando pera Evora, foram pousar huma noite na Landeyra em casa de um vendeiro, que avia dezoito annos que era casado e nunca tivera filho nem filha; e estava rico e contente, porque a este tempo tinha a mulher prenhe, quasi em dias de parir. E por ser muito conhecido

do rico o agasalhou e poz grande mesa, dando-lhe de ceiar o melhor que elle pôde e tinha; assi se pozeram a ceiar com grande festa, fazendo assentar á mesa a mulher do vendeiro pera que como prenhe tornasse de cada cousa um bocado. E o pobre homem, sem dizer que era irmão do rico, se assentou derredor do lume, e poz no borralho a assar uma cebolla para sua ceia, que assada a ceou com seu pão e agua. Esta mulher prenhe ainda que estava á mesa com o marido e hospede, onde tinham bem que cear, e recebiam gosto de lhe dar o que ella pedia por que não perigasse, não lhe pareceu bem nada do que ali avia, nem lhe prestava coisa que comesse, cheirando-lhe a cebolla, que se assava, que morria por ir comer d'ella, e com vergonha do hospede não se erguia da mesa, tomou-lhe tal desmaio que cahiu no chão, e como a criança era já grande a boa mulher com grande trabalho moveu aquella noite antes de muitas horas com muito pesar e dôr do marido, o qual, inquirindo da mulher se desejára alguma cousa, tanto que ella lhe disse que da cebolla assada que aquelle homem ceiára, se foi a elle com grande ira, que o queria matar a punhadas, e sem falta o fizera, se o irmão o não escusára, dizendo:

— Eu vou com elle em demanda á côrte; se vos parece que vos tem culpa e é caso de o matar, como queres, hi commigo e accusae-o, e lá vos farão justiça.

Tanto que veiu a manhã, determinou o vendeiro ir accusal-o á côrte. E assi como o rico se poz a cavallo, partiram ambos para a cidade de Evora donde o vendeiro pretendia fazer

enforcar aquelle pobre homem. E assi caminharam os dous a cavallo, e o pobre a pé; chovia, e avia chovido toda a noite passada, de maneira que o caminho tinha a logares lamas e atoleiros, porque era tempo de inverno. A esta conjuncção achou no proprio caminho um homem, que com uma azemela estava metido no olho de um grande lamarão de barro, tão pesado que não podia sahir, nem valer-se a si, nem á azemela, e ainda que bradou pelos que passavam a cavallo, nenhum quiz accudir. Até que chegou este pobre homem que caminhava a pé, e com muito mais trabalho que todos e de feito o ajudou com vontade a livrar d'aquella affronta; e fez de maneira com que, tirando o homem da pressa de sua pessoa, buscaram ambos mata que lançar aderredor da azemela para poder chegar a ella sem atollar. Trabalhou tanto o pobre homem n'isto, tirando a vezes pelos pés e mãos, e outras pelo cabresto e rabo, com a força que elle poz lhe ficaram nas mãos tantas sedas do rabo da azemela, que lhe davam grande fealdade. O dono, tanto que viu o defeito da azemela veiu a grandes brados com o pobre, dizendo que acinte lhe arrancára o rabo, e que lhe avia de pagar por justiça o defeito, e que sobre isso iria á côrte; e as si indo alcançou os outros que iam diante na primeira venda donde estavam pousados e lhe fez queixume do pobre que vinha a pé, muito triste de se vêr com tantos desastres como lhe aconteciam sem elle ter culpa; e porque não acontecessem mais, não quiz pousar n'aquella venda, mas só se poz ao caminho e chegou a Evora a tempo que já lá estavam. E considerando o pobre como avia de parecer com trez demandas diante do Regedor, assentou que era

melhor matar-se elle mesmo a si, que vêr-se em poder de seus inimigos, e logo o poz por obra d'esta maneira. Subindo pela escada do muro da cidade, foi acima até chegar ás ameias da torre que está sobre a porta, e deixando-se cahir da torre abaixo para a banda de fóra. Ora, aquella manhã, depois de tanta chuva, tinha amanhecido o dia bom e muito fermoso; um velho que estava entrevado doente e morava ali perto, por gosar o sol d'este dia se fez levar ao soalheiro ao pé do muro, por ali aquecer e ter refrigerio de vêr e fallar com alguns conhecentes que passavam; e assi pouco depois d'elle assentado em uma cadeira, vêdes, vem de cima do muro pelos ares aquelle homem, que desesperado por se vêr com tanta demanda se lançou desejoso de receber a morte, o qual veiu direitamente dar sobre o desditoso velho, morreu, e o pobre homem que desejava morrer não recebeu nenhum damno da queda, que foi toda em cheio sobre o velho. Ao qual logo acudiram dois filhos que tinha, e achando-o morto lançaram mão do matador e preso o levaram ante o Regedor. Porém atravessando com elle pela praça, foi visto do irmão e dos outros dois contrarios, que o estavam aguardando; tomou o irmão a dianteira, e o vendeiro tambem queria dizer seu queixume e o da azemela o mesmo, de maneira que cada um se atravessava por fallar, nam deixando dizer ao outro. Tanta briga tiveram entre si, que o Regedor olhou n'isso e logo n'aquelle instante propoz em si, que se achasse da parte do pobre alguma coisa com que por direito o podesse favorecer, que o faria de boa vontade. E disse:

— Que as pessoas que tinham que dizer contra aquelle homem dissessem um a um, começando primeiro quem primeiro teve a differença; e assi cada um per sua ordem.

Pelo qual o irmão foi o primeiro, que lhe pediu as casas fundando-se nas razões já ditas; ao qual respondeu o pobre com a verdade do caso como passava. O Regedor disse:

— Eu mando que este fique com as casas como estão julgadas, e que vós que sabeis que lh'as pedis mal e com malicia insistis n'isso, lhe pagueis a elle duzentos mil reis.

E logo foi por elles preso, e não foi solto até pagar. Concluido este veiu o vendeiro, dizendo que lhe fizera mover a molher; ao qual respondeu o pobre com a verdade, contando como passára. E o Regedor visto o caso julgou ao pobre por sem culpa, e que o vendeiro pela affronta em que o puzera e em emenda do damno que lhe fez em sua casa dando n'elle, lhe pagasse cincoenta cruzados. E logo veiu o da azemela, pedindo que maliciosamente pegára no rabo d'aquella alimaria e lh'o arrancára; o qual era muito defeito e grande fealdade, que lhe mandasse pagar o que fosse avaliado. Ao que foi respondido pelo pobre, dizendo que o ajudára a sahir do atoleiro; ouvido pelo Regedor e vista a ingratidão foi julgado por elle que a azemela ficasse em poder do pobre tanto tempo até que lhe nascesse o rabo, e se servisse d'ella, e se o dono apellasse d'isso pagasse cincoenta cruzados. Isto concluido, os filhos do velho que estava morto, alcançaram as vozes pedindo justiça.

— Este matou; o matador morra por isso que assi é justo.

O Regedor quiz saber o caso meudamente, e ouviu ao pobre como e porque se lançára do muro abaixo. O que tudo visto mandou que aquelle homem accusado fosse assentado na cadeira em que estava o velho quando morreu, e o accusador se subisse ao muro e se lançasse d'elle abaixo como o outro fez e assi cahisse sobre elle e o matasse, que d'esta maneira o matador pagaria como peccou; e se não quizessem aceitar isto, que pagassem ao pobre pela affronta em que o puzeram cincoenta cruzados.

Os filhos do velho, visto que podia ser deitando-se do muro errar o golpe e não lhe fazer damno, e o que se lançasse corria muito risco de perigar, davam brados, e foram logo reteudos e ouveram por bem de pagar os cincoenta cruzados, antes que aventurar a vida. E assi o homem accusado ficou livre e com muito dinheiro com que se tornou para Lisboa na azemela, que lhe julgaram.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, conto XV.)

Notas

159. **Os dois irmãos**. — Ha um largo estudo comparativo sobre este conto na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, onde se compara a versão de Timoneda, no *Patrañuelo*, e as russas, thibetanas, indianas e allemãs, colligidas por Benfey, as de Sercambi e de Busoto, comparadas por Reinhold Köhler. Vide uma fórma popular alemtejana, n.º 109.

160. DOM SIMÃO

Deu um principe poderoso uma Commenda grande de muita renda a um fidalgo nobre, que além de a ter ganhada em Africa, segundo costume, elle a merecia por sua virtuosa condição e bons costumes. Pareceu-lhe a ElRey que Dom Simão era caçador e tinha muitos galgos e outros cães, e se indignou tanto contra o fidalgo e determinou destruil-o ou matal-o; e assi com supita menencoria, fez fazer prestes e cavalgou aforrado, e em cinco dias foi ter á Commenda donde o bom Commendador estava, bem fóra de cuidar a menencoria que el Rey trazia contra elle. E tanto que el Rey chegou, foi o Commendador para lhe beijar a mão, mas el Rey lhe mostrou no rosto a má vontade que lhe trazia, e o apartou logo, e disse-lhe:

— Eu tenho informações dos males que fazeis, os quaes determino castigar, e hade ser em todo caso amenhã; salvo se em amanhecendo me responderdes a tres cousas que agora vos quero perguntar, e acertando em todas terei para mim que acertaes no que fazeis, e senão, sois condemnado á morte.

Muito lhe pesou ao Commendador em ouvir isto, e quizera saber as culpas que lhe punham e desculpar-se d'ellas; porém el Rey o não quiz escutar, mas disse-lhe:

— Pela menhã mui cedo vinde-me aqui dizer: Em que logar do mundo é o meio d'elle? e Quanto ha de altura da terra ao ceu? e Que está imaginando o meu coração n'aquelle momento que vós me responderdes? E sem estas repostas e certas, não pareçais ante mim, nem me faleis.

E sem o querer ouvir se recolheu a uma camara a cear e dormir, e o Commendador ficou agastado imaginando no caso sem saber porque estava el Rey menencorio d'elle, nem entendia o que havia de responder a suas perguntas, e quando lhe representava a imaginação que se fosse, em tal caso tinha mór pena. E com isto se saiu a passear pola porta d'aquella sua casa, em a qual estava por hortelão um virtuoso homem, que na edade, filosomia do rosto e fala parecia muito ao Commendador, e differençava no trage sómente, que algumas vezes querendo por passatempo fazer festa, se vistia o hortelão roupas do Senhor, levemente se enganavam os creados da casa. E andando assi passeando foi vista sua tristeza pelo hortelão, que era virtuoso e de boa criação, e foi-se ao senhor, ao qual affincadamente pediu por mercê que lhe desse conta de sua paixão, que poderia ser que por seu meio lhe daria algum remedio. O senhor que sabia, que este hortelão era homem de muita habilidade e saber, lhe contou o caso todo como passava com el Rey. O hortelão que era muito sisudo:

— Senhor, tudo se remediará com uma cousa; o que he necessario fazer para remedio da affronta em que estamos, é que dispaes essas roupas e vistaes estas minhas, e eu

fingirei ser vós e irei ter com el Rey, que já tenho cuidado tudo o que heide dizer e fazer para livrar a vossa vida e a minha da affronta presente.

E isto foi feito com tanto segredo e resguardo, que ninguem na casa o soube nem suspeitou. E o fingido Commendador começou passear á porta da camara donde el Rey dormia, e tanto que sentira estava vestido, lhe mandou recado, estava ali para lhe dar a reposta do que sua alteza perguntara hontem. El Rey folgou d'isso, e sahiu para fóra a hum corredor que ali se fazia, que ia ter sobre a horta, e postos ali ambos disse o hortelão fingindo ser o Commendador:

— Hontem perguntou vossa alteza tres perguntas a que respondendo digo: que quanto á primeira, que é — D'onde está o meyo do mundo? lhe affirrno que está ali. (E lançando mão de um arremessão de murtos que n'aquelle corredor estavam o pregou na horta fazendo com elle fermoso tiro.) E para provar isto digo, que o mundo é redondo, e ninguem diz o contrario, e sendo tal como é, em qualquer parte é o meio d'elle, como se pode ver em uma bola redonda, a qual donde lhe puzerem o dedo é o meio d'ella. Está vossa alteza n'isto satisfeito?

El Rey disse:

— Dizei das outras!

E elle respondeu:

A segunda pergunta é — Quanto ha d'aqui da terra ao céo? Saiba vossa alteza que isto tem medida egual e é uma vista de olhos. Abaixe os olhos ao chão, e logo alevante-os ao céo, que com uma só medida chegam, que é como digo, uma vista de olhos.

El Rey lhe disse:

— Bem respondestes; livre estaes das duas; porém a terceira, tenho para mi, que nunca acertareis.

E elle lhe disse:

— A essa, melhor; porque a terceira é que heide dizer, que é o que vossa alteza cuida no seu coração a esta hora de agora? E porque isto não tem outro juiz senão elle mesmo, eu lhe peço que o queira ser justo como o é em tudo o mais, e respondendo, digo: que está vossa alteza com todo seu coração cuidando que está falando com Dom Simão o Commendador, e fala com seu hortelão, que eu não sou elle. E se o quer vêr vestido com minhas roupas, está dando esmola aos pobres que mantém cada dia n'esta commenda.

El Rey vendo a habilidade d'este homem, e que em tudo dissera bem, quiz saber d'elle com juramento a vida do Commendador e seu exercicio; folgou muito de saber e despedindo-se do Commendador lhe mandou dar das rendas da coroa dois mil cruzados cada anno. E ao hortelão dava el Rey carregas honrosos na côrte, porque andasse n'ella, o

que elle não acceitou por servir a seu senhor, que lh'o agradeceu e pagou, tratando-o d'ali por diante como a irmão carnal.

(Trancoso, *Contos e Historias*, P. I, conto XVII.)

Notas

160. **Dom Simão**. — Vid. a versão popular com a nota respectiva ao n.º 71.

OS TREZ CONSELHOS

A casa de um sabio letrado chegou um mancebo de dezouto ou vinte annos e lhe disse:

— Meu pae, antes de sua morte me deu cento e cincoenta cruzados e me mandou que buscasse n'esta terra tres doctos varões, a quem desse cincoenta a cada um, e lhe pedisse por mercê que cada um me desse seu conselho d'aquillo que me pertencia fazer para bom governo de minha pessoa e vida. Eu tenho já escolhidos os letrados, e vossa mercê é o primeiro; sirva-se d'estes cincoenta cruzados.

E deu-lh'os logo em dinheiro, que o letrado tomou, e estudando sobre o caso, passados outo dias lhe respondeu:

— Assentae vivenda com algum senhor, e qualquer que fôr aquelle que vos acceitar honrae-o e servi-o com verdade e lealdade.

Despedido d'este letrado se foi a outro, e com as mesmas palavras que disse ao primeiro, lhe pediu seu conselho, declarando o conselho que já trazia, e lhe deu cincoenta cruzados, que o letrado tomou. E estando como o caso requeria, a cabo de outo dias, respondendo-lhe disse:

— Filho, presuposto, que aveis de ser tal qual o douto varão vos aconselhou, vos digo mais: Quando fordes poderoso, sêde misericordioso, não façaes com rigor tudo o que poderdes ainda que seja justiça. E sendo misericordioso no que fizerdes, sereis bem quisto de todos, tereis amigos, que em alguma necessidade, se a tiverdes, vos serão bons, e isto guardae sem falta.

E o mancebo se foi ao terceiro letrado, ao qual contou os conselhos dos dous que já ouvistes, dando-lhe os cincoenta cruzados, que acceitou; e estudando sobre o caso, conforme aos outros respondeu aos outo dias, e disse:

— Pois daes vosso dinheiro por conselhos, usae d'elles, que vos vae a vida em guardal-os. E alem d'elles digo, que se os amigos a que fizerdes bem vos agasalharem, acceitae seu gasalhado, e quando caminhardes andae de dia, não andeis de noite, ainda que seja uma pequena jornada; mas deixae-a pola menhã, que vos vae n'isto muito.

Estes foram os tres conselhos que os sabios deram a este mancebo, que se foi logo assentar vida com um senhor cidadão d'aquella cidade, ao qual sempre foi leal e sem lisonja como lhe foi aconselhado. Aconteceu, que vindo el Rey áquella terra, quiz este senhor por fruta nova (que então o era) mandar-lhe alguns figos, que os tinha, em certas figueiras temporãs muito boas; e mandou a ellas tres pagens, cada um com seu açafate, que os enchessem de figos, encommendando-lhes a limpeza e bom tratamento

d'elles, porque eram para levar a ElRey. Dos quaes pagens era este mancebo um d'elles; e um dos outros, tanto que subiu na figueira, desejoso de comer dos figos se poz a isso comendo os melhores que achava. O outro pagem poz-se a encher seu açafate, tendo o olho emquanto lhe vinha ter á mão algum muito fermoso que lhe contentava mais, este comia. Este nosso pagem de que tratamos, tanto que trepou na figueira, com grande deligencia buscou como encher seu açafate de muitos bons figos limpos e maduros, tendo diante dos olhos que este era o gosto de seu senhor, que os havia de mandar a elrey. Todos os tres açafates foram bem recebidos, e logo se viu a ventagem que o d'este pagem tinha ao soutros, e foi descoberto o caso que aconteceu no apanhar, pelo que o mestre-sala delrey o pediu áquelle cidadão com quem estava, o qual pelo aproveitar lh'o deu, e o moço se soube dar tal manha em seu serviço e com tanta verdade, que elrey de o saber e de que vêr levou muito gosto e não queria ser servido por outrem senão por elle, quando o mestre-sala era ausente.

Mandou elrey para fóra do reino ao mestre-sala com um carrego honroso, e mandou que até elle tornar servisse em seu carrego aquelle mancebo, o qual o fez, tendo tão boa ordem no serviço do officio, que elRey estava muito satisfeito. E tanto que vindo novas que era morto o mestre-sala d'onde fôra, a este deu o officio, e foi tal, que mereceu que elrei o fizesse mordomo da casa da rainha. E querendo ir aforrado visitar seu reino, e prover algumas coisas d'elle, o deixou onde ficava a rainha, servindo-a n'este cargo em

que esteve até que elrey tornou. Como nunca faltam mãos, foi este mordomo-mór mexericado com elrey, de maneira que com falsas informações o indignaram tanto contra elle, que sendo como era muito leal, affirmaram contra sua pessoa que era trédor, e isto dito por palavra e per pessoa, que elrey creu que seria verdade. E porque de todos era bemquisto, não quiz elrei na côrte fazer justiça d'elle, nem descobrir seus delictos; mas chamando-o ante si lhe disse:

— Esta carta não se fia de outra pessoa senão de vós; pelo qual com diligencia caminhando o mais que poderdes, a levae a foão, que está na raia d'este reino, em tal fortaleza, e dae-lh'a, e vêde como e de que sorte tem a guarda d'aquelle castello.

E logo lhe deu uma carta sellada com o sêllo real, que o mordomo tomou como leal criado; e visto o mandado delrey, partiu logo para a fortaleza por jornadas que já levava ordenadas da côrte, em que o terceiro dia avia de ir dormir áquelle castello. Porém, uma legoa antes de chegar a elle, se achou com o cavallo quasi desferrado de todo. E porque isto era passando pelo meio de uma boa povoação, quiz repoisar sua cavalgadura, e ouvindo trabalhar um ferrador, foi-se para aquella parte; mas antes que chegasse, lhe sahiu ao encontro um homem preto, alto de corpo, ladino, e lhe disse:

— Senhor, boa seja a vinda de vossa mercê; em verdade este é um alegre dia para mi; apeie-se, repousará aqui esta

noite.

E poz-se a ferrar o cavallo, o qual fez com muito primor e graça, e feito disse:

— Senhor, conhecei-me, que tenho muita razão de vos servir, e fazei-me mercê que entreis n'esta casa, que é vossa.

E o mordomo attentando por elle, pareceu-lhe que já o vira. E n'estas detenças estiveram algum pequeno espaço, que lhe pareceu ao mordomo que devia de ficar ali, porque o preto se lhe deu a conhecer e era amigo que já recebera honras d'elle, e conforme ao terceiro conselho, não havia de passar adiante, e assi o fez com intenção de se erguer muito cedo e amanhecer na fortaleza. Cearam todos com contentamento, e sobre mesa lhe disse como ia áquelle castello não a mais que a dar aquella carta del rey ao capitão, que devia importar, pois elrey a não fiára d'outrem senão d'elle, a qual mostrou, e poz debaixo da cabeceira. Duas horas ante menhã, o preto se ergueu de sua cama, e tomando mansamente a carta da cabeceira ao mordomo, a bom recado caminhou, e ante menhã elle estava batendo á porta da fortaleza.

Tanto que o capitão abriu a carta, sem outra detença o mandou enforcar de uma amêa. Ora o mordomo-mór, tanto que foy menhã se ergueu, mas quando não achou a carta ficou agastado, e partiu a todo o galope. E em chegando á vista da fortaleza viu o preto enforcado da amêa, que lhe

dava já o sol, logo presumiu que aquillo devia ser recado da carta, e estava comsigo pensativo que faria. Todavia com a furia que o cavallo levava chegou á porta, e chamou, e porque foi logo conhecido dos de dentro lhe foi logo aberta; o mordomo-mór tomou a carta, e viu que era a que ella trazia; leu-a, que dizia assi: «Capitão, tanto que esta receberdes enforcae o portador.» E estava escripta da propria letra de elrey, assinada e sellada, de que o mordomo-mór ficou espantado. Determinou tornar diante de elrey com a propria carta. Chegou ao paço a horas que elrey acabava de jantar, e se recolhia a uma camara a repousar. Entrou e posto em giolhos, disse:

— Senhor, não sei que supito accidente pode tanto com vossa alteza, que sem ser ouvido me mandasse matar tão cruelmente; minha innocencia me livrou.

E com breves palavras lhe contou como, e disse:

— Porém se vossa alteza tem culpas de mi, aqui estou, faça justiça, mande vir diante de mi quem me accusa. E se me faz mercê que eu seja ouvido, saiba que antes de vir a casa de meu primeiro senhor, dei cento e cincoenta cruzados que tinha, a trez sabios por trez conselhos que até hoje guardei. E do primeiro, que era ser sempre leal, como o fui, resultou que subi a mais do que merecia, nem esperava, como é chegar a servir de mordomo-mór da rainha. E n'este tempo que a servia, sendo vossa magestade ausente, senti que um escravo de casa sahiu do paço com certas peças ricas, que

me pareceu levava de mau titulo; tomei-lh'as, e por não infamar á pessoa que as devera guardar, ou quem lh'as deu para as vender, dissimulei o caso, forrei o escravo, e mandei-o fóra do paço, dando-lhe dinheiro para o caminho; no que tudo usei do segundo conselho, que era — ser misericordioso quando fosse poderoso. Agora levando a carta que vossa alteza me mandou, achei-me a uma legua da fortaleza com o cavallo desferrado; conheceu-me aquelle escravo, que com o dinheiro que lhe dei aprendera a ferrador, e estava ali casado, e quando me viu ferrou-me o cavallo, mostrando e fazendo-me muito gazalhado me importunou que pousasse com elle aquella noite, o qual eu acceitei por guardar o terceiro conselho, que era tomar pousada com sol. O preto por me pagar, sem eu o saber me tomou a carta da cabeceira, porque lhe disse que a levava áquelle capitão, e de madrugada partiu de sua casa e a levou; d'onde resultou que conforme ao que n'ella dizia elle padeceu. Póde ser que quem tinha culpa das peças que digo, quando achou que não parecia o negro, temendo ser descuberto de mi, quiz com minha morte innocente segurar a vida maliciosa pondo-me algum falso testemunho.

ElRey ouvindo isto pasmou e fez vir ante si quem o accusava, o qual a poucas perguntas confessou ser elle culpado em delictos que cuidava o mordomo-mór sabia, e por escapar lhe alevantou tudo o que contra elle se disse a elrei. ElRey o poz em justiça e por ella foi condemnado á morte, que logo se executou. E assim pagaram elle e o negro como malfeitores, e escapou o innocente mordomo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I, n.º XVIII.)

Notas

161. **Os trez conselhos**. — Conserva-se ainda no povo este thema tradicional, a que Trancoso deu fórma litteraria. Vide n.º 100 e nota correspondente. O thema da morte do mensageiro repete-se na tradição do Pagem da Rainha Santa Izabel. (Vid. nota 173.)

162. QUANTO VALE A BOA SOGRA

Uma nobre dona deu a um mancebo que ia para Indias de Castella, uma beatilha, muito fina, que lh'a levasse de encommenda, dizendo, que lhe rogava que a vendesse pelo mais que pudesse, e partiriam ambos o dinheiro. E o mancebo, não por cobiça do ganho, mas por fazer bem á viuva, que tinha uma filha virtuosa que manter, a guardou e levou a recado. Perderam os portuguezes toda a mercadoria que levavam, e de nojo morreram quasi todos antes de vinte dias; porém como não perdiam a roupa de seu corpo, houve este mancebo o caixão da roupa de linho, donde metera a beatilha, e como se viu solto determinou por misericordia pedir a fazenda que perdera, e para se lhe fazer n'isto favor teve maneira como mandou aquella beatilha rica de presente á molher do Justiça Mayor d'aquella terra. E ella tanto que a viu a acceitou, e desde logo trabalhou com o marido todo o que pode para que desse a fazenda áquelle homem. E assi lhe deram cinco vezes mais do que lhe tomaram, e vendeu tão bem o que lhe ficou na roupa de linho, que fez grande fazenda, e tudo feito em pedaços de ouro, veiu a Portugal riquissimo.

Estando este mancebo já repousado em sua casa, disse-lhe um dia a sua propria mãe:

— Filho, se fizeste algum dinheiro da beatilha da visinha, rogo-vos que o mandeis a sua filha, que ficou orfã.

E elle vendo isto, e tendo diante dos olhos que tudo o que trouxe lhe veiu de presentar a beatilha como presentou, tomou cincoenta cruzados em ouro e deu-os á mãe:

— Dizei-lhe que tome isto por então.

Assi lh'os mandou, e isto fez por quatro vezes; e a mãe, vendo que elle tinha já dado tanto dinheiro, e que lhe parecia não ter satisfeito, lhe disse:

— Filho, se vós tanto lhe deveis, que com o que lhe tendes dado não vos parece que pagaes, fazei o que vos eu disser, que eu vos rogo que caseis com ella, e que verdadeiramente por sua pessoa o merece.

O mancebo ouvindo isto de sua mãe, acceitou o casamento, que se logo tratou. Foram desposados e a seu tempo recebidos, porém como diz o rifão, *que a orfã não gosa nem o dia da sua boda*, assim aconteceu a esta, que o dia que os receberam, azevieiros defamadores vinham da egreja detraz d'elles murmurando do noivo porque se casára com aquella que sua mãe a vendera primeiro. E isto diziam tam desavergonhadamente, que deram occasião a que o noivo o ouvisse. Porém, des então lhe ficou um rencor no coração, e tam grande menencoria comsigo, que se não podia consolar, tendo-a tambem contra sua mãe. E assi despedida a gente

que os acompanhou até casa, elle disse que ia por certa cousa que lhe faltava por trazer, e tambem se sahiu de casa sem nunca mais tornar a ella.

Ficou a este tempo a noiva mais triste que a noite, sem ter consolação de ninguem, nem saber a causa d'aquella mudança, que não sabia que conselho tomar, e certo se deixára morrer de nojo, se não fôra a boa sogra que tinha, que esta a acompanhou todo o tempo que lhe durou seu trabalho.

Porém como o mancebo tinha para si que era enganado, apartado d'aquella visinhança, em outra rua tomou casa, em que a poz de mercadorias que elle sabia tratar, com um sobrado em cima em que viveu mais de dois annos. N'este tempo indo a mãe a vêr o filho, algumas vezes lhe achou molheres em casa. E tanto que a mãe sintiu isto, imaginou o que havia de fazer, e foi-se a casa e disse a sua nora:

— Filha, sempre tomastes meu conselho, e espero tambem tomareis agora este que vos der: e é, que deixeis estes trages tão honestos e tristes e vos façaes muito fermosa e leda com outro trage que pareça de molher que vae em corpo fóra. Fiae-vos de que vos acompanha-rei até vos mostrar a logea de vosso marido; entrae n'ella, e fingi comprar para um corpinho.

D'aqui lhe aconselhou o que havia de fazer e se foi com ella até lhe mostrar a porta da logea, e a velha se tornou para

casa. A moça viu seu marido, envergonhada, pelo transe em que estava lhe veiu outra côr ao rosto, que a fez mais fermosa, ainda que ella o era assaz, e esteve um pouco suspensa. O marido que a viu, não suspeitando nem por imaginação que fosse, lhe perguntou o que queria, e a fez entrar, e deu ordem como despedir os que ali estavam, e ficando com ella só começou a fallar-lhe de amores, a que ella de envergonhada não sabia que responder. Elle a importunou, e ella acceitou ficar alli aquella noite, em que elle conheceu claro que ella era donzella quando alli veiu e viu que sem falta era muito fermosa. E chegada a menhã, ella lhe pareceu que já não era razão nem tempo de usar de tanta vergonha:

— Muito tempo ha que vos tenho por meu senhor, e se até agora tardei e estive sem vol-o notificar foi por vos dar mostra de minha pessoa, que foi tão mofina, que sem me vêr nem haver porquê, me engeitastes. E se todavia agora me engeitaes, mandae chamar vossa mãe que me leve, que ella me trouxe.

Quando elle entendeu isto e viu ser aquella sua molher, não sabia determinar o que faria, que por aquella noite que a teve, se ella não fôra sua molher, e elle fôra solteiro, lhe pareceu que lhe merecia casar-se com ella. E estando n'estas considerações, começaram a bater-lhe rijo á porta, e elle chegou a uma fresta, e conhecendo que quem batia era sua mãe, lhe foi abrir, a qual, em entrando pela casa, disse:

— Filho, que vos parece da donzella que vos acompanhou esta noite? Crêdes que é a que eu disse, já que sabeis que é vossa molher?

Elle vendo a fermosura da molher e sua grande humildade, e conhecendo que o que ouvira foi engano, pesou-lhe do tempo em que deixou de estar com sua nobre e virtuosa molher, e com bom coração na vontade pedia perdão do agravo que até então lhe tinha feito, e se começaram a abraçar como se então se viram a primeira vez, e ficaram marido e molher muito contentes, e tiveram a velha mãe d'elle por mãe d'ambos, que por esta se póde bem dizer:

A sogra boa
Da nóra é corôa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, conto I.)

Notas

162. **Quanto vale a boa sogra**. — Nos romances metrificados, como de *Dom Bozo* e *D. Pedro*, a sogra é sempre crúa. A mulher que engana o marido mettendo-se com elle na cama é um thema popular de muitos contos;

este, porém, já recebeu fórma litteraria na composição de Shakespeare, *Tudo é bom quando acaba bem*.

163. O QUE DEUS FAZ É PELO MELHOR

Havia um Medico, bom homem, em côrte de um poderoso rei, sem refolho de malicia, que visitando sua alteza, ainda que o achasse affligido com qualquer trabalho ou dôr, não mostrava entristecer-se, mas, applicados os remedios que entendia lhe eram necessarios, consolava elrey dizendo: que se não agastasse, que soffresse seu trabalho com paciencia, porque tudo o que Deus faz é pelo melhor.

Aconteceu que morreu o principe herdeiro do reino, pelo que elrey esteve encerrado e muito triste; e querendo este medico visital-o e consolal-o, como todos faziam, o fez com as palavras de seu costume, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos agasteis tanto, que seja occasião de perda de vossa pessoa; tudo que Deus faz é pelo melhor.

Elrei não teve paciencia a este dito em tal tempo, e disse:

— Que peor me podia ser a mim ácerca do principe, que, morrer-me elle! Prometto de me vingar d'este simples e vêr se lhe será por melhor a morte que lhe mandarei dar, se deixal-o viver.

E chamou dois homens, que eram para isso, e disse-lhes:

— Ide apoz foam, que agora vae d'aqui, e dizei-lhe que lhe quereis dar um recado meu, e como chegar a ouvil-o matae-o que eu o mando; não temaes a justiça.

Os quaes foram a casa do medico e acharam a porta da escada fechada, porque, como todos traziam dó pelo princepe, elle tambem quando chegou a sua casa vinha muito affrontado, e para comer despiu-se por desabafar, ficando em calças e gibão, e por não ser achado assi se alguem o buscasse, que lhe pareceu que estava deshonesto, mandou cerrar a porta da rua, e os que o vinham matar disseram que traziam recado de elrey, e o medico alvoroçado com isto lançou sobre si o capuz de dó, e quiz ir adiante dos moços a abrir-lhe elle a porta, e com a pressa ao decer empeçou no capuz e de tal maneira se atravessou na porta que quebrou uma perna pela coxa, de que dava grandissimos gritos. Accudiram os servidores de casa; tirando-o d'ali o lançaram na cama, que os brados que dava era lastimosa coisa de ouvir. Foi curado por donas de sua casa, como elle mandou, e respondido aos homens que estavam á porta que se fossem e dissessem a sua alteza o que acontecera; e elles o fizeram assi. E o medico esteve mais de seis mezes em uma cama, que cuidaram que morresse d'aquillo; porém sarou, e despois que se ergueu, coxeando da perna foi beijar as mãos a elrey, e elrey vendo-lhe o defeito que tinha e o trabalho passado, o quiz consolar com palavras meigas; mas o medico pelo costume que tinha não acceitou consolação:

— Não me pesa d'isso, porque o que Deus faz é pelo melhor.

Ouvido por elrey e visto como em cousa propria, teve-o d'ali por diante por bom homem, e perdeu o rancor que contra elle tinha; e visto na verdade ser por melhor o quebrar-lhe a perna, que se a não quebrára morrera, como elle mandava, lhe fez mercê para seu gasto, e acceitou seu conselho.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, III.)

Notas

163. **O que Deus faz é pelo melhor**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XVII (ed. 1642, fl. 81). Indubitavelmente esta redacção do seculo XIV tem uma fonte arabe. Sob o n.º 136 deixámos outra redacção portugueza do ms. do seculo XIV, *Orto do Sposo*.

164. A RAINHA VIRTUOSA E AS DUAS IRMÃS

Um rei mancebo, que não tinha conversação de mulher alguma, requerido dos seus que se casasse, com desejo de achar na sua propria terra mulher para isso, refusava o casamento de muitas princezas forasteiras que lhe traziam. E queria que a mulher fosse de virtuosos costumes, claro sangue e boa vida, sem respeito a fazenda, pelo que por dote queria que tivesse estas tres cousas. E andando com esta imaginação passeando um dia per uma rua, sahiram certas mulheres moças todas fermosas a uma janella, e quando elrey passou ficavam fallando umas com outras, que elrey as ouviu, e não entendeu o que diziam, e por saber o que era chamou a si fidalgos que estiveram mais perto. Foi-lhe respondido:

— Senhor, uma disse, que se ella casasse com vossa alteza, se estrevia a fazer de suas mãos lavores de ouro e seda, tão ricos e tanto em vosso serviço, que se se avaliassem valessem tanto dinheiro que bastasse para gasto da mesa. E a outra respondeu que aquillo era muito, mas que se ella tivesse tal dita que casasse com elle, lhe faria camisas e outras cousas de que tivesse necessidade. E a outra respondeu: Ambas não sabeis o que dizeis, nem val todo vosso lavor tão estimado tanto que baste para vossa mantença; eu vos digo o que farei: Se chegasse a estado de

casar eu com elrey, de seu ajuntamento lhe pariria dois filhos fermosos como o ouro e uma filha mais fermosa que a prata, o qual é prometter que as mulheres podem cumprir.

Elrey folgou de o ouvir, e notando as considerações em que ellas estavam propoz de casar com uma d'ellas. Visto isto mandou chamar mulheres de titulo, donas e senhoras, a quem deu conta, diante das quaes quiz fallar com estas donzellas para se determinar qual tomaria por mulher. E logo fez vir ante si a mais velha, que vista foi julgada por muito fermosa; elrey lhe preguntou:

— O que promettestes fazer estando á vossa janella se eu casasse comvosco, estrevei-vos a cumpril-o?

Ella se envergonhou, e mudada a côr disse:

— Farei em seu serviço tudo o que minhas forças bastarão.

Elrey a fez recolher e vir a segunda; porém nas perguntas aconteceu assi como á primeira, pelo que elrey a fez recolher e vir a menor, que claramente mostrou ser ella a mais fermosa de todas. Elrey lhe perguntou se se estrevia a cumprir o que promettera, e ella muito envergonhada respondeu:

— Senhor, si; com as condições que então disse.

Coube isto em tanta graça a elrey, que elle a recebeu por mulher e se fizeram grandes festas que duraram muito. E

elrey trouxe para casa da rainha as duas irmãs que a acompanhassem, e ellas foram servidas e tratadas como irmãs da rainha sua mulher. Elrey fez vida mui amorosa com sua mulher, porém durou pouco tempo, porque com inveja que tinham do estado da rainha ambas de um conselho lhe buscavam todo o damno e como a poder empecer e tirar da alteza e honra em que estava. De sua industria, com falsas testemunhas n'aquelle parto e em outros dois adiante, pubricaram com falsidade que a Rainha parira monstros peçonhentos e não criatura, e os fizeram ventes aos que tinham razão de os vêr, de que o reino todo se alterou, e elrey aborreceu tanto a sua mulher, que lançando-a fóra de casa não lhe permittiu em todo o reino logar nenhum em que tivesse repouso, e as irmãs lhe buscavam tanto mal, que o faziam a quem a recolhia; de modo que a rainha veiu a ser a mais pobre e abatida mulher de serviço que em seu tempo houve na terra, porém permanecendo em toda limpeza se fingiu forasteira e por mulher de serviço a recolheram em um mosteiro de freiras. As irmãs procuravam illicitamente de vêr se podiam agradar a elrey, o qual dissimulando e apartando-se da conversação d'ellas fazia que as não entendia, e quando se achava só dizia mal da fortuna que lhe apartava da sua presença a coisa do mundo que elle mais amava, e para recreação do desgosto que trazia comsigo não tinha outra consolação senão ir muitas vezes em um barco pelo mar ao longo da terra por esparecer. Algumas vezes pescava e outras ia á caça ao longo de algumas ribeiras. E costumando isto, aconteceu que um dia indo ao longo de uma ribeira

acima, viu á borda de agua uma casa feita de novo. E chegando perto, desejando saber cuja era, viu a uma janella um menino que seria de sete annos, de muito fermoso rosto, pobremente vestido, perguntou-lhe:

— Filho, quem móra n'esta casa?

E o menino como muito criança, disse:

— Senhor, mora meu pae, que não está aqui; se vossa mercê quer que chame minha mãe, virá logo.

E n'este tempo outro menino de menos edade dizia dentro:

— Senhora mãe, senhora mãe, aqui está um fidalgo á nossa porta.

E a esta conjuncção sahiu uma mulher á porta da rua com uma menina pela mão, pequenina, e disse:

— Senhor, que manda vossa mercê?

Elrey, que tinha pregados os olhos e o coração nos meninos que via, tendo no sentido que os filhos da rainha sua mulher já houveram de ser d'aquelle tamanho, lhe disse:

— Vejo estas casas novas ao longo d'esta ribeira, e estes meninos tão fermosos, folgaria de saber cujo isto é?

Ella respondeu:

— Senhor, as casas e os meninos são meus e de meu marido.

— Dona, as casas creio que serão; mas os meninos, sois já de dias, que parece não deveis de ter tão pequenos filhos. Dona honrada, sou Elrey, e quero saber cujas são estas casas e estes meninos.

Ella se humilhou muito e com os giolhos no chão, que ao que perguntava soubesse, que as casas eram suas, mas que os meninos ella não sabia cujos filhos eram mais que trazer-lh'os seu marido, que aquella manhã fôra ao mar e viria á noite. Então disse Elrey:

— Pois dizei-lhe que amanhã ao jantar vá ter commigo ao paço, e leve estas crianças para me dizer o que sabe d'ellas, que o hei-de esperar sobre mesa.

E ella assi lh'o prometteu. Ido elrey, como se metteu ao longo da ribeira, já ia acompanhado de muitos dos seus e iam buscando se descobririam alguma caça; sua alteza viu umas lapas que parecia que outro tempo foram pedreira e de dentro sahiu uma mulher, que trazia os cabellos muito grandes, soltos e pretos, e os vestidos muito rotos. E assi como ella sahiu viu a elrey e com muita diligencia se tornou a metter para dentro para se esconder; mas como foi vista, elrey a seguiu e asinha a alcançou:

— Quem sois? e porque estaes n'este ermo?

Ella que conheceu mui bem que era elrey o que lhe fallava, lhe disse:

— Para que quer saber vossa alteza a vida de uma mulher desventurada, que em penitencia de seus peccados a faz d'esta maneira, que agora vê?

Elrey, que viu que era conhecido d'ella, e que por muito que lhe rogou não quiz dizer quem era, desejoso de o saber a fez tomar por dois homens, lhe mandou dar um a capa de agua sua, e um sombreiro, que se cobrisse e a puzessem em ancas de uma mula, e que um escudeiro com muito resguardo a levasse ao paço, e sem que fosse vista de outra pessoa alguma a tivesse até que elle chegasse, o qual se fez assi. Ao outro dia, chegadas as horas de recolher á mesa, trouxeram aquella mulher por mandado de elrey, que de novo lhe perguntou quem era e porque andava d'aquella sorte; e ella cheia de lagrimas e soluços disse:

— Estando eu n'esta casa em muito viço, favorecida da rainha e de suas irmãs, ellas me apartaram um dia, e me disseram que sua alteza estava de parto, quando a primeira vez pariu, e que ellas tinham determinado lançar um grande sapo com as páreas quando deliberasse, para dizer que aquillo parira a rainha, e que eu com diligencia tomasse a criança, que ellas m'a dariam envolta em panos, que fosse lançar no mar, e que isto faziam, porque não acertasse de parir filhos como o promettera. Tomei a criança acabada de nacer, que era um filho, e logo em minha presença tiraram

um grande sapo que tinham em uma panella, e o embrulharam com as páreas; e isto feito gritaram fingindo que isto era medo do sapo e lançaram a fugir e juntamente com ellas a parteira. E com esta revolta tive tempo para me sahir do paço levando a criança commigo, e quando me vi na rua encaminhei para o mar, e fui ter junto áquelle logar donde vossa alteza me achou; desembrulhei a criança, vi que era varão, e n'isto vi vir um velho pescador; deixei a criança embrulhada nos fatos como vinha e lancei a correr fugindo. Elle como me viu deixar aquelle vulto, foi vêr o que era, e como lh'o vi erguer do chão e leval-o para sua casa, tornei-me ao paço com o rosto ledo, e disse ás senhoras que o lançára no mar. Foram contentes do que eu disse que fizera, e d'esta maneira aconteceu outra vez no segundo parto, quando disseram que a Rainha parira uma cobra; fugindo todas, fugi eu tambem e levei o infante ao proprio logar donde levára o outro. Antes de outro anno, ou n'elle, a rainha veiu a parir outra vez; chegada a hora me deram outra criança, e fingiram como d'antes aver a rainha parido uma toupeira, que tinham para isto prestes; e no espanto e alvoroço d'isto, quando fugiram fugi eu e fui ter á borda da agua no logar donde deixei seus irmãos, e vi que levava uma menina. Esmoreci, e quando acordei achei o pescador commigo, e me dizia:

— Descoberta ha-de ser esta cousa a elrey.

E porque me temi que me buscasse no paço não quiz tornar a elle, e metti-me n'aquellas lapas, em que averá bem quatro

annos que estou.

Elrey acabando de ouvir isto, ficou espantado das treições que as irmãs fizeram contra sua irmã, as quaes ambas foram chamadas e viram a donzella e entenderam tudo o que ella tinha dito, e como tudo era verdade não tiveram bocca com que o negar, e como que queriam faltar uma com a outra se chegaram a uma janella d'aquella sala que ia ter ao mar, e abraçando-se ambas se lançaram em baixo com tanta presteza que se lhe não pôde estorvar. Ainda a gente do paço não estava de todo socegada d'este alvoroço quando entrou pela porta o velho pescador e sua mulher; traziam no collo dois Infantes e a Infanta. E chegando ante elrey o velho se adiantou de sua companhia, e disse alto que todos o ouviram:

— Disseram que hontem passára vossa alteza pela porta da casa em que vivo, e vendo estes meninos perguntou cujos filhos eram, e porque minha mulher lhe não deu razão sufficiente, vossa alteza mandou que viesse eu aqui e os trouxesse, que queria saber cujos filhos eram tam fermosos meninos; pelo que vim e os trago commigo.

Ouvindo isto, e visto o que a donzella dissera todos os circumstantes a uma voz diziam que todos aquelles trez eram filhos delrey; e as donas todas da casa viram e conheceram todo o fato em que os infantes foram envoltos. Logo elrey mandou por todo o reino em busca da rainha, e que se publicassem as novas do achamento dos trez filhos

infantes, e da treiçam das irmãs da rainha e sua morte. E foi ter esta nova ao Mosteiro onde a rainha estava; todos viam n'ella mais alegria, que em nenhuma outra pessoa, e foi tanta que suspeitaram o que era, e a Rainha vendo que já não era tempo de se encobrir, lhes manifestou e declarou a verdade.

Elrey mandou chamar toda a fidalguia da côrte e muitos senhores, que trouxessem suas mulheres, e com todos elles e ellas em grande festa levou a Rainha d'alli para o paço com tanto alvoroço de alegria como se então se casaram de novo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, conto VII.)

Notas

164. **A rainha virtuosa e as duas irmãs**. — (Vid. a versão popular, n.º 39 e 40 e nota respectiva.)

165. QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

Um homem muito rico, mercador famoso, teve um filho sómente, o qual se creou com tanto mimo, que já seu pae não podia com elle de travesso, e por querel-o então sujeitar com doctrina e castigo, o moço lhe fugiu e se foi. E passando lá muito trabalho, se passaram mais de vinte e cinco annos sem vir, nem mandar cartas suas, de maneira que alguns o tinham por morto. N'este tempo o mercador veiu a grande crecimento de fazenda, quintas, casas e outras herdades e chegando á velhice, no ultimo da vida fez seu solemne testamento: «Deixo por meu universal herdeiro ao mordomo de minha casa.» De tudo o que tinha fez inventario mui copioso, e no cabo disse: «Porém digo que tenho um filho, o qual ha muitos annos se foi d'esta terra contra minha vontade, e não sei de certeza se é vivo ou morto; se este meu filho fôr vivo e apparecer como eu desejo, quero que a quem ora deixo por meu testamenteiro e universal herdeiro d'esta minha fazenda lhe dê ao dito meu filho o que quizer, sem ser constrangido a outra cousa, e a demasia lhe fique.»

E d'esta maneira houve seu testamento por acabado, e d'esta enfermidade morreu. Soube-se sua morte na terra onde estava o filho, o qual ouvindo a morte de seu pae e da grossissima fazenda que deixou, partiu d'onde estava e veiu

a sua casa; e entrou por ella como por casa propria, perguntando quem tinha aquella casa e fazenda. Foi-lhe dito quem e por que titulo; e elle disse quem era, e foi conhecido por velhos que foram criados de seu pae. O mordomo, que o ouviu e entendeu bem isto, lhe respondeu:

— Esta fazenda, ainda que ficou de vosso pae, é toda minha, e não tendes n'ella mais do que dar-vos eu o que eu quizer. Vêde o testamento de vosso pae, que elle vos desenganará, que vos não devo mais que dar-vos o que eu quizer.

E mostrou-lhe a verba do testamento, que o dizia assi á lettra, como já declaramos. E o mancebo lhe pedia que fizesse conta que eram irmãos e que partisse pelo meio o qual o mordomo não quiz. Visto isto, disse o mancebo:

— Ora, já que sois obrigado a dar-me alguma cousa, pois diz que me dareis o que vós quizerdes, pergunto, que é o que vós me quereis dar, pois meu pae o deixou em vosso alvedrio?

Respondeu que lhe daria como cinco mil cruzados, valendo a fazenda mais de cem mil. Rogaram ao mordomo que desse o que fosse honesto, elle nunca quiz vir em nenhum arresoado, pelo qual o demandou, e ambos vieram a juizo e ambos houveram o testamento por bom; porém dizia um, que seu pae o não podia desherdar sendo vivo, nem nunca tivera essa tenção. Dizia o mordomo:

— Já teu pae presumia que eras vivo, e para vivo mandou que te desse o que eu quizesse, e assi não sou obrigado a mais.

Sobre o caso houve libello, réplicas e o mais que em direito se costuma té rasoado final, que indo o feito concluso, como o caso era de tão grossa fazenda, quiz o rei da terra ser presente na determinação da sentença. Entre os mesmos julgadores havia differenças; porém um velho se levantou em pé e disse:

— Ora, Senhor, veja vossa alteza o testamento, que diz: Dará o mordomo ao filho o que elle mordomo quizer; portanto vós, mordomo, dae ao filho do mercador isto que vós quereis, e fique-vos para vós o que lhe daveis, porque a tenção do pae nunca foi desherdar o filho, mas por sustentar sua fazenda a fiou de vós. Para se cumprir o testamento é necessario dar-lhe o que vós quizerdes, e quizestes a maior parte, essa julgo que lhe deis, e fique-vos o que lhe daveis.

Elrey, e todos os que ali estavam presentes houveram o caso por muito bem julgado e approvaram a sentença, e assim se cumpriu.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II, conto VIII.)

Variante:

«Como se conta de um homem, que tinha uma filha bastarda; quando veiu a hora da morte, fez um testamento e disse: — Leixo a foam por meu herdeiro, e mando que dê a minha filha pera seu casamento tudo aquillo que elle quizer de minha fazenda.

Crecida a moça, dava-lhe o herdeiro cem mil reaes para casamento, que era mui pouco: e sobre isso, vieram a juizo. Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava á moça, respondeu: que valia um conto e que lhe dava cem mil reaes. Disse o juiz, logo vós quereis d'esta fazenda novecentos mil reaes? Respondeu o herdeiro, si. Pois segundo a verba do testamento (disse o juiz) vós havereis cem mil reaes, e a moça novecentos; porque ella hade haver aquillo que vós quereis da fazenda do testador, e esta foi a sua vontade, mas leixou a verba amphibologica por oulhardes milhor pola fazenda de sua filha, té ella ser em edade para casar. E d'estes exemplos ha muitos, de que os oraculos dos gentios usavam para enganar os seus devotos.

(João de Barros, *Grammatica*, p. 170. 1540.)

Notas

165. **Quem tudo quer, tudo perde**. — Acha-se na collecção italiana *Il Novellino*, conto X; passou a adaptar-se aos Jesuitas, e attribue-se a differentes personagens historicos. A fórma italiana vem em Nanuci, *Manual della Letteratura*, t. II, p. 65.

166. O FALSO PRINCEPE E O VERDADEIRO

Acabado de repousar a sesta um rei viuvo, que já sahia fóra da camara para a guarda roupa, muitos fidalgos mancebos lhe apresentaram um, que traziam ante si preso, e póstos ante elle lhe disseram:

— Senhor, estando agora na sala grande jogando á péla o princepe com este fidalgo e outros, sobre uma chaça vieram a ter differença no jogo, e tanta que o Princepe manencorio contra elle o affrontou e lhe disse palavras muito feias e mal ditas, que este fidalgo alevantou a mão e lhe deu tão grande punhada no rosto, que lhe ensanguentou os narizes e bocca, cousa que a todos nos pareceu tão mal que o queriamos matar por isso, e o fizeramos se não fôra pelo Duque seu avô, que com grandes brados se poz no meio, dizendo: Que pois sua alteza estava na terra não quizesse mos nós tirar-lhe seu mando.

Elrei que o ouviu entendeu bem o caso, e disse:

— E o princepe a esse tempo não tinha comsigo nenhumas armas? Ou como lhe não tirou a vida?

— Armas, tinha; que sempre traz adaga na cinta; porém tanto que se viu ensangentado se poz a um canto da sala a

chorar, coisa que de todos lhe foi muito estranhada.

Elrey deixando passar um pequeno espaço em o qual deu logar a apartar de si a grande ira que com a supita menencoria tinha concebida contra o fidalgo, e socegado no espirito, disse:

— Affirmo-vos, em verdade, que mais quizera que me dissesseis que o principe era morto, ainda que não tenho outro filho, que saber que soffreu essa injuria tamanha sem se vingar d'ella. Quero que seja ouvido este fidalgo ante os meus desembargadores, guardando-lhe tambem a elle seu direito e justiça, que creio não terá nenhuma desculpa que o escuse de morte, havendo feito tão grande delicto como fez.

E ainda que o mancebo a este tempo quizera responder, elrey o não quiz ouvir, mas mandou-o ter preso e arrecadado com grande guarda; porém que se quizesse ir a alguma parte da cidade que o levassem com muito resguardo e segurança, e que esta prisão fosse por quinze dias, dentro dos quaes se provesse do que lhe cumprisse, e no cabo se apresentasse ante elle e os seus desembargadores. Muitos fidalgos que se acharam presentes acompanharam a este mancebo e lhe aconselhavam que se fosse, porque o podia fazer não sómente da cidade mas do reino até á raia na fronte ira dos imigos, onde trabalhando em armas na guerra podia fazer cousa com que elrey lhe perdoasse o mal que fizera, o que elle não acceitou nem quiz nunca quebrar a prisam que lhe deram. E assi se lhe

passaram os catorze dias do praso em os quaes, ainda que buscou conselho de letrados e fidalgos para sua salvação, não achou quem lhe aconselhasse cousa que o satisfizesse, nem desculpa do delicto, porque a todos parecia caso de morte. E muy inteiro n'esta tenção sabia alguns dias de sua pousada acompanhado de seus guardadores por se desagastar, e para vêr se achava quem lhe abrisse algum caminho como parecesse mais despejado diante de elrey. Recolhendo-se quasi noite encontrou á porta de um Mosteiro uma mulher muito velha, que ao parecer seria de noventa annos, muito feia, secca e mal arroupada, e ella que o estava esperando, chegou-se a elle e disse-lhe:

— Senhor, eu vos faço saber que sei a pressa em que andaes e o remedio que tendes para sobrar vossa vida do caso que vos aconteceu; para o qual não achareis no mundo quem vos aconselhe o que vos cumpre senão eu, e seguindo a ordem do meu conselho sereis livre d'esta affronta e ficareis o mais honrado de vossa geração. Porém, antes de tudo, para que eu tenha razão de vos dar a industria e modo que necessario é n'este caso, convém que façaes por mim o que vos eu pedir.

O fidalgo tanto que a ouviu e entendeu o que lhe dizia, foi em extremo ledo, promettendo-lhe de fazer por ella tudo o que lhe mandasse; porém ella disse que havia de ser logo, e que o que lhe pedia era que a recebesse por sua mulher, do qual elle se maravilhou muito e respondeu:

— Deixando á parte a calidade das pessoas em que não fallo, vossa edade não conforma com a minha, que eu ainda não fiz vinte annos e vós pareceis de cento ou quasi, pelo qual não posso casar comvosco.

Ella se mostrou muito agastada e respondeu:

— Embora; e vós engeitaes-me por velha, pois eu vos certifico que me haveis de rogar e receber, se não que ireis a casar com a picóta, que é mais antigua deixando-lhe lá a cabeça por arras.

E assi se apartou d'elle, indo muito direita pelas ruas. O fidalgo, que com as suas palavras estava já esforçado e com esperança da vida, vendo-a ir, e temendo se fosse ficaria sem remedio, foi-se após ella com tenção de lhe prometter o que pedia, e tanto a seguiu, que a alcançou e lhe disse:

— Senhora, perdoae-me não acceitar antes de agora o que me pedistes, que eu conheço que errei e quero fazer o que me mandardes.

E assim se foi ella a sua pousada e ali em mãos do cura prometteu e jurou de a receber por sua mulher; porque sem isto não lhe quiz ella dizer cousa alguma. E tanto que perante testemunhas foram jurados, ella lhe aconselhou o que devia de fazer aquella noite e o que havia de dizer ao outro dia apresentando-se na relação diante de elrei. Vindo a menhã, quando foram horas e soube que estava elrey com

os desembargadores na casa de despacho se foi lá, e lhe fez saber que estava ali, que se vinha livrar. Elrey mandou que entrasse, maravilhando-se todos de sua ousadia; e elle entrando disse o seguinte:

— Mui alto e poderoso rei e senhor nosso, ainda que vossa alteza está manencorio, a seu parecer com rasão, se me ouvir diante d'estes fidalgos e letrados com animo desapaixonado, e de sua pessoa que será a principal testemunha do que disser, ficarei desculpado e corri muita honra; para o qual somente lhe peço por mercê me queira ouvir, até que acabe de todo o que quero dizer: Havendo quatro annos, pouco mais, que vossa alteza era casado com a rainha, vendo que ella não paria, desejoso de ter filhos era afeiçoado a mulheres, e a ella não mostrava tanto amor como no principio. Por lhe ganhar a vontade, aconselhada de outras mulheres se fingiu prenhe, e assim haveria princepe no reino e vossa alteza lhe teria mais amor. O que tudo se ordenou e fez como ella pedia, e as parteiras lhe trouxeram um filho de uma pobre mulher, que morava fóra dos muros da cidade, cujo marido era um cavouqueiro. Isto tudo se fez com tanto segredo, que nunca té hoje foi descoberto. Com esta imaginação a rainha adoeceu de enfermidade de que morreu, dando primeiro conta a seu confessor do que fizera. Verificado não ser princepe o que cuidavam que o era, ficará o meu caso menos grave e eu não merecendo tanta pena por sua parte. E se vossa alteza não se enfada, ainda lhe direi adiante outras novidades

maiores do tempo e de mi, que fazem ao caso e folgue de as saber.

Elrey lhe disse:

— Por certo, que o que até aqui me dissestes foi tanto e estou d'isso, tão espantado e triste, que não posso imaginar que possaes dizer adiante cousa maior, nem que eu receba alegria; porém, por saber que é, e por vos ouvir como tenho promettido, dizei.

— Saberá vossa alteza, que havendo quasi dous mezes que a rainha se fazia prenhe, por encobrir melhor o engano não consentia que houvesse mais ajuntamento, e pela não anojar, se foi para fóra d'esta côrte vossa alteza e assi andando pelas terras do Duque meu avô mandou rodear a cêrca por vêr se havia entrada no pomar; e achando-lhe uma pequena porta a fez lançar fóra do couce, e aberta viu que andavam dentro mulheres, e uma donzella muito fermosa, que n'aquelle tempo seria de catorze annos, e peitando com joias e dinheiro aquellas que a deveram guardar, a meteu na casa do pomareiro, e ali houve ajuntamento e lhe deu estes tres anneis que vossa alteza levava nos dedos, e esta cadêa com esta cruz e lhe descobriu que elle era rei, ainda que ella não lhe quiz dizer quem era, por que ficou tam anojada de seu corrompimento, recolheu-se em casa sem tornar mais em sua vida ao pomar. Seu pae, que é o Duque meu avô, tomou isto muito mal, porque minha mãe se determinou de não casar, e como o duque não tem outro filho nem filha

senão minha mãe, e sabia ser eu seu neto, criou-me com mimo, pois sou com verdade filho de vossa alteza, e veja se conhece estes anneis, cadeia e cruz. E assi sendo isto verdade, como é, já vê que este que até agora se teve por princepe o não é, que se o fôra não couberam em sua bocca as palauras torpes e vis que me disse.

E com isto se poz em giolhos na alcatifa que estava aos pés delrey; admirados ficaram todos os desembargadores e fidalgos que estavam presentes, em especial sua alteza, que então se lhe representou diante dos olhos aquella donzella fermosa e como a houvera n'aquelle pomar, e as muitas vezes que desejou saber quem era; lembrou-se que elle dera aquellas joias, conheceu-as e considerando o mais que fica dito, teve para si que aquelle que tinha diante dos olhos era seu verdadeiro filho, e quanto ao mais do que estava em posse de princepe fizeram-se as diligencias necessarias, e de um em outro se soube a verdade, e o mancebo foi julgado por sem culpa do passado, e do presente lhe fizeram grandes honras, jurando-o por princepe do reino para o haver depois da morte de seu pae. Mandou elrey o mancebo que até então tivera o principado e sua mãe com todas as pessoas que foram ao conselho e consentimento de o trazer por filho de elrey, se fossem da terra e os mandou levar a uma ilha donde nunca mais nenhum tornou á côrte.

Estando sobre mesa com grande contentamento, elrey quiz saber como e por quem fora descuberto a seu filho, que o era e não o outro, rogando ao princepe lh'o contasse.

Contou como á porta de sua casa achara aquella velha que lhe descobriu o caso miudamente, e que ella lhe ensinou que fosse pedir aquellas joias a sua mãe, e tambem tudo o mais que até então tinha dito e feito, e lhe descobriu como para isso elle lhe jurara casar com ella, porém que o não faria pela disformidade das edades baixeza e fealdade d'ella, e não tinha tenção de casar senão quando e com quem sua alteza ordenasse. Elrey lhe disse:

— Já que lh'o jurastes de a receber e ella cumpriu o que vos prometteu, seja quem fôr, cumpri vossa palavra.

Fez elrey que a velha viesse ao paço, e foi recebida por mulher do princepe, o qual ficou d'isto tão triste como já fôra ledo com o socego de seu conselho. O princepe e ella foram levados a uma camara rica donde tinham seu leito, em que o princepe se deitou com mostras de tanto pesar por se vêr casado contra seu gosto, que ninguem lhe podia vêr o rosto, nem elle quiz vêr o da princeza, mas deitado na cama virando-se para a dianteira e ella da outra parte voltada para a parede estiveram sem se verem nem fallarem um ao outro esta noite e outras muitas. Uma noite, estando o princepe e a princeza na cama, segundo seu costume, ou viu um rumor na camara, e era tal, que parecendo-lhe fosse alguma treição se ergueu do leito, e com a espada na mão foi para aquella parte adonde o rumor parecia, e ali nem em toda a casa não havia cousa que se podesse temer, nem mostras que dessem suspeita do que fôra, que elle pôde vêr tudo bem porque tinha um brandão acceso que alumiava a casa toda. Vista a

quietação, deixou a espada e tornou-se ao leito, e como a este tornar levasse o rosto para a cama donde a princeza jazia, ainda que estava virada para a parede viu-lhe a cabeça em que tinha uma coifa feita de ouro tirado com algumas perolas riquissimas que davam de si muito lustro e faziam que os fermosos cabellos, que estavam debaixo se differençassem na côr do ouro. Elle vendo o resplendor da coifa, sem saber determinar comsigo o que seria aquillo, considerando que a velha tinha os cabellos muito alvos, desejou affirmar-se que era o que via, chegou mais perto, viu-lhe o rosto muito alvo e fermoso. Ficou mais maravilhado do que se póde imaginar, porque viu que era a mais fermosa e bella criatura que seus olhos viram. Não podia acabar comsigo de crêr que aquella fosse a velha, que elle cuidava tinha comsigo, porque lhe parecia, como na verdade era, moça que não passava de catorze annos, alva e loura.

Vista pelo princepe a fermosa dama que tinha com sigo, pediu-lhe se voltasse pera elle; por que se não desconcertasse no termo, inda que era sua mulher e elle seu marido, conhecendo que era acabado o tempo de seu encantamento, lhe disse:

— Senhor, quem me desconhece de dia na sua sala por velha, não é rasão que me venere e conheça em outra parte por moça e fermosa; pelo que vossa alteza não haverá de mim mais do que até agora houve sem se determinar de duas cousas qualquer: Se me quer esta que ora me vê de

noite comsigo na cama, e que me hade soffrer de dia velha e fêa na sala; ou pelo contrario, ter-me na sala de dia esta moça e fermosa, e na cama de noite velha e fêa. E como se determinar no caso assi lhe responderei e direi o que hade fazer ao diante.

O princepe, que já a este tempo estava tão namorado d'ella, que por nenhum preço a queria perder, nem aventurar-se a isso, lhe respondeu:

— Seja eu tão ditoso que vos não perca, e no mais vos quero como vós quizerdes que vos queira, porque em vossa vontade deixo a minha, e essa quero seguir toda a minha vida.

A este tempo ficou a princeza muito leda, e logo disse:

— Pois senhor, de hoje para sempre serei esta que aqui me vêdes e não parecia, porque já é acabado meu encantamento. Parece cousa tão contra rasão vêr-me hontem velha e fêa e hoje moça e fermosa; é necessario dizer-vos quem sou. Elrey de Granada é meu pae; sendo eu de sete mezes, estando no berço a deshoras a ama que me criava viu que em um instante se me mudou a côr e se me arrugou a pelle de maneira que me tornei logo velha muito fêa; minha ama deu logo grandes brados, aos quaes accudiram elrey e a rainha, e ainda que a ama lhes disse o que vira disseram elles que não era possivel senão que alguma cousa má lhe levara a filha, e logo lançaram fóra de casa a ama,

queixosos d'ella, que saiu commigo do paço, e buscou quanto a ella foi possivel, quem lhe dissesse que cousa fôra aquella e o remedio que tinha, e achou um velho que lhe disse, que antes de quinze annos de minha edade seria livre e com muito contentamento, porque aquillo fôra feito por ciumes de uma mulher com quem meu pae antes de casar tivera conversação; e aconselhou a minha ama me trouxesse a esta cidade, porque aqui haveria fim meu trabalho e eu ficaria livre.

Todos folgaram muito de saber que era de tão alto sangue; despediram logo mensageiros que o fizeram saber aos reis de Granada, os quaes levaram tanto gosto d'isso, que não se poderam ter sem virem alli donde viram a filha e genro e aos Reis seus sogros.

Trancoso, *Contos e Historias*, P. III, conto I)

Notas

166. **O falso principe e o verdadeiro**. — Sobre o thema tradicional de um principe que se dá a conhecer pela sua

valentia, vide o n.º 44. Em um conto da Edade media, que vem no *Novellino*, e no *Baculo Pastoral*, o principe é ensinado por um mestre, que tem mais doze discipulos em quem bate quando o principe erra a lição.

167. CONSTANCIA DE GRIZELIA

Em os confines de Italia, mais á parte do ponente, região alegre e deleitosa, povoada de villas e logares, habitava um excellente e formosissimo Marquez, que se chamava Valtero, homem mancebo, dotado de grandes forças e rara gentileza. Por diversas vezes indo á caça havia visto Grizelia, que morava não longe da cidade onde o Marquez tinha seus paços, com seu pae, em um logarzinho de poucos e pobres moradores, com algum gado, que com industria de Grizelia eram governados grandemente. Era esta lavradora de bom parecer quanto á disposição e presença corporal, porém fermosa, de animo, nobre criação, raro aviso, era excellente e como era criada a todo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um grave e varonil coração publicava em defensão de sua honestidade; era coisa de notar como estimava suas ovelhas e servia seu pae. O Marquez determinou que Grizelia fosse sua mulher; n'este comenos fez apparelhar com grande diligencia vestidos, joias e todo o mais que para tal caso convinha, os quaes vestidos mandava cortar á medida de uma criada de sua casa, semelhante á estatura de Grizelia. Vindo o dia tão desejado em que se haviam de celebrar as bodas, accudiram ao paço muitos cavalleiros e damas ricamente vestidos, e em não saber quem seria a noiva estavam todos suspensos e maravilhados. Mas o Marquez

vendo que tudo estava a ponto, tomou comsigo seis privados seus e foi-se direitamente a casa do pae de Grizelia. Tomando o velho pela mão se apartou em secreto com elle, e lhe disse:

— Se assim como sou teu senhor, quererás dar-me tua filha por mulher?

— Senhor, nenhuma coisa devo eu querer, senão o que tiverdes por bem.

— Entremos, porque diante de ti tenho necessidade de fazer certas perguntas a tua filha Grizelia.

Entrados em casa, ficando os seus cavalleiros fóra, começou sua pratica amorosamente:

— Eu e teu pae somos contentes que sejaes minha mulher; creio que não sahirás de nosso contentamento; porém, eu quero saber de ti uma cousa, e é, que quando nosso casamento vier a feito, que será logo, me digas se estás prompta e apparelhada a eu fazer de ti tudo o que me bem parecer, sem por cousa nenhuma mostrares tristeza, nem em tuas palavras contradizeres cousa alguma?

A considerada donzella, cheia de vergonha e tremendo de alegria, lhe disse:

— Senhor, bem sei que este favor é muito maior que meu merecimento; porém se vossa vontade e minha ventura é

tal, não digo eu fazer cousa contra vosso parecer, porém nem pensal-a no pensamento; nem do que vós fizerdes contradizer-vos cousa alguma, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

Ouvindo o Marquez taes promessas, disse:

— Baste isso, que não se espera menos de vosso bom entendimento.

E tomando-a pela mão, a tirou fóra diante de seus cavalleiros, dizendo-lhes:

— Amigos, esta é, ainda que mal composta, minha mulher e senhora vossa; portanto amae-a e servi-a como é razão.

Entonces os cavalleiros com os chapeus nas mãos se agiolharam beijando-lhe a mão com muita cortezia cada um por si. Ella abraçando um a um os alçou do chão com toda a humildade que podia ser. N'isto mandou o Marquez que um d'elles levasse secretamente a nova Marqueza ao paço e a puzesse no aposento de uma ama sua de quem muito se fiava, pera que fosse despida dos vestidos que trazia, e vestida d'aquelles ricos, que o Marquez pera aquella hora havia feito. E despedido d'elles com a cortezia costumada se entrou em o aposento onde estavam a Grizelia vestindo e compondo pera tal effeito; a qual estava já pósta a ponto, e o Marquez lhe deu um rico anel em sinal de desposada e tomando-a pela mão sahiu com ella onde estavam já

aguardando todos os cavalleiros e damas que haviam de vêr a noiva, e onde logo foram desposados por um bispo, e se celebraram as bodas, passando aquelle dia com grandes festas e prazeres.

Mostrou-se despois em pouco tempo na nobre e já feita nova Marqueza tanta graça e prudencia, que não mostrava em cousa alguma ser nacida nem doutrinada na aspereza do monte. Com tão excellente mulher vivia o Marquez em suas terras em muita paz e socego. D'ali a tempos pariu uma filha em extremo fermosa; do qual parto levou o Marquez estranho contentamento, o qual por provar sua constancia ordenou uma cousa estranha de maravilhar e não digna de louvor, que mandou a sua ama, que era mais sagaz e cautelosa, do que elle se fiava: «Que tomasse uma menina, que havia trazido do esprital fallecida d'aquella hora, e estando a Marqueza dormindo de noite na sua cama lhe tomasse sua filha e lhe puzesse aquella morta com os proprios vestidos que a sua tinha.» Feito tudo isto com a maior sagacidade, a Marqueza acordando, e achando ao seu lado a criança morta, cuidando ser sua filha começou a gritar. O Marquez que já estava sobre aviso, acudiu muito apressado, mostrando-se muito espantado do acontecido. Elle esteve recolhido em seu aposento por espaço de alguns dias, em os quaes ordenou a um criado seu mui familiar secretario de suas cousas, levasse sua filha a elrey de Polonia, pera que a criasse em toda sorte de bons e virtuosos costumes e sobretudo a tivesse tão secreta, que ninguem soubesse cuja filha era. D'ali a quatro ou cinco

dias, determinou o Marquez de visitar a Marqueza, a qual achou encerrada muy triste, e entrando mandou que todos se sahissem fóra, e elle ficando só com a Marqueza lhe começou a dizer:

— Meus vassallos estão de vós mal contentes e lhe parece cousa aspera ter por senhora uma mulher baixa de rustica geração; e eu como desejo de os ter contentes e em paz, queria que vos tornasseis para casa de vosso pae.

Acabado que a Marqueza ouviu isto, nenhum sinal de turbação mostrou, antes com gentil semblante lhe respondeu:

— Não ha ahi cousa nenhuma que vos agrade, que a mi me não contente; isto é que firmei no meio de meu coração quando vos dei a palavra de ser vossa mulher.

Considerando o Marquez o animo e profundissima humildade de tal mulher, sem conhecer n'ella mudamento nenhum do que d'antes era, atalhou a pratica, dizendo:

— Abaste por agora isto; ponha-se silencio n'este negocio até vêr se meus vassallos me tornam a importunar.

Com esta dissimulação passaram doze annos no cabo dos quaes a Marqueza pariu um filho. Ao fim de dois annos, sendo já o infante desmamado, ordenou o Marquez, por lhe dar sobresalto maior e provar sua paciencia e constancia, que se fosse a Marqueza com elle á caça de monte folgaria

em extremo. Ella mui contente e festejada se vestiu mui ricamente, não deixando a seu filho. Chegados que foram ao monte, mandou o Marquez que o jantar (a causa da grande calma que fazia) se fizesse junto de urna fonte sombria e deleitosa. E determinando sahir á caça com seus monteiros, encarregou muito a seu secretario que trabalhasse quanto possivel fosse por furtar á Marqueza o filho que sempre trazia comsigo, e vista a presente o levasse a elrey de Polonia, por que o criasse secretamente com a filha que lhe tinha mandado. O menino, levantando-se de apar da mãe, se alongou algum espaço a brincar com umas pedrinhas que ali achou; n'isto o secretario, que não estava descuidado, vendo que ninguem o podia vêr, apanhou o menino e levou-o onde o Marquez lhe tinha mandado.

Quando a Marqueza despertou, perguntando pelo menino a algumas mulheres e escudeiros que ahi estavam, e não lhe dando razão d'elle, cuidando que alguma féra o houvesse comido ou feito algum damno, os extremos que fazia eram tão grandes que dava lastima. Achegando o Marquez, e dando-lhe parte da perda de seu filho, foi tão grande o pesar que fingiu ter, que não quiz comer, nem beber, senão logo se partiu para a cidade, e a Marqueza tambem. Passados alguns dias, lhe disse:

— Grande desdita foi em haver-vos tomado por mulher, pois por vossa culpa hei perdido dois successores e herdeiros de meu estado; e meus vassallos vendo a baixeza de vossa linhagem e a negligencia que tivestes de guardar

meus filhos, sou importunado d'elles que vos mande para casa de vosso pae, e me case com uma donzella, que dizem que é filha do Rei de Polonia. Portanto é necessario que despida de vossos vestidos reaes, conforme a vossa natureza vos vades para casa de vosso pae.

A isto respondeu a nobre Marqueza:

— Sempre eu entendi que entre vossa grandeza e meu pouco merecer não havia proporção nenhuma. Em o demais apparelhada estou a servir a vossa desejada esposa, se fôr necessario.

O Marquez como não cansado de a experimentar em diversas coisas, lhe disse:

— Já que, fermosa Grizelia, vos offereceis para servir minha esposa, eu quero que fiqueis em casa a dardes ordem ao recebimento e banquetes, que se offerecerem.

Ella foi mui contente e ficou em casa feita criada e dispenseira, e n'isto com sua boa prudencia cuidava que tinha alcançado muito. N'este tempo que isto passava, mandou o Marquez a seu secretario, de quem muito se fiava, com cartas escriptas de sua mão, acompanhado de muitos cavalleiros pedindo a el-rei de Polonia lhe mandasse a filha que lhe tinha mandado. Era tão grande a amisade que elrey tinha ao Marquez, que determinou de os acompanhar e assinado certo dia tomou seu caminho, levando comsigo a

donzella, que em extremo era fermosa e levava comsigo o infante seu irmão, chegando em poucos dias em presença do Marquez.

A que sabia ser Marqueza, em figura de servidora de casa, chegou a dar os parabens á noiva e fingida desposada, sem se poder fartar de louval-a de fermosa e avisada. Determinados de se assentarem a comer, revirou-se o Marquez para sua Grizelia, meio rindo, em presença de todos, lhe disse:

— Que vos parece, Grizelia, esta minha desposada? não é muito fermosa?

— Não cuido que se ache em todo o mundo outra que mais o seja.

O Marquez vendo a generosidade com que isto dizia, e considerando aquella grande constancia de mulher tantas vezes e tão fortemente tentada da paciencia, não podendo mais dissimular a fez vir assentar a par de si, dizendo:

— Oh minha nobre e amada mulher, não cuido haver homem debaixo do céo, que tantas experiencias de amor de sua mulher haja visto como eu. Vós sois, senhora, minha mulher, nunca outra tive, nem tenho, nem terei. E esta que vós cuidaes que é minha esposa, é vossa filha, a qual fingidamente fiz que a tivesseis por morta; este é o infante vosso filho. Pois juntamente cobraes tudo, perdoae-me os

desgostos que vos tenho dado, pois foram para mais fineza de vossa honra.

Ouvindo isto a nobre Marqueza, de prazer perdia o sentido, e com o soberano goso de vêr seus filhos, que tantas vezes tivera por mortos, sahia fóra de seu juizo, e querendo ir-se para elles desfeita toda em lagrimas, não se pôde escusar de os abraçar muitas vezes. Vendo isto as damas e senhoras que ali estavam, todas á porfia com muito gosto e prazer a despiram de seus fatos pobres e lhe vestiram os seus acostumados. Foi para todos um mui grande dia de alegria, e com isto viveram despois marido e mulher largos annos com muita paz.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte III, n.º V.)

Notas

167. **Constancia de Griselia**. — É notavel a relação que existe entre o texto de Trancoso e a redacção castelhana de Timoneda no seu *Patrañuelo*, n.º II (ed. Ribadaneyra, p. 131). Ou Timoneda traduziu a sua versão da portugueza de Trancoso, ou ambos os auctores se serviram de uma lição commum. Esta ultima supposição parece inferir-se do

folheto italiano sem data *La Novella di Gualtieri*, anterior aos dois. O conto de *Griselides* acha-se no *Decameron*, de Boccacio, X jornada. Du Méril, investigando as fontes tradicionaes do *Decameron*, cita os livros em que se acha este conto: Philippo Foresti, *De plurimis claris scelestisque Mulieribus*, p. 145; Bouchet, *Annales d'Aquitaine*, liv. III, citam-na com realidade historica. A tradição recebeu a fórma poetica no *Lais del Freisne*, de Marie de France. *(Oeuvres*, t. I, p. 138.) Chaucer tratou este assumpto no *The Clerkes Tale*, e um anonymo no *Gualterus and Grisalda*; acha-se em uma ballada popular *The Nut-Brown*; representa-se nos theatros populares da Inglaterra; ha um mysterio francez de 1395, e Hans Sachs compoz uma comedia *Die gedultig und gehorsam Marggräfin Griselda*. (Vid. Du Méril, *Histoire de la Poesie Scandinave*, p. 359 e 360.) O conto de Griselida acha-se na tradição popular da Russia, na collecção de Afanasieff, liv. 5, n.º 29, do qual Gubern. dá um resumo.

168. O BARBEIRO DO REI

Um rei havia ficado por fallecimento de sua mulher com uma filha, a qual era herdeira e successora do reino. Este, para tirar de si paixão e malenconia, que lhe sobrevinha por causa de sua tristeza, se sahia muitas vezes por tempo de verão a um pateo que tinha, muito fresco, ornado de muitas flores cheirosas, que ali mandara crear por seu refrigerio. Estando n'este pateo que digo, vinha por algumas vezes com elle por seu mandado o seu barbeiro para lhe fazer a barba, e como os barbeiros tem por seu natural serem praticas e chocarreiros, Elrey o mandava chamar, mais por gostar de sua boa conversação, que por necessidade que tinha do seu officio. Estando um dia com elrey fazendo-lhe a barba como costumava, veiu elrey a gostar tanto de sua boa conversação, que lhe disse, que lhe pedisse mercês, que o barbeiro despresou sua promessa, dando-lhe a entender que não havia mister nada. Mas vindo outras vezes ao proprio officio como costumava, lhe veiu elrey a cobrar tanta affeição, que lhe importunava, que lhe pedisse mercês, que, por grandes que fossem lh'as não negaria. Elle, tomando ousadia e atrevimento as promessas que elrey lhe fazia, lhe disse:

— Saberá vossa alteza, que não ha ahi na vida cousa que hoje acceite que me possa fazer contente e que meu desejo

satisfaça, senão é uma, a qual é, dar-me em casamento a princeza sua filha.

Elrey sobresaltado de tão estranha novidade dissimulou com elle, interrompendo a pratica n'outra materia, cuidando que aquillo era dito a modo de graça, por dar passatempo a elrey com suas chocarrices e zombarias: mas elle era tão em seu inteiro juizo, que vindo outra vez barbear a elrey, e tornando-lhe a pedir elrey, que lhe pedisse mercê, tornou a repetir sua primeira petição dizendo: «Que não tomaria outra cousa senão a Princeza sua filha por mulher.» Elrey parecendo-lhe isto já mais que zombaria, determinou de o despedir com brevidade, e ido, mandou chamar um homem letrado, de grande entendimento em diversas sciencias, e, dando-lhe conta como desejando por muitas vezes de fazer algumas mercês áquelle homem, sempre lhe saira com desatinos tamanhos, a que não podia nem sabia dar entendimento.

O letrado esteve um pouco cuidando comsigo em seu entendimento, e disse a elrey:

— Senhor, faça-me vossa alteza mercê de se pôr em outro logar, fóra d'esta casa a barbear com esse barbeiro, e de lhe tornar a repetir que lhe peça mercês, para vêr se acerto em um segredo que tenho imaginado n'esta casa.

Elrey fez assi, e pondo-se n'outra casa o mandou chamar, e com dissimulação, lhe disse:

— Mestre, desejo tanto de vos fazer mercês, e vejo que nunca me pedis nada; folgara que me occupasseis em alguma cousa, porque de verdade que vos tenho tanta affeição, que não haverá cousa que me peçaes que, ainda que seja uma grande parte do meu reino, vos não conceda.

O barbeiro lhe respondeu:

— Certo, senhor, que vossa alteza me offerece ha tempo mercês que não posso deixar de não lançar mão d-ellas, portanto se vossa alteza m'as quer fazer, serão para mim mui grandes, e é, que me hade fazer mercê de me mandar dar dez cruzados para pagar o aluguer de minha casa de que estou penhorado, e n'isto a receberei mui assinalada.

Se elrey de primeiro se espantou de lhe pedir sua filha em casamento, mais se espantou abatendo-se tanto que para lhe pedir dez cruzados lhe mostrava ficar em tamanha obrigação. Elrey lhe mandou dar os dez cruzados, e depois de ido fez vir diante de si o letrado que lhe havia aconselhado, e vindo diante d'elle lhe disse o que passára com o barbeiro, que deitasse juizo em tamanha differença.

O letrado respondeu:

— Vossa alteza saberá, que meu entendimento sahiu certo, e para saber a prova d'isto, mande vossa alteza abrir a terra aonde esse homem punha os pés quando estando barbeando, lhe pedia sua filha em casamento, que eu creio que n'esse

logar se achará um grande thesouro, e não póde ser menos senão que pizasse com seus pés algum grande thesouro quem tinha fumos de pedir a princeza em casamento.

Mandou elrey abrir a terra onde isto passou e foi achado um grande haver, que a elrey foi de grande admiração; e para pagar ao letrado tão bom conselho como tinha dado, em especial tiral-o de uma duvida tamanha, lhe concedeu uma boa parte d'aquelle haver, e outra parte mandou dar ao barbeiro com que se auctorisasse em estado.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte III, conto III.)

---

169. O ACHADO DA BOLSA

Havia um mercador muito rico, e assim como cada dia se lhe iam acrecentando suas riquezas, assim n'elle se lhe ia multiplicando tanta avareza, que em outra cousa não trazia o sentido senão em ajuntar dinheiro. Este estando um dia vendendo suas mercadorias, tomou quatrocentos cruzados em ouro, que havia vendido, e deitou-os em uma bolsa, e despois de recolher seu fato se foi para sua casa enthesourar. Indo pelo caminho fazendo suas contas com a imaginação, lhe acertou a cahir a bolsa, e até que chegou a casa a não achou menos. Esteve para perder o juizo juntamente com a bolsa. Com grande dôr e paixão se foi ao Duque, que era senhor d'aquella cidade, e lhe pediu que mandasse sua excellencia em seu nome apregoar que quem achasse uma bolsa com quatrocentos cruzados em ouro, que os trouxesse diante d'elle, que lhe daria quarenta cruzados de achado. Foi dado o pregão pela cidade, e sendo ouvido de todos, chegou a ouvidos de quem tinha achado a bolsa, que era uma mulher viuva, muito pobre e virtuosa. E ouvindo dizer, que davam quarenta cruzados de achado foy mui leda, entendendo que ficar com a bolsa seria infernar sua alma. Assim com esta determinação se foi diante do Duque e lhe poz em sua mão a bolsa que havia achado assim e da maneira que o mercador a havia perdido. Vendo o Duque a pobreza d'esta mulher, e que era digna de ser

grandemente favorecida, logo mandou chamar o mercador e lhe disse como a bolsa havia já apparecido, que não faltava mais que cumprir sua promessa áquella mulher honrada que a havia achado. Folgou em extremo o avarento mercador, porém achegou-lhe á alma o vêr que havia de dar os quarenta cruzados que tinha promettido de achado, e assim imaginou logo n'aquelle instante um ardil para os não dar, e foi que tomou a bolsa e vasou o dinheiro em uma meza que ali estava, e contou-o, e posto que o achasse certo, comtudo isso revirando para a mulher que o havia achado, lhe disse:

— Molher de bem, aqui n'esta bolsa faltam trinta e quatro escudos venezianos, que estavam de mais dos quatrocentos cruzados em ouro que aqui estão.

A boa velha affrontada e corrida, lhe disse:

— De maneira, senhor, que crêdes de mim que vos havia de furtar o vosso dinheiro! Quem me obrigava, tendo eu em meu poder essa bolsa, a trazel-a aqui, senão não querer eu o alheio?

Não deixava o mercador de gritar e dar vozes dizendo que lhe fosse buscar os trinta e quatro escudos venezianos que faltavam, se queria que lhe désse o achado que tinha promettido. O Duque, conhecendo a malicia do mercador e tudo aquillo que fazia e dizia era a fim de se escusar de dar o que promettera, entendendo que quanta era a bondade da virtuosa mulher tanta era a maldade do avarento mercador,

imaginou que a maior pena que podia dar a um homem tão ruim como aquelle era fazer que com seu engano se offendesse a si mesmo, e a esta causa, virando-se para elle, lhe disse:

— Vinde cá; se isto é assi como dizeis, porque me não declarastes que a bolsa levava mais esses escudos de ouro? Ora eu tenho entendido que vós sois tal que quereis fazer o alheio vosso, e que esta bolsa que essa mulher honrada achou não é vossa, pois n'ella faltam esses ducados venezianos que dizeis; antes essa bolsa que se achou sem duvida nenhuma é uma que esse proprio dia perdeu um meu criado com esta mesma somma de dinheiro que essa tem, e pois sendo assim como é, a mim e não a vós pertence.

E dizendo isto, virou-se para onde estava a velha, e lhe disse:

— Boa mulher, pois que achastes esta bolsa com estes cruzados de ouro, eu vos faço graça d'ella com o dinheiro que tem.

Não se atreveu o inconsiderado avarento a replicar ao que o Duque dizia; antes arrependido de não haver cumprido a palavra que promettera se foi para sua casa chorar seu desastre.

(Trancoso, *Ibid.*, Parte III, conto VII.)

Notas

169. **O achado da bolsa**. — Acha-se tambem no *Patrañuelo*, n.º VI, de Timoneda (Ed. Ribadaneyra); no *fabliau Du Marchand qui perdit sa bourse (Recueil de Fabliaux*, p. 101, da Bibliotheque choisie); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, X, e no *Novellino italiano*. O conto de Trancoso, n.º XV, anda como episodio no conto do *Justo juizo* largamente estudado por Benfey e Köhler, sobre as versões russas, thibetanas, indianas e allemães. Nos *Contos nacionaes*, n.º III, Porto, 1883, vem uma versão popular portugueza, que nos leva a crêr que Trancoso poucas vezes recorreu a fontes litterarias.

170. O CAPÃO TORNADO SAPO

Houve um homem pobre, o qual veiu a ter muita fazenda, e não tendo mais que um filho, certa gente procurou de o casar com uma filha sua; a nóra o começou (como costumam) a aborrecer tanto, que o não podia vêr; e como mulheres muitas vezes podem muito no mal, pôde tambem com o marido, para que aborrecesse seu pae, de modo que tambem o não podia vêr; o pobre pae morria de fome, seu comer eram favas muito ruins, e com esta grande fome chegou um dia á porta do filho pedindo que lhe désse de comer; tinha um capão cosido para jantar, mas logo o escondeu mettendo-o em uma arca, e dando ao pae uma tigella de favas, o deitou pela porta fóra, e acabando de as comer, despois que se foi, disse á mulher: — Agora comeremos á nossa vontade, ide buscar o capão; — o qual o achou que se tinha tornado em um terrivel e espantoso sapo, que logo lhe saltou no rosto, aferrando-lhe os dois pés na barba e as mãos na testa, não havia quem o pudesse desapegar; foi um homem com uma tenaz pegando d'elle para o tirar, o sapo o atravessou com os olhos, tão terrivel e peçonhentamente, que logo cahiu no chão, nem houve quem pudesse dar remedio a tal caso.

(Francisco Saraiva de Sousa, *Baculo Pastoral de Flôres de Exemplos*, t. I, p. 87. Ed. 1657.)

Notas

170. **O capão tornado sapo**. — Cita-se uma variante de Cesario, lib. 60, cap. 22, em que em vez de um sapo era uma serpente.

171. OS PODERES DO OURO

Houve em Italia, e em um dos mais conhecidos logares d'ella, um honrado pai de familias, nobilissimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes e graças naturaes, e tão liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas, que carcereiro d'ellas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso e esperto nos negocios da mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com tão solicito cuidado, como costumam os que com cobiça e trabalhos o adquiriram, e era notavel espanto aos naturaes, verem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo, e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pae, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já com a edade e continuação de gastar largo estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhára, a honra que tinha de seus passados, e não degenerasse d'elles por seguir a vileza do interesse: Que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o criára, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha; que fosse proveitoso aos amigos e parentes, benigno aos pobres, e se não captivasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fructo. Mas como fallar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado vão, nenhum effeito

faziam os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o Senado d'aquella Republica por a nobreza e pessoa do mancebo, e pela industria e sagacidade que mostrava, o elegeram em companhia de outros, para ir com uma embaixada a Roma ao summo pontifice. Depois de sua partida, vendo o pae occasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas com que entrou na camara do filho, e abriu os cofres em que aquelle inutil thesouro estava depositado, e com a brevidade que o desejo lhe pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente, deu libré a seus criados, comprou ricas armações e baixellas, encheu a estrebaria de cavallos fermosos, accudiu em occasiões a parentes e amigos necessitados; dispendeu, em fim, aquella prata e ouro que o filho com muitas vigilias ajuntava, da maneira em que elle quando florecia em riquezas usava d'ellas. Gastado o dinheiro, encheu os sacos em que antes estava de muitos seixos e areia, e posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixára, tornou a fechar os cofres e as caixas como de antes. Tornou depois o filho da sua embaixada, e os pequenos irmãos o foram esperar á entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnifico apparato de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado d'elles, ficou confuso e enleado, lhes perguntou logo d'onde houveram tão ricos vestidos e fermosos cavallos? ao que elles com uma simplicidade innocente responderam: Que seu pae e senhor vivia com differente largueza da que antes tinha, e que outros trajos e cavallos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pae, nem a elle conhecia,

pelo differente estado em que a deixára, e como n'esta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde tinha posto o seu thesouro, entrou na sua camara, abriu os cofres, e vendo que os sacos estavam cheios e da maneira que elle os deixára, se aquietou, porque não dava logar á mais vagarosa experiencia a pressa com que os companheiros o chamavam e o Senado o esperava. Depois que deu fim áquella obrigação, que a elle lhe não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se de vagar no seu aposento, abriu as arcas e os sacos em que lhe parecia que estava a sua bemaventurança, e vendo o engano da areia e seixos, que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados, a que, primeiro que todos, accudiu o generoso velho, perguntando-lhe, que tinha? de que se queixava? e quem o offendera? — Ai de mim (disse elle), que me roubaram as riquezas que com tantos trabalhos e com tão largo discurso de annos tinha grangeadas. — Como é possivel que te roubaram (respondeu elle), se eu vejo esses cofres e sacos cheios, que parece que não podiam tirar nada d'elles, nem elles levarem mais? — Ai, triste de mim (tornou o filho), que o de que elles estão cheios, não é do ouro e prata com que os deixei, que não tem agora mais que pedras e areia sem proveito. A isto respondeu o generoso pae, sem no rosto fazer mudança: — Ah enganado filho, que importava para que estes sacos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras differença d'ella? Cessaram os brados, mas não já o sentimento do filho com esta resposta, que a mim

me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. VII.)

---

172. O THESOURO ESCONDIDO

Acho extremada aquella historia, que toca o Ausonio, poeta, em um seu epigramma: E é, que um homem desesperado com uma paixão que teve, se ia enforcar em um logar secreto, levando comsigo o baraço em que havia de deixar a vida. Succedeu, que com a força que fez, cahindo uma parte da terra n'aquelle logar, se lhe descobriu um thesouro, a cuja vista mudou logo o pensamento, e levando o que achára, deixou em seu logar o baraço que trazia. Vindo depois o que ali escondera, e achando-o menos, e em seu lugar a tentação da sua desventura, fez, porque perdera um thesouro, o que o outro deixou de fazer porque o achára; de modo que a um deu vida o ouro, a outro matou a avareza d'elle.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. VII.)

Notas

172. **O thesouro escondido**. — Compare-se com a tradição popular, conto n.º 88.

173. ERRAMOS (E RAMOS)

Uma mulher não tratava bem de obras a honra de seu marido, e elle muyto mal de palavras a toda a sua visinhança; era o seu nome d'elle *Ramos*, e pondo-se um dia em praticas com a mulher começou a contar com ella todos os cornudos, que havia no seu bairro; a mulher com raiva de sua má natureza a cada passo dizia:

— *E Ramos*, marido; tornae a contar, que falta um.

Elle, que entendia mal o remoque, sem se metter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. XI, p. 156.)

Notas

173. **Erramos**. (E Ramos?) — Encontrámol-o tambem na tradição insulana, e no Porto.

174. O PAGEM DA RAINHA

Teve a rainha Santa Izabel um pagem ou criado de camara, que servia de seu esmoler, e outras obras pias e caritativas em que a santa rainha de continuo se occupava; era este moço de boas partes, que foi a herança que seu pae lhe deixou, segundo conta Henrique Gran, que estando para morrer lhe disse: — Filho, a melhor herança que te posso deixar é dar-te este conselho, que sejas muito virtuoso e que ouças cada dia missa inteira e sejas muito devoto da Virgem nossa senhora. Estas e outras cousas santas lhe encommendou. N'este tempo tinha elrei Dom Diniz outro pagem muito seu privado e querido; este vendo a privança que o outro tinha com a rainha, por inveja e por mais cahir em graça delrei, determinou de lhe levantar um falso testemunho e pôl-o em mal com elrei; e foi este que affirmou que a rainha tinha uma affeição má; como o rei vivia não mui honestamente, pouco bastou logo para lhe dar credito, e assi d'ali por diante andava pensativo, triste, malenconizado, vivendo com muita desconfiança da rainha pelo que seu pagem lhe tinha dito, determinou de o matar secretamente, e sahindo aquelle dia a passear, passou por onde estavam ardendo uns fornos de cal, e chamando de parte os homens que n'elles trabalhavam, lhes mandou que a um criado da camara que elle enviaria com um recado: — se tinham feito o que elrei lhe tinha mandado? — o

arrebatassem logo e o lançassem dentro no forno para que assi se fizesse em pó e em cinza, porque assi convinha ao seu serviço. Ao outro dia pela manhã mandou o pagem da rainha que fosse logo com este recado, para que os homens puzessem em execução o que lhes tinha mandado; mas nosso senhor, que nunca falta aos seus e acode aos innocentes, ordenou que em passando este moço tangessem no mosteiro de S. Francisco (que estava em caminho) á missa, e entrando esteve-a ouvindo até o cabo, e ainda outras duas, que se começaram.

N'este tempo desejando elrei saber se era já morto, mandou ao pagem da camera (que era aquelle que o havia accusado levantando-lhe o falso testemunho) e lhe disse:

— Vae ao forno a saber se tem já feito o que mandei; foi e dando o recado, arrebataram-no os homens e vivo o metteram no forno. N'este tempo acabando o moço innocente e sem culpa de ouvir as missas, foi dar o recado que elrei lhe tinha dito, se haviam feito o que sua alteza lhes havia mandado, e dizendo elles — que si, se volveu com a resposta a Elrei, o qual vendo e considerando que havia acontecido este negocio ao revés de como elle havia mandado, e tornando-se ao pagem o começou a reprehender, perguntando-lhe d'onde havia estado tanto tempo? Respondeu elle: — Senhor, indo a cumprir o mandado de vossa alteza, tangendo a Missa entrei dentro, e ouvi aquella missa até o cabo, e antes que aquella se acabasse começaram duas, e assi ouvi todas trez até o cabo,

porque assi m'o encommendou meu pae e deixou por benção, que todas as missas que visse começar estivesse a ellas até o fim. Então viu elrei por este juizo de Deus as falsidades, e veiu a cahir na conta da verdade e a conhecer a innocencia da santa rainha, e a fidelidade e virtude de criado, e assi lançou a má imaginação que trazia contra a rainha.

(*Baculo pastoral*, I, 148.)

Notas

174. **O pagem da Rainha**. — Acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º XVII. (Ed. Ribadaneyra, p. 158.) Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 134, not., cita um dos Contos dos *Sete Vizires*, e o fabliau *D'un roi qui voulut faire brûler les fils de son sénéchal*. (Legrand d'Aussy, *Fab.*, t. v, p. 56.) Esta mesma tradição acha-se na redacção ingleza das *Gesta Romanorum*, cap. XCVIII; nas *Cento Novelle antiche (Libro di Novelle*, LXVIII); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, 2.ª cent., 8.ª dez., 6.ª novella; a lenda de Santa Isabel, em Portugal, no *Baculo Pastoral*, de Saraiva de Sousa, já se achava em verso por Affonso o Sabio, avô do rei D. Diniz, contada como um milagre da

Virgem. A sua proveniencia oriental acha-se no Katha sarit sagara, collecção de Somadeva Bhatta, do seculo XII. (Trad. Brockaus, vol. II, p. 62.) Œsterley, na sua edição das *Gesta Romanorum*, cita na nota ao numero 283 os paradigmas d'esta lenda, tambem popular na Alsacia com o titulo de *Fridolin*, sobre que Schiller fez a Ballada *Gang nach dem Eisenkammer*. Vid. tambem o estudo d'Ancona, na *Romania*, t. III, p. 187. Repete-se ainda na tradição popular de Coimbra.

175. A INGRATIDÃO DOS FILHOS

Certa mulher, déra á sua filha em dote quanto possuia; e depois, assim ella como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa como carga inutil. Vendo isto a velha:

— Já sei (disse comsigo) como emendar o erro meu.

D'ali por diante fingia que se furtava aos olhos dos domesticos para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava; ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação affectada, abria, vasava, contava e tornava a guardar, em logar de patacas, pedacinhos de louça quebrada, espreitando entretanto se fôra sentida a mesma que o desejava ser. Tambem entre a conversação deixava cahir algumas palavras prenhes, que indicavam testamento feito, ou quantidade de suffragios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice ou outras similhantes. Do que tudo vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido e logo deliberaram dar-lhe bom trato e falar-lhe com agrado e sugeição. Tanto que chegou o seu dia e passou d'esta vida, foram muito soffregos registrar o que havia na arca, suave tormento de suas esperanças, mas o que acharam entre os telhos, foi só um papel com estas palavras:

— Filhos meus, se os tiverdes, não vos esqueçaes de vós no dar-lhe estado; este desengano que tenho vos deixo, en1 logar do dinheiro que não tenho.

(Padre Manoel Bernardes, *Nova Floresta de varios Apophthegmas*, t. I, p. 145.

Variante

Achava-se certo pae com duas filhas capazes já de tomarem estado, e querendo dar-lh'o com mais grandeza, lhes consignou em dote quanta fazenda possuia. Suppoz que os consortes nunca deixariam de corresponder a esta liberalidade com egual gratificação provendo-o depois do que necessitasse, servindo-o e tratando-o com aquelle amor que podia prometter-se de pessoas tão proximas no parentesco como obrigadas pelo beneficio. Mostraram-lhe os esposos ao principio algumas demonstrações de affecto, mas faltando-lhes pouco a pouco as esperanças de conseguirem já nada do velho, que lhes tinha dado tudo, começaram-no a maltratar de sorte, que bem cedo conheceu o erro em que cahira, reduzindo-se á pobreza. Vendo-se o velho reduzido a tão triste estado, e cuidando no remedio da sua necessidade, lhe occorreu emfim uma industria, que lhe

sahiu bem succedida e acertada. Tinha um amigo particular, e pediu-lhe certa quantia bastante de mil cruzados, a qual sem fallencia alguma lhe restituiria passado aquelle termo. Conseguiu promptamente o dinheiro, e levando-o ás escondidas para a sua camera que ficava proxima ás dos genros e filhas, vasou o saco sobre uma meza e poz-se a contar o dinheiro, manejando-o de sorte que tinisse e soasse fóra o estrondo. Perceberam as filhas o som, acudiram logo ao reclamo, espreitaram pela fechadura da porta, e vendo sobre o bofete tanta somma de moedas, communicada a novidade aos maridos, assentaram que convinha mudar de estylo e dar ao velho outro tratamento. Como lhe suppunham ainda algum cabedal, temerosas que talvez o deixasse a pessoas extranhas, julgaram que importava ganhar-lhe a vontade para segurarem d'este modo toda a herança. Assim como o resolveram o executaram, e para mais se certificarem, em certa occasião procuraram saber d'elle um dia se lhe restava ainda alguma cousa, e quanta somma de dinheiro de que dispuzesse.

Respondeu o acautellado velho, que alguma quantia reservára para fazer seu testamento. Que sua tenção era deixar a somma dos mil cruzados, que lhe restavam, a suas filhas, deixando a uma ou outra mais ou menos, conforme os obsequias e serviços que d'ellas recebesse n'aquella sua velhice necessitada de tantos.

Bastaram estas palavras para accenderem nas filhas o appetite do dinheiro, e cada qual logo á porfia começou a

ganhar a vontade e benevolencia do pae, servindo-o em tudo e gosando-se elle dissimuladamente do bom successo que surtira o estratagema. Passado algum tempo adoeceu de morte o velho, e chamando as filhas e os genros, disse-lhes ser chegada a sua ultima hora, e que assim tanto que expirasse, acabados os suffragios, receberiam dos *Frades* a chave da caixa, a qual abrissem, porque de quanto estava dentro as deixava egualmente por herdeiras. Apenas o bom velho expirou, promptamente se disseram as missas, e recebendo as filhas com alvoroço a chave, abriram a arca mui ligeiras, mas não estava dentro uma só moeda; sómente acharam um malho, que tinha estas letras ao redor escriptas:

«Com este malho se dê na cabeça de quem não tratando de si, deixa a sua fazenda a outrem.»

(Padre Manoel Consciencia, *Academia universal de varia erudição*, p. 95.)

Notas

175. **A ingratidão dos filhos**. **O caixão de pedras**. — Acha-se nos fabliaux da Edade media: *Le bourgeois d'Abbeville* por Bernier *(Recueil de Fabliaux*, p. 166); o

Conto do *Sapo*, no *Doctrinal de Sapience*, fl. 21, *v*. A herança de pedras acha-se no testamento de Fauchet, em que os logrados são os frades; ha outras versões nas *Histoires plaisantes et ingenieuses*, p. 146; e em Piron, *Fils ingrats*, comedia. Esta historia affecta outras fórmas, como é o episodio da intervenção do neto que se prepara para exercer a mesma crueldade com o pae. Nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º 1, ha uma referencia a uma versão popular ainda corrente em Portugal. Nas *Horas de Recreyo*, do Padre João Baptista de Castro, (p. 81) vem este thema da *Velha que dá o que tem á filha*.

176. A USURA DE NOSSA SENHORA

Um onzeneiro famoso foi avisado e castigado com lepra. Tendo já quasi esgotada a medicina e a bolça, por ultimo remedio recorreu á Senhora do Loreto, promettendo-lhe se sarasse, offerta de cem escudos de ouro. Foi ouvido e restituido á saude brevemente. Os amigos, aproveitando a occasião o amoestaram, não tornasse a manchar a sua alma com aquelle vicio da usura. Respondeu:

— Se fôra vicio esse que dizeis, não levára a Senhora cem escudos por curar-me.

(Padre Manoel Bernardes, *Estimulo pratico*, Exemplo V.)

177. O MEDICO DE BOA FÉ

Como o outro que curava de um espinho certo cavalleiro, e tinha-lhe mettido em cabeça que era posthema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruido, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam posthema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaram logo as dôres, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veiu o pae; pediu-lhe o filho alviçaras, que sarára o doente só com tirar-lhe o espinho. Respondeu-lhe o pae:

— Pois d'ahi comerás, pura besta. Não vias tu, selvagem, que emquanto se queixava das dôres continuavam as visitas e se acrescentavam as pagas? Seccaste o leite á cabra que ordinhavamos.

(Padre Vieira, *Arte de Furtar*, p. 26.)

178. NÃO ESCAPA DE LADRÃO QUEM SE PAGA PELA SUA MÃO

A um cego, d'esses que pedem por portas, deram uma vez em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pisar, tratou de o assegurar logo repartindo egualmente com o seu moço que o guiava; e para isso concertou com elle, que o comessem bago e bago, alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares; o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos. Não lhe esperou muito o cego e ao terceiro invite descarregou-lhe o bordão na cabeça. Gritou o rapaz:

— Porque me dais?

Respondeu o amo:

— Porque contratando nós, que comessemos egualmente estas uvas bago e bago, tu comes a trez e a quatro.

Perguntou-lhe então o moço:

— E quem vos diz a vós, que eu fiz tal aleivosia?

— Isso está claro (respondeu o cego), porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a pares, tu te calaste, sem me requereres tua justiça; e não eras tu tão santo, que me levasses em conta nem em silencio a minha sem razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

(Padre Vieira, *Arte de Furtar*, p. 33.)

179. A VENDA DAS GALLINHAS

E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das gallinhas a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lh'as havia de pagar, o poz em uma Egreja onde estava o padre cura confessando; e chegando-se a elle lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondeu alto que sim e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando que o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve logar o ladrão de se acolher com o furto.

(Padre Vieira, *Idem*, p. 276.)

Notas

179. **A venda das gallinhas**. — Esta anedocta acha-se extremamente vulgarisada: nas *Facetieuses journées*, p. 107; nas *Repues franches*, de Villon; nas *Facetie di Poncino*, na Arcadia di Brenta, p. 152; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 262; nos *Contes du sieur d'Ouville*, t. II, p. 471; no *Courrier facétieux*, p. 355; na *Histoire générale des Larrons*, p. 20; na *Bibliothèque de Cour*, t. III, p. 23. As

variantes dão-se entre o objecto da compra e a pessoa que paga. No Conto *Des trois Aveugles* vem esta peripecia como episodio. (*Recueil de Fabliaux*, p. 85.) Nas *Novelle* de Morlini, n.º XIII; nas *Facetieuses Nuits*, XIII, fab. II, e em Bebelius, liv. 11, conto 126, acha-se este mesmo conto do jesuita portuguez, e ainda conente nas facecias populares.

180. O ROUBO DO VESTUARIO

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte de Coimbra um forasteiro bem vestido armou a lhe furtar o fato na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um poço, que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira n'aquelle instante uma cadêa de ouro dentro do poço e que daria um dobrão a quem lh'a tirasse. Moveu-se á compaixão o passageiro, que devia de ser homem de bem, senão que o picou o interesse, e por isso não presumiu de malicia; gabou-se que sabia nadar como um golfinho e que lhe tiraria a cadêa de mergulho. O matalote da cadêa, tanto que o viu debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato e cabana.

(Padre Vieira, *Ibidem*, p. 278.)

181. A ROUPA DOS MENDIGOS

Um fidalgo piedoso lançou um pregão na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre. Ajuntaram-se no seu pateo infinitos, e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e n'elles achou bem cosida e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes que a que tinha gasto nos vestidos.

(Padre Vieira, *Arte de furtar*, p. 316.)

182. A CASA DOS MORTOS

Indo o pagem de um fidalgo que tinha fama de rico, comprar uma moeda de rábãos para a cêa de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clerigos, que levavam a enterrar um defunto, e de traz da tumba se ia carpindo a mulher, e lamentando a sua desgraça; e ouviu que dizia entre lagrimas e suspiros:

— Aonde vos levam, meu mal logrado? Á casa onde se não come, nem bebe; nem tereis cama mais que a terra fria.

Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas e disse espavorido a seu amo:

— Senhor, ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto.

— Tu deves vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é egreja?

— Entrei em suspeitas se viriam cá enterrar aquelle finado; e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz vem dizendo que o levam á casa onde se não come, nem bebe, nem ha cama mais que a terra fria; fiz bem em fechar as portas, pois assás bastam os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que he peor que maleitas.

(*Idem*, *ib.*, p. 328.)

183. AS BOTAS FIADAS

Um fidalgo, tomou por materia de riso calçar todo o anno sem pagar nenhum par de obra aos sapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha, levantando-se ás maiores com palavras, que correu entre todos que nenhum se fiasse d'elle, nem lhe desse calçado sem lhe pagar primeiro.

Vendo-se o fidalgo posto em cêrco, e que ninguem lhe queria dar sapatos sem o dinheiro na mão, mandou ao moço que pedisse um só sapato á prova, e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos.

— Isso sim, disse o official; um sapato levará você, mas dois não os verá seu amo sem me pôr n'esta banca o dinheiro.

Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pagem a outro sapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um sapato d'elle, persuadindo-se que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lh'o restituiria não lhe servindo. Vendo-se assim com os dois, calçou-os e foi-se ao paço rir sobre a historia.

(Padre Vieira, *Arte de furtar*, p. 474.)

184. A MATRONA DE EPHESO

Em Efezo havia huma matrona honestissima que, morrendo-lhe seu marido, fez por elle os mayores extremos de dôr que se podem considerar; e não se contentando com as ceremonias communs das outras viuvas, se foy á sepultura de seu marido (que antigamente se enterravam nos adros das Igrejas) e ali estava a chorar, sem querer comer, nem afastar-se d'aquelle logar. Aconteceu terem ali perto enforcado a huns facinorosos, para guarda dos quaes deixára a Justiça alguns soldados. Soube hum d'estes que estava junto da sepultura aquella matrona, e compadecido da sua magoa, lhe levou da sua cêa, e a obrigou a que comesse, por não morrer desesperada. Passou adiante, porque o mesmo que a convenceo a que comesse, a persuadiu tambem a que lhe desse seu corpo, com a qual cousa descuidando-se da sua obrigação, vieram os parentes de hum dos justiçados e o furtaram. Vindo depois o soldado, e não achando o corpo na forca, temendo o castigo, veyo dizel-o muy triste á viuva, a qual o consolou e remediou logo, tirando o corpo de seu marido defunto, pelo qual havia feito tantos extremos, e o puzeram na forca em lugar do justiçado.

(P. João Baptista de Castro, *Hora de Recreyo nas ferias de mayores estudos*, Centuria I, n.º 79. Lisboa, 1770.)

Notas

184. **A matrona de Epheso**. — Sobre esta tradição e sua fórma popular, vid. n.º 69 e nota correspondente.

PARTE III

LENDAS, PATRANHAS E FABULAS

185. A LENDA DA TERRA

No principio do mundo, quando o homem cavava a terra, a terra abria boccas e gritava. O homem queixou-se ao Senhor, e o Senhor disse então á terra:

— Cala-te, que tudo criarás e tudo comerás.

(Guarda, Mondim da Beira, etc.)

186. LENDA DOS RIOS

Ha dois rios ao pé de Mirandella, chamados Tudella e Robaçal. No tempo em que os rios fallavam, dizia o rio Tudella:

Arreda, arreda,

Rio Tudella;

Se não quizeres arredar

Ahi vem o Robaçal

Que elle te fará arredar.

Porque o rio Robaçal leva mais agua do que o Tudella.

(Torre de D. Chama.)

187. TEJO DOURO E GUADIANA

Havia trez rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse partisse para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sitios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão bellas como as d'aquelle. O Douro foi o ultimo que acordou, por isso rompeu por montes e valles, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

(Mondim da Beira, Famalicão, Porto.)

188. LENDA DA LUA E DA AGUA

Quando Deus foi fazer o Inferno deixou Luz-Vella na cadeira d'elle; quando veiu não lhe quiz Luz-Vella restituir a cadeira, allegando que o Senhor lh'a tinha dado.

Dizia o Senhor:

— A cadeira é minha, emprestei-t'a, não t'a dei.

Luz-Vella ateimava muito e poz uma demanda com o Senhor. O Senhor apresentou a Lua, a Agua e o Sol como testemunhas de que tinha emprestado e não dado a cadeira. A Lua e a Agua juraram falso; o Sol jurou a verdade, dizendo ao Senhor:

— O que é dado é dado; o que é vendido é vendido; o que é emprestado é emprestado. Portanto a cadeira é vossa.

Deus então castigou a Lua (que era tão linda como o Sol) tirando-lhe os raios para os dar ao Sol; castigou a Agua, obrigando-a a correr sempre, sem nunca estar queda.

(Famalicão.)

---

189. LENDA DO MILHO E DO CENTEIO

Quando se acaba de gastar o milho começa a colheita do centeio barroso, que se semeia em fevereiro e só se malha em julho. De uma vez o milho disse-lhe, chasqueando-o d'esta sua demora:

— Gandarella, gandarella,

Que andas seis mezes na terra.

Respondeu-lhe o centeio:

«Cala-te lá meu reboludo,

Quando te acabas sou eu que acudo.

(Airão.)

Variante:

Disse. o Trigo para o Centeio:

Cala-te lá, Centeio, centeiaço;

Que tu não fazes as funcções que eu faço.

Retruca o Centeio para o Trigo:

Cala-te lá, Trigo espadanudo,

Que não acodes ao que eu acudo.

Diz d’ali a Aveia:

Eu sou a Aveia

Negra e feia;

Mas quem me tem em casa

Não se deita sem ceia.

(*Villa Nova de Gaya*. — Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p-128.)

Notas

189. — Uma grande parte d'estas lendas e patranhas foram colligidas pelo sr. Leite de Vasconcellos, achando-se dispersas nos seus estudos criticos sobre as tradições portuguezas.

190. LENDA DAS ADUELLAS E DOS ARCOS DA PIPA

Diziam as aduellas da pipa: — Muito fortes sômos nós, que sustemos o vinho.

Responderam os arcos: — Mais fortes sômos nós, que em todas vós temos mão.

N’isto começa a fallar o vime, que liava os arcos de loureiro:

Mas se eu tiro a minha mão

Vae-se o vinho pelo chão.

(*Airão.*)

191. A LENDA DAS MANCHAS DA LUA

Uma vez andava um homem a trabalhar ao domingo apanhando silvas. Appareceu Deus e disse-lhe:

— Então andas a trabalhar ao domingo?

— Senhor, aqui ninguem me vê n'este canto.

— Pois deixa estar que toda a gente te ha-de vêr.

Depois Deus collocou na Lua o homem com o mólho de silva ás costas. É elle que, andando lá, produz as manchas.

(*Freixo, Carrazeda de Anciães*, etc. — L. de Vasconcellos, *Vanguarda* n.º 24.)

---

192. OUTRA

A Lua era mais linda do que o Sol. O Sol queria casar com ella, mas a Lua não lhe dava cavaco. Elle então despeitado

atirou-lhe á face com cinza, e ella a elle com agulhas de costura.

A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua.

(Porto, Vimieiro, Leça do Balio, Famalicão, Carrazeda, Torre de D. Chama. — Ibidem.)

Notas

191. **A lenda das manchas da Lua**. — Stanisláo Prato estudou largamente esta lenda no opusculo *L'Uomo nella Luna*, como complemento ao ensaio critico sobre *Caino e le Spine secondo Dante e la tradizione popolare*; n'ella cita versões de diversos paizes: *Contes populaires de la Haute Bretagne*, de Paul Sebilot, 2.ª serie, n.º 64; na *Melusine*, de Gaidoz e Rolland, p. 403-6, n.º 5; nos *Norddeutsche Sagen*, de Kuhn e Schwartz, n.º 55; nas *Seize Superstitions populaires de la Gascogne*, de Bladé, n.º 4, p. 10. Na tradição popular açoriana é um pescador que anda de noite ás lapas, que é arrebatado para a lua. A lenda deriva-se da crença gauleza e scythica da transmigração das almas para a lua. (Vid. Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 184.) A ideia de castigo affrontoso é uma reacção contra o antigo respeito da crença religiosa.

192. **Outra**. — Consiglieri Pedroso, nos seus Estudos sobre *Tradições populares portuguezas*, colligiu esta lenda como superstição sob o n.º 578: «O sol passou pela lua e atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ella ficou escura e com manchas.»

193. LENDAS DE FEVEREIRO

Uma vez o Fevereiro pediu a Março uma tigela de papas; disse o Março:

— Só se tu me emprestares trez dias.

Fevereiro cahiu n'essa, e d'ahi em diante ficou com vinte oito dias e o Março com trinta e um.

Dizia a velha dos bezerrinhos:

— Vae-te, meu Fevereiro curto,
Que cá ficam os meus bezerrinhos
Todos uito.

Diz agora elle:

«Ora cala-te tu,
Que ahi vem meu irmão Março,
Que dos oito ficarão quatro.

(Foz.)

Fevereiro
Enganou a mãe
Ao soalheiro.

(P. Delicado.)

Notas

197 e 198. — Na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, vem paradigmas hespanhoes, e é conhecida na França meridional, na Suissa, Inglaterra, Escossia, Italia e Sicilia; vid. p. 103 a 108. Saco Arce traz na sua *Grammatica gallega* este ditado:

Febreiriño corto
Cós teus dias vinteoito,
Si durarás mais quatro
Non paraba can nin gato.

194. LENDA DE SALOMÃO

O rei Salomão era tão esperto que mesmo de cima de uma palheira sabia vêr tudo o que ha por esses céos além. Vae de uma vez a mãe tirou-lhe a palheira debaixo dos pés, quando elle estava a vêr as estrellas, e elle parou a fallar comsigo:

— Temos cousa! Ou o céo se arredou, ou a terra se afundou.

(Açores.)

195. LENDA DO CHORÃO

O chorão protestou com Deus que havia de chegar ao céo. O Senhor disse-lhe, que nunca lá havia de chegar, porque quanto mais crescesse mais havia de virar para o chão.

(Famalicão.)

196. LENDA DA LENHA

Quando se queimava a lenha ella gritava; foi por isso que o Senhor lhe tirou a falla para não commover a gente.

197. LENDA DA OVELHA

No principio do mundo, a ovelha fallava. Ella estava presa, mas queria que lhe abrissem a porta, porque tinha chegado Março e já havia que comer; e disse então:

No Março, onde quer eu passo;
No Abril, abre a porta e deixa-me ir;
Em Maio, onde quer eu caio.

198. LENDA DO CÃO

O cão pediu ao lobo para o ensinar a uivar. E o lobo pediu-lhe que o ensinasse a farejar. O lobo ensinou-o a uivar, mas quando lhe pediu que o ensinasse a farejar, o cão disse:

Se te eu ensinasse a farejar
Á cama me ias matar.

(Guarda.)

---

199. LENDA DA SERPENTE, DO SAPO E SARDÃO

No principio fallava a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes, se queriam ter pernas e não fallar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que queria ter pernas e não ferrar, mas ser avêsso ás mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas, nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos.

(Leça do Balio.)

200. LENDA DA CORUJA

Havia um passaro sem pennas, chamado o pito-nú. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nú pennas para elle se vestir. Mas o pito-nú, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca apparece de dia com medo de que as outras aves a piquem, pelo facto de ella não poder restituir as pennas do pito-nú.

(Do pé da Guarda.)

201. LENDA DO SAPO

O sapo sustenta-se de terra que come, mas come muito poucochinho de cada vez com medo que ella se acabe.

(Airão — Minho.)

202. PORQUE OS CÃES SE CHEIRAM

Os cães deram uma vez um banquete entre si; como faltasse a pimenta offereceu-se um d'elles para ir de uma carreira á cidade bttscal-a. Os outros cães esperaram que esperaram e o mensageiro não apparecia; por fim resolveu ir cada um á sua procura, e d'aqui resultou que quando algum cão se encontra com outro sempre se cheiram para saberem se é o que foi buscar a pimenta.

(Braga e Ilha de S. Miguel.)

203. LENDA DAS ANDORINHAS E DOS TARALHÕES

Dizem os taralhões:

— D’onde vides, andorinhas,
Que fostes poucas e muitas vindes?

Replicam ellas:

— D’onde vindes, taralhões loucos,
Que fostes muitos, e vindes poucos?

(Carrazeda de Anciães.)

204. CONTO DA CODORNIZ

(VOZES DE ANIMAES)

A codorniz passando um dia por certo sitio, viu o sapo á porta do seu covil, e como elle só tivesse visivel a cabeça, a codorniz encantou-se dos olhos d'elle e pediu-lhe que saisse cá fóra; o sapo obedeceu, mas a codorniz aterrou-se tanto com a figura d'elle que se retirou bradando: *Tem-te-lá! Tem-te-lá!* D'aqui acredita-se que veiu a fórma do seu canto.

(Paços de Ferreira.)

205. ONOMATOPÊAS

Canta o gallo:

— Quem virá lá?

Outro gallo:

— Um cavalheiro.

A gallinha:

— Jantará cá?

Um frango:

— Triste de mim.

Outro mais pequeno:

— Tripas ao sol.

(Airão.)

206. O CUCO E A POUPA

A poupa foi uma vez chamar o cuco para a ajudar a fazer certo trabalho; disse o cuco:

Eu, se estiver suão,
Vou-te dar uma demão;
E se estiver nevoeiro
Quero ir para o meu cuqueiro.

207. LENDAS DOS ANIMAES

Quando os animaes fallavam, a *pulga* disse:

Que a matassem
Mas que a não estorcegassem.

(Oliveira de Azemeis — Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 139.)

Dizia a *gallinha*, referindo-se ao milho :

— Que muito se medisse, e nenhum se vendesse.

(Penafiel — Ib., p. 154.)

O *burro* disse:

Que tanto nevasse
Que até as ventas se lhe arreganhasse.

(*Carregosa do Douro*, Ib., p. 176.)

O *boi* disse:

Que tanto chovesse
Que até os cornos lhe amollecesse.

(*Penafiel*, Ib., p. 177.)

A *cabra* disse:

Que tanto sol raiasse
Que até as pedras rachasse.

(*Ib.*, p. 180.)

Disse a *ovelha*:

Que tanto ventasse
Que até a lã lhe voasse.

(Penafiel, Gaia, — Ib., 182.)

208. VOZ DO CORVO

Uma vez andavam uns pedreiros no monte a arrigar um. penedo, o que lhes custava; passou um corvo por cima e disse:

— Scaba, scaba, scaba *(escava)*.

D'aqui lhe veiu a sua feia voz.

(*Paços de Ferreira*. — Ib., 158.)

209. LENDA DO SAPO E DA TOUPEIRA

O sapo em outro tempo tinha rabo, e a toupeira tinha olhos. Depois fizeram uma troca entre si; a toupeira ficou cega mas em paga com cauda, e o sapo desrabado ficou com uns olhos lindos.

(*Chaves*. — Ap. Leite de Vasconcellos.)

210. A PROVA DOS LOBOS

Uma vez uns lobos tinham enterrado um carneiro para o comerem em certo dia; mas um d'elles foi ás escondidas e comeu-o sosinho; os outros, quando viram que o carneiro tinha desapparecido, disseram que haviam de saltar todos por cima de um carro com estadulhos, que o criminoso ficaria espetado nos estadulhos. Saltaram, e o criminoso ficou effectivamente espetado nos páos.

(*Mondim da Beira*.. — Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 187.)

211. O GORAZ

O goraz tem duas malhas, uma de cada lado da cabeça; é o signal dos dedos de S. Pedro quando um dia que andava pescando apanhou este peixe.

(Pedroso, *Varia*, n.º 446. — Leite de Vasconcellos, *Trad.*, 188.)

212. O GRITO DO CÃO

Abel tinha um cão que estimava muito; quando Caim matou Abel, o cão foi pelo mundo fóra a dizer:

— Caim, Caim!

D'aqui o grito do cão, quando lhe batem.

(*Mafra*. — L. V., ib., 197.)

---

213. AS ORELHAS DO BURRO

Quando Deus criou os animaes, deu o nome a todos; d'ahi a dias veiu verificar se elles se lembravam ainda dos seus nomes. Todos se lembravam, menos o burro; Deus então puchou-lhe muito as orelhas e disse-lhe:

— Burro, burro! sempre hasde ser burro!

(Mafra.)

214. A CREAÇÃO DA MULHER

Quando Deus quiz formar Eva, tirou uma costella de Adão, mas veiu um cão (var. *raposa*, *gato*, etc.) e levou a costella. Deus correu atraz d'elle, e agarrando-lhe pela cauda fez d'ella a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva
De uma costella de Adão,
Como de um rabo de cão.

(Ap. Leite e Vasconcellos, *Vanguarda*, n.º 39.)

215. A OBRA DE S. PEDRO

Andava uma mulher a bulhar com o Diabo. Deus mandou S. Pedro apartal-os. O santo foi, cortou a cabeça a ambos, e voltou. O Senhor perguntou:

— Oh Pedro, tu que fizeste?

— Não se queriam accommodar, e eu peguei e cortei-lhes as cabeças.

— Eu não te mandei fazer isso. Torna lá.

Sam Pedro foi, mas ao collocar as cabeças nos troncos, enganou-se e collocou na mulher a cabeça do Diabo, e n'este a da mulher.

(Ibidem.)

Notas

215. **A obra de Sam Pedro**. — Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. I, p. 325, explica o sentido mythico das lendas da troca de cabeças.

216. O CANTO DO GALLO

Quando os Apostolos estavam á meza, affirmaram elles que Christo não era Deus; e Christo respondeu:

— Que tanto era Deus como o gallo fallar.

Foi então que o gallo disse: *Coroado!*

E ainda hoje é a sua linguagem.

(*Penafiel.*)

Notas

216 a 227. — Na Italia e Hespanha são frequentes estas lendas, ultimo vestigio da elaboração dos Evangelhos populares a que a Egreja chama apocryphos. Pittré colligiu-as sob o titulo de *Cyclo legendario evangelico*. Na Andaluzia este genero de contos tem um nome popular; chama-se-lhes *Susedios* e *Suseíos*, considerando-os não como contos mas *Succedidos* (acontecidos). Rodriguez Marin colligiu *Cinco contezuelos populares andaluzes*, em que Sam Pedro é o heroe, uma especie de Sancho.

217. LENDA DA CODORNIZ

Quando a Virgem ia de Belem para Nazareth a codorniz levantou o vôo e fez bulha; a Senhora amaldiçoou-a para que não podesse pousar em arvore nenhuma.

(*Cabo Verde.*)

---

218. OUTRA

Indo Nossa Senhora a fugir para o Egypto com o seu filho, a codorniz levando o vôo dianteiro gritava: *Cá vae!* A Senhora vendo que ella a denunciava, condemnou-a a andar rasteira, sem erguer vôo nem sorrir para o sol.

(*Açores.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

219. LENDA DA ARVELINHA

Quando ia de fugida para o Egypto a Virgem com o Menino, a arvelinha ia atraz apagando as pégadas com o rabinho. Então Nossa Senhora abençoou-a, dando-lhe o poder de matar o milhafre mettendo-se debaixo das azas.

(*Açores.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

220. O BALIDO DA OVELHA

Quando a Virgem ia para o Egypto, andava a ovelha no monte a berrar: *Belem! Belem!* A Virgem não queria que ella berrasse para se não saber que ella ia ali, e a ovelha continuava sempre a dizer aquillo. A Virgem Maria amaldiçoou então a ovelha, ficando esta sempre condemnada a berrar.

(*Famalicão.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

221. NOSSA SENHORA E A SOLHA

Estando Nossa Senhora á beira do rio, viu uma solha e perguntou-lhe:

— Oh solha! a maré enche ou vasa?

A solha pôz a bocca á banda, e repetiu com escarneo:

— Oh solha, a maré enche ou vasa?

Nossa Senhora disse:

— Assim fiques sempre com a bocca á banda.

(*Foz e Porto*. — Ap. *Positivismo*, t. IV, p. 225.)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

221. — Vem como superstição, sob o n.º 603, colligida por Consiglieri Pedroso.

222. A ROMARIA DA ABBADIA

Deus mandou a Senhora para o deserto, e ella não queria ir. Deus disse-lhe então:

— Vae, Maria. Todas as romarias hãode renovar e acabar, e a tua hade ficar.

(*Famalicão.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

223. LENDA DAS GIESTAS

(Do 1.º de Maio)

Quando Christo veiu ao mundo, foi procurado pelos Judeus para o matarem, e como estes o vissem entrar para uma casa, collocaram-lhe á porta um ramo de giesta, afim de no dia seguinte o prenderem. N'esse dia, porém , todas as casas da povoação appareceram marcadas e os judeus não puderam dar com elle.

(*Vanguarda*, n.º 20.)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

224. LENDA DO MANTO DE NOSSA SENHORA

Estava Nossa Senhora em sua casa, quando lhe vieram dizer:

— Vinde vêr o vosso amado Filho, que vem pela rua da Amargura com a cruz ás costas.

Nossa Senhora arranjou-se á pressa e disse para Santa Izabel:

— Prima, dá-me d'ali d'aquella arca o meu manto.

Santa Izabel foi e perguntou:

— Qual quereis, o manto roxo ou o manto encarnado?

Responde-lhe a Senhora:

— Oh bebada! Eu estou cá agora para mantos encarnados!

(*Porto.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

225. LENDA DOS TREMOÇOS

A Virgem passava por um campo de tremoços. Como elles rugiram, e a Virgem não queria que elles fizessem barulho, disse-lhes:

— Amaldiçoados sejaes vós! Quem vos comer nunca se satisfará.

(*Famalicão*. — *Vanguarda*, n.º 50.)

Notas

225. — O mesmo sob n.º 605, ampliando a lenda com as seguintes: «Os pinhões tambem foram amaldiçoados por denunciarem a passagem da Senhora com barulho. Os fetos egualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima). Sob o n.º 614 traz a lenda da origem do Gato — nascido da baba do leão.

Vid. também a *Nota às lendas 216 a 227*.

226. LENDA DE NOSSA SENHORA

A Virgem passava por um campo de trigo e perguntou aos lavradores:

— Que semeaes?

— Semeamos pedras.

— Pedras vos nasçam. D'aqui a trez dias vinde quebrar os penedos.

E continuou a andar. Logo ao outro dia o campo appareceu coberto de penedos.

Chegou a outro campo, onde andava outra sementeira.

Perguntou:

— Que semeaes?

— Trigo.

— Trígo vos naça. D'aqui a tres dias vinde segal-o.

D'ali a tres dias vieram os Judeus e perguntaram aos lavradores:

— Vistes aqui passar uma mulher com um menino, a cavallo n'uma jumentinha?

— Vimos. Andavamos nós a semear este trigo.

— Ah! isso então já foi ha muito. Podemos ir embora.

Assim escapou a Virgem.

(*Id. ibid.*)

Notas

Vid. a *Nota às lendas 216 a 227*.

227. A SUBMERSÃO DAS CIDADES

Na ilha de S. Miguel existe uma lagôa das Sete Cidades. A tradição da submersão de cidades em lagos é frequente na peninsula hispanica, explicando-se pela seguinte fórma:

Nossa Senhora foi á Cidade de Valverde vestida de pobre pedir esmola; como a trataram com crueza, Valverde afundou-se na lagôa do Carregal.

(*Galliza.*)

Notas

232. — Esta lenda repete-se na Galliza, substituindo á Virgem Sam Thiago, e localisa-se em outras lagoas, como a de Doniños e Riega; o historiador Morguia considera esta crença da submersão de Valverde como a tradição inconsciente e remota passagem das cidades lacustres para as aldeias territoriaes. A lenda da condemnação é commum a outras cidades de origem lacustre, como a Ars affundada no lago de Paradru. Diz o Dr. Anselmo de Andrade, de quem tomamos estes factos: «Na tradição portugueza encontra-se tambem mencionado este genero de peccado e de expiação. Uma cidade transmontana, que negou a hospitalidade a um santo, teria soffrido o castigo de ser sepultada nas aguas exactamente como as impias cidades hespanholas.» *Sciencia pre-historica* (As Habitações lacustres, p. 17, nota).

228. A LENDA DOS FERREIROS

Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica.

Dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as forjas cada um em seu monte, mas possuindo ambos um só martello, d'elle se serviam alternadamente. Os montes, na sua parte superior distam uns dois kilometros um do outro; e quando o Mello, assim se chamava um dos ferreiros, precisava do martello, chegava á porta da forja e gritava para o Jurumello, assim se chamava o outro, para lh'o atirar. Os dois ferreiros eram gigantes; uma vez zangou-se o Jurumello com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que desencavando-se este no ár, foi cair o ferro na encosta do monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo, que era de madeira de zambuja, foi espetar-se na terra, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome á povoação do Zambujal, a quatro kilometros dos referidos montes.

(Ap. *Positivismo*, t. II, p. 452. Porto, 1880.)

Variante:

Havia um ferreiro no monte de Arcella e outro no de Guisande (Minho), mas tinham entre si apenas um malho com que trabalhavam. Quando um descansava atirava o malho ao outro, de monte a monte.

(*Cercanias de Vermoim*. — Ap. *Epopêas Mosarabes*, p. 102. Porto, 1871.)

229. LENDA DA PONTE DE DOMINGOS TERNE

A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma legoa para o norte da Senhora do Porto de Ave, foi segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso:

O Diabo queria ajuntar dois namorados, cada um dos quaes morava em logares differentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada). Soube-se d'isto, e n'uma noite um padre pôz-se á espreita, e depois que o rapaz passou, exorcismou de repente a ponte, que o diabo nunca mais pôde retirar.

(Ap. Consiglieri Pedroso, *Positivismo*, t. IV, p. 116. Lendas analogas se contam das pontes de *Val-Telhas*, *Misarella* e outras.)

---

230. LENDA DA AMENDOEIRA

A amendoeira é a arvore que enganou o diabo. O diabo como a viu florecer em janeiro, sentou-se debaixo d'ella, á espera que lhe amadurecessem os fructos, para depois ir guardar as outras arvores. Esteve até setembro á espera do fructo, pois é n'este mez que a amendoeira o dá. Como n'esse mez não estivessem maduras ainda as amendoas, cansado já de esperar foi espreitar as outras arvores. Estas porém já estavam apanhadas e o diabo todo desapontado voltou para debaixo da amendoeira, mas n'este meio tempo tinham-lhe apanhado as amendoas e o diabo ficou logrado.

(Idem, *ibid.*, *Lisboa.)*

231. A PONTE DA ALLIVIADA

Quando o diabo fez a ponte da Alliviada chamou S. Gonçalo, que andava a fazer a de Amarante, e disse-lhe que a não benzesse; o Santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o Diabo então fugiu para cima de um monte d'onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava.

(Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 312.)

---

232. A PONTE DA MISARELLA

Um salteador das terras d'além Douro perseguido pela justiça embrenhou-se pelas serras de Traz-os-Montes, mas chegou á beira de uma torrente caudal e não pode passar. Para fugir offereceu a alma ao Diabo, e logo ali appareceu uma ponte, que se desfez logo que elle passou. Na hora da morte o salteador confessou-se, e o padre disfarçando-se em salteador chamou o Diabo, fez-lhe a mesma proposta, a ponte appareceu, e metteu-se por ella. Quando já estava no meio da ponte faz o signal da cruz, bota-lhe agua benta, e a ponte ficou firme até hoje. É de um só arco.

(Ap. J. A. d'Almeida, *Dicc. Chorographico*.)

233. LENDA DE SIMANCAS

A villa de *Simancas*, chamada de antes Gureba, cobrou este nome, porque sete donzellas que d'aqui haviam de ser levadas, se cortaram as mãos para d'este modo escaparem; e como as amostrassem aos mouros que vinham arrecadar o tributo, dizendo: — Que não podiam ir por estarem mancas, — elles responderam, que:

— Assi *mancas* as queriam.

Mas o povo compadecido de tanta virtude, arremetteu tumultuariamente contra os Mouros e mortos de mão commum, foram as donzellas póstas em liberdade, deixando por nome á villa a resposta que deram aos barbaros: *Si mancas* as queremos, e por armas as mãos cortadas das donzellas.

(Fr. Bernardo de Brito, *Monarch. Lusit.*, P. II, liv. 7, cap. 9.)

Notas

239. — Sobre a lenda do *Tributo das Donzellas* elaboraram-se muitas outras tradições de etymologia popular, taes como

a de *Peitobordelo*, *Figueiredo das Donas*, etc.

234. LENDA DE CHACIM E DO MOSTEIRO DE BALSEMÃO

Um habitante da Alfandega da Fé recusou-se a ceder sua noiva para a prelibação, d'onde resultou uma renhida peleja entre christãos e mouros. Como os christãos eram poucos, Nossa Senhora veiu soccorrel-os, trazendo uma ambula de *balsamo na mão*, com que ia dando vida aos mortos e sarando os vivos. Em reconhecimento da victoria alcançada por este modo o povo fez uma ermida a Nossa Senhora do *Balsamo na mão*, e ainda hoje se celebra ali a festa do *Cara-Mouro*, resultando para a aldeia o nome de *Chacim* da *chacina*, que ali se fez nos infieis, e para a povoação de Alfandega o titulo da *Fé*.

(Vid. J. A. de Almeida, *Diccionario abreviado de Chorographia*, t. I, p. 37.)

235. ORIGEM DO NOME DE VIZEU

Quasi pegado a esta cidade para o lado do nascente, está o Alto do Viso, onde se dividem as aguas para os rios Paiva e Dão: d'este alto os guerreiros christãos avistaram uma povoação, e disse um d'elles:

— Que *Viso eu?*

D'aqui ficou o nome á terra.

236. ORIGEM DO NOME DE BRAGANÇA

Bem querença, era este o nome que primeiro se deu á villa de Bragança, por ser o mesmo que antes tinha o terreno, quinta ou logar em que elrei Dom Sancho I a fez de novo construir.

(Viterbo, *Elucidario*.)

Notas

240. — Viterbo extracta um codicilo de 1183 onde vem *Benequerencia*, como alatinisação do nome local, e que explica a lenda.

237. LENDA DE BRITEANDE

Era uma vez um rei que passou por aquelle sitio (de Briteande) na occasião em que um lavrador andava a varejar uma nogueira. O pobre homem offereceu nozes a um dos da comitiva real, e como este acceitasse, o rei disse-lhe:

— Conde, *Brite e ande*.

D'aqui o nome da povoação.

(Ap. Leite de Vasconcellos, *Encycloped. republicana*, p. 195.)

---

238. LENDA DE CRESCIDO

(A CASTRO DAIRE)

Um rei, visitando um certo fidalgo, exclamou ao reparar no desenvolvimento physico de um filho do fidalgo:

— Ah! está *crescido*.

(Id., *ibid*.)

239. LENDA DE LAMEGO

Vem de geito esta conhecida phrase *Noites de Lamego*, que se interpreta assim: Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armario com queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armario era uma janella, abriu-o e como não visse luz e elle lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse:

— É muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.

E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por *as noites de Lamego serem tão compridas*.

(Id., *ibid*.)

240. ORIGEM DO NOME DE LISBOA

A tradição affirma que Ulysses, depois de destruida Troya, viera a estes districtos, e que lançára os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando *Ulyssiopone*, ou *Ulyssipo*, ou mesmo *Olyssipo*; mas póde ser que a parecença dos nomes occasionasse esta opinião.

(La Martiniere, *Dicc. Geogr.*)

241. OUTRA

Um padre hespanhol querendo refutar o *Teatro critico* de Feijó, diz que o nome de Lisboa vem do grego *olis*, e *hippon*, tirado do que refere Plinio ácerca das ligeiras eguas que concebiam do vento.

(*Panorama*, t. IV, p. 18.)

242. A SEPULTURA DOS DOIS IRMÃOS EM CINTRA

Dois irmãos traziam amores com uma donzella que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objecto que tão enfeitiçados os trazia, um d'elles persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre elle e o estende morto a seus pés, victima de um frenetico ciume. Porém qual a sua desesperação quando pela voz moribunda d'aquelle que julgava seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão, que muito amava e que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fratricida, e cae morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte prompta a uma vida inconsolavel cheia de remorsos.

(*Cintra Pittoresca*, p. 114.)

Notas

245. — Esta lenda tambem existe em Verona, contando-se a situação como passada entre Bartolomeo Scaligero e seu irmão, que se assassinaram em uma entrevista amorosa. (Philaréte Chasles, *Etudes sur Shakespeare*, p. 159.) Diz o Abbade Castro: «Muitas tradições vogam ácerca d'esta campa, que nós temos por falsas ou viciadas… referindo uns que é a sepultura dos dois irmãos, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas ou de velhas com que embalam as crianças, do que realidades, que tenham por base algum solido fundamento.» (*Panorama*, t. I, da 2.ª serie, p. 359.)

243. FABULA DA RAPOSA E DO MOCHO

Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um mocho; disse ella para si:

— Ceia já eu tenho.

E foi muito sorrateira trepando pelo castanheiro em que estava piando o mocho, e filou-o.

O mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ella:

— Oh raposa, não me comas assim como qualquer frango d'esses que furtas pelos gallinheiros; tu tambem sabes andar á caça de altanaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vás comer grita bem alto: «Mocho comi!»

A raposa levada por aquella vaidade, gritou:

— Mocho comi!

— A outro sim, que nenja a mi! replicou-lhe o mocho caindo-lhe d'entre os dentes e voando pelo ár fóra livre de perigo.

(Airão.)

---

244. A AGUIA E A CORUJA

A coruja encontrou a aguia, e disse-lhe:

Oh aguia, se vires uns passarinhos muito lindos em um ninho, com uns biquinhos muito bem feitos, olha lá não m'os comas, que são os meus filhos.

A aguia prometteu que os não comia; foi voando e encontrou n'uma arvore um ninho de coruja, e comeu as corujinhas. Quando a coruja chegou e viu que lhe tinham comido os filhos, foi ter com a aguia, muito afflicta:

— Oh aguia, tu foste-me falsa, porque prometteste que não me comias os meus filhinhos, e mataste-m'os todos!

Diz a aguia:

— Eu encontrei umas corujas pequenas n'um ninho, todas depennadas, sem bico, e com os olhos tapados, e comi-as; e como tu me disseste que os teus filhos eram muito lindos e tinham os biquinhos bem feitos entendi que não eram esses.

— Pois eram esses mesmos, disse a coruja.

— Pois então queixa-te de ti, que é que me enganaste com a tua cegueira.

(Porto.)

---

245. A BARATA E OS FILHOS

A barata sahiu de baixo de umas pedras com os filhos e disse-lhes em quanto elles ainda pequenos estavam ao sol:

— Passeae, flores! passeae, flores!

D’aqui vem ditado: «Quem o feio ama, bonito lhe parece.»

(Ilha de S. Miguel.)

246. A RAPOSA E O LOBO

A raposa e o lobo mataram dois carneiros e fugiram. Depois que se acharam seguros, deitaram-se a comer, mas só poderam comer um, e o outro ficou inteiro. Diz a raposa:

— Compadre, é melhor enterrarmos este carneiro, e vimos cá amanhã comel-o juntos.

Vae o lobo e diz-lhe:

— Mas nem eu nem tu temos faro, como é que o havemos tornar a achar?

— Deixa-se-lhe o rabo de fóra.

Assim se fez. No dia seguinte apresenta-se o lobo e diz:

— Comadre, vamos comer o carneiro?

— Hoje não posso, tenho de ir ser madrinha de um cachorrinho.

O lobo fiou-se, mas a raposa foi ao lugar onde estava enterrado o carneiro e comeu um grande pedaço. No outro dia torna o lobo a perguntar-lhe:

— Que nome puzeste ao teu afilhado?

— Comecei-te.

Responde o lobo:

— Que nome! vamos comer ambos o carneiro?

— Ai compadre (diz-lhe a raposa), hoje tambem não pode ser; estou convidada para ir ser madrinha.

O lobo fiou-se; a raposa tornou a ir comer sósinha. Ao outro dia vem o lobo:

— Que nome déste ao teu afilhado?

— Meêi-te.

— Que nome! (replica o lobo) Vamos comer o carneiro?

A raposa tornou a escusar-se com outro baptisado, e foi acabar de comer o carneiro. O lobo vem:

— Como se chama o teu afilhado?

— Acabei-te.

— Vamos comer o carneiro?

Foram e chegaram ao sitio; assim que viram o rabo, disse a raposa:

— Pucha, com força, compadre.

O lobo puchou, e caiu de pernas para o ár; a raposa safou-se.

(Airão.)

Notas

246. **A raposa e o lobo**. — Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, p. 362 (vid. nota 1, p. 364 e 365). A fabula dos Highlanders versa sobre uma panella de manteiga; é popular na Noruega, como se vê pela collecção de Absjörnsen, *A Raposa e o Urso*.

247. A RAPOSA NO GALLINHEIRO

De uma vez uma raposa apanhou um buraquinho n'um gallinheiro, entrou para dentro fazendo-se muito esguia, e depois que se viu lá, comeu gallinhas á farta.

Quando foi para sahir estava com a barriga muito cheia, e por mais que fez não pôde passar pelo buraco. Viu-se perdida, porque já vinha amanhecendo. Por fim teve uma lembrança. Fingiu-se morta.

De manhã veiu o lavrador e viu-a:

— Cá está ella. E que estrago que ella me fez!

Vae para lhe dar pancadas e matal-a, mas vê-a hirta, com a lingua atravessada nos dentes e os olhos envidraçados:

— Poupaste-me o trabalho; morreste arrebentada. Foi bôo.

E pega-lhe pelas pernas e atira-a para o meio da horta para a enterrar. A raposa assim que se viu fóra do gallinheiro, pernas para que te quero! botou a fugir pelos campos fóra e fez do rabo bandeira. O lavrador deu a cardada ao dianho, e jurou que nunca mais se fiaria em raposas.

(Airão.)

248. A RAPOSA E O GALLO

Uma raposa viu um gallo pousado em cima de um palheiro, e não podendo agarral-o começou-lhe a fallar cá de baixo:

— Oh gallo, não sabes? Veiu agora uma ordem para todos os bichos serem amigos uns dos outros. Nós cá as raposas já não temos guerra com os cães, estamos amigos; e tu podes-te descer cá para baixo, que eu já te não faço mal.

Estava n'isto quando vem uma matilha de cães, e farejando-lhe a raposa, botam-se atraz d'ella. A raposa ia sendo agarrada, mas fugia o mais que podia. O gallo de cima do palheiro gritava-lhe:

— Mostra-lhe a ordem! Mostra-lhe a ordem!

A raposa, ainda de longe lhe respondia:

— Não tenho vagar! Não tenho vagar.

E fugia por entre uns tremoçaes, que já estavam seccos, e faziam uma grande bulha, e ella dizia:

— Ai que rica festa, e logo hoje que vou com tanta pressa.

(Airão.)

Notas

248. **A raposa e o gallo**. — Nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 369, vem tambem esta fabula. Acha-se em Lafontaine, *Le Coq et le Renard*.

FIM DAS NOTAS.

249. O LOBO E A OVELHA

Uma vez um lobo encontrou uma ovelha, que andava a pascer, e disse-lhe:

— Oh ovelha! eu como-te.

Respondeu a ovelha:

— Pois sobe alli para cima, que eu entretanto vou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela bocca dentro.

O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha assim que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atraz d'ella, e como a não pudesse agarrar, disse:

Eu, que sou lobinho-cão,

Nunca corri tanto em vão.

Respondeu a ovelha:

Eu, que sou ovelhinha ruça

Nunca corri tanto de escaramuça.

(Villa Cova, Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 183.

FIM

NOTAS

---

1. **A cara de boi**. — A donzella é evidentemente o mytho da Aurora, como se comprova pelo estribilho *Arcello, Arcello*, em um romance popular do Algarve, intitulado *D. Carlos de Montalvor*, colligido pelo nosso amigo Reis Damaso, lê-se o verso: «Não permitta Deus *d'Arcello*» por Deus del celo. *(Encyclopedia republicana*, p. 204, Lisboa, 1882.) A velha, que torna feia a menina é a Noite, e o joven amante que a arrebata é o Sol. Consiglieri Pedroso diz-nos que tambem encontrou uma versão d'este conto. No Catalogo de Barrera y Leyrado, cita-se um Auto perdido de Gil Vicente, intitulado *A Donzella da Torre*, por ventura baseado sobre este thema mythico commum aos outros povos romanicos. Nos *XII Conti pamiglianesi*, illustrati da Vittorio Imbrianni, Napoli, 1877, acha-se este conto desenvolvido sob o titulo de *Persilette*, no qual a donzella fechada na torre, a madeixa que serve de escada e a fuga com o namorado são simples episodios. A tradição portugueza está mais pura na sua simplicidade, em quanto que o conto de Pomigliano é formado pela confusão de difierentes contos, como o da *Filha do rei Mouro* (n.º 6). O thema do filho de um rei que vae procurar uma mulher formosa, condição essencial para succeder no reino do pae,

acha-se na novella monferrina *La bella d'l'isoule Fourtiunà*, publicada por Stanislao Prato (Como, 1882) com notas de abundantissimos paradigmas. Nas *Quattro novelline populari Livornese*, do mesmo escriptor, a terceira *Il ré é sú tre figlioli*, ha tambem este mesmo thema, em que a encantada é uma rã que depois apparece n'uma mulher bonita. Pertence a um vastissimo cyclo novellesco commum a toda a Europa, o que coincide com o seu evidente sentido mythico. Da importante nota de Stanisláo Prato a este conto (p. 136 a 144), transcreveremos a indicação das principaes collecções em que ella se encontra: Imbriani, *La Novellaja fiorentina*, n.º 20, *I tre fratelli*; Pitré, *Fiabe e Novelle popolare siciliane*, n.º 46, *La limuruta*: Corazzini, *Componimenti*, n.º 18: *A ranaottola*; Comparetti, *Novelline popolare*, n.º 4 e 48, *La moglie trovata colla frombola*, e *Le scimmie*; Visentini, *Fiabe montovane*, n.º 48, *La rana*; Gianandrea, *Novelline e fiabe popolari Marchigiani*, n.º 4, *El fijo del re, che sposa 'na ranocchia*. Em Hespanha, no *Rondallayre ou quentos populars catalans* de Mapons y Labros: *La princesa encantada*. Em França, nos *Contes de Fées*, de M.me d'Aulnoy, *La chatte blanche*; e na revista *Melusina*, t. I, p. 64, *Les trois fils du roi, ou le bossu et ses deux frères*. Nos povos germanicos, slavos e scandinavos, este cyclo novellesco é extensissimo, como se infere dos estudos comparativos do Dr. Reinhold Köhler, o que mais profundamente tem investigado estes assumptos; elle encontrou paradigmas fundamentaes nas collecções de contos de Busching, Hylten-Cavallius, Grimm, Beauvois, Jonson, Kattan, Asbjörnsen, Töppen, Schwartz, Ey,

Stephanovic, Radloff, Colshorn, Hahn, Zingerle, Benfey, Chavannes, Affanasieff, Böhmer, Peter e outros.

Nos *Portuguese folk-Tales*, collecção, de Consiglieri Pedroso, e traducção de Ralston, vem com o titulo *A filha da Feiticeira*, n.º IV, muito desenvolvido, e contendo no seu syncretismo, os n.ºs 1, 6, 17 e 32, que colligimos separadamente e em differentes logares. Ralston compara esta versão com o conto *The story of Sringabhuja and the Daughter of the Rákshasa*, que vem no VII livro do *Kathá Sarit Ságara* (vol. I, p. 355-367), traducção de Tawney. Na versão do Algarve cita-se uma noz dentro da qual cabe o lenço bordado para a rainha; Gubernatis, diz: «A noz que esconde a fazenda de que se faz o vestido do noivado para a esposa do principe solar, a Aurora, parece ser propriamente a lua. Por influencia d'ella a donzella perseguida escapa ao poder magico da mãe-bruxa e apresenta-se vestida com vestes esplendidas na festa do principe. O vestido luminoso, imagem do céo, é tão tenue, tão subtil, que pode desdobrar-se sem fim.» *(Myth. des Plantes*, t. I, p. 145.)

2. **O velho Querecas**. — Áparte os episodios communs a muitos contos, é este uma das fórmas do mytho de Psyche. Gubernatis, na *Mythologie zoologique* (t. I, p. 437), traz uma variante d'este conto colligida em Fucecchio, na Toscana, em que o desencantamento do principe é devido á coragem da donzella. As circumstancias episodicas divergem e pertencem a outro cyclo novellesco. Um conto

colligido em Cosenza, na Calabria, por Greco, traz o episodio do ruido nocturno, do pingo de cêra que acorda o mancebo, e do novello que deve guiar a menina á busca do amante. (Gubernatis, *op. cit.*, t. II, p. 301, nota 2.) Estas uniões mysteriosas acham-se ainda com caracter mythico, no *Harivansa*, entre Urvasi e Pururavas, e no *Mahâbahratta*, entre Çantana e a nympha das aguas; na lenda grega de Psyche, Eros desapparece, quando acorda por causa do pingo de azeite que cahiu da lampada a cuja luz foi visto. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 183, cita contos pertencentes a este cyclo na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *Svenska Folk-Sagor och Afventyr*, traduzida por Thorpe, e na collecção norueguezа de Asbjörnsen e Moe, traduzida por George Webbe Dasent, apparece o episodio do pingo de cêra.

Sobre o evidente caracter mythico d'estas tradições, accrescenta Brueyre: «Em todas estas narrativas a felicidade dos amantes não é de longa duração, porque, apesar da fé jurada, a promessa é sempre violada, e aquelle dos amantes a quem o outro faltou á palavra, é forçado a desapparecer, apesar do ardente amor que o consomme. M. Cox demonstra que as lendas d'esta natureza são a *representação do mytho celeste do Sol seguindo a Aurora, ou reciprocamente*. Muitas vezes depois da violação da promessa e da separação dos amantes o mytho continúa.» (Op. cit., p. 184.) Em um artigo sobre a Historia do Japão, cita-se tambem a lenda analoga á de Psyche: «Uma parenta do imperador era a esposa do Deus Omonomichi. Elle

jámais apparecia aos olhos da princeza, pois não se encontrava com ella senão nas trevas. Uma noite ella lhe disse: — Ainda me não foi dado olhar para a tua face; rogo-te que fiques commigo até pela manhã, para eu ter a felicidade de te contemplar.

«Tanto lhe rogou, com tal ternura e taes carinhos, que o esposo cedeu e prometeu-lhe que ficava. Por fim, as primeiras claridades da Aurora entraram no aposento da impaciente princeza, mas qual foi o seu espanto quando ella descobriu, no leito, uma serpente enroscada! Soltou um grito de pavor, e a serpente transformou-se logo n'um joven formosissimo , que lhe disse com expressão de dolorosa melancholia: — Nunca mais, agora, hei-de poder estar comtigo. E desappareceu. Abatida por tristeza incuravel a esposa solitaria a foi pouco a pouco decahindo até fallecer de paixão.» (Do viajante portuguez Mesnier, *Actualidade*, n.º 241, do IX anno.) O despertar por meio de um raio de luz é frequente, como na *Bella Aurora* (Spoleto) e *La Bella Rosalinda dai capelli d'ori*, e na novella dinamarqueza de Grandtovig. (Stanisláo Prato. *Quattro novelline*, p. 156 e 157.) Sobre as origens mythicas indo-europeias d'este Conto, vide Gubernatis, *Piccola Enciclopedia indiana*, p. 175, em que discute a simultaneidade da representação da *Aurora e da Nuvem* que desapparecem quando o Sol se mostra. Este cyclo do *Amor e Psyche* foi estudado por F. Liebrecht, *Zur Volkskunde* (Amor und Psyche). Na versão do Algarve ha o episodio do corpo que cae aos pedaços, para experimentar a coragem da menina; é commum a

varios contos, e acha-se na lenda de Athenedoro (ap. Alexander ab Alexandro, lib. III, cap. 12), que o padre Manuel Consciencia traduziu na sua *Academia Universal de Erudição*, p. 545.

3. **O surrão**. — A lenda christã de S.ta Margarida, engulida por um Dragão, representa a luz solar escondida pela noite. Pertence a este cyclo, como observa Tylor, a historia do *Petit Chaperon rouge*, em França e Inglaterra: «Na Allemanha as velhas conservam-no com toda a sua pureza. Segundo a sua narrativa, o lobo engole a encantadora criança, vestida com o seu brilhante manto de setim vermelho, e a sua avó; mas ellas sabem incolumes da barriga do animal que um caçador abriu emquanto elle dormia. Acha-se um conto parecido na collecção de Grimm, em que se pode egualmente reconhecer o mytho do sol. Como no *Petit chaperon rouge*, abre-se a barriga do lobo e enche-se-lhe de pedras.» Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 390. Apparece em francez nos *Contes populaires lorrains* de Emm. Cosquin, *L'homme au pois*; e em Fernan Caballero, *El zurron que cantaba*. Sobre o caracter mythico d'este conto, applicamos o dito de Gubernatis:

«O sacco representa um importante papel na tradição do heroe escondido ou perseguido; este sacco é a Noite, ou a nuvem (o inverno), etc.» *Mythologie Zoologique*, t. I, p. 255 e seg. E em outra passagem, acrescenta : «Achamos aqui não somente a heroina que foge, mas a heroina que viaja;

esta heroina é a Aurora…» (p. 259.) Nos romances populares portuguezes ha donzellas mettidas em esquifes de vidro ou deitadas ao mar em cofres. Nos costumes domesticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva em um sacco. O surrão é o sacco de couro das tradições indo-europêas e dos costumes juridicos da penalidade symbolica medieval.

4. **A saia de esquilhas**. — O vestido com escamas de ouro com que a menina escapa á ferocidade da sogra é a Aurora depois que brilha vencendo a escuridade maligna ela Noite. É um typo geral d'este cyclo novellesco. No conto hindu intitulado *Sourya-Bai*, da collecção *Old Decan Days*, de M. Frere, a menina fica com um somno lethargico por causa de um espinho, e é lançada n'um poço por outra mulher que a vê amada por um principe. Sobre o caracter mythico d'este conto pode applicar-se a consideração de Husson sobre o citado conto hindu: «Temos n'esta narrativa o novo exemplo do mytho da mulher picada por um espinho ou por uma ponta aguda, e caindo em um somno lethargico de que é tirada por um principe amoroso. Um outro mytho se lhe sobrepõe, o de uma rival ou irmã ciosa, que personifica a hostilidade da escuridão contra a luz da primavera contra o inverno; e n'esta phase de desenvolvimento novas peripecias se manifestam entre uma morte apparente e um regresso persistente á vida.» (*La chaine traditionelle*, p. 109.) Nos *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, o conto XXXV, *Os Sapatinhos encantados* versa sobre um

somno lethargico com algumas relações no fim com o nosso.

5. **As tres fadas.** — No conto hindu de *Sonrya-Bai*, a menina tambem nasce de um fructo de manga, e tendo anteriormente sido roubada, depois que volta á sua casa desposa um principe. Sobre o rapto por uma aguia, diz Husson: «Os contos populares gregos mais ou menos conservados pelos poetas ou reproduzidos nos vasos pintados, fazem-nos conhecer muitas nymphas encantadoras, Thalia, Egina, Ganymeda, Asteria, egualmente arrebatadas por uma aguia divina.» Em uma versão popular de Abrantes, ha o estribilho:

> Tesourinha, tesoureta,
> Corta aquella lingueta.

6. **A filha do rei mouro**. — Ha uma outra versão intitulada *Grisme e Guiomar*, nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º XV. Porto, 1883. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. V, vem esta situação sem o maravilhoso da fuga dos dois amantes. No *Pentamerone*, de Basile, é Petusinella, que foge lançando successivamente tres nozes, que recebem varias transformações. Nos *Contos zulus*, de H. Callaway, ha o de uma rapariga perseguida pelos canibaes, que vae deixando cair atraz de si grãos de sésamo. O mesmo em um conto russo em que a Boba-Yaga

corre atraz de uma rapariga. O mesmo episodio apparece no *Aprendiz do Mago*, n.º 11. O conto n.º 17, o *Cavallinho das sete côres*, é uma variante notavel, pelo episodio do esquecimento produzido pelo abraço em uma pessoa de casa. As transformações dos amantes que fogem, acham-se nos contos esthonianos, citados por Gubernatis, de Kreuzenwal. (*Myth. zoologique*, t. I, p. 180.) Vide nota 1, in fine, acerca do syncretismo do conto da *Filha da Feiticeira*.

7. **As fiandeiras.** — Nas *Fire Side Stories of Ireland*, de P. Kennedy, acha-se este conto, e traduzido por Brueyre com o titulo *A priguiçosa e suas tias*. (*Contes populaires de la Grande Bretagne*, n.º XXII, p. 159.) Entre as differentes fontes, cita a versão escosseza da collecção de Chambers, *Whooppity Storie* (*op. cit.*, p. 245, de Brueyre); ha uma lição franceza *Histoire du Ric Din-Don* de M.lle Lhéritier; ao *Pentamerone* de Basile, o conto italiano, e na *Novelline di Santo Stephano*, de Gubernatis, *La Comprata*. No *Norske Folke eventyr*, de Asbjörnen e Moe, *As tres Tias*; e na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *A Rapariga que não podia fiar ouro com lama e palha*, e *As tres corvinhas*. Jacob Grimm, nos seus *Kinder und Hause märchen*, n.º 14, traz As tres fiandeiras, traduzido nos *Contes choisies*, de Fred. Baudry, p. 128. Ha alguns vestigios em *Rumpelstilzchen*; na collecção de Bürching, *Volksagen, Märchen, und Legenden*, é o das *Tres Fiandeirinhas*. Ha uma outra versão portugueza traduzida por G. Ralston nos *Portuguese folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XIX, com

o titulo *As Tias*. Na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 212, Gubernatis traz um conto popular da Calabria, cujo maravilhoso versa sobre o poder de fiar concedido pelas fadas a uma mulher.

8. **Cravo, Rosa e Jasmim.** — Apparecem outras versões d'este conto, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XVI; e nos Contos populares do Brazil, colligidos pelo Dr. Sylvio Romero, com o titulo *O Bicho Manjaléo*. (*Rev. Brazileira*, tomo VI, p. 120.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 81 e 119. Nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, o conto do *Punchkin* versa sobre este mesmo assumpto de um Mago que encanta todos, e cuja vida estava resguardada sendo impossivel descobrir esse talisman: é uma criança que livra sua mãe e sete tios, principes.

9, 10 e 11. **O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago**. — Versões nos *Contos Populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Noveline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piaccevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fábula 5.ª, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253, e Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XV, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante sob o n.º VIII, com o titulo *O passaro preto*.

12. **A bicha de sete cabeças**. — Uma versão de Coimbra vem publicada sob o titulo de Pedro e Pedrito, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LI, com o estribilho:

> Quem isto ouvir e contar
> Em pedra se ha-de tornar.

Nos *Portuguese folk-tales*, colligidos pelo nosso collega Consiglieri Pedroso e traduzidos pelo eminente mythographo Ralston, vem sob o n.º VI com o titulo *Pedro and the Prince* com algum desenvolvimento. Nos Contos dos irmãos Grimm, n.º 22, *O fiel João*, e trad. de Fred. Baudry, p. 27, pertence a este cyclo do creado ou do amigo que se sacrifica. Ralston, na introducção aos contos portuguezes, cita este paradigma, bem como o n.º 5 da collecção de Miss Frere, *Old Deccan Days*, intitulado *Rama and Luxaran*, e a situação geral em um conto indiano na traducção do *Kathá Sarit Ságara* por Tawney, vol. I, p. 253. Muitos contos têm evidentemente uma origem indiana; mas não é esta a unica fonte.

13. **O Conde soldadinho.** — Pertence ao cyclo do amigo que se sacrifica; não ha aqui a morte, mas a sua importancia provém da parte metrificada, que revela a dissolução de uma obra dramatica.

14. **A sardinhinha.** — Gubernatis cita differentes contos russos das collecções de Afanasieff e de Erlenwein, de Ferraro, etc., do peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, II, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fabula 1.ª, vem este conto, que tambem figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III, fab. 1.ª No *Catapalha Brâhmana*, e no *Mahâbharatha*, Manu socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do diluvio. Vichnu tambem os transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um conto colligido por Luzel (*Chaine traditionelle*, p. 60.) A menina-pagem accusada pela rainha é o thema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 405), colligido em Antignano. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIX, vem sob o titulo *A afilhada de Santo Antonio*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de Sam Jorge com o nome *A afilhada de Sam João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da collecção de Afanasiev, n.º 162, *O sapatinho de ouro* (Zolotoii bachmatchola), que pertence ao cyclo do peixe encantado.

15. **Maria da Silva.** — Ha outras versões portuguezas oraes. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de G. Pittré, vem a versão italiana sob o n.º 100. Na ilha de Sam Jorge é

repetido com o nome de *Maria das Silvinhas*, como vemos pelas notas do eminente collector Dr. João Teixeira Soares. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVIII, vem uma versão de Coimbra, com o mesmo titulo da do Algarve, e tambem com estribilhos poeticos:

Procura, procura,
Que a que chora
Ainda hade ser tua.

N'uma silva fui achada,
Por uma cabra fui criada;
Um pastor me educou,
E agora aqui estou.

16. **Rosa branca na bocca**. — Um povo que recebeu as tradições semitas, phenicias, hebraicas e arabes, repete sob um novo aspecto o conto de Joseph que resiste à seducção da mulher de Putiphar.

17. **O cavallinho das sete côres**. — Vide contos 1 e 6, e notas respectivas. Nos *Contos populares portuguezes* da traducção de Ralston, *A filha da Feiticeira* traz a circumstancia do esquecimento da namorada; é o n.º IV. As nossas versões não apresentam syncretismos. Vide o conto 32, agrupado tambem na versão citada. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* de Pittré, o n.º XV *Lu Ré di*

Spagna é identico ao conto portuguez a *Filha da Bruxa* colligido por Pedroso.

18. **Muda, mudella**. — Ha uma versão de Coimbra, intitulada *O senhor das janellas verdes*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLVIII. Traz o seguinte estribilho poetico:

> — Olha a muda, mudona!
> Que traje! que dona!
> «Olha a condessa, que inveja!
> Que eu falle não deseja.

Nos Contos populares de Pomigliano, colligidos por Imbriani, é o conto de *Muzella*. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 142.) Nos Nobiliarios portuguezes a lenda do solar dos Marinhos versa sobre a peripecia de uma mulher que não falla. Vid. n.º 129.

19. **O sapatinho de setim**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.os XXXI e XXXVI, ha duas versões, *Pelle de cavallo*, e a *Engeitada*. N'esta ultima, ha o estribilho poetico:

> Perola fina fica na cuba,
> E o saramago vae na burra.

No *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, sob o titulo *A gata borralheira*, vem este conto em verso de redondilha, de p. 364 a 391. Acha-se no *Pentamerone* de Basile, *Gatta Cenerentola*; nas *Recreations* de Bonaventure des Periers; no conto do Pérrault, Peau d'Ane; em Rollenhagen, *Fresch Maüsler* (ap. Grimm); em Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 37, e notas eruditas a p. 46. Em Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. V, p. 110 ha mais paradigmas. No *Asinarius, vel Diadema*, de Gotfried de Tirlemont, acha-se este thema popular. Consiglieri Pedroso allude a uma variante por elle colligida sob o nome *A Menina e o Peixe*, de que apresenta o resumo: «Um dia um homem trouxe para casa um peixe que apanhou, e deu-o á mais nova das filhas, que era quem tratava da cosinha, para ella o arranjar. A menina em vez de o matar deitou-o n'um poço, e o peixe reconhecido, quando d'ahi a algum tempo ella tem de ficar em casa, em quanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palacio do rei, dá-lhe tudo quanto ella precisa, para se apresentar no baile, conseguindo a menina pela riqueza do seu trage attrahir a attenção de toda a côrte, vindo por fim a casar com o peixe, que era um principe encantado.» (*O Positivismo*, t. II, p. 446.)

A *Gata borralheira* fórma um vasto cyclo novellesco, estudado pelo eruditissimo Reinhold Köhler, nas notas a uma versão escosseza, na *Revue celtique*, t. III, p. 370, e 371. Na *Biblioteca de las traditiones populares españolas*, t. I, p. 114, vem uma versão do Chili com o titulo de *Maria*

la Cenicienta, curiosa pelo syncretismo com outros contos. O episodio das tripas repete-se tambem na tradição portugueza:

> Fadas, fadinhas,
> Vistes por aqui as minhas tripinhas?

20. **A Madrasta**. — Pertence ao cyclo do antecedente. A troca das crianças pelas fadas, acha-se nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

22. **Cabellos de ouro**. — A versão portugueza está bastante confusa; a redacção mais completa que conhecemos é a do Chili, intitulada *El Culebroncito*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 137.

23. **A Carpinteirasinha**. — Este titulo não tem sentido ignorando-se a significação primitiva de carpinteiro; *carpenta* é o carro gaulez, usado pelas antigas mulheres da Ausonia, como descreve Ovídio (*Fastos*, I-IV, 819.) Florus cita um *carpentum* de prata do rei Brituitus. A locução portugueza *bicho de carpinteiro*) designa a pessoa que não está quieta em um logar. Evidentemente o nome de *Carpinteirasinha* deriva-se da sua mobilidade com que figura no conto. A fórma seguinte é uma variante.

24. **A filha do lavrador**. — Pertence ao cyclo da Maria Sabida.

25. **A feia que se torna bonita**. — No *Pentamerone* de Basile, X conto, ha uma velha que se esfola para se fazer bonita. Vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 6: «No decimo conto do *Pentamerone*, o rei de Roccaforte casa-se com uma velha, julgando que é uma nova. Deita-a pela janella, mas ella na queda fica dependurada de uma arvore; vêm as fadas, fazem-n'a nova , dão-lhe formosura e riqueza, e cingem-lhe o cabello com uma fita de ouro. A irmã, tambem velha, da outra que ficou bonita (a Noite) foi a casa de um barbeiro, esperando obter a mesma transformação pedindo que a esfolasse, mas ficou sem pelle. No que respeita o mytho das duas irmãs, a Noite e a Aurora, a donzella negra e a que se disfarça ou tinge de negro, ou cinzento, vide tambem o *Pentamerone*, II, 2.» O conto baseia-se sobre um equivoco de linguagem, que vem reforçar a elaboração do mytho. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXV, vem uma versão de Coimbra com o titulo *A velha fadada*.

26. **O peixinho encantado**. — Ha uma outra versão da Foz do Douro intitulada *João Mandrião*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXX. Vide nota 14, retro. Nos Portuguese folk-tales, de Consiglieri Pedroso, apparece com o n.º XVII

sob o titulo *O preguiçoso filho da Padeira*, diversificando no episodio da laranja. Ralston, na sua Introdução (p. VII) considera-o commum a todo o oriente da Europa, e cita os n.os 55, do volume V dos *Skaski* de Affanasieff, os n.os 32 do vol. VI, e 31 do volume VII; depois da vasta collecção russa, cita o conto n.º 19 dos Contos de Grimm, *O pescador e sua mulher*; uma variante nos *Griechische Märchen*, n.º 8, de Hahn, e termina dizendo que na Asia esta tradição conserva uma fórma mais rasoavel. Sobre os Peixes-Salvadores vid. n.º 14.

27. **O figuinho da figueira**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLI, vem uma versão de Coimbra sob o titulo *A menina e o figo*. Acha-se nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, n.º XVI, com o titulo *A Madrasta*. Celso de Magalhães colligiu-o na tradição do Maranhão.

28. **A da varanda**. — Pertence ao cyclo da Maria Sabida. Em uma variante que ouvimos no Porto ha o estribilho:

E a cabra na cama,
A fazer de madama?

29. **A noiva formosa**. — Vide o conto n.º 1, e a nota correspondente.

30. **A noiva do corvo**. — Nos *Kalmükische Märchen*, de Jülg, vem um conto do Passaro desposado, que se prende a este cyclo do amante tornado em porco ou em cavallo, em serpente ou em passaro. Nos *Contos populares portuguezes*, nº XXV e XXXIV, vem com os titulos *O Carneirinho branco*, e o *Principe-sapo*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da collecção de Campbell, em que o esposo é um corvo, e não um principe-sapo ou principe-serpente como no cyclo em geral, na Russia, Allemanha, Italia e França. (Vid. nota a pag. 58.) Estudaremos mais adiante ao annotar a redacção litteraria de Trancoso. No setimo conto mogol do *Siddhi-Kûr*, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. I, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa. Nos mythos indianos o sol é um passaro, e a aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti populari siciliani*, de Pittré, ha o conto d'este cyclo, n.° CCLXXXI, *Ré Cristallu*. Consiglieri Pedroso colligiu duas versões portuguezas *O Principe encantado*, e o *Talo de couve*.

31. **A paraboinha de ouro**. — O episodio da bacia magica é frequente em outros contos. (Gub. *Mythologie zoologique*, t. II, p. 315.) Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLIV, vem uma versão de Ourilhe, *O principe das palmas verdes*, com o estribilho poetico:

> Principe das Palmas verdes
> Não te lembres de mim;

Lembra-te do teu filho
Que o tens ao pé de ti.

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 126, vem uma versão do Chili, com o titulo *El Principe Jalma*.

32. **O principe que foi correr sua ventura**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV, ha uma variante de Coimbra com o titulo *Branca-Flôr*. Nos Contos populares brazileiros, n.º XXII, vem uma variante com o titulo Cova da Linda-Flôr. Este conto acha-se em quasi todos os seus detalhes com o titulo *As trez pombas*, nos *Contos e tradições do tyrol italiano*, de Schneller, n.º 27. O mesmo na collecção dos *Contos populares e infantis*, de Pröhle, n.º 8. Nos *Rondallayres ou quentos populares catalans*, de Maspons y Labros, apparece com o nome de *Lo Castell del Sol*. Vide Stanislao Prato, *Una novellina popolare monferrina*, p. 56. Sobre as donzellas-passaros, Reinhold Köhler, annotando os contos esthonianos, n.os 14 e 16, e os contos sicilianos, n.º 10, desenvolve largamente todos os paradigmas tradicionaes. Guichot y Sierra colligiu uma outra versão em Sevilha, *El Marqués del Sol*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 187.

33. **Maria Subtil**. — Na versão do Algarve encontrámos este conto com o titulo de *Dona Vintes*; e na versão de

Ourilhe (Celorico de Basto) vem com o de *Esvintola*, (*Contos populares portuguezes*, n.º XLII) trazendo o estribilho:

> Ai Dona Esvintola,
> Tão brava na vida
> E tão dôce na morte.[1]

Nos *Contos populares portuguezes*, de Sylvio Romero, n.º XII, *Dona Pinta* é uma variante do nosso. Ha uma versão sevilhana, intitulada *Mariquilla la ministra*, colligida por Guichot y Sierra. Vid. n.º 42.

A referencia mais antiga a este conto vem nas *Cartas*, de D. Francisco Manoel de Mello (Centuria V, carta 7.ª):

«Eu cuido que vireis a ser aquella

> …Dona atrevida,
> Dôce na morte
> E agra na vida.

que nos contam quando pequenos.» Na tradição popular corrente ainda tem o titulo de *Maria Subida*. Charles

Perrault, nos seus Contos (1697), redigiu litterariamente este thema tradicional na *Adroite Princesse ou Aventures de Finette*, no qual o principe de Bel-à-Voir fura com a espada uma boneca de palha que tem uma bexiga cheia de sangue. João Baptista Basile, no *Pentamerone*, deu redacção litteraria á fórma italiana no conto da *Sapia Licciardia*, que tambem mette na cama uma boneca cheia de mel e cousas dôces, exactamente como na tradição portugueza. Na Inglaterra este conto apresenta um aspecto exclusivamente maravilhoso no *The Made Pranks and merry Jests of Robin Good Fellow*, em que o amante é um genio domestico, Robin, que deixa na cama uma figura de lã. (Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 235.)

34. **O coelhinho branco**. — Em uma versão do Algarve, inedita, vinha o estribilho poetico:

> Lenço, liga, cordão e cuidado,
> Quem me déra vêr aqui
> A dama do meu agrado!

35. **Clarinha**. — Pertence aos mythos da Aurora, o que concorda singularmente com o nome da menina.

36. **Bola-bola**. — Liga-se com o conto das *Tres Cidras do Amor*. Vid. n.º 46.

37. **Linda branca**. — Pertence ao cyclo do *Sapatinho de vidro*. Vid. n.º 19.

39, 40. **Rei Escuta. As cunhadas do Rei**. — D'este conto publicou duas versões do Porto o sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 40 e 41. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, vem a pag. 391 um largo conto em verso com o titulo *Los incantamentos da grande fada Maria*, de perto de quarenta paginas, um verdadeiro problema litterario, cuja genuinidade só se admitte pela espontanea improvisação que distingue os povos insulanos. Nos *Contos populares do Brazil*, do Dr. Sylvio Romero, vem sob o n.º II, com o titulo *Os tres coroados*. Este mesmo thema tradicional recebeu fórma litteraria nos *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Parte II, n.º 7, que reproduzimos na secção competente. É extraordinaria a somma de paradigmas que apresenta este conto na tradição hespanhola, italiana, franceza, grega moderna, allemã, hungara, slava, avárica, etc. O Dr. Reinhold Köhler, nas notas dos *Awarische Texte*, ao n.º 12, *A bella Issensulchar*, traz uma enorme somma de paradigmas, e o prof. Stanislao Prato, nas *Quatro Novelline populari*, *Rivornesi*, Spoleto, 1880, annotando o conto das *Le tre Ragazze*, pag. 92 a 136, desenvolve extraordinariamente a área das comparações, de modo que o processo erudito está feito, sendo facil imbair os ingenuos. Aproveitaremos com franqueza as

investigações d'esses mestres, com algumas resumidas ampliações.

No *Folk-lore andaluz*, n.º 8, p. 305, vem este conto com o titulo *El agua amarilla*, colligido por J. L. Ramirez. Nos *Rondallayre*, de Maspons y Labros, n.º 14 e 25; e nos *Cuentos y Oraciones divinas*, de Fernão Caballero, nº 6, p. 31, com o titulo *El pajaro de la verdad*. Ha tambem uma versão basca, colhida por Webster.

As versões italianas são abundantissimas; Stanislao Prato, nas *Quatro Novelle popolari*, tráz sete versões importantes para a critica comparativa (pag. 16 e 29 a 39). Ha uma versão livorneza nos *Italienische Märchen*, n.º 1, de H. Knust; outra em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano de Calcinaja*, n.º 15; Pittré, *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º 36, e a 3.ª variante; em Imbriani, *Novellaja fiorentina*, no app. ao n.º 6, e n.os 7 e 8; e nos *Contos de Pomigliano*, sob o titulo de *Viola*; Comparetti, *Novelline popolari italiane*, n.º 6, versão de Basilicata; outra de Pisa, n.º 30; em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Märchen*, n.º 5; em Schneller, *Märchen und Sagen aus Wälschtirol*, n.º 23, 25, 26. As tradições populares d'este cyclo penetraram na litteratura italiana, como se vê no *Pecorone*, de Giovani Fiorentino, jornada X, novell. 1; em J. Baptista Basile, *Pentamerone*, jorn. III, trat. 2; Straparole, *Piaccevoli Notti*, fab. V, n.º 4; Molza, *Novella*, Poggi Bracciolini, Gozzi deram redacção litteraria a este conto, que tambem apresenta o caracter de lenda religiosa, na *Representazione di Santa Uliva*, e no

Libro dei *Miracoli della Madona*, cap. X. Acha-se em novas collecções: Carolina Coranedi-Berti, *Novelle popolari bolognesi*, n.º 5; Arietti, *Novelle popolari piemontesi*, trez versões; e Visentini, *Fiabe mantovane*, n.º 46; Bernoni, *Fabulas populares venezianas*, n.os 2 e 15, e Reppone, *La Posilecheata*, n.º 3.)

Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 224, traz este mesmo conto em uma versão popular toscana das fontes do Tibre. A aversão das duas irmãs mais velhas é comparada com o facto analogo das que figuram no conto do *Lear*, e da *Bella e da Fera*.

As versões francezas, acham-se na Litteratura e na tradição oral simultaneamente; em M.me d'Aulnoy, é *La Princesse Belle-Etoile et le Prince Cheri*; em Millin, *Conteur breton*, intitula-se *L'Oiseau de Verité*; em Cosquin, *Contes populaires lorrains*, n.º 17, com importantes notas; Revista, *Melusine*, t. I, p. 206 a 213: *Les trois filles du Boulanger*, etc. Foram tambem vulgarisadas na traducção das Mil e uma noites, *As duas irmãs invejosas*, e na continuação de J. Scott, na *Historia do sultão do Yemen e das suas tres filhas*; Bladé, *Trois Contes*, p. 33.

O grupo occidental completa-se com as versões gregas, em Hahn, *Griechische und Albanische Märchen*, n.º 5, e n.º 69 (variante 1, e 2) e n.º 112; e nos *Neohellenica Analecta*, I, 1, n.º 4, e n.º 8; outra em K. Ewlampios.

Variante irlandeza, em Powel and Magnusson, *Irelandie Legendes*, t. II, p. 427.

As versões allemãs são numerosissimas: Grimm, *Kinder und Hausmärchen*, n.º 96; Prohle, *Kinder und Volksmärchen*, n.º 3; Wolf, *Deutsche Hausmärchen*; p. 168; Wernaleken, *Oesterreichische Kinder und Hausmärchen*, n.º 34; Peter, *Legendas, Novellas, usos e superstições populares da Silesia austriaca*, t. II, p. 199; Meier, *Deutsche Märchen und Sagen*, n.º 72; Fromman, *Die deutsche Mundarten*, IV, 263; Bechstein, *Deutsche Märchenbuch*, p. 250; Haltrich, *Contos populares tedescos de Saxe de Transilvania*, n.º 1; Curtze, *Tradições populares do principado de Waldeck*, n.º 15; Zingerle, *Kinder und Hausmärchen*, t. II, p. 112 e p. 157; Liebrecht, versão do Tyrol allemão no *Annuario de Litteratura* de Hidelberg, n.º 42, p. 187.

As versões slavas alargam o dominio da ficção: Natalia Nemcova, *Novellas e contos populares slavos*, vol. V, p. 52; Wenzig, *Thesouro de Novellas dos Slavos occidentaes*, p. 148; Glinski, *Bajarz Polski*, t. II, p. 46; Gaal e Stier, *Contos populares hungaros*, p. 390; Stephanovic, *Contos servios*, n.º 25 e 26; Köhler, no *Iagic Archiv für Slavische Philologie*, fasc. II, p. 626 e 627; Afanasieff, *Novellas populares russianas*, liv. VI, n.º 96; Miklosich, *Contos dos Ciganos de Bukowina*, n.º 1; Urbovec, *Contos populares croatas*, n.º 25; M.^me^Mijatovies, *Popular Tales*, p. 238; Schiefner, *Avarisch Texte*, n.º 12; e uma versão siameza no

Asiatic Researches, t. XX, p. 348 (1836). Depois d'estas largas indicações apresentadas pelo Dr. Köhler ao n.º 12 da collecção de Schiefner, ao n.º 5 da collecção de Laura Gonzenbach, e aos n.os 25 e 26 da collecção de Stephanovic, accrescentou mais estas fontes utilisadas por Sr. Prato: Jecklin, *Tradições populares do Cantão dos Grisões*, p. 105; W. Webster, *Basque Legends*, p. 176; Bladé, *Trois contes populaires*, p. 33; Luiz Leger, *Cantos heroicos, e canções populares dos Slavos da Bohemia*: O Soldado; Asbjörnsen, e Moe, Contos norueguezes, o que se intitula: *O rico mercador*. Com as Notas de Köhler, de Cosquin, Ive, Teza e Prato sobre este conto ficou esgotada a área das investigações, sendo possivel organisar o seu encadeamento genealogico, e por elle remontar ao seu sentido mythico.

A Edade media sympathisou com esta lenda da substituição das crianças por animaes, como se vê na *Historia do Cavalleiro do Cysne*, *Storia della Regina Stella*, no *Dolopathos*, no velho theatro francez, *Du Roi Thierry*, e nas tradições dos Lohengrin (Grimm, *Veillés allemandes*, t. II, p. 342 a 378.) Evidentemente, quando mais vasta é a universalidade de um conto, tão mais profunda é a sua origem tradicional e pela investigação das fórmas mais simples se chegará ao seu valor mythico.

41. **As sonsas**. — Ha uma versão da Beira-Baixa nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXI, com o titulo *As*

filhas dos dois validos, do grupo colligido por Consiglieri Pedroso. Traz os seguintes estribilhos:

— Ah estrangeirinha, estrangeirinha!
Que esta caixa era minha.
«Pois se a caixa era vossa
Pela virtude sereis rainha.

42. **A mão do defunto**. — É uma versão popular do *Barba azul*. Gubernatis, na *Myth. zoologica*, t. I, p. 182, resume o XIV conto esthoniano, de Fred. Kreuzenwald, pertencente a este mesmo cyclo. Na mesma obra, t. II, p. 36, traz outra versão italiana d'este conto com o titulo *O rei dos assassinos*, não colleccionada. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem uma versão de Yorkshire, colligida por Gould nos *Curious Myths*, com uma nota interessante a pag. 407. Segundo Brueyre, a parte mythica do conto é a *mão de gloria*, que se liga ao mytho do fogo. No *Folk-Lore andaluz*, p. 308, ha uma versão do marido que mata as mulheres, até que a ultima vinga as irmãs. Este mesmo thema subsiste nos contos populares portuguezes no romance do *Rico Franco*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 149, vem uma versão de Sevilha, intitulada *Mariquilla la ministra*, em que se confunde tambem o conto da Maria Sabida.

43. **O rei de Napoles**. — Nas *Nuits facetiennes*, de

Straparola (ed. elz.), IX, fab. 1.ª, vem este conto com a mesma situação das joias e da donzella escondida pelo pae.

44. **O matador de bichos**. — É uma das lendas mais queridas da Edade media, do pae ou avô que conhece o filho ou neto abandonado, pela sua valentia extraordinaria. As Gestas desenvolveram este thema epico. Trogo Pompeu cita um fragmento de um poema dos Turdetanos, que é o conto do rei Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade de sua filha; tendo-o exposto a todos os perigos para que a criança morresse, sobrevive a tudo e é nomeado pelo avô successor do seu reino.

45. **As nozes**. — É o conto das *Tres Cidras do Amor*, modificado segundo os fructos predilectos de cada terra, cidras, laranjas ou nozes. Sobre os paradigmas d'este conto universal, vid. n.º 46. Don Agustin Duran, no *Romancero genéral*, t. I, p. 2, nota ao Romance n.º 4, resume este conto, tambem vulgar em Hespanha. Na versão italiana de Perugia, tem tambem o titulo *Le tre noci fatate*. (Ap. Prato, *Quatro novelline*, p . 28.)

46. **As trez cidras do amor**. — Apparece pela primeira vez citado na tradição portugueza, por Soropita, *Prosas e Versos*, p. 103. Este escriptor pertence ao fim do seculo XVI. Cita-se nas obras de Nicoláo Tolentino, p. 93. (Ed. J.

Torres.) Publicamos uma versão popular nos *Estudos da Edade Media* em 1869, p. 65, quando iniciámos estas investigações. Ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Contos populares do Brazil*, colligidos por Sylvio Romero, n.º XIV, vem com o titulo *A moura torta*, e variantes. Stanisláo Prato, no seu opusculo *Quatro Novelline popolare livornesi*, p. 11 e seguintes, traz bastantes versões italianas d'este conto: *La bella dei sette Cedri, I tre cocomeri, Le tre melangele d'amore, Bianca como la neve e rossa como il sangue, Le tre noci fatate, Il giardino del orso, La dea Venere*. Sobre esta novella apresenta em seguida um largo estudo comparativo (p. 46 a 91 in-4°) sobre as versões colligidas por Pittré, Basile, Imbriani, Berti, Comparetti, Corazzini, Gubernatis, Gradi, Gozzi, Laura Gonzenbach, Schneller, Lippi, Busk, Ive, Visentini, Deulin, Afanasieff, Makban, Buemosci, Schott, Grimm, Kennedy, Brueyre, Asbjornsen (Dasent), Köhler, Maspons y Labros, Schmidt, Eredelgi Stier, Hahn, Benfey, Stefanovic, Jawis Schiefner, Zingerle, Cavallius, etc. Todos estes nomes representam collecções de novellas populares italianas, gregas modernas, allemãs, hungaras, russas, inglezas, escocezas, hespanholas, suecas, aváricas, suissas, por onde se vê que este conto é verdadeiramente universal. Stanisláo Prato interpreta este conto como sendo o mytho do Hercules roubando os pômos de ouro do jardim das Hesperides. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 81, tambem apresenta uma interpretação mythica.

Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXI, The Bél-princess, ha uma versão oriental d'este conto. — Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 109, vem uma versão, *La Negra y la Tórtola*, colligida no Chili, na povoação de Santa Joanna; traz os estribilhos:

— Hortelanito del rey,
Que hace elrey con su negra mora?
«A veces canta y a veces llora.
— Hui, hui, hui! triste de mi
Por el campo sola.

47. **A bengala de dezenove quintaes**. — Acha-se este conto na Foz do Douro, com o titulo *O homem da espada de vinte quintaes* (*Contos populares portuguezes*, n.º XXI.) Na *Revista Occidental*, vol. II, p. 329, vem uma outra redacção, de Ourilhe (Celorico de Basto) a que a narradora deu o titulo de *O homem da bengala de cem quintaes*, ou *da bengala de ferro*, não reunido na collecção citada, por não ter differenças essenciaes. Ha uma versão andaluza, colligida por Fernan Caballero, *Contos populares*, p. 51, ed. Leipzig.) Este conto acha-se colligido por Schiefner, nos seus *Awarische Texte*, n.º II. (Nas *Mem. de l'Academie Imperiale des Sc. de Saint Petersburg*, VII serie, t. XIX.) O Conto chama-se *Orelhas de Urso* e é de uma grande importancia para a determinação da origem de uma grande parte das novellas populares europêas, pelas relações entre os ávaros caucasicos com os ávaros mongolicos. A

traducção d'este conto acha-se na *Revista Occidental*, vol. II, de p. 337 a 343. Ha versões d'este mesmo conto na Russia, como se vê pelas collecções de Erlenwein e de Afanasieff, traduzido para inglez no *Russian Folk-Tales* by Ralston, p. 73-80; e para francez com o titulo de *O monstro Norka*, por Brueyre. (*Contes populaires de la Russie*, p. 77.) Ha elementos episodios no *Koschéi o immortal*. (Ibidem, p. 105.) Nos *Contos populares da Servia*, de Vuk Stefanovic, vem este conto com uma fórma deturpada, e uma variante colligida pela Sociedade da joven Bosnia, ambos traduzidos para inglez pela dama Mijatovies (p. 32 e 36, e p. 123.) Na collecção de Hahn, *Contos gregos e albanezes*, n.º 70 do I vol., e p. 294, do vol. II. Na Italia, apparece nas collecções de Pittré, n.º 80 e 83 das *Ott. Fiabe*, e p. 208 do vol. II das *Fiabe Novelle e Raconti popolari siciliani*; e nos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, apparece sob os n.os 58, 59, 61, 63 e 64; nos *Contos populares venezianos*, de Wiedter e Wolf, n.º 4, e nas *Novelline popolari ilaliane*, de Domenico Comparetti, n.º 19. As notas de Reinhold Köhler alargam immensamente a área das comparações na tradição europêa; acham-se nas collecções Schiefner, de Gonzenbach, Wiedter, Hahn, Vuk Stefanovic e Bladé, d'onde se aproveitam todos os criticos com leves ampliações; pertencem a este cyclo novellesco, contos magyar, slavonico e polaco, das collecções de Gaal, Vogel e Woyciki; contos allemães das collecções de Grimm,[2], Wolf, Sommer, Colshorn, Curtze e Vernalecken; Mullenhoff, Birlinger, Haltrich; conto bohemio, na

collecção de Waldau, lituanico na de Schleicher, tiroleza na de Zingerle e Schneller, dinamarqueza na de Grundtvig, e slava na de Schmaler, e em suisso, de Sutterrneister, finlandez em Bertram, e gaelico em Campbell. O estudo comparado d'este conto portuguez com os elementos tradicionaes europeus colligidos pelo erudito Köhler, acham-se na citada *Revista Occidental*, Lisboa, 1875, vol. II, p. 239 e 245.

Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*, t. I, p. 207, traz o resumo de um conto russo colligido por Erlenwein, e no tomo II, p. 197, traz o episodio da descida ao poço e da salvação das princezas filhas do *rei de Portugal*, colligido d a tradição oral da Toscana. Portugal, nos contos populares europeus, é o paiz das maravilhas, e as laranjas, como pômos dourados das Hesperides são chamadas *Portogalotes*; uma grande parte dos assumptos novellescos narram-se como tendo acontecido em Portugal. Por ultimo citaremos ainda uma versão catalan, colligida por Maspons y Labros, nos Rondellayres, com o titulo *Jean de l'Ours*, e a versão franceza colhida recentemente por Emmanuel Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, com o titulo *La canne de cinq cents livres*. É evidente a universaliade d'este conto, e com certeza desenvolveu-se pela obliteração do seu sentido mythico primitivo. Gubernatis determina essa interpretação pelo conto IV da collecção de Erlenwein, *Narodnija Sharki sabrannija selskimi ueiteliami*: «os tres irmãos apparecem sob nomes mythicos interessantes; uma mulher dá á luz tres filhos; um nasce-lhe á noite, e por essa

razão lhe chamam Vecernik, ou da noite; o segundo, á meia-noite, e por isso o seu nome é Polunocnik; e o terceiro ao alvorocer, pelo que o chamam Svetazor, ou o ladino.» Segundo a universalidade da tradição este é o mais esperto, e gira com uma clava de ferro de doze puds, e vae com os irmãos libertar trez princezas encantadas, que são a princeza do castello de cobre (Aurora da Tarde), a princeza do castello de prata (a Lua argentea), e a princeza do castello de ouro (a Aurora da manhã) que casa com Svetazor (o Sol.)» *Op. cit.*, p. 209.

Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, ha uma variante, n.º XIX, intitulada *Manoel da Bengala*.

48. **A torre de Babylonia**. — Segundo uma nota de Consiglieri Pedroso, tambem tem o titulo da *Torre da Somnolencia*, o que nos explica o sentido do titulo com que o ouvimos em uma versão de Abrantes, *A torre da madorna*. Acha-se nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV; seguimos o texto de Leite de Vasconcellos, da *Vanguarda*, n.º 39. Ha uma outra versão nos *Portugueze folktales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XI. Este mesmo conto é commum á tradição hespanhola com o titulo *El Castillo de irás y no volverás*, em Maspons y Labros, *Rondellayres y quentos populares catalans*, Serie I, n.º 5; acha-se tambem na collecção de Fernan Caballero, com o titulo *Los cavalleros del pez*. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, as versões francezas tem os titulos *Le fils*

du Pecheur e *Les dons des trois animaux*. Apparece uma versão italiana na *Fiabe, Novelle e Raconti popolari siciliani*, n.º 16, de G. Pittré. Apparece uma versão servia, intitulada *Bash Chalek*, na trad. ingleza de M.me Mijatovies *Serbian-Folk-lore*. Reinhold Köhler, nas suas notas aos *Awarische Texte*, de Schiefner, n.º IV, onde compara o conto dos *Cunhados animaes*.

49. **Desanda cacheira**. — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXIV, vem uma versão de Coimbra. Nos *Estudos da Edade media*, p. 70, publicámos pela primeira vez este conto com uma redacção artificial. Acha-se na tradição allemã: *A meza, o burro e o bastão maravilhoso*. *(Contes choisis*, de Grimm, trad. Baudry, p. 155.) Gubernatis traz uma variante italiana nas *Novelline di Santo Stephano*. *(Rev. des deux mondes*, pag. 145, Nov. de 1877.) No conto XI da collecção esthoniana, resumida por Gubernatis, a cacheira que desanda por si, é interpretada como a expressão mythica do raio. *(Myth. zoologique*, t. I, p. 174.) Sobre estes talismans da *toalha que dá de comer*, ha nos *Contos dos pastores slavos*, de Chodzko, *O Anão e o tapete volante*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, falla nos episodios fundamentaes d'este conto: *A bolsa sempre cheia de dinheiro*, é uma fórma do *Asno mija-dinheiro*, da *Pata dos ovos de ouro*, dos *Cinco reis eternos do Judeu Errante*. A toalha cheia de iguarias, é figurada na mythologia antiga pelo *côrno de Amalthea*, ou a Vacca da fertilidade dos Vedas, ou a taça de *Graal* da

Tavola Redonda, ou o *copo de Oberon* no poema de *Huon de Bordeaux*. (p. 139.) A *toalha do Põe-te meza*, apparece nas collecções bretã, slava e noruegueza; em Luzel, no *Corpo sem alma*; em Chodzko, na *Toalha que alimenta*; em Asbjornsen, *O homem que vae ao vento do norte*, *Mestre Tabaco*, o *Rei Valemond e o Urso branco*. — Nos *Contos populares do Brazil*, de Sylvio Romero, acha-se com o titulo *O priguiçoso*. Este thema acha-se largamente desenvolvido pelo prof. Stanisláo Prato, no opusculo *Una Novellina popolare monferrina*, Como, 1882. Aproveitamos as suas indicações. Acha-se este thema no II conto kalmuco, da traducção de Bernhard Jülg; no conto indiano do *Rei Patraka*, no *Kathasâritsâgara*, de Somadeva Bhattra. Cita uma outra historia na collecção indiana do *Bahar Danusch*, e uma traducção do industanico de Garcin de Tassy. Nos *Avadanas* chinezes, traduzidos por Stanisláo Julien, t. II, p. 8, vem sob o titulo *A disputa dos dois demonios*. Ha uma variante arabe *Aventuras de Mazen do Khorassan*. Na collecção do *Touti Nameh* (vol. II, p. 28, da trad. allemã de Iken), ha outra variante; na collecção polaca de Glinski, traduzida por Chodzko, e por Prato, (op. cit., p . 21) e em outro conto (Glinski, t. III, p. 81) apparece a toalha magica. Nos contos XI e XXIII da collecção esthoniana figura a cacheira, ou o páo que bate por si mesmo. O thema do Asno faz-dinheiro acha-se nos *Old Deccan Days*, de Miss Frère, p. 166. O sentido mythico é evidente na toalha, que figura a nuvem, e na cacheira que é o raio. Vide Brueyre, p. 48, notas, p. 58, dos *Contos da Gram Bretanha*. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, n.º XXIX, vem este

conto do qual Consiglieri Pedroso colligiu outra variante portugueza com o titulo *A Velhinha e Sam Pedro*.

50. **Comida sem sal**. — É uma fórma popular da lenda do *Rei Lear*. Nos Contos de Grimm (p. 209 da versão de Fr. Baudry) vem como episodio na *Guarda-Patas*. Nas *Fiabe, Novelle e Raconti*, de Pittré, n.º 10, vem este mesmo thema tradicional. No *Pantcha Tantra* (trad. Lancereau, p. 244) ha uma princeza casada com um principe serpente, a qual é expulsa de casa pelo pae. Adiante reproduziremos a fórma litteraria d'esta lenda como se lê no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo XIV. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º III, vem com o titulo de *Rei Andrada*. (Vide supra notas 19 e 20.) Ha uma versão portugueza, colligida por Pedroso, *Pedro Cortiçôlo*. Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXIII, vem com o titulo *The princesse who loved her fatter like salt*.

51. **As crianças abandonadas**. — Ha outras versões de Guimarães e Villa Real (ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 264 e 266); outra nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Portuguese Folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, traducção de Ralston, n.º XIV, apparecem duas versões com o titulo *As duas crianças e a Feiticeira*. Sobre este conto Ralston cita um paradigma norueguez *Boots and the Troll*. *(Op. cit.*, p. VII.) As botas de sete leguas são interpretadas como uma fórma mythica

do vento; acha-se nos Contos esthonianos de Frederico Kreuzenwald, n.º XI. (Ap. Gubernatis, *Myth. zool.*, t. I, 174.) No XVI conto esthoniano tambem se marca o caminho deixando cahir cascas. (Ib., p. 178.)

52. **O afilhado de Santo Antonio**. — Ha versões de Guimarães e Cabeceiras de Basto, ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 271 e 274.

53. **A filha do Diabo**. — Liga-se á lenda medieval do *Roberto do Diabo*, que anda na litteratura de cordel em Portugal. Vide o nosso estudo sobre *Os Livros populares portuguezes*. *(Era Nova*, n.º 1 e 2.)

54. **As trez maçãsinhas de ouro.** — Gubernatis, *(Myth. zoolog.*, t. II, p. 342) cita o conto n.º XXII do seu *Novellino de Santo Stephano de Calcinaia*, no qual: «dois irmãos mais velhos roubam uma penna de pavão ao seu irmão mais moço e o matam (isto é o pavão, da mesma fórma que n'um conto russo, a irmã mata o irmão mais moço o para lhe tirar as botinas vermelhas). No logar em que o irmão da penna de pavão é morto e enterrado, cresce uma arvore, de que se faz um cajado, depois um assobio, que, quando toca, conta o caso funebre da morte do irmãosinho morto por causa da pluma de pavão.»

Eis com o o illustre mythographo explica o conto: «Quando o céo luminoso ou quando o sol está occulto pelas nuvens, quando as pennas brilhantes são arrancadas, quando o pavão está enterrado, a arvore que está plantada sobre a sua sepultura (a nuvem) faz ouvir a sua voz na volta da primavera… a arvore torna-se uma cana, uma flauta magica, um kokila melodioso.»

Acha-se este conto na vasta collecção russa de Afanasieff, liv. V, n.º 17; e liv. VI, n.º 25. Alem da fórma italiana citada, Vittorio Imbriani colligiu uma outra sob o titulo de *Passo griffo*, nos seus Contos de Pomigliano. *(Rev. des Deux Mondes*, Nov. de 1877, p. 145.) Este mesmo conto foi colligido por Bladé, em gascon, com o titulo *Lu Flauto*, nos *Contes et proverbes populaires rec. em Armagnac*; já apparece n'este a laranja, ou o pômo de ouro. Por elle se vê quanto o conto portuguez já se acha deturpado.

Ha uma outra versão allemã, *O osso que canta*, citado por Bladé, na *Hausmaerchen*; X. Marmier, nos *Chants populaires du Nord*, p. 75, traz uma ballada parecida com este conto, na revelação do fratricidio por uma canção. Husson, na sua obra *La Chaine traditionelle*, interpreta o sentido mythico por esta forma : «como uma transformação de um antigo mytho relativo aos phenomenos da luz. Estes dois irmãos, correspondem aos Dioscuros e aos Açvins, isto é, aos Genios da luz no seu nascimento e occaso.» (p. 59.) Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 129, traz um conto hungaro, em que uma irmã mais nova é morta pelas

duas mais velhas, e uma flauta é que revela o crime. Segundo a sua interpretação mythica as duas irmãs são as duas metades da noite. O poder da flauta apparece no conto da Çakuntala, no de Polydoro, e em um conto toscano; no Rig-Veda (X, 135) Yama toca uma flauta, á sombra da arvore que canta, com que acorda todos os antepassados mortos. (Gub., *ib.*, t. I, p. 94).

A nossa versão foi colligida pelo sr. Leite de Vasconcellos, e publicada na *Vanguarda*, n.º 39, em 1881; ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, n.º XL. Vide Stanislao Prato, *Quatro Novelline livornesi*, p. 57, onde discute este thema nos mythos hellenicos, na *Eneida* e *Divina Comedia*.

Ha uma versão de Sevilha, intitulada *La Flor de Lililá*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 196.

55. **O Sargento que foi ao inferno**. — Apparece este conto na versão allemã de Grimm, *Os tres cabellos de ouro do Diabo*. (Vid. *Contes Choisis*, trad. Baudry, p. 138.)

56. **A princeza que adivinha**. — É vulgar em Hespanha (Carmona e Arahal); acha-se com o titulo *Las Trez Adivinanzas*, em Demofilo, *Colleccion de Enigmas*, p. 310. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXVIII, intitula-se *As trez lebres*, e traz os seguintes estribilhos em verso:

Comi carne sem ser caçada;
Em palavras de Deus assada;
Bebi agua que não foi do céo cahida,
Nem tambem na terra nascida.

•

Quando n'este palacio entrei
Tres lebres encontrei;
Todas tres esfolei,
E as pelles d'ellas mostrarei.

No *Folk Lore andaluz*, p. 470, cita-se uma redacção castelhana. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, acha-se esta mesma tradição com o titulo *La princesse et les trois frères*. Nos *Contos populares do Brazil*, n.º XXXV, ha uma variante com o titulo *O matuto João*. O sr. Leite de Vasconcellos (*Rev. Scientifica*, p. 210) cita uma versão do Porto, com o seguinte estribilho:

Sahi de casa
Com Pita e massa;
Massa matou Pita,
Pita matou sete;
De sete escolhi a melhor;
Atirei ao que vi,
Matei o que não vi;

Com palavras santas

Assei e comi.
Bebi agua,
Que não estava no céo nem na terra;
Se bom era o fructo
Melhor era a raiz;
Já vi um burro
Com sessenta burros em cima.

Em outra versão de Vizeu, cita tambem o estribilho:

Atirei ao que vi
Matei o que não vi.

Nas *Novelle populari toscane*, de G. Pittré *(Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, p. 64), no conto de *Soldatino*, vem o estribilho:

Tirai ai chi viddi,
Chiappai chi non viddi.
Mangiai carne creata, e non nata,
Cotta a il fumo di parole.
Striccia ammazzó Paola,
Il morvido consuma il sodo.

Enne e nè,
S’indovina cosa gli é.

57. **A adivinha do rei**. — O editor dos *Awarische Texte*, Schiefner, traz uma versão finnica d’este conto: «Um rei ordena ao filho de um aldeão de vir ter com elle á sua presença, nem de noute, nem de dia, nem pelo caminho, nem por atalho, nem a pé, nem a cavallo, nem vestido, nem nú, nem dentro, nem fóra. O intelligente moço, veste-se com uma pelle de cabra, faz-se levar á cidade, no crepusculo da manhã, deitado no fundo de um cofre, com um crivo n’um pé e uma escova no outro; depois parou no limiar da porta do rei, tendo uma perna fóra e outra dentro.» (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 154.) O illustre critico considera como pertencendo á classe dos enigmas astronomicos. Nos *Contos de Grimm* intitula-se *A Bavara astuta*; Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 169, not. 1, citando o enigma de Diarmaid, transcreve tambem uma pequena lenda irlandeza de Kennedy analoga á portugueza.

58. **O boi cardil**. — Este conto acha-se na tradição oral da Ilha da Madeira ainda em fórma poetica, com o titulo de *Boi Bragado*. (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 273.) Nos *Contos populares portuguezes* n.º LVI, traz o nome de O Rabil, versão de Coimbra, com o estribilho poetico:

Senhor meu amo!
Pernas altas e cara gentil
Me fizeram matar o boi Rabil.

Esta facecia tem raizes tradicionaes muito profundas; Schmidt determina-lhe um paradigma nas *Gesta Romanorum*, cap. 111, no qual se vêem ainda os elementos mythicos de Io mudada em vacca, e Argus, o pastor, fazendo um discurso ao seu barrete espetado na aguilhada, da mesma fórma que Travaillin faz em um conto semilhante das *Piaccecole Notte* de Straparole, Noite III, Fabula V. *(Les Facetieuses nuits*, t. I, p. 223. Ed. Janet.) Na versão franceza das Gesta, *Le Violier des Histoires romaines*, cap. XCVIII, p. 265, não traz a seducção amorosa. N'esta edição indicam-se novas fontes; acha-se tambem nos *Contos turcos*, que Loiseleur des Longchamps juntou á sua edição das *Mil e uma Noites*, p. 315. Vide a *Histoire du grand ecuyer Saddyk*. Nos *Quarenta Vizires*, vem este conto com o titulo *Scheikk Chehabeddin*, d'onde passou para outras collecções europêas. O Dr. Schmidt, nas notas á sua versão de Straparola, cita este mesmo conto em allemão do seculo XVI, que se acha nos *Volkssagen*, d'Otmar (Nachtigall) Breme, 1800. O Abbade Blanchet, nos *Contes et Apologues orientaux*, tral-o tambem sob o titulo de *Doyen de Badajoz*. (Vide Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 173.) No conto VIII dos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, é uma cabra que serve para pôr á prova a fidelidade do aldeão. (Vide Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 442, nota.) Nos *Contos de Pomigliano*, colligidos por

Vittorio Imbriani, acha-se esta anedocta em que o heroe se chama José Verdade. *(Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 145.)

59. **O camareiro do rei**. — Este conto tem uma referencia historica, sendo os personagens Frederico II e Pedro de Vigues. Esta anedocta teve larga vulgarisação, porque acha-se não só nas *Dames galantes* de Brantome, como no *Livro de Sendabar*, no *Mischlé sendabar*, no *Syntipas* grego, e nos *Sete Vizirs*, com o titulo *Rasto de Leão*. Nas tradições populares italianas tambem está vigorosa, e acha-se nos *Contos de Pomigliano* de Vittorio Imbriani. Por esta versão, em que ha alguns estribilhos poeticos, se vê o sentido das referencias á *vinha*, da versão do Algarve. Tambem se repete na Sicilia e em Veneza. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 144.) Eis a adivinha do conto italiano:

Diz o rei:

Una vigna no piantà.
Per travers é intrà
Chi la vigna ni ha goastà.
Han fait gran peccà
Di far ains che tant mal.

Diz a esposa:

Vigna sum, vigna sarai,
La mia vigna non fali mal.

Responde Pedro:

Se cossi è como è narrà
Plu amo la vigna che fis mai.

No conto veneziano vem as seguintes estrophes, que condizem com o dialogo rimado de Pedro de Vignes:

A esposa:

Vinha era, e vinha sou,
Fui amada, e já o não sou.
E não sei porque rasão
A vinha perdeu a estimação.

O camareiro:

Vinha eras, vinha serás,
Amada eras, e já o não serás.
Pela pata do leão
A vinha perdeu a estimacão.

O rei, comprehendendo e explicando tudo:

N'aquella vinha eu entrei
Em pampano algum toquei,

Pelo sceptro que tenho aqui
Nenhum fructo lá comi.

63. **A mulher curiosa**. — Acha-se nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 273.

64. **As favas**. — O sentido *phallico* primitivo ligado á fava, apparece em todo o seu vigor aqui; o sentido *funerario* explica-se pela ameaça de morte que pesa sobre o rapaz que faltou ao respeito á rainha. (Vid. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 132.) Nos costumes populares da Italia, a fava branca que apparece no bolo é a *rainha* e a *fêmea*.

65. **A velha das gallinhas**. — O thema d'este conto acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. 56, p. 168. São trez gallos que revelam, segundo a interpretação da camareira, a infidelidade da senhora. Este conto acha-se, segundo Gustave Brunet, no *Dialogus creaturarum moralisatus* e por ventura generalisou-se na Europa a titulo de Exemplo de prégadores.

67 e 68. **Março marçagão**. — Publicado pela primeira vez pelo sr. Leite de Vasconcellos, na *Vanguarda*, n.º 75 e 76. O março é mythificado nos anexins populares portuguezes. Em uma versão que colligimos o estribilho era:

Eu sou o Março Marão,
Que curo meadas e esteiras não.

69. **A alegria da viuva**. — É uma fórma popular da antiga tradição da Matrona de Epheso, tão frequentemente citada nos escriptores classicos. Nas *Horas de Recreyo*, do padre João Baptista de Castro, vem uma redacção portugueza da *Matrona de Epheso* formada sobre elementos eruditos. Esta historia acha-se na collecção dos *Sete sabios*; Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p . 161, indica as fontes d'este conto mais conhecido pelo *Satyricon* de Petronio. Ha um estudo especial por M. Dacier, nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions*, t. XLI; no *Policraticus sive de Nugis Curialium*, de João de Sarisberi, de 1183, vem esta lenda d'onde se vulgarisou na Edade media, e para a collecção das *Cento Novelle antiche*. As imitações litterarias são numerosissimas. No *Novellino* traz o n.º LIX.

70. **A carpideira**. — Pertence ao cyclo do conto antecedente, um dos mais abundantes do nosso Decameron popular.

71. **Frei João Sem Cuidados**. — Merece comparar-se a versão oral com a redacção litteraria de Gonçalo Fernandes Trancoso, do seculo XVI, em que figura um fidalgo Dom

Simão. Ha uma fórma hespanhola tambem do seculo XVI, no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º XV. (Coll. de Auctores españoles, de Ribadaneyra, p. 154.) A fórma mais antiga que conhecemos é a italiana de Franco Sacchetti, contemporaneo de Dante, nas *Novellas*, t. I, n.º IV. A primeira versão oral portugueza foi publicada no *Almanach de Lembranças*, para 1861, p. 323. (Vid. n.º 160.)

72. **João Ratão** (ou Grillo). — Publicado pela primeira vez na *Era nova*, p. 243. Em uma versão popular de Villa Real, o objecto da adivinha é um grillo, e por isso o adivinho acerta na resposta, dizendo:

> Ai grillo, grillo,
> Em que mão estás mettido.

No livrinho dos *Contos nacionaes para crianças*, p. 47, n.º XVII, vem uma outra redacção sob o titulo de *O Doutor Grillo*, formando um cyclo de aventuras. Diz Gubernatis: «Na Italia, quando se propõe um enigma para ser adivinhado, ajunta-se ordinariamente como conclusão as palavras — *Indovinala, grillo!* (adivinha grillo!) Esta expressão liga-se ao idiota fingido dos Contos populares, que acaba sempre por dar prova de tino. O sol envolvido na nuvem e na obscuridade da noite, é em geral o idiota mas o idiota que vê tudo, etc.» (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 50.)

75. **Pedro de Malas Artes**. — Na collecção dos *Contos sicilianos* de Pittré ha este mesmo thema. (*Rev. des Deux Mondes*, 1875 (Agosto, 15), p. 883. Consiglieri Pedroso encontrou-o com o titulo de *Manel tolo*, correspondente ao *Giufa* dos contos sicilianos (*Fiabe*, vol. III, p. 353 da collecção de Pittré), e ás *Molbohistorie* da Dinamarca. (Ap. *Romania*, t. IX, p. 138 a 140.) *O Positivismo*, t. II, p. 450. — Nos *Relogios fallantes*, D. Francisco Manuel de Mello, allude a esta tradição corrente em Portugal no seculo XVII: «que me puderam levantar estatuas como a *Pedro de Malas Artes*…» (*Apologos Dialogaes*, p. 23.) N'esta mesma obra vem o conto da mulher que nas dôres do parto mandou accender uma vela benta, tendo em seguida o cuidado de a mandar apagar para outra vez. (*Ibid.*, p. 196.)

Crêmos que é a esta mesma tradição que se refere o typo de *Pedro de Urde-Lamas*, citado na *Lozana andalusa*, da litteratura hespanhola do seculo XVI. No *Cancioneiro da Vaticana* vem uma allusão a este typo: «Chegou Payo de *maas Artes*.» (Canç. 1132.)

76. **D. Helena**. — A peripecia d'este conto, o signal no peito da rainha, acha-se na *Cymbelina* de Shakespeare, em um conto de Boccacio, e no poema da Edade media *Gerart de Nevers*.

77. **O guardador de porcos**. — Apparece nos *Contos populares da Russia*, na Colleção de Afanasieff, liv. V, n.º 8. Além da traducção de alguns contos russos por G. Ralston, Gubernatis vulgarisou mais uns cem, para elemento dos estudos comparativos. Na tradição italiana do Piemonte tambem se repete esta facecia: «Um rapaz que guardava porcos, corta-lhes os rabos, lança-os n'um lameiro, e foge com elles. O patrão, vendo os rabos, cuida que os porcos se enterraram na lama. Pucha-os, mas só lhe vem na mão os rabos sem os corpos a que andavam pegados.» *(Mythologie zoologique*, t. I, p. 252.) O illustre critico liga este conto a outros elementos tradicionaes para a reconstrucção popular do mytho de Hercules e Caco.

78. **Nascer para ser rico**. — Nos *Contos proveitosos*, de Trancoso, Parte I, n.º XIII, *O real bem ganhado* versa sobre esta peripecia da pedra preciosa.

79. **Dom Caio**. — Este conto versa sobre o equivoco da phrase: *Matar sete de um golpe*. Tem analogias com o *Alfaiatinho valoroso*, dos Contos de Grimm. *(Contes choisis*, p. 253.) No *Pantchatantra*, a fabula do *Oleiro e o Rei* versa sobre este mesmo assumpto. (Trad. Lancereau, p. 289.) Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 121, vem este conto com o titulo de *Don Juan Bolondron Mata siete de um trompom*, colligido no Chili, na povoação de Santa Juana.

80. **Os dez anõesinhos da Tia Verde-Agua**. — Nos Contos de Grimm *Os anões magicos*, dão realidade ao que na tradição portugueza apparece com sentido allegorico. *(Contes choisis*, p. 181.)

81. **O compadre Diabo**. — Sobre esta facecia, Gubernatis apresenta um conto russo em que o Diabo é representado pelo urso com um caracter demoniaco: «O aldeão logra duas vezes o seu companheiro urso; primeiro quando semeam juntamente nabos, e que o aldeão reserva para si o que cresce debaixo da terra, deixando ao urso o que sae e se levanta acima do chão; depois, quando elles semeam trigo, e que o urso, julgando-se agora mais esperto toma para si o que cresce debaixo da terra e cede ao aldeão o que se produz para fóra d'ella. O aldeão está a ponto de ser devorado pelo urso, quando a raposa o vem soccorrer.» *(Myth. zoologique*, t. II, p. 119.) D'este conto da collecção de Afanasieff, acha-se uma variante na Noruega, n.º 74, da collecção de Asbjörnsen, e na Allemanha, na collecção de Grimm, n.º 189. Em um conto caucasico, publicado no *Magazin für die Litter. des Auslands*, n.º 134, de 1834, figura o Diabo, que tambem é enganado. Sobre este conto Liebrecht escreveu um estudo comparativo na *Academy*, de 1873, n.º 74, resumido por Gubernatis, loc. cit. No *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, cap. 41: *De lo que contescio al Bien y al Mal*, vem este mesmo conto, em que tambem ha os nabos da partilha. (Ed. 1642, fl. 111.) Nos

West Highlanders popular Tales, de Campbell, acha-se este conto em que figuram a raposa e o lobo, e a cultura é de aveia e depois de batatas. Ap. *Contes populaires de la grande Bretagne*, de Brueyre, p. 363, que traz mais estas fontes similares: Rabelais, *Pentagruel*, liv. IV, cap. 45 e 46. Lafontaine, conto de *Le Diable et Papefiguiere*. Na tradição oral franceza o conflicto dá-se entre S. Martinho e o Diabo. Nos *Contes populaires agenais*, de Bladé, figura sob o titulo de *La Chèvre et le Loup*. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 31, cita este conto mostrando «como os mythos se deslocam e se multiplicam infinitamente, tendo muitas vezes o mesmo ponto de partida.»

82. **Os corcundas**. — Apparece tambem na tradição popular italiana, colligida pelo prof. Gubernatis, na *Botanique zoologique*, t. II, p. 249, extrahida do livro do medico Pedro Piperno, do sec. XVII, que se intitula *De Nuce maga beneventana*. A troca das corcundas é explicada por Gubernatis: «é evidentemente o jogo das sombras; a corcunda por detraz é a escuridão da noite, a corcunda por diante, é a sombra na alvorada.» Ha uma outra versão portugueza, de Coimbra, publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 200. — A tradição tem certa universalidade. Vide tambem Brueyre, *Contes de la Grande Bretagne*, p. 206, tradição da Irlanda, e Emile Souvestre, *Foyer Breton*, Les Korils de Plauden, ou Presente dos Gnomos.

Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, vem com o titulo *Les Fées et les deux bossous*.

83. **A mulher gulosa**. — Esta facecia encontra-se nas tradições populares do Brazil. Sylvio Romero, colligiu-a em Pernambuco, e tral-a com o titulo *A mulher dengosa*, nos seus Contos populares do Brazil.

86. **Dá-me o meu meio tostão**. — Acha-se esta facecia nos Contos sicilianos, colligidos por G. Pittré, sob o nome de *Giufa*. (*Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 833.)

87. **O soldado que foi para o céo**. — Acha-se na tradição da Bretanha franceza, sob o titulo de *Moustache*. (Em. Souvestre, *Les Derniers Bretons*, t. I, p. 83.) Acha-se colligido na tradição popular italiana por G. Pittré; na fórma siciliana é um frade, o Grós-Jean analogo ao *Bonhomme Misère*, da França, ao *Prete Ulivo*, da Toscana, *Accacini*, de Palermo, e *Gingannuin*, do Castellermini. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 843.) O soldado que recebe os trez dons, vem tambem nos contos de Grimm, o *Judeu nas Silvas*, trad. Baudry, p. 243.

92. **A enfiada de petas**. — Ha uma variante de Ourilhe, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVII.

94. **Manoel Feijão**. — É o celebre conto do *Petit-Poucet*, de Perrault; Emm. Cosquin colligiu-o da tradição oral outra vez nos seus *Contes populaires lorrains*; Maspons y Labros, tral-o nos seus *Rondelaires*, com o titulo *En père Patufet*. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem na fórma de um poema *Tom Thumb*, e uma versão oral colligida por Campbell. Mr. Gaston Paris publicou uma outra versão popular no começo da sua monographia intitulada *Petit Poucet*, em que procura provar que este conto deriva do mytho da Grande Ursa. (O auctor brindou-nos com um exemplar d'este seu opusculo.) Hyacinthe Husson, na *Chaine traditionelle*, p. 28, discute o sentido mythico, e apresenta a indicação de uma versão russa (p. 34). Nos Contos de Grimm é o *Tom Puce*, trad. de Baudry, *Contes Choisis*, p. 145. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. II, p. 159 e 160, cita o conto piemontez de *Piccolino*, e o conto russo de *Malcik-s palcik* (dedo mendinho). Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XXXIII, ha uma versão de Bragança intitulada *O grão de milho*. Ha outra versão italiana, de Pittré: *Uma variante toscana della novella del Petit Poucet*.

95. **Cahiu-me na minha catulinha**. — Acha-se tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 377.

97. **O cego e o moço**. — Esta facecia popular acha-se com variantes na *Hora de Recreyo*, do Padre João Baptista de Castro, t. I, p. 123: *O cego e o moço comendo uvas*.

98. **O cego e o mealheiro**. — Apesar de ser uma simples facecia, tem raizes tradicionaes; acha-se no *Alivio de Caminhantes*, de Timoneda, n.º 49, p. 181, da ed. Ribadaneyra.

100. **Os tres conselhos**. — Além da versão oral, temos uma redacção litteraria nos *Contos proveitosos* de Trancoso, do seculo XVI. No *Conde de Lucanor*, cap. XLV, fl. 119, ha uma versão, indubitavelmente de origem arabe. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. 94, uma outra versão moralisada, com notas. No *Patrañuelo*, de Timoneda, n.º XVII, vem uma historia analoga. Vid. n.º 161.

104. **A estatua que come**. — Convém aproximar esta lenda do conto da *Mirra*, n.º 62, para se completarem os elementos da lenda de *Dom João* em Portugal. No n.º V do *Positivismo*, vol. IV, vem um estudo ácerca dos vestigios mythicos d'esta tradição.

105. **As adivinhas em anexins**. — Nos *Adagios*, do Padre Antonio Delicado, do seculo XVII, vem estes anexins a pag. 44, o que nos determina certa antiguidade da facecia. Ha uma variante nos *Contos infantis*.

106. **A mulher teimosa**. — Edelestand du Méril, na *Histoire de la Fable esopique*, (Ap. *Poésies inedites du Moyen-Age*, p. 154, not. 5) cita um manuscripto da Bibliotheca de Bruxellas, do seculo XV, no qual se acha esta mesma fabula com o titulo *De homine et uxore litigiosa*. Transcrevemos a peripecia final: «Illa, autem, quia jam linguam amiserat et loqui non potuit, signo quo valuit, pertinaciam ostendit, forcipi formam et officium digitis ostentans.»

107. **O jogo do Pira**. — Este conto acha-se no seculo XVI, em uma comedia do celebre Giordano Bruno, intitulada *Candelajo*; Barra, que é um freguez, para não pagar na taverna, propõe varios jogos, que são successivamente regeitados, e por fim propõe *darem uma carreira*, o que lhe serve de pretexto para se escapulir. No seculo XVIII este conto teve tambem uma nova fórma dramatica na comedia de cordel *O gallego lorpa ou os Tolineiros*. Vid. *Historia do theatro portuguez*, t. III.

108. **O caso do tio Jorge**. — Recebemos esta facecia colligida na Ilha de S. Miguel pelo nosso eminente zoologista Francisco de Arruda Furtado. Conheciamol-a em prosa. Existe um pequeno fabliau sobre esta aventura, na litteratura franceza da Edade media.

109. **Os dois irmãos e a mulher morta**. — Acha-se publicado no *Elvense*, n.os 202, 205 e 206, III anno, com uma redacção litteraria que prejudica o seu valor tradicional. Pertence ao cyclo do *Frade morto*, aqui substituido por uma cunhada, o que é uma circumstancia accidental. Ha cinco versões portuguezas do *Frade morto*; na tradição peninsular acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º III; no *Fabliau du Prêtre qu'on porte* (*Hist. litteraire de la France*, t. XXIII, p. 141); na antiga tradição italiana: *Cinquante Novelle de Masuccio*, n.º 1; e modernamente acha-se colligido por Pittré, nos *Fiabe e Racconti*, n.º 165: *Fra Ghinipera*. Na collecção dos *Contos russos*, de Erlenwein, n.º 17, acha-se a tradição do frade morto. (Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 214.)

111. **Para quem canta o cuco?** — Acha-se esta facecia na collecção quinhentista de Timoneda, *Sobremesa y Alivio de caminantes*, conto 57. (Ed. Ribadaneyra, p. 181.)

112. **Tudo andaremos**. — É hoje uma locução portugueza, sendo o conto menos vulgar. Na collecção de Timoneda, *Alivio de Caminantes*, n.º 33, vem uma versão d'esta facecia. (Ed. Ribadaneyra, p. 179.)

113. **A mulher que cegou o marido**. — Apparece este conto no *Pantchatantra*, (Vid trad. franceza de Lancereau, p. 265) com o titulo *O Brahmane e sua mulher*.

114. **O tolo e as moscas**. — Pittré colligiu tambem esta facecia nos seus Contos sicilianos. (Vid. critica na *Revue des Deux Mondes*, 15 de Agosto de 1875, p. 857.)

115. **Já que tanto teima**. — No *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º XXXIV, fl. 101, *v.*, encontra-se como conto o que em Portugal se repete quasi que exclusivamente como locução.

116. **Tic-taco**. — Esta facecia insulana acha-se nas *Notte piacevoli* de Straparole *(Facetieuses nuits*, nuit II, fab. 5.) Um fabliau da Edade media desenvolveu este conto *De la Dame qui attrapa un Prêtre*. Vid. outros paradigmas na versão franceza de Straparole, p. XX.

117. **As orelhas do Abbade**. — Esta vulgarissima facecia já se encontra na *Sobremesa y Alivio de Caminantes*, conto 51, da edição Ribadaneyra, p. 181.

Acha-se no *Fabliau des Perdrix (Recueil de Fabliaux*, p. 159); no *Passa tempo dè Curiosi*, p. 22; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 266; nas *Facetie, motti et burle*, da Ch. Zabata, p. 36; e nos *Contes du Sieur d'Ouville*, t. II, p. 225.

118. **Os duzentos carneiros**. — É um conto typico; encontra-se no *Castoiement d'un Père à son Fils*; nas *Cento Novelle antiche*, n.º XXX; no *Don Quijote* e no *Recueil de Fabliaux*, p. 1, Paris, 1829. (Bibl. choisie.)

120. **Lenda da Mãe de S. Pedro**. — Acha-se em muitas terras de Portugal; Pittré encontrou-a na tradição italiana, mas em vez de ser a rama de cebola é uma folha de pereiro. *A mãe de S. Pedro* é uma locução proverbial em toda a Sicilia, Veneza, Toscana, Frioul, etc. (Vid. *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Agosto de 1875, p. 843.)

Adiante, sob o n.º 215, reapparece o typo popular de S. Pedro em um genero de contos muito vulgares em Andalusia com o titulo de *Susedios*.

123. **O lavrador e o Ermitão**. — O sr. Leite de Vasconcellos traz na revista *El Folk Lore andaluz*, (ann. I, n.º 5, p. 176) uma variante d'esta lenda colhida nas Duas Egrejas, do concelho de Mirandella, servindo de paradigma a uma versão andaluza de Rodriguez Marin, publicada no *Folk Lore andaluz*, n.º 2, p. 31-33.

124. **O thesouro enterrado**. — Acha-se uma versão de Celorico de Basto publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 170. O sr. Sylvio Romero, na sua collecção de Contos populares do Brazil, tral-o com o titulo *O ouro dos Maribondos*, tendo sido anteriormente publicado na *Revista brazileira*.

125. **As vozes dos animaes**. — Ha uma outra versão colligida pelo sr. Sequeira Ferraz; e uma versão franceza, intitulada: *Les musiciens voyageurs (Vieux Contes*, p. 17, Paris, 1830); tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 306, trad. de Bruyere. Nos Contos dos irmãos Grimm, vem com o titulo *Os musicos da cidade de Brême (Contes choisis*, trad. Baudry, p. 313).

Pag. 224. **Ditados novellescos**. — Nas tradições populares são frequentes estes estribilhos iniciaes e finaes. Colhemos alguns da collecção de Leite de Vasconcellos, no *Folk Lore*

andaluz, p. 214. Rodriguez Marin, nos *Contos populares españoles*, t. V, p. 46, traz as seguintes fórmulas iniciaes: *Era vez y vez*, *Erase que se era*, que nos parece analoga á fórma insulana: *Era, não era, no tempo da éra*. Marin cita um trecho de Quevedo (Musa VI, rom. 29):

Doncellas no sé que son,
Porque me contó una vieja,
Que ya son sólo en los cuentos
Fruta de *Erase que se era*.

E Cervantes tambem escreve: «Suelen los muchachos antes de comenzar un cuento ó consexa, decir:

Erase lo que era:
el mal que se vaia
y el bien que se venga;
el mal para los moros
y el bien para nos otros.

(*Quijote*, I, 20.)

Em Cuba repete-se um estribilho em fórma de conto, com que se arrelia ás crianças; tral-o Marin:

Este era um gallo pelado,
que tiene los pies de trapo
y la cabeza al revés;
Quieres que te lo cuente otra vez?

(El nino responde que — si.)

Yo no digo que digas si,
Si no que si quieres que te cuente
el cuento del Gallo-pelado.

(Cantos populares españoles, t. V, p. 16.)

A circumstancia de alçar o rabo e chupar o pez, acha-se em um estribilho da Extremadura hespanhola:

Era uma vez y vez
Una cabrita
Que tenia um chivito
Con los ojos de ver
Y el culito de lamer.
Quieres que te le conte otra vez?

(Folk Lore Betico Extremeño, p. 210.)

Costa Cascaes, no *Panorama* (t. XII, p. 115 e 118), traz intercaladas em uns versos seus, algumas fórmulas finaes. Vid. nota 118. No final de um conto de Huelva vem «*unos zapatitos de manteca*».

126. **O rey Leir**. — A tradição do rei Lear acha-se na Chronica bretã de Geoffroy de Montmouth, e no *Roman de Brut*, de Robert Wace. Gubernatis acha nas lendas indianas de Dirghatamas e Yayati, do *Mahabaratha*, «um primeiro

esboço do rei Lear.» *(Myth. zoolog.*, t. I, p. 93.) A lenda está hoje universalisada na tragedia de Shakespeare. Sob o n.º 50 vem uma versão oral.

127. **A dama pé de cabra**. — Na *Chaine traditionelle*, p. 156, Hyacinthe Husson traz uma tradição analoga das ilhas Celebes. O episodio da ida de Enheguez Guerra libertar o pae acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. XIV, p. 37 (ed. Janet). O cavallo-fada acha-se nas *Nuits facetieuses*, de Straparola, III, fab. 2. Parece-nos que este mesmo fundo tradicional subsiste no romance popular da *Infantina*.

128. **A morte sem merecimento**. — Contaram-nos que este thema era objecto de um romance metrificado, que nunca encontramos na tradição popular. Sobre o mesmo assumpto existe uma tragedia de Lope de Vega.

129. **A linhagem dos marinhos**. — Pertence ao cyclo das lendas heraldicas; o typo da mulher muda ainda persiste nas tradições populares. Vide a *Muda Mudella*, n.º 18.

130. **Exemplo do philosopho**. — No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum, cap. 137), tem o sentido allegorico. Vem como apologo na *Historia de Barlaam e Josaphat*, a qual tambem foi traduzida em portuguez no

seculo XIV e se acha na Torre do Tombo. A extensão de este apologo na Edade media foi vastissima; Jubinal publicou uma redacção do seculo XIII no *Nouveau Recueil de Fabliaux*, t. II, p. 113; e em inglez ha uma redacção do seculo XII de Odo de Ceriton; acha-se na *Legenda Aurea*, de Voragine, e no *Speculum Historiale*, de Vicent de Beauvais, e na *Vies des Péres*. Mone, publicando um texto latino, «aproxima este apologo vindo da Asia com a tradição scandinava da arvore sagrada, o carvalho Yggdrasil, cuja cima toca no céo e cuja raiz é continuamente roida por Nidhogger, a serpente infernal.» (*Violier*, p. 389, nota.) Esta mesma tradição acha-se nos preliminares da traducção pehlvi de *Calita et Dimna*, do começo do seculo VI, nas traducções arabe, hebraica e grega, e no *Directorium humanae vitae*.

131. **Exemplo dos tres amigos**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, cap. XXXVII, fl. 104, porém mais desenvolvido. Nas *Gesta Romanorum* (traducção franceza, *Violier*, p. 297) traz o titulo *De la vraye probation d'amytié*. Citam-se nas notas muitas fontes tradicionaes, entre outras o *Dialogus creaturarum*, cap. 56; a *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso, cap. 2.º; e *Summa Predicantium*, de Bromyard, vb. *Amicitia*; ha uma traducção arabe de Cardone, *Melanges de litterature orientale*, t. I, p. 78; Apologos de Stainhoewel, fl. 88; Hans Sachs fez sobre este assumpto a comedia *Der halb Freund*; Granuci a

novella *L'Eremita*; acha-se tambem na parabola dos trez amigos, da *Historia de Barlaam e Josaphat*.

132. **Exemplo allegorico da redempção**. — Parece-nos a fórma rudimentar d'onde se desenvolveu a novella de cavalleria celeste. É provavel que se encontre nas collecções medievaes.

133. **A justiça de Trajano**. — Esta lenda da Edade-Media, acha-se em João Diacono, em S. Thomaz, e Dante tratou-a no seu *Purgatorio*, canto x; apparece no *De Mirabilibus urbis Romae*, e foi metrificada no *Dolopathos*, canto quinto. (Vid. ed. Janet, p. 265.) Na collecção do *Novellino*, vem sob o n.º LXIX. A lenda continuou a ser conhecida em Portugal como thema de arte. Em uns panos de raz do palacio de D. João II estava pintada a lenda da justiça de Trajano, como o referem os chronistas. Tambem em uma festa palaciana, D. João II appareceu na sala «invencionado em *Cavalleiro do Cirne*.» Sobre esta outra lenda, conhecida em Portugal, póde vêr-se Jacob Grimm, nas *Veillées allemandes*, t. II, p. 342 a 370. (Ed. Paris, 1838) e a larga introducção de Reifenberg na *Chronica rimada* de Philippe de Mouskes.

134. **A morte dos avarentos**. — Nas facecias populares, o avarento apparece em uma grande variedade de episodios; é

natural que os pregadores catholicos se apropriassem de um fundo tradicional conhecido. (Vid. n.º 99.)

135. **As miserias da riqueza**. — O thema do rei que anda de noite pela cidade, tem uma base popular. (Vid. n.º 38 e 39.)

136. **O que Deus faz é por melhor**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*. Vid. o conto de Trancoso, sobre o mesmo thema, mas em diversa situação. (N.º 164.)

138. **Os quatro ribaldos**. — Este conto acha-se traduzido no *Orto do Esposo*, ms. da Bibliotheca de Alcobaça, do seculo XIV. A redacção mais antiga é a que vem no *Pantchatantra*, liv. III, n.º 4: *O Brahmane e os Ladrões*. (Trad. de Lancereau, p. 225, e nota resumida de Benfey, a p. 374.) Acha-se egualmente no *Hitopadeça*,[3] d'onde veiu para a collecção arabe do *Calila e Dimna*, que foi vulgar na peninsula hispanica. D'este conto diz Max Müller, que foi conhecido em Constantinopla por uma traducção grega pelo tempo das Cruzadas, sendo espalhada pela Europa pela obra latina intitulada *Directorium humanæ vitæ*. Quer pela corrente arabe quer pela latina entrou elle em Portugal, como se vê pelo caracter moral do exemplo com que é referido no livro ascetico supracitado. O conto acha-se levado na corrente da transmissão litteraria e reapparece na

Filosofia Morale e nos *Piacevoli Notte*, de Straparola[4]; mas é certo que elle teve uma migração oral, porque na collecção dos contos norricos de Asbjörnsen e Moe, traduzidos para inglez por Dasent, *(Popular tales from the Norse)* figura com o titulo de *Mestre ladrão*.[5] Acha-se na collecção mais querida da Edade media as *Gesta Romanorum (Violier des Histoires romaines*, cap. 132); no *Decameron*, de Boccacio, jornada IX, novella 3.ª; nas *Facecias* de Pogio, nas *Cento Novelle antike*, nas *Novelle*, de Fortini, n.º 8, e nas Novellas de Compriano.

139. — **A boa andança d'este mundo**. — Foi este o primeiro conto que deparámos ao folhear o *Orto do Esposo*, antes de termos prompta para a imprensa a nossa collecção. Encontrámos uma versão oral com algumas modificações: «O amante para obter o sim da viuva, que exige que elle traga muito dinheiro, em vez de matar o mercador faz um pacto com o diabo, que lhe apparece no caminho sob esta fórma conduzindo muitas riquezas. O pacto consiste em que lhe ha-de dar a primeira pessoa que entrar em casa quando vierem do casamento. Assim se combinou. Ao sahirem da egreja já casados todos montaram a cavallo, e o noivo montou tambem um muito lindo que um criado lhe trouxe. O cavallo rompeu logo á desfilada adiante de todos, chegou a casa, entrou pela porta dentro, e n'isto ouviu-se uma voz, que disse: — Ah damnado, que te filei! A casa foi pelos ares com tudo que tinha dentro, e quando o acompanhamento do noivado chegou ao sitio só achou um

lago, que ainda cheirava a enxofre.» Ha uma preciosa versão oral nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXXIV.

140. **Os dois caminhos**. — O thema tradicional do caminho que vae dar ao céo e do que vae dar ao inferno conserva-se entre o povo. (Vid. n.º 55.)

141. **A Papisa Joanna**. — Acha-se uma referencia a esta lenda, no livro de Mariannus Scotus, *Chron. ad annum 854*, dizendo que «Leão IV teve por successor uma mulher chamada Joanna, que occupou a cadeira de Pedro durante dois annos, cinco mezes e quatro dias.» Em outro chronista do fim do seculo VIII, Sigberto (da collecção de Leibnitz), se lê: «Conta-se que este João fôra uma mulher, conhecida sómente por um dos seus familiares…» Nos Annaes de Othon, bispo de Fressingue, que chegam até 1146, diz-se que este papa João *era uma mulher*. O mesmo testemunho se acha nas chronicas de Gifrid Arthur, Godefroy de Viterbo (da collecção Freher), collocando a papisa Joanna entre Leão e Bento. No seculo XIII, Martim Polonus, dominicano e penitenciario dos papas João XXI e Nicolau III, diz na sua *Chron. ad annum 854* (da collecção de Leibnitz): «que Joanna era filha de paes inglezes e nascida em Mayence, e que depois de ter sido papa dois annos, cinco mezes e quatro dias, morrera de parto, em uma procissão, e foi enterrada sem honra no mesmo logar em que expirára. Os soberanos pontifices nunca mais passaram por esta rua, e

iam para a basilica de Latrão por outro caminho.» Um bispo da Galliza, Bernardo Guy, do seculo XIV, nas suas *Flores temporum*, tambem allude ao facto da papisa Joanna, seguindo-se a este outros, como João de Paris, Sifrid de Misnia, Sozomeno, Barlaam, monge da Calabria, e Amalarico d'Auger, na sua *Nomenclatura chronologica dos Bispos de Roma*. Petrarcha, na *Vida dos Imperadores e dos Papas*, e Boccacio, na obra *De claris mulieribus*, citam como facto historico a realidade da papisa Joanna, que mais tarde Allatio attribuiu impudentemente a fabricação dos protestantes. Basta-nos citar estas auctoridades para se conhecer por que via este facto penetrou no conhecimento dos theologos portuguezes do seculo XIV, e com que intuito o citou Frei Hermenegildo de Tancos no *Orto do Esposo*. Merece consultar-se a monographia de Emm. Rhoïdes, *La Papesse Jeanne*, p. 64 a 71.

142. **O firmal de prata**. — O thema da joia engulida por um peixe, persiste na tradição popular (vid. n.º 10); ou engulida por uma aguia (vid. n.º 21). Nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sabio, sec. XI, n.° CCCLXIX, tambem se acha esta lenda.

144. **O cavalleiro e o pacto com o diabo**. — Esta tradição é ainda popular na Italia, e acha-se colligida na Sicilia por Pittré; a Edade media elaborou-a profundamente em cantos, contos e autos. Acha-se na narrativa do rei de Castella,

Dom Sancho o Bravo, intercalada no *El Libro de los Exemplos*; e foi o assumpto de um drama do velho theatro francez *Du chevallier qui donna sa femme au dyable*. Du Puymaigre cita uma ballada allemã sobre este mesmo thema. *(La Poesie populaire en Italie*, p. 42.) Nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, n.º CCXVI, vem esta lenda curiosa.

145. **O Diabo escudeiro**. — Acha-se tambem nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, cap. VII, n.º LXVII.

149. **Rosimunda**. — Nas *Lendas allemãs*, de Jacob Grimm *(Les Veillées allemandes*, trad. de L'Heretier de l'Ain), t. II, p. 45, vem esta tradição colligida de Paulo Diacono, e de Gotfrid. Na poesia popular italiana ainda subsiste esta tradição germanica na fórma de romance, com o titulo a *Dona Lombarda*, segundo a interpretação de Nigra. Sabatini, fallando d'este canto, define a sua propagação na Italia do norte: «percorrendo dal norte al sud, la ritroviamo in Piemonte, nel Monferrato, nel Veneto e a Ferrara; nella Toscana poi più non vive ma v'é ancora chi ricorda averla udita. Si ritrova nelle Marche in Orvieto, a Viterbo, in Roma finalmente non s'ode cantar che da pochi, e cosi proseguendo non si rinviene più nelle terre meridionali e in Sicilia non se ne ha traccia veruna.» *(Rivista di Letteratura popolare*, p. 14.) A obliteração da lenda á medida que se

avança para o sul indica a sua origem germanica, e portanto a fórma litteraria portugueza proveiu de uma fonte erudita.

150. **A bilha de azeite**. — Este conto é um dos mais persistentes na tradição universal. Max Müller tomou-o por thema comparativo para o seu estudo *Sobre a migração das Fabulas*, conferencia feita na Royal Institution, em 3 de Junho de 1870, começando pela fabula de Lafontaine *La laitière et le pot au lait* (Fab. X, do livro VII), e buscando-lhe os paradigmas no *Pantchatantra*, liv. V, fabula IX: *O Brahmane e o pote de farinha*. Aproveitando dos resultados criticos de Benfey, indicaremos a área de propagação d'esta fabula: *Hitopadessa*, liv. IV, p. 182; *Kalila e Dimna*, cap. X, p. 269; *Anwâr-i Souhaili*, cap. VI, p. 409; *Contes et fables indiennes*, cap. VI, t. III, p. 50; *Del governo de' regni*, exemplo V, fl. 50, *v.*; *Directorium humanæ vitæ*, cap. VII; *Exemplario contra los engaños*, cap. VII; *Filosofie morali*, trat. IV, fol. 83; *Atter Esopus*, de Baldo, XVI, ed. Du Méril: *De viro et vase olei*. Du Méril cita tambem o *Dialogus creaturarum*, a *Sylva sermonum*, e Rabelais, *Gargantua* , liv. I, cap. 33, como vehiculos d'esta fabula. Acha-se tambem no *Eyar-i Danisch*, nas *Mil e uma noites*, CLXXVI; no *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel, n.º XXIX, fl. 97; nos *Joci ac Sales*, de Ottomarus Luscinus; nas *Facecie*, de Domenichi, liv. V; nos *Contes et joyeux devis*, n.º XII, de Bonaventure Des Periers; nos *Sermones conviviales*, de Gast; nos *Apologi Phædrii*, de Regnerius, P. I, fab. XXV; no *Democritus ridens*, p. 150; nas *Favole e*

Novelle, de Pignotti, fab. VIII; vid. Lancereau, *Pantchatantra*, nota a pag. 388. Gubernatis, na *Mythologie zoologique*, t. I, p. 136, cita uma versão do *Tuti-Namé*, II, 26, que interpreta no sentido mythico, em que o céo e a lua são representados como um pote ou taça. No XXI conto mongolico de *Siddhi-Kür*, ha uma variante d'este apologo (resumido por Gubernatis, op. cit., p. 146) em que o achado é uma pelle de carneiro, de que o pae de familia pretende fazer panno, e com elle comprar um burro, e com o burro irem pedir esmola com os filhos. Esta versão explica-nos a variante apresentada por Trancoso (vid. n.º 155), a qual encontrámos referida em uma locução popular do Porto, *Minha mãe, calçotes!* Sobre esta fabula vid. Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 55. Ha uma redacção d'este conto sob o titulo *A quarta de leite*, na *Hora de Recreyo*, do Padre J. Baptista de Castro, p. 29.

O nome de *Mofina Mendes*, heroina do conto da *Bilha de azeite*, é de proveniencia popular; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia* refere-se a esta tradição metrificada por Gil Vicente: «fermosura com vangloria dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (Fl. 52.) Na linguagem popular o nome de *mofina* emprega-se como sorte ou destino: *a minha mofina*. Jorge Ferreira allude a um outro conto popular, de um diabo cuja actividade era tal, que já não havia que lhe dar a fazer, a não ser uma *corda de area*: «Quer sempre ser a hydra e fazer cordas de areia.»

(*Eufrosina*, p. 300.) Na tradição popular ainda se repete esta oração:

Se o diabo viesse
Para me attentar,
As *areias do mar*
Lhe mandaria contar.

Walter Scott traz uma lenda escoceza semelhante.

152. **D'quellas sete ao dia**. — Este conto apparece ainda na tradição popular do Minho; nos *Contos populares portuguezes*, n.º LIII, traz o titulo *Os Simplorios*.

154. **O odio endurecido**. — Este conto n.º IX da Parte I dos *Contos proveitosos*, de Trancoso, acha-se nas *Fabulas* de Aviano, n.º 42; no poema francez *Les Enseignements Trebor*; no fabliau *Du Convoiteux et de l'Envieux*, par Jean de Boves *(Recueil de Fabliaux*, p. 107, Bibl. choisie); na *Élite des bons mots*, t. II, p. 292; nos *Detti et Fatti piacevoli* del Guiardini, p. 99; nas *Mém. de l'Academie des Inscriptions et Belles Lettres*, t. XX; o Conde de Caylus publicou um extracto do fabliau do *Convoiteux*; Saraiva de Sousa e o Padre João Baptista de Castro deram-lhe nova redacção litteraria.

155. **Minha mãe, calçotes**. — Ainda ouvimos no Porto o anexim que serve de titulo a este conto. Quanto ao seu thema tradicional, vid. nota 151.

156. **O real bem ganhado**. — O thema tradicional da pedra preciosa conserva-se no povo. Vid. n.º 78.

157. **O segredo revelado**. — Acha-se este conto nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Novelle*, de Franco Sachetti, PAGESEPARATOR n.º XVI; nas *Gesta Romanorum*, cap. 124 *(Violier*, cap. 148); nas *Cent Nouvelles nouvelles*, n.º LII; nas *Nuits facetieuses*, de Straparola, I, da 1.ª Noite (t. I, p. 15). Tambem se repete no *Livre du Chevalier de la Tour*, cap. 128. O episodio do falcão morto (um carneiro, para simular um homem) vem nas *Horas de recreio*, de Guichardin, p. 161; nas *Novelle*, de Granuci, n.º V; no fabliau do *Prud'homme qui donna des instructions à son fils (Rec. de Fabliaux*, p. 131), na collecção de Barbazan, e Ms. de Clayette. Vid. *Melanges de litterature orientale*, t . I, p. 78. Ha imitações d' este conto em Hans Sachs, em uma comedia; o Dr. Schmidt, na sua edição de Straparola determina bastantes paradigmas d'este conto, que ainda apparece nos *Mille et un quart d'heure*, de Gueullette. No *Dolopathos*, d'Hebers (ed. 1856, p. 225), acha-se esta narrativa; nos *Haus-Mœrchen*, de Grimm, t. III, p. 176, ed. 1819, apontam-se outros paradigmas.

158. **A prova das laranjas**. — Ha uma situação analoga no *Conde de Lucanor*, n.º XIX; é um herdeiro do throno o escolhido.

159. **Os dois irmãos**. — Ha um largo estudo comparativo sobre este conto na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, onde se compara a versão de Timoneda, no *Patrañuelo*, e as russas, thibetanas, indianas e allemãs, colligidas por Benfey, as de Sercambi e de Busoto, comparadas por Reinhold Köhler. Vide uma fórma popular alemtejana, n.º 109.

160. **Dom Simão**. — Vid. a versão popular com a nota respectiva ao n.º 71.

161. **Os trez conselhos**. — Conserva-se ainda no povo este thema tradicional, a que Trancoso deu fórma litteraria. Vide n.º 100 e nota correspondente. O thema da morte do mensageiro repete-se na tradição do Pagem da Rainha Santa Izabel. (Vid. nota 173.)

162. **Quanto vale a boa sogra**. — Nos romances metrificados, como de *Dom Bozo* e *D. Pedro*, a sogra é sempre crúa. A mulher que engana o marido mettendo-se

com elle na cama é um thema popular de muitos contos; este, porém, já recebeu fórma litteraria na composição de Shakespeare, *Tudo é bom quando acaba bem*.

163. **O que Deus faz é pelo melhor**. — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XVII (ed. 1642, fl. 81). Indubitavelmente esta redacção do seculo XIV tem uma fonte arabe. Sob o n.º 136 deixámos outra redacção portugueza do ms. do seculo XIV, *Orto do Sposo*.

164. **A rainha virtuosa e as duas irmãs**. — (Vid. a versão popular, n.º 39 e 40 e nota respectiva.)

165. **Quem tudo quer, tudo perde**. — Acha-se na collecção italiana *Il Novellino*, conto X; passou a adaptar-se aos Jesuitas, e attribue-se a differentes personagens historicos. A fórma italiana vem em Nanuci, *Manual della Letteratura*, t. II, p. 65.

166. **O falso principe e o verdadeiro**. — Sobre o thema tradicional de um principe que se dá a conhecer pela sua valentia, vide o n.º 44. Em um conto da Edade media, que vem no *Novellino*, e no *Baculo Pastoral*, o principe é ensinado por um mestre, que tem mais doze discipulos em quem bate quando o principe erra a lição.

167. **Constancia de Griselia**. — É notavel a relação que existe entre o texto de Trancoso e a redacção castelhana de Timoneda no seu *Patrañuelo*, n.º II (ed. Ribadaneyra, p. 131). Ou Timoneda traduziu a sua versão da portugueza de Trancoso, ou ambos os auctores se serviram de uma lição commum. Esta ultima supposição parece inferir-se do folheto italiano sem data *La Novella di Gualtieri*, anterior aos dois. O conto de *Griselides* acha-se no *Decameron*, de Boccacio, X jornada. Du Méril, investigando as fontes tradicionaes do *Decameron*, cita os livros em que se acha este conto: Philippo Foresti, *De plurimis claris scelestisque Mulieribus*, p. 145; Bouchet, *Annales d'Aquitaine*, liv. III, citam-na com realidade historica. A tradição recebeu a fórma poetica no *Lais del Freisne*, de Marie de France. *(Oeuvres*, t. I, p. 138.) Chaucer tratou este assumpto no *The Clerkes Tale*, e um anonymo no *Gualterus and Grisalda*; acha-se em uma ballada popular *The Nut-Brown*; representa-se nos theatros populares da Inglaterra; ha um mysterio francez de 1395, e Hans Sachs compoz uma comedia *Die gedultig und gehorsam Marggräfin Griselda*. (Vid. Du Méril, *Histoire de la Poesie Scandinave*, p. 359 e 360.) O conto de Griselida acha-se na tradição popular da Russia, na collecção de Afanasieff, liv. 5, n.º 29, do qual Gubern. dá um resumo.

169. **O achado da bolsa**. — Acha-se tambem no *Patrañuelo*, n.º VI, de Timoneda (Ed. Ribadaneyra); no

fabliau Du Marchand qui perdit sa bourse (Recueil de Fabliaux, p. 101, da Bibliotheque choisie); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, X, e no *Novellino italiano*. O conto de Trancoso, n.º XV, anda como episodio no conto do *Justo juizo* largamente estudado por Benfey e Köhler, sobre as versões russas, thibetanas, indianas e allemães. Nos *Contos nacionaes*, n.º III, Porto, 1883, vem uma versão popular portugueza, que nos leva a crêr que Trancoso poucas vezes recorreu a fontes litterarias.

170. **O capão tornado sapo**. — Cita-se uma variante de Cesario, lib. 60, cap. 22, em que em vez de um sapo era uma serpente.

172. **O thesouro escondido**. — Compare-se com a tradição popular, conto n.º 88.

173. **Erramos**. (E Ramos?) — Encontrámol-o tambem na tradição insulana, e no Porto.

174. **O pagem da Rainha**. — Acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º XVII. (Ed. Ribadaneyra, p. 158.) Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 134, not., cita um dos Contos dos *Sete Vizires*, e o fabliau *D'un roi qui voulut faire brûler les fils de son sénéchal*. (Legrand d'Aussy, *Fab.*, t. v, p. 56.) Esta mesma tradição acha-se na

redacção ingleza das *Gesta Romanorum*, cap. XCVIII; nas *Cento Novelle antiche (Libro di Novelle*, LXVIII); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, 2.ª cent., 8.ª dez., 6.ª novella; a lenda de Santa Isabel, em Portugal, no *Baculo Pastoral*, de Saraiva de Sousa, já se achava em verso por Affonso o Sabio, avô do rei D. Diniz, contada como um milagre da Virgem. A sua proveniencia oriental acha-se no Katha sarit sagara, collecção de Somadeva Bhatta, do seculo XII. (Trad. Brockaus, vol. II, p. 62.) Œsterley, na sua edição das *Gesta Romanorum*, cita na nota ao numero 283 os paradigmas d'esta lenda, tambem popular na Alsacia com o titulo de *Fridolin*, sobre que Schiller fez a Ballada *Gang nach dem Eisenkammer*. Vid. tambem o estudo d'Ancona, na *Romania*, t. III, p. 187. Repete-se ainda na tradição popular de Coimbra.

175. **A ingratidão dos filhos**. **O caixão de pedras**. — Acha-se nos fabliaux da Edade media: *Le bourgeois d'Abbeville* por Bernier *(Recueil de Fabliaux*, p. 166); o Conto do *Sapo*, no *Doctrinal de Sapience*, fl. 21, *v*. A herança de pedras acha-se no testamento de Fauchet, em que os logrados são os frades; ha outras versões nas *Histoires plaisantes et ingenieuses*, p. 146; e em Piron, *Fils ingrats*, comedia. Esta historia affecta outras fórmas, como é o episodio da intervenção do neto que se prepara para exercer a mesma crueldade com o pae. Nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º 1, ha uma referencia a uma versão popular ainda corrente em Portugal. Nas *Horas de*

Recreyo, do Padre João Baptista de Castro, (p. 81) vem este thema da *Velha que dá o que tem á filha*.

179. **A venda das gallinhas**. — Esta anedocta acha-se extremamente vulgarisada: nas *Facetieuses journées*, p. 107; nas *Repues franches*, de Villon; nas *Facetie di Poncino*, na Arcadia di Brenta, p. 152; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 262; nos *Contes du sieur d'Ouville*, t. II, p. 471; no *Courrier facétieux*, p. 355; na *Histoire générale des Larrons*, p. 20; na *Bibliothèque de Cour*, t. III, p. 23. As variantes dão-se entre o objecto da compra e a pessoa que paga. No Conto *Des trois Aveugles* vem esta peripecia como episodio. (*Recueil de Fabliaux*, p. 85.) Nas *Novelle* de Morlini, n.º XIII; nas *Facetieuses Nuits*, XIII, fab. II, e em Bebelius, liv. 11, conto 126, acha-se este mesmo conto do jesuita portuguez, e ainda conente nas facecias populares.

184. **A matrona de Epheso**. — Sobre esta tradição e sua fórma popular, vid. n.º 69 e nota correspondente.

189. — Uma grande parte d'estas lendas e patranhas foram colligidas pelo sr. Leite de Vasconcellos, achando-se dispersas nos seus estudos criticos sobre as tradições portuguezas.

191. **A lenda das manchas da Lua**. — Stanisláo Prato estudou largamente esta lenda no opusculo *L'Uomo nella Luna*, como complemento ao ensaio critico sobre *Caino e le Spine secondo Dante e la tradizione popolare*; n'ella cita versões de diversos paizes: *Contes populaires de la Haute Bretagne*, de Paul Sebilot, 2.ª serie, n.º 64; na *Melusine*, de Gaidoz e Rolland, p. 403-6, n.º 5; nos *Norddeutsche Sagen*, de Kuhn e Schwartz, n.º 55; nas *Seize Superstitions populaires de la Gascogne*, de Bladé, n.º 4, p. 10. Na tradição popular açoriana é um pescador que anda de noite ás lapas, que é arrebatado para a lua. A lenda deriva-se da crença gauleza e scythica da transmigração das almas para a lua. (Vid. Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 184.) A ideia de castigo affrontoso é uma reacção contra o antigo respeito da crença religiosa.

192. **Outra**. — Consiglieri Pedroso, nos seus Estudos sobre *Tradições populares portuguezas*, colligiu esta lenda como superstição sob o n.º 578: «O sol passou pela lua e atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ella ficou escura e com manchas.»

197 e 198. — Na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, vem paradigmas hespanhoes, e é conhecida na França meridional, na Suissa, Inglaterra, Escossia, Italia e Sicilia;

vid. p. 103 a 108. Saco Arce traz na sua *Grammatica gallega* este ditado:

Febreiriño corto
Cós teus dias vinteoito,
Si durarás mais quatro
Non paraba can nin gato.

208. — Na tradição popular hespanhola de Guadalcanal e Sevilha tambem se encontra esta lenda em que figura Sam Pedro, que mette o dinheiro em certo logar do *Perro de las especias*. (Ap. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, t. IV, p. 382.)

209. **Lenda do sapo e da toupeira**. — Vem como fórma de superstição nas *Tradições populares portuguezas*, de. Cons. Pedroso, n.º 577.

215. **A obra de Sam Pedro**. — Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. I, p. 325, explica o sentido mythico das lendas da troca de cabeças.

216 a 227. — Na Italia e Hespanha são frequentes estas lendas, ultimo vestigio da elaboração dos Evangelhos populares a que a Egreja chama apocryphos. Pittré colligiu-as sob o titulo de *Cyclo legendario evangelico*. Na

Andaluzia este genero de contos tem um nome popular; chama-se-lhes *Susedios* e *Suseíos*, considerando-os não como contos mas *Succedidos* (acontecidos). Rodriguez Marin colligiu *Cinco contezuelos populares andaluzes*, em que Sam Pedro é o heroe, uma especie de Sancho.

221. — Vem como superstição, sob o n.º 603, colligida por Consiglieri Pedroso.

225. — O mesmo sob n.º 605, ampliando a lenda com as seguintes: «Os pinhões tambem foram amaldiçoados por denunciarem a passagem da Senhora com barulho. Os fetos egualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima). Sob o n.º 614 traz a lenda da origem do Gato — nascido da baba do leão.

232. — Esta lenda repete-se na Galliza, substituindo á Virgem Sam Thiago, e localisa-se em outras lagoas, como a de Doniños e Riega; o historiador Morguia considera esta crença da submersão de Valverde como a tradição inconsciente e remota passagem das cidades lacustres para as aldeias territoriaes. A lenda da condemnação é commum a outras cidades de origem lacustre, como a Ars affundada no lago de Paradru. Diz o Dr. Anselmo de Andrade, de quem tomamos estes factos: «Na tradição portugueza

encontra-se tambem mencionado este genero de peccado e de expiação. Uma cidade transmontana, que negou a hospitalidade a um santo, teria soffrido o castigo de ser sepultada nas aguas exactamente como as impias cidades hespanholas.» *Sciencia pre-historica* (As Habitações lacustres, p. 17, nota).

239. — Sobre a lenda do *Tributo das Donzellas* elaboraram-se muitas outras tradições de etymologia popular, taes como a de *Peitobordelo*, *Figueiredo das Donas*, etc.

240. — Viterbo extracta um codicilo de 1183 onde vem *Benequerencia*, como alatinisação do nome local, e que explica a lenda.

245. — Esta lenda tambem existe em Verona, contando-se a situação como passada entre Bartolomeo Scaligero e seu irmão, que se assassinaram em uma entrevista amorosa. (Philaréte Chasles, *Etudes sur Shakespeare*, p. 159.) Diz o Abbade Castro: «Muitas tradições vogam ácerca d'esta campa, que nós temos por falsas ou viciadas… referindo uns que é a sepultura dos dois irmãos, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas ou de velhas com que embalam as crianças, do que realidades, que tenham por base algum solido fundamento.» (*Panorama*, t. I, da 2.ª serie, p. 359.)

246. **A raposa e o lobo**. — Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, p. 362 (vid. nota 1, p. 364 e 365). A fabula dos Highlanders versa sobre uma panella de manteiga; é popular na Noruega, como se vê pela collecção de Absjörnsen, *A Raposa e o Urso*.

248. **A raposa e o gallo**. — Nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 369, vem tambem esta fabula. Acha-se em Lafontaine, *Le Coq et le Renard*.

FIM DAS NOTAS.

1. ↑ Em uma versão ouvida em Airão (Minho) ha um episodio com esta cantiga:

    Quem leva, quem leva
    Meninos e flôres
    Para quem 'sta doente
    Por via de amores?

2. ↑ Na traducção franceza de Fr. Baudry, vem *Os seis companheiros* (p. 172) e o *Gigantinho* (p. 274) com analogias.
3. ↑ Trad. Lancereau, p. 192.
4. ↑ Notte I, Fabula 3.ª: ha differença, porque o padre traz da feira um macho, que os ladrões teimam em chamar burro.
5. ↑ Max Müller, *Essais sur la Mythologie comparée*, pag. 276 a 278.

Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do Wikisource,[1] biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em copyleft de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da Creative Commons BY-SA 3.0 [2] ou da GNU FDL,[3] à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no nosso fórum.[4]

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- 555
- Giro720
- Ah3kal

- Liuscomaes
- DARIO SEVERI
- Defender
- OTAVIO1981
- IncognitoErgoSum~commonswiki

---

1. ↑ http://pt.wikisource.org
2. ↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR
3. ↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html
4. ↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada